


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

MARCELA PASTANA

ENTRE COPOS E CORPOS
ANÁLISE SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE
BEBIDAS ALCOÓLICAS, SEXUALIDADE E PRAZER



ARARAQUARA – SP
2018

MARCELA PASTANA

**ENTRE COPOS E CORPOS
ANÁLISE SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE
BEBIDAS ALCOÓLICAS, SEXUALIDADE E PRAZER**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Sexualidade, Cultura e Educação Sexual.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia.

Pesquisa vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura – GEPESEC.

Bolsa: CAPES

ARARAQUARA – SP
2018

Pastana, Marcela.

Entre copos e corpos: análise sobre as relações
entre bebidas alcoólicas, sexualidade e prazer /
Marcela Pastana – 2018

469 f.

Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade
Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho",
Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)
Orientador: Ana Cláudia Bortolozzi Maia

1 . Bebidas alcoólicas. 2. Sexualidade. 3. Prazer.
4. Educação sexual. 5. Materiais educativos. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MARCELA PASTANA

**ENTRE COPOS E CORPOS
ANÁLISE SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE BEBIDAS
ALCOÓLICAS, SEXUALIDADE E PRAZER**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Sexualidade, Cultura e Educação Sexual

Orientadora: Profa. Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia

Bolsa: CAPES

Data da defesa: 24/08/2018

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: **Profa. Dra. Ana Cláudia Bortolozzi Maia.**
Universidade Estadual Paulista.

Membro Titular: **Profa. Dra. Filomena Teixeira.**
Universidade de Coimbra.

Membro Titular: **Prof. Dr. Edson Olivari de Castro.**
Universidade Estadual Paulista.

Membro Titular: **Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro.**
Universidade Estadual Paulista.

Membro Titular: **Prof. Dra. Sandra Elena Sposito.**
Fundação Educacional de Penápolis. /

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Às pessoas que buscam transformações nas relações, especialmente com o diálogo contínuo sobre sexualidade e gênero, em tempos que os preconceitos e as violências são tão fortes e desoladores. Pessoas que por tanto se envolverem e se dedicarem às transformações que acreditam, renovam e intensificam, a cada dia, a potência dos encontr

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Agradeço pelo financiamento recebido, fundamental para a realização da pesquisa.

Foi escrevendo a tese que, com o tempo, reconheci como os encontros eram um tema sempre presente, que atravessa os demais temas discutidos. Aproveito este espaço para agradecer aos encontros, a arte dos encontros que, entre tantos desencontros, é o que torna a vida viva.

Um encontro tão feliz foi o encontro com a Professora Ana Cláudia Bortolozzi Maia, a Cau, que tornou prazer muito mais do que um assunto que estudo, tornou prazer algo tão presente em estudar, pesquisar, dar aulas, construir projetos e construir uma alegre amizade tão repleta de carinho. Cau, você é minha referência, em tantos e tantos sentidos. Compartilhar tanto da vida com você, como orientadora, como amiga, é acreditar mais e mais na potência da confiança a cada dia. Além dos muitos motivos acadêmicos, profissionais e afetivos para agradecer, há um bem específico, tão ligado aos nossos encontros: nada como concluir uma tese que investiga sobre bebidas alcoólicas sabendo que logo escreveremos na rolha do próximo vinho a palavra “tese” para comemorarmos e guardarmos como recordação. Quantas comemorações especiais, Cau, quantas recordações especiais. Muito obrigada!

Agradeço à professora Filomena, pelo olhar tão atento e cuidadoso para a versão da qualificação, pelas sugestões sobre os conteúdos e sobre a organização, pelo carinho com que aceitou o convite de fazer parte do processo de construção desta tese. Agradeço imenso.

Agradeço ao professor Edson, que além do prazer de poder contar com as sugestões na banca de qualificação e de defesa, tive também o prazer de aprender com suas aulas e supervisões em Psicanálise. Muito obrigada, Edson, é que é muito inspirador para mim você ter aceito o convite de ser parte desta trajetória, com as preciosas sugestões sobre como garimpar os temas estudados.

Agradeço ao professor Paulo, que além do prazer de poder contar com as sugestões na banca de defesa do doutorado, também esteve presente em minha banca de defesa do mestrado, com inspiradoras recomendações. Muito obrigada, Paulo, pelas importantes contribuições para meus estudos e também para nosso campo de estudos em Sexualidade e Educação Sexual.

Agradeço à professora Sandra, por ser alguém que contribuiu tanto para que eu imaginasse o momento da conclusão da tese com muita vontade, muita motivação. Você estar presente, Sandra, significa demais. Gostaria de agradecer aos nossos encontros, às estradas que percorremos juntas, a como é um privilégio poder construir um caminho acadêmico, profissional e uma amizade tão especial com alguém que admiro tanto, fico perplexa por como admiro. Quanta força, quanto engajamento, quanta consistência, quanta coerência entre o que acredita, o que defende e o que realiza. Quero ainda aprender muito com você! Muito obrigada!

Agradeço à Larisa Bulhões, à Raquel Spaziani, à Mariana Farias e ao Florêncio Júnior que foram tão importantes nesta trajetória que agora se conclui com a participação de pessoas tão especiais como suplentes.

Agradeço à minha mãe, Maria Aparecida de Jesus, por transmitir desde que eu era tão pequenininha que aprender era algo vital, apaixonante. Por incentivar minhas escolhas e demonstrar orgulho, mesmo quando não concordava com elas. Por ser alguém que venceu tanto, que construiu tanto, que supera tanto, que me ensina a cada dia sobre superação.

Agradeço ao meu pai, Marcelo de Araújo Pastana, por ter sempre incentivado e defendido a importância das escolhas, a importância dos esforços para agirmos e vivermos de acordo com o que escolhemos. Devo muito à ênfase em decidirmos de acordo com o que acreditamos e valorizamos minha escolha por estudar e por dar aulas.

Agradeço a toda a minha família, pelo apoio, pela torcida. Especialmente à minha tia, Juliana, pela marcante influência no meu amor pela escrita e à minha avó, Maria José, que sempre dizia, convicta, como há algo especial que está guardado.

Agradeço ao Alisson pelo que vivemos juntos, pelos tantos encontros que nos surpreenderam com como a vida pode ser boa. Agradeço também por como, no percurso de construção desta tese, nossa relação me levou a pensar, como um transformador desafio, no que é e no que pode se tornar real. Agradeço também aos seus pais, Marlene e Darci, por todo o apoio e toda a confiança.

Entre encontros tão vivos, gostaria de agradecer aos encontros com pessoas que estão presentes há alguns anos, que participaram da construção desta tese quando ela era apenas uma ideia, quando estava começando a ganhar contornos, a ganhar impulso, ou mesmo quando era algo muito desejado, mas longínquo.

Agradeço ao Théo, por como nossos encontros me fazem acreditar na força dos desejos, na força dos vínculos, na força dos afetos para além da distância e do tempo. Por como sua presença é sempre algo tão forte, tão acalentador, por como nossa amizade é tão nossa. Agradeço tanto!

Agradeço ao Tom, pelos encontros com tantos encantos, com tantos cantos, com tanta aposta de que é possível achar o tom, que o show pode continuar. Agradeço por ter tornado tantos espaços profissionais, acadêmicos e pessoais tão preenchidos por afeto, tão preenchidos por desejo. Agradeço pelo brilho, por uma amizade tão repleta do prazer de mudar, de mudar sempre, de mudar mais.

Agradeço ao Márcio, pelos encontros tão divertidos, tão inspiradores. Agradeço muito pela irônica competência socioemocional de tornar até os maiores mau humores e piores sofrimentos fontes de surpreendentes alegrias. Sem seus comentários tão ácidos e tão inteligentes eu não teria a oportunidade de ver a vida acadêmica, aliás, a vida como um todo, de tão provocadoras e estimulantes perspectivas. Muito obrigada por como nossa amizade me leva a acreditar tanto na unidade afetivo-cognitiva!

Agradeço à Lari, que admiro tanto pela doçura de sua coragem, pela suavidade de sua paixão intensa pelo que acredita, pela disposição que transpira. Muito obrigada pela beleza dos encontros, por vivermos uma amizade tão motivadora, tão repleta de sorrisos e incentivos!

Agradeço ao Álvaro, pelo brilho nos olhos, pela beleza da paixão no que acredita, por acreditar tanto em transformações e contagiar com tanta paixão e carinho transformadores. Muito obrigada por suas palavras, muito obrigada por compartilhar comigo o encanto pelas palavras e pelo que as palavras podem, entre deslizes e equívocos, alcançar, sensibilizar, mudar.

Agradeço à Bruna, por toda a sensibilidade, por toda a linda sensatez, por todo o crescimento, vê-la crescer, em tantos sentidos, é algo me move a crescer também. Por como não é à toa que o tema da identificação é tão vivo e estimulante para nós duas.

Agradeço à Bea, pela companhia sempre tão confortante e com tanto carisma, pelas acrobacias, tanto as acrobacias literais quanto as acrobacias para rirmos e lidarmos de formas mais leves com as encrencas da vida.

Agradeço à Ana Carla, a Pitty, pelas conversas tão motivadoras, por como desde as primeiras ideias aos relatos finais sobre o que as ideias se tornaram seu incentivo foi sempre tão sincero, com tanta confiança e entusiasmo.

Agradeço à Maria Flor, por como me inspira antes mesmo de nos conhecermos, quando soube sobre o que estudava e o interesse que suas ideias despertaram se transformaram em tantos projetos. Que encontro feliz, quanto compartilhamos, quanto pode florescer quando reconhecermos a potência de mulheres que lutam por transformações juntas.

Agradeço ao Alekssey, por estar presente em momentos tão decisivos, pelo convite que tanto transformou minha vida, por levantar pelo que acredita, por incentivar novos sentidos e formas para a escrita, por compartilhar o desespero ao imaginar futuros que se aproximam e a aposta na criatividade e na sensibilidade para que outros futuros possam ser buscados.

Agradeço à Letícia, por como nossos encontros e viagens compartilhando tanto abriram uma outra compreensão do que acredito, do que desejo.

Agradeço à Gi e ao Neto, por como muitos momentos que impulsionaram o desejo de construir a tese aconteceram entre mergulhos.

Agradeço à Mariana, por como a análise me levou a deparar com os tantos sentidos, tão vivos e convidativos, da palavra “entre”.

Agradeço às alunas e aos alunos do IMES, com quem vivi experiências inacreditáveis de tão transformadoras. Antes de conhecê-los(as), considerava que vínculos eram importantes, mas nunca poderia imaginar como a força dos vínculos pode ser tão maior e mais bonita do que a gente imagina. Muito obrigada por como com vocês a experiência de ensinar é a maior experiência de aprendizado que eu poderia conhecer. Muito do que escrevo nesta tese surgiu pela primeira vez em nossas aulas, não é possível separar o que aconteceu nos últimos anos do que construímos a cada dia juntas(os).

Agradeço muito às(aos) estagiários(as) dos cursos de Psicologia do IMES e da UNESP, por como é imenso o sorriso quando penso no quanto os projetos que realizamos possibilitam que o que acreditamos ganhe vida. Me encanta tanto vê-los(as) construindo espaços de diálogo sobre sexualidade de formas tão dedicadas e criativas. A cada vez que aqui na tese escrevi sobre as possibilidades e a importância da educação sexual, eram vocês e as vozes de seus relatos que estavam aqui comigo. Muito obrigada Adrieli, Ágata, Alexandre Bertocini, Alexandre Victuri, Aline Petriconi, Aline Silva, Amanda Aquino, Amanda Candido, Amanda Guedes, Ana Carolina, Ana Elisa, Angélica, Bárbara, Beatriz, Bino, Bruna, Bruno, Camilla, Carol Osfiany, Carol Vital, Daynna, Débora, Drielly, Eddy, Felipe, Fernanda, Flávio, Fran, Giovanna, Guilherme, Janine, Jéssica Garcia, Jéssica Penha, Júlia, Juliana Melo, Laís, Larissa, Laura, Lauren, Letícia, Luisa, Marcela, Maria Eugênia, Marina Leonel, Marina Oliveira, Marina Sposito, Mariana Cervi, Mariana Decev, Mônica, Naná, Natália Almeida, Natália Garcia, Neinha, Paloma, Renan, Renata, Rodolfo, Simone, Thainá, Thamires, Tom, Vic e Vitor.

As aulas e supervisões de estágio foram tão motivadoras, que a vontade é escrever cada nome, agradecer cada pessoa. São vínculos de muita confiança e carinho, agradeço muito às alunas e alunos da UNESP, e à parceria com a Cau, que tanto admiro, e, tendo agradecido acima às alunas e alunos do IMES, ressaltado sobre como foram preciosos os vínculos, não poderia deixar de agradecer imensamente os(as) amigos(as) e professores(as) que trabalham comigo, que participaram de forma tão presente nesse processo de ressignificação da palavra vínculo, tornando-a tão real, tão vital.

Agradeço ao Afonso, por como compartilhamos em nossa trajetória e em nossos valores a aposta nas relações, o desejo de transformações, a compreensão de que é necessário de que as relações se transformem para que outras mudanças muito importantes e necessárias possam acontecer. Sem a aposta nas relações, esta tese não existira, muito aqui não estaria escrito eu não teria entrado em contato com muito do que hoje defendo e acredito. Muito obrigada por como é inspirador ouvir você dizer, citando Eduardo Galeano, que mais do que de átomos, a vida é feita de histórias, com o brilho nos olhos de quem exclama: quanta vida! Quanta vida, Fonsitchos, quanta vida! Um brinde às próximas histórias, à vida...

Agradeço à Natália, por como desde que a conheci a vida é muito mais charmosa. Pelo charme de quem deseja conhecer o mundo com um olhar de sede, curiosidade e entusiasmo tão cheio de axé. Pelo charme da sensibilidade de quem escuta e compartilha as mirabolantes formas de lidar com tantos encontros e tantos desencontros. Pela força do que acredita, pela alegria com que transmite o que acredita. Por como me ensinou a acreditar, academicamente, profissionalmente e afetivamente, que pode haver muito charme mesmo nos mais árduos enfrentamentos e nas mais bagunçadas encrencas da vida. Um brinde a todo o charme que você ainda espalhará.

Agradeço à Marina, por como conhecê-la significa conhecer, a cada dia, uma nova mulher. Por todo o carinho que pode haver na busca por reinventar-se. Por todo carinho e os tantos sorriso em encontros tão nossos, desde uma festa do pijama, passando por um ritual de transição, chegando à passagem por uma porteira misteriosa. Estar com você é sempre motivo para buscar novos e contentes motivos. Um brinde aos novos motivos...

Agradeço ao Caio, por como desde que ele chegou a palavra parceria tornou-se mais alegre, com tanto empenho, tanta dedicação, tanta convicção, além de ter ganhado um alcance prático que até agora me impressiona. Um brinde às próximas parcerias....

Agradeço à Carol, por como a entrega dela não está apenas em como considera irresistível ler emails mesmo nas madrugadas dos fins de semana, mas está em cada escolha, em cada ação tão comprometida. Um brinde às próximas entregas...

Agradeço à Rosângela, por toda a poesia de seu engajamento como educadora, por como as palavras, quando passar por ela, se tornam tão sensivelmente acolhidas, tão sensivelmente acolhedoras. Um brinde à poesia das palavras...

Agradeço à Clara, ao Eduardo e ao Fábio, por como toda a confiança de trabalharmos juntos(as) no que acreditamos juntos(as) foi também algo muito motivador para a trajetória de construção desta tese.

Agradeço à Jéssyca, pela amizade reconfortante, pela presença, pela alegria de escrever as palavras trocando letras por coraçõezinhos.

Agradeço à Jéssica, que conheci faz pouco tempo, mas que sinto que compartilhamos tanto.

Agradeço à Samantha, por como é incrível conhecer alguém tão incrível. É incrível poder aprender mais sobre suas tão múltiplas perspectivas sobre o mundo, é incrível poder aprender mais com sua tão fortalecedora sensibilidade, é incrível poder aprender mais com sua forma de agir e se relacionar com tanto carinho, tanta sinceridade, tanta dedicação e tanta entrega. Desde que te conheci, Sazinha, a palavra “transformação” passou a ser tão mais viva e bem-vinda, quantas transformações! Que venham mais transformações... Agradeço muito por como toda a inspiração e incentivo que você transborda foram ingredientes fermentadores e decisivos para que eu possa dizer que esta tese nasce feliz.

Concluindo os agradecimentos, escolho a música “Senhas”, de Adriana Calcanhoto, que muito diz sobre os encontros aos quais sou grata, encontros tão inspiradores para a tese e para a vida, por como “eu gosto dos que têm fome, dos que morrem de vontade, dos secam de desejo, dos que ardem”. Me encanta como a sede de amar nos faz melhores!

RESUMO

No campo da educação em saúde, tanto a sexualidade quanto os usos de bebidas alcoólicas são temas que tem mobilizado discussões no âmbito das políticas públicas e de programas preventivos no Brasil, com base na busca pela promoção de práticas que evitem ou diminuam possíveis consequências prejudiciais como: acidentes; doenças; atitudes destrutivas e agressivas, no caso do álcool; ocorrência de gravidez não planejada; contração de HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis; estupros e outras formas de violência sexual, no caso da sexualidade. As experiências sexuais e as experiências de consumo de bebidas alcoólicas têm em comum as preocupações em relação aos riscos, mas também o quanto são atualmente valorizadas culturalmente como fontes de prazeres. São experiências que podem se combinar, por exemplo em expectativas de que as bebidas alcoólicas atuem como facilitadoras de aproximações, paqueras, desejos e prazeres sexuais, expectativas relacionadas a como as desinibições se tornam mais aceitas nas ações e interações entre as pessoas quando o consumo de álcool ocorre. Nesta tese, tivemos como objetivo investigar as associações entre sexualidade e bebidas alcoólicas, assim como identificar possibilidades de diálogo sobre essas associações em abordagens educativas, considerando a importância da inserção da discussão sobre como os prazeres têm sido buscados e experimentados atualmente. Realizamos a revisão de literatura sobre os temas da sexualidade, das bebidas alcoólicas e do prazer, assim como sobre as associações entre eles. Com o mesmo objetivo, desenvolvemos uma pesquisa documental, com a análise de conteúdo de dez materiais educativos brasileiros voltados à prevenção aos usos de bebidas alcoólicas entre adolescentes. Por meio da análise, identificamos como são discutidos os temas relacionados aos usos de álcool, sexualidade, gênero e prazer. Concluímos que para uma abordagem abrangente sobre os temas é necessário que as discussões educativas envolvam o diálogo sobre as relações, considerando como as experiências sexuais, as experiências de consumo de álcool e as combinações entre elas são atravessadas por expectativas, ansiedades, inseguranças, desejos, temores e prazeres que, ao se tornarem tema de diálogo com adolescentes, podem favorecer uma postura reflexiva, sensível e de cuidado diante das concepções, atitudes e escolhas nas experiências e relações vividas.

Palavras-chave: Bebidas alcoólicas; Sexualidade; Prazer; Materiais educativos.

ABSTRACT

In the field of health education, sexuality and alcohol use are issues that have mobilized discussions in the scope of public policies and preventive programs in Brazil, based on the search for the promotion of practices that avoid or reduce possible harmful consequences such as: accidents; diseases; destructive and aggressive behaviors, in the case of alcohol; occurrence of unplanned pregnancy; contraction of HIV and other sexual transmitted diseases; rape and other ways of sexual violence, in the case of sexuality; The sexual experiences and the experiences of alcohol consumption have in common the concerns related to the risks, but also the way they are valued culturally nowadays as pleasure resources. They are experiences which can be connected, for example when there are expectations that the alcoholic beverages act as facilitators of approximation, flirting, sexual desires and pleasures, expectations that are related to the fact that disinhibitions become more accepted in actions and interactions that happen among people when there is alcohol consumption. On this thesis, we aimed to investigate the associations between sexuality and alcoholic beverages, and also to identify possibilities of dialogue about this associations in educative approaches, considering the importance of the insertion of the discussion about how pleasures have been searched and experienced nowadays. We developed a literature review about the issues of sexuality, alcohol beverages and pleasure, and also about how the issues are associated. With the same aim, we made a documental research, with the content analysis of ten Brazilian educative materials directed to the prevention of alcohol consumption among teenagers. Through the analysis, we identified how the issues related to alcohol, sexuality, gender and pleasure are discussed. We concluded that for a broad approach it is necessary that the educative discussions involve the dialogue about the relationships, considering how the sexual experiences, the drinking experiences and the associations between them are traversed by expectations, anxieties, insecurities, desires, fears and pleasures. When these questions become issues of dialogue with teenagers, the reflexive, sensitive and caring position with the conceptions, attitudes and choices can be favored in the lived experiences and relationships.

Keywords: Alcoholic beverages; Sexuality; Pleasure; Educative materials.

RESUMEN

En el marco de la educación en salud, tanto la sexualidad como los usos de bebidas alcohólicas son temas que han movilizadodiscusiones en el ámbito de las políticas públicas y de programas preventivos en Brasil, con base en la búsqueda pela promoción de prácticas que eviten o disminuyan posibles consecuencias perjudiciales como: accidentes; enfermedades; actitudes destructivas y agresivas, en el caso del alcohol; ocurrencias de embarazo no planeado; contracción de VIH y otras infecciones sexualmente transmisibles; estupro y otras formas de violencia sexual, en el caso de la sexualidad. Las experiencias sexuales y las experiencias de consumo de bebidas alcohólicas tienen en común no solo las preocupaciones en relación a los riesgos, sino también como son actualmente valorizadas culturalmente como fuentes de placer. Son experiencias que pueden combinarse, por ejemplo, en expectativas de que las bebidas alcohólicas actúen como facilitadoras de aproximaciones, coqueteo, deseos y placeres sexuales, expectativas relacionadas a cómo las desinhibiciones se vuelven más aceptas y esperadas en las acciones e interacciones entre las personas cuando el consumo de alcohol ocurre. En esta tesis, tuvimos como objetivos investigar las asociaciones entre sexualidad y bebidas alcohólicas, además de identificar posibilidades de diálogo sobre las asociaciones entre ellos. Con el mismo objetivo, desenvolvimos una investigación documental, a partir del análisis del contenido de diez materiales educativos brasileños destinados a la prevención de los usos de bebidas alcohólicas entre adolescentes. A través del análisis, identificamos como son discutidos los temas relacionados a los usos del alcohol, sexualidad, género y placer. Concluimos que para un abordaje más abarcador sobre los temas es necesario que las discusiones educativas envuelvan el diálogo sobre las relaciones, considerando como las experiencias sexuales, las experiencias de consumo de alcohol y las combinaciones entre ellas son atravesadas por expectativas, ansiedades, inseguridades, deseos, temores y placeres que, al convertirse en tema de diálogo con los adolescentes, pueden favorecer una postura reflexiva, sensible y de cuidado frente a las concepciones, actitudes y elecciones en las experiencias y relaciones vividas.

Palabras clave: Bebidas alcohólicas; Sexualidad; Placer; Materiales de educación.

SUMÁRIO

Introdução.....	19
Capítulo 1 – Entre controles e descontroles	42
1.1 A embriaguez dos sentidos e os sentidos da embriaguez	43
1.2 Entre o sair de si e o domínio de si	48
1.3 Entre inibições e desinibições	54
1.4 Bebidas alcoólicas, sexualidade e controles	58
1.5 Bebidas alcoólicas, sexualidade e prazer	65
1.6 Bebidas alcoólicas e sexualidade: o apagamento do prazer nos discursos preventivos.....	69
1.7 Entre controles e descontroles: considerações sobre o capítulo	81
Capítulo 2 – Entre o copo e os lábios	85
2.1 Entre rochas e esculturas, entre tintas e pinturas: o que são as substâncias psicoativas?.....	86
2.2 Sobre os usos de bebidas alcoólicas	87
2.3 Entre outras pessoas: usos de bebidas alcoólicas em contextos de lazer e sociabilidade	92
2.4 Entre fugas e encontros: diferentes procedimentos de estudo sobre as bebidas alcoólicas	96
2.5 Entre expectativas e recordações: prazeres ansiados e prazeres narrados	104
2.6 Entre os primeiros copos e muitos outros	112
2.7 As manhãs seguintes	116
2.8 Consuma com moderação?	120
2.9 Padrões de gênero nas experiências de consumo de bebidas alcoólicas.....	123
2.10 Entre o copo e os lábios: considerações sobre o capítulo	132
Capítulo 3 – Entre verdades e desafios	134
3.1 A sexualidade entre verdades.....	135
3.2 A sexualidade entre desafios.....	139
3.3 A sexualidade entre controles e descontroles	147
3.4 Entre muitas medidas e o que não tem medida.....	151
3.5 Entre liberdades e repressões	155
3.6 Que liberdades?.....	159
3.7 A sexualidade entre definições e indefinições	165
3.8 Sexualidade e educação	169
3.9 Entre verdades e desafios: considerações sobre o capítulo.....	172

Capítulo 4 – Entre enigmas e roteiros	176
4.1 Os desejos entre enigmas	178
4.2 Os desejos entre controles e descontroles	180
4.3 Os desejos entre roteiros	183
4.4 As bebidas alcoólicas como parte do roteiro	187
4.5 Associações entre álcool, sexo e diversão: a importância de não se importar....	192
4.6 Quando práticas preventivas escapam ao roteiro	197
4.7 Quando os excessos fazem parte do roteiro	200
4.8 Quando a coerção faz parte do roteiro	204
4.9 Bebidas alcoólicas, violência sexual e culpabilização	211
4.10 Entre enigmas e roteiros: considerações sobre o capítulo	216
Capítulo 5 – Entre prazeres	220
5.1 Muito prazer!?	223
5.2 Os prazeres e a delicadeza psíquica	233
5.3 Os prazeres e o culto da performance	235
5.4 Os prazeres, a moral das sensações e o apagamento da alteridade	237
5.5 Os prazeres e a sociedade excitada	241
5.6 Os prazeres e a farmacopornografia	243
5.7 Os prazeres e os impasses políticos	246
5.8 Os prazeres e o circuito dos afetos	248
5.9 Os prazeres e o cuidado	251
5.10 Entre prazeres: considerações sobre o capítulo	255
Capítulo 6 – Entre proibições e incitações	262
6.1 O álcool é uma <i>droga</i> ?	267
6.2 Por que não usar <i>drogas</i> ?	269
6.3 A divisão das substâncias entre lícitas e ilícitas	271
6.4 Entre infernos e paraísos artificiais	275
6.5 Entre pertencimentos e transgressões	282
6.6 Entre sonhos de ousadia e pesadelos de desordem	285
6.7 Proibicionismo e seletividade penal: questões raciais, de classe social e de gênero	291
6.8 A prevenção nas políticas públicas e em programas de educação e saúde atuais	292
6.9 Entre proibições e incitações: considerações sobre o capítulo	300

Capítulo 7 – Entre possibilidades	303
7.1 Informações sobre os fatores sociais e históricos relacionados aos usos de álcool e de outras substâncias.....	311
7.2 Motivações para os usos de álcool.....	316
7.3 Consequências do consumo de álcool.....	327
7.4 Usos de álcool e sexualidade	335
7.5 Usos de álcool e padrões de gênero	337
7.6 Sexualidade e gênero nos materiais educativos sobre bebidas alcoólicas	339
7.7 Recomendações para abordagens educativas de prevenção aos usos de álcool e de outras substâncias	357
7.8 Sobre os prazeres	374
7.9 Apontamentos para abordagens educativas a partir da análise dos materiais voltados para a prevenção aos usos de bebidas alcoólicas	375
7.10 Entre possibilidades: considerações sobre o capítulo	378
Capítulo 8 – Entre encontros	380
8.1 Educação sexual com adolescentes.....	384
8.2 Como o tema bebidas alcoólicas emerge em grupos de educação sexual com adolescentes	387
8.3 Sexualidade, gênero e usos de bebidas alcoólicas: objetivos para a discussão em grupos de educação sexual.....	391
8.4 Bebidas alcoólicas, sexualidade e prazer: possíveis atividades	398
8.5 Entre encontros: considerações sobre o capítulo	405
CONSIDERAÇÕES FINAIS	409
REFERÊNCIAS	418

INTRODUÇÃO

O que será que será
Que dá dentro da gente e que não devia
Que desacata a gente, que é revelia
Que é feito uma aguardente que não sacia
Chico Buarque – O que será (À flor da pele)¹

Como seria se as pessoas fossem capazes de escolher o que sentem? Como seria se, diante de uma emoção que perturbasse, pudessem escolher não senti-la? Como seria se, diante de um desejo que gera inquietações e conflitos, pudessem escolher não desejar? Desejos impossíveis, desejos proibidos e desejos instáveis poderiam ser eliminados... Como seria se os impulsos que destoam do que parece ser adequado para o momento pudessem ser evitados, descartados?

Como seria se pudséssemos avaliar se algo que nos afeta é conveniente ou não, de forma que ódios, paixões, atrações, repulsas, mágoas, deslumbramentos, frustrações, idealizações, indisposições e carências pudessem ser deixados de lado, como se nunca tivessem existido, como se nunca tivessem nos mobilizado?

Talvez as relações pudessem se tornar mais fáceis, quando ambivalências, contradições e constrangimentos entrassem em extinção. Não haveria mais distância entre ações e intenções, entre emoções e expressões, não haveria mais a necessidade de censuras, nem de hesitações. Se tudo o que sentíssemos e desejássemos, se todas as emoções e impulsos que experimentássemos, pudessem estar sempre sob controle, como seria?

Em outra direção, como seria se tudo o que sentíssemos e desejássemos, se todas as emoções e impulsos que experimentássemos, fossem expressos sem filtros, levassem-nos a agir sem freios, dizendo em voz alta o que quer que viesse aos nossos pensamentos e explicitando em gestos e atitudes qualquer reação que as outras pessoas despertassem em nós? Como seriam nossas interações se não houvesse controles, se tudo o que as pessoas sentem umas pelas outras, pensam umas sobre as outras e fantasiam umas com as outras fosse diretamente demonstrado, sem ponderações nem contenções diante do que parecesse inadequado, inconveniente ou mesmo destrutivo? Como seria se

¹ A letra completa da música pode ser encontrada no endereço: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/1217237/>. Acesso em 29 de outubro de 2016.

a prioridade fosse dar vazão ao que sentimos, sem nos importarmos, reciprocamente, com o que quer que o que sentimos faz com que as pessoas com quem nos importamos sintam e pensem sobre nós?

Fora dos cenários hipotéticos aos quais se referem as questões acima, as dinâmicas entre o que sentimos e o que expressamos estão distantes de serem algo simples e direto. Voltando à música de Chico Buarque, somos convidados(as) a pensar como são muitas as formas possíveis de lidarmos com o que “brota à flor da pele”, nos “bole por dentro”, nos “aperta o peito”, nos “salta aos olhos” e nos “sobe à face” levando-nos a corar².

Há desejos, emoções e impulsos que não escolhemos, que não controlamos, ainda que esteja ao nosso alcance, em certa medida, escolhermos ou controlarmos que desejos, emoções e impulsos admitiremos e demonstraremos ou quais serão contidos, disfarçados.

Não é tão simples distinguirmos entre o que pode e o que não pode ser expresso, entre o que precisa e o que não precisa ser inibido, entre o que requer ou dispensa nossas contenções.

Longe de ser um processo exclusivamente individual, são muitas as regras, os valores e as expectativas culturais que participam dessas dinâmicas entre controles e descontroles. São muitas as experiências de aprendizado, ao longo das trajetórias de socialização, sobre que controles são necessários, sobre como esses controles necessários devem ser internalizados, sobre quais são as distâncias e limites entre o que controlamos e o que não controlamos e sobre como manejar essas distâncias e limites a ponto de estabelecermos controles mesmo diante do que não controlamos. Essas trajetórias de socialização foram tema de análise de Norbert Elias e Eric Dunning (1992), que, ao discutirem sobre como a internalização dos controles ocorre de forma contínua e intensa desde a infância, comentam:

Nas crianças, os impulsos (...), assim como os movimentos musculares e os comportamentos por eles impelidos são completamente inseparáveis. Elas agem como sentem. Falam como pensam. À medida que vão crescendo, os impulsos elementares e espontâneos de um lado, e a descarga motora, de outro, separam-se cada vez mais (...).

Enorme medo e profunda alegria, acentuado ódio e extremo amor, têm de apresentar-se sob outra aparência. Só as crianças saltam e dançam com excitação, apenas estas não são censuradas de imediato como descontroladas (...) se choram e soluçam publicamente, em lágrimas desencadeadas pelos seus sofrimentos súbitos, se entram em pânico num medo selvagem, se cerram os punhos com firmeza e batem ou mordem o odiado inimigo, num total abandono quando se excitam (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 98; 103).

² Nos referimos ao trecho “O que será que me dá/ Que me bole por dentro, será que me dá/ Que brota à flor da pele, será que me dá/ E que me sobe às faces e me faz corar/ E que me salta aos olhos a me atraiçoar”, da mesma música citada na abertura da introdução.

Entre a criança que salta e dança e a pessoa adulta que se contém; entre o movimento espontâneo de chorar e soluçar e a exigência de manejar as emoções; entre a raiva que leva a cerrar os punhos e desejar bater ou morder e o domínio dos próprios impulsos; entre a possibilidade de abandonar-se às próprias ações e a possibilidade de inibi-las: entre controles e descontroles, como se dão os aprendizados sociais necessários para tornarem a convivência e as relações entre as pessoas viáveis?

O autocontrole é importante para que as relações possam acontecer? Se sim, até que ponto? Há um ponto em que a rigidificação do autocontrole pode intensificar sofrimentos e tensões, ao invés de amenizá-los? Essas são algumas das questões propostas por Elias e Dunning (1992), que argumentam que da mesma forma que os controles são importantes na organização das interações cotidianas, as possibilidades de brechas na rigidez desses controles são também necessárias para essa mesma organização.

No livro **A busca da excitação**³, Elias e Dunning (1992) abordam sobre momentos em que os controles cotidianos são temporariamente flexibilizados, provisoriamente atenuados. Tratam-se dos momentos de lazer, em que as exigências e restrições da rotina são momentaneamente modificadas, com a abertura para oportunidades de, no termo utilizado pelos autores, descontroles controlados⁴ (ELIAS; DUNNING, 1992, p.146). Ouvir uma música, assistir uma peça de teatro ou um filme, praticar um esporte ou torcer por algum time, compor uma poesia e treinar uma luta são exemplos de atividades de lazer em que, ao invés de contidas, determinadas emoções encontram espaço para serem expressas e compartilhadas.

O que significa dizer que os descontroles são controlados? Significa identificar como as brechas nas organizações sociais cotidianas não correspondem simplesmente a uma oposição a essas organizações, mas que integram a forma como as experiências e relações são construídas. Em outras palavras, a flexibilização momentânea de determinados padrões culturais é também um padrão cultural.

Entre as experiências em que há maior espaço para os descontroles estão os contextos de lazer e sociabilidade nos quais se inserem as práticas de consumo de bebidas alcoólicas. Enquanto quando as pessoas estão sóbrias é mais acentuada a distância esperada entre como sentem e como expressam o que sentem, entre o que pensam e o que

³ No decorrer da tese, os títulos dos livros, capítulos, artigos e outros materiais mencionados serão escritos em negrito.

⁴ No decorrer da tese, sublinharemos as palavras e expressões que se referirem a conceitos relevantes para os temas discutidos.

dizem, entre seus impulsos e como agem, ao beberem pode haver uma maior permissividade para que essa distância seja diminuída, com uma maior aceitação, ou mesmo incentivo, para agirem e se expressarem de formas mais desinibidas.

É como se as bebidas alcoólicas fossem significadas enquanto uma espécie de licença, como um marcador simbólico para a flexibilização de algumas censuras e contenções. Se voltarmos à citação de Elias e Dunning (1992, p. 98; 103), podemos considerar como, ao beberem, há pessoas que saltam e dançam com excitação, que choram ou soluçam publicamente, que demonstram de formas mais explícitas sentirem animação, angústia ou raiva sem que a euforia, as lágrimas, os medos e as reações impulsivas gerem o mesmo estranhamento, sem que pareçam tão inadequadas ou constrangedoras para quem as experimenta ou para quem as observa. Até mesmo as reações agressivas não são julgadas da mesma maneira.

Entre os campos em que as expectativas de espontaneidade e desinibição aumentam, está o das experiências relacionadas à sexualidade. Se pessoas que pouco se conhecem entre si estão em um espaço em que podem escolher entre água e café, as interações tendem a não ocorrer da mesma forma caso estivessem disponíveis cervejas e destilados. A presença do álcool tende a aumentar as expectativas de que as pessoas se aproximem, demonstrem interesse em conversar e se conhecer e, em meio a essas aproximações e conversas, que alguns flertes possam acontecer. Também não é esperado que um casal que pede um suco para acompanhar o jantar interagirá da mesma forma que um casal que pede um vinho. Oferecer um refrigerante, em uma festa ou uma balada, não tem o mesmo efeito de sugerir que uma paquera está acontecendo que quando alguém oferece um drinque.

Diante dos exemplos acima, a procura por alguma propriedade afrodisíaca no conteúdo das bebidas revela-se como um movimento menos frutífero do que considerarmos como é construída culturalmente a associação entre o álcool e a maior permissividade para a expressão mais espontânea e desinibida de desejos, atrações, interesses e prazeres sexuais.

Entre controles e descontroles, entre inibições e desinibições, entre proibições e incitações, entre contenções e expressões, não estamos diante de polos opostos, claramente distintos e distantes entre si. Estamos diante de elementos imbricados que, para serem compreendidos de forma mais ampla, precisam ser considerados em suas

imbricações. É por isso que escolhemos o entre⁵, uma palavra tão convidativa, para introduzirmos as diferentes reflexões que serão realizadas na tese.

As experiências de consumo de bebidas alcoólicas, tantas vezes valorizadas como experiências de socialização, de encontros, podem ser compreendidas de forma mais abrangente se nos perguntarmos que fatores estão presentes e influenciam em como são construídos espaços entre.

As relações entre as pessoas são o foco da análise de Contardo Calligaris (2006, s/p) no texto **“Inocência” e as mesas de bar**:

(...) Na mesa de bar, a gente dá “uma relaxada”: encontra, na facilidade do convívio (ou do “convício”, entre cigarros e cervejas), um amparo contra as frestas e falhas mais dolorosas. (...) as mesas de bar e as rodas de padaria são uma modesta e frágil presença da vida social concreta: elas mantêm, ao menos, a ilusão de que os outros existem para nós e nós existimos com eles.

Conhecermos sobre momentos em que as expressões e interações entre as pessoas tendem a acontecer de formas mais desinibidas, mais descontraídas, pode ser também uma forma interessante de conhecermos sobre quais são as inibições que predominam nas demais ocasiões. Por exemplo, se quando bebem é frequente que as pessoas relatem sentirem-se mais sociáveis, com uma maior facilidade para conversarem e aproveitarem, nos atentarmos para os momentos de sociabilidade acompanhados por álcool pode favorecer para identificarmos fatores que influenciam como estar entre outras pessoas costuma ser experienciado em situações cotidianas. Outro exemplo refere-se à noção de que, quando bebem, algumas pessoas sentem-se mais livres para expressarem-se sexualmente: ao investigarmos o que é compreendido como liberdade, podemos conhecer mais elementos sobre o que é considerado como repressão. A espontaneidade esperada entre pessoas que consomem álcool pode demonstrar aspectos importantes sobre que expectativas de contenção costumam estar presentes quando estão sóbrias. Em síntese,

⁵ Ao longo de nossas discussões dedicaremos, assim, nossa atenção para os espaços entre, que também podem ser chamados de espaços potenciais, espaços transicionais, segundo a formulação proposta pelo psicanalista inglês Donald Winnicott, que, como introduz Benilton Bezerra Júnior (2007, p. 38), são conceitos que nos levam a reconhecer como “(...) olhar para a vida é perceber um continuum, um fluxo de processos em movimento, mais do que um conjunto de formas estabilizadas que por definição são transitórias e instáveis”.

Ao apresentarem o espaço transicional como um espaço entre o que é objetivamente experimentado e o que é subjetivamente concebido, um espaço de invenção em que são criados e se desenvolvem cenários, enredos e significados, Diana Corso e Mário Corso (2011, p. 501) afirmam, sobre as proposições de Winnicott: “(...) ele chama de “espaço potencial” essa zona intermediária, assim como de “espaço de ilusão”, os lugares que ia imaginando em sua busca por mapear esse território de onde provêm, ao mesmo tempo, o sujeito e a fantasia (...)”.

conhecermos mais sobre como rotinas são rompidas contribui para conhecermos mais sobre como rotinas são vividas.

Um elemento comum a momentos de lazer, às situações coletivas festivas refere-se a uma espécie de inversão das normas sociais. Enquanto o dia-a-dia é ordenado por conveniências sobre o que fazer, como agir, o que vestir, com quem conversar e o que dizer, que lugares frequentar e que horários obedecer, as festividades seriam propícias para novas formas de experimentar o tempo, os espaços, as relações.

Enquanto as rotinas seriam marcadas por expectativas de regularidade, previsibilidade e coerência, situações de lazer como as festividades seriam como um descanso, uma atenuação das exigências e dos julgamentos, tanto as exigências e julgamentos entre as pessoas, como de cada pessoa em direção a si mesma.

É sobre a inclinação à atenuação de exigências e julgamentos que Sigmund Freud (1920/2011) se refere ao comentar sobre os festivais no livro **Psicologia das massas e análise do eu**:

(...) Em todas as renúncias e limitações (...), uma infração periódica da proibição é a regra. Isso, na realidade, é demonstrado pela instituição dos festivais, que, na origem, nada mais eram do que excessos previstos em lei e que devem seu caráter alegre ao alívio que proporcionam (FREUD, 1921/2011, p. 38).

Por que tais infrações seriam fonte de alívio? Pela possibilidade de suspensão temporária de controles, não só dos controles externos, mas também dos controles internalizados, que chegaram a ser incorporados de tal forma que passa a ser difícil que alguém possa escolher e controlar quando e quanto se controla.

Enquanto Elias e Dunning (1992), leitores de Freud, falam sobre a importância das suspensões temporárias das contenções que impedem que as pessoas adultas sintam-se à vontade para saltar, dançar, rir, chorar, morder, analisando como os momentos de lazer tornaram-se hoje contextos privilegiados para essas suspensões, Freud (1908/1996)⁶ também se dedica a pensar que mudanças acontecem entre as expressões infantis e as expressões adultas, analisando as criações artísticas como derivadas da importância psíquica das fantasias que, embora mais visíveis nas brincadeiras infantis, continuam a ser fontes de prazeres acompanhando cada pessoa por toda a vida:

⁶ No texto **Escritores criativos e devaneios** (1908/1996) Freud analisa as criações artísticas como textos literários e outras formas de ficção permitem o reconhecimento da importância da imaginação desejante, das fantasias, acesso que por outras vias é mais difícil, por serem tão intensas na vida adulta os esforços por ocultá-las.

Ao crescer, as pessoas param de brincar e parecem renunciar ao prazer que obtinham do brincar. (...) O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou sub-rogado. (...) a criança em crescimento, quando para de brincar, só abdica do elo com os objetos reais; em vez de *brincar*, ela agora *fantasia*. Constrói castelos no ar e cria o que chamamos de *devaneios*. (...) As fantasias das pessoas são menos fáceis de observar do que o brincar das crianças. A criança (...) mesmo que não brinque em frente dos adultos, não lhes oculta seu brinquedo. O adulto, ao contrário, envergonha-se de suas fantasias, escondendo-as das outras pessoas. Acalenta suas fantasias como seu bem mais íntimo, e em geral preferiria confessar suas faltas do que confiar a outro suas fantasias. Pode acontecer, conseqüentemente, que acredite ser a única pessoa a inventar tais fantasias, ignorando que criações desse tipo são bem comuns nas outras pessoas (...) (FREUD, 1996, p. 80-81).

A importância da fantasia persiste, assim, na vida adulta, mesmo que as inibições, inseguranças e autocríticas passem a exercer um papel preponderante em como são ou não são expressas. Como afirmam Diana Corso e Mário Corso (2011, p. 351): “Uma criança pode fantasiar e brincar com coisas que fará quando crescer, um adulto com as que realizará quando e se algum dia tomar coragem”.

Reconhecer-se – e expressar-se – como desejante está longe de ser um processo simples, ainda que existam algumas brechas, algumas saídas criativas. Investigarmos sobre os controles, as censuras e também sobre suas provisórias rupturas, torna-se, assim, um processo interessante para conhecermos mais sobre as pessoas e suas relações.

Conhecermos mais sobre as relações entre as pessoas é um movimento que nos leva a pensar também sobre as relações de cada pessoa consigo mesma. Enquanto hoje vigora um modelo de subjetividade ligado à consciência autocentrada, com uma íntima relação entre a experiência de si e o autodomínio, outras formas de construção subjetiva foram predominantes em outros contextos e períodos, como alguns exemplos sobre a embriaguez alcoólica podem contribuir para identificarmos.

“*Ontem agi como se fosse outra pessoa*” é uma frase que hoje é com frequência acompanhada por certo estranhamento, ou até mesmo por um pedido de desculpas, atribuindo aos excessos a posição de fonte de arrependimentos. Embora possa ser prazeroso no momento, exceder-se não tende a ser uma experiência incorporada em como as pessoas se vêem e se relacionam consigo mesmas. Torna-se interessante, como contraste, conhecermos relatos sobre as beberagens indígenas, em que o “*agir como se fosse outra pessoa*” é recebido como expressão da abertura à alteridade, em que os excessos são bem-vindos como vias de expansão. Como narra Renato Sztutman (2008, p. 226) no capítulo **Cauim, substância e efeito: sobre o consumo de bebidas fermentadas**

entre os ameríndios, ao diferenciar os usos cotidianos dos usos rituais e festivos das bebidas fermentadas à base de mandioca que recebem entre tupis o nome de “cauim”⁷:

(...) Numa ponta, a baixa fermentação implica um consumo doméstico ou vicinal associado à subsistência ou à alimentação propriamente dita. (...) Já o cauim azedo, mais alcoólico, deve ser ingerido em “excesso” e de “barriga vazia” – é o que nos mostram os exemplos tupi aqui evidenciados – causando a embriaguez e o vômito. (...) Em outras palavras, se o “comer junto” cotidiano constitui as relações de proximidade, “beber junto” extraordinário – em excesso e de barriga vazia – constitui as relações de alteridade (...). Se a comensalidade de primeiro tipo encerra um ambiente de comedimento e discricção, no qual pouco se fala, a de segundo tipo faz estourar a alegria – materializada nos cantos e na dança – e a desmedida como que operando um movimento de abertura e comunicação, em que as fronteiras entre o eu e o outro são postas em xeque. No beber junto, o excesso é portanto permitido e de certo modo mesmo prescrito, pela desmedida, pela superação de limites.

Os excessos, nos contextos rituais indígenas, não recebem conotações negativas, não são vistos como problemáticos. Ao contrário, recusar o cauim oferecido por uma mulher indígena ou não bebê-lo até o fim é visto como uma indelicadeza, uma hostilidade. Escolhemos apresentar os exemplos das cauinagens por como podem ser diversas as experiências de uso de bebidas, como também são variadas as concepções sobre os excessos.

As discussões sobre os usos de bebidas alcoólicas, ao longo da tese, nos levarão a discussões sobre os significados conferidos aos excessos. Discutiremos também como os usos de álcool são muitas vezes descritos como uma forma de escape, de fuga da realidade, o que torna importante considerarmos qual é a noção de realidade que está em questão. Por que beber seria, de alguma forma, tornar menos real o que acontece? Que realidades seriam aquelas das quais as pessoas fugiriam ao beber? O que influencia para que uma experiência seja considerada como mais ou como menos real?

Seguindo as reflexões de Mary Douglas (1987/2003), apresentadas na coletânea **Constructive drinking: perspectives on drink from anthropology**⁸, investigaremos sobre as diferentes experiências, expectativas, significados e valores em torno do álcool não pela perspectiva de que beber seria como uma fuga, mas sim, considerando como as práticas de consumo de bebidas são associadas a diferentes formas de encontro, de diferentes formas de experimentar o tempo, as sensações, as relações.

⁷ No decorrer da tese, apresentaremos em apêndices informações adicionais aos temas discutidos. Mais elementos sobre os rituais de beberagens entre tupis e outras tribos são apresentados no apêndice [A embriaguez nas cauinagens indígenas](#).

⁸ Tradução nossa: “Beber construtivo: perspectivas da antropologia sobre o beber”.

Para conhecermos como o tema usos de bebidas alcoólicas se inserem em abordagens educativas, a pesquisa abrangerá a análise de materiais preventivos, voltados à atuação com adolescentes. Percebemos, nesses materiais, que é comum que as expectativas prazerosas associadas às experiências de consumo de bebidas alcoólicas sejam descritas como crenças equivocadas, como noções distorcidas, já que os prazeres esperados nessas experiências não corresponderiam a efeitos observáveis da ação da ingestão do álcool no organismo.

Como ponto de partida, gostaríamos de indicar a compreensão de que os corpos sobre quais falaremos no decorrer da tese não podem ser vistos apenas como sinônimos de organismos, nem descritos apenas a partir de explicações sobre as reações fisiológicas. Quando nos referirmos aos corpos, estaremos nos referindo à pulsante, viva e contínua troca com outros corpos e com o mundo, com o meio em que os corpos se encontram, estaremos nos referindo a como são indissociáveis as reações, sensações, desejos e prazeres experimentados dos significados conferidos a essas reações, sensações, desejos e prazeres. Nesse sentido, as expectativas e outras impressões subjetivas não são elementos de menor importância, como acessórios ao que objetivamente ocorre, mas sim, são exemplos de como a separação entre o que objetivamente acontece e o que é subjetivamente experimentado é uma separação infrutífera, que prejudica ao invés de favorecer a compreensão do que investigamos como realidade. Como afirma Maria Rita Kehl (1990, 365-366) no capítulo **O desejo de realidade**:

(...) A realidade de que se trata aqui é a realidade humana, resultante de permanentes negociação entre as criações da realidade psíquica e as imposições da realidade externa. (...) Assim, as deformações da realidade produzidas por ação do desejo, embora variem em qualidade e grau, não são própria desta ou daquela patologia, mas próprias da existência do desejo, o que significa próprias do humano (...). As relações entre realidade psíquica e a realidade externa estão longe de ser de pura oposição. (...) o desejo e suas manifestações não são menos reais do que as trovoadas ou as fases da Lua.

É por como os desejos são tão reais como trovoadas e fases da lua que buscaremos, no decorrer da pesquisa, investigar sobre os temas bebidas alcoólicas, sexualidade e prazer considerando a importância do desejo, dos encontros, da dimensão tão múltipla e surpreendente do que pode haver entre copos e corpos.

Ao investigar sobre as experiências de consumo de álcool em contextos de lazer e sociabilidade, Gilberto Barral (2006) comenta que esses espaços são valorizados como propícios ao encontro, à maior abertura para que as pessoas se conheçam, se aproximem,

se expressem. No trecho a seguir, o autor elenca alguns dos aspectos identificados nessas experiências de encontro:

(...) o bar pode ser espaço de celebração, de comemoração, consumo, paquera, mas é sobretudo um lugar onde o lúdico se desenvolve. O riso, em suas mais variadas formas, é vivido e representado em torno das mesas, da bebida, do encontro. Também são espaços específicos de forte carga erótica, de amizades e outros afetos (BARRAL, 2006, p. 33).

Carga erótica, amizades, afetos... Ao pensarmos sobre as intersecções entre as experiências de consumo de bebidas alcoólicas e as experiências relacionadas à sexualidade, é interessante considerarmos como em ambas as experiências os encontros tendem a ocupar uma importante posição, muitas vezes como motivações centrais. Há nos encontros um potencial de expressão, de reconhecimento, de pertencimento, de modo que pode haver também nos encontros um potencial político. É sobre a possibilidade de haver um potencial político que discute Isadora Lins França (2006, p. 131) em análise sobre as paradas do orgulho LGBT⁹:

(...) Distante das manifestações políticas convencionais, e atraindo um número de pessoas que nenhum outro movimento social no Brasil tem conseguido atrair, as paradas têm sido alvo de críticas ferozes dos que a vêem como uma “festa”, quando deveria ser um “ato político”. (...) Em reação, as Paradas têm provocado também defesas apaixonadas por parte dos que acreditam que o seu caráter de celebração não obscurece a relevância das demandas políticas do movimento e, pelo contrário, as colocam num patamar de visibilidade importante, além do fato de que os significados políticos da Parada, do ponto de vista simbólico, impulsionam e mesmo ultrapassam a amplitude do discurso do movimento.

O movimento que recebe hoje o nome de Orgulho LGBT e que tem na Parada realizada anualmente no Brasil o evento que reúne o maior número de pessoas no mundo (cerca de 3 milhões a cada ano¹⁰), para a valorização das múltiplas formas de expressão de sexualidade e gênero e o enfrentamento aos preconceitos e à violência teve no bar “Stonewall Inn”, da cidade de São Francisco nos Estados Unidos, seu marco de origem. Com a justificativa de que o estabelecimento descumpria as leis acerca da venda de bebidas alcoólicas, o bar frequentado predominantemente por homens gays, mulheres lésbicas, homens e mulheres bissexuais e travestis foi atacado por uma intensa repressão policial. As medidas repressivas eram muito frequentes no período, consideradas símbolos dos embates do governo estadunidense contra os chamados *desvios sexuais*. Foi

⁹ A sigla LGBT refere-se a lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros.

¹⁰ Mais informações sobre as paradas no Brasil podem ser encontradas na matéria **Sem diversidade, não há democracia**, publicada pela **Carta Capital**. Disponível em: <http://justificando.cartacapital.com.br/2015/06/05/sem-diversidade-nao-ha-democracia/>. Acesso em: 29 de março de 2018.

chamado de Revolta de Stonewall o movimento que naquela noite teve início, com embates físicos e manifestações contra as agressões e discriminações sofridas que persistiram por quatro dias. Um ano depois, no dia 28 de junho, 10 mil pessoas marcharam pela cidade reafirmando a luta por direitos, em um evento que passou a se repetir em muitos lugares com a adesão de cada vez mais militantes desde então.

Figura 1 – Faixa “Pelo prazer lésbico” carregada em um protesto contra a repressão policial no centro de São Paulo



Fonte: Livro **O que é homossexualidade**, de Peter Fry e Edward MacRae (1991, p. 93).

A figura acima refere-se a um protesto realizado no mesmo período, no Brasil, quando também eram constantes e intensas as medidas repressão policial contra estabelecimentos como bares, boates e saunas frequentados por gays, lésbicas, bissexuais e travestis, que se localizavam principalmente nas grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro. Foram muitas as mobilizações de resistência e de afirmação do prazer como político. Como apresenta Richard Miskolci (2007, p. 107):

Na década de 1970, ainda marcada pela contracultura e propostas de mudanças sociais profundas, muitos desses grupos propunham a abolição dos papéis sexuais, a transformação da instituição familiar, a desconstrução das categorias monolíticas da homo e da heterossexualidade, o desenvolvimento de um novo vocabulário do erótico e, sobretudo, a compreensão da sexualidade como prazerosa e relacional ao invés de reprodutiva ou definidora de um status moral aceitável ou reprovável socialmente.

Muitas conquistas e avanços aconteceram desde a década de 1970, com as mobilizações de grupos como os movimentos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros e de movimentos feministas, com a afirmação de que o pessoal é político¹¹, associada ao reconhecimento de que a sexualidade é política, as

¹¹ A compreensão feminista de que o pessoal é político será analisada com maior especificidade no tópico **A sexualidade entre desafios**, do capítulo 3.

relações afetivas são políticas, o prazer é político. Ainda há muito a ser transformado: discriminações, preconceitos e violências persistem de formas muito incisivas em nossos cotidianos, em nossas relações.

Enquanto preconceitos e violências são infelizmente frequentes em tantos espaços, os espaços de lazer e sociabilidade organizados e/ou direcionados para pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros são exemplos de como contextos de encontro podem ser propícios para experiências de integração, de pertencimento, de construção e de fortalecimento de vínculos. Se em tantos outros espaços as relações entre mulheres e entre homens são ou invisibilizadas ou alvo de explícitas estigmatizações e condenações, os espaços de lazer e sociabilidade contribuem para ampliar a concepção de que expressar desejos e se relacionar, além de serem direitos, são também experiências que podem ser valorizadas, estimulantes, criativas e prazerosas.

O reconhecimento do prazer como político é um processo que se dá em meio a muitas contradições: enquanto a valorização dos vínculos e das multiplicidades é um elemento marcante para os movimentos sociais, outro campo em que a exaltação dos prazeres tem ganhado centralidade é o campo de incitação ao consumo, como expressam os muitos anúncios publicitários e materiais midiáticos que evocam, continuamente, a importância de prazeres intensos, prazeres sem limites, prazeres sem freios.

Não se trata, nessa incitação ao consumo, de qualquer prazer: mas de um prazer individual, mais do que individual, diretamente atrelado à competitividade, à hierarquização entre as pessoas, como se sentir prazer fosse um critério para a avaliação de competências, para mensurar o quanto uma pessoa consegue se adaptar aos modelos normativos sobre como a fruição prazerosa supostamente deve ser.

A investigação sobre a valorização dos prazeres atualmente, sobre que prazeres são valorizados e sobre como modelos normativos de realização prazerosa são construídos foi também uma motivação para a realização de minha dissertação de mestrado: **Muito prazer? Discussões sobre sexualidade, gênero e educação sexual a partir da análise de revistas femininas e masculinas**¹². Na análise sobre prazeres, foi possível discutir como a repressão não é um movimento que se dá apenas via proibições e interdições, mas também via incitações e idealizações, em uma espécie de “repressão às avessas” em que os ideais transmitidos sobre como os prazeres devem ser limitam, ao invés de propiciarem, condições para experiências ativas e criativas de prazer, por como

¹² Disponível em: http://portal.fclar.unesp.br/poseduesc/teses/Marcela_Pastana.pdf. Acesso em: 14 de maio de 2018.

suscitam, continuamente, sensações como culpa, insuficiência, insegurança e cobrança. Assim como há repressão no “Não faça!”, há também repressão no “Faça!”, de modo que “Sinta prazer!” é um imperativo que nos acompanha atualmente e que não se revela como uma valorização dos prazeres em suas múltiplas expressões e dimensões, mas sim, como a transmissão de um modelo padronizado e restritivo sobre como sentir prazer deve ser, modelo inalcançável que torna a busca por prazer nas experiências e relações uma busca desgastante e exaustiva.

Ao escolher prosseguir, na pesquisa do doutorado, com a investigação sobre os sentidos (e a ausência de sentidos) em torno de como o prazer é incitado atualmente, me vejo mais uma vez diante do desafio de refletir de forma crítica e sensível às muitas contradições em torno do que é transmitido e valorizado como prazeroso.

Ao mesmo tempo que é necessário reconhecermos o teor individualista, hierarquizante, excludente e competitivo que a busca por prazeres tem tomado, é importante que a crítica a como esse teor tem sido construído e consolidado se dê sem que essa crítica seja confundida com um desmerecimento ou uma diminuição dos prazeres, em si, e do lugar que a busca por prazeres pode ter na vida de muitas pessoas.

No capítulo **O novo conteúdo político do direito ao prazer**, Leandro Konder (2009, p. 139) levanta alguns questionamentos:

(...) Teria sido o hedonismo completamente cooptado pelo capitalismo globalizado e pela hegemonia das “sociedades de consumo”? Ou ainda é possível fundamentar no prazer uma política radicalmente libertária? Se, por um lado, vivemos em um meio social saturado de iscas para o consumismo, em outdoors e anúncios de TV, por outro será que é legítimo desprezar o “direito ao prazer” como pauta reacionária (...)?

Como propõe Konder (2009)¹³, não são os prazeres que devem ser condenados como fúteis por como foram esvaziados ao serem diretamente atrelados ao consumo, mas são os próprios processos de esvaziamento que precisam ser alvo de nossa atenção e de nossos enfrentamentos. De forma inspiradora, o autor defende:

(...) Ousemos, pois, construir uma realidade social, política e econômica que tenha por meta uma felicidade comum e partilhada, um direito ao prazer que não seja privilégio mas direito a todos facultado. (...) Ousemos gozar os prazeres da solidariedade, os êxtases do engajamento em um destino comum, as delícias dos intercâmbios (intelectuais, artísticos, afetivos, sexuais, festivos...) (...) (KONDER, 2009, p. 141).

¹³ As discussões de Leandro Konder (2009) serão comentadas com maior abrangência no tópico **Os prazeres e os impasses políticos**, no quinto capítulo.

Comprendermos como os modelos de incitação ao prazer que vigoram hoje são restritivos diante de como os prazeres podem ser sentidos, construir sentidos, ser inventados e reinventados nos leva a considerar, inclusive, como o reconhecimento dos prazeres enquanto algo não apenas legítimo como vital, pode ser um movimento estimulante para o reconhecimento de como é importante buscarmos transformações nessas mesmas experiências e relações.

O que me motivou para a investigação sobre os prazeres, no mestrado, e que me motiva hoje na construção do doutorado, é a atuação profissional com grupos de educação sexual, especialmente grupo com adolescentes¹⁴. Nos encontros com as múltiplas vozes de adolescentes sobre suas múltiplas experiências, percebo como é uma armadilha nos referirmos a uma noção de adolescência, no singular, assim como a busca por prazer, já que um primeiro passo importante é reconhecermos a pluralidade nas adolescências e nos prazeres.

A tese tem como objetivo identificar possibilidades de inserção do tema usos de bebidas alcoólicas em grupos de educação sexual com adolescentes, a partir da análise sobre como se dão as associações entre as experiências de consumo de álcool e as experiências sexuais, considerando também que prazeres estão presentes nessas experiências e como o diálogo sobre os significados atribuídos aos prazeres atualmente pode ser integrado nas abordagens educativas. Os capítulos da tese foram organizados com base nesse objetivo:

- No primeiro capítulo, **Entre controles e descontroles**, discutiremos os pontos de intersecção entre os temas bebidas alcoólicas, sexualidade e prazer;
- No segundo capítulo, **Entre o copo e os lábios**, serão abordadas as experiências de consumo de álcool e as diferentes perspectivas de estudo sobre os fatores culturais presentes nessas experiências;
- O conceito de sexualidade e as diferentes perspectivas teóricas e políticas serão tema do terceiro capítulo, **Entre verdades e desafios**;

¹⁴ Minha atuação na realização e supervisão de grupos de educação sexual com adolescentes teve início em 2010, com a experiência relatada no artigo **Entre expectativas, receios e surpresas: bastidores de um projeto de educação sexual com adolescentes** (PASTANA; PEREIRA; MEIRA; MAIA, 2011). Outros relatos foram apresentados nos textos publicados em 2017 na coluna em que escrevo mensalmente sobre sexualidade e gênero para o site **Psibr**. Disponível em: <https://psibr.com.br/colunas/sexualidade-e-genero/marcelapastana?limit=10&start=10>. Acesso em: 02 de abril de 2018.

- Pesquisas sobre a combinação entre experiências de consumo de álcool e experiências sexuais serão discutidas no quarto capítulo, **Entre enigmas e roteiros**;
- No quinto capítulo, **Entre prazeres**, discutiremos sobre os significados conferidos aos prazeres atualmente;
- As abordagens educativas sobre o álcool, o consumo de álcool entre adolescentes e a inserção do álcool no quadro mais amplo das substâncias lícitas e ilícitas serão discutidos no sexto capítulo, **Entre proibições e incitações**;
- Materiais educativos voltados à prevenção dos usos de bebidas alcoólicas entre adolescentes serão analisados no sétimo capítulo, **Entre possibilidades**, com o objetivo de identificar e discutir como os temas usos de álcool, sexualidade, gênero e prazer são abordados pelos materiais;
- No capítulo final, **Entre encontros**, serão abordadas possibilidades de inserção do tema usos de bebidas alcoólicas na atuação em grupos de educação sexual;

A inquietação que deu início a esta pesquisa emerge com a percepção de que, quando os temas sexualidade e bebidas alcoólicas são abordados, muitas vezes a construção das propostas educativas é acompanhada pela demanda de que a ênfase seja em consequências negativa, atravessada por expectativas de contenção.

No contexto escolar, é recorrente que os riscos sejam um foco privilegiado: Para falar sobre sexualidade, advertências sobre a possibilidade de contração do HIV e de outras infecções sexualmente transmissíveis, assim como da ocorrência de uma gravidez não planejada. Para falar sobre bebidas alcoólicas, advertências de como há acidentes, mortes, problemas de saúde a curto prazo e a longo prazo decorrentes dos usos de álcool. Nas escassas oportunidades em que os temas se combinam, o teor de advertência também é esperado: falar sobre sexualidade e álcool é alertar que, quando bebem, muitas pessoas não usam o preservativo.

Informações sobre cuidados com a saúde e sobre como esses cuidados podem evitar ou minimizar consequências prejudiciais são, sim, fundamentais, tanto no que se refere às experiências de consumo de álcool e outras substâncias psicoativas, quanto no que se refere às experiências sexuais. No entanto, há muitos outros fatores presentes nessas experiências, que são silenciados quando há a ênfase recai exclusivamente nos riscos e danos.

É também necessário que os esclarecimentos sobre sexualidade e sobre os usos de bebidas alcoólicas abranjam, mas não se restrinjam, às explicações biológicas. Os corpos, os desejos e as experiências sexuais envolvem muito mais que os órgãos genitais e os órgãos reprodutivos, assim como as experiências de consumo de bebidas alcoólicas envolvem muito mais que os efeitos da ingestão no fígado e no sistema nervoso central.

Como afirma Carole Vance (1995) pensarmos apenas no corpo como organismo é como nos propormos a discutir música e informarmos apenas sobre o aparelho auditivo, como se as experiências musicais não envolvessem dimensões diversas de criação e de fruição artística.

Em uma analogia parecida, Antonio Escohotado (2010) argumenta que descrevermos as experiências de consumo de álcool e de outras substâncias psicoativas apenas em termos fisiológicos é o mesmo que restringirmos os prazeres das melodias a uma sistematização sobre quais são os movimentos que um(a) pianista faz com os dedos diante de seu piano.

Torna-se importante, assim, situarmos nossa compreensão sobre a possibilidade de inserção do tema usos de bebidas alcoólicas em grupos de educação sexual como uma proposta de ir além de descrições sobre as características dos corpos e dos conteúdos dos corpos, considerando como, entre copos e corpos, são muitas as experiências e significados que requerem atenção, que podem ser dialogados levando em consideração os contextos vividos e as concepções trazidas pelos(as) participantes, de forma que as informações e conhecimentos transmitidos possam ser aliados ao reconhecimento de como expectativas, desejos, ansiedades, curiosidades e prazeres estão presentes em como as experiências sexuais e as experiências de consumo de álcool podem ser imaginadas e vividas. Como ponto de partida, é possível afirmarmos que a proposta de abordar a associação entre usos de bebidas alcoólicas e sexualidade se insere nos propósitos mais amplos da atuação em educação sexual, como:

Estabelecer o diálogo aberto e contínuo, com a transmissão de informações e conhecimentos científicos e com a promoção da reflexão crítica sobre estereótipos e preconceitos de modo a contribuir para o reconhecimento das diversas formas de ser, sentir, desejar, agir e se relacionar. Ampliar o olhar para o mundo; estimular o desejo de aprender, conscientizar sobre os direitos e sobre formas de buscar garanti-los, promover relações pautadas no respeito, valorização das diferenças e no prazer em conhecer e em construir condições melhores para o desenvolvimento de todos(as) (...) (PASTANA; SPOSITO, 2016, p. 312).

Com o objetivo de analisar como o tema usos de bebidas alcoólicas é abordado em materiais educativos elaborados para abordagens preventivas com adolescentes e jovens, foi realizada uma pesquisa qualitativa-descritiva documental, por meio da análise de conteúdo de dez materiais educativos voltados para adolescentes e jovens ou para profissionais que atuam com adolescentes e jovens.

Os objetivos específicos foram:

- (a) Identificar que assuntos são abordados nos materiais sobre bebidas alcoólicas, como a abordagem se dá e quais são as finalidades apresentadas;
- (b) Identificar se os aspectos prazerosos das experiências relacionadas ao consumo de bebidas alcoólicas são abordados pelos materiais e, caso sejam, analisar como;
- (c) Identificar se a associação entre sexualidade e bebidas alcoólicas é abordada pelos materiais e, caso seja, analisar como;
- (d) Identificar se a associação entre padrões de gênero e bebidas alcoólicas é abordada e, caso seja, analisar como;
- (e) Analisar se há influência dos padrões de gênero em como tema consumo de bebidas alcoólicas é abordados pelos materiais educativos e, caso seja, analisar como.

Para a seleção dos materiais de análise, foi realizado um levantamento dos materiais disponibilizados ou recomendados entre os anos de 2015 e 2017 nas páginas eletrônicas do Ministério da Educação¹⁵, do Ministério da Saúde¹⁶, da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas- SENAD¹⁷ (vinculada ao Ministério da Justiça), do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas- CEBRID¹⁸ (vinculado à SENAD) e do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência- PROERD¹⁹, promovido pela Polícia Militar²⁰. Mais informações sobre os materiais selecionados serão apresentadas no capítulo sete, direcionado à análise desenvolvida.

¹⁵ Disponível em: <http://www.mec.gov.br/>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

¹⁶ Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

¹⁷ Disponível em: <http://www.justica.gov.br/sua-protecao/politicas-sobre-drogas>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

¹⁸ Disponível em: www.cebrid.epm.br/. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

¹⁹ Disponível em: <http://www.proerdbrasil.com.br/>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

²⁰ Mais informações sobre os procedimentos de escolha dos materiais analisados e sobre os critérios de seleção são apresentadas em [apêndice](#).

Enquanto uma tese se tece, muito acontece e muito nos mobiliza, nos indigna, nos entristece, processos que podem ser explicitados ou não no que se escreve, mas de qualquer modo permeiam como nossas escolhas se constroem e como o texto se forma, se transforma e nos transforma.

Em quatro anos, foram muitos os momentos em que escrever parecia tão pouco, mas mesmo que parecesse tão pouco, ainda era algo que se abria em termos de alcance, em termos de buscar registrar em palavras o que parece inassimilável, considerando como o silenciamento em torno de questões de imensa violência precisa ser rompido para que a tão desafiante ruptura das condições que levam à violência torne-se possível.

Gostaria de mencionar alguns desses momentos, começando por um que ocorreu nos primeiros meses e concluindo com outro que acaba de acontecer, enquanto as linhas finais da introdução são escritas.

No primeiro dia de agosto de 2014, primeiro mês da realização desta pesquisa, uma adolescente de 17 anos estava em uma festa do aniversário de Bauru, cidade em que moro. Após o show de comemoração promovido pela prefeitura, a adolescente encontrou um vizinho, que lhe ofereceu carona. Quando chegou ao espaço onde o carro estaria estacionado, outros dez homens estavam esperando. Ela foi estuprada. Não foram poucas as abordagens que questionavam: não era tarde para estar na festa? por que ela estava sozinha? havia bebido? havia usado outras substâncias? por que aceitou a carona? Diante da informação de que ela havia trocado mensagens com alguns dos rapazes, foram muitas as acusações: por que ela diz que foi estuprada, se provocou? como alguém que não quer sexo com dez homens troca mensagens com mais de um? Como se paquerar, demonstrar interesse, desejar envolver-se fosse o mesmo que desejar sofrer uma violência, algo absurdo, como o termo que tantas pessoas usam, o de *merecer* ter sido estuprada. Enquanto o estupro é descrito como *merecido*, a voz das mulheres que sofrem cotidianamente com violências sexuais e outras formas de violência é desmerecida, deslegitimada, silenciada. Destaco, como exemplo, os trechos a seguir de uma matéria do jornal **Estadão**, em que já no anúncio do tema há um teor de incredulidade: **V. de versões: no suposto estupro coletivo de uma adolescente de 17 anos, cada lado tem sua narrativa** (ESTADÃO, agosto de 2014, s/p, grifos nossos)²¹:

Ela diz não dormir direito há dias. Diz que vira pra lá e pra cá na cama, acorda assustada de madrugada por causa dos sonhos – pesadelos, na verdade. Diz não

²¹ Disponível em: <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral.v-de-versoes.1551958>. Acesso em: 25 de março de 2018.

comer direito, pois logo de manhã o coquetel de remédio lhe embrulha o estômago. Diz não sair mais de casa. Diz só querer esquecer.

Quem diz é V.E.S.S., uma estudante de 17 anos que diz ter sido estuprada (...).

Por que a palavra “diz” foi repetida tantas vezes na construção do relato da adolescente? Por que palavras sobre experiências de dor, de susto, de desejo de esquecer uma violência sofrida são anunciadas como uma versão, como um lado da narrativa? Sim, quando uma denúncia ocorre, precisa ser investigada. Mas ao noticiar sobre uma denúncia um veículo de comunicação já transmite a necessidade de investigação com a própria palavra “denúncia”, sem que sejam necessários tantos recursos discursivos para enfatizar que seria a versão de quem denuncia. Trata-se de um mecanismo que desencoraja muitas das pessoas que sofreram violência a buscarem seus direitos, considerando como ser alvo de descrédito, de desconfiança e de deslegitimação corresponde a novas violências que se adicionam ao movimento que já é tão difícil e doloroso de falar em voz alta sobre uma violência sofrida²².

Não há uma repetição tão incisiva de verbos que aludem ao fato de tratar-se de uma entre as versões possíveis quando as falas em questão são da delegada responsável e do advogado que defende alguns dos acusados, como é possível notar nos trechos a seguir, em que as aspas são o principal recurso utilizado:

(...) “O sexo aconteceu, mas os suspeitos alegam que foi consentido. Há evidências que contradizem a tese da vítima, como a versão das testemunhas e do laudo médico, que não constatou lesão e hematomas na adolescente. A polícia concluiu a investigação, mas ainda é preciso incluir o laudo psicológico, o laudo médico e a análise de um celular, em que estariam fotografias da vítima nua. Segundo os meninos, a menina enviou fotografia para seduzi-los. Se foi estupro ou não, é o Judiciário que decidirá”, considera a delegada. “(...) Talvez ela quis o sexo, depois se arrependeu, ficou com medo de brigar com os pais. Há várias hipóteses. A história narrada pela menina não foi provada, mas até agora ela não mudou a versão”, pondera Priscila [nome da delegada responsável].

“(...) a imputação dessa menina é gravíssima e leviana, provocando a prisão de um rapaz inocente por 11 dias”, critica o advogado (...).

Enquanto as informações dadas pela adolescente em entrevista são apresentadas no início da matéria, as falas da delegada e do advogado são apresentadas em uma segunda sessão, com o subtítulo “Outros lados”. É lamentável, no texto, tanto quanto a pretensa neutralidade é utilizada para justificar que o que diz a adolescente não seja

²² No texto “**Ninguém pode ouvir você!**” – **Sobre a importância da escuta em situações de violência**, discuto com maior especificidade como são frequentes reações de desqualificação e culpabilização quando mulheres que sofreram violência decidem denunciar e buscar seus direitos. Disponível em: <https://psibr.com.br/colunas/sexualidade-e-genero/marcela-pastana/sobre-a-importancia-da-escuta-em-situacoes-de-violencia>. Acesso em: 29 de março de 2018.

expresso com cuidado e seriedade, quanto como as falas mencionadas podem levar a interpretações culpabilizantes, reforçando padrões assimétricos e violentos. Tirar fotos nua, enviar fotos e ter atitudes que podem ser interpretadas como sedução não são crimes. Estuprar, sim. Ainda que as fotos tenham existido, ainda que as interações de sedução tenham acontecido, sexo sem consentimento é estupro, mesmo quando não há hematomas nem lesões na pessoa estuprada. A afirmação de que “(...) até agora ela não mudou a versão”, ilustrativa da expectativa de que mude, demonstra como precisamos avançar, e muito, como são muitas as mobilizações e discussões necessárias para que a ausência de consentimento seja reconhecida como o que ela de fato é: uma violência. A construção de espaços em que violências sejam reconhecidas como violências requer, como demonstra o teor culpabilizante da matéria, o enfrentamento à desvalorização e do silenciamento de desejos que não correspondem aos padrões.

Ir a festas, dançar, beber, paquerar, desejar sexo, fazer sexo são experiências que podem ser prazerosas para muitas pessoas, inclusive mulheres. Para que sejam prazerosas, é preciso que sejam escolhas, não imposições. Enquanto o estupro for ponderado como uma violência para algumas pessoas, mas como uma forma de sexo em que houve um mal-entendido, para outras, em “outras versões”, precisamos nos posicionar, nas oportunidades que encontrarmos e naquelas que possamos criar, na afirmação de que a voz das mulheres, os desejos das mulheres, os prazeres das mulheres e os direitos das mulheres e de todas as pessoas não são só algo sobre o que “ouvimos dizer”, mas são legítimos, são potentes, são vitais e precisam ser respeitados e reconhecidos, não como questões menores, íntimas e relegadas à esfera individual, mas como fundamentais, como expressa o lema feminista que persiste importante e precisa ser repetido: “O pessoal é político!”.

“O pessoal é político” é uma frase norteadora em meio às tantas formas com que a violência sexual, a violência de gênero e outras formas de violência têm sido naturalizadas e gerado tantos sofrimentos e opressões.

“Não te estupro porque você não merece”²³, foi uma frase dita pelo deputado Jair Bolsonaro para a deputada Maria do Rosário, ao reagir ao discurso feito por ela contra a ditadura militar e em defesa da Comissão da Verdade. A frase foi repetida em dezembro de 2014, após ter sido falada pela primeira vez em uma discussão no corredor da Câmara

²³ Mais informações podem ser encontradas no texto **Bolsonaro e a violência contra a mulher na política**. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-e-a-violencia-contra-a-mulher>. Acesso em: 25 de março de 2018.

em 2003. Torna-se ainda mais importante destacarmos quanta violência há nesta frase ao considerarmos como hoje, em 2018, ano em que estão previstas eleições presidenciais, Jair Bolsonaro tem ganhado espaço entre as intenções de voto, indicando como os embates que viveremos requerem força redobrada para a reflexão sobre a crise de valores que temos enfrentados e sobre quais valores desejamos que sejam defendidos. Como afirma Afonso Mancuso de Mesquita (2018, p. 5-6):

(...) Quando um deputado federal brasileiro (o mais votado de seu estado em 2016) sugere que não estupraria uma colega, também deputada federal, porque ela “não merece”, motivo pelo qual ele é hoje réu no STF, ele rompe uma fronteira. Quando o mesmo senhor elogia tortura em rede nacional, ele rompe outra fronteira. Ao incitar o estupro e à tortura, ele finalmente abre a voz despidorada da defesa aberta à violência. Se o problema fosse ele como indivíduo, não seria necessária tanta preocupação, mas não é essa a questão. Ele representa um grupo lamentavelmente cada vez mais amplo, como queremos enfatizar (...). Hoje, defender direitos iguais a todas as pessoas é algo difícil, pois há um crescente grupo social que esnoba dessa defesa como algo desprezível. Se isso não tem tom de absurdo aos nossos ouvidos, é porque nossa sensibilidade está calcificada e não podemos seguir ignorando essas questões do ponto de vista da psicologia e da educação (...).

Por como hoje defender direitos iguais a todas as pessoas é algo difícil, torna-se ainda mais importante, torna-se ainda mais necessário. Para que as sensibilidades não se calcifiquem, para que sensibilidades já calcificadas possam ser transformadas, o diálogo sobre as desigualdades e violência, ainda que encontre tantas resistências, precisa acontecer, precisa se multiplicar.

Durante os quatro anos de construção da tese, as questões de gênero, relacionadas às muitas desigualdades e violências com que nos deparamos hoje, receberam intensa atenção no Brasil. Infelizmente, essa atenção não foi predominantemente no sentido na construção de mais espaços de diálogo e de luta por direitos, mas sim, foi concentrada em embates entre grupos que exigiam a retirada das questões relacionadas a gênero e orientação sexual²⁴ dos currículos escolares e grupos que resistiram, que persistem resistindo, defendendo como não há como construirmos relações e valores mais igualitários se as inúmeras discriminações, exclusões e violências que atravessam os cotidianos não forem dialogadas e enfrentadas em espaços educativos.

²⁴ O elemento disparador de muitos desses embates foi a exigência da retirada do conceito de gênero dos Planos de Educação em âmbito nacional, nos estados e nos municípios, com a acusação de que a abordagem sobre gênero seria uma espécie de “doutrinação ideológica”. Abordo o processo com maior especificidade no capítulo **Por que precisamos do debate sobre gênero nas escolas?** (PASTANA, 2017).

Foram muito presentes, nesses quatro anos, as pressões por silenciamento. Muitas das pressões por silenciamento foram acompanhadas pela defesa de uma pretensa neutralidade²⁵. Enquanto muitos grupos se organizaram por silenciamento, houve também organizações contrárias, como o vivo movimento de estudantes nas escolas lutando pela educação²⁶.

Em 2018, no dia 08 de março, Marielle Franco, vereadora pelo Psol do Rio de Janeiro, publica em sua página no Twitter: “Mesmo no Dia Internacional das Mulheres, temos números difíceis de lidar. O número de mulheres assassinadas por serem lésbicas aumenta a cada ano. Em 2017, houve 1 lesbocídio por semana (...)”. No dia 13 de março, denuncia e questiona: “Mais um homicídio de um jovem que pode estar entrando para a conta da PM. Matheus Melo estava saindo da igreja. Quantos mais vão precisar morrer para que essa guerra acabe?”²⁷. No dia seguinte, na volta de um debate que participou com o tema “Jovens negras movendo estruturas”, o carro de Marielle foi parado, nove cápsulas foram disparadas. Marielle foi executada. Anderson Pedro Gomes, motorista que dirigia o carro em que Marielle estava, também foi assassinado²⁸.

Marielle Franco, nascida na favela da Maré, mulher, negra, casada com Mônica Tereza Benício, mestra em administração pública e ativista pelos direitos humanos: quando dizemos “Marielle, presente!”, desejamos que em nossas lutas se repercuta e persista toda a vida de sua trajetória de denúncia à violência policial, de defesa dos direitos humanos, dos direitos sexuais e reprodutivos e pelo enfrentamento ao racismo,

²⁵ Refiro-me ao movimento “Escola sem Partido” que, em diferentes propostas formuladas para projetos de leis de federais, estaduais e municipais, defende o veto a discussões sobre sexualidade, gênero e outras questões relacionadas às desigualdades nas escolas com o argumento de que tais discussões desrespeitariam os valores morais familiares e violariam uma suposta “neutralidade”, nome dado ao apagamento de questões políticas como as lutas por direitos.

²⁶ No artigo **É política sim, Geraldo**, Eliane Brum (2015) refere-se à afirmação feita pelo governador do Estado de São Paulo Geraldo Alckmin de que os protestos pela educação seriam uma “ação política”, como se tal descrição os desqualificasse. Os protestos discutidos por Brum (2015) referem-se a como estudantes se mobilizaram contra a imposição da reorganização escolar, que fecharia 90 escolas remanejando mais de 300.000 alunos(as). Com as ocupações das escolas e outras formas de luta, o projeto de reorganização foi interrompido. Em outros estados também aconteceram ocupações em escolas como forma de luta de estudantes pela educação. O texto está disponível na página: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/07/opinion/1449493768_665059.html. Acesso em: 29 de março de 2018.

²⁷ A página de Marielle Franco no twitter pode ser visitada no endereço: <https://twitter.com/mariellefranco?lang=en>. Acesso em: 25 de março de 2018.

²⁸ Mais informações podem ser encontradas na notícia **Mulher, negra, favelada, Marielle Franco foi de ‘cria da Maré’ a símbolo de novas lutas políticas no Rio**, publicada pela BBC Brasil. Disponível em: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/noticias-violencia/mulher-negra-favelada-marielle-franco-foi-de-cria-da-mare-simbolo-de-novas-lutas-politicas-no-rio/>. Acesso em: 17 de março de 2018.

as desigualdades sociais e às muitas formas de violência, inclusive a violência sexual e de gênero.

Pensarmos questões como sexualidade, gênero e prazer como associadas ao campo dos direitos a serem garantidos e promovidos é um movimento que atravessará a realização desta tese. Nesse sentido, gostaríamos de encerrar esta introdução com a discussão apresentada por Marielle Franco (2015) na dissertação **UPP – a redução da favela a três letras: uma análise da política de Segurança Pública do estado do Rio de Janeiro**, com a pesquisa sobre como o combate ao tráfico de substâncias ilícitas é utilizado como justificativa para políticas estatais que cerceiam a vida cotidiana de muitas pessoas, como as incursões policiais em favelas. Diante da precariedade de condições no que se refere a direitos básicos, a intensificação do policiamento e as ocorrências de violência que o acompanham (com a morte de tantas pessoas pela violência policial, principalmente pessoas pobres e negras, todos os dias, sem que essas mortes sejam devidamente investigadas ou mesmo tratadas com reconhecimento e respeito) está à serviço da incitação do medo, sem que aconteçam alterações efetivas de proteção e promoção de cidadania prometidas pelas medidas que recebem o nome de “pacificação”, em que a permanência militar defendida como uma estratégia de *guerra às drogas* revela-se, como analisa a autora, como uma “guerra aos pobres” (FRANCO, 2015, p. 74). Marielle defende:

(...) nas favelas e periferias (...) a presença do policiamento ostensivo traz risco permanente e medo para os moradores. Isso, no entanto, é um sentimento de uma realidade que apresenta a questão de segurança apenas pela força e não por meio de políticas públicas que apostem na mobilidade, no encontro dos corpos, na participação e na ocupação das ruas. Essa situação gera desigualdades cada vez mais profundas no tratamento dado aos moradores desses diversos territórios que compõem a cidade.

O fundamental, ao se pensar em uma política de segurança cidadã, está em manter o foco em investimentos em iluminação, pessoas nas ruas, praças ocupadas, esquinas de encontro, atividades públicas de esporte e lazer, como demonstrações de práticas de segurança pública. Políticas públicas nesse campo devem predominar nas ações das várias instâncias do Estado (no caso do Brasil, prefeituras, estados federativos e nível federal) (...) (FRANCO, 2014, p. 24).

É com o reconhecimento da importância política dos encontros que Marielle propõe medidas em segurança que visem a garantia e a promoção de direitos. É com o reconhecimento da importância política dos encontros que desejamos iniciar e desenvolver esta tese.

Capítulo 1

Entre controles e descontroles

Uma experiência de prazer, de mudança, com alterações nos corpos, nas sensações. Uma experiência de intensidade, de expansão, de rompimento ou suspensão de como os momentos e relações são corriqueiramente percebidos. Uma experiência que pode ser de encontro, ou de fuga; que pode ser de troca, ou de distanciamento; que pode ser um sair de si, ou um mergulhar em si.

Uma experiência que pode ser arriscada, trazer consequências imprevistas, se as pessoas envolvidas deixaram de tomar alguns cuidados ao agirem de forma impulsiva, levadas pelos excessos. Uma experiência em que o prazer imediato sentido pode levar a esquecer do depois, já que os possíveis arrependimentos futuros não são mais fortes que o calor do momento. Uma experiência em que há outra forma de lidar com as escolhas, com o que é consciente ou não, com o que é intencional ou não, com o voluntário, o involuntário, os desejos.

Uma experiência que antes de acontecer pela primeira vez, ou mesmo depois, nas vezes seguintes, quase não é conversada, ainda que sejam muitas as expectativas e curiosidades em torno do silenciado. Quando alguma conversa ocorre, é comum que os elementos mencionados sejam apenas os riscos, há preocupações. Uma experiência que requer cuidados, uma experiência que geralmente envolve sensações agradáveis, excitações, momentos positivos. Entre o quanto pode ser divertido e o tanto que é advertido, uma experiência em que há muito a ser investigado, discutido.

Os parágrafos acima podem ser lidos enquanto imaginamos experiências relacionadas à sexualidade, assim como experiências relacionadas às bebidas alcoólicas. Possíveis prazeres, possíveis riscos, possíveis desejos, possíveis ansiedades, possíveis estimulações, possíveis preocupações...

Entre copos, corpos e os diferentes encontros, os diferentes pontos de intersecção, esta tese começa por um deles: a possibilidade de que o diálogo aconteça.

Consideramos os espaços educativos como propícios para rompermos a escassez desses diálogos, com a possibilidade de abordarmos questões relacionadas à sexualidade, ao álcool, às associações entre sexualidade e álcool. Outro elemento, tantas vezes valorizado, tantas vezes silenciado, também será tema de nossas discussões: o prazer. Buscaremos, neste capítulo sobre bebidas alcoólicas, sexualidade e prazer, apresentar alguns conceitos e relações que nos acompanharão nos demais capítulos.

1.1 A embriaguez dos sentidos e os sentidos da embriaguez

O que é a embriaguez? Dizemos que uma pessoa está embriagada quando está sob efeito dos usos do álcool ou de alguma outra substância, mas também é possível dizer que embriagou-se de euforia, de excitação, de paixão, de fúria, de inspiração artística²⁹.

Arrebatamento, transbordamento, intensidade: a embriaguez pode ser pensada como uma combinação entre excitabilidade e relaxamento, entre a potencialização e a suspensão dos sentidos, entre uma imersão em si e um sair de si.

A palavra ebriedade deriva do latim *ebrius*, que, por sua vez, vem do grego *brúo*, cujo significado, segundo Henrique Carneiro (2010, p. 12), refere-se à: “brotar, surgir, saltar. Crescer em abundância. Ferver, fermentar, embriagar-se. Fazer crescer, brotar, produzir”, ou seja, diferentes significados que remetem a algo que transforma, que irrompe, que dá origem ao novo.

Há muitos sentidos para as experiências de alteração dos sentidos. Em outras palavras, sentidos extáticos não são sentidos estáticos.

E o que é o êxtase? O vocábulo deriva do verbo grego *ex-istáno*, relacionado à ação de deslocar, levar para fora, afastar, mudar. Um descentramento, um “sair de si”, nas palavras de Néstor Perlongher (1991, p.1)³⁰.

Como as emoções, sensações e percepções são corriqueiramente experimentadas? Como as emoções, sensações e percepções podem ser temporariamente modificadas? Como as modificações, buscadas e experimentadas, se relacionam a vias de alívio de dores e de intensificação de prazeres? Como conhecermos sobre os descontroles que são associados às experiências de sair de si nos traz pistas para conhecermos os controles vinculados ao domínio de si? – são algumas questões importantes quando estudamos sobre a embriaguez, a ebriedade, o êxtase.

Há momentos em que a embriaguez é celebrada como bem-vinda abertura, outros em que é condenada como destrutivo excesso. Mais uma vez é preciso reconhecermos como não se tratam de sentidos estáticos.

²⁹ Como ilustram os versos do poeta francês Charles Baudelaire (1896/1995) no poema **Embriaguem-se**: “É preciso estar sempre embriagado. Aí está: eis a questão. Para não sentirem o fardo horrível do Tempo, que verga e inclina para a terra, é preciso que se embriaguem sem descanso. Com quê? Com vinho, poesia ou virtude, a escolher. Mas embriaguem-se”.

³⁰ No capítulo **Droga e êxtase**, Perlongher (1991, p. 1) coloca questões como: “Para onde se sai quando não se está? Aonde se está quando se sai?” como disparadoras para a compreensão de experiências extáticas.

Henrique Carneiro (2010, p. 13), ao referir-se ao estudo sobre a embriaguez alcoólica no livro **Bebidas alcoólicas, abstinência e temperança na História Antiga e Moderna**, diz:

(...) Mais do que apenas uma história dos produtos, a história da embriaguez deverá ser uma história das ideias, assim como das práticas, dos atos e dos discursos, dos gestos e das palavras. O corpo ébrio seria, antes de tudo, o que ele faz ou deixa de fazer, a sua conduta mais ou menos razoável, a sua disposição de ceder mais ou menos controladamente aos seus impulsos e às suas vontades e a sua forma de ritualizar coletivamente esse desprendimento. Ou, antes de tudo, o corpo ébrio seria o que dele se pensa e se escreve, se censura ou se aprova? (CARNEIRO, 2010, p. 13).

As dinâmicas entre controles e descontroles, entre o voluntário e o involuntário, entre o público e o íntimo, entre censuras e desinibições expressam aspectos das experiências de embriaguez, assim como das culturas em que as experiências de embriaguez ocorrem. A seguir, elencaremos alguns exemplos de alterações de sentidos para abordarmos diferentes sentidos atribuídos em diferentes contextos e momentos.

- **Exemplo 1:** Na Grécia Antiga, momentos de furor, frenesi e irrupções são valorizados e promovidos em rituais que celebram a transição da natureza pela cultura, da passagem das forças selvagens à domesticação, do transbordamento do transe ao controle da consciência. Dança, sexo e usos de uma substância psicoativa derivada de uma fruta são traços marcantes desses rituais, que foram oficializados no século VI a. c.
- **Exemplo 2:** Debates sobre questões políticas e filosóficas eram eventos importantes das cidades-estado gregas, realizados em banquetes, também chamados de simpósios, nos quais os homens cidadãos se reuniam para exercerem o que consideravam uma função cívica fundamental: expressarem e discutirem publicamente suas ideias. Havia um responsável por conduzir o debate e também para regular o consumo da substância psicoativa consumida, considerando como o controle dos excessos era representado como um emblema do exercício de civilidade.
- **Exemplo 3:** Entre povos celtas e germânicos no período clássico, entorpecer-se com substâncias psicoativas antes, durante e depois de conflitos bélicos era considerado algo heroico. Havia uma substância psicoativa que era considerada como produto de primeira necessidade para as batalhas, compreendida como fundamental para dar força e coragem.

- **Exemplo 4:** Cereais, leguminosas, tubérculos, frutas e cogumelos são usados por tribos nas Américas para produzirem uma substância psicoativa para uso ritual. A mais comum é uma substância à base de mandioca que, preparada com a saliva das mulheres indígenas, é consumida por todas as pessoas da tribo em rituais chamados cauinagens.
- **Exemplo 5:** No período da escravidão, as viagens que transportavam homens e mulheres escravizados da África para o Brasil eram longas e cansativas. Tornou-se hábito, assim, o oferecimento de uma substância psicoativa que auxiliava na atenuação da fome, da exaustão e do frio que enfrentavam na travessia. O investimento em tal substância para as navegações era mais alto do que o feito em armas.
- **Exemplo 6:** No século XVIII, no Brasil, o crescimento dos centros urbanos e a expansão da industrialização foram acompanhados por uma maior preocupação com a manutenção da ordem social. O consumo de uma substância psicoativa ocupou uma posição central nas tentativas de contenção da população, por ser associado à indisciplina e à ociosidade, com o aumento da repressão policial à chamada “vadiagem”, que tornou-se uma contravenção prevista do Código Penal que poderia ter como pena até cinco anos de prisão.
- **Exemplo 7:** No final do século XIX, tornaram-se numerosos nas cidades dos Estados Unidos estabelecimentos frequentados por homens operários, nos quais muitos passavam boa parte do tempo e gastavam boa parte do dinheiro que ganhavam com o consumo de uma substância psicoativa. Tais estabelecimentos começaram a ser vistos como uma ameaça às famílias, o que motivou a organização de grupos de mulheres para combatê-los. Em 1874, centenas de milhares de mulheres reuniram-se em um protesto combinado com procissão, que culminou no fechamento de cerca de 30 mil desses estabelecimentos, em uma mobilização que foi marcante para o impulsionamento do proibicionismo.
- **Exemplo 8:** Na década de 1930 foi fundado um grupo nos Estados Unidos com base na compreensão do vício em substâncias psicoativas como uma doença física, mental, moral e espiritual, que faz com que a pessoa que tem a doença perca o controle sobre o próprio consumo da substância e também sobre a própria vida. O grupo existe até os dias de hoje, difundido em mais de 150 países.

- **Exemplo 9:** Na década de 1990, na Europa, crescem os festivais de música eletrônica que são predominantemente realizados ao ar livre com pessoas jovens e recebem o nome de *raves*. Nesses festivais houve o aumento do consumo de uma substância psicoativa entre jovens, o que despertou preocupações na elaboração de políticas públicas desde então, principalmente por como seu uso se dá predominantemente em grandes quantidades e em breves períodos de tempo.
- **Exemplo 10:** Em 2015 no Brasil, na cidade de Bauru, aconteceu a morte de um estudante em uma festa universitária, durante uma competição na qual venceria quem consumisse uma grande quantidade de uma substância psicoativa, ingerida a cada 60 segundos. Além do jovem que morreu em decorrência da quantidade consumida, outras três pessoas foram hospitalizadas em estado grave, o que gerou preocupações das políticas públicas locais em relação à naturalização do consumo excessivo da substância.

O que os exemplos apresentados têm em comum? A substância psicoativa a qual se referem é o álcool. Fermentados como vinho e cerveja, destilados como aguardente e vodka são algumas das bebidas às quais os exemplos se referem.

O vinho é a bebida alcoólica em questão nos dois primeiros exemplos, sobre os cultos dionisíacos³¹ e os simpósios gregos³². No terceiro, a substância valorizada por grupos celtas e germânicos como fonte de força e coragem para as batalhas é a cerveja³³. Cauim é uma das bebidas fermentadas consumida em rituais indígenas³⁴, como nas cauinagens do exemplo quatro. Nos navios que traziam pessoas escravizadas da África para as Américas, descritos no exemplo cinco, a substância psicoativa vista como de primeira necessidade por ser um recurso para o manejo do frio, da fome e da exaustão era a aguardente³⁵.

³¹ No apêndice 1: [A embriaguez dionisíaca](#) são trazidas mais informações sobre os significados atribuídos ao álcool na mitologia grega.

³² Mais informações são apresentadas no apêndice 2: [A embriaguez poética e filosófica dos simpósios gregos](#).

³³ As práticas de consumo de cerveja entre celtas e germânicos são abordadas no apêndice 3: [A embriaguez bélica entre os povos nórdicos](#).

³⁴ Os rituais com bebidas fermentadas entre povos nativos das Américas são apresentados no apêndice 4: [A embriaguez nas cauinagens indígenas](#).

³⁵ No apêndice 5: [A embriaguez entre a docilização e a revolta no período da escravidão](#), é discutido o importante papel que foi exercido pela aguardente no tráfico de pessoas escravizadas, nos engenhos e nos quilombos.

A repressão policial à embriaguez considerada como “vadiagem”, descrita no sexto exemplo, refere-se ao período de industrialização no Brasil, em que o crescimento do consumo de destilados³⁶ passou a ser visto como uma ameaça para as exigências de produtividade. O exemplo sete faz referência a um período próximo nos Estados Unidos, em que os estabelecimentos frequentados por homens operários, também chamados de “*saloons*”, nos quais a bebida consumida com mais frequência era a cerveja, foram combatidos por movimentos proibicionistas que viam no álcool uma substância perigosa com consequências prejudiciais para quem a consumia, para as famílias e para as relações sociais, movimentos que culminaram na proibição da comercialização de bebidas com a aprovação da Lei Seca³⁷.

No oitavo exemplo, a compreensão de que há uma doença física, mental, moral e espiritual que motivou a criação de grupos para auxiliar pessoas que sentem que perderam o controle sobre si e sobre as próprias vidas é a definição dada para alcoolismo pelos Alcoólicos Anônimos, grupo de ajuda mútua que tem crescido desde a década de 1930³⁸.

Os exemplos nove e dez referem-se a um padrão de consumo de bebidas alcoólicas que tem mobilizado a atenção na elaboração de políticas públicas, a prática de consumir muitas doses de álcool em curtos períodos de tempo, também chamada de consumo sessional ou consumo em “*binge*”, em referência ao termo em inglês “*binge drinking*”³⁹. A combinação com outras substâncias psicoativas, comum nas raves descritas no exemplo nove e a realização de competições sobre quem consome mais, como a relatada no exemplo dez, têm sido analisadas por como os excessos e os descontroles não são compreendidos como imprevistos, mas sim, associados ao prazer e à diversão, intencionalmente buscados e representados como desejáveis pela intensidade das sensações e das experiências de fruição, especialmente entre jovens⁴⁰.

³⁶ No apêndice 6: [A embriaguez concentrada e intensificada pela difusão dos destilados](#) são trazidas mais informações sobre os fatores que influenciaram no aumento do consumo.

³⁷ O contexto das reivindicações proibicionistas que culminaram na aprovação da Lei Seca nos Estados Unidos será apresentado no apêndice 7: [A embriaguez como um mal a ser erradicado: a construção histórica dos movimentos antialcoólicos](#).

³⁸ O histórico do grupo de ajuda mútua Alcoólicos Anônimos é apresentado no apêndice 8: [A embriaguez como sintoma da incapacidade de controlar-se: a construção histórica da noção de alcoolismo](#).

³⁹ A crescente valorização e difusão de práticas de consumo em grandes quantidades é discutida no apêndice 9: [A embriaguez como descontrole controlado](#).

⁴⁰ Para informações históricas sobre os usos de outras substâncias psicoativas ver apêndice [Da magia à farmacologia](#).

A celebração extática da transição da natureza selvagem para a cultura domesticada nos rituais dionisíacos; a demanda por autodomínio e a atribuição ao vinho de aferidor moral nos simpósios gregos; a importância dada à fartura comemorada com os excessos da embriaguez entre os povos nórdicos; a valorização dos efeitos alcoólicos como abertura para a experimentação da alteridade nas cauinagens indígenas; as representações negativas dos excessos alcoólicos como pecado, como imoralidade, como crime e/ou como doença: a partir dos exemplos elencados, é possível reconhecermos como as associações que predominam em uma determinada cultura à embriaguez são intensamente ligadas às concepções predominantes naquele contexto sobre as relações entre as pessoas e seus corpos, sensibilidades, percepções, impulsos e reações.

Quando o sair de si é tomado como uma experiência de expansão, a embriaguez tende a ser vista como bem-vinda, como uma forma de liberdade. Quando o controle de si é tomado como um valor, a embriaguez tende a tornar-se uma preocupação, como se a ebriedade fosse uma via de privação, de perda da liberdade, de perda de si.

1.2 Entre o sair de si e o domínio de si

O que é a liberdade? É possível nos concentrarmos, inicialmente, em duas definições possíveis:

- a liberdade como romper limites, transcender impedimentos, abrir novos possíveis, transformar, superar barreiras, opor-se ao que contém;
- a liberdade como o exercício de determinação, como ser capaz de definir-se, agir de acordo com as próprias vontades, decidir e planejar de acordo com as próprias intenções e ter condições para concretizá-las, para viver conforme as próprias escolhas.

Na segunda definição, a liberdade é algo muito próximo ao controle e, também, ao autocontrole. Na primeira, por outro lado, ser livre é ser livre inclusive para o que não podemos controlar, em uma abertura ao que não está e não pode estar sob controle⁴¹.

Os questionamentos sobre o que é a liberdade atravessam algumas concepções sobre as práticas de consumo de bebidas alcoólicas, tanto em formulações religiosas sobre o livre-arbítrio, quanto em formulações filosóficas, morais, assim como nas formulações

⁴¹ No artigo **Somos livres quando somos capazes de nos abrir ao que não controlamos?**, publicado em 2017 e na conferência **Repensar a liberdade depois do inconsciente**, realizada em 2018, Vladimir Safatle discute sobre as diferentes bases e decorrências dos diferentes conceitos de liberdade. Abordaremos mais sobre a questão no tópico **Que liberdades?**, no terceiro capítulo.

que emergiram mais recentemente com a construção da classificação médica do alcoolismo.

Com a formulação do alcoolismo como uma patologia, algumas proposições iniciais o definiam enquanto uma “doença da vontade”⁴²: ainda que a pessoa decidisse beber por livre escolha, o álcool seria uma substância potencialmente nociva, justamente por ser capaz de tornar a pessoa que bebe desprovida do poder de decidir, desprovida de livre-arbítrio.

No livro **Diseases of the will: alcohol and the dilemmas of freedom**⁴³, Mariana Valverde (1998) investiga como, no decorrer do século XX, nas formulações sobre os usos de substâncias e sobre os quadros aditivos, de uma forma geral, e sobre os usos de álcool, mais especificamente, a liberdade foi um conceito que ocupou um papel central, uma liberdade cada vez mais compreendida como associada ao controle de si, ao autodomínio, em um processo de progressiva cisão entre:

- os controles, associados ao campo da vontade racional, da dimensão volitiva e intencional das ações, da capacidade de dominar-se, de conter-se, de determinar-se;
- os descontroles, associados ao campo dos desejos irracionais, da dimensão impulsiva e involuntária das ações, da vulnerabilidade ao que não é possível controlar nem prever ou explicar racionalmente.

A dinâmica entre controles e descontroles expressa-se, assim, no embate entre a força de vontade e a força dos desejos. Caberia à vontade consciente, racional e intencional dominar os impulsos desejosos irracionais, domínio que requer um exercício contínuo, que só pode ser empreendido pela determinação da própria pessoa que o pratica.

A defesa da liberdade como livre-arbítrio, como demonstração da própria força de vontade, é comparada por Valverde (1998, p. 33) a uma espécie de “fisioterapia moral”: “Assim como os músculos que degeneram pela inatividade só podem ser reconstruídos por sua própria ação, também a cura para as doenças da vontade tem sido sempre pensada como baseada no exercício da vontade em si mesma (...)” (1).

⁴² No artigo **A fabricação do vício**, Henrique Carneiro (2002) apresenta como o médico Benjamin Rush, um dos signatários da Declaração de Independência e da Constituição dos Estados Unidos, foi um dos primeiros a sugerir, em 1798, que os problemas decorrentes do consumo de bebidas alcoólicas fossem considerados como uma doença e, mais especificamente, como uma “doença da vontade”.

⁴³ Tradução nossa: “Doenças da vontade: o álcool e os dilemas da liberdade”.

No artigo **Dependence and society**⁴⁴, Robin Room (1985) relaciona o percurso histórico do surgimento de conceitos como vício, adicção e dependência ao movimento histórico de crescente valorização dada ao autocontrole, a uma noção de individualidade cada vez mais atrelada à responsabilidade e aos esforços de cada pessoa em manejar e conter os próprios impulsos e desejos.

Para Room (1985), vício, adicção e dependência não são apenas conceitos que descrevem experiências, mas sim, são palavras que expressam mudanças em como as experiências passaram a ser compreendidas e vividas. Nas palavras do autor:

(...) é possível argumentar que tanto a ideia da adicção e a experiência existencial de perda de controle a que a ideia se refere são criações históricas de uma época em particular, refletindo uma organização particular da sociedade. (...) a ideia de uma doença como entidade marcada pela perda do controle do comportamento e então da vida de alguém, funcionou primeiro com o álcool e tem sido aplicado em muitos contextos tanto em níveis leigos quanto profissionais (ROOM, 1985, p. 5) (2).

Além das novas formulações sobre o vício, a adicção e/ou a dependência, entre o século XIX e o século XX tornou-se predominante a valoração negativa das experiências de alteração dos sentidos e das percepções conscientes, com a compreensão das experiências de “sair de si” como uma espécie de privação da liberdade. Como afirma Henrique Carneiro (2008, p. 22)⁴⁵ no artigo **Autonomia e heteronomia nos estados alterados da consciência**:

(...) Esse eixo condenatório da perda de si expressa a exigência do autocontrole, exacerbada desde o final do século XVI, quando toma forma acabada o projeto de construção do modelo de subjetividade, que permanece até hoje centrado numa autodisciplina introjetada, para a qual as técnicas disciplinares, como o aprimoramento confessional da Igreja e a regulamentação comportamental imposta pela Medicina, foram de indispensável valor.

O modelo de uma subjetividade individual, autocentrada, autoconsciente e encapsulada em si mesma é um modelo historicamente muito recente, que começou a ganhar seus contornos na época moderna, em contraposição a outros modelos, como os que atribuíam a forças místicas, sobrenaturais e/ou divinas a determinação e a definição sobre quem cada pessoa é e poderá ser.

⁴⁴ Tradução nossa: “Dependência e sociedade”.

⁴⁵ Carneiro (2008, p. 22) analisa como a condenação do “sair de si” nos últimos séculos se expressou tanto em relação às experiências de embriaguez via consumo de bebidas alcoólicas, quanto em relação a outras substâncias, como os alucinógenos, os excitantes e os narcóticos, enquanto substâncias consideradas como estimulantes para a consciência, como o café, o chá, o chocolate e o tabaco, receberam progressiva aceitação e difusão.

Apesar de historicamente tão recente, a experiência de uma subjetividade individual, privatizada, se dá muitas vezes como algo natural, como uma espécie de essência que nos habita. Como discutem Luis Cláudio Figueiredo e Pedro Santi (2004, p. 19-20):

Ter uma experiência da subjetividade privatizada bem nítida é para nós muito fácil e natural: todos sentem que parte de suas experiências é íntima, que mais ninguém tem acesso a ela. (...) Com frequência, sentimos alegrias e tristezas intensas e procuramos escondê-las. A possibilidade de mantermos nossa privacidade é altamente valorizada por nós e relacionada ao nosso desejo de sermos livres para decidir nosso destino. (...) Ainda com maior frequência, temos a sensação de que aquilo que estamos vivendo nunca foi vivido antes por mais ninguém, de que o que sentimos e pensamos é totalmente original e quase incomunicável. (...) Essa experiência de sermos sujeitos capazes de decisões, sentimentos e emoções privados só se desenvolve, se aprofunda e se difunde amplamente numa sociedade com determinadas características.

A construção histórica do modelo de subjetividade que predomina atualmente, ligado diretamente à consciência de si racional e autocentrada, é investigada por Luís Cláudio Figueiredo (2007) no livro **A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação (1500-1900)**, no qual o autor discute sobre como tal modelo só se tornou possível com a progressiva importância dada para o âmbito íntimo, privado⁴⁶.

No século XVIII, o individualismo foi fortalecido tanto por concepções iluministas, que enfatizam a igualdade e a liberdade; quanto por concepções do romantismo, que enfatizam as singularidades, as sensibilidades. É um período em que a separação entre público e privado se intensifica, com a representação do espaço doméstico como espaço por excelência das expressões íntimas de liberdade.

Já no século XIX ao liberalismo e ao romantismo é somado o regime disciplinar, como na concepção elaborada por Michel Foucault (1978). Utilidade, adaptação e controle tornam-se valores cada vez mais centrais.

Foi com a crescente importância dada pelo pensamento liberal à propriedade que emergiu a compreensão moderna de que o domínio de si, o domínio do próprio corpo, dos próprios pensamentos e das próprias emoções são condições para a liberdade, concebida como exercício individual de alguém que se distingue das demais pessoas e se responsabiliza pelas causas e consequências das próprias ideias, das próprias escolhas e

⁴⁶ Figueiredo (2007) investiga sobre esse processo de constituição e intensificação a partir da análise das mudanças ocorridas do século XVI ao XIX, desde a passagem da Idade Média para o Renascimento, marcada pelo enfraquecimento da visão do sagrado e pelo fortalecimento da importância dada aos conhecimentos científicos, passando pela noção de uma profundidade subjetiva alimentada pelo romantismo até chegar à difusão da ideologia liberal impulsionada pela Revolução Francesa.

das próprias ações. Próprio, própria, apropriar-se, propriedade, tornaram-se, assim, elementos-chave para as condições das experiências e significações da consciência de si.

Ao discutir sobre essa influência do pensamento liberal, Carneiro (2008, p. 73) afirma:

O debate sobre o que é “próprio” a cada um entrecruza-se, na época moderna, com a defesa liberal da propriedade como o valor que garante a inalienabilidade daquilo que é próprio a um indivíduo. Dentre esses direitos de “propriedade”, o primeiro e mais indeclinável é o da propriedade de si mesmo. (...) A posse de si mesmo exige o direito mais amplo à autonomia na determinação da interioridade, criando uma esfera íntima ou privada, considerada como algo que pertence e interessa apenas a cada indivíduo.

Além de influente nas formulações sobre o consumo de bebidas alcoólicas, a noção de uma subjetividade privatizada vinculada à propriedade é também marcante nas concepções formuladas desde então sobre a sexualidade.

No final do século XIX, o início da sexologia foi impulsionado pela proposta de transformar práticas e desejos sexuais em objeto de investigação científica, com a busca por explicar, descrever e classificar quais seriam os desejos e práticas sexuais *normais* e quais seriam os desejos e práticas sexuais *patológicos*. As classificações, desde o princípio, eram baseadas na compreensão de que as expressões da sexualidade consideradas desviantes deveriam ser foco de intervenções, de medidas regulatórias e preventivas, de controles.

As elaborações sobre a sexualidade são hoje um campo fértil para pensarmos sobre como são compreendidas as relações entre corpos, desejos, prazeres e identidades. Quando o corpo é tomado como algo que cada pessoa “tem”, como algo próprio a ser controlado, a sexualidade também é vista como “própria”, não apenas como algo que a pessoa “tem” mas também como propriedades que a definem, que revelam verdades sobre si⁴⁷.

Como afirma Leticia Sabsay (2016) no livro **The political imaginary of sexual freedom**⁴⁸, a associação entre sexualidade, identidade e verdade não é um meio apenas de conhecimento ou de reconhecimento, mas também de desconhecimento de si. Quando a sexualidade, o desejo e o corpo são imaginados como propriedades (*meu* corpo, *meu* desejo, *minha* sexualidade), há um hiato entre as expectativas de controle, unidade, estabilidade e coerência e o que é vivido e sentido nas relações. As experiências são

⁴⁷ A construção de diferentes concepções sobre a sexualidade será abordada no tópico **Entre definições e indefinições**, no terceiro capítulo.

⁴⁸ Tradução nossa: O imaginário político da liberdade sexual.

inevitavelmente mais abertas, conflituosas, instáveis e fragmentadas do que uma definição em torno do que é *próprio* permite expressar.

Por nos compreendermos enquanto individualidades distintas entre si capazes do exercício de uma liberdade também individual, há um intenso investimento em concepções normativas sobre quem somos e sobre quem podemos ser, sobre como desejamos e sobre como devemos desejar. Quando a sexualidade é situada como centro de uma identidade, há formas de sentir, desejar e se expressar sexualmente que não cabem no que é esperado, ou mesmo no que é reconhecível.

As concepções que predominam hoje sobre os usos de bebidas alcoólicas e sobre a sexualidade foram, assim, influenciadas pela crescente valorização do autocontrole, relacionada à consolidação de um modelo de subjetividade interiorizada e individualizada, em cada pessoa é vista como distinta e distante das demais pessoas com quem vive e com quem se relacionam.

A noção da individualidade como posse foi construída a partir de um progressivo apagamento da sociabilidade, de como as relações intersubjetivas exercem fundamental importância. É o que discute Norbert Elias (1939/2011, p. 27) no livro **A sociedade de indivíduos**:

Existe hoje uma padronização muito difundida da auto-imagem que induz o indivíduo a se sentir e pensar assim: “Estou aqui, inteiramente só; todos os outros estão lá, fora de mim; e cada um deles segue seu caminho, tal como eu, como um eu interior que é seu eu verdadeiro, seu puro ‘eu’, e uma roupa externa, suas relações com as outras pessoas.” Essa atitude perante si mesmo e os outros afigurava-se inteiramente natural e óbvia àqueles que a adotam. Não se trata de uma coisa nem de outra. Ela constitui a expressão de uma singular conformação histórica do indivíduo pela rede de relações, por uma forma de convívio dotada de uma estrutura muito específica. O que se veicula através dela é a autoconsciência de pessoas que foram obrigadas a adotar um grau elevadíssimo de refreamento, controle afetivo, renúncia e transformação de instintos, que estão acostumadas a relegar grande número de funções, expressões instintivas e desejos a enclaves privativos de sigilo, afastados do olhar do “mundo externo”, ou até aos porões de seu psiquismo, ao semiconsciente ou inconsciente. (...)

Nas dinâmicas entre o sair de si e o domínio de si, presentes tanto nas experiências relacionadas ao álcool, quanto nas experiências relacionadas à sexualidade, o autocontrole recebe hoje um importante lugar. São as reflexões propostas por Norbert Elias sobre o autocontrole que serão tema do nosso tópico seguinte.

1.3 Entre inibições e desinibições

O que é o autocontrole? O autocontrole refere-se à contenção dos impulsos, ao equilíbrio das emoções, à ponderação sobre os desejos, aos cuidados com as palavras, os gestos e as atitudes, à prudência com as expressões.

Tal conjunto de formas como uma pessoa controla a si mesma está longe de ser adquirido espontaneamente, com facilidade. Ao contrário: é fruto de um longo processo, tanto em termos individuais quanto em termos coletivos, já que muitos dos hábitos que nos dias de hoje são considerados socialmente inconvenientes e reprováveis não o foram desde sempre.

Na introdução ao livro **A busca da excitação**, Norbert Elias (1992) discorre sobre a importância do aprendizado do autocontrole para a manutenção das relações sociais:

Dado que os seres humanos vivem uns com os outros, julga-se que devem possuir controlo sobre si próprio, impor restrições às manifestações das suas energias, afectos e emoções. A vida social dos seres humanos, a sua vida em comum, pode oferecer pouca satisfação se os membros de uma sociedade seguirem os seus próprios afectos e impulsos sem quaisquer constrangimentos. Mas os seres humanos, para benefício pessoal, também têm de aprender a colocar esses impulsos sob o seu próprio controlo. Uma pessoa que seja incapaz de o fazer constitui um perigo não só para os outros mas também para si própria. (...) Alguém que seja incapaz de adquirir o auto-domínio, um ser humano que não consiga reprimir os seus impulsos continuará à mercê das suas próprias manifestações (ELIAS, 1992, p. 74).

Em obras como **O processo civilizador**⁴⁹, publicada originalmente em 1939; **A busca da excitação**, escrita com Eric Dunning e publicado em 1986 e **A sociedade dos indivíduos**, de 1987, Norbert Elias desenvolve análises sobre como os controles sociais são assimilados e consolidados como sofisticados mecanismos de autocontrole, tanto na história do desenvolvimento individual (com o progressivo cerceamento da espontaneidade infantil em direção ao autodomínio requerido na vida adulta), quanto na história de sociedades, que abrange especificações cada vez mais pormenorizadas nas normas de conduta coletivas.

⁴⁹ No livro **O processo civilizador**, Elias (1994) apresenta o estudo sobre as mudanças nas normas reguladoras da vida coletiva no decorrer da transição da sociedade medieval para a sociedade de corte, realizado por meio da análise de manuais de educação e civildade publicados entre os séculos XIV e XVIII na Europa. São muitos os exemplos sobre como o crescente controle sobre os corpos foi assimilado, também processualmente, em uma crescente rigidez do controle internalizado. Enquanto em uma refeição na época feudal, gestos e atitudes como assoar o nariz com a toalha da mesa, cuspir no chão, arrotar, limpar os dentes com a ponta da faca, urinar e defecar nas proximidades do local onde outras pessoas se alimentavam não eram atos passíveis de estranhamento, atualmente é preciso bem menos para gerar desconforto e mesmo indignação. Mais informações sobre as discussões de Norbert Elias sobre a intensificação das exigências de domínio de si são apresentadas no apêndice 10: [O autocontrole segundo Norbert Elias](#).

Embora um determinado grau de autocontrole seja necessário para a sobrevivência individual e da espécie, as exigências de domínio sobre as próprias emoções e atitudes foram se tornando cada vez mais rígidas com a complexificação das relações sociais.

Com a intensificação crescente dos controles, a distância entre o que é vivido intimamente e o que é expresso pode chegar a tal ponto que, além de não serem admitidos para outras pessoas, alguns sentimentos, pensamentos, desejos e reações emocionais são afastados até mesmo da própria consciência, pelo teor inconveniente e condenável que lhes é atribuído⁵⁰.

Ao se converter em um elemento central para a relação da pessoa consigo mesma, o controle internalizado gradativamente se automatiza. Para que essa automatização seja possível, são tão intensos os esforços, as inibições e os investimentos afetivos que, para algumas pessoas, passa a ser difícil diminuir a força do autocontrole, mesmo quando a diminuição é desejada. Passa a haver um ponto em que o autocontrole é tão incisivo que já não é possível que a pessoa consiga controlar quando e o quanto se controla.

Com a diminuição do alcance em controlar os próprios controles, nos deparamos com uma contradição: ao mesmo tempo que o autocontrole é considerado como necessário para a convivência social e também para a integridade individual, uma via para evitar determinadas tensões entre as pessoas, chega um momento em que o excesso de controles deixa de atenuar preocupações e ansiedades e passa a potencializá-las. O autocontrole torna-se, assim, fonte de intensas tensões.

As intensas tensões relacionadas às contínuas exigências de autocontrole referem-se às dificuldades encontradas para expressar emoções, ou mesmo para experienciá-las. Em síntese: a “armadura” construída como estratégia para defender-se dos riscos, constrangimentos e conflitos acaba por gerar novos riscos, constrangimentos e conflitos.

Diante das contradições elencadas acima, Elias e Dunning (1992, p. 167) formulam a seguinte questão: “O que acontece numa sociedade onde a pressão sobre os indivíduos, tanto as restrições sociais como dos autocontroles internos, se torna tão forte que as consequências negativas ultrapassam as suas funções positivas?”.

⁵⁰ No capítulo **O corpo civilizado**, Maria Rita Kehl (2002) apresenta um paralelo entre o processo civilizador estudado por Elias e a emergência do inconsciente como é compreendido pela psicanálise: “(...) Do que não pode ser feito ao que não pode ser dito, e daí ao que não pode ao menos ser pensado- temos aí concluída a passagem da repressão ao recalque, da consciência auto vigilante à inconsciência do desejo que nos habita (...) A divisão do sujeito, tal como a psicanálise deu a conhecer no século XX, é fruto do processo civilizador” (KEHL, 2003, p. 5).

Diante dessa questão, Elias e Dunning (1992) relacionam como ao mesmo tempo que são crescentes as expectativas de contenção, tem sido crescente também a importância social dada aos momentos e atividades de lazer. Haveria, então, alguma vinculação entre as tensões e o lazer?

Com frequência, os contextos de lazer são descritos como oportunidades de compensação para as tensões da rotina, como um meio de alívio, de escape das pressões e preocupações cotidianas. No capítulo **O lazer no espectro do tempo livre**, Elias e Dunning (1992) propõem uma compreensão oposta: ao invés de uma fuga de tensões, as atividades de lazer seriam valorizadas, pelo contrário, por como possibilitam que sejam geradas e experimentadas novas (e desejadas) tensões.

Atividades como assistir ou praticar esportes; frequentar lugares como cinemas, teatros, shows e festas não seriam atividades prazerosas por reduzirem as tensões, mas por permitirem que emoções intensas sejam experimentadas sem as exigências de ordem e contenção que regem o cotidiano:

Em sociedades como as nossas, que exigem uma disciplina emocional global e circunspeção, a série de sentimentos agradáveis manifestamente expressos é severamente vedada. (...) [Para muitas pessoas] a sua tensão, o seu tónus, a sua vitalidade, ou o que quer que seja que se lhe possa chamar, é, antes do mais, baixo. De uma maneira simples ou complexa, a um nível baixo ou a nível elevado, as actividades de lazer proporcionam, por um breve tempo, a erupção de sentimentos agradáveis fortes que, com frequência, estão ausentes nas suas rotinas habituais de vida. A sua função não é simplesmente, como muitas vezes se pensa, uma libertação das tensões, mas a renovação dessa medida de tensão, que é um ingrediente essencial da saúde mental (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 137-138)⁵¹.

Quando ao invés de inconvenientes, as desinibições tornam-se comuns e inclusive bem-vindas, o que ocorre, para Elias e Dunning (1992, p. 146), um “controlado descontrole”. Ou seja, os momentos de lazer são caracterizados por como descontrolar-se passa a ter lugar, quando contenções cotidianas podem ser suspensas.

Elias e Dunning (1992) retomam como não é tão simples que pessoas tão habituadas a controlarem-se continuamente consigam abrir mão de suas autocensuras, ainda que desejem que isso aconteça para desfrutarem de momentos satisfatórios. Indicam então como o consumo de bebidas alcoólicas é visto, em muitos casos, como um elemento facilitador.

⁵¹ No apêndice 11: [As tensões como fermento](#), serão trazidas mais informações sobre a compreensão proposta por Norbert Elias e Eric Dunning (1992) sobre o lazer.

Se a satisfação derivada das reuniões sociais está relacionada com a diminuição das barreiras entre as pessoas, com uma agradável elevação no nível de emotividade, por que precisam as pessoas de beber para criar, ou pelo menos aumentar os prazeres da sociabilidade? (...)

A ubiquidade de oportunidades em que os seres humanos podem reciprocamente <<perder as suas armaduras>> na companhia dos outros sugere que as necessidades de estimulação emocional, mesmo se ela não é específica, e exigente e relativamente moderada, é bastante mais forte e mais generalizada do que aquilo que se admite. O consumo de álcool, como é evidente, actua como um auxiliar para as pessoas que, sem ele, poderiam não ser capazes de passar tão depressa, ou talvez de modo nenhum, dos contactos relativamente impessoais em grupos dominados por tarefas altamente rotineiras e orientadas por objectivos exteriores para a companhia relativamente menos ordenada e mais pessoal de <<lazer-gemeishaft>>⁵², que não possui outro fim senão ele próprio (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 147).

É como “inibidor de inibições” que o álcool torna-se um ingrediente buscado para potencializar os prazeres da sociabilidade, busca que não pode ser compreendida somente a partir de uma perspectiva farmacológica sobre os efeitos das bebidas ou por meio da análise das motivações subjetivas de quem bebe.

Se alguém procurar explicar as funções sociais da bebida, não é suficiente assinalar que a <<depressão dos centros inibidores do cérebro>> devida ao consumo do álcool <<produz um sentimento passageiro de bem-estar>>. Se as pessoas procurassem no uso do álcool apenas um sentimento de bem-estar, poderiam muito bem permanecer em casa a beber o seu álcool. É bastante mais provável que as pessoas bebam acompanhadas porque pela depressão dos centros inibidores do cérebro facilita-se uma estimulação agradável recíproca, a um nível relativamente elevado de emotividade, que é a essência da sociabilidade do prazer (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 182).

Considerando a importância da sociabilidade é possível chegarmos, então, a uma síntese das ideias de Elias e Dunning (1992) sobre o lazer e sobre a inserção das práticas de consumo de bebidas alcoólicas entre as atividades de lazer: por como contenções e inibições são muito frequentes nas interações cotidianas, os momentos de lazer passam a ser valorizados por promoverem brechas nas exigências rotineiras de autocontrole, por possibilitarem e favorecerem formas mais desinibidas de experimentação e de expressão das emoções.

As experiências de consumo de bebidas alcoólicas podem ser vistas como exemplos desse favorecimento, por como o álcool é buscado e utilizado como um recurso facilitador da desinibição nas interações sociais. No próximo tópico abordaremos alguns

⁵² A palavra alemã *gemeishaft*, que foi mantida na tradução para o português do livro **A busca da excitação**, refere-se aos prazeres da sociabilidade, ao sentimento agradável de estar em companhia de outras pessoas, quando as pessoas escolhem estar juntas voluntariamente, sem associação com obrigações ou deveres. Alguns dos exemplos mencionados por Elias e Dunning (1992, p. 183) para o chamado “lazer-gemeishaft” são: “festas, idas ao bar, visitas a amigos”.

elementos históricos sobre como a associação entre bebidas alcoólicas, sexualidade e espaços de sociabilidade e lazer.

1.4 Bebidas alcoólicas, sexualidade e controles

No Brasil, na transição do século XIX para o século XX, muitas transformações ocorreram na organização das relações de trabalho e demais relações sociais. Essas transformações tiveram a influência de fatores como o crescimento dos centros urbanos; o aumento do número de fábricas e conseqüentemente da demanda de trabalho de operários e operárias; a intensificação dos fluxos migratórios (do campo para as cidades) e imigratórios (principalmente com a chegada de trabalhadores(as) de diferentes países da Europa) e a abolição da escravidão, que teve entre suas conseqüências altas taxas de desemprego entre ex-escravos(as) recém-libertos(as), com condições muito precárias de subsistência.

Produtividade, velocidade e eficácia foram valores que passaram a receber centralidade, enquanto a importância dada à sociabilidade, ao descanso, às festividades e a outros rituais coletivos foi progressivamente enfraquecida e mesmo combatida. As representações na organização social e nos valores implicaram também em mudanças nas representações sobre os prazeres, como os prazeres associados às experiências de consumo de bebidas alcoólicas e às experiências sexuais. Como analisa Henrique Carneiro (2010, p. 220-221):

(...) no lugar do modelo de organização social do trabalho pré-capitalista, baseado nas economias agrárias, na organização do tempo do trabalho de acordo com o tempo dos ciclos naturais, surge um domínio racional e calculado da extração do máximo de trabalho no mínimo de tempo (...). Os dois aspectos mais evidentes na empreitada de controle comportamental do industrialismo foram a vida sexual e o consumo alcoólico dos trabalhadores.

No início do processo de industrialização as bebidas destiladas eram valorizadas tanto como fonte de disposição e força para o dia de trabalho, quanto como fonte de descanso e alívio no fim do expediente. Havia inclusive o costume de que parte do pagamento fosse realizado com o oferecimento de destilados. Estabelecimentos como botequins e bares começaram a proliferar nas proximidades das fábricas e, enquanto alternativas para a socialização, tornaram-se como um contraponto ao distanciamento entre as pessoas e a fragilização dos vínculos que caracterizavam o trabalho nas fábricas e o cotidiano das cidades.

No capítulo **O substituto da sensação**, Christoph Türcke (2012) discute como o crescente consumo de álcool no período da industrialização em diferentes países foi marcado por como, embora mais concentrados no que se refere ao teor alcoólico que as bebidas fermentadas que predominavam em outras épocas, os destilados eram menos concentrados em relação ao teor simbólico, com o declínio dos significados festivos, rituais e coletivos que historicamente vigoraram em relação às práticas de consumo de álcool, que se tornaram mais incorporadas à rotina, menos ritualizadas e mais individualizadas. Foi como se os chamados “*spirits*” tivessem ficado no lugar de uma transcendência que já não tinha mais espaço:

[A embriaguez] é como que destilada para fora de todos os contextos sacros e cessa de ser uma experiência que extasiava e alçava todo o coletivo para além do seu cotidiano. Por um lado, ela se torna infinitamente banal, é mera substância que provoca frenesi, sem qualquer significado mais elevado. Por outro, ela não tem nada mais sobre si própria. Então, subitamente, ela mesma começa a representar o vago papel do mais elevado, pois deixa de ser acessório para se tornar algo fundamental, deixa de ser acidente para se transformar em substância, filosoficamente falando. Em duplo sentido ela se transforma num concentrado. E isso ocorre não só porque a destilação aumenta sua dosagem alcoólica dez ou até 20 vezes, mas sim porque seu alto percentual concentra também as mais elevadas expectativas (...). A aguardente se transforma no sucedâneo do sagrado desaparecido, no substituto da própria coisa (TÜRCKE, 2012, p. 237).

A fabricação é mais rápida, o acesso é mais fácil, os efeitos são mais imediatos: trata-se de outra organização das relações e do tempo que está em jogo.

Diante da falta de alternativas de lazer e do ritmo de trabalho extenuante, os usos de destilado como estímulo e como consolo passaram a ocupar um espaço cada vez maior no dia-a-dia. No entanto, a mesma demanda por velocidade e produtividade que tornou o consumo de bebidas mais frequente foi também um fator propulsor para o movimento de conversão do álcool em alvo privilegiado de controles e preocupações⁵³, já que o convívio, o relaxamento e a boemia associados ao consumo de bebidas passaram a ser vistas como ameaças para as exigências de desempenho, como desencadeadores da desordem, da indisciplina e da improdutividade. Como descreve Fernando Santos (1995, p. 137):

O que parecia mais grave aos olhos moralizantes das classes dominantes é que este hábito andava sempre acompanhado de outros “maus costumes” – como a seresta e o violão, a frequência aos botequins e cabarés, as aglomerações e festejos populares, o barulho e as arruaças promovidos e atribuídos aos bêbados

⁵³ O processo de crescente condenação do consumo de bebidas é abordado por Fernando Santos (1995, p. 52) no capítulo **O álcool e as mazelas da sociedade burguesa**: “A experiência histórica do capitalismo pressupunha, neste momento, indivíduos cujas energias estivessem completamente concentradas na esfera da produção. Fosse no local de trabalho, fosse em casa ou no lazer”.

– ou interferindo na disciplina do trabalho – os aperitivos tomados antes e durante o expediente, as faltas e atrasos decorrentes da prática daqueles “maus costumes”, além dos acidentes de trabalho, que eram largamente atribuídos ao uso e abuso do álcool.

Leis, regulamentos e medidas de vigilância passaram a ser instituídos com a finalidade de combater as práticas vistas como “maus costumes”. Em rondas noturnas, a política exigia de fregueses dos bares, botequins e outros estabelecimentos a apresentação da carteira de trabalho ou de algum outro documento que assegurasse a existência de um vínculo assalariado para que pudessem se defender da acusação de “vadiagem”, contravenção prevista no Código Penal que poderia acarretar até cinco anos de prisão.

A conversão do ócio em algo indesejável, ou mesmo criminoso, teve entre suas consequências a construção de dois modelos distintos de masculinidade: o ideal de “homem trabalhador”, honrado e merecedor, em contraposição à figura depreciada moralmente do “vagabundo”.

No Brasil, além do recorte de gênero, o recorte racial é de fundamental importância para a compreensão sobre os movimentos antialcoólicos, que tinham os ideais eugênicos como base. No período pós-abolição da escravidão, as bebidas foram recobertas por acusações de serem uma causa de degeneração racial, capazes de tornarem não apenas quem as consumia, mas também os(as) descendentes, pessoas agressivas, preguiçosas, indolentes e inaptas para o trabalho, acusações que foram muito repetidas em um contexto no qual as pessoas negras recém-libertas não eram contratadas para os empregos remunerados disponíveis.

A proliferação de discursos médicos sobre a associação entre degeneração racial, degeneração moral e alcoolismo foi tão intensa que a Liga Brasileira de Higiene Mental ficou conhecida como Liga Antialcoólica. No capítulo **A Liga Brasileira de Higiene Mental e seu ideal eugênico**, Jurandir Freire Costa (1974/2006) discute como as campanhas de higiene mental promovidas pela Liga criada em 1923 apresentavam como objetivo regenerar o país com a defesa do aprimoramento racial:

(...) enquanto o brasileiro não fosse branco, não teria direito à democracia. Esta advertência, entre outras consequências, deveria induzir os negros e mestiços a procurarem embranquecer a pele, e aos brancos, pobres e ricos, a exercerem a opressão sob o pretexto de defender a democracia (COSTA, 1974/2006, p. 45).

A Liga Brasileira de Higiene Mental desenvolvia ações em escolas, igrejas, associações comunitárias e meios de comunicação. Com a aprovação da Lei Seca nos

Estados Unidos, em 1919, acirraram-se as exigências para que o governo brasileiro também proibisse, ou ao menos restringisse, a circulação de bebidas.

Nos Estados Unidos, a Lei Seca vigorou entre 1919 e 1933. Como apresenta Henrique Carneiro no capítulo **O movimento proibicionista**, a aprovação de restrições e interdições para a comercialização de bebidas alcoólicas foi resultado de pressões de grupos ligados a igrejas; grupos higienistas; grupos xenófobos e racistas e inúmeras associações de mulheres.

Predominava, no período, a concepção do álcool como uma substância perigosa, principalmente como uma ameaça às relações familiares, considerando como o consumo de álcool pelos homens era visto como desencadeador de atitudes agressivas, situações recorrentes de violência doméstica, prejuízos financeiros já que o dinheiro gasto em bebidas não era direcionado às despesas familiares e também a questões como negligência e abandono.

Os usos de álcool nos ambientes públicos, quase que exclusivos dos homens, eram diferentes dos usos de álcool nos ambientes domésticos, em que as bebidas eram acessíveis às mulheres para finalidades como receber visitas, integrar receitas, tratar dores menstruais e para o relaxamento. Muitas reivindicações por proibições referiam-se a proibições da venda de álcool em estabelecimentos públicos como os chamados *saloons*, não do álcool de uma forma geral. Os *saloons* eram considerados espaços de desordem, de imoralidade, não apenas pelo consumo em grandes quantidades de álcool, mas também pela prática de jogos de aposta e pela prostituição.

Os *saloons* eram um dos poucos lugares frequentados por pessoas negras sem os riscos de sofrerem maiores discriminações. As pessoas negras foram as que foram presas com maior frequência em decorrência da Proibição. Enquanto as pessoas brancas bebiam álcool com relativa segurança, homens e mulheres pobres eram alvo mais frequente pela seletividade do sistema penal. Muitas mulheres da classe trabalhadora viam na fermentação ou destilação doméstica de bebidas uma forma de complementar a renda, uma atividade que era conciliada com o emprego formal, os cuidados com a casa e/ou com as crianças.

Uma das consequências não previstas da Proibição nos Estados Unidos foi uma crescente domesticação das práticas de consumo de álcool. Por como fiscalizações no espaço doméstico não eram esperadas entre as famílias das classes médias e altas, foi difundido o costume de reuniões privadas, em que participavam tanto homens, quanto mulheres. O preparo de bebidas como “coquetéis” teve início nesse período: como o

álcool consumido era geralmente de baixa qualidade, em decorrente da produção clandestina, tornou-se um costume misturar destilados com sucos e refrigerantes para atenuar o sabor. O consumo de bebidas alcoólicas em espaços que estavam presentes tanto homens quanto mulheres passou, gradativamente, a ser cada vez menos fonte de estranhamento.

No começo do século XX, o combate ao álcool foi um importante elemento agregador para a organização de grupos de mulheres, mobilizando nos Estados Unidos mais integrantes que outras causas como o sufrágio ou a luta pelo fim da escravidão.

A organização de grupos de mulheres para o combate ao álcool tinha como base a compreensão de que o consumo de bebidas era uma ameaça à segurança de esposas e crianças, considerando como, por serem dependentes economicamente dos homens como pais e maridos e terem pouco acesso a direitos próprios, encontravam-se em situação de acentuada vulnerabilidade diante de problemas que eram frequentemente associados aos excessos alcoólicos.

A indústria das bebidas alcoólicas teve um posicionamento fortemente contrário às reivindicações sufragistas, por como a possibilidade de que as mulheres votassem representaria uma maior probabilidade de que medidas restritivas ou proibicionistas fossem adotadas. Como analisa a historiadora estadunidense Catherine Murdock (1998, p. 20):

A organização pela Lei Seca mais popular, eficaz e conhecida da América Vitoriana não foi o Partido Proibicionista nem a Liga Anti-Saloon, mas um grupo de mulheres fundado em 1974 (...) a União Cristã de Mulheres Pela Temperança dominou o movimento pela temperança, trazendo novas ideias, novas adesões e um instigante senso de propósito para a causa.

Como questão, o álcool, mais do que (...) qualquer outra causa única, teve efeitos significativos na politização das mulheres. Em campanhas para a abstinência pessoal e a restrição das vendas de álcool, as ativistas pela Lei Seca confrontaram as restrições que eram impostas às mulheres na política, em atividades públicas e na Lei (3).

Give prohibition its chance⁵⁴, livro publicado em 1929, foi escrito por Ella Bolle, na época presidenta da União Cristã de Mulheres pela Temperança⁵⁵, com argumentos sobre como o álcool era uma substância inerentemente aditiva e capaz de debilitar a capacidade de julgamento e de decisão de qualquer pessoa que a consumisse, prejudicando também as outras pessoas, sobretudo as pessoas próximas.

⁵⁴ Tradução nossa: “Dê à proibição sua chance”.

⁵⁵ Tradução nossa para o original: “Women’s Christian Temperance Union”

Inicialmente, o papel das mulheres nos Movimentos pela Temperança era visto como o de persuasão moral, sobretudo na busca por tornar o lar um aconchegante refúgio para que os homens não vissem nos bares um ambiente mais atrativo, nem nas bebidas alcoólicas uma forma de escape ou de consolo. Como aborda Kenneth Rose (1996, p. 18), no capítulo **American Women and the Prohibition Movement**⁵⁶:

Essa ideia, de que as mulheres eram dotadas de qualidades morais únicas e que a aplicação de suas benevolências morais poderia ter influências decisivas no campo doméstico, transmitiu como se fosse uma recompensa que as mulheres tivessem a responsabilidade de manter um ambiente doméstico temperante. O lar temperante rapidamente tornou-se o alicerce do que era visto como proteção doméstica (4).

Conflitos começaram a acontecer quando, ao invés de “guardiãs da moralidade”, as mulheres passaram a reconhecer o teor político de seus posicionamentos e reivindicações. Embora houvesse a insistência na difusão de um ideal de feminilidade como sinônimo de discrição, obediência, submissão e devoção ao casamento e ao lar, a formação de grupos que militavam pela temperança revelou-se como um contexto propício para que as mulheres percebessem o alcance que poderiam ter ao organizarem-se, com impactos inclusive para mobilizações posteriores como a luta pelo direito ao voto.

No artigo **Alcohol as a gender symbol**⁵⁷, Sidsel Eriksen (2010) discute como a representação das mulheres como responsáveis moralmente por persuadirem os homens contra o álcool, mas apenas no âmbito doméstico, sem repercussões políticas, foi também uma construção forte nos países nórdicos no século XIX. Assim como nos Estados Unidos, a participação das mulheres nos movimentos proibicionistas encontrou resistências:

(...) o papel da mulher sóbria e controladora era desejável o suficiente desde que exercido em um contexto doméstico, mas era visto com outros olhos se praticado em público. (...) É tentador interpretar a resistência como evidência de que era considerado interessante ter as mulheres no movimento, mas apenas se elas praticassem a temperança em casa, assumissem a culpa quando os homens falhassem e não apontassem as consequências políticas – ou conjugais – da fraqueza masculina. (...) No entanto, foi como uma consequência lógica de como a temperança foi situada como uma preocupação masculina, o fato de que o movimento das mulheres pela temperança se tornasse crítico à cultura masculina. (...) Na verdade, o movimento de mulheres pela temperança abriu o buraco para que pudessem ser plantadas as sementes da militância feminista (5) (ERIKSEN, 2010, p. 55-56).

⁵⁶ Tradução nossa: “Mulheres americanas e o movimento proibicionista”.

⁵⁷ Tradução nossa: “Álcool como um símbolo de gênero”.

Nos Estados Unidos, a participação das mulheres foi também significativa nos movimentos pela revogação da Lei Seca. Como exemplo é possível mencionarmos o surgimento da Organização das Mulheres pela Reforma da Proibição Nacional⁵⁸, na década de 1920. As integrantes defendiam que, ao invés de proteger as famílias e as crianças, a proibição das bebidas alcoólicas contribuiu para formar uma geração mais vulnerável, que tenderia a beber mais, porque o caráter transgressor acabou por conferir uma maior glamourização ao álcool. Além disso, a revogação era defendida por motivos econômicos.

No campo dos estudos médicos sobre o alcoolismo, ao menos até a década de 1950, o tema problemas decorrentes do consumo de álcool era uma espécie de sinônimo de problemas decorrentes do consumo de álcool por homens. Em alguns momentos as mulheres chegavam a ser consideradas, mas não por beberem, e sim, pelos problemas que podiam enfrentar em decorrência dos excessos de seus maridos e filhos.

No **Big Book**⁵⁹, obra apresentada como referência principal nos grupos dos Alcoólicos Anônimos, foi publicado um capítulo com orientações para as esposas. Entre as recomendações, foi destacada a necessidade de que cada mulher tivesse em mente que o inimigo a ser combatido era o alcoolismo do marido, não o próprio marido. Para isso, deveriam evitar reclamações, acusações e discussões, pois isso poderia comprometer o processo de recuperação dos homens. Trabalhar fora de casa também não era algo indicado, já que o resgate do papel de provedor era considerado um passo importante para os maridos em recuperação. Havia, portanto, uma divisão nítida: aos homens caberiam as atividades profissionais e o controle financeiro e às mulheres caberiam as atividades domésticas e o controle emocional.

Os deslocamentos históricos nas concepções sobre o álcool são, portanto, uma interessante fonte para a identificação de deslocamentos históricos nas concepções sobre a masculinidade e a feminilidade, sobretudo no que se refere à construção de modelos sobre o que é considerado como adequado e desejável. Nem sempre tais modelos foram correspondidos, apesar das inúmeras medidas para que as pessoas se conformassem, mas conhecermos sobre o que foi idealizado é um caminho fértil também para conhecermos como esses ideais foram rompidos, transformados.

⁵⁸ Tradução nossa para o original: "Women's Organization For National Prohibition Reform".

⁵⁹ Tradução nossa: "Grande livro".

As transformações nas relações entre masculinidade e feminilidade, entre público e privado, tiveram importantes repercussões na crescente importância dada ao lazer e ao prazer, como abordaremos no tópico seguinte.

1.5 Bebidas alcoólicas, sexualidade e prazer

Imagine uma festa, muitas pessoas juntas, homens e mulheres dançando de forma próxima, um balcão de bebidas com opções diversificadas, trocas de olhares, toques, beijos. Imagine uma mesa de bar, amigos, amigas e cervejas, na mesa ao lado um casal que acabou de chegar para um primeiro encontro. Imagine duas pessoas comemorando aniversário de namoro, uma garrafa de vinho, algumas velas, ambiente de intimidade, expectativas de que uma noite de sexo será uma forma bem-vinda de celebração.

O que as cenas acima têm em comum? Os novos significados conferidos ao sexo e às bebidas alcoólicas nas últimas décadas. De uma substância perigosa e corrosiva de relações, como era visto no início do século XX, o álcool passou a receber cada vez mais o lugar de um marcador simbólico de momentos agradáveis e especiais. De um pecado ou imoralidade caso não fosse para finalidades reprodutivas, o sexo passou a cada vez mais receber o lugar de um marcador simbólico de intimidade, fruição e satisfação. Não que julgamentos negativos tenham deixado de existir, pelo contrário. Mas entre copos e corpos, a valorização de experiências prazerosas tem ganhado uma centralidade crescente.

Prazeres não só aceitos, mas incentivados. Não só incentivados, mas esperados. Não só esperados, mas talvez até exigidos⁶⁰, considerando como são muitas as expectativas de que as pessoas aproveitem, aproveitem muito, aproveitem mais. Prazeres como um todo, prazeres sexuais e prazeres étlicos passam a fazer parte da construção de uma imagem sobre como é viver bem, se divertir, saber aproveitar. Podemos pensar sobre os novos lugares atribuídos aos prazeres a partir das reflexões de Maria Rita Kehl (2008, p. 14-15):

(...) O prazer, em nossa era, está intimamente ligado ao movimento e à atividade. Os corpos têm de dar provas contínuas de que estão vivos, saudáveis, gozantes. Ao trabalho, moçada! A quietude não tem nenhum prestígio na era da publicidade, das *raves* embaladas a *ecstasy*, dos filmes de ação. Estamos liberados para usufruir todas as sensações corporais, mas para isso o corpo deve trabalhar (...) Temos a liberdade, ou melhor, temos a obrigação de nos permitir todos os prazeres sexuais.

⁶⁰ O prazer como imperativo será tema das discussões do sexto capítulo, **Entre prazeres**.

Os prazeres do beber, os prazeres da paquera, os prazeres da excitação sexual, os prazeres da embriaguez, entram no conjunto de prazeres valorizados por como propiciam e intensificam sensações, com a construção de uma espécie de nova moralidade⁶¹ em que, como define Jurandir Freire Costa (2004, p. 22): “tudo vale a pena se o prazer não é pequeno”.

No tópico anterior vimos como no início do século as bebidas alcoólicas era fonte de inúmeras preocupações, compreendidas predominantemente como potencialmente destrutivas. Torna-se importante perguntarmos, portanto, como o chamado “beber socialmente” foi promovido a uma valorizada atividade para os momentos de lazer.

No capítulo **Drink and domesticity in postwar America**⁶², Lori Rotskoff (2013) discute como, no contexto dos Estados Unidos, o final da Lei Seca foi acompanhado por muitos investimentos das empresas de bebidas em estratégias publicitárias que transmitiam o consumo de bebidas não apenas como prazeroso, mas também como saudável. Foi também nas décadas após a Segunda Guerra Mundial que ao invés de uma doença provocada por uma substância inerentemente aditiva, o alcoolismo passou a ser difundido como uma doença desencadeada por características individuais que só se manifestaria em uma minoria de pessoas, por fatores fisiológicos e psicológicos que tornariam vulneráveis ao adoecimento apenas essa minoria.

Em anúncios, cenas de filmes e de programas televisivos, personagens usufruíam socialmente de momentos agradáveis acompanhados por álcool, com beleza e sorrisos, transmitindo que o “beber socialmente” seria uma expressão de prazer, de saúde, de vitalidade e de pertencimento. As cenas mais frequentes eram festas, encontros entre amigos e amigas e também encontros entre casais.

As bebidas alcoólicas estariam entre os produtos divulgados pela publicidade que seriam recursos para a obtenção de sensações e experiências prazerosas. As principais estratégias de persuasão eram aquelas que não ofereciam diretamente os prazeres, mas que situavam as mercadorias como vias para se tornar uma pessoa mais aceita e valorizada que mereceria estar naquela posição de fruição prazerosa. Consumir era propagado, assim, como o principal meio para que as pessoas pudessem se tornar quem desejavam

⁶¹ As mudanças na moralidade com a centralidade dada aos prazeres sensoriais discutidas por Costa (2004) serão apresentadas com maior especificidade no tópico **Os prazeres, a moral das sensações e o apagamento da alteridade**, do capítulo seis.

⁶² Tradução nossa: “Bebida e domesticidade na América pós II Guerra Mundial”.

ser para poderem aproveitar os prazeres que desejavam viver. Como analisa Eva Illouz⁶³ (2009, p. 126-127):

A partir da década de 1920, quando a indústria publicitária deixa de dedicar-se a oferecer informações sobre o produto e começa a se preocupar com vinculá-los a bens intangíveis como a felicidade (...) seu potencial não se dá no controle rígido e sistematizado da consciência, mas na articulação de significados que enlaçam os desejos dos consumidores e as forças do mercado. (...) O produto não apenas indica a existência de um momento íntimo, mas constitui o dito momento, seja uma celebração (por exemplo, com champanhe), um encontro de prazer sensual (por exemplo, com conhaque) (...) (6). (ILLOUZ, 2009, p. 125-126).

Na construção do que passou a ser chamado de “beber socialmente”, havia também anúncios que propagavam os poderes das bebidas em aliviarem ansiedades e compensarem frustrações. A relação do álcool com as conquistas sexuais foi também progressivamente alimentada. Como analisa Rotskoff (2013, p. 156-157):

Anúncios de bebidas intoxicantes então apelavam para as inseguranças sociais das pessoas e para o desejo de impressionar outras pessoas (...) como uma substância alteradora do humor, o álcool era mais que uma mercadoria material; prometia facilitar o trabalho emocional de lidar com a impressão de si transmitida (...). Ao relaxar as inibições das pessoas e atenuar as afiadas arestas de interações sociais tensas, beber tornaria mais delicadas e sólidas as relações (...) (7).

Um fator de grande influência para a maior centralidade dada aos prazeres foi, portanto, a expansão dos meios de comunicação. O cinema surgiu na virada do século XIX para o XX, quando passou a haver também uma maior difusão da imprensa, a popularização do rádio, depois da televisão, lado a lado com a publicidade e, mais recentemente, os computadores, celulares e a internet. Ao analisarem os efeitos dos discursos midiáticos em relação à associação entre prazer e álcool, prazer e sexualidade⁶⁴,

⁶³ No livro **El consumo de la utopía romántica: el amor y las contradicciones culturales del capitalismo**, Illouz (2009) relaciona a contínua incitação à fruição a como determinadas de emoções, afetos e subjetividades passaram a ser promovidos como ligados ao consumo.

⁶⁴ No capítulo **A construção histórica da sexualidade como vinculada ao prazer**, de minha dissertação de mestrado (PASTANA, 2014), a influência dos meios de comunicação na crescente valorização do prazer sexual foi analisada com maior especificidade. Abordamos também outras mudanças que aconteceram no século XX em relação a associação entre sexualidade e prazer, entre as quais podemos destacar: o surgimento e a maior difusão de métodos contraceptivos com o controle das mulheres, como a pílula; a desassociação crescente entre as práticas sexuais e a reprodução; a expansão de campos do conhecimento científico direcionados para estudos e pesquisas sobre sexo e sexualidade; avanços, conquistas e reivindicações contínuas de movimentos sociais que têm entre suas questões a busca por transformações no campo da sexualidade, como o movimento feminista e o movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT); a ampliação de direitos relacionados à conjugalidade, como o divórcio e o reconhecimento de mais possibilidades de configurações familiares; a diminuição do peso moral atribuído à virgindade das mulheres e ao sexo antes e fora do casamento; aumento na frequência e na aceitação de práticas sexuais não reprodutivas, como o sexo oral, o sexo anal, a masturbação, o uso de acessórios sexuais etc. e a compreensão do prazer sexual como um direito.

Lori Rotskoff (2013, p. 58) comenta como “(...) os anunciantes criaram um mundo simbólico promocional no qual o álcool era aproveitado” enquanto Stephen Garton (2009, p. 288), no capítulo **Normalizar a sexualidade**, afirma que:

A disponibilidade e popularidade da rádio, dos jornais, dos manuais baratos sobre o casamento e revistas de aconselhamento, tudo isso serviu para divulgar a importância do prazer sexual, do controlo da natalidade, da felicidade conjugal e do papel da atracção sexual no amor. (...) Havia muitos conselhos em livros e revistas populares sobre o que fazer e como fazê-lo bem feito. (...) estes conselhos eram tanto condicionados pelo preconceito, ideologia e tradição como pela ciência.

No capítulo **Para a alegria do capital** do livro **A tirania do prazer**, Jean-Claude Guillebaud (1996) analisa o deslocamento em que o prazer sexual, antes visto como subversivo e potencialmente destabilizador da ordem social, passou a ser revestido do poder de convencimento de que à adaptação à ordem social seria agradável e promissora. Em uma espécie de “revanche da mercadoria” (GUILLEBAUD, 1996, p. 101), se antes a sexualidade era imoral e condenável, agora é sexualmente reprovável apenas o que não é rentável.

No capítulo **Existe uma revolução sexual?**, Pascal Bruckner (2011, p. 168) argumenta na mesma direção:

O fato de um novo hedonismo ter desabado sobre o mundo ocidental e facilitado a circulação dos corpos é motivo de alegria; mas seria ingênuo não relacionar esse movimento às mutações do mercado que, em nome de seus interesses bem explicitados, se insurge contra a ordem moral. O famoso slogan “Viver sem tempo morto e gozar sem entraves” era um ideal comunista. Pretendia ser libertário, tornou-se publicitário. A questão não é condená-lo, mas constatar a que ponto o hedonismo se tornou o novo conformismo que brande a bandeira da transgressão para incensar o estado de fato. O sexo permitia conciliar êxtase e contestação: hoje ele é o produto mais seguro da sociedade mercantilista.

Foram muitas as influências para a crescente valorização do prazer, mas entre elas é possível destacarmos o importante papel ocupado pela expansão da publicidade. Longe de ser apenas um meio para a divulgação das propriedades e benefícios dos produtos, os anúncios publicitários se consolidaram com base da sedução em torno de inúmeros prazeres prometidos. Prazeres intensos, prazeres sem freios, sem limites e sem controles. Como afirma Maria Rita Kehl (2008, p. 156):

(...) Hoje a publicidade não serve apenas para convencer o possível comprador de que um carro é mais potente do que outro, ou que matar a sede com a cerveja x é muito mais gostoso do que com y (embora todos saibam que cerveja não mata a sede). Junto com carros, cervejas e cartões de crédito acessíveis a uma parcela da população, a publicidade vende sonhos, ideais, atitudes e valores para a sociedade inteira.

(...) não é à toa que as campanhas contra o consumo de drogas, dirigidas a adolescentes e jovens, tenham resultados tão inexpressivos. A publicidade (...) convoca seu público a gozar sempre muito e sempre mais; como pode de repente abrir uma exceção e pedir ao jovem que renuncie ao prazer fácil que a droga proporciona?

Considerando o prazer como um eixo em comum a muitas concepções que circulam sobre as experiências sexuais e as experiências de consumo de bebidas alcoólicas hoje, como no exemplo da incitação à fruição tão presente nas estratégias publicitárias, torna-se importante, então, considerarmos a contradição analisada acima por Kehl (2008) entre convites tão incisivos a prazeres tão intensos e os discursos educativos, preventivos, em que a demanda por renúncia a prazeres, o “*Diga não!*” e mesmo o “*Nem pensar!*” são tão recorrentes. Discutiremos sobre essa contradição no tópico seguinte.

1.6 Bebidas alcoólicas e sexualidade: o apagamento do prazer nos discursos preventivos

“Alerta importante: O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – proíbe a venda de qualquer tipo de bebida alcoólica para menores de 18 anos. Portanto, fique esperto! Se alguém lhe oferecer, mesmo que gratuitamente, qualquer bebida alcoólica, NÃO ACEITE! Essa pessoa estará cometendo um crime” (Álcool e Jovens – Secretaria Nacional de Política Sobre Drogas, 2007, p. 1).

“Bem-vindo ao Programa Educacional de Resistência às Drogas – Proerd. Você está começando um programa fascinante. Serão 10 semanas em que você aprenderá como as drogas podem tornar as pessoas violentas e infelizes, o que é ruim para todos. Também aprenderá a reconhecer as pressões que poderão lhe influenciar a experimentar cigarro, maconha, bebida alcoólica ou inalantes, entre outras drogas, e estratégias para resistir a elas” (Proerd: Nossas Crianças Longe das Drogas – Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência, 2004, p. 1).

“Na maior parte do mundo, homens jovens são mais propensos a consumir álcool e outras substâncias, como “desinibidores sexuais” (principalmente nas primeiras relações), gerando comportamentos que aumentam o risco de infecção pelo HIV. (...) o uso indevido de bebidas alcoólicas – supostamente um mecanismo

visto como facilitador das práticas sexuais – coloca muitos jovens vulneráveis às situações de violência ou mesmo de cuidado com o próprio corpo” (Trabalhando com homens jovens – Instituto Promundo, 2011, p. 22- 24).

“O uso de álcool e outras drogas, além de seus efeitos no organismo, representa um fator de vulnerabilidade às DST/HIV/AIDS, para ambos os sexos. Sob o efeito do álcool e outras drogas, as pessoas propõem menos o uso do preservativo. As drogas limitam a capacidade crítica do indivíduo, levando-o a ter relações sexuais desprotegidas” (Trabalhando com mulheres jovens – Instituto Promundo, 2008, p. 107).

“A ação do álcool e de outras drogas é capaz de causar desinibição e aumento do desejo sexual, o que pode deixar os indivíduos (em especial os adolescentes) mais propensos a práticas sexuais de risco. Alguns estudos mostram que, apesar dos adolescentes iniciarem sua vida sexual antes do consumo de drogas e saberem claramente as formas de transmissão das doenças sexualmente transmissíveis (DST), incluindo o HIV, muitos deles não tomam medidas de proteção contra a contaminação pelo vírus. Além disso, os adolescentes que iniciam o consumo em fases mais precoces se mostram ainda mais propensos a práticas sexuais de risco” (Supera – Ministério da Saúde; Ministério da Educação, 2017, p. 73).

“Nossa atenção está centrada na população estudantil de crianças, adolescentes e jovens (...). Propomos que em vez de lutarmos contra as drogas, lutemos contra os tantos fatores que estão permitindo sua oferta quase sem controle e sua demanda quase sem alternativas, como: o consumismo, a miséria, o abandono afetivo, a desumanização do ser humano, o individualismo e o perfeccionismo. (...) Os dados existentes mostram que o álcool aparece com destaque, sendo, sem sobre de dúvida, a droga mais consumida no Brasil e a responsável pelos maiores índices de problemas decorrentes de seu uso” (Curso de Prevenção ao Uso de Drogas Para Educadores das Escolas Públicas – Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas, 2014, p. 74; 122).

Com a finalidade de identificar possibilidades de inserção do tema usos de bebidas alcoólicas na realização de grupos de educação sexual com adolescentes, realizamos uma

análise de dez materiais educativos sobre prevenção aos usos de álcool, buscando identificar como as experiências de consumo de bebidas alcoólicas, e às questões relacionadas à associação entre álcool e prazer e à associação entre álcool e sexualidade são abordadas pelos materiais. A análise será apresentada no sétimo capítulo.

Os trechos apresentados foram extraídos de seis dos materiais analisados: o primeiro refere-se a um material produzido pela Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas – SENAD, em parceria com o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação, direcionado para adolescentes; o segundo é o material do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência – PROERD, produzido pela Política Militar, direcionada para estudantes do Ensino Fundamental; o terceiro e o quarto são voltados às discussões sobre gênero, direcionados, respectivamente, para homens jovens e para mulheres jovens, produzidos pelo Instituto Promundo em parceria com outras organizações não-governamentais; o quinto é um material direcionado para profissionais da saúde produzido pela SENAD em parceria com o Ministério da Educação, é direcionado para educadores(as) de escolas públicas⁶⁵.

Escolhemos apresentar alguns trechos neste primeiro capítulo como forma de ilustrarmos o desafio com que nos deparamos: é frequente um teor de advertência, de proibição (“*NÃO ACEITE!*”), a concepção do álcool e de outras substâncias como negativas, destrutivas (*podem tornar as pessoas violentas e infelizes*), tom de alerta e visões negativas que se refletem também nos momentos em que a associação entre álcool e sexualidade é abordada, com a preocupação predominante de ressaltar as consequências nocivas que podem decorrer da não utilização do preservativo entre pessoas que beberam (como na afirmação de que as bebidas e outras substâncias “*limitam a capacidade crítica do indivíduo, levando-o a ter relações sexuais desprotegidas*” e de que em especial adolescentes ficam “*mais propensos a práticas sexuais de risco*”). Seja em relação aos danos no geral, seja em relação às possíveis consequências prejudiciais relacionadas à sexualidade, nos materiais é dado destaque ao álcool (como “*responsável pelos maiores índices de problemas decorrentes de seu uso*”).

São temas importantes: os riscos e danos presentes nas experiências de consumo de álcool; os riscos e danos presentes nas experiências sexuais; a importância do uso da camisinha para a prevenção; a informação de que as bebidas alcoólicas hoje são a substância mais consumida no Brasil e em outros países, tanto pela população no geral,

⁶⁵ Os materiais selecionados, assim como os procedimentos para a seleção, serão apresentados no capítulo sete.

quanto por adolescentes. É necessário que as abordagens educativas incluam tais questões e é possível identificar, em muitos materiais, a busca pela transmissão de informações de forma cuidadosa, sensível e esclarecedora. No entanto, uma questão que emerge, e que nos acompanhará por toda a tese é: há lugar para o prazer nas abordagens educativas?

Advertências, ameaças, perigo, destrutividade... Muitas vezes as informações sobre os usos de álcool e de outras substâncias psicoativas⁶⁶ são transmitidas com um teor de amedrontamento, ou mesmo de estigmatização, como se até mesmo pensar sobre esses usos fosse algo perigoso, como se pensar fosse algo a ser impedido, evitado. Como problematiza Carla Dalbosco (2011, p. 12):

É comum encontrarmos campanhas que se cristalizam apenas no discurso “droga mata”, “diga não às drogas”, “drogas nem pensar”, “o uso de drogas financia a violência”, entre outras. São posturas que apenas reforçam a ideia errônea de que existem dois mundos separados, o das pessoas que usam e o das pessoas que não usam drogas. Assim, torna-se difícil implementar uma ação educativa que alcance todos, que mostre o quanto uma diversidade de substâncias está presente na vida das pessoas.

Ao considerarmos as diversidades de usos possíveis do álcool e de outras substâncias psicoativas, é importante levarmos também em consideração as diversidades de motivos. Pressupor que os usos necessariamente serão problemáticos e prejudiciais é tão restritivo quanto imaginar que os usos serão exclusivamente benéficos e prazerosos. Ao trabalharmos com prevenção, saúde e educação é necessário reconhecermos como as experiências humanas de uma forma geral, que incluem as experiências com usos de substâncias, são múltiplas, complexas e não são passíveis de simplificações e generalizações.

Voltando à pergunta: é possível a articulação entre prazer, educação e saúde? Diante de como os prazeres são muitas vezes situados em uma posição de oposição aos cuidados, Dagmar Meyer, Carin Klein e Sandra Andrade (2007) defendem que essa oposição precisa ser questionada, superada, de forma que as práticas educativas possam abarcar as discussões sobre os significados atribuídos aos prazeres de uma forma contextualização e articulada com as experiências e os significados que circulam entre as pessoas para quem as recomendações de saúde se dirigem. Para isso é necessária a problematização sobre o teor moralizante, normativo e prescritivo que atravessa muitas das intervenções. Nas palavras das autoras:

⁶⁶ A relação entre o álcool, substância psicoativa lícita, e outras substâncias psicoativas lícitas e ilícitas será tema de nosso sexto capítulo **Entre proibições e incitações**.

(...) se considerarmos a discussão feita sobre a centralidade do prazer na cultura contemporânea, (...) é preciso dar-se conta de que essas relações são muito pouco problematizadas e trabalhadas (...). E quando o são, isso é feito com um tom moralista e prescritivo que explora muito pouco as implicações disso sobre as escolhas (ou falta de escolhas) das crianças e jovens com os quais trabalhamos (MEYER; KLEIN; ANDRADE, 2007, p. 228).

É como se falar sobre prazeres fosse, de alguma forma, silenciar sobre os riscos. Reciprocamente, é como se silenciar sobre os prazeres fosse necessário para informar sobre os riscos. É algo que notamos ser bastante presente nas propostas preventivas em relação ao álcool e à sexualidade.

Entre os prazeres das experiências de consumo de bebidas alcoólicas, os riscos de doenças, acidentes, mortes, brigas e arrependimentos, com a prescrição da moderação (ou, se possível, da abstinência). Entre os prazeres das experiências sexuais, os riscos da contração do HIV, de outras infecções sexualmente transmissíveis e da gravidez não planejada, com a prescrição do uso do preservativo (ou, se possível, da abstinência).

Como analisa Luís David Castiel (2010) no livro **Correndo riscos: uma perspectiva sobre riscos em saúde**, quando os prazeres são mencionados em recomendações preventivas, o que acontece não é um movimento de pura condenação do prazer, mas sim, de valorização do aprendizado sobre controles, controles que envolvem saber calcular e planejar com base em possíveis danos e possíveis ganhos, para diminuir os prejuízos e potencializar os benefícios.

São muitas as informações disponíveis para direcionar os esforços pelo autocontrole. Há medidas preventivas sugeridas para as mais diversas escolhas, ações e hábitos.

Enquanto quantificações, possibilidades preditivas e mensurações objetivas são componentes do conceito epidemiológico de risco⁶⁷, as formas como os riscos são subjetivamente percebidos podem se mesclar com ansiedades e inseguranças diante do que não pode ser controlado, ou do de que deveria ter sido mas não foi evitado. Como

⁶⁷ Para uma compreensão mais ampla sobre como é construída a relação entre prazeres e riscos, é importante considerarmos as influências da epidemiologia. A epidemiologia busca antecipar possíveis consequências futuras, utilizando a teoria probabilística como base para descrever quais riscos tendem a acontecer a partir de estimativas matemáticas. São prescritos, assim, modelos comportamentais associados à diminuição das probabilidades de riscos.

Um aspecto importante da noção de risco, no entanto, é justamente como indica uma tendência provável, não uma determinação causal. Indicar um risco é indicar algo que não pode ser confirmado e verificado no momento, embora haja evidências de que possa vir a existir. Não há escolha possível sem riscos, assim como não há predição de riscos suficientemente segura para garantir que as consequências previstas para uma determinada escolha acontecerão (é o que diferencia há descrição dos riscos da descrição das relações de causalidades).

analisam Luis David Castiel, Maria Cristina Rodrigues Guilam e Marcos Santos Ferreira (2010, p. 42-43):

(...) emoções, desejos, sensações – elementos fundamentais no processo de adoção de comportamentos – não são adequadamente apreendidos quando decodificados para as categorias de análise de modelos comportamentais. Nesse processo de decodificação, perde-se muito da essência do fenômeno em pauta, seja qual for.

Ao analisar como não corresponder às recomendações de saúde passa a ser visto como uma irresponsabilidade, uma transgressão moral, Castiel (2007) propõe o termo saúde persecutória em referência a como as prescrições tendem a ser acompanhadas por movimentos de culpabilização.

A tendência à culpabilização pode ser melhor compreendida se reconhecermos como, em muitas recomendações preventivas, há como base a pressuposição de que as pessoas para quem as recomendações se dirigem receberão as informações para fazer escolhas adequadamente sensatas e agir de forma adequadamente sensata segundo as informações recebidas.

Além das informações recebidas, há muitos outros fatores que atravessam as escolhas e as motivações para agir. Como propõe Castiel (1996, p. 96): “(...) é preciso rever as disciplinas científicas em sua proposta racional de produzir dados racionais dirigidos a plateias supostamente racionais, mas, que, em seus cotidianos e nas suas intimidades, se movem por outras vias...”.

A distância entre os controles esperados e os controles possíveis se intensifica também com outras contradições, como discute o autor:

(...) Isso se torna mais candente se for levado em conta as características contraditórias das sociedades ocidentais nas quais, simultaneamente, há estímulos para as pessoas consumirem múltiplas ofertas prazerosas e alerta para os riscos e malefícios destas opções. Exemplos não faltam (além da esfera sexual, são evidentes as *duplas mensagens* relativas aos usos de tabaco, álcool e na gastronomia) (CASTIEL, 1996, p. 96, grifo do autor).

Enquanto os riscos são tão alardeados pelas recomendações em saúde, circulam também culturalmente inúmeras concepções positivas, que vinculam riscos ao prazer. Experimentar, inovar, ousar, aventurar-se e arriscar-se são ações constantemente associadas a atividades consideradas prazerosas, como atividades de lazer (festas, viagens, esportes) e experiências afetivas e sexuais (como nas expressões sobre paixões: “estar nas nuvens”, “borboletas no estômago”, “perder a cabeça”).

Experiências de consumo de bebidas alcoólicas e experiências sexuais são exemplos de como as contradições entre a incitação aos prazeres e a recomendação de

contenção dos prazeres se expressam. Em alguns espaços, como na publicidade, os prazeres são exaltados, em outros, como nos materiais educativos, são reprovados ou não são mencionados.

Materiais preventivos sobre os usos de bebidas alcoólicas e outras substâncias psicoativas foram analisados por Pat O'Malley e Mariana Valverde (2004) no artigo **Pleasure, freedom and drugs**⁶⁸, com a discussão sobre como são escassas as referências às motivações, sensações e experiências prazerosas.

“(...) o prazer é eliminado quase totalmente (...)”⁶⁹, concluíram O'Malley e Valverde (2004, p. 33). Nas raras vezes em que elementos prazerosos foram mencionados, predominaram associações com descontroles, excessos e compulsões, como se a escolha por sentir prazer através dos usos de bebidas alcoólicas ou de outras substâncias fosse sempre algo irracional, injustificável.

Com a ênfase na desproporção entre as motivações prazerosas e as consequências nocivas, a impressão transmitida pelos materiais preventivos sobre o álcool e outras substâncias psicoativas, é de que não haveria, nas experiências de consumo, dimensão voluntária ou consciente alguma, apenas obediência cega a desejos e impulsos.

As influências do prazer nas experiências com bebidas alcoólicas e outras substâncias ou são deixadas em segundo plano, ou consideradas como distorcidas e inconvenientes, ou explicitamente condenadas como irracionais e destrutivas, com a ênfase exclusiva nos riscos e danos.

Ao defenderem que os riscos e danos possíveis de fato não podem ser negligenciados, pois fazem parte das experiências de consumo de substâncias, O'Malley e Valverde (2004) problematizam como o apagamento de motivações, sensações e experiências positivas é também uma forma de negligência, por como o persistente silenciamento distancia os discursos preventivos dos contextos em que buscam atuar, das escolhas e práticas que estão em questão.

Se os usos de álcool e outras substâncias são tantas vezes condenados como uma espécie de *fuga da realidade*, torna-se importante nos atentarmos às estratégias preventivas considerando como deixar de lado boa parte das motivações para esses usos

⁶⁸ Tradução nossa: “Prazer, liberdade e drogas”.

⁶⁹ Tradução nossa para o original: “(...) pleasure is eliminated almost totally (...)” (O'MALLEY; VALVERDE, 2004, p. 33-34).

não seria, em si, uma forma de fugir, esquecer ou ignorar a realidade que pretensamente se diz descrever.

O distanciamento entre o que é abordado por discursos preventivos e as experiências e contextos sobre os quais esses discursos versam é também problematizado por Dagmar Meyer, Débora Mello, Mariana Valadão e José Ayres (2006) ao referirem-se a programas brasileiros de educação em saúde. No artigo **“Você aprende. A gente ensina?” Interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade**, os(as) autores(as) discutem como prescrições comportamentais generalizantes persistem como traços característicos de estratégias de prevenção aos usos de substâncias, assim como perspectivas que individualizam questões que são indissociáveis dos fatores sociais e culturais, como se a culpabilização fosse de alguma forma desejável para a conscientização sobre práticas saudáveis.

Os projetos educativos em saúde seguem sendo majoritariamente inscritos na perspectiva de transmissão de um conhecimento especializado, que “a gente detém e ensina” para uma “população leiga”, cujo saber-viver é desvalorizado e/ou ignorado nesses processos de transmissão. (...) A lógica que se persegue é a da busca de meios mais eficazes para dar conta de objetivos que continuam circunscritos ao universo da higienização e normatização dos comportamentos (MEYER; MELLO; VALADÃO; AYRES, 2006, p. 1336).

No artigo **Fragmentos da história da atenção à saúde para usuários de álcool e outras drogas no Brasil: da Justiça à Saúde Pública**, Ana Regina Machado e Paulo Sérgio Miranda (2007) discutem que as primeiras medidas em relação à prevenção aos usos de bebidas alcoólicas no país foram de teor assistencialista, marcada por concepções higienistas e promovidas principalmente por grupos não governamentais, como a Liga Antialcoólicas de São Paulo, a Liga Paulista de Profilaxia Moral e Sanitária, a União Brasileira Pró-Temperança e a Liga Brasileira de Higiene Mental. Neste primeiro momento, as intervenções mais frequentes eram aquelas que afastam as pessoas com problemas decorrentes do consumo de álcool do convívio social (principalmente as pessoas mais pobres), por meio de medidas como o encarceramento em prisões ou do internamento em sanatórios e, a partir da década de 1970, em hospitais psiquiátricos.

Foi também na década de 1970 que a prevenção aos usos de substâncias psicoativas começou a ser inserida nos currículos escolares brasileiros. O principal objetivo na época era a promoção da abstinência, com estratégias voltadas a advertir sobre as consequências negativas dos usos de substâncias, sobretudo as substâncias ilícitas. Desde então, muitas mudanças aconteceram, mas alguns traços persistem.

Teses e dissertações produzidas em programas de pós-graduação em Educação que tiveram como tema a prevenção aos usos de bebidas alcoólicas e outras substâncias psicoativas nas escolas foram analisadas por Tiago Magalhães Ribeiro (2010), que identificou também como elemento em comum, como uma espécie de consenso, a compreensão sobre os usos de substâncias como necessariamente problemáticos e preocupantes, assim como a atribuição de um papel estratégico à educação escolar para o enfrentamento desses problemas e preocupações. O autor propôs investigar o processo histórico⁷⁰ por meio do qual esse consenso foi construído, colocando em questão o que geralmente é afirmado como evidente: “O uso de drogas é um problema (?) que deve ser enfrentado pelas escolas (?) através de estratégias de prevenção (?)” (RIBEIRO, 2010, p. 29).

A inserção da discussão sobre usos de bebidas alcoólicas e outras substâncias psicoativas nos currículos escolares foi defendida, sobretudo, com o argumento de que a prevenção seria uma estratégia mais econômica e eficiente, em comparação com as medidas predominantes até o momento, que eram medidas de repressão.

O argumento principal era o de que determinados hábitos deveriam ser ensinados como saudáveis, adaptativos e produtivos no decorrer da formação escolar, o que diminuiria a necessidade de corrigir e punir as pessoas por hábitos considerados desviantes.

A escola foi considerada, nesse contexto, como o espaço ideal para que as atitudes consideradas como desejáveis fossem ensinadas.

A defesa de que medidas preventivas reduziriam a necessidade de ações repressivas foi acompanhada pela defesa de que ao invés da ênfase em proibições (“*você não pode fazer uso de substâncias!*”), as abordagens educativas passassem a ser norteadas pela ênfase na persuasão (“*você não quer fazer uso de substâncias!*”).

O deslocamento da abordagem predominantemente proibitiva para a abordagem predominantemente persuasiva, no entanto, não correspondeu a alterações significativas nas finalidades visadas, que persistiam sendo as de combater e condenar os usos de

⁷⁰ Ribeiro (2010) tem como referencial teórico para a sua análise a teoria de Michel Foucault, considerando que para a compreensão acerca de como a escola passou a ser considerado um espaço privilegiado para ações de prevenção aos usos de substâncias é preciso considerar de forma mais ampla como a população se tornou objeto de intervenções políticas. A partir do conceito foucaultiano de biopoder o autor discute como a gestão da vida e dos indivíduos passou a permear desde os aspectos mais gerais aos aspectos mais minuciosos das relações dos indivíduos consigo mesmos, em um movimento em que o modo como concebem e gerenciam os cuidados com a saúde tornou-se um elemento fundamental. Nesse movimento, a instituição escolar passou a ser incumbida de uma posição estratégica.

substâncias psicoativas como problemáticas e desviantes, como discutiu Ribeiro (2010) na tese que tem como título justamente esse movimento de deslocamento: **Do “você não pode” ao “você não quer”**: a emergência da prevenção ao uso de drogas na educação. Nas palavras do autor: “(...) Esta dominação, enquanto um governo do querer, é potencialmente mais eficaz e econômica do ponto de vista da quantidade de poder empregado em relação ao nível de condução das condutas obtido” (RIBEIRO, 2010, p. 108).

Assim como a inserção da prevenção aos usos de bebidas alcoólicas e outras substâncias, a inserção da educação sexual nos currículos escolares também foi marcada, especialmente em seu início⁷¹, por um propósito explícito de controle, por expectativas de refreamento e contenção⁷².

Os primeiros a defenderem propostas de educação sexual para crianças e jovens no Brasil foram principalmente os médicos, mas também padres e educadores, a partir de preocupações com os “males físicos e psíquicos que uma prática sexual desregrada poderia causar”, como aborda Paulo Rennes Marçal Ribeiro⁷³ (2009, p. 134).

Desde o começo do século XX foram desenvolvidos alguns trabalhos de educação sexual em escolas brasileiras, com diferentes propósitos e iniciativas, assim como inúmeras resistências. A advogada feminista Berta Luz foi uma das primeiras defensoras da inserção da educação sexual nas escolas, na década de 1920, com o objetivo de proteção das crianças e da maternidade. O colégio Batista, no Rio de Janeiro, foi o primeiro a inserir educação sexual no currículo, mas posteriormente o professor responsável pela iniciativa foi processado e demitido.

⁷¹ Na dissertação **Do pecado ao perigo: Discursos sobre educação sexual para adolescentes brasileiros no século XX**, Jorge Montardo (2008) realizou uma análise comparativa entre os discursos das décadas iniciais, intermediárias e finais do século XX sobre a educação sexual para adolescentes, identificando quais foram os motivos apresentados, os temas propostos e os projetos desenvolvidos e diferenciando entre as abordagens de influência religiosa e outras abordagens.

⁷² No artigo **O corte da sexualidade – a emergência do dispositivo de sexualidade no Brasil**, Richard Miskolci (2007) discute como a relação entre sexualidade e educação tornou-se alvo de atenção no Brasil em um momento em que vigoravam os ideais eugênicos, com a ideia de que o embranquecimento da raça seria um processo necessário para o desenvolvimento do país e para uma maior pureza moral, o que demandava o controle das práticas reprodutivas como via para a obtenção desse almejado embranquecimento. Foi marcante, assim, a presença de ideias racistas na elaboração de propostas iniciais de educação sexual.

⁷³ O percurso histórico da educação sexual no Brasil é um dos temas discutido por Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2009) no capítulo **A institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da educação sexual no Brasil**.

A década de 1960 foi o período com o maior número de trabalhos, principalmente no sudeste do país, em cidades como São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Tais iniciativas, no entanto, duraram pouco tempo, por conta da censura decorrente do Golpe de Estado de 1964, principalmente com o recrudescimento da repressão em 1968.

Na década de 1970, grupos de mulheres se organizaram em torno do enfrentamento ao regime ditatorial vigente, organização que abrangeu a busca por direitos como os direitos reprodutivos e o combate à violência sexual e de gênero. Os questionamentos impulsionados pelas reivindicações feministas sobre corpo, sexualidade, conjugalidade e família tiveram importantes influências em propostas de educação sexual que foram formuladas desde então.

Também na década de 1970, movimentos pelos direitos de pessoas homossexuais tinham em comum com os movimentos feministas a afirmação das dimensões políticas da sexualidade.

Novas iniciativas ganharam força nas escolas brasileiras na década de 1980, quando houve também a difusão da abordagem sobre sexualidade em materiais midiáticos, como programas televisivos, programas de rádio, jornais e revistas. Com o crescimento da epidemia da aids, a relevância do tema ganhou maior atenção, o que favoreceu o financiamento e a abertura para campanhas e programas de prevenção.

Um marco para a educação sexual no Brasil refere-se à inserção da orientação sexual como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1997, quando a sexualidade foi proposta como conteúdo curricular para o ensino fundamental em todo o país⁷⁴. Os chamados temas transversais são apresentados pelo documento como necessários para a formação de alunos e alunas para o exercício da cidadania em uma sociedade democrática. Outros temas transversais propostos foram: ética, pluralidade cultural, meio ambiente e saúde.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais a sexualidade é apresentada como um aspecto inerente ao ser humano, fundamental para a saúde física e psíquica, presente por toda a vida, como parte integrante da personalidade que não pode ser desassociada de

⁷⁴ Na dissertação **A sexualidade como tema pedagógico: análise das propostas do MEC e da UNESCO para inserção do tema nas escolas**, Márcio Magalhães da Silva (2013) realiza a discussão sobre a inserção da educação sexual no currículo das escolas brasileiras por meio da análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais, publicados pelo Ministério da Educação e do documento Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade, publicado pela UNESCO em 2010. A partir do método do materialismo histórico-dialético, o autor problematiza as contradições e os interesses que os objetivos propostos pelos documentos visam atender, com a crítica à como historicamente a educação sexual nas escolas é vinculada ao controle social.

outros aspectos. Um traço frequente em como o documento define a sexualidade é a associação com a busca por prazer, como pode ser exemplificado pelo trecho a seguir:

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois, além da sua potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do **prazer**, necessidade fundamental das pessoas. Manifesta-se desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento humano, sendo construída ao longo da vida. Além disso encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito (BRASIL, 1997, p. 295, grifo nosso).

O direito à saúde, à informação e ao esclarecimento são considerados nos objetivos gerais como direitos básicos que se relacionam à importância da abordagem sobre sexualidade nas escolas. Entre as demais justificativas apresentadas ao longo do documento estão: a defesa da promoção de direitos sexuais e reprodutivos; da prevenção à violência sexual na infância e ao longo da vida; do exercício da sexualidade com responsabilidade; da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e da gravidez não planejada; das discussões sobre as relações de gênero; da valorização da diversidade de expressões e da superação de tabus e preconceitos.

No período de construção desta tese foram inúmeros os ataques às questões de sexualidade e de gênero como conteúdos educativos, como nas discussões da elaboração dos Planos de Educação em âmbito nacional e em cada estado e município.

*Ideologia de gênero*⁷⁵ foi um termo evocado com frequência em argumentações contrárias às políticas de combate à discriminação e de promoção de relações mais violentas e menos igualitárias. Os ataques abrangeram diferentes medidas que visavam a garantia ou a ampliação de direitos de mulheres, de pessoas não heterossexuais, pessoas travestis e transexuais e outras pessoas que não correspondem às normas vigentes pautadas nas divisões entre feminilidade e masculinidade, heterossexualidade e homossexualidade.

Sobretudo a partir do pretexto de uma *defesa da família*, pautado em um sentido bastante restrito e excludente de família, as escolas tornaram-se um alvo central, o que culminou na retirada de termos como gênero e orientação sexual do Plano Nacional de Educação e de outros planos, assim como de menções ao combate à discriminação de

⁷⁵ As reivindicações pela retirada dos termos gênero e orientação sexual dos Planos Nacional, Estaduais e Municipais de Educação são abordadas no capítulo **Por que precisamos do debate sobre gênero nas escolas?** (PASTANA, 2017). Disponível em: <https://www.faac.unesp.br/Home/Utilidades/livro---diversidade--acessibilidade-e-direitos.pdf>. Acesso em: 18 de março de 2018.

gênero na nova versão da Base Curricular Comum, que orienta que conteúdos escolares devem ser abordados.

É lamentável concluirmos este breve histórico sobre a educação sexual no Brasil considerando como diante do intenso alarde em torno de supostas verdades sobre quem as pessoas deveriam ser (como devem ser as mulheres, como devem ser os homens, como devem ser as famílias, como todas as pessoas devem ser heterossexuais), são cada dia maiores os desafios entre aqueles e aquelas que se comprometem com a promoção de relações mais igualitárias, menos discriminatórias e menos violentas em relação à sexualidade e ao gênero no campo da educação.

É a partir da importância da defesa do diálogo sobre sexualidade e gênero no campo da educação que esta tese foi elaborada, com a defesa também da possibilidade de inserção do diálogo sobre prazeres nos espaços educativos.

1.7 Entre controles e descontroles: considerações sobre o capítulo

Bebidas alcoólicas, sexualidade e prazer são os temas da presente pesquisa. Neste capítulo inicial, discutimos sobre os pontos de intersecção entre os temas, e, entre esses pontos, a intensa incidência de algumas formas de controle.

Em um primeiro momento, abordamos a construção de uma noção de liberdade como vinculada ao autocontrole, ao domínio das próprias emoções, impulsos e ações, ao predomínio da força de vontade sobre a força dos desejos. Tal noção de liberdade foi influente tanto para as formulações médicas que passaram a classificar os problemas decorrentes dos usos de álcool como doença, quanto para a formulação de um conceito de sexualidade bastante vinculado à noção de propriedade, ao corpo próprio, aos desejos próprios, à própria identidade sexual.

Compreendendo as noções de autocontrole e da individualidade enquanto propriedade como históricas, percorremos alguns exemplos sobre como as dinâmicas entre o sair de si e o domínio de si não tiveram os mesmos contornos em outros contextos, sendo a embriaguez uma interessante via para conhecermos como outras relações com os corpos, as sensibilidades, as percepções, os prazeres e a alteridade predominaram em outros momentos.

Ao dirigirmos nossa atenção à crescente valorização do autocontrole, encontramos nas reflexões de Norbert Elias e Eric Dunning (1992) uma importante referência para o reconhecimento de como as formas de contenção são aprendidas no decorrer dos processos de socialização. Com a análise dos autores sobre a importância crescente de

atividades de lazer, entre as quais as práticas de consumo de bebidas alcoólicas se incluem, discutimos como as expectativas de censuras das expressões espontâneas tão presentes nas interações cotidianas influenciam para que o álcool seja valorizado como um recurso para a “inibição de inibições”. As situações de lazer e sociabilidade em que as experiências de consumo de bebidas se dão tornam-se, assim, uma espécie de brechas para as exigências do dia-a-dia, em que os descontroles são temporariamente permitidos, temporariamente incentivados, por como os momentos de lazer se tornam, em nossas relações sociais de hoje, momentos de “descontroles controlados”.

Com a discussão sobre o momento de transição do século XIX para o século XX no Brasil e nos Estados Unidos, reconhecemos como as exigências de produtividade, velocidade e disciplina que se intensificaram com a expansão da industrialização levaram a uma progressiva condenação dos momentos coletivos de descanso e socialização, que passaram a ser vistos como ameaças para a adaptação, para o desempenho. Tanto as bebidas alcoólicas quanto a sexualidade ocuparam um lugar central nas crescentes expectativas de controle. Segundo afirma Mariana Valverde (1998, p. 144): “Como o sexo, o álcool tem sido um campo em que o controle dos indivíduos se interconecta com o controle da saúde e o controle moral das populações”.

Abordamos os movimentos antialcoólicos e como questões raciais e questões de gênero atravessaram as reivindicações pela proibição da produção e da comercialização de bebidas. No Brasil, o álcool era acusado de ser uma espécie de *veneno* que contaminaria o sangue das pessoas negras como uma explicação para a suposta degeneração moral que atravessaria gerações. Tal argumento eugênico foi muito presente na manutenção de condições de vida muito precárias para as pessoas negras no período após a abolição da escravidão.

Nos Estados Unidos, o combate ao álcool muitas vezes se concentrava no combate aos *saloons*, estabelecimentos frequentados quase exclusivamente por homens, condenados como espaços de imoralidade, pelas bebidas, pelos jogos de azar e pela prostituição. No início dos movimentos antialcoólicos, esperava-se das mulheres esposas e mães que ocupassem uma posição de *guardiãs da moralidade*, responsáveis por tornar o lar um lugar aconchegando e convidativo para que os homens não fossem levados pelas tentações do álcool. Com o tempo, no entanto, a participação das mulheres nas mobilizações contribuiu para o reconhecimento da importância política que a organização entre elas poderia ter, o que se expressou em como a participação das mulheres foi decisiva tanto para a aprovação quanto para a revogação da Lei Seca.

Com o fim da Proibição nos Estados Unidos, e também em outros países como o Brasil, o período pós-guerra foi marcado por intensos investimentos das indústrias das bebidas em publicidade, com a construção de uma nova imagem para o álcool, que passou a ser associado à sociabilidade, ao descanso, ao lazer e à diversão. A centralidade da fruição prazerosa não foi exclusiva da publicidade de produtos alcoólicos, mas passou a ser um elemento fundamental nas demais propagandas e nos meios de comunicação como um todo, o que teve influências, também, para a crescente aceitação e valorização do prazer sexual.

Muitas mudanças aconteceram, então, no decorrer do século XX, em que os ideais de renúncia ao prazer deram lugar aos ideais de incitação ao prazer, de forma bastante vinculada à incitação ao consumo. Sexualidade e bebidas alcoólicas foram dois campos em que essas mudanças foram marcantes. Como analisa Mariana Valverde (1998, p. 97):

(...) Na nova formulação da sociedade do consumo, o fato é que o álcool seja associado com relaxamento, intimidade e desinibição, e que seja consumido por prazer e não por nutrição, deixou de despertar uma suspeita automática, como era o caso antes da Primeira Guerra Mundial. O prazer de consumir bebidas alcoólicas tornou-se agora uma força potencialmente positiva e socialmente funcional para ser canalizada para um consumo saudável. Assim como na arena sexual, em que a suspeita generalizada da sexualidade feminina típica da virada do século rapidamente deu lugar, primeiro no período entre guerras mas de forma mais marcante na década de 1940, a uma ênfase na fruição legalmente sancionada dos desejos sexuais normais – em um deslocamento por meio do qual a frigidez, conceito não disponível na época vitoriana, de repente tornou-se um problema – assim como, também, no campo das bebidas, a total abstinência passou a parecer menos socialmente produtiva que o beber moderado, legal e ordenado.

Bebidas alcoólicas e sexualidade têm assim, em comum, um histórico recente de restrições e proibições, assim como um histórico não tão recente de serem temas privilegiados em reflexões sobre a moral, sobre o equilíbrio e sobre os excessos. Têm em comum também a proximidade íntima com a questão de como cada cultura e cada pessoa constrói parâmetros sobre como se relacionar com o corpo, com os desejos, com as sensibilidades, com os prazeres, com outros corpos, com outras pessoas. Mais um ponto em comum é serem associados à impulsividade, às expressões espontâneas, e, por isso, tornarem-se facilmente foco das demandas de controle e de autocontrole. Demandas de controle e de autocontrole que têm mudado, embora alguns aspectos persistam, com como a incitação ao consumo tem gerado uma nova centralidade para o prazer, inclusive os prazeres sexuais e os prazeres alcoólicos, valorizados como intensos, como divertidos e como potencializadores de experiências de fruição.

Um último ponto em comum foi tema de nosso último tópico do capítulo **Sexualidade e bebidas alcoólicas: o apagamento do prazer nos discursos preventivos**, sobre como embora seja crescente a visibilidade dada aos prazeres no geral, aos prazeres alcoólicos e aos prazeres sexuais na publicidade, nos meios de comunicação e em outros espaços da cultura, nos campos das propostas de prevenção em educação e em saúde o silenciamento ainda é muito comum, com poucos espaços para que as experiências sexuais e as experiências de consumo de bebidas alcoólicas sejam dialogadas. Nas abordagens que são construídas, o que vigora é o foco nos riscos, como se para prevenir possíveis danos decorrentes do consumo de álcool e possíveis consequências não planejadas das práticas sexuais, silenciar sobre os prazeres fosse uma estratégia necessária. Há a expectativa de que, com a transmissão de informações, escolhas sensatas e responsáveis sejam tomadas, por exemplo para que alguns prazeres considerados impulsivos, intensos mas imediatos, sejam evitados. Quando prazeres são mencionados, é para alertar como as possibilidades prazerosas são desproporcionais diante dos prejuízos previstos.

A partir da discussão que fizemos neste capítulo, sobre algumas relações que existem entre os temas sexualidade, bebidas alcoólicas e prazeres, nos dedicaremos, nos capítulos seguintes, a abordá-los de maneira mais específica sobre cada um deles, sobre as experiências de consumo de álcool (no Capítulo 2), sobre o conceito de sexualidade (no Capítulo 3), sobre as associações entre as experiências sexuais e as experiências de consumo de álcool (no Capítulo 4) e sobre os prazeres (no Capítulo 5). Nos três capítulos finais, retomaremos a questão das abordagens educativas e realizaremos a análise de materiais direcionados para a prevenção entre adolescentes.

Voltaremos assim, ao longo da tese, à questão que aqui formulamos: há lugar para o prazer nas abordagens educativas?

Capítulo 2

Entre o copo e os lábios

Quando taças são erguidas em direção a um centro em comum, aproximando-se até que se encontrem, tem lugar um gesto simbólico conhecido como “brinde”⁷⁶.

O brindar é conhecido como uma forma de demarcar que um momento inicial se inicia, como um movimento de celebração, em si, que pode também ser acompanhado por palavras alegres, de saudação, de comemoração.

As taças, ou copos, ou latinhas que se encostam no brinde costumam ter em comum o fato de serem preenchidos por conteúdos alcoólicos.

As experiências de consumo de bebidas alcoólicas serão tema deste capítulo e a escolha do brinde como início está relacionada a alguns aspectos que serão discutidos que esse gesto simbólico contribui para ilustrar:

- a associação entre bebidas alcoólicas e contextos alegres: encontros, festividades, celebrações e outros momentos significativos, rupturas da rotina, situações de lazer;
- a associação entre bebidas alcoólicas e sociabilidade: o beber como prática tende a ser valorizado culturalmente como algo compartilhado, que costuma acontecer na companhia de outras pessoas, como facilitador de interações e aproximações;
- a associação entre bebidas alcoólicas e prazer: relaxamento, diversão, descontração, alívio de tensões, o álcool é muitas vezes simbolizado como potencializador de emoções e experiências agradáveis.

Assim como alegria, sociabilidade e prazer, as experiências de consumo de bebidas alcoólicas e, principalmente, as experiências de consumo em excesso, são também associadas a preocupações. Entre as possíveis consequências negativas a curto e a longo prazo estão os prejuízos para a saúde; o aumento da ocorrência de acidentes de trânsito e outros acidentes e o aumento da ocorrência de situações de violência e outros danos que afetam tanto quem bebe quanto outras pessoas. Embora os riscos e consequências nocivas costumem ser conhecidos, em comparação com outras substâncias capazes de alterar os humores, as emoções, as percepções e os comportamentos o álcool

⁷⁶ Para mais informações históricas sobre o brinde e exemplos de variações da prática em diferentes culturas, ver o apêndice 12: [Sobre o brinde](#).

é uma substância psicoativa que tende a receber maior aceitação e ser associada de forma mais recorrente com elementos positivos. Para situarmos o álcool no quadro mais amplo das substâncias psicoativas é necessário, antes, partirmos da definição sobre essas substâncias, como abordaremos no tópico a seguir.

2.1 Entre rochas e esculturas, entre tintas e pinturas: o que são as substâncias psicoativas?

Potencializar prazeres, aliviar dores, aumentar a disposição, amenizar a tristeza, reduzir as tensões, proporcionar calma, estimular... Os diferentes usos de diferentes substâncias podem ser agrupados por uma experiência em comum: a busca pela modificação das sensibilidades, das percepções, dos humores, das experiências psíquicas. Psicoativas, são, assim, as substâncias consumidas pela possibilidade de suscitarem essas modificações⁷⁷.

Informações sobre as propriedades bioquímicas de cada substância não são suficientes para conhecermos sobre as diferentes mudanças que podem ser experimentadas, considerando como os efeitos psicoativos não são decorrências diretas da absorção pelo organismo. Componentes muito semelhantes podem gerar reações muito distintas em diferentes pessoas, ou mesmo em uma mesma pessoa em diferentes situações. Contextos, motivações, expectativas e experiências prévias são alguns dos fatores que podem exercer significativa influência.

Como exemplo, podemos mencionar as próprias bebidas alcoólicas: a mesma dose de uma mesma bebida pode fazer com que alguém se sinta mais alegre, enquanto outra pessoa se entristece e uma terceira pessoa sente-se irritada, indisposta. Se uma mesma pessoa consome a mesma quantidade em circunstâncias diferentes, pode experimentar efeitos bastante variados.

Sobre a importância de uma compreensão mais ampla sobre os efeitos buscados e experimentados com os usos de substâncias psicoativas, sem que as experiências de

⁷⁷ No livro **Historia general de las drogas**, o filósofo espanhol Antonio Escotado (2013) propõe uma classificação das substâncias psicoativas de acordo com as experiências psíquicas que são potencializadas ou amenizadas, pelas propriedades apaziguadoras, estimulantes ou alucinógenas. O autor destaca, no entanto, que a classificação não corresponde a divisões estáticas, considerando como qualquer generalização sobre os efeitos negligencia a complexidade dos usos e da variedade de modificações que podem ser experimentadas. Para mais informações sobre a classificação proposta por Escotado (2013), ver apêndice 13: [Substâncias de paz, substâncias de energia e substâncias de excursão](#).

consumo sejam reduzidas às descrições sobre reações previstas no organismo, Antonio Escohotado (2013, p. 684) argumenta:

Se pretendemos classificar as drogas psicoativas por bases químicas estaremos fazendo algo comparável a classificar os estilos arquitetônicos pelo tipo de pedra, ou os estilos de pintura pelo tipo de corante empregado por cada pintor, quando rochas e tintas são tão somente elementos para obras que jamais teriam se iniciado sem uma aspiração prévia (1).

Informações sobre as rochas, sobre as tintas e sobre as substâncias psicoativas não são informações suficientes para compreendermos que transformações podem acontecer a partir delas, a partir das diferentes formas como podem ser usadas.

Explicações sobre o *uso* de substâncias, no singular, podem portanto ocultar o fato de que são diversas as experiências de consumo, que ocorrem em contextos também diversos relacionados a muitos significados, expectativas e efeitos possíveis⁷⁸. Por almejarmos nos referirmos à inescapável multiplicidade⁷⁹, ao longo da tese utilizamos a expressão usos de substâncias, no plural.

2.2 Sobre os usos de bebidas alcoólicas

Usos festivos; usos recreativos; usos religiosos; usos medicinais; usos gastronômicos; usos afrodisíacos; usos estimulantes; usos rituais... Além de serem diversas as formas de uso, há também variações nos padrões de consumo. Há pessoas que bebem com frequência, pessoas que bebem ocasionalmente, pessoas que apenas experimentam ou que bebem raramente. Há usos moderados, usos em grandes quantidades; usos por períodos de tempo breve, usos que duram horas, ou mesmo dia. Há momentos em que muitas pessoas se reúnem para beber, outros momentos em que o consumo ocorre em pequenos grupos, entre duas pessoas ou por uma pessoa sozinha. Há que são recomendados para a saúde, outros que são nocivos; há usos que favorecem a

⁷⁸ No artigo **Psicoativos, culturas e controles**, as antropólogas brasileiras Beatriz Labate e Taniele Rui (2014) elencam como elementos importantes para o estudo sobre os usos de substâncias psicoativas: (a) buscar conhecer o contexto em que as experiências de consumo ocorrem; (b) reconhecer como as experiências e concepções variam entre diferentes grupos, com variações também no interior de um mesmo grupo e (c) investigar como as motivações, expectativas e significados são construídos em processos sociais, de forma que não podem ser conhecidos apenas com informações sobre as propriedades bioquímicas.

⁷⁹ No apêndice 14: [Múltiplas substâncias, múltiplas experiências, múltiplos sentidos](#), apresentamos o exemplo da pesquisa realizada por Taniele Rui (2007; 2012) sobre os variados significados atribuídos aos usos de substâncias em três diferentes grupos: adolescentes em situação de rua, usuários(as) de uma instituição de tratamento para dependência química e estudantes de uma universidade pública.

sociabilidade e usos que prejudicam; usos valorizados como prazerosos; usos que desencadeiam sensações e situações desagradáveis ou danosas. Falarmos sobre os usos implica, portanto, considerarmos como se trata de um tema plural.

Quando uma bebida alcoólica é ingerida, o álcool tende a ser absorvido rapidamente pelo estômago e pelo duodeno (primeira parte do intestino delgado), de modo que logo chega à circulação sanguínea. A absorção do álcool tende a produzir alterações no sistema nervoso central, com efeitos possíveis em diferentes processos cerebrais. Como exemplo há a influência sobre o sistema gabaérgico, que corresponde à circulação do principal neurotransmissor inibidor, o que pode ser relacionado à redução de sensações de ansiedade. Há também o aumento da produção de dopamina, serotonina e endorfina, neurotransmissores relacionados à intensificação de sensações como prazer e bem-estar.

O tempo médio para que o fígado metabolize uma dose de álcool (que corresponde, aproximadamente, a uma taça de vinho ou uma lata de cerveja) é de uma hora. Com uma dose, o fluxo sanguíneo tende a aumentar, o coração tende a acelerar e a concentração tende a se tornar mais aguçada. Caso mais doses sejam consumidas, mais tempo passa a ser necessário para o processo de metabolização e o álcool tende a ficar na corrente sanguínea por mais horas. Efeitos como euforia e maior disposição são comuns nas doses iniciais, mas tendem a diminuir aproximadamente a partir da terceira. Conforme aumentam as doses, aumentam os efeitos depressores das funções do sistema nervoso central, que podem ter como consequência a diminuição dos reflexos, da coordenação motora e do equilíbrio.

Entre os fatores que influenciam nos efeitos fisiológicos da ingestão do álcool estão as diferenças entre as características de cada organismo (por exemplo, diferenças na massa corporal e no metabolismo, que interferem nos processos de absorção e eliminação); fatores contextuais no momento da ingestão (por exemplo, se a pessoa se alimentou ou não antes de beber, assim como se estava cansada ou disposta); a quantidade consumida (os efeitos das primeiras doses são diferentes dos efeitos das doses seguintes) e a frequência do consumo (pessoas que bebem regularmente tendem a precisar de mais doses para experimentarem os mesmos efeitos)⁸⁰.

⁸⁰ São diferentes as formas de uso e padrões de consumo, com a possibilidade de que seja desenvolvido um padrão aditivo em relação ao álcool. Alguns dos elementos utilizados atualmente para classificar os quadros de dependência são: (a) tolerância, que corresponde à necessidade de beber em maiores quantidades para experimentar sensações que antes eram obtidas com um menor número de doses; (b) abstinência, que se refere ao surgimento de sintomas quando o uso é reduzido

Embora seja possível identificarmos reações que são mais frequentes, não são descrições passíveis de generalização, por como há outros fatores que influenciam em cada experiência.

Os muitos usos possíveis para as bebidas alcoólicas não podem ser explicados apenas pelos conteúdos que preenchem os copos. As expectativas e significados que circulam em cada cultura tornam-se parte das experiências do beber e da embriaguez, sendo indissociáveis de como os efeitos são experimentados. “Vamos beber algo?” – no trecho a seguir, a socióloga canadense Mariana Valverde (1998, p. 1) aborda quão variados podem ser os motivos e sentidos desse convite:

“Vamos beber!” é uma declaração feita em inúmeras e diversas situações. Quando queremos celebrar, quando precisamos de consolo; quando estamos em busca de algo que nos interessa sexualmente e no processo de superação de um fracasso amoroso; quando visitamos amigas e amigos que gostamos e quando socializamos com parentes que não gostamos; quando o dia do trabalho chega ao fim e quando o(a) chefe está nos tornando miseráveis; quando nasce um(a) bebê e quando alguém morre: todas essas situações parecem para a maior parte de nós levarem naturalmente ao beber (...) já que não há nenhum outro líquido além do álcool que seja tão carregado de expectativas, alívios, medos e esperanças diversas (2).

A presença de bebidas alcoólicas em tão variados contextos e com tão diversificadas expectativas, alívios, medos e esperanças ilustra como são muitos os significados culturalmente condensados no álcool.

Para uma compreensão mais ampla sobre os contextos e as experiências de consumo de bebidas alcoólicas, é interessante considerarmos que proibições, restrições, permissões e incentivos circulam culturalmente em relação a elementos como: Que pessoas podem beber? Quando as pessoas bebem? Onde, em que lugares o consumo é possível e mais frequente? Que motivos são mais comuns? Que efeitos são considerados desejados? Que efeitos são considerados indesejáveis?

As respostas para as questões elencadas acima podem ser muito variadas, tanto em diferentes culturas, quanto em diferentes grupos de uma mesma cultura⁸¹.

ou interrompido e (c) compulsividade, relacionada à dificuldade em controlar o uso, à busca por beber mesmo em ocasiões em que o consumo acarreta consequências prejudiciais para a saúde, para as relações afetivas e para o desempenho das atividades do dia-a-dia. Segundo o **Global status report on alcohol and health**, publicado em 2014 pela Organização Mundial da Saúde, a prevalência de quadros de dependência no mundo é de em média 2.3% das pessoas com mais de 15 anos de idade.

⁸¹ As diferenças entre as culturas são analisadas em materiais como o livro **Drinking occasions: comparative perspectives on alcohol and culture**, de Dwight Heath (2012); **Alcohol, gender and drinking problems: perspectives from low and middle income countries**, publicado pela Organização Mundial da Saúde (2005) e **Gender, drink and drugs: cross-cultural perspectives on women**, editado por Marion MacDonald (1994). Para exemplos sobre a variação das experiências de

Há culturas em que beber é estritamente proibido; outras em que é tolerado; outras em que é valorizado, incentivado e outras em que recusar beber é considerado como um desrespeito, uma transgressão.

Há culturas nas quais espera-se que todas as pessoas bebam e outras em que há regras e hierarquias sobre a quem é permitido beber ou não: diferenças de gênero, de classe social, de raça/etnia e de idade participam nessas permissões e interdições.

Há culturas em que beber em espaços públicos, em qualquer momento do dia, é considerado algo comum, enquanto para outras há restrições sobre lugares, horários e atividades, por exemplo em relação às práticas profissionais e à direção de veículos.

Se homens e mulheres jovens bebem juntos algumas garrafas de cerveja em uma quarta-feira à tarde na calçada de um bar em um centro urbano no Brasil, a mesma situação poderia provocar incômodo, estranhamento ou mesmo ser alvo de sanções em outros contextos culturais, seja por tratar-se de um lugar público, seja por ser ao ar livre, seja pelo dia da semana e pelo horário, seja pela idade das pessoas, seja pela presença de mulheres, seja pela quantidade consumida.

Assim como os hábitos de consumo de bebidas variam, o que é considerado como problemático ao beber também. Se em alguns países ingerir bebidas alcoólicas de manhã gera desconfianças de que um quadro crônico possa estar se desenvolvendo, em outros a ideia de passar a madrugada bebendo continuamente é que parece um desvio abusivo.

No capítulo **Rules and regulation**⁸² do relatório **Social and cultural aspects of drinking**⁸³ a relação entre álcool, permissões e proibições é abordada:

Não há algo como um beber aleatório. Beber é, em toda cultura, uma atividade governada por regras, cercada por proibições e normas. (...) as regras específicas e não escritas e normas que governam o uso do álcool em culturas individuais invariavelmente refletem os valores, crenças e atitudes característicos dessas culturas (3) (THE SOCIAL ISSUES RESEARCH CENTRE, 1998, p. 10).

Um exemplo sobre como há regras explícitas e padrões implícitos que podem contrastar entre si pode ser notado em relação à lei que proíbe o consumo e a comercialização de bebidas alcoólicas para pessoas com menos de 18 anos no Brasil .

consumo de bebidas alcoólicas em diferentes localidades, ver o apêndice 15: [Diferentes práticas de consumo de bebidas alcoólicas em diferentes culturas](#).

⁸² Tradução nossa: “Regras e regulação”.

⁸³ Tradução nossa: “Aspectos sociais e culturais do beber”.

A proibição destoia do que os últimos Levantamentos Nacionais apontam, sobre a experimentação ser uma prática frequente, e até mesmo esperada, entre adolescentes⁸⁴.

Quando uma pessoa vive a experiência de beber pela primeira vez, o primeiro gole de uma bebida não corresponde ao primeiro contato com o álcool. As sensações e impressões iniciais são antecedidas por um processo que envolve diferentes modos de aprendizado que ocorrem desde a infância, nas quais são construídas concepções, expectativas, significados e valores relacionados às bebidas e ao beber.

Há muitas influências possíveis: se o álcool estava presente ou não em ocasiões festivas e situações de convívio familiar; quais foram as mensagens transmitidas por anúncios publicitários, programas televisivos, músicas, filmes e outros materiais midiáticos; se houve ou não o aprendizado formal de informações sobre as propriedades e possíveis efeitos das bebidas por meio de programas educativos, campanhas preventivas e materiais de divulgação científica; se há pessoas conhecidas, próximas ou não, que enfrentaram problemas decorrentes dos usos do álcool; se houve ou não o contato com concepções religiosas e quais são essas concepções sobre o beber e a embriaguez; quais são os significados que circulam nas conversas e experiências com amigos e amigas, assim como a observação direta de diferentes pessoas em diferentes contextos em que há o consumo de bebidas.

Tanto associações entre álcool, alegria, relaxamento e prazer, quanto associações com excessos, impulsividade e agressividade; tanto a compreensão sobre as bebidas como perigosas e prejudiciais, quanto a valorização da combinação com a sociabilidade e as festividades podem ser aprendidas nas experiências e relações que antecedem a experimentação de bebidas.

Na pesquisa desenvolvida por Mirian Abramovay e Mary Castro (2005) com 4.426.174 estudantes do Ensino Fundamental e Médio de 14 capitais brasileiras, os relatos sobre mais frequentes sobre a experimentação e o consumo foram sobre os usos de bebidas em festas e outras ocasiões e espaço de lazer, com familiares e entre amigos e amigas. Ao discutirem sobre as principais motivações indicadas pelos(as) participantes, as autoras afirmam:

Existe uma multiplicidade de valores associados que dão sentido mediato e imediato para o uso de bebidas alcoólicas entre os jovens. (...) Por um lado, comenta-se sobre: 1) o prazer temporário do consumo; e 2) seu sentido de

⁸⁴ A lei brasileira e as experiências de consumo de bebidas alcoólicas na adolescência serão abordadas com maior especificidade no tópico **Entre pertencimentos e transgressões**, do sexto capítulo.

mediador da sociabilidade ou de desinibidor e estimulante de relação entre pares (ABRAMOVAY; CASTRO, 2005, p. 35).

No tópico seguinte, discutiremos exemplos de pesquisas brasileiras sobre a associação entre experiências de consumo de bebidas alcoólicas e a sociabilidade.

2.3 Entre outras pessoas: usos de bebidas alcoólicas em contextos de lazer e sociabilidade

Quando as interações sociais são acompanhadas por bebidas alcoólicas, mesmo que nem todas as pessoas bebam, tende a haver uma maior abertura para que se sintam mais à vontade, para que as aproximações e conversas ocorram com maior desprendimento, de forma mais flexível. Na expressão usada pelo antropólogo estadunidense Dwight Heath⁸⁵ (2012, p. 121) é como se as bebidas exercessem a função de “lubrificante social”⁸⁶, com a ideia de que favorecem a diminuição da timidez e estimulam a extroversão, a amistosidade.

Ao relatarem como se sentem quando bebem, algumas pessoas contam sobre a tendência de dizerem coisas que não diriam se estivessem sóbrias, fazeres escolhas e terem atitudes que não teriam caso não tivessem bebido⁸⁷. Beber para interagir com maior facilidade, para dançar com maior desprendimento, para paquerar com maior confiança e para aproveitar sem tantas preocupações são alguns exemplos.

A representação das bebidas alcoólicas como facilitadoras para que novas amizades se iniciem e para que os vínculos anteriores se potencializem foi um aspecto identificado em diferentes pesquisas brasileiras sobre o consumo de álcool e sobre experiências de lazer e sociabilidade. Entre essas pesquisas estão os estudos etnográficos desenvolvido pelos(as) autores(as): Gilberto Barral (2006) em bares frequentados por jovens estudantes de universidades de Brasília; Eduardo Zanella (2005), que acompanhou o dia-a-dia de um bar localizado na periferia de Porto Alegre, frequentado

⁸⁵ No livro **Drinking occasions: comparative perspectives on alcohol and culture**, Dwight Heath (2000) reúne estudos de caso sobre os diferentes momentos, lugares, motivos, valores e padrões acerca do consumo de bebidas alcoólicas em diferentes países. A associação entre bebidas alcoólicas e sociabilidade é abordada pelo autor como algo que se repete em contextos culturais diversos.

⁸⁶ Tradução nossa para o original: “social lubricant” (HEATH, 2012, p. 121).

⁸⁷ No artigo **Alcohol allows you not to be yourself**, o sociólogo Robert Peralta (2008) realiza a análise de entrevistas realizadas com 78 estudantes de uma universidade dos Estados Unidos sobre as expectativas e experiências de desinibição. O título do artigo foi criado em referência à fala de uma das participantes, sobre a valorização do álcool como um meio que permite agir como se fosse outra pessoa.

predominantemente por homens; Andrea Lacombe (2005), sobre um bar frequentado por mulheres no Rio de Janeiro e Isadora Lins França (2006) sobre o mercado de lazer voltado a homens gays e mulheres lésbicas na cidade de São Paulo.

Nos estudos etnográficos, a associação entre bebidas alcoólicas e socialização foi notada tanto nas observações desenvolvidas, quanto nas falas das pessoas entrevistadas.

Beber juntos(as) para relaxar, para dar risada, conversar... Na dissertação **Espaços de lazer e sociabilidade em Brasília: o caso dos bares**, Gilberto Barral (2006) apresenta como, entre os(as) participantes entrevistados(as) encontrar outras pessoas e beber foram atividades valorizadas por as interações se tornam mais descontraídas, flexíveis e informais que as interações que predominam no cotidiano, quando a preocupação, a pressa e os prazos a serem cumpridos não permitem que as amizades e os assuntos em comum tenham tanta prioridade. Ao invés de uma finalidade, em si, consumir álcool tende a ser considerado como um acompanhamento, como um dos ingredientes para as experiências de descanso e fruição. Nas palavras do autor:

A prática de lazer em bares consiste em reunir em torno de mesas um público disposto à bebida e à conversação, sendo a bebida o motor e a conversa o percurso. (...) a circulação frenética, o entra e sai, as conversas ao pé do ouvido, as saídas para atender celulares que tocam intermitentes, indicam que algo está acontecendo ou vai acontecer. Um mistério parece rondar o ambiente da noite do bar. Vendo algumas jovens mulheres bebendo, divertindo-se, rindo, beijando e abraçando homens e outras mulheres, no espaço público do bar, acredita-se estar em meio a acontecimentos calorosos, quentes e cheios de possibilidade (...). (BARRAL, 2006, p. 83; 89).

A placa “Canto do bebum: proibido pra chato”, observada por Eduardo Zanella (2010, p. 35) na parede do bar de Porto Alegre onde sua bebida foi desenvolvida, deu origem ao título de seu trabalho: **Proibido pra chato: etnografia sobre o consumo de bebidas alcoólicas em um bar “de bairro”**. O estabelecimento, frequentado principalmente em momentos como o término do expediente e finais de semana por fregueses que costumam ser assíduos, é descrito por eles como oportuno para conversas, jogos de sinuca, torcidas ao assistirem jogos de futebol e descanso, mais uma vez com as bebidas indicadas como uma espécie de acompanhamento. Embora o consumo de álcool tenha sido notado como uma prática contínua, episódios de embriaguez quase não foram presenciados⁸⁸.

⁸⁸ Ao observar como são incomuns os episódios de visível embriaguez, Zanella (2010) discute sobre a influência dos padrões de gênero: beber sem descontrolar-se, sem demonstrar maiores alterações, é valorizado como associado à virilidade. Em contraposição a esse modelo de masculinidade como ter controle do beber, recusar bebida ou beber e incomodar os demais são comportamentos julgados negativamente, considerados como fragilidade. Há também influência dos padrões de gênero em

O papel simbólico exercido pelas bebidas alcoólicas foi exemplificado de uma forma interessante no início da pesquisa realizada por Andrea Lacombe (2005) no bar Flôr do André, escolhido por ser um bar frequentado por mulheres que se relacionam com mulheres. Nas primeiras semanas de etnografia, a autora relata ter buscado se aproximar das possíveis participantes após sentar em uma das mesas acompanhada por uma garrafa de água mineral ou de coca-cola. As tentativas de iniciar uma conversa para propor uma entrevista pareciam em vão, com a impressão de que as reações das frequentadoras eram de estranhamento ou de desconfiança. Ao avaliar que a bebida pedida poderia ter alguma influência na dificuldade de superar o distanciamento, Lacombe (2005) teve a ideia de tentar se aproximar acompanhada por uma cerveja gelada. As mudanças foram nítidas: as mesmas freguesas que antes estavam pouco receptivas, passaram a interagir de modo animado, amistoso. Os trechos a seguir referem-se a reflexões da autora sobre essa mudança:

Qual o motivo para me dirigir a palavra com aquela familiaridade se não por causa do copo com cerveja em minha mão? Por que o refrigerante não teve o mesmo efeito?

Consumir alguma bebida alcoólica é um diferenciador entre mundos (...). E é a entrada para uma outra dimensão de contato com aqueles que efetuam o mesmo ato. Se trata-se de mudar a bebida – da água mineral à cerveja, por exemplo –, o copo também deve ser trocado: começar de novo, a partir de outro plano. Mesa, cadeira, localização espacial, continuam as mesmas, mas o lugar a partir da qual a relação é estabelecida transmuda (LACOMBE, 2005, p. 28-29).

A presença do álcool atua, assim, como um marcador simbólico que indica maior abertura e disponibilidade para aproximações e conversas:

(...) A ingestão do álcool não é nem uma desculpa, nem uma obrigação; é a chave para a mudança de qualidade não só do relacionamento que se estabelece entre os que participam do lugar, mas do tempo em que se vive: o sujeito não é o mesmo, razão pela qual está possibilitado ou convidado a participar do mesmo mundo que aqueles que estão com um copo na mão na hora em que estiver na mesma condição (LACOMBE, 2005, p. 30).

O consumo de bebidas pode ter o papel, portanto, de um facilitador, como um desencadeador de transições, de momentos em que as formas de experimentar as relações, as espacialidades e as temporalidades passam a ser outras. É como se o copo na mão fosse uma espécie de senha de acesso.

como a presença de mulheres costuma gerar estranhamento nas interações no bar, motivando olhares e comentários, principalmente se não estiver acompanhada por um freguês. Piadas e conversas de conteúdos machistas foram feitas com frequência.

Ao estudar sobre diferentes estabelecimentos de lazer voltados para homens gays e mulheres lésbicas, Isadora Lins França (2016)⁸⁹ realizou a discussão sobre como tais espaços podem ser importantes para a compreensão e a afirmação das relações entre mulheres e as relações entre homens como um direito, ampliando a concepção de como, além de legítimas, podem também ser valorizadas, estimulantes, prazerosas.

Em um contexto cultural em que ainda são tão intensas e frequentes as discriminações, os preconceitos e violências contra pessoas que demonstrem desejos, afetos e comportamentos que não correspondam à norma heterossexual vigente, a promoção de sociabilidade favorecida por espaços de lazer é positiva tanto pelos vínculos que podem ser construídos e fortalecidos, quanto pela importância que esses vínculos podem ter para experiências de pertencimento e reconhecimento.

A autora apresenta como exemplo o depoimento de um dos participantes, sobre a experiência de entrar em um bar gay pela primeira vez, na década de 1970:

Quando eu finalmente achei [o bar] eu entrei e aí foi um 'abre-te sésamo', né? Porque eu entrei nesse lugar e eu descobri que tinha centenas de pessoas como eu. (...) Inclusive quando eu entrei a primeira vez, foi uma coisa hipnótica, porque eu entrei e não fiz nada, não falei nada com ninguém, fiquei catatônico, vendo... Gente se relacionando afetivamente da maneira que eu achava totalmente proibida. Eu comecei a sentir que ser gay era pertencer a uma sociedade secreta, era ter passe livre para um universo muito mais interessante, muito mais colorido, do que o que todo mundo vivia. Você ia em festas, você experimentava coisas, você via cenas, você olhava gente dançando de maneira extravagante, ia em boates animadas, coisas que ninguém mais fazia. Ninguém que eu conhecesse fazia nada tão divertido quanto eu, então era muito mais interessante fazer parte desse clube fechado (FRANÇA, 2006, p. 34).

França (2006) lembra que o entrevistado refere-se ao momento da constituição de espaços chamados de “guetos”, predominantes na década de 1970, em que a socialização entre homens gays e mulheres lésbicas ainda era muito associada à clandestinidade. Foi a partir da década de 1990 que algumas mudanças começaram a acontecer, como o crescimento dos investimentos e da visibilidade.

Atualmente, com a expansão dos estabelecimentos voltados ao público LGBT e também a facilitação de acesso à internet, a comunicação entre pessoas que se identificam como gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros foi potencializada, mas persistem os muitos desafios no enfrentamento às diferentes formas de violência e

⁸⁹ Na dissertação **Cercas e pontes: o movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo**, Isadora Lins França (2006) desenvolveu a análise sobre os elementos em comum e os elementos contrastantes entre os movimentos políticos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros e o mercado de lazer e entretenimento voltado para gays, lésbicas e simpatizantes.

de preconceito. Ao mesmo tempo que bares e outros estabelecimentos são importantes para experiências de reconhecimento e valorização das diferenças, são necessários avanços para que tais experiências não se restrinjam a espaços delimitados, mas que abranjam as relações sociais como um todo. Para isso, as reivindicações políticas por direitos, inclusive os direitos ao lazer e ao prazer, são fundamentais.

Aproximações, integração, pertencimento, construção e fortalecimento de vínculos, conversas, risadas, alegrias, prazeres, diversões, paqueras, encontros: os elementos investigados nos diferentes exemplos de pesquisas sobre bares e outros estabelecimentos de lazer ilustram como a compreensão da associação entre bebidas alcoólicas e sociabilidade envolve múltiplos elementos que não podem ser conhecidos com a atenção apenas para o álcool, somente enquanto substância, sem que sejam consideradas as expectativas, as relações e os contextos de consumo. No próximo tópico abordaremos sobre como foram propostos diferentes procedimentos de pesquisa para uma compreensão mais ampla sobre essas expectativas, relações e contextos.

2.4 Entre fugas e encontros: diferentes procedimentos de estudo sobre as bebidas alcoólicas

Uma concepção frequente sobre os efeitos do álcool é a de que, ao beberem, as pessoas agiriam de forma puramente espontânea, puramente impulsiva, como se os usos de bebidas alcoólicas abrissem caminho para a uma espécie de suspensão das influências e controles culturais. Diferentes pesquisas realizadas nas últimas décadas identificaram por meio de procedimentos diversos como a associação entre álcool e desinibição expressa mais elementos culturais do que é possível notar à primeira vista.

Um estudo inaugural sobre a relação entre desinibições e cultura foi realizado pelos antropólogos Craig MacAndrew e Robert Edgerton, em 1969, quando reuniram estudos etnográficos realizados em localidades e entre grupos diversos no livro **Drunken comportment: a social explanation**⁹⁰. Os autores buscaram contestar as explicações predominantes no período que situavam os fatores biológicos como as causas principais ou exclusivas das alterações comportamentais observadas entre pessoas que consumiram bebidas alcoólicas. O trecho a seguir refere-se à apresentação do estudo:

(...) O presente esforço é dirigido à reconsideração da compreensão tradicional da relação entre as pessoas e o álcool – a proposição de que o álcool, em virtude do ataque tóxico no sistema nervoso central, causa em quem bebe a perda de

⁹⁰ Tradução nossa: “Comportamento embriagado: uma explicação social”.

controle de si mesmo(a) e que faça coisas que, de outra maneira, não faria. Será nosso argumento a disjunção entre isso, a formulação convencionalmente aceita sobre os efeitos do álcool no comportamento e os fatos presentemente disponíveis acerca do que as pessoas de fato fazem quando estão bêbadas (MACANDREW; EDGERTON, 1969/2003, p. xii) (4).

A partir dos exemplos analisados, os autores demonstraram como há diferentes variações nos comportamentos e concepções sobre essas variações nas diferentes culturas:

- há culturas em que o consumo de bebidas alcoólicas não é associado à desinibição, mesmo quando ocorre em grandes quantidades⁹¹;
- há culturas em que a desinibição associada às situações de consumo de bebidas alcoólicas independe das quantidades consumidas: mesmo entre pessoas que beberam muito pouco, desinibir-se é algo esperado⁹²;
- há culturas em que a expectativa de maior desinibição está relacionada a alguns contextos em que o consumo de bebidas alcoólicas ocorre, mas não em outros, com variações relacionadas aos lugares, às datas, horários e ao tipo de bebidas consumido⁹³;
- há culturas em que ao invés de desinibição, a alteração esperada é de intensificação do autocontrole⁹⁴.

⁹¹ Entre os exemplos trazidos por MacAndrew e Edgerton (1969/2003) sobre a ausência de expectativas de desinibições, está o estudo etnográfico realizado sobre a tribo indígena Yuruna, da América do Sul, em que após beberem em grandes quantidades uma bebida fermentada chamada Malicha, as pessoas tendem a se recolher de forma introspectiva e silenciosa, evitando contatos entre si.

Os autores mencionam também o estudo etnográfico sobre Takashima, uma pequena comunidade de pesca no Japão, em que mesmo bebendo a ponto de serem levados carregados para não caírem no rio ao voltarem para casa de barco, o comportamento amistoso é o mais comum nas festas, sem atitudes consideradas excessivas ou descontroladas.

Outro estudo etnográfico analisado foi realizado com a tribo Camba, da Bolívia, em que mesmo sendo frequente o consumo de um destilado com o teor alcoólico de 89%, em festas que começam de manhã e duram por muitas horas, as pessoas passam mal, vomitam e até desmaiam, mas não expressam comportamentos interpretados como desinibição.

⁹² Um contexto em que as quantidades não são um fator tão influente refere-se à tribo indígena Vico, dos Andes Peruanos, em que a desinibição sexual é considerada uma característica comum das festas, nas quais acontecem com frequência tanto o consumo de bebidas alcoólicas quanto as práticas sexuais extra-conjugais. No entanto, tais comportamentos independem do quanto é consumido, sendo inclusive mais provável que homens escolham permanecer sóbrios com a intenção prévia de se envolverem sexualmente com alguém.

⁹³ A diferença em relação aos tipos de bebida consumidos pode ser notada no exemplo da comunidade Papago, que habita uma região desértica do México. Quando consomem a bebida produzida internamente, um vinho feito à base de cacto, predominam as relações amistosas e cordiais, mas quando bebem whisky, trazido por outros povos, tendem a agir de forma agressiva.

⁹⁴ Como exemplo da expectativa de autocontrole são apresentados os rituais de transição da infância para a vida adulta realizados entre os jovens garotos do vilarejo de Aritama, localizado ao norte da Colômbia, em que após o consumo de bebidas alcoólicas há a expectativa de que ajam de forma

Diferentemente de alterações em funções como a locomoção, o equilíbrio, a coordenação motora e a acuidade visual, que são notadas de forma constante em diferentes contextos culturais, as alterações comportamentais não são passíveis de descrições generalizantes.

MacAndrew e Edgerton (1969/2003, p. 165) defenderam então que:

No lugar de ver o comportamento embriagado como função de cérebros toxicamente desinibidos operando em corpos guiados por impulsos, nós recomendamos que o que está fundamentalmente em questão são as relações aprendidas entre pessoas que vivem juntas em uma sociedade. Mais especificamente, nós afirmamos que o modo como as pessoas se comportam quando estão bêbadas é determinado (...) pelo que a sociedade em que essas pessoas vivem produz e transmite como importante a elas em relação ao estado de embriaguez (5).

Ao invés de desencadeadoras de uma supressão da moralidade, MacAndrew e Edgerton (1969/2003) propõem que as práticas de consumo de bebidas alcoólicas sejam compreendidas como uma espécie de marcador temporal que indica em algumas culturas uma maior permissividade para a alteração nos padrões morais. Nessas culturas, embriagar-se é como adquirir uma autorização para agir de modos diferentes de como se age habitualmente, uma espécie de licença para poder se comportar “como se não fosse a mesma pessoa” (MACANDREW; EDGERTON, 1969/2003, p. 169)⁹⁵.

As ideias propostas por Craig MacAndrew e Robert Edgerton em 1969 foram um marco importante para os estudos sobre a associação entre álcool e cultura.

Outra publicação que teve grande influência nos estudos realizados desde então foi a da coletânea **Constructive drinking: perspectives on drink from anthropology**⁹⁶, organizada pela antropóloga britânica Mary Douglas em 1987. As investigações reunidas tiveram como foco discutir as variadas expectativas, significados e valores atribuídos por diferentes países e regiões às bebidas e ao beber, como uma forma de contraposição à ênfase predominante nos estudos da saúde e da criminologia nos riscos e prejuízos associados ao consumo de álcool. Lazer, diversão, festividade, sociabilidade e prazer foram alguns dos elementos estudados.

contida e auto-vigilante. Mesmo em outras situações, como festas, batizados e casamentos, os homens que parecem visivelmente embriagados não demonstram comportamentos desinibidos, mas tendem a ficar mais quietos.

⁹⁵ Tradução nossa para o original: “like one is not really oneself” (MACANDREW; EDGERTON, 1969/2003, p. 169).

⁹⁶ Tradução nossa: “Beber construtivo: perspectivas da antropologia sobre o beber”.

O argumento de que o consumo de bebidas seria uma forma de *fuga da realidade*, de escape, de negação, é problematizado por Mary Douglas (1987/2003) no capítulo **A distinctive anthropological perspective**⁹⁷, com a argumentação sobre como em muitas ocasiões as bebidas são vistas como meios para a promoção de encontros, de experiências, de sensações, de relações, ou seja, participam na construção da realidade. Nas palavras da autora:

As bebidas estão no mundo. (...) Elas são tão reais como tijolos e cimentos. Elas são exemplos de coisas que constituem o mundo, elas entram nos pacotes de outras coisas reais. (...) Nós pretendemos mostrar que o que está sendo categorizado em qualquer encontro em uma taverna ou em uma reunião em casa é parte do ordenamento social (DOUGLAS, 1987/2003, p. 9) (6).

Enquanto já nas décadas de 1950 e 1960 as discussões sobre as influências culturais nas experiências de consumo de bebidas alcoólicas estavam presentes nos estudos de áreas como antropologia, sociologia e história, em outras áreas elas ganharam espaço de forma mais lenta e com maiores resistências. Como exemplo podemos mencionar os estudos de áreas como química, biologia e medicina: foi na década de 1970 que experimentos em laboratório que visavam investigar sobre as dimensões não farmacológicas dos efeitos do álcool começaram a ser desenvolvidos. A realização desses estudos contribuiu para desestabilizar as concepções vigentes até então de que as explicações sobre os efeitos do álcool deveriam ser concentradas nas propriedades bioquímicas.

O modelo experimental que teve uma importância inaugural para os estudos em laboratório sobre o álcool foi proposto por Alan Marlatt, Barbara Demming e John Reid em 1973 e constituiu na utilização combinada de bebidas alcoólicas e bebidas não alcoólicas como placebos e antiplacebos. O experimento inicial teve início com a divisão dos(as) participantes em quatro grupos:

- (1) quem consumia bebida alcoólica tendo recebido a informação de que consumiria;
- (2) quem consumia uma bebida tônica, não alcoólica, mas após ter recebido a informação de que consumiria álcool;
- (3) quem consumia uma bebida tônica, não alcoólica, tendo recebido a informação de que não consumia álcool e
- (4) quem consumia uma bebida alcoólica embora tivesse recebido a informação de que não consumiria álcool.

⁹⁷ Tradução nossa: “Uma perspectiva antropológica distinta”.

Quadro 1 - Características dos grupos participantes de experimentos sobre os efeitos de bebidas alcoólicas com a utilização de placebos e antiplacebos.

	Recebeu a informação de que beberia álcool?	Consumiu álcool?
Grupo 1	Sim	Sim
Grupo 2	Sim	Não
Grupo 3	Não	Não
Grupo 4	Não	Sim

Fonte: Própria autora.

No primeiro experimento, as pessoas que acreditaram terem consumido álcool, independentemente de terem consumido de fato ou não (grupos 1 e 2), tenderam a beber em maiores quantidades do que as que acreditaram estarem consumindo uma bebida não alcoólica, independentemente de ter sido de fato uma bebida tônica não alcoólica ou não (grupos 3 e 4)⁹⁸. Ou seja, o fator que teve maior influência para que os(as) participantes bebessem mais não foi o conteúdo alcoólico da bebida, mas a convicção sobre terem bebido algo alcoólico. Esses resultados foram semelhantes entre pessoas diagnosticadas como alcoólatras e pessoas cujos padrões de consumo eram avaliados como característicos do beber socialmente. Tal resultado, na época, contribuiu para a problematização sobre uma das principais concepções que vigoravam nas pesquisas sobre o alcoolismo: a de que o álcool teria uma propriedade intrínseca que levaria algumas pessoas que bebem a não conseguirem controlar o consumo.

Nos anos seguintes, as influências do que as pessoas esperam e acreditam que acontecerá ao beberem álcool foram também investigadas em experimentos que demonstram como participantes tendem a agir mais agressivamente⁹⁹, a relatar sentirem mais excitação sexual¹⁰⁰ e menos ansiedade social ao beberem¹⁰¹. Como sintetizam

⁹⁸ O relato sobre o experimento foi publicado por Marlatt, Demming e Reid (1973) no artigo **Loss of control drinking in alcoholics: an experimental analogue**.

⁹⁹ O artigo **Effects of alcohol on aggression in male social drinkers**, de Alan Marlatt em co-autoria com Alan Lang, Daniel Goeckner e Vincent Adesso (1973), foi a primeira publicação sobre como a convicção de ter consumido álcool tem influências em reações de agressividade.

¹⁰⁰ O artigo **Expectancies, alcohol and sexual arousal in male social drinkers**, de Terence Wilson e David Lawson (1977), foi o primeiro a verificar as influências do álcool em expectativas positivas relacionadas à sexualidade.

¹⁰¹ **Effects of alcohol on social anxiety and physiological arousal**, de Terence Wilson e David Abrams (1977) foi o primeiro artigo a verificar as influências das expectativas sobre o álcool na redução da ansiedade.

William George, Amanda Gilmore e Cynthia Sappenbeck (2012, p. 179)¹⁰², a proposta do modelo experimental teve importante impacto em como os efeitos do álcool passaram a ser compreendidos e estudados:

(...) a publicação desafiou a concepção convencional de que os efeitos do álcool no comportamento humano são somente ou estritamente um produto de suas propriedades farmacológicas e fisiológicas, demonstrando poderes antes não reconhecidos de que as expectativas aprendidas sobre o álcool poderiam ter uma gama de consequências (por exemplo: agressividade, sexualidade e ansiedade social) (7).

No campo dos estudos sobre sexualidade, a investigação sobre que efeitos são fisiológicos e que efeitos são decorrentes de outros fatores gerou muitas discussões. Algumas das controvérsias foram abordadas por Leif Crowe e William George no artigo **Alcohol and human sexuality: review and integration**¹⁰³, publicado em 1989. Ao analisarem estudos sobre os efeitos farmacológicos e influências culturais, indicaram como tais estudos apresentam “(...) um amplo conjunto de resultados, muitos deles se aparente relação um com os outros e que às vezes parecem ser simplesmente contraditórios entre si”¹⁰⁴.

Entre os estudos revisados por Crowe e George (1989), estão alguns experimentos que tiveram como objetivo observar os efeitos da ingestão do álcool nas respostas fisiológicas de excitação sexual. Os procedimentos utilizados com maior frequência são aqueles relacionados à mensuração das respostas genitais, com recursos como um círculo de borracha que é colocado em torno do pênis para a identificação de alterações decorrentes da ereção e da ejaculação e um tubo que é inserido na vagina para que possam ser identificados os níveis de lubrificação e dilatação.

Alguns experimentos consistem em solicitar que os(as) participantes que estão com os aparelhos de mensuração da resposta genital assistam vídeos eróticos, para a comparação entre as reações dos(as) participantes que consumiram algumas doses de uma bebida alcoólica antes de começarem a assistir o vídeo e os(as) participantes que não ingeriram álcool. Os resultados tendem a ser diferentes entre os(as) que consomem álcool, com efeitos predominantemente supressores nas respostas genitais. Tende a haver a

¹⁰² No artigo **Balanced Placebo Design: revolutionary impact on addictions research and theory**, George, Gilmore e Sappenbeck (2012) apresentam a revisão sobre as influências do modelo experimental proposto nos estudos posteriores.

¹⁰³ Tradução nossa: “Álcool e sexualidade humana: revisão e integração”.

¹⁰⁴ Tradução nossa para o original: “[...] reveals a broad array of results, many of which bear no apparent relationship to each other and which sometimes appear to be flatly contradictory” (CROWE; GEORGE, 1989, p. 374)

diminuição do volume sanguíneo na região da vagina e do pênis, a redução da tumescência relacionada à ereção peniana e do clitóris e, quando o orgasmo ocorre, há a tendência de que aconteça após um intervalo de tempo mais prolongado.

Como explicar tais resultados de supressão das respostas fisiológicas de excitação se, como colocam George e Crowe (1989, p. 164): “A alegação de que o álcool tem propriedades afrodisíacas vem de longa data”¹⁰⁵? A questão torna-se mais complexa se considerarmos como, nos estudos em que além da mensuração das respostas genitais é solicitado que os(as) participantes descrevam como se sentiram enquanto assistiam aos vídeos, os relatos sobre terem sentido excitação são mais frequentes entre as pessoas que beberam, especialmente entre as mulheres. Ou seja: mesmo que as observações das reações genitais indiquem uma diminuição das respostas de excitação, os resultados não correspondem ao que os(as) próprios(as) participantes dizem sentir.

Diante desse impasse, foram construídos alguns delineamentos experimentais com a utilização de placebos e de antiplacebos. Aos procedimentos de solicitar que grupos de participantes que tinham ou não tinham consumido álcool que assistissem vídeos eróticos com aparelhos para mensurar as reações genitais para em seguida relatarem como se sentiram foram adicionadas as variáveis de que entre algumas pessoas que recebiam a informação de terem consumido uma bebida alcoólica, algumas haviam de fato consumido e outras não (ao invés de álcool, tinham ingerido uma bebida tônica). Alguns dos resultados identificados foram:

- As respostas genitais de excitação era menores entre os(as) participantes que consumiram álcool em comparação tanto com os(as) participantes que não consumiram e que sabiam que não consumiram, quanto com os(as) que não consumiram e não sabiam que não consumiram;
- Os relatos sobre sensações de excitação sexual foram mais frequentes entre os(as) participantes que receberam a informação de que consumiram álcool, tanto entre aqueles(as) que de fato consumiram, quanto entre os(as) que pensaram terem consumido, mas que tomaram água tônica.

A partir de uma perspectiva essencialista, as diferenças entre os relatos sobre as sensações experimentadas e as respostas genitais mensuradas podem levar à interpretação

¹⁰⁵ Tradução nossa para o original: “The claim that alcohol has aphrodisiac properties is long-standing” (GEORGE; CROWE, 1989, p. 164).

de que muitos(as) participantes estariam mentindo, afinal, a excitação seria menor devido aos efeitos do álcool no organismo. Talvez os(as) participantes(as) teriam mentido porque responderam o que imaginavam que os(as) pesquisadores(as) desejavam que respondessem, talvez porque reproduziram irrefletidamente as mensagens que recebem culturalmente sobre a associação entre bebidas alcoólicas e efeitos positivos na sexualidade. Mas gradativamente o essencialismo passou a ser contestado, tanto o essencialismo presente na ideia de que a excitação sexual poderia ser explicada apenas em termos de excitação genital, quanto o essencialismo de considerar as experiências de consumo de bebidas alcoólicas apenas a partir das alterações suscitadas pela ingestão do álcool no organismo.

Crowe e George (1989, p, 374) sintetizam sobre algumas questões que emergem diante dos experimentos revisados:

Que há uma relação entre álcool e sexualidade é uma questão de consenso. Ambos são relacionados na poesia, na prosa, na história e na crença. O álcool é considerado como uma ferramenta de sedução, uma fonte de coragem sexual e uma corneta contra os muros da restrição sexual. (...). Vários(as) pesquisadores(as) têm investigado sobre aspectos cognitivos, fisiológicos, afetivos e psicossociais dos efeitos do álcool na sexualidade, mas as informações resultantes formam uma espécie de quebra-cabeça em que as peças encontram-se espalhadas (8).

Diante das peças espalhadas do quebra-cabeça sobre a relação entre bebidas alcoólicas e sexualidade, o esforço em separar quais seriam os fatores biológicos, quais seriam os fatores psicológicos e quais seriam os fatores culturais revela-se como pouco frutífero. As expressões da sexualidade são múltiplas, atravessadas, necessariamente, pelas representações que circulam nas relações e nas experiências.

Como afirma a antropóloga estadunidense Gayle Rubin, no artigo **Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas sobre a sexualidade**, publicado originalmente em 1982:

(...) a sexualidade humana não é compreensível em termos puramente biológicos. Organismos humanos com cérebros humanos são necessários para as culturas humanas, mas nenhum exame do corpo ou de suas partes pode explicar a natureza e variedade dos sistemas sociais humanos. A fome na barriga não dá pistas sobre a complexidade da culinária. O corpo, o cérebro, os genitais, e a capacidade para a linguagem são necessários para a sexualidade humana. Mas eles não determinam seus conteúdos, suas experiências e suas formas institucionais. Além de que nós nunca encontraremos um corpo não mediado por significados conferidos pela cultura. (...) A sexualidade é tão produto da atividade humana como o são as dietas, os meios de transporte, os sistemas de etiqueta, formas de trabalho, tipos de entretenimento, processos de produção e modos de opressão (RUBIN, 1982/2011, p. 2).

É possível parafrasearmos a afirmação de Rubin (1982/2011, p. 2) para nos referirmos às práticas de consumo de bebidas alcoólicas, considerando como os organismos humanos e os cérebros humanos são necessários para essas práticas culturais, mas que nenhum exame do corpo e de suas práticas pode explicar a natureza e a variedade de como se expressam.

As pesquisas sobre expectativas, que tiveram início na década de 1970 com os estudos em laboratório discutidos neste tópico, continuaram a ser desenvolvidos desde então, com experimentos e também outros métodos, como a realização de entrevistas e a aplicação de questionários¹⁰⁶. Falaremos mais sobre as expectativas relacionadas ao consumo de bebidas alcoólicas no tópico seguinte.

2.5 Entre expectativas e recordações: prazeres ansiados e prazeres narrados

“O álcool parece mágico”; “Beber faz o mundo parecer um lugar melhor”; e “Beber faz com que o futuro pareça mais brilhante” são frases apresentadas no Questionário de Expectativas sobre o Álcool - AEQ¹⁰⁷, um instrumento utilizado com o objetivo de investigar sobre que efeitos são esperados do consumo de bebidas alcoólicas, que é preenchido a partir da escolha dos(as) participantes sobre quais afirmações apresentadas são avaliadas por eles(as) como verdadeiras ou como falsas. As três frases elencadas acima foram escolhidas como exemplos por serem ilustrativas do quanto positivas as expectativas podem ser.

A escolha por assinalar uma das frases como verdadeira ou falsa não representa, necessariamente, uma expectativa relacionada a uma experiência prévia direta com bebidas alcoólicas, considerando como também entre participantes que nunca consumiram álcool a frequência de associações positivas não é pequena.

A expectativa de que determinados efeitos ocorram não tem uma relação direta com quais efeitos serão experimentados. Embora possa haver influências como a de que pessoas com mais expectativas positivas tendem a consumir álcool em maiores quantidades e/ou com maiores frequências, não há necessariamente uma ligação entre a

¹⁰⁶ A primeira versão do **Alcohol Expectancy Questionnaire – AEQ** foi formulada por Sandra Brown, Mark Goldmann, Andres Inn e Anderson Lynn, publicada no artigo **Expectations of reinforcement from alcohol**, em 1980. O questionário tem sido aplicado em diferentes pesquisas, tanto na sua versão original, quanto em versões adaptadas, como seu formato para adolescentes ou com variações que envolvem a substituição das alternativas “concordo” ou “discordo” para escalas com mais gradações.

¹⁰⁷ Tradução nossa para o original: “Alcohol Expectancy Questionnaire”.

predominância de associações positivas e a predominância de efeitos positivos nas experiências de consumo.

As principais expectativas investigadas podem ser divididas em 6 grupos, que serão apresentados no quadro a seguir acompanhados por alguns exemplos de afirmações que constam na adaptação brasileira do **Questionário Sobre Expectativas para Adolescentes**:

Quadro 2 – Afirmações apresentadas no Questionário Sobre Expectativas para Adolescentes (FACHINI, 2009)

Efeitos	Afirmações apresentadas no questionário sobre expectativas
Efeitos gerais	“beber álcool faz uma pessoa sentir-se bem e feliz”; “beber álcool faz a pessoa se sentir mais satisfeita consigo mesma”; “beber álcool deixa as pessoas desinibidas”.
Sensações prazerosas	“tomar algumas doses de álcool é uma maneira agradável de curtir os feriados”; “beber álcool deixa as pessoas em qualquer estado de espírito que elas queiram estar”; “beber álcool livra de dores e sofrimentos”.
Efeitos positivos para as relações sociais	“beber algo torna as pessoas mais amigáveis”; “é mais fácil se abrir e falar sobre sentimentos após algumas doses de álcool”, “as pessoas se comportam como se fossem os melhores amigos após algumas doses de álcool”.
Efeitos positivos para a sexualidade	“o álcool torna as experiências sexuais mais fáceis e agradáveis”, “as pessoas sentem-se mais sexy após beberem algumas doses de álcool”, “o álcool torna as pessoas melhores amantes”.
Relaxamento e redução de tensão	“o álcool deixa as pessoas mais relaxadas e menos tensas”, “beber álcool faz com que as pessoas se preocupem menos”, “após algumas doses de álcool as pessoas não se preocupam muito com o que os outros pensam delas”.
Aumento da agressividade e dos riscos	“o álcool aumenta a excitação, faz as pessoas se sentirem mais fortes, dominantes e provocadoras de brigas”, “quando bebem, as pessoas são capazes de ofender e caçoar dos outros”, “quando bebem álcool, as pessoas não se sentem em condições de controlar seus atos e são capazes de fazer algo que elas não desejariam fazer”.

Fonte: Própria autora¹⁰⁸

¹⁰⁸ Os exemplos foram extraídos da versão brasileira para o **Alcohol Expectancy Questionnaire – Adolescent form**, utilizado na pesquisa de Alexandre Fachini (2009, p. 59-62).

Grande parte dos estudos que utilizam como instrumento o questionário sobre expectativas apresentam finalidades preventivas ou interventivas, ao buscarem investigar como a presença de expectativas positivas pode ser um dado preditor de uma maior probabilidade do consumo de bebidas alcoólicas, do consumo em grandes quantidades e/ou da ocorrência de consequências prejudiciais. Como mencionamos acima, em termos de determinação, no geral, os resultados não são conclusivos: há uma propensão para que pessoas com mais expectativas positivas apresentem maiores níveis de consumo, mas não em níveis suficientes para a indicação de uma causalidade. Além disso, diferenças de idade e gênero influenciam de forma significativa nas respostas.

Apesar de não haver uma relação de causalidade entre expectativas e padrões de consumo, os estudos sobre as expectativas são interessantes para conhecermos que significados são atribuídos ao álcool, assim como para investigarmos como as associações são culturalmente construídas e difundidas.

Conhecermos sobre o que as pessoas esperam das experiências de consumo de álcool, inclusive pessoas que nunca consumiram, nos traz assim informações relevantes sobre concepções acerca das bebidas e sobre como essas concepções são aprendidas. Nos estudos sobre expectativas, no entanto, é constatado também como muito do que é esperado não corresponde às experiências vividas, assim como os efeitos experimentados não necessariamente se tornarão expectativas sobre como serão as experiências seguintes.

Como são as experiências vividas, os efeitos experimentados? Algumas alterações podem ser observadas, constatadas, mas sem que possam ser identificados os significados que lhes são atribuídos, seja no momento do consumo, seja posteriormente. Nesse sentido, é relevante conhecermos sobre as pesquisas que perguntam às pessoas sobre os momentos que consumiram álcool, como foram esses momentos, que efeitos perceberam, como avaliaram esses efeitos, de que situações recordavam, que aspectos consideraram positivos e que aspectos consideraram negativos. Questionários, entrevistas individuais, entrevistas em grupos focais e elaboração de narrativas orais ou escritas são alguns dos instrumentos que podem ser utilizados com esse propósito de conhecer sobre como diferentes pessoas contam sobre as experiências que viveram.

Como exemplo, podemos mencionar a pesquisa realizada por Thomas Vander Ven (2011) com estudantes de universidades dos Estados Unidos. Foram analisadas 469 histórias escritas pelos(as) participantes, em um primeiro momento, e os principais temas identificados foram norteadores para a realização de 25 entrevistas individuais. No livro

Getting wasted: why college students drink too much and party so hard¹⁰⁹, o autor discute sobre os resultados identificados.

Uma das palavras mais utilizadas nas narrativas escritas e nas entrevistas foi “diversão”. Mais do que se divertirem, as pessoas que participaram da pesquisa com frequência relataram como se divertem juntas, com ênfase no “juntas”, considerando como desfrutar de situações alegres com companhias que valorizam foi um elemento bastante recorrente nos relatos, mais mencionado que os efeitos experimentados com a ingestão das bebidas. O autor comenta:

O álcool parece permitir aos(as) bebedores(as) universitários(as) que sejam mais falantes, mais aventureiros(as), mais confiantes quando abordam alguém que desejam e se interessam amorosamente, e com uma maior tendência a expressarem-se abertamente e dar afeto a seus amigos e amigas, colegas de quarto ou parceiros e parceiras. Assim o álcool é usado estrategicamente pelos(as) bebedores(as) universitários(as) para superar a timidez, para combater a ansiedade social, para tornar-se mais íntimo(a) de amigos e amigas e (...) para facilitar relações românticas e sexuais (9).

A facilitação das interações foi relacionada a como, sob o efeito do álcool, os(as) participantes relataram sentirem-se menos vulneráveis aos julgamentos de outras pessoas. Houve também a valorização da maior propensão para que aconteçam coisas imprevisas, surpreendentes, que não podem ser imaginadas ou previstas antes que os(as) jovens comecem a beber.

O que pode acontecer de inesperado? Vander Ven (2011, p. 36) menciona alguns exemplos: “(...) as pessoas caem, confundem as palavras, quebram coisas, riem descontroladamente, agem de forma maluca, paqueram, fazem sexo casual, passam mal, desmaiam, brigam, dançam, cantam e ficam excessivamente emocionais”¹¹⁰.

Muitas experiências positivas foram relatadas, mas também experiências negativas, com consequências indesejáveis e recordações constrangedoras acompanhadas por sensações como vergonha e arrependimento. No entanto, as lembranças ruins pouco foram apontadas como razão para que os(as) jovens não bebesses mais.

No capítulo **The morning after: hungovers and regrets**¹¹¹, ao questionar sobre o por quê das consequências nocivas não levarem ao desejo de interromper ou reduzir as

¹⁰⁹ Tradução nossa: “Ficando chapado(a): por que estudantes universitários(as) bebem tanto e festejam tão intensamente?”.

¹¹⁰ Tradução nossa para: “(...) people fall down, slur their words, break things, laugh uncontrollably, act crazy, flirt, hook up, get sick, pass out, fight, dance, sing, and get overly emotional” (VANDER VEN, 2011, p. 36).

¹¹¹ Tradução nossa: “A manhã seguinte: ressacas e arrependimentos”.

práticas de consumo, Vander Ven (2011) chegou à seguinte compreensão: a sociabilidade não é um fator motivador apenas durante as experiências de consumo de álcool, mas também depois. A oportunidade de dividirem entre pares relatos sobre as consequências negativas e embaraçosas foi um aspecto mencionado por muitos(as) participantes.

Contar sobre o que foi vivido, tanto o que foi divertido quanto o que foi frustrante, tanto o que foi agradável quanto o que foi lamentável, compartilhar alegrias e surpresas, momentos engraçados e momentos constrangedores foi uma prática recorrente entre os(as) entrevistados:

(...) Com frequência, infortúnios intoxicados são reformulados como eventos de humor para todas as pessoas aproveitarem. Os(as) estudantes universitários(as) às vezes documentam abertamente suas experiências nas redes sociais (como o Facebook) e criam os próprios websites onde postam fotografias de suas explorações intoxicadas.

(...) Quando pessoas que beberam juntas acordam no dia seguinte em estados similares de mal-estar, a ressaca torna-se uma prazerosa experiência coletiva que envolve solidarizar-se com os prejuízos físicos mútuos, contar histórias de guerra sobre a noite anterior, e rir da lamentável forma em que estão (VANDER VEN, 2011, p. 20) (10).

Somam-se aos prazeres associados às experiências de consumo de bebidas alcoólicas, assim, os prazeres narrativos, a tendência de que as histórias vividas sejam contadas nos dias que se seguem de forma animada, como algo estimulante e divertido, mesmo quando envolvem consequências consideradas como negativas e indesejáveis.

O prazer narrativo abrange, assim, o prazer de compartilhar histórias sobre como as pessoas agiram sob o efeito do álcool, incluindo comentários e risadas sobre atitudes vistas como inadequadas, lamentáveis e/ou ridículas. As pessoas que presenciam as cenas podem se deleitar contando-as, rindo do que aconteceu e também da vergonha que a pessoa que a viveu tende a experimentar. Há inclusive muitos momentos em que a própria pessoa ri de si mesma.

Por que seria algo tão engraçado e divertido como as pessoas agem de formas diferentes como bebem? Uma explicação possível refere-se ao alívio propiciado pela temporária suspensão de alguns controles e censuras. É exaustivo, na vida cotidiana, o esforço por agir de forma adequada e coerente, a dedicação para corresponder às expectativas e a preocupação com como as próprias ações serão julgadas, na busca por aceitação, por aprovação. Não é pouca coisa que por alguns momentos tais esforços e preocupações possam ficar em segundo plano, ou mesmo serem subvertidos, já que, quando bebem, há atitudes que entre as pessoas sóbrias seriam reprováveis mas que passam a ser não só toleradas, mas incentivadas.

Para pensarmos sobre como a flexibilização de controles e censuras é valorizada como fonte de alívio, é interessante considerarmos as discussões realizadas no livro **A representação do eu na vida cotidiana**, em que o sociólogo canadense Erving Goffman (1975, p. 58) parte de metáforas teatrais para identificar aspectos presentes nas relações sociais, ressalta que são muitos os desafios em como:

A coerência expressiva exigida nas representações põe em destaque uma decisiva discrepância entre nosso eu demasiado humano e nosso eu socializado. Como seres humanos somos, presumivelmente, criaturas com impulsos variáveis, com estados de espírito e energias que mudam de um momento para outro. Quando porém nos revestimos de caráter de personagens em face de um público, não devemos estar sujeitos a altos e baixos.

Assim como a sensação aparentemente incômoda de despencar pode ser buscada e valorizada como prazerosa quando alguém escolhe andar em uma montanha-russa, os altos e baixos que costumam ser evitados pelas exigências de coerência expressiva nas interações cotidianas podem ser buscados e valorizados como prazerosos quando alguém escolhe beber em companhia de outras pessoas.

Thomas Vander Ven (2012, p. 35) parte das análises sobre as expectativas de manejo da impressão causada em outras pessoas realizada por Goffman (1975) para discutir sobre as experiências sociais de consumo de bebidas alcoólicas:

A capacidade humana de ser ao mesmo tempo sujeito e objeto para si mesmo(a) possibilita uma ampla gama de processos de auto-objetificação, como a auto-avaliação, a auto-crítica, a auto-motivação e o auto-controle. (...) Humanos(as) alteram seus comportamentos e como apresentam a si mesmos(as) mais ou menos de acordo com o quanto se importam com a aprovação de uma audiência em particular (...). De acordo com meus respondentes da pesquisa, os processos de auto-consciência e adaptação são significativamente modificados quando há a embriaguez.

Os contextos de lazer e sociabilidade em que se inserem as práticas de consumo de bebidas alcoólicas são, assim, considerados como propícios à diversão pela possibilidade de modificação nos processos reflexivos de autoavaliação, autocrítica e autocontrole tão presentes nas interações cotidianas. Sem as mesmas pressões para construir uma imagem de si que se adeque satisfatoriamente aos padrões de aceitação, as ansiedades e inseguranças se atenuam, as pessoas se expressam e se relacionam de forma mais descontraída, sem os mesmos receios de serem julgadas como inapropriadas.

Torna-se importante, em síntese, nos atentarmos para como a compreensão sobre as experiências de consumo de bebidas alcoólicas deve abranger mais que a identificação de aspectos presentes nos momentos de consumo: tanto antes (as expectativas), quanto

depois (as recordações e narrativas) há fatores que requerem um olhar mais amplo e sensível. Um exemplo é como, para muitos(as) adolescentes e jovens, contar sobre as experiências de consumo de álcool faz parte de um processo em que buscam reconhecimento como pessoas que se divertem, que aproveitam, que têm histórias emocionantes e divertidas para dividir. Inclusive para que os(as) adolescentes e jovens possam valorizar medidas de cuidado em suas práticas de consumo, conhecer sobre o lugar dado a essas práticas em como se veem e são vistos(as) é um movimento necessário.

No quadro a seguir são apresentadas outras pesquisas que tiveram entre os objetivos investigar como adolescentes e jovens relatam sobre as experiências de consumo de álcool. Realizadas em diferentes países com participantes e procedimentos diversos, as pesquisas tiveram em comum a utilização de abordagens qualitativas e a solicitação de que os(as) participantes construíssem narrativas sobre suas experiências. Entre os principais resultados encontrados, é possível notarmos como prevaleceram nas narrativas associações com aspectos considerados positivos. Os artigos foram organizados em sequência segundo o ano de publicação.

Quadro 3 – Exemplo de pesquisas sobre os usos de bebidas alcoólicas que envolveram a análise de narrativas

Autores(as) Ano de publicação País	Título	Procedimentos de coleta de dados	Principais resultados
Patricia Niland, Antonia Lyons, Ian Goodwin, Fiona Hutton (2013) - Nova Zelândia	“Everyone can loosen up and get a bit of buzz on”: young adults, alcohol and friendship practices ¹¹²	Entrevistas em grupos focais formados a partir de relações de amizade, com 26 mulheres e 25 homens entre 18 e 25 anos.	Fazer amigos e fortalecer os vínculos de amizade foram aspectos ressaltados nas narrativas. Prazer e diversão também foram elementos mencionados.
Mary-Louise Fry (2011) Canadá	Seeking the pleasure zone: understanding young adult’s	Entrevistas individuais com 102 jovens entre 18 e 25 anos, 65 homens e 30 mulheres.	Foi identificada a vinculação entre álcool e prazer, tanto a busca por sensações alegres, quanto pelo alívio de tensões.

¹¹² Tradução nossa: “‘Todo mundo pode se soltar e ficar um pouco bêbado(a)’: jovens adultos(as), álcool e práticas de amizade”.

	intoxication culture ¹¹³		
Annadís G. Rúðólfssdóttir e Philippa Morgan (2009) Reino Unido	“Alcohol is my friend”: young middle class women discuss their relationship with alcohol ¹¹⁴	Entrevistas em grupos focais com 13 estudantes mulheres de uma universidade, entre 18 e 22 anos.	As bebidas alcoólicas foram associada a uma maior sensação de confiança e à desinibição, com momentos divertidos e prazerosos.
Christine Griffin, Andrew Bengry-Howell, Chris Hackley, Willm Mistral e Isabelle Smigin (2009) - Reino Unido	“Every time I do it I absolutely annihilate myself”: loss of (self)-consciousness and loss of memory in young people’s drinking narratives ¹¹⁵	Entrevistas em 16 grupos focais com 89 homens e mulheres entre 18 e 25 anos, estudantes de uma universidade.	Viver experiências novas, divertidas e também arriscadas, aproveitar momentos com amigos(as) e compartilhar histórias foram elementos valorizados em relação ao consumo de álcool.
Jakob Demant (2007) – Dinamarca	When alcohol acts: an actor-network approach to teenagers, alcohol and parties ¹¹⁶	Entrevistas em 37 grupos focais com adolescentes entre 14 e 16 anos.	A presença de bebidas alcoólicas foi considerada como um ingrediente necessário para festas, com associações com prazer, diversão, sociabilidade e sexualidade.

Fonte: Própria autora

As narrativas sobre experiências de consumo de álcool envolveram, muitas vezes, narrativas sobre o consumo em grandes quantidades. É sobre a associação entre álcool e excessos que discutiremos no próximo tópico.

¹¹³ Tradução nossa: “Procurando pela zona do prazer: compreendendo a cultura da intoxicação de jovens adultos(as)”.

¹¹⁴ Tradução nossa: “‘O álcool é meu amigo’: mulheres jovens de classe média discutem suas relações com o álcool”.

¹¹⁵ Tradução nossa: “‘Toda vez que eu faço isso eu me acabo totalmente’: perda de (auto)consciência e perda de memória em narrativas sobre o consumo de bebidas alcoólicas de pessoas jovens”.

¹¹⁶ Tradução nossa: “Quando o álcool age: uma abordagem ator-rede para adolescentes, álcool e festas”.

2.6 Entre os primeiros copos e muitos outros

“Encher a cara”, “tomar um porre”, “beber até cair”, “beber para ficar louco(a)”, “beber para chapar”, “se acabar”: são diversas as expressões referentes à prática de beber em grandes quantidades. Com frequência, essas expressões são utilizadas para indiciar uma intenção: a de beber até embriagar-se, como se a intensidade da embriaguez de alguma forma correspondesse à intensidade da fruição, da experiência. Em outras situações, ainda que embriagar-se não seja a finalidade, o consumo continua até que muitas doses tenham sido ingeridas, com diferentes efeitos decorrentes dessa continuidade da ingestão. Tanto quando beber muito é um propósito, quanto quando acontece sem ter sido previsto, podem haver algumas consequências que variam desde uma leve ressaca a prejuízos para si e para outras pessoas decorrentes de atitudes impensadas.

“*Binge drinking*” é uma expressão da língua inglesa utilizada em referência às práticas de consumo de bebidas alcoólicas em grandes quantidades em curtos períodos de tempo. Algumas pesquisas no Brasil têm optado por não traduzir o termo “*binge*”¹¹⁷, como é possível notar no trecho a seguir, do II Levantamento Nacional sobre Álcool e outras Drogas, publicado em 2014:

Para além da experimentação, também observa-se crescimento na precocidade do consumo regular de bebidas alcoólicas. (...) Outro dado bastante relevante e associado ao beber em risco refere-se ao beber em binge – beber em binge é considerado beber 5 doses ou mais, no caso de homens, e 4 doses ou mais, no caso de mulheres, em uma mesma ocasião num intervalo de até 2 horas (LENAD, 2014, p. 34)¹¹⁸.

Embora as definições sobre o que caracteriza o “binge drinking” não sejam consensuais¹¹⁹, um critério frequente das caracterizações é o do número de doses

¹¹⁷ No **Dicionário Michaelis Online** o termo binge é traduzido como: “farra, bebedeira”. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=Rx2aa>. Acesso em: 03 de outubro de 2016.

¹¹⁸ O **Levantamento Nacional sobre Álcool e outras Drogas – LENAD** foi desenvolvido pelo Instituto Nacional de Políticas Públicas do Álcool e Outras Drogas – INPAD da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), com o objetivo de conhecer sobre os padrões de consumo de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas na sociedade brasileira. O primeiro levantamento foi realizado em 2006 e o segundo em 2012. No relatório do segundo levantamento, o crescimento do beber em binge foi apontado como preocupação: “Entre homens a proporção de indivíduos que bebeu em binge nos últimos 12 meses cresceu 12 pontos percentuais (54% em 2006 para 66% em 2012. Entre as mulheres o crescimento foi de 14 pontos percentuais (passando de 24% para 48% em 2012)” (LENAD, 2014, p. 38).

¹¹⁹ No artigo **Binge drinking: a confused concept and its contemporary history**, Virginia Berridge, Rachel Herring e Betsy Thom (2009) discutem sobre como o conceito de “binge” é utilizado com definições variadas em estudos e políticas públicas sobre bebidas alcoólicas. Alguns aspectos que costumam variar são: se é definido como algo episódico ou como uma prática contínua, que quantidade ingeridas são consideradas “binge”, que efeitos são necessários para a classificação como

consumidas em um determinado número de horas, como no exemplo do levantamento brasileiro (5 doses ou mais para homens e 4 doses ou mais para mulheres em um intervalo de até 2 horas). É interessante notarmos como uma prática definida por elementos como excessos e descontroles tende a ser definida por meio do uso de quantificações precisas, como uma forma de descrever em medidas controladas as experiências de descontrole que se busca compreender.

Como mencionamos anteriormente, o consumo em grandes quantidades em curtos espaços de tempo pode ter consequências graves para a própria pessoa que consome, como entrar em estado de coma ou mesmo chegar à morte, assim como ter consequências para ela e para outras pessoas, como acontece quando motoristas dirigem embriagados(as) podendo causar acidentes de trânsito, quando agem de forma violenta como nas muitas ocorrências de violência doméstica, violência sexual e outras formas de violência. Para que os possíveis danos possam ser evitados, associações entre excessos e diversão, entre prazer e correr riscos, entre aproveitar e descontrolar-se requerem maior atenção.

A maior parte das pesquisas sobre os padrões de consumo de bebidas alcoólicas envolve perguntas sobre com que frequência o álcool costuma ser utilizado em uma semana em um mês e sobre o número de doses consumidas em média no período assim como em cada ocasião. Quantas vezes na semana, quantas vezes no mês, quantas bebidas no dia, quanto de concentração alcoólica em cada bebida são informações que, mesmo quando reunidas, comparadas e relacionadas com dados do perfil de cada participante, pouco dizem sobre como os excessos são significados por aquela pessoa, por aquele grupo, naquele meio em que os excessos ocorrem.

Impulsividade, inconsequência, irresponsabilidade: em diferentes estudos, pesquisas e documentos de políticas públicas, beber em grandes quantidades e em curtos períodos de tempo é uma prática associada ao descontrole e representada como um excesso nocivo, que deve ser evitado, contido, em contraposição ao consumo moderado, representado como saudável. A preocupação com práticas como o chamado beber em binge tem sido, assim, recorrente na formulação de estratégias preventivas.

Se em discursos de campos como a saúde e a educação é recorrente a representação dos excessos como nocivos, em discursos midiáticos e outros discursos relacionados ao lazer e ao entretenimento, não é incomum a associação entre excessos,

“binge” entre outros critérios que geram discordância. Recentemente, o “binge” tem sido tema principalmente em estudos sobre o beber entre jovens.

prazer e diversão. Tal associação é frequente não apenas em relação ao consumo de bebidas alcoólicas, mas também na valorização de esportes radicais, do dirigir em alta velocidade e até mesmo das práticas de assistir muitos episódios de um mesmo programa televisivo em sequência (as chamadas “maratonas”, ou, no inglês, “*binge watching*”). Um exemplo é como os anúncios publicitários de diferentes produtos exaltam como para sentir prazer, é preciso sentir muito prazer, prazer intenso, prazer ilimitado, prazer irrestrito, de modo que a incitação à venda de mercadorias não se refere ao consumo moderado, mas a um consumo sem freios, com a representação dos excessos como estimulantes e desejáveis, não como algo a ser evitado e contido.

A associação entre o beber em grandes quantidades e a perda do controle do próprio consumo, no entanto, nem sempre é tão direta como pode parecer. No artigo **The decline of ecstasy, the rise of ‘binge’ drinking and the persistence of pleasure**¹²⁰, a cientista política britânica Fiona Measham (2004) discute como muitas vezes os excessos não são acidentais, mas previamente planejados e intencionalmente buscados, como se beber pouco fosse uma espécie de desperdício de tempo e de dinheiro, e beber muito fosse uma via valorizada para a intensificação das sensações e da diversão.

Quando os excessos são planejados a programação pode inclusive abranger medidas cuidadosas sobre qual dia da semana, em que horário, em qual local, com quais pessoas e com que atividades que precisarão ser feitas ou não no dia seguinte o beber em grandes quantidades ocorrerá. Ao invés de indesejável ou inconveniente, o descontrolar-se é almejado, como nos termos que costumam ser utilizados nas investigações sobre essas práticas, que acontecem principalmente entre jovens: “hedonismo calculado” e “perda controlada de controle” (MEASHAM, 2014, p. 319)¹²¹.

Há a representação do controle como algo chato, monótono e característico das exigências e pressões da rotina, enquanto descontrolar-se é valorizado como uma forma de liberação dessas exigências e pressões, uma via para desfrutar intensamente de momentos de prazer e diversão.

Não é sempre que o propósito das práticas de consumo de álcool é o excesso, mas tal propósito também não é uma exceção. Os excessos são muitas vezes associados à possibilidade de experienciar situações inéditas, imprevistas e estimulantes.

¹²⁰ Tradução nossa: “O declínio do ecstasy, o aumento do beber em ‘binge’ e a persistência do prazer”.

¹²¹ Tradução nossa para os termos originais: “calculated hedonism” e “controlled loss of control” (Measham, 2004, p. 319).

Diante da associação entre diversão, prazer e excessos, Measham (2008, p. 1) propõe o uso do termo beber extremo (“*extreme drinking*”) para as práticas de consumo de álcool em grandes quantidades com a finalidade de intensificação das experiências e sensações:

Nós propomos que o termo beber extremo satisfaz a necessidade de uma nova definição de um padrão de consumo de álcool que tem muitas dimensões (...) O padrão de consumo ao qual nos referimos aqui é claramente guiado pela intenção direta de alguns níveis de perda de controle.

Pode haver um elemento de busca por correr riscos ou de sensações, ou um desejo de superar limites de consumo para além dos níveis usuais ou socialmente aceitáveis. (...) O beber extremo é também definido pelo *processo* envolvido em alcançar o estado desejado. Ao menos da perspectiva de quem bebe, o processo em si mesmo é uma experiência positiva, na qual a busca por prazer e fruição vai além dos limites dos níveis de consumo de álcool usuais socialmente. O beber extremo é, no geral, uma atividade social, tornada possível e encorajada por outras pessoas, geralmente amigos(as) e colegas, que dividem a experiências e as atitudes amplamente positivas frente a esse padrão de consumo (MEASHAM, 2008, p. 1-2) (11).

Torna-se importante, mais uma vez, que o beber seja compreendido enquanto uma atividade social. No capítulo **How do people drink?**¹²², Dwight Heath (2011) discute como diante da frequência das práticas de consumo de bebidas alcoólicas, muita atenção tem sido direcionada para o álcool, com menos atenção para os excessos. Um exemplo é como muitas campanhas preventivas buscam argumentar para evitar que as pessoas experimentem ou usem álcool, atribuindo ao álcool, em si, e não ao consumo em grandes quantidades sem medidas de cuidado o alto número de consequências nocivas que podem acontecer quando alguém bebe muito em um curto espaço de tempo.

Vander Ven (2011) argumenta como embora seja possível identificar se uma pessoa está ou não embriagada com mensurações da concentração alcoólica no sangue, dados mensurados poucos dizem sobre como a embriaguez é experimentada, como indesejável e danosa ou como divertida e prazerosa. Muitos dos elementos positivos não são descritos em relatos sobre a experiência individual de embriagar-se, mas em narrativas sobre como foi a experiência coletiva de beber juntos(as), vivenciar e presenciar com outras pessoas os excessos decorrentes do consumo.

A sociabilidade, que exerce significativa importância como motivação nas experiências de consumo entre adolescentes e jovens, como vimos no tópico anterior, e entre as pessoas no geral, como vimos ao longo do capítulo, também é um elemento importante a ser considerado em relação às práticas de consumo em grandes quantidades.

¹²² Tradução nossa: “Como as pessoas bebem?”

2.7 As manhãs seguintes

As experiências de consumo de bebidas alcoólicas não se reduzem apenas aos momentos em que se bebe. Algumas consequências demoram algumas horas para aparecer, podendo chegar principalmente nas manhãs seguintes, outras podem levar mais tempo, até mesmo alguns anos. Enquanto os efeitos momentâneos tender a ser relatados como prazerosos, há outros efeitos, a curto e a longo prazo, que são alvos mais frequentes de desconfortos, dificuldades e lamentações. É sobre eles que discutiremos neste tópico.

O contraste entre as alegrias, coragens e ousadias nos momentos de usos e alguns incômodos, arrependimentos e constrangimentos que podem emergir na sequência foram comentados no livro **Elogio da loucura**, escrito em 1501 por Erasmo de Rotterdam. No livro, sobre como as ilusões, enganos, dissimulações, euforias e paixões atravessam nossas experiências e relações, a loucura é a protagonista e a narradora, que argumenta em primeira pessoa sobre sua importância nas vidas humanas. Ao explicar que decidiu escrever elogiando-se por considerar injusto como outros deuses e deusas são mais lembrados e valorizados, como Baco, a loucura afirma:

(...) Nenhuma das outras divindades reparte igualmente, entre os mortais, os seus favores. Não cresce por toda parte aquele vinho generoso e saboroso que afasta as aflições importunas e enche até o ânimo mais melancólico de alegria, de coragem e de esperanças. Vênus raramente concede o dom da beleza; Mercúrio dá a poucos a eloqüência e Hércules é parco dispensador das riquezas (...). Quero louvar-me ainda num outro fato. Entre os numerosos méritos que os poetas costumam atribuir a Baco, o que se mantém e é realmente o primeiro é o que consiste em tirar e dissipar do ânimo dos mortais as aflições, as inquietações e a tristeza, perversas filhas da razão: mas por pouco tempo; porque depois de algumas horas de sono, voltam a atormentar-nos imediatamente e, como se costuma dizer, a todo galope (...) (ROTTERDAN, 1501/2002, p. 104-105).

Entre os tormentos que podem vir “a todo galope” está a chamada ressaca, referente às consequências que algumas pessoas sofrem quando acordam após terem bebido no dia anterior, principalmente se beberam em grandes quantidades. Os efeitos da ressaca estão relacionados à desidratação¹²³ e podem incluir dores de cabeça, fadiga, maior sensibilidade às luzes e aos sons, dores musculares e aumento da sede.

Enquanto sensações como fadiga e dores de cabeça passam, há arrependimentos relacionados a atitudes que aconteceram sob o efeito do álcool que podem ter impactos mais duradouros. “Ressaca moral” é um termo que costuma ser utilizado em referência aos constrangimentos e remorsos sentidos. Embora as censuras sejam flexibilizadas e a

¹²³ A insuficiência da presença de água no organismo prejudica o funcionamento dos ciclos de Krebs, que são responsáveis pelas reações químicas de metabolização da glicose e outros açúcares.

autocrítica seja atenuada em experiências de consumo de álcool, tanto as censuras quanto a autocrítica voltam a ser influentes algumas horas depois, até mesmo mais intensas pelo remorso sentido por não ter havido controle das próprias ações e escolhas.

Na pesquisa feita por Thomas Vander Ven (2012) com jovens de universidades, atitudes agressivas, envolvimento em acidentes ou brigas e relações sexuais casuais, principalmente se ocorreram sem o uso do preservativo, são os motivos relatados com maior frequência para os arrependimentos. Usos de celulares para telefonar ou enviar mensagens também são bastante relatados como acompanhados de sensações de vergonha e remorso. Quando o consumo no dia anterior prejudica ou impede o desempenho nas atividades programadas para o dia seguinte, arrependimentos também são comuns.

É quando se embaralham as dimensões entre o voluntário e o involuntário, entre o que pode e o que não pode ser controlado, que sensações como embaraço, constrangimento e vergonha tornam-se mais presentes. Segundo as definições apresentadas por Julio Verztman (2014, p. 128-129, *itálico do original*):

(...) O embaraço é a *sensação de desconforto* que ocorre quando alguém se sente exposto. Ele denuncia os sofrimentos correlacionados com toda a trama relacional da exposição, tais como estar na posição de objeto, não ter qualquer controle sobre o que está sendo visto, sofrer as consequências da passividade diante do outro, suportar com dor a reflexividade da relação com o olhar do outro, entre outros fatores. (...) A vergonha é um passo adiante do embaraço, já que aí ser objeto do olhar de outrem equivale a ser objeto de desprezo de outrem. (...).

A trama relacional envolve como a pessoa se vê, como a pessoa deseja ser vista, como imagina que é vista pelas pessoas que lhes importam, como se sente em relação às suas atitudes e às impressões que suas atitudes podem ter provocado. Se tudo o que fizéssemos fosse planejado e voluntário, não haveria vergonha. Como nossas atitudes, no geral, e sob o efeito do álcool, de forma intensificada, costumam escapar ao nosso controle, explorarmos as relações entre o involuntário, os descontroles e a vergonha torna-se relevante para identificarmos questões que costumam ser fonte de preocupações e sofrimentos.

Ao descrever sensações dolorosas de confusão e estranhamento que podem estar presentes entre pessoas que se arrependem do que fizeram quando beberam, Norman Denzin (2017, p. 150) demonstra como a *cisão* experimentada é uma condição subjetiva que requer atenção:

Desconectadas, irreconhecíveis peças do quebra-cabeça, como as peças fraturadas de si, encontram-se espalhadas em uma pilha desorganizada. Ele ou ela não sabe por onde começar, ou como começar a colocar as peças juntas novamente em alguma forma reconhecível.

Assim como podem ser valorizadas como recursos para evitar ou aliviar algumas angústias, tensões, preocupações e sofrimentos, as bebidas alcoólicas podem se tornar, para algumas pessoas, motivos de novas angústias, tensões, preocupações e sofrimentos, tanto em termos físicos, quanto psicológicos e relacionais. Entre as sensações negativas estão os constrangimentos e arrependimentos, que podem acompanhar a lembrança (ou a dificuldade para lembrar) do que foi feito sob o efeito do álcool. As relações afetivas, com parceiros(as), familiares e outras pessoas próximas, tendem a ser o campo de maiores prejuízos.

No capítulo **The alcoholically divided self**¹²⁴, Denzin (2017) analisa como é frequente uma cisão entre como a pessoa vê e experiencia a si mesma sóbria e como vê e experiencia a si mesma quando bebe, assim como a referência à cisão entre a imagem de si e a imagem de como deseja ser, se ver e ser vista. Outra cisão recorrente expressa-se quando, ao relatar o que lembra ou ouviu que aconteceu sob o efeito do álcool, a pessoa menciona a influência sobre “algo em mim que não sou eu”.

Pensarmos sobre a relação reflexiva que uma pessoa estabelece consigo mesma, portanto, é uma chave importante tanto na compreensão de experiências que ocorrem sob o efeito de bebidas alcoólicas. Além das dificuldades da manhã seguinte, há consequências que podem acontecer entre pessoas que costumam beber em grandes quantidades e/ou com grande frequência que só são identificadas a longo prazo, geralmente depois de alguns anos, que incluem prejuízos para a saúde física (problemas do fígado, por exemplo) e para a saúde psíquica (como o desenvolvimento de quadros de dependência).

No capítulo **The recovering alcoholic self**¹²⁵, Denzin (2017) discute como o reconhecimento de si como uma pessoa dependente do álcool começa quando a prática de beber passa a ser avaliada como algo destrutivo mas que, embora os problemas decorrentes do consumo sejam muitos, há a dificuldade para não beber ou para ter controle sobre a quantidade do consumo ou sobre o que se faz quando o consumo ocorre.

“(…) *O medo da manhã seguinte, sozinho, acordado, aterrorizado. É por isso que eu bebo (...)*” – afirmou um dos participantes da pesquisa realizada por Denzin (2017, p. 135). “(…) *Nós perdemos tudo. O álcool era o nosso único amigo. Nós nos encontramos*

¹²⁴ Tradução nossa: “A experiência de si mesmo(a) dividida alcoolicamente”.

¹²⁵ Tradução nossa: “O si mesmo alcoólico em recuperação”.

no álcool e depois ele se voltou contra nós (...)” (DENZIN, 2017, p. 44), disse outra pessoa entrevistada.

A busca por ajuda vem muitas vezes após um momento de colapso, momento chamado por muitas pessoas de “fundo do poço”. Pode ser um colapso físico, como um episódio de hospitalização por problemas de saúde associados ao consumo de álcool; pode ser um colapso nas interações, quando percebe o quanto os efeitos danosos repercutem nas pessoas próximas, ou então o afastamento dessas pessoas, com a consciência de uma solidão e uma dificuldade de manejar sem suporte as dificuldades que tem enfrentado; pode ser também um colapso psicológico, por exemplo, quando a pessoa avalia que os sofrimentos gerados pelos usos do álcool passaram a ser maiores que os sofrimentos que ela acreditava que se tornariam aliviados pela escolha por beber.

Denzin (2017) se opõe à noção de uma “personalidade alcoólatra”, como se houvesse uma essência fixa que precede e causa os problemas relacionados à dependência do álcool e propõe, em seu lugar, a noção de “experiência alcoólatra”, para que seja dada atenção às mudanças em como a consciência, o tempo, o espaço, as emoções e as relações são experienciados por cada pessoa que enfrenta problemas decorrentes do consumo de bebidas alcoólicas quando as situações de consumo acontecem.

Para a compreensão sobre as possibilidades de cuidados e reintegração, é necessário que sejam consideradas as relações com outras pessoas, como o processo de reconhecimento dos prejuízos derivados das situações de consumo de álcool é um processo relacional, em que, com frequência, deparar-se com as consequências danosas nas relações significativas é um movimento-chave para o reconhecimento de que é necessário buscar ajuda profissional para tentar mudar.

No capítulo anterior, vimos como a noção de “beber socialmente” foi construída a partir de muitos investimentos em publicidade em outras estratégias de divulgação para a construção da associação entre as bebidas e o lazer, a alegria, a diversão. No mesmo processo, fortaleceu-se a compreensão de que seriam características individuais, biológicas e/ou psicológicas, que levariam a problemas decorrentes do consumo de álcool, não o consumo em si. A valorização do beber moderadamente, como positivo e saudável, ganhou espaço enquanto as preocupações com os problemas de saúde e outras possíveis consequências nocivas passaram ser foco de políticas públicas e programas em educação e saúde, em que o contraste entre concepções que colocam beber como sinônimo de prazer e beber como sinônimo de riscos e danos é muito comum. Torna-se

importante, assim, nos atentarmos para alguns fatores sociais e econômicos que influenciam nesse contraste.

2.8 Consoma com moderação?

Divertir-se, animar-se, aproveitar a vida, desfrutar de momentos de alegria e amizade, celebrar conquistas, intensificar prazeres: as mensagens transmitidas pelos anúncios publicitários, de uma forma geral, e pelos anúncios de cerveja, mais especificamente, ilustram como é contínua a incitação para sensações e experiências agradáveis.

“Beber é o centro da vida”; “Viver sem cerveja é entediante” e “A cerveja é a solução para problemas” foram as categorias temáticas identificadas na análise realizada por Michelle Matter (2013)¹²⁶ de anúncios de cerveja dos Estados Unidos, em que foram predominantes associações entre beber e diversão, celebração, socialização e conquista sexual. As mesmas associações foram identificadas em anúncios brasileiros por Letícia Lins (2004), que na dissertação **Cerveja, mulher e diversão** realizou a análise de 56 propagandas televisivas, repletos de cenários paradisíacos, imagens sensuais, momentos comemorativos, assim como festivais musicais e esportivos.

Além de atreladas a alegrias, as bebidas alcoólicas são transmitidas também como fontes de alívio para sofrimentos, dores e tristezas. Algumas músicas brasileiras podem ser ilustrativas dessas combinações: “*O remédio é o garrafão*”, canta a dupla sertaneja Teodoro e Sampaio; “*Garçom, me traga o remédio para essa solidão, que eu vou curar minha tristeza hoje aqui na mesa*”, canta Leonardo; “*Nada melhor que uma pinga, uma caipirinha, pra curar o tédio, uma cerveja gelada, um whisky com gelo é o melhor remédio*”, cantam Thulio e Tiago e “*Me disseram que a cachaça é o remédio de quem ama*”, cantam Leo e Júnior¹²⁷.

As músicas citadas fizeram parte da análise realizada por Mariana Lioto (2012) na dissertação **Felicidade engarrafada: bebidas alcoólicas em músicas sertanejas**. Entre os resultados, a autora discute como as bebidas são representadas como consolo

¹²⁶ Na análise sobre comerciais de cerveja dos Estados Unidos apresentada no artigo **Beer commercials: a contradiction in communication**, Matter (2013) discutiu anúncios transmitidos entre 2011 e 2012, problematizando como os frequentes apelos aos excessos e aos intensos poderes atribuídos ao álcool pelas estratégias publicitárias foram bem destoantes da recomendação apresentada ao final de consumo responsável.

¹²⁷ As letras completas das músicas cujos trechos foram apresentados neste tópico podem ser encontradas no site <http://www.lettras.mus.br> (acesso em 17 de janeiro de 2016). O site foi utilizado como fonte de busca por Mariana Lioto (2012).

para dores, tristezas e também para frustrações amorosas. A autora problematiza como embora os anúncios publicitários de produtos alcoólicos no Brasil sofram restrições em relação aos conteúdos que podem ser veiculados, as músicas não encontram os mesmos impedimentos, de forma que se tornou comum que marcas de bebidas, especialmente de cervejas, invistam no patrocínio de shows, festas, rodeios, eventos esportivos e outros eventos em que as músicas costumam ser veiculadas.

Atualmente, no Brasil, as normas que regulam a produção de anúncios são estabelecidas pelo Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária – CONAR¹²⁸. Sobre os anúncios de bebidas alcoólicas, é apresentada a regra de que a publicidade “(...) deverá ser estruturada de maneira socialmente responsável, sem se afastar da finalidade precípua de difundir marca e características” (CONAR, 2017, p. 13). No tópico

Princípios do consumo com responsabilidade social, o documento indica que:

(...) a publicidade não deverá induzir, de qualquer forma, ao consumo exagerado ou irresponsável. (...) não serão empregados argumentos ou apresentadas situações que tornem o consumo do produto um desafio nem tampouco desvalorizem aqueles que não bebem; jamais se utilizará imagem ou texto que menospreze a moderação no consumo (...) (CONAR, 2017, p. 13-14).

“Consuma com moderação”; “Beba sem exageros”; “Beba com responsabilidade”; “Evite o consumo excessivo de álcool”; “Quem bebe menos, se diverte mais” são alguns exemplos de cláusulas de advertência que o CONAR exige que sejam exibidas ao final dos anúncios.

As cláusulas que recomendam o consumo responsável e com moderação são muitas vezes contraditórias com as próprias imagens e mensagens que as antecedem. Os apelos à contenção podem soar até mesmo como uma ironia se considerarmos como predominam nos anúncios publicitários a construção de uma associação contínua entre a valorização dos prazeres e da diversão e a valorização dos excessos.

O contraste entre a valorização da moderação nas recomendações preventivas e a valorização dos excessos como prazerosos tão presente nos materiais midiáticos é discutido por Ilana Pinsky (2009, p. 17) no artigo **Publicidade de bebidas alcoólicas e jovens**:

A influência da publicidade no consumo tem (...) uma relação muito mais sutil do que a vontade de ir para o bar logo que se assiste a um comercial. É a imagem que se faz da bebida: a associação entre bebida e bons momentos, alegria, festa, relaxamento, sexualidade. (...) Em termos quase caricatos, poderíamos dizer que

¹²⁸ As normas podem ser consultadas no site: <http://www.conar.com.br>. Acesso em 05 de maio de 2018.

a imagem que se passa é: beber é fazer parte, não beber é estar de fora. Beber é libertador, não beber é repressor.

A Companhia de Bebidas das Américas (Ambev), fabricante de cervejas como a Brahma, a Skol, a Antártica e outras bebidas, é atualmente a empresa com maior valor de mercado da América Latina¹²⁹. Seu proprietário, Jorge Paulo Lemann, foi avaliado como a pessoa mais rica do Brasil pelo terceiro ano consecutivo em 2015¹³⁰.

Em 2004, a Ambev fundiu-se com a empresa belga Interbrew, dando origem à Inbev, que passou a ser maior fabricante mundial de cervejas. Em 2008, a InBev adquiriu a segunda maior fabricante da época, a companhia americana Anheuser-Busch, formando a multinacional Anheuser-Busch Inbev, hoje líder do mercado mundial, com mais de 200 marcas de cerveja e empregadora de mais de 150 mil pessoas em 24 países. Segundo o relatório do BNDES, a companhia teve em 2013 uma receita de 43,2 bilhões de dólares.

Fusões como a da Ambev com a Interbrew e em seguida com a Anheuser-Busch evidenciam a tendência à concentração do mercado de bebidas, no qual os principais investimentos são voltados para a construção e a consolidação de preferências de consumidores(as) pelas marcas, via estratégias publicitárias.

As marcas de cerveja são, atualmente, as marcas que mais investem em publicidade no país. Segundo os dados do relatório **O setor de bebidas no Brasil**, publicado em 2014 pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES:

Com relação aos investimentos em propaganda, as principais ferramentas utilizadas são as campanhas publicitárias em comerciais de televisão, cinema, rádio, veículos de informação impressa e virtual, além de patrocínios em atividades esportivas, sociais e culturais. (...) o setor de bebidas brasileiro investiu R\$ 5,864 bilhões em anúncios no ano de 2013 (BNDES, 2014, p. 116).

¹²⁹ Mais informações podem ser encontradas na matéria **As empresas mais valiosas da América Latina**, publicada na revista Exame. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/mercados/noticias/as-empresas-mais-valiosas-da-america-latina-2>. Acesso em: 11 de julho de 2016.

¹³⁰ Com um patrimônio de R\$83,70 bilhões em 2015, Jorge Paulo Lemann é também sócio da empresa de investimentos 3G Capital Partners, que possui marcas como Budweiser, Burger King e Heinz. cabe mencionar que Lemann é também criador da Fundação Educar, Fundação que defende a Base Nacional Comum e é a responsável pelo maior número de investimentos no Brasil na área da educação. A Fundação existe desde 1991. A relação entre a Fundação Estudar e o Movimento pela Base Nacional comum é abordada na matéria **A Base Nacional Comum e a educação banqueira**, publicada pela Carta Capital. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/educacao/educacao-banqueira>. Acesso em: 11 de julho de 2016. Mais informações sobre Paulo Lemann podem ser encontradas na matéria **Mais rico do Brasil, dono da Ambev ganha R\$ 3.86 mi por hora em um ano**. Disponível em: <http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/09/01/mais-rico-do-brasil-dono-da-ambev-ganha-r-386-mi-por-hora-em-um-ano.htm>. Acesso em: 11 de julho de 2016.

Consumir com moderação torna-se, assim, algo bem distante do que o ostensivo mercado de bebidas representa.

2.9 Padrões de gênero nas experiências de consumo de bebidas alcoólicas

No decorrer do capítulo, abordamos como as experiências de consumo de bebidas alcoólicas se dão em diferentes ocasiões, diferentes lugares, com diferentes motivos, em diferentes quantidades e diferentes efeitos. Entre as muitas variações possíveis, há um fator que, embora também se expresse de diversas formas, destaca-se por ser um marcador influente em como as práticas de consumo de álcool são culturalmente significadas e organizadas: os padrões de gênero, ou seja, a divisão culturalmente estabelecida entre feminilidade e masculinidade.

Homens tendem a beber mais, com maior frequência e em maiores quantidades do que as mulheres. Homens tendem a se envolver em mais consequências prejudiciais decorrentes do consumo de álcool, tanto no que se refere a prejuízos para si mesmos, como problemas para a saúde, quanto prejuízos para outras pessoas, por exemplo com o aumento dos índices de violência e acidentes com ferimentos e mortes, como em acidentes de trânsito causados direta ou indiretamente por quem dirige sob o efeito do álcool.

No capítulo **Why study gender, alcohol and culture?**¹³¹, Richard Wilsnack, Sharon Wilsnack e Isidore Obot (2005) apresentam como as afirmações elencadas acima tendem a ser confirmadas mesmo em culturas muito diferentes entre si, desde aquelas em que o consumo por mulheres é proibido ou restrito, até as que têm práticas predominantemente semelhantes entre homens e mulheres¹³². Gênero revela-se, assim, como um marcador importante para uma compreensão mais ampla sobre as práticas de consumo de bebidas alcoólicas em suas constâncias e variações.

As sociedades têm usado por muito tempo o consumo de álcool e seus efeitos como meios importantes para diferenciar, simbolizar e regular papéis de gênero. Diferenças nos padrões normativos de consumo de bebidas revelam com que extensão as sociedades diferenciam esses papéis, por exemplo, ao tornarem o comportamento de beber uma demonstração da masculinidade ou ao proibirem as mulheres de beberem como um símbolo de subserviência ou para evitar a autonomia sexual. Uma melhor compreensão sobre como os padrões de consumo

¹³¹ Tradução nossa: “Por que estudar gênero, álcool e cultura?”.

¹³² No livro **Alcohol, gender and drinking problems**, Wilsnack, Wilsnack e Obot (2005) apresentam dados a maior frequência do consumo de álcool em grandes quantidades de homens em comparação com mulheres em 13 países: Austrália, Canadá, China, Estados Unidos, Filândia, França, Hungria, Irlanda, Índia, México, Nigéria, Noruega e Reino Unido.

de bebidas entre homens e mulheres se diferem é assim uma importante chave para responder a questões mais amplas sobre como e por quê sociedades tentam fazer com mulheres e homens se comportem de formas diferentes (WILSNACK; WILSNACK; OBOT, 2005, p. 2) (12).

A constância com que se repetem os padrões de maior consumo por parte dos homens, contudo, não indica que haja uma relação direta entre ser homem e beber (nem entre ser homem e beber muito, sofrer e gerar danos ao beber) como algo intrínseco a uma *natureza masculina*. O que os dados ilustram é um imbricamento entre inúmeros padrões culturais que situam o beber e, em muitos casos, o beber excessivo, como representação simbólica de virilidade. A valorização do beber como prática que prova a masculinidade pode ser evidenciada por como, em diferentes contextos, homens que optam por absterem-se ou por consumirem álcool moderadamente podem ser julgados de forma negativa, como desviantes dos padrões em vigor.

Gender, Alcohol and Culture – an International Study¹³³ (GENACIS) é um projeto coordenado pela Organização Mundial da Saúde que envolve a participação de cerca de 50 pesquisadores e pesquisadoras de 34 países¹³⁴. O projeto teve início em 1999 e tem como objetivo reunir e organizar dados sobre como os padrões de gênero influenciam os usos de bebidas alcoólicas em diferentes culturas¹³⁵. Entre as questões investigadas está como a maior igualdade de direitos (avaliada a partir de parâmetros como acesso à educação; participação em atividades profissionais remuneradas; participação política; acesso a métodos contraceptivos e a outros direitos reprodutivos; prevenção e proteção à violência) contribui para que haja semelhanças ou diferenças nas práticas de consumo de álcool. Os dados a seguir foram apresentados no relatório publicado em 2005:

Em todos os países de nossa amostra os indicadores do consumo de álcool são mais altos para os homens do que para as mulheres (...) a diferença entre os índices do consumo de bebidas alcoólicas entre homens e mulheres é negativamente correlacionado com a posição das mulheres na sociedade: quanto mais alta é a posição das mulheres, ou quanto mais as mulheres são emancipadas,

¹³³ Tradução nossa: “Gênero, Álcool e Cultura: um estudo internacional”.

¹³⁴ Os 34 países são: Alemanha, Argentina, Austrália, Áustria, Belize, Brasil, Canadá, Casaquistão, Costa Rica, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Holanda, Hungria, Índia, Islândia, Irlanda, Israel, Itália, Japão, México, Nicarágua, Nigéria, Nova Zelândia, Noruega, Reino Unido, República Checa, Peru, Sri Lanka, Suécia, Suíça, Uganda, Uruguai.

¹³⁵ É possível mencionarmos alguns dados como exemplo: Na Índia, país com índices de consumo mais baixos, 3% das mulheres e 36,9% dos homens consomem bebidas alcoólicas, enquanto na Dinamarca, país com índices de consumo mais altos, 93,8% das mulheres e 96,8% dos homens consomem álcool.

menores são as diferenças entre os índices de consumo de bebidas entre homens e mulheres (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2005, p. 186) (13).

No Brasil, dados do **II Levantamento Nacional de Álcool e Outras Drogas – LENAD**, publicado em 2013, referem-se a 50% dos participantes homens e 38% das participantes mulheres com mais de 18 anos que relataram terem consumido bebidas alcoólicas no ano anterior à pesquisa. Embora haja uma diferença na proporção de pessoas que bebem, o Brasil é um dos países em que as mulheres não são proibidas e não sofrem restrições ao beber, ao menos nas leis e regras explícitas. Contudo, há diferenças nas expectativas e representações sobre o consumo. Como exemplo de diferentes representações, mencionamos os anúncios publicitários de cerveja, nos quais os homens são, com frequência, priorizados como consumidores, enquanto as mulheres, lado a lado com as bebidas, são posicionadas em imagens e mensagens como objetos de consumo:

Figura 2 - Anúncios publicitários de marcas de cerveja brasileiras (Schincariol, Skol, Kaiser, Antártica e Itaipava)



Fonte: Própria autora.

A imagem de uma mulher dentro de um copo, a união de duas garrafas como alusão às nádegas, a comparação da quantidade de mililitros em uma long-neck, em uma latinha e no silicone dos seios e a utilização de adjetivos como “gostosa” e “boa” como meio para equivaler mulheres às cervejas ilustram como é necessária a problematização

sobre como as representações culturais sobre as bebidas alcoólicas condensam padrões assimétricos de gênero.

No artigo **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**, Joan Scott (1994) discute como para que o caráter fundamentalmente social da divisão entre homens e mulheres seja investigado, é preciso considerar como são organizadas historicamente as relações de dominação e subordinação e como essas relações se reproduzem simbolicamente, politicamente e subjetivamente, com atenção “às maneiras como as sociedades representam o gênero, o utilizam para articular regras e relações sociais, ou para construir o sentido da experiência” (SCOTT, 1995, p. 15). Uma análise sobre a divisão social, abrange, assim, a perspectiva do gênero como “um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana” (SCOTT, 1995, p. 15).

Scott (1995) apresenta quatro elementos que podem contribuir para a análise sobre como a divisão entre masculinidade e feminilidade é construída:

- símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas, com frequência contraditórias;
- conceitos normativos que colocam em evidência a força dos símbolos na limitação e na contenção das possibilidades;
- influência política, em organizações e instituições sociais e
- construção e legitimação da identidade subjetiva em meio a relações de poder.

Com base nos elementos apresentados por Scott(1995), é possível considerarmos o álcool como um símbolo culturalmente disponível, já que as restrições do consumo em relação às mulheres e a incitação direcionada aos homens influenciam para que as bebidas sejam uma forma de limitar e conter possibilidades, inclusive de possibilidades de acesso a lugares públicos, a situações de lazer e ao que culturalmente é valorizado como prazer e como diversão.

No artigo **Alcohol as a gender symbol**¹³⁶, Sidsel Eriksen (1999) discute como a construção histórica da relação entre os padrões de gênero e os padrões de consumo de bebidas alcoólicas se relaciona com a divisão entre a esfera pública como dimensão própria dos homens, da política, do trabalho, do lazer e da esfera privada como dimensão própria das mulheres, do cuidado com a casa, com a família, com as crianças e o

¹³⁶ Tradução nossa: “Álcool como um símbolo de gênero”.

casamento. Com a construção de um ideal de masculinidade que abrange domínio e de feminilidade como posição de submissão, uma das formas de expressão dessa relação de poder é que o beber seja autorizado aos homens, como prática não apenas legítima, mas valorizada de socializar-se e divertir-se, e proibido às mulheres, associado a outras proibições, como com a representação de que mulheres que bebem seriam vulgares, promíscuas e negligentes com as relações familiares.

A delimitação de fronteiras abrange a associação entre masculinidade e a valorização do poder, da coragem, de correr riscos, do pouco envolvimento afetivo e da centralidade dada ao desejo sexual. Ao discutirem sobre expressões culturais diversas de como os padrões de gênero influenciam nas práticas de consumo de bebidas alcoólicas, Wilsnack, Wilsnack e Obot (2005) comentam sobre alguns dos fatores de influência:

- Associação entre masculinidade e poder: beber em grandes quantidades é tomado como uma expressão de autodomínio, de conseguir exceder-se sem descontrolar-se, de não demonstrar fragilidade, além de ser considerado uma via para demonstrar ser mais forte que outros grupos considerados inferiores e subordinados, como evidenciam as ocorrências em que o consumo de bebidas é visto como justificativa legítima para práticas violentas;
- Associação entre masculinidade e correr riscos: não demonstrar medo, não hesitar, ser capaz de colocar-se em situações arriscadas, inclusive as que envolvem violência, são elementos tidos como expressões de coragem, valorizados como prova de virilidade;
- Associação entre masculinidade e irresponsabilidade e entre feminilidade e cuidados: tarefas domésticas, relacionadas à família, às crianças, ao casamento e à saúde são representadas como preocupações tipicamente femininas, com a responsabilidade em cuidar e proteger; já para os homens, preocupar-se com as outras pessoas e com a própria saúde pode ser visto como indício de uma inadequada fragilidade;
- Associação entre masculinidade e desejo sexual: enquanto o álcool é considerado como potencializador de experiências e prazeres sexuais para os homens, é ainda forte a reprovação de que mulheres bebam a partir da associação com elementos como promiscuidade e vulgaridade, com a condenação não apenas do consumo de álcool, mas também dos desejos sexuais das mulheres.

Na tese **Moralidade, vergonha e doença: a carreira moral de homens e mulheres alcoólatras**, Fernanda Alzuguir (2010) realizou a análise com 10 mulheres e 10 homens que se identificam como alcoólatras em recuperação, com o objetivo de investigar as influências dos padrões de gênero no processo de reconhecimento de si enquanto alcoólatra.

Nos relatos analisados, foi mais predominante entre os homens a demonstração de sensações de vergonha diante de questões relacionadas ao trabalho, à falha em corresponder ao modelo de trabalhador e provedor. Já entre as mulheres, foi frequente uma maior preocupação em relação às responsabilidades de cuidado com a casa e com os(as) filhos(as), entre as que eram mães, assim como os relatos sobre o teor de estigmatização presente na associação entre o consumo de álcool e a promiscuidade.

O beber feminino nos bares era o tempo todo justificado mediante a afirmação de que bebiam acompanhadas, ou então, de que levavam dinheiro para beber. Essa última questão refletia uma moral sexual em relação às mulheres que bebem em bares, comportamento que tende a ser associado a uma maior disponibilidade sexual da mulher que bebe. (...) A avaliação social passa principalmente por uma desqualificação da mulher a partir de uma moral sexual. Assim, as mulheres bebedoras, segundo afirmam, são vistas comumente como “vagabundas”, “safadas” e “sem-vergonha” (ALZUGUIR, 2010, p. 210; 214).

Além da forte associação entre álcool e sexualidade nas discriminações sofridas por mulheres, outra diferença identificada foi a naturalização da associação entre masculinidade e perda do controle, enquanto a feminilidade é mais atrelada a expectativas de contenção:

A ideia de *controle/descontrole* da bebida ocupava um valor central nos discursos das mulheres, sendo um nóculo significativo para se entender os diferentes níveis de tolerância social que se desenham para homens e mulheres que bebem frequentemente. (...) a circunscrição da mulher no espaço doméstico e o pleno exercício da maternidade são condições femininas esperadas, cujo distanciamento maior ou menor ditaria os parâmetros do descontrole ou da *doença* no tocante ao uso do álcool (ALZUGUIR, 2010, p. 25, itálico do original).

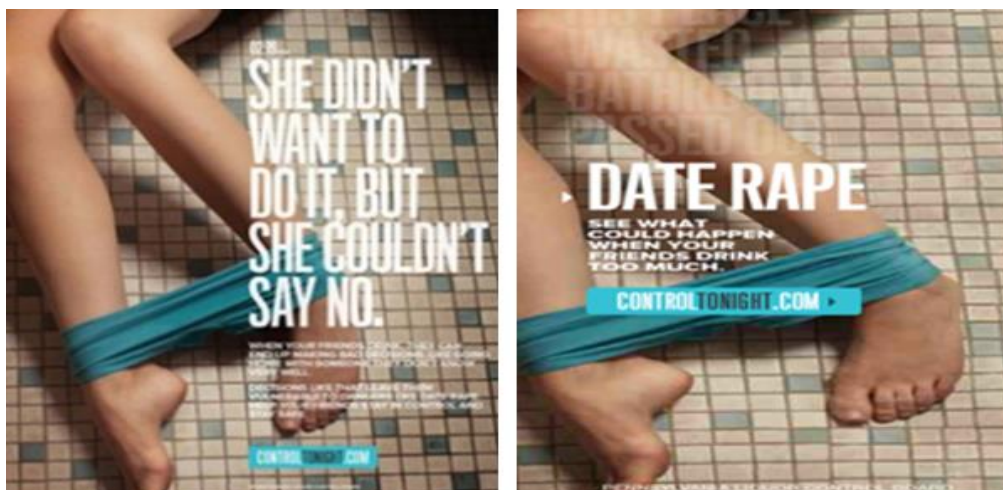
Ainda que mudanças nos padrões de gênero em relação às experiências de consumo de bebidas alcoólicas possam ser notadas, como o maior número de mulheres que bebem em contextos de lazer e sociabilidade, é importante reconhecermos como as divisões culturais entre masculinidade e feminilidade, entre espaços públicos e espaços privados, assim como práticas discriminatórias que situam a domesticidade e a passividade como expectativas do que seria apropriado às garotas e mulheres persistem e ainda exercem grande influência, com impactos significativos para a prevenção e o enfrentamento às

violência de uma forma geral e às violências que ocorrem em contextos de consumo de álcool.

A urgência da problematização acerca dos padrões naturalizados evidencia-se quando consideramos os altos índices de agressões físicas, verbais, sexuais e outras formas de agressão que ocorrem em situações que uma ou mais pessoas consumiram álcool. Como afirmam Wilsnack, Wilsnack e Obot (2005, p. 3): “Se o beber em grandes quantidades é associado a expressões da masculinidade, isso pode encorajar homens (...) a considerarem comportamentos embriagados como normais, mesmo quando levam à violência”¹³⁷.

Um exemplo de a naturalização da associação entre álcool e violência sexual é difundida pode ser identificado nos dois cartazes apresentados a seguir, correspondentes a uma campanha britânica voltada à prevenção do consumo de álcool entre mulheres:

Figura 3 – Campanha britânica “Control Tonight”



Fonte: Página *Sociological Images*¹³⁸

“Ela não queria fazer isso, mas não pôde dizer não” é a tradução da frase do primeiro cartaz da campanha, enquanto “Estupro em um encontro - Veja o que pode acontecer quando sua amiga bebe muito” é a tradução da frase do segundo. Ambos os cartazes utilizam a imagem das pernas de uma mulher deitada no chão, com a calcinha

¹³⁷ Tradução nossa do original: “If heavy drinking is associated with displays of masculinity, this may encourage [...] to regard drunken behavior as normal or permissible, even when it leads to violence” (WILSNACK; WILSNACK; OBOT, 2005, P. 2-3).

¹³⁸ Disponível em: <http://thesocietypages.org/socimages/2013/03/21/pennsylvania-public-service-announcement-blames-rape-victims/>. Acesso em: 28 de novembro de 2016.

próxima aos pés, como suposta forma de conscientizar as mulheres a não beberem. A culpabilização é algo evidente, assim como a necessidade de problematização sobre como não é o consumo de álcool por mulheres que gera estupros, mas sim, a violência cometida pelos homens.

As ocorrências de estupros em que uma ou mais pessoas consumiram bebidas alcoólicas apontam para a importância de que os padrões de gênero e os efeitos do álcool não sejam reduzidos a explicações essencializantes e generalizantes. A representação da masculinidade como *naturalmente* equivalente à agressividade e à dominação, enquanto a feminilidade é representada como *naturalmente* equivalente à delicadeza e à fragilidade contribui para que as violências sofridas por muitas mulheres (estupros, espancamentos, humilhações etc.) sejam tomadas também como *naturais* em detrimento da análise sobre as relações de poder desiguais que são culturalmente construídas e alimentadas.

Como argumenta Robin Room (1980) no artigo **Alcohol as an instrument of intimate domination**¹³⁹, diante da definição dos efeitos do álcool como *naturalmente* desencadeadores da desinibição e do descontrole, há o perigoso processo de que a agressividade entre os homens seria *naturalmente* desinibida e a vulnerabilidade entre as mulheres seria *naturalmente* potencializada. A ideia de *naturalidade* é aqui repetidamente destacada para chamar a atenção sobre como a prevenção e o enfrentamento à violência requerem que ocorra a reflexão e busca por transformação desses padrões.

A forte crença cultural de que o álcool causa “desinibição” e assim que o beber e a embriaguez explicam comportamentos violentos tem tido um poderoso apelo em nosso meio cultural por muitos anos, chegando a atingir um status formal no direito criminal em algumas circunstâncias (...) Em um número de campos distintos, começaram a ser construídas evidências de que a conexão entre álcool e desinibição é uma questão de crença cultural ao invés de ação farmacológica. (...) é a crença associada ao beber álcool e não o fato concreto de consumir álcool que está relacionado à agressividade (ROOM, 1980, p. 3) (14).

Considerarmos como os padrões de gênero influenciam nas práticas de consumo de bebidas alcoólicas abrange, assim, considerarmos como a divisão entre o que é definido como masculino e definido como feminino refere-se a uma separação que é construída culturalmente, produzida e reproduzida pelas relações sociais.

Quando afirmamos o gênero enquanto construído, a ideia de “construção” pode levar à impressão de que tratam-se de ações voluntárias, conscientes, planejadas e intencionais, enquanto a construção envolve, sobretudo, processos menos diretos, menos

¹³⁹ Tradução nossa: “Álcool como um instrumento de dominação íntima”.

explícitos, mas nem por isso menos incisivos. O conceito de performatividade, como proposto por Judith Butler (2003), pode contribuir para que os processos de construção subjetiva com intensa influência das normas de gênero sejam reconhecidos.

Butler (2003) parte das elaborações propostas por Jacques Derrida sobre a teoria dos atos de fala de John Austin (1990)¹⁴⁰ para analisar como, em diferentes circunstâncias, dizer não é somente descrever o que se diz, nomear não é somente referir-se ao que se nomeia, as palavras não somente indicam algo, mas constroem. Embora pareçam descritivas, palavras como “mulher”, “homem”, “feminilidade” e “masculinidade” exercem o poder de produzirem aquilo que nomeiam.

O *gênero* não é um substantivo, mas demonstra ser performativo, quer dizer, constituinte da identidade que pretende ser. Nesse sentido, o gênero é sempre um fazer, embora não um fazer por um sujeito que se poderia dizer que preexiste ao feito (BUTLER, 2003, p. 25, *itálico do original*).

A compreensão proposta por Butler (2003) sobre gênero coloca em questão, assim, o que seria a agência, o poder de escolha e ação. Não se trata de um agir em termos de performance, ou seja, como alguém que voluntariamente e racionalmente escolhe atuar de uma determinada forma, mas em termos de performatividade, ou seja, de uma identidade que se constrói à medida que as ações se repetem de modo a formar e solidificar tal identidade:

O gênero é a contínua estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido que se cristaliza ao longo do tempo para produzi a aparência de uma substância, a aparência de uma maneira natural de ser (BUTLER, 2003, p. 25).

Para que as identidades adquiram o caráter de naturalidade, há um processo longo e contínuo de sedimentação, de uma persistente produção naturalizante.

Não há uma identidade de gênero que preceda a linguagem, assim como não há uma identidade, um *eu*, anterior à linguagem. Problematiza-se assim, a concepção essencialista de identidades fixas e autoevidentes, como na ideia de que haveria um modo *natural* de ser mulher, de ser homem, de ser heterossexual, de ser homossexual e assim por diante. Não se trata de reduzir toda a experiência subjetiva a determinações

¹⁴⁰ No livro **Quando dizer é fazer: palavras e ação**, John Austin (1990) menciona como exemplo do alcance constitutivo das palavras o fato de que quando alguém diz “Aceito este homem como meu esposo” não está apenas descrevendo um casamento, mas casando-se. Da mesma forma, quando alguém afirma “Declaro a reunião encerrada”, não se trata somente de referir-se ao fim da reunião, mas de encerrá-la. O poder das palavras de realizarem ações é conceituado por Austin (1990) como performativo.

linguísticas, mas em investigar na força produtiva da linguagem as condições de emergência da subjetividade.

O reconhecimento do caráter performativo de gênero é, assim, um importante movimento para o questionamento da aparente naturalidade. Aliás, o questionamento sobre aparentes naturalidades foi um movimento que nos acompanhou no decorrer deste primeiro capítulo, em que investigamos como nas experiências de consumo de bebidas alcoólicas são muitos os elementos presentes entre o copo e os lábios.

2.10 Entre o copo e os lábios: considerações sobre o capítulo

Alegria, sociabilidade, prazer... como são construídas as associações entre bebidas alcoólicas e elementos valorizados, positivos? Como as expectativas sobre as experiências de consumo são aprendidas? Como as relações que se dão nos processos de socialização participam em como as concepções sobre o álcool são formadas? Que efeitos tem a ingestão de bebidas alcoólicas no organismo? Que outros fatores precisam ser considerados para que as experiências de consumo possam ser melhor compreendidas? Que influências são exercidas pelos contextos, pelos padrões próprios a cada cultura, pelos aspectos subjetivos? E os padrões de gênero, que influência exercem? Em que situações hoje o álcool costuma ser um elemento presente, aceito ou mesmo valorizado? Que consequências são consideradas como negativas, como indesejáveis? O que contribui para que as consequências consideradas positivas sejam mais frequentes e para que as consideradas negativas possam ser evitadas? E os excessos... são consequências imprevistas ou esperadas?

No decorrer do capítulo, discutimos estudos sobre as experiências de consumo de álcool em diferentes culturas, sobre pesquisas no Brasil realizadas em contextos de lazer e sociabilidade, sobre experimentos em laboratório que buscaram identificar as aproximações e distanciamentos entre efeitos fisiológicos e expectativas, sobre estudos que buscaram conhecer as experiências de adolescentes e jovens por meio de questionários, entrevistas e análises de narrativas. Abordamos também as concepções propostas pelos antropólogos Craig MacAndrew e Robert Edgerton (1969/2003) sobre como as inibições atribuídas ao álcool muito expressam sobre as relações aprendidas em uma cultura, pela antropóloga Mary Douglas (1987/2003) que ressaltou a importância da investigação sobre as dimensões construtivas das experiências de beber e pela cientista política Fiona Measham (2003) que analisou como muitas vezes os prazeres são

associados aos excessos, associação que se reflete nas práticas de consumo de álcool em grandes quantidades.

As questões levantadas e os estudos discutidos contribuem para pensarmos como são múltiplos os fatores culturais presentes nas diversas experiências possíveis em que se insere o consumo de álcool. Como afirmou David Mandlebaum (1965, p. 12), no artigo **Alcohol and culture**¹⁴¹:

Quando alguém levanta um copo, não são apenas os elementos como o tipo de bebida que há no copo, a quantidade que a pessoa tende a beber e as circunstâncias nas quais o beber acontece que são especificados anteriormente, mas também se o conteúdo do copo irá alegrar ou entorpecer, se induzirá afeição ou agressão, prazer silencioso ou pleno. Essas e muitas outras definições culturais se vinculam ao beber antes mesmo que o copo alcance os lábios (15).

Em síntese, é possível destacarmos que pouco saberíamos sobre o beber se nos atentássemos apenas para descrições sobre o conteúdo dos copos ou para as reações dos corpos. É sobre o fértil espaço entre, o das experiências e relações, que prosseguiremos discutindo nos próximos capítulos.

¹⁴¹ Tradução nossa: “Álcool e cultura”.

Capítulo 3

Entre verdades e desafios

Com uma garrafa ao centro, as pessoas sentam-se em um círculo. Em cada rodada, uma delas é a responsável por girar a garrafa. Quando a garrafa para de girar, a direção para onde o bico apontar determinará quem será a próxima pessoa a escolher: “Verdade ou desafio?”. Decidir por “verdade” significa aceitar responder uma pergunta, decidir por “desafio” corresponde a aceitar cumprir uma tarefa.

As perguntas feitas quando a alternativa “verdade” é escolhida são, no geral, sobre questões íntimas, como sentimentos, desejos, interesses, experiências vividas ou almeçadas, que, fora do jogo, tenderiam a ser mantidas em segredo, ou ao menos tratadas com maior discrição. Entre suspenses e revelações, a brincadeira combina elementos como curiosidades e constrangimentos, hesitações e desinibições.

Quando a decisão é por “desafio”, as confidências dão lugar a ações. Pode ser solicitado que a pessoa faça algo surpreendente, inusitado: declarar-se ou dar um beijo em alguém que está no jogo; telefonar ou enviar uma mensagem dizendo algo provocante para alguém que não está participando; dançar no meio da roda; tirar uma peça de roupa de forma sensual. A tarefa solicitada é considerada desafiante por como tende a ser vista como engraçada, constrangedora, transgressora e/ou com teor erótico. Após o desafio ser cumprido, geralmente entre risadas, uma próxima pessoa gira a garrafa e o jogo continua.

“Eu nunca me apaixonei”; “Eu nunca me apaixonei por mais de uma pessoa ao mesmo tempo”; “Eu nunca beijei”; “Eu nunca beijei mais de uma pessoa na mesma festa”; “Eu nunca tive vontade de beijar alguém que está no jogo”; “Eu nunca fiquei com alguém depois de ter bebido e no dia seguinte não lembrei do que aconteceu”; “Eu nunca disse eu te amo depois de ter bebido muito”; “Eu nunca realizei uma fantasia sexual”: em um outro jogo, chamado “Eu nunca”, também jogado geralmente em roda, são ditas frases sobre diferentes experiências, com frequência relacionadas a questões sexuais. Ao ouvirem cada frase, as pessoas que já viveram a experiência anunciada tomam um gole de uma bebida alcoólica, enquanto as que não viveram não tomam.

O motor da brincadeira “Eu nunca”, assim como no “Verdade ou desafio”, são as confidências, as revelações, as surpresas e as curiosidades sobre as questões íntimas, assim como as possibilidades de flexibilização dos limites cotidianos entre o que é dito e o que não é dito, o que é expresso e o que é escondido, o que costuma ser silenciado e o que passa a receber o incentivo para ser compartilhado.

No artigo **Drinking games and rite of life projects**¹⁴², Franca Beccaria e Allan Sande (2003) abordam a diversidade de jogos que envolvem bebidas alcoólicas, realizados especialmente em festas: há jogos competitivos, em que a finalidade geralmente é disputar quem consegue beber mais; há jogos de habilidades, em que tarefas motoras, verbais ou de raciocínio lógico vão se tornando mais desafiantes à medida que os(as) participantes vão bebendo; há também jogos com músicas e outras formas de expressão artística; e, como nos exemplos que mencionamos, jogos cujo tema principal são as experiências pessoais. Segundo a análise realizada por Beccaria e Sande (2003), há alguns aspectos em comum entre os diferentes jogos que envolvem álcool:

- encorajar celebração e diversão;
- consolidar amizades e desenvolver um espírito de comunidade;
- propiciar maior relaxamento;
- facilitar que pessoas que não se conhecem entre si possam se aproximar;
- paquera e estabelecimento de relações entre parceiros e parceiras;
- fortalecer a correspondência entre as pessoas do grupo;
- reduzir a timidez e a inibição (BECCARIA; SANDE, 2003, p. 104) (1).

Diante da possibilidade de maior diversão, relaxamento, aproximação e descontração, os exemplos de “Verdade ou desafio?” e “Eu nunca” ilustram como há jogos em que o ingrediente principal é a maior abertura para confidências, para que curiosidades sejam exploradas e questões íntimas sejam reveladas.

Falar sobre sexo, contar sobre o que excita sexualmente, relatar experiências sexuais, descrever fantasias sexuais: é possível notarmos, nos exemplos dos jogos, como entre os prazeres associados ao sexo estão os prazeres narrativos, os prazeres em fazer e ouvir confidências, que situam a sexualidade como tema de segredos a serem revelados. O que esses prazeres em confidenciar prazeres podem nos indicar sobre como a sexualidade é vivida e significada atualmente? Que fatores estão relacionados a essa “vontade de saber”? Discutiremos sobre essas questões ao longo do capítulo.

3.1 A sexualidade entre verdades

Não é apenas em jogos como “Verdade ou desafio?” e “Eu nunca” que questões sexuais recebem grande atenção. Podemos ligar a televisão e acompanhar um programa de entrevistas em que experiências sexuais são narradas em detalhes, ou então uma novela em que casais se beijam ardentemente, ou ainda um show em que as coreografias e as letras das músicas cantadas estão repletas de conteúdos sexuais explícitos. Há modelos

¹⁴² Tradução nossa: “Jogos com consumo de bebidas alcoólicas e rituais de projetos de vida”.

em poses sensuais nos anúncios publicitários pela cidade, campanhas para o uso de camisinhas e para a vacinação para a prevenção do HPV, colunas de jornais e revistas destinadas a esclarecer dúvidas e oferecer conselhos sexuais, aplicativos para celulares com a finalidade de facilitar encontros entre possíveis parceiros(as) sexuais e depoimentos ou insinuações sobre aventuras sexuais publicados nas redes sociais. Ao digitarmos “sexo” em uma página de busca na internet, encontraremos com facilidade tanto informações sobre saúde em uma linguagem técnica, quanto vídeos pornográficos das mais variadas modalidades, assim como anúncios para vendas dos mais diversos produtos que prometem uma vida sexual mais quente e intensa. Se em uma noite circularmos brevemente entre as mesas de um bar movimentado, a chance de escutarmos algum pedaço de uma conversa sobre o que as pessoas experimentaram ou gostariam de experimentar sexualmente não é nada pequena. Nos consultórios, em atendimentos médicos e psicológicos, relatos sobre práticas (e desejos) sexuais são muitas vezes avaliados como necessárias e relevantes informações para a investigação sobre o que se busca compreender.

“Dentre seus emblemas, nossa sociedade carrega o do sexo que fala. Do sexo que pode ser surpreendido e interrogado e que, contraído e volúvel ao mesmo tempo, responde ininterruptamente”: a descrição de Michel Foucault (1988, p. 72), escrita para referir-se à proliferação discursiva sobre o sexo que teve início no século XIX, permanece atual. No livro **A vontade de saber**, primeiro volume da **História da sexualidade**, publicado originalmente em 1976, o filósofo francês analisa a difusão da ideia de que falar sobre sexo corresponderia à revelação de um segredo, ao rompimento de proibições e silenciamentos, a um caminho para chegar a uma verdade sobre os sujeitos que, até então, estava escondida.

Libertação, revelação, descoberta... A contínua produção de conhecimentos, descrições e explicações sobre o sexo foi analisada por Foucault (1988) não como a simples flexibilização de poderes que reprimiam e silenciavam, mas como uma intensa articulação entre saberes, poderes e prazeres: “Como se fosse essencial podermos tirar desse pequeno fragmento de nós mesmos, não somente prazer, mas saber, e todo um jogo sutil que passa de um para o outro: saber do prazer, prazer de saber o prazer, prazer-saber” (FOUCAULT, 1988, p. 72).

Examinar os próprios desejos, examinar as próprias fantasias, examinar os próprios prazeres: desde o século XVIII, com a disseminação das práticas de confissão cristã, a colocação do sexo em discurso foi acompanhada pela construção da sexualidade enquanto lugar de verdade, verdade sobre os sujeitos, verdade sobre si.

A incitação confessional iniciada pelo poder religioso se expandiu para outros poderes, como o poder jurídico, o poder médico, o poder psiquiátrico, o poder psicológico, o poder sexológico, o poder pedagógico, entre outros, que contribuíram para a construção discursiva da sexualidade como lugar de uma verdade a ser questionada e revelada.

Os muitos saberes criados sobre as práticas, desejos e prazeres sexuais indicam processos em que a sexualidade não foi apenas descrita, explicada, classificada e detalhada na busca por melhor compreendê-la: indicam processos por meio dos quais a sexualidade foi inventada.

(...) inventamos um outro prazer: o prazer da verdade do prazer, prazer de sabê-la, de exibi-la, descobri-la, de fascinar-se ao vê-la, dizê-la, capturar os outros através dela, de confiá-la secretamente, desalojá-la por meio de astúcia; prazer específico do discurso verdadeiro sobre o prazer (...). Os livros científicos, escritos e lidos, as consultas e os exames, a angústia de responder às questões e as delícias de se sentir interpretado, tantas narrativas feitas a si mesmo e aos outros, tanta curiosidade, confidências tão numerosas e cujo escândalo é sustentado (não sem algum tremor) por seu dever de verdade (...) (FOUCAULT, 1988, p. 70).

A **História da sexualidade** escrita por Michel Foucault é, assim, a história dos discursos sobre a sexualidade e sobre os modos como esses discursos constroem a sexualidade como lugar de verdade sobre os sujeitos, construindo, também, os próprios sujeitos e suas experiências. O chamado dispositivo da sexualidade passou a ser estudado como o conjunto encadeado de técnicas de incitação dos corpos, de nomeação dos prazeres e de sofisticados mecanismos de vigilância e controle sobre os desejos. Como na definição proposta pelo autor:

Não se deve descrever a sexualidade como um ímpeto rebelde, estranha por natureza e indócil por necessidade, a um poder que, por sua vez, esgota-se na tentativa de sujeitá-la e muitas vezes fracassa em dominá-la inteiramente. (...) Não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros (...) (FOUCAULT, 1988, p. 98; p. 100, grifo nosso).

A **História da sexualidade** escrita por Foucault (1988) consiste, assim, em uma contra-narrativa: embora seja muito disseminada a ideia de que vivemos uma progressiva liberação com a crescente exposição sobre o sexo, um movimento libertador em que a sexualidade tão natural, positiva e saudável pode finalmente ser valorizada e vivida em plenitude, as descrições, as explicações e as recomendações que ininterruptamente recebemos e construímos sobre a sexualidade, são exemplos de uma nova forma de repressão, uma estranha repressão que tanto fala do que cala. Como afirma Vladimir Safatle (2014, p. 52):

(...) se há algo que o século XX produziu foi a crença de que o falar franco sobre o que é da ordem do sexual implicaria, por um lado, lançar luz sobre o que somos e como nos relacionamos mas, por outro, transformar o que somos e como nos relacionamos. Como se a possibilidade do indivíduo moderno fazer a experiência de si mesmo como sujeito de uma “sexualidade” fosse dispositivo fundamental de sua auto-determinação. Digamos claramente que seu reconhecimento como sujeito passa necessariamente pela maneira que ele é capaz de subjetivar uma sexualidade.

Nos últimos séculos, a sexualidade foi situada como um ponto fundamental para a separação entre razão e desrazão, entre normalidade e loucura, entre saúde e patologia. Entre as muitas práticas de gestão dos corpos e das vidas, o controle da sexualidade é uma via privilegiada de controle por estar diretamente ligado à relação entre cada pessoa e outras pessoas, entre cada corpo e outros corpos, entre cada pessoa e como ela vive, se relaciona e controla seu corpo.

É importante que a proliferação discursiva sobre a sexualidade seja considerada, portanto, como vinculada a processos de emergência e consolidação de formas mais sofisticadas e sutis (mas não por isso menos insidiosas) de controle sobre os corpos, os prazeres e os desejos.

O deslocamento da compreensão sobre sexualidade enquanto uma força interna e natural para a atenção dada às relações entre sexualidade, história e relações de poder pode parecer “contra-intuitivo”, como discute Tansin Spargo (2006, p. 12), ao abordar as influências da definição foucaultiana, considerando como os aprendizados sobre a sexualidade em nossa cultura a situam como algo próprio, uma essência íntima, uma verdade, uma natureza que nos habita e nos define. A autora argumenta: “Mas o fato de termos investido tanto na crença de que a sexualidade é natural não significa que ela o seja” (SPARGO, 2006, p. 12).

3.2 A sexualidade entre desafios

A contestação da compreensão da sexualidade como algo natural, como um segredo a ser decifrado por conter em sua essência a verdade sobre quem somos, conduz, inevitavelmente, a um desafio: se a sexualidade não é algo dado, pré-determinado e que nos determina, as formas como entendemos e vivemos a sexualidade podem ser transformadas. Ganham força, assim, questões como: Que transformações queremos? Como podemos buscar essas transformações?

Se fosse possível uma viagem no tempo e recebêssemos a visita de uma pessoa que vivia há 150 anos atrás, as questões relacionadas à sexualidade provavelmente estariam entre os motivos de estranhamento: agora é aceito o sexo antes do casamento? As mulheres tomam uma pílula se desejam fazer sexo mas não planejam engravidarem? Há também o preservativo como recurso para se protegerem de infecções que podem ser contraídas com o sexo? Além de não precisarem estar casadas para transarem e terem a escolha de transar sem necessariamente desejarem ter filhos(as), as mulheres também votam, estudam, trabalham? Há homens que se relacionam abertamente com homens e mulheres que se relacionam abertamente com mulheres? Os casamentos não precisam ser para a vida toda, as pessoas podem escolher por divorciarem-se? – Provavelmente as perguntas nem seriam enunciadas pela nossa visitante, caso ela trouxesse consigo em sua viagem a concepção do sexo como um assunto proibido, que deve ser mantido em segredo.

Seria interessante explicar para a viajante que a busca por transformações no campo da sexualidade foi um eixo que perpassou diferentes reivindicações de movimentos sociais que se organizaram desde o século XX e continuam se organizando agora no século XXI, como os movimentos feministas, os movimentos pelos direitos das pessoas homossexuais, os movimentos estudantis que problematizaram o caráter hierárquico e autoritário das relações e também os movimentos *queer* e os movimentos das pessoas transexuais, travestis e intersexuais, que tiveram início mais recentemente.

Em comum, os diferentes movimentos políticos estão relacionados a como as transformações no campo da sexualidade foram defendidas como necessárias para transformações mais amplas, como a luta contra desigualdades, opressões e violências e o avanço para a conquista de igualdade de direitos e para a construção de novas formas de nos relacionarmos.

Como aborda Jeffrey Weeks (2010, p. 54), no capítulo **O corpo e a sexualidade**, foram muitas as mudanças nas últimas décadas, que levantam questões diversas:

(...) sobre o sentido da sexualidade em nossa cultura, o lugar que damos ao sexo em nossas vidas e em nossos relacionamentos, sobre a identidade e o prazer, a obrigação e a responsabilidade, e sobre a liberdade de escolha. Muitos dos pontos fixos pelos quais nossas vidas sexuais foram organizadas têm sido radicalmente questionados durante o último século.

Quando Sigmund Freud afirmou, em 1905, a relação entre sexualidade e prazer, seus argumentos de que a finalidade reprodutiva não era a única finalidade legítima para a vida sexual geraram escândalo. Com a publicação dos **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**, outras concepções também geraram muitos desconfortos, resistências e discordâncias: a presença de expressões da sexualidade desde a infância; a desvinculação entre sexualidade e genitalidade, com a noção de que todo o corpo pode ser fonte de excitações e sensações prazerosas; além da ideia de que não há um objeto único para o desejo sexual, que colocou em questão a naturalidade atribuída às relações exclusivas entre homens e mulheres, como se as práticas de penetração vaginal que visavam a procriação fossem um modelo a ser cumprido.

No lugar de um instinto fixo e pré-estabelecido, com a psicanálise ganhou fôlego a compreensão da sexualidade como marcada pela variedade e pela plasticidade, como afirma Maria Rita Kehl (2000, p. 1) no artigo **Sexualidade recontextualizada**:

A psicanálise foi, desde o início e durante todo o nosso século, o grande discurso recontextualizador da sexualidade humana. Partindo da idéia – ou da constatação – de que o trabalho psíquico se alimenta da energia sexual, e concomitantemente, a origem do desejo sexual é psíquica, Freud desnaturou o sexo e os processos de sexuação humanos. Mostrou que o desejo sexual se origina de nossa inclusão na cultura através da linguagem (...). Mostrou também que a pulsão é diferente do instinto animal em sua mobilidade e sua indeterminação, capaz de variar em sua força, capaz de mudar de alvo, de objeto e direção conforme as vicissitudes do campo social que encontre pela frente para se satisfazer.

A valorização do prazer sexual tomou outra direção na obra de Wilhelm Reich, que foi também um influente autor para mudanças na compreensão sobre sexualidade. Na obra **A função do orgasmo**, publicada em 1927, Reich defendeu que todas as pessoas seriam dotadas de uma “potência orgástica”, que corresponderia a uma capacidade essencial e inata para o prazer da gratificação genital.

Conforme a definição formulada por Reich (1975, p. 55), a potência orgástica seria “(...) a capacidade de abandonar-se, livre de quaisquer inibições, ao fluxo da energia biológica, por meio de involuntárias e agradáveis convulsões do corpo”.

Para Reich, que defendia o enfrentamento da moral capitalista burguesa, não seria possível uma revolução social que não fosse acompanhada também por uma revolução sexual. Tanto era necessário transformar estruturas sociais autoritárias para que a força

natural da sexualidade pudesse expressar livremente, quanto era fundamental combater a repressão sexual para a superação da ordem vigente. Como explica Jean-Claude Guillebaud (1999, p. 49-51):

Reich via a família como uma fábrica de ideologias autoritárias e de estruturas mentais conservadoras, e defendia a liberação sexual de crianças e adolescentes e a repolitização da vida cotidiana, sobretudo da sexualidade. (...) Somente as alienações sociais e as repressões da sociedade autoritária fazem a sexualidade desviar-se para o patológico. A natureza humana é naturalmente boa; a sexualidade é naturalmente sadia. A maior parte das doenças psíquicas têm origem na repressão, desde a infância, da atividade genital.

Formulada na década de 1920, a definição reichiana sobre a sexualidade como uma espécie de predisposição natural do corpo para o prazer (mas que infelizmente é barrada pela cultura), como uma força essencial, positiva e sadia que precisa ser libertada¹⁴³, foi uma compreensão influente algumas décadas mais tarde, na crescente politização da sexualidade que acompanhou as mobilizações estudantis em maio de 1968. A partir da noção de que a repressão da sexualidade estaria a serviço da ordem vigente, foram defendidos lemas como “O prazer sem entraves”, “É proibido proibir”, “Quando mais faço amor, mais vontade tenho de fazer a revolução” (GUILLEBAUD, 1999, p. 43).

No artigo **Sexualidade e política: maio de 68 e depois...**, Alípio de Sousa Filho (2008, p. 1) descreve:

Maio de 68 começou com sexo. Os estudantes da Universidade de Paris-Nanterre (...), iniciaram sua revolta contra as ‘autoridades conservadoras da Universidade’. Autoridades que há haviam proibido, em março de 1968, uma conferência sobre a obra de Wilhelm Reich (morto em 1957), tido como defensor do livre prazer sexual entre os jovens. Os dirigentes não viam o pensamento de Reich como algo que devesse ser discutido na Universidade.

A defesa do prazer sexual como revolucionário, marcante em maio de 1968, persiste atualmente entre diferentes compreensões sobre a sexualidade. Foi a partir também da década de 1960 que o direito ao prazer sexual passou a ser defendido por movimentos sociais como os movimentos feministas e os movimentos homossexuais.

O pessoal é político: o lema das mobilizações feministas é ilustrativo da contestação de que a esfera privada seria um espaço de menor importância, apartado das questões públicas. As experiências conjugais e familiares, as experiências reprodutivas,

¹⁴³ A compreensão reichiana sobre a sexualidade situa-se em uma perspectiva essencialista, o que a difere da compreensão proposta por Michel Foucault (1988) sobre a sexualidade como um dispositivo histórico e também da compreensão da psicanálise, que situa a sexualidade como interligada com as construções do desejo, da fantasia e da linguagem, como no conceito de pulsão como ao mesmo tempo psíquico e corporal.

as experiências afetivas e sexuais passaram a ser pensadas não como relegadas apenas à intimidade, mas como questões políticas.

Ao se reunirem em grupos para compartilharem suas experiências, chamados nos Estados Unidos de “grupos de tomada de consciência”, muitas mulheres perceberam como as desigualdades e violências que sofriam não eram algo apenas individual, o que as impulsionou para questionarem as opressões que sofriam e para buscarem unir forças e identificar possibilidades de transformação do que parecia tão inevitável. Como afirma Carole Vance (1984, p. 20-21) no capítulo **Towards a politics of sexuality**¹⁴⁴:

Discutir a vida pessoal em grupos de conscientização promoveu um caminho para que as mulheres que participavam vissem pontos em comum em suas vidas, percebendo que elas não eram malucas e que não estavam sozinhas em sua insatisfação, e começaram a traçar as forças econômicas, políticas e sociais que articulavam esses domínios anteriormente pensados como privados: a família, os relacionamentos, a individualidade. (...) Não apenas a vida pessoal tem dimensões sociais e políticas, mas a dor e a infelicidade pessoais com frequência sugerem possíveis atos para a ação e a organização política (2).

Foram muitos os avanços: nos direitos à proteção contra a violência; nos direitos à autonomia sobre os próprios corpos; no direito ao acesso a métodos contraceptivos; no direito ao divórcio. Como afirma Margareth Rago (2003, s/p), no artigo **Os feminismos no Brasil**:

(...) os feminismos, seja enquanto modo de pensamento, seja enquanto conjunto de práticas políticas, sociais e sexuais, têm contribuído enormemente para a crítica cultural contemporânea. Para além da desconstrução de configurações ideológicas, conceituais, políticas, sociais e sexuais que organizam nosso mundo, os feminismos deram visibilidade às formas perversas da exclusão que operam no mundo público. Ao mesmo tempo, propuseram formas alternativas de organização social e sexual fundamentais para a construção de relações mais igualitárias não apenas entre os gêneros, já que se trata fundamentalmente da construção de um novo conceito de cidadania, num campo em constante mutação.

As práticas políticas, sociais e sexuais relacionadas à crítica cultural, à desconstrução de configurações ideológicas e à explicitação de formas perversas de exclusão são também traços marcantes dos movimentos pelos direitos de homens gays, mulheres lésbicas, pessoas bissexuais, transexuais, travestis, transgêneras, queer e intersexuais, movimentos que hoje podem ser identificados pela sigla LGBTQI.

O “Núcleo de Ação pelos Direitos Homossexuais” foi o primeiro grupo homossexual organizado no Brasil, com início em maio de 1978, em São Paulo. Depois passou a ser chamado de “SOMOS- Grupo de Afirmação Homossexual”. Na composição

¹⁴⁴ Tradução nossa: “Por uma política da sexualidade”.

original do Grupo SOMOS, apenas homens participaram, mas, gradativamente, algumas mulheres se envolveram na organização, com a proposta de criar um grupo misto. Em 1979 houve uma cisão interna, com a formação do “Grupo Lésbico-Feminista”.

Uma importante conquista para o movimento, relacionada às muitas mobilizações que ocorreram em diferentes países, foi a decisão da Associação Americana de Psiquiatria (APA), em 1973, de retirar a homossexualidade da lista de desordens mentais. No Brasil, o Conselho Federal de Psicologia publicou em 1999 a resolução que prevê que os(as) psicólogos(as) não devem abordar a homossexualidade como patologia, distúrbio ou perversão, mas como uma das muitas formas de expressão possíveis das sexualidades¹⁴⁵.

O percurso histórico dos movimentos sociais e políticos no Brasil demonstra, portanto, como a ampliação da compreensão sobre a sexualidade foi fruto de muitas mobilizações e reivindicações, de muitas contestações e enfrentamentos para que classificações que vigoravam sobre que expressões da sexualidade seriam *normais* e que expressões da sexualidade seriam *desviantes* deixassem de ser utilizadas como justificativas para práticas excludentes e violentas, que inferiorizavam e afastavam tantas pessoas da possibilidade de exercerem seus direitos. Ainda hoje, os desafios relacionados aos preconceitos são muito fortes, são ainda muitas agressões, muitas mortes, muitos posicionamentos contrários à luta por igualdade, o que torna a discussão sobre os direitos no campo da sexualidade muito necessária.

Oportunidades iguais, tratamentos não discriminatórios, expressão dos próprios desejos, escolhas em relação aos próprios corpos, aos próprios relacionamentos e às próprias vidas, valorização do prazer, combate às diferentes formas de violência: em síntese é possível destacarmos como as lutas por direitos de diferentes movimentos sociais tiveram e têm como importante fundamento o reconhecimento da sexualidade como política.

No artigo **Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade**, Gayle Rubin (1984/2003, p. 1) defende:

A esfera da sexualidade também tem sua política interna, desigualdades e modos de opressão. Como em outros aspectos do comportamento humano, as formas institucionais concretas da sexualidade em um determinado tempo e lugar são produtos da atividade humana. São imbuídas de conflitos de interesse e manobras

¹⁴⁵ No capítulo **Saberes da psicologia sobre as homossexualidades**, da tese **Homossexualidade nas pesquisas em pós-graduação em Psicologia: da despatologização à luta por direitos**, Sandra Sposito (2015) apresenta um resgate sobre o processo de despatologização, discutindo sobre os fatores históricos que influenciaram a publicação da Resolução 01/99 e também sobre os desdobramentos nas pesquisas e nas práticas profissionais em Psicologia no Brasil desde então.

políticas, ambas deliberadas e incidentais. Nesse sentido, o sexo é sempre político.

Para que o caráter político do sexo e da sexualidade possa ser reconhecido como importante impulsionador para a busca por transformações, alguns desafios se sobressaem: a superação de concepções essencialistas (que situam a sexualidade como algo natural); de concepções negativistas (que transmitem a sexualidade como uma ameaça, como algo perigoso e destrutivo) e de concepções hierarquizantes (que atribuem a determinados desejos e práticas o lugar da *normalidade* enquanto outras formas de desejar e se relacionar são considerados desviantes, inferiores).

Ao afirmar a importância da superação de concepções essencialistas, negativistas e hierarquizantes, Rubin (2003, p. 11) argumenta:

Há urgência em se desenvolver perspectivas radicais sobre a sexualidade (...). Uma teoria radical do sexo deve identificar, descrever, explicar e denunciar a injustiça erótica e a opressão sexual. Tal teoria necessita de ferramentas conceituais refinadas com as quais se possa compreender o sujeito e mantê-lo visível. Deve produzir descrições ricas da sexualidade na forma como ela existe na sociedade e na história. Requer uma linguagem crítica convincente que possa transmitir a barbárie da perseguição sexual.

“*Conheça esta ideologia e entenda o perigo que você e seus filhos estão correndo*”: a frase foi apresentada na capa de uma cartilha¹⁴⁶ distribuída por parlamentares conservadores com o objetivo de combater a presença de questões relacionadas ao gênero e à sexualidade nos Planos Nacional, Estaduais e Municipais de Educação no Brasil¹⁴⁷ elaborados entre 2014 e 2015. Com a acusação de que a discussão sobre sexualidade e gênero seria uma *doutrinação ideológica*, grupos políticos de religiões católicas e evangélicas, aliados a outros grupos conservadores, afirmaram que as crianças e suas famílias seriam prejudicadas caso os assuntos fossem inclusos e/ou mantidos nos documentos educacionais.

“*Escola sem partido*” é o nome dado para o projeto que tem sido base para a elaboração de propostas de leis federais, estaduais e municipais que, a partir da alegação do combate à *doutrinação ideológica* visa implementar uma série de medidas de

¹⁴⁶ Disponível em: <http://camposfilho.com.br/?p=3959>. Acesso em: 25 de janeiro de 2016.

¹⁴⁷ Os Planos de Educação são documentos construídos coletivamente com base em conferências que contam com a participação de diferentes segmentos da sociedade, com o objetivo de estabelecer diretrizes, metas e estratégias educacionais para os dez anos seguintes à sua publicação. Entre os temas para a elaboração de propostas estão o direito à educação com qualidade, a ampliação de oportunidades educacionais, a valorização de profissionais da educação e a redução de desigualdades. Mais informações sobre os Planos de Educação estão disponíveis no site: <http://pne.mec.gov.br/>. Acesso em: 25 de janeiro de 2016.

fiscalização, denúncia e punição de professores e professoras que abordem nas salas de aulas questões que não correspondam aos valores morais dos grupos que o elaboraram.

Em 2017, o documento da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) foi enviado pelo Ministério da Educação ao Conselho Nacional da Educação, responsável pela elaboração do parecer para a homologação. A versão final enviada ao Conselho sofreu alterações: os termos “gênero” e “orientação sexual” foram retirados de alguns trechos¹⁴⁸.

Os embates recentes sobre a abordagem dos temas gênero e orientação sexual nas escolas brasileiras são exemplos de como o reconhecimento da sexualidade enquanto política requer a superação de concepções essencialistas e negativistas. Como discute Rubin (2003):

(...) Essa cultura sempre trata o sexo com suspeita. O sexo é considerado culpado até que provem sua inocência. Virtualmente todos os comportamentos eróticos são considerados maus a menos que uma razão específica para isentá-lo tenha sido estabelecida. As mais aceitas desculpas são o casamento, a reprodução e o amor.

O negativismo sexual, relaciona-se, assim, a uma organização hierárquica de desejos e práticas sexuais, com base na valorização da heterossexualidade conjugal, reprodutiva e monogâmica como um modelo a ser seguido (algo tão ressaltado nos alardes de que abordagens educativas sobre sexualidade seriam uma *ameaça às famílias*), acompanhada da invisibilização e/ou da condenação de outros desejos e práticas (assim como do quanto são múltiplas as configurações de relacionamentos e de famílias).

Outro exemplo da intensa influência do negativismo sexual refere-se a como são difundidos pânicos morais em torno da associação entre sexualidade e doenças, como a reprodução de concepções que situam as infecções e doenças sexualmente transmissíveis como metáforas para a sujeira, o perigo, a decadência, a degeneração.

Uma forte expressão de como os pânicos morais são influentes nas compreensões sobre a sexualidade corresponde ao que aconteceu no Brasil na década de 1980, quando foram intensas as reações de culpabilização e estigmatização diante do crescimento da epidemia de HIV/aids, inclusive com argumentações de que a epidemia seria uma espécie de castigo para as transformações que tinham ocorrido nas décadas anteriores no que diz respeito à maior aceitação de diferentes práticas e prazeres sexuais. Longe de

¹⁴⁸ Mais informações sobre os trechos alterados podem ser lidas na matéria “**Gênero e orientação sexual**” têm saído dos documentos sobre Educação no Brasil. Por que isso é ruim?, publicada em abril de 2017 na revista Nova Escola. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4900/os-termos-genero-e-orientacao-sexual-tem-sido-retirados-dos-documentos-oficiais-sobre-educacao-no-brasil-por-que-isso-e-ruim>. Acesso em: 05 de outubro de 2017.

contribuírem para os cuidados com a saúde das pessoas que tinham contraído o vírus e para a promoção de práticas preventivas, tais concepções distorcidas e discriminatórias foram muito nocivas por como recobriram as questões relacionadas à sexualidade de um peso moral acusatório e atemorizante. Como afirma Richard Miskolci (2012, p. 23): “No mundo todo, essa reação teve consequências políticas jamais superadas e também na forma como as pessoas aprenderam sobre si próprias, sobre a sexualidade, e na maneira como vivenciam seus afetos e suas vidas sexuais até hoje”.

No artigo **A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes**, Larissa Pelúcio e Richard Miskolci (2009) discutem:

A compreensão sociológica do discurso da prevenção que pauta os diversos modelos nacionais de saúde no que toca à epidemia de HIV-aids exige que ele seja historicizado. Não por acaso, ele emerge com força a partir do pânico sexual criado pela epidemia no início da década de 1980, cristalizando uma resposta moralizadora ao contexto de profunda transformação dos comportamentos sexuais, das relações amorosas e familiares pós-1968. Aos poucos, passa a fazer parte do que denominamos de dispositivo da aids, o qual se caracteriza pela seletividade no que concerne à aplicação dos meios de controle e normalização dos comportamentos. (...) Exige-se de alguns maior controle e racionalização no que toca a seus desejos, enquanto a outros é atribuída uma inerente normalidade que os libera do mesmo grau de pressão e demanda em relação às suas vidas e aos seus amores (PELÚCIO; MISKOLCI, 2009, p. 143-144).

Os pânicos morais têm geralmente como foco situações, pessoas ou grupos de pessoas que são vistos(as) como ameaçadores(as) para determinados valores sociais. As ameaças costumam ser alardeadas por meio de concepções exageradas, distorcidas e estereotipadas, algo muito comum em relação às questões sexuais, como analisa Jeffrey Weeks (2011, p. 226-227): “Por como a esfera erótica é uma fonte fértil de ansiedade cultural, por como toca em questões íntimas sensíveis e altamente pessoais sobre o corpo e seus prazeres, mas também em questões críticas da cultura (...)” (3).

Pensarmos sobre a sexualidade como construída historicamente implica considerarmos como a história não se refere a um percurso linear, como nas versões em que a sexualidade teria sido tirada das trevas das proibições em direção às luzes da liberação. A relação entre sexualidade e controles, assim como entre sexualidade e resistência aos controles, abrange o atravessamento de múltiplos fatores, mais complexos e contraditórios que a simples oposição entre liberdades e repressões nos permite identificar. Retomaremos a importância de uma compreensão mais ampla sobre as relações entre liberdades e repressões ao longo do capítulo.

3.3 A sexualidade entre controles e descontroles

- Pecado, vergonha, imoralidade;
- Transgressão, risco, clandestinidade;
- Reprodução da espécie, dever procriativo, continuidade da família;
- Romantismo, complementariedade, amor conjugal;
- Saúde, bem-estar, satisfação;
- Aventura, excitação, inovação.

Os diferentes grupos de palavras apresentados acima configuram compreensões que foram em alguns contextos ou são atualmente predominantes em relação ao sexo e ao prazer sexual¹⁴⁹. Tratam-se de compreensões que, mesmo quando destoantes, podem coexistir como influências em como as experiências são vividas e significadas. São muitos os sentidos possíveis, assim, em torno do que pode ser chamado de *sexualidade*. Como analisa Jeffrey Weeks (2011, p. 361), no livro **The languages of sexuality**¹⁵⁰:

A sexualidade é particularmente carregada porque ela é tão intimamente ligada com o nosso senso sobre quem nos somos, de onde vivemos e onde estamos posicionados(as), por identidades, gênero e reconhecimento social, assim como nossos sentimentos mais profundos e formas de ser e estar no mundo. É também profundamente contestada: Sexualidade e intimidade são os focos para críticos debates sobre valores: sobre conflitos entre o tradicional e o novo, sobre a fé e o secularismo, a maioria e minorias; sobre relações entre homens e mulheres, entre homens e homens, mulheres e mulheres, adultos(as) e crianças (4).

Torna-se necessário reconhecermos, portanto, como sexualidade é uma palavra viva, que recebe diferentes formulações em diferentes momentos e nos diferentes campos de estudo que a situam como um conceito. Conhecermos que explicações são formuladas sobre a sexualidade contribui para conhecermos mais sobre o contexto e sobre as relações presentes no contexto em que o tema é estudado, sem que seja preciso (ou possível) atribuímos uma única definição. Como afirmam Jane Russo e Fabíola Rohden (2011, p. 7)¹⁵¹, ao abordarem como são diversas as compreensões propostas sobre a sexualidade:

¹⁴⁹ No capítulo **Sexualidade e prazer** de minha dissertação de mestrado: **Muito prazer? Discussões sobre sexualidade, gênero e educação sexual a partir da análise de revistas femininas e masculinas** (PASTANA, 2014), apresento diferentes fatores históricos que participaram na construção da associação entre sexualidade e prazer no decorrer do século XX.

¹⁵⁰ Tradução nossa: “As linguagens da sexualidade”.

¹⁵¹ No livro **Sexualidade, ciência e profissão no Brasil**, organizado por Jane Russo e Fabíola Rohden (2011), são abordadas diferentes influências na compreensão sobre a sexualidade e na formulação de propostas de educação sexual, como os movimentos sociais, a sexologia e os programas preventivos que foram impulsionados principalmente pela epidemia da aids.

(...) ora vista como um instinto incontornável e espontâneo, núcleo da liberdade do sujeito, ora como espécie de *expertise* adquirida por meio de treinamento e tecnologia. Ao mesmo tempo que aparece sob a forma de doença, disfunção ou fator de risco que justifica intervenções médicas e psicológicas, a sexualidade é também tida como o elemento que funda a cidadania sexual e a própria concepção de direitos sexuais como parte dos direitos humanos.

A Declaração dos Direitos Sexuais à qual as autoras se referem foi elaborada no 13º Congresso Mundial de Sexologia, realizado em 1997 em Valência, na Espanha e elencou como direitos: direito à liberdade sexual; à autonomia sexual, à integridade sexual e à segurança do corpo; à privacidade sexual; à justiça; ao prazer sexual; à expressão emocional; à livre parceria sexual; a fazer escolhas reprodutivas livres e responsáveis; à informação baseada em pesquisas científicas; à educação sexual integral e à atenção e à saúde sexual¹⁵².

Como discutimos no tópico anterior, as últimas décadas foram marcadas por uma crescente politização da sexualidade. Foi sobretudo a partir dessa crescente politização que houve a consolidação do reconhecimento de que não há como falar sobre sexualidade sem falar sobre história, sobre cultura, sobre economia, sobre padrões de gênero, de classes sociais, de raças e etnias, espaços geográficos, gerações, deficiências, crenças religiosas, valores morais, entre muitos outros fatores. Foi consolidado, também, o reconhecimento de que as intensas ligações entre sexualidade e cultura abrangem muitas formas de regulação, muitas proibições e restrições, mas também muitas formas de contestação aos padrões morais e regulações, de transformações e buscas por transformação. Nas palavras de Weeks (2013, p. 58-59):

A história da sexualidade não é simplesmente uma história de controle; é também uma história de oposição e resistência aos códigos morais. Formas de regulação moral dão espaço para que emergam transgressões, subversões e culturas de resistência, grandes e pequenas, locais e transnacionais.

As relações entre sexualidade e controles podem ser ilustradas pelo próprio percurso do surgimento do conceito: no final do século XIX, o início da sexologia foi impulsionado pela proposta de transformar práticas e desejos sexuais em objeto de investigação científica, com a busca por explicar, descrever e classificar quais seriam os desejos e práticas sexuais *normais* e quais seriam os desejos e práticas *patológicos*. Essa busca, desde o princípio, era baseada na compreensão de que os desejos e práticas

¹⁵² A Declaração está disponível no site: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/gays/direitos-sexuais.html>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

considerados desviantes deveriam ser foco de intervenções, de medidas regulatórias e preventivas, de controles.

Se antes a principal instância de controle da sexualidade era a religião cristã, com a condenação dos desejos e práticas sexuais considerados desviantes como pecaminosos, seguida pela condenação jurídica que julgava os desejos e práticas considerados desviantes como crimes, a partir do século XIX, a medicina foi revestida de um poder crescente para tratar, como doenças, os desejos e práticas considerados desviantes e classificados como “*aberrações sexuais*”, termo utilizado pelo psiquiatra alemão Richard von Kraft Ebing, autor de uma das obras fundadoras da sexologia, **Psycopathia Sexualis**. Ao longo das 12 edições do livro, foram registrados 238 estudos de casos, em que o principal critério de definição de quais seriam as práticas classificadas como degeneradas era não corresponderem à finalidade reprodutiva.

Tal expansão dos poderes atribuídos à medicina não corresponde, no entanto, a uma ruptura com a intensa influência exercida pelas concepções da religião cristã. A própria centralidade dada à reprodução como critério demonstra como o deslocamento da noção de pecado para a noção de doença manteve muitos dos controles que aparentemente estariam passando por nítidas modificações. Como analisa Joel Birman (1999, p. 20-21):

É preciso evocar que a sexologia desde Kraft-Ebing transformou em postulados científicos uma série de interditos e de normas sobre a sexualidade que se constituíram no Ocidente desde o cristianismo. Com efeito, o imperativo ético de que o erotismo deveria ser regulado pela exigência de reprodução da espécie e dos ideais do amor familiar foi estabelecido na nossa tradição pela religião cristã. Com isso, o prazer e o gozo humanos foram desqualificados e esvaziados no seu valor em face das exigências maiores da cristandade. Nessa época de trevas, o sexual em chamas foi lançado literalmente nas fogueiras virtuosas, nas quais as bruxas foram queimadas em carne viva em grandes suplícios públicos. Enfim, foi a equação construída entre erotismo e pecado, cristalizada pelo imaginário do cristianismo, que a sexologia sacralizou como suposto objeto da ciência.

A Inquisição teve início no século IV e durou até o século XVIII, com a perseguição das pessoas suspeitas de crenças e práticas opostas às pregadas pela Igreja Católica. A execução pública na fogueira era um dos possíveis castigos. Outras sentenças eram o enforcamento e o estrangulamento, antecidos por diferentes formas de tortura.

As principais acusações contra as mulheres condenadas como *bruxas* eram referentes às práticas sexuais e reprodutivas: usos de plantas como métodos contraceptivos, para a interrupção da gestação, para aliviar as dores do parto e como afrodisíacas. Os desejos e prazeres sexuais eram considerados como demoníacos.

Parteiras e curandeiras, que exerciam o importante papel de cuidados com a saúde no período, foram duramente perseguidas.

No capítulo **A grande caça às bruxas na Europa**, Silvia Federici (2004) discute como a Inquisição exerceu um papel fundamental para o início de uma organização social em que a submissão dos corpos das mulheres e de suas capacidades sexuais e reprodutivas fosse explorada economicamente. Em um período que os índices de mortalidade infantil eram altos por muitos motivos como falta de alimentos, falta de condições de saúde, miséria e epidemias, as mulheres eram acusadas e perseguidas por supostamente terem poderes infantilizadas. Propagava-se, assim, um modelo de maternidade em que as mulheres eram incumbidas de uma dedicação total, sacrificando e renunciando a outros interesses, em nome de um destino único de proteção às crianças.

As mulheres eram descritas como seres selvagens com desejos insaciáveis, rebeldes, descontroladas e incontroláveis, em oposição ao modelo defendido: de mulheres passivas, dóceis, obedientes, submissas e subordinadas ao controle dos homens.

A caça às bruxas foi, portanto, uma guerra contra as mulheres; foi uma tentativa coordenada de degradá-las, demonizá-las e destruir seu poder social. Ao mesmo tempo, foi precisamente nas câmaras de tortura e nas fogueiras, nas quais as bruxas morreram, onde se forjaram os ideais burgueses de feminilidade e domesticidade (FEDERICI, 2004, p. 337-338).

Ainda hoje as concepções cristãs sobre pecados estão entre as influências em relação aos controles exercidos sobre a sexualidade, como ilustra a persistência da força do modelo de conjugalidade valorizado como aquele entre um homem e uma mulher, monogâmico, reprodutivo e indissolúvel. São ainda muitos os julgamentos em relação às práticas homossexuais, às práticas pré-conjugais e extra-conjugais, assim como ao uso de anticoncepcionais, ao aborto e ao divórcio.

Como ressaltamos anteriormente, os processos históricos relacionados ao que compreendemos como sexualidade não formam um conjunto coeso e linear. Ao mesmo tempo que diferentes formas de condenação dos prazeres ainda persistem, o século XX foi também marcado por uma crescente valorização da associação entre sexualidade e prazer. Um dos campos em que essa crescente valorização foi marcante foi o dos estudos da sexologia, que abordaremos no tópico seguinte.

3.4 Entre muitas medidas e o que não tem medida

No decorrer do século XX, as formas de compreender e experienciar os corpos, os desejos, os prazeres e as práticas sexuais passaram a ter grande influência das explicações médicas, com a popularização de descrições sobre o que seria ou não saudável, o que seria ou não patológico, o que seria ou não funcional. Esse processo¹⁵³, que teve início no século XIX com estudos que se destinavam a definições, classificações e categorizações das chamadas “perversões”, foi expandido por diferentes fatores no decorrer do século XX: o surgimento da pílula anticoncepcional que, ao mesmo tempo que promoveu uma maior autonomia das mulheres no que diz respeito às escolhas reprodutivas, também favoreceu uma maior influência da medicina; o investimento posterior em outras tecnologias reprodutivas, que têm se difundido; as pesquisas da sexologia sobre os aspectos fisiológicos da resposta sexual e a investigação para a criação de tratamentos e medicamentos para as chamadas “disfunções”, como o Viagra, para a disfunção erétil (criado em 1998).

Um marco inicial para essa maior atenção dada pela sexologia ao prazer foi o trabalho de Alfred Kinsey, com a publicação dos relatórios **Sexual behavior of the human male**¹⁵⁴, em 1948 e **Sexual behavior of the human female**¹⁵⁵, em 1953. Os relatórios foram baseados em entrevistas com 18.000 participantes que responderam sobre seus comportamentos sexuais. Entre os dados obtidos por Kinsey, os que tiveram maior impacto foram o índice de 95% dos homens que afirmaram terem se envolvido em práticas consideradas na época como ilegais ou imorais, sendo a masturbação a mais comum, e o índice de 37% dos homens que relataram terem experimentado encontros sexuais com outros homens envolvendo orgasmo. A significativa influência dos relatórios para o questionamento dos padrões vigentes na época relaciona-se a como, na maior parte dos Estados Unidos no início do século XX, o sexo fora do casamento, o sexo oral e o sexo anal eram crimes previstos em lei.

¹⁵³ Como descreve Michel Bozon (2004, p. 141), no capítulo **Medicalização da sexualidade e definição do bom funcionamento sexual**: “A medicalização da sexualidade é parte de um processo mais geral de medicalização da sociedade, que consiste em atribuir uma natureza médica a representações, práticas e problemas que, até então, não eram apreendidos nesses termos. Dessa redefinição de uma realidade já existente como um problema médico decorrem desdobramentos clínicos sob a forma de exames, diagnósticos e tratamentos”.

¹⁵⁴ Tradução nossa: “Comportamento sexual do homem”.

¹⁵⁵ Tradução nossa: “Comportamento sexual da mulher”.

Alfred Kinsey compreendia o sexo como inerente à natureza, passível de ser mensurado, sendo o orgasmo um indicador simples e objetivo da atividade sexual. As experiências sexuais que não fossem seguidas de orgasmo não eram consideradas.

Outro marco importante para a sexologia foram as pesquisas em laboratório desenvolvidas por William Masters e Virginia Johnson, que abrangeram a observação, o registro e a análise das reações fisiológicas de 694 voluntários(as) enquanto excitavam-se sexualmente e experienciavam orgasmos. Em 11 anos de estudo, foram acompanhados mais de 10.000 orgasmos. Os resultados, publicados em 1966 no livro **Human sexual response**¹⁵⁶, foram também base para a elaboração do livro **Human sexual inadequacy**¹⁵⁷, publicado em 1970 sobre o desenvolvimento de um modelo clínico para o tratamento de disfunções sexuais.

Nos experimentos realizados por Masters e Johnson foi identificada a importância da estimulação do clitóris para o orgasmo das mulheres, assim como a ampla capacidade das participantes para experienciarem orgasmos, o que contrariava as concepções vigentes no período (de que as mulheres seriam menos propensas ao prazer, que o orgasmo real seria o orgasmo vaginal). Foram formulados como estágios da relação sexual a excitação, o platô, o orgasmo e a resolução, uma formulação que tem sido utilizada desde então¹⁵⁸.

No capítulo **Normalizar a sexualidade**, Michel Bozon (2004) discute como lado a lado com o caráter inédito da valorização do prazer sexual (especialmente o caráter inédito da valorização do prazer sexual das mulheres), os estudos da sexologia foram atravessados também por um caráter normativo, principalmente por como a busca por prazer era pensada basicamente como circunscrita à conjugalidade heterossexual. Outra crítica frequente às concepções da sexologia refere-se ao foco nos orgasmos, na genitalidade e em respostas passíveis de serem mesuráveis. Tal ênfase quantitativa e genitalizante tem se acentuado, se considerarmos, por exemplo, como a sexologia tem se concentrado em pesquisas e aplicações de tratamentos medicamentosos para a disfunção erétil, com cada vez mais atenção para as respostas fisiológicas e cada vez menos para os

¹⁵⁶ Tradução nossa: “Resposta sexual humana”.

¹⁵⁷ Tradução nossa: “Inadequação sexual humana”.

¹⁵⁸ Na tese **Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite: as sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas**, Tito Sena (2007) apresenta o histórico das publicações de Alfred Kinsey, William Masters, Virginia Johnson e Sharon Hite, com a análise sobre as influências dessas obras para uma compreensão sobre a sexualidade como passível de mensurações e descrições objetivas.

contextos e experiências em que essas respostas ocorrem, os significados culturalmente atribuídos e os fatores subjetivos¹⁵⁹.

As classificações da sexualidade entre funções e disfunções são muitas vezes estabelecidas a partir de critérios aritméticos, em que as avaliações quantitativas (quantos? com que intensidade? com que frequência? para que resultados?) são centrais. No livro **A tirania do prazer**, Jean-Claude Guillebaud (1999) analisa como a associação entre desempenho sexual funcional ou disfuncional e saúde é intimamente ligada à noção de controle, como em uma espécie de ginástica em que são repetidos exercícios para o aperfeiçoamento da técnica e o melhor rendimento em termos de prazer. Nas palavras do autor:

(...) o discurso contemporâneo desenvolveu-se no sentido desta interminável recomendação olímpica, assimilando a sexualidade a um “exercício” que exige destreza, obstinação e treinamento. O sexo, assim despossuído de toda significação simbólica, torna-se simples funcionamento muscular. (...) Quando ao prazer, função corporal aperfeiçoável, também ele deve se desenvolver segundo receitas, de acordo com um único imperativo: o de um desempenho excelente e mensurável (GUILLEBAUD, 1999, p. 145).

Descrever, explicar, classificar, organizar, quantificar... Como abordamos no início do capítulo, o movimento de falar incessantemente sobre o sexo, pretensamente para descrevê-lo e revelá-lo, não foi, segundo a análise de Foucault (1988), um movimento que o desenterrou a sexualidade das camadas e camadas de silêncios e segredos, mas um movimento responsável pela própria invenção da sexualidade.

Uma das inspirações para as formulações de Foucault sobre a sexualidade foram as discussões do filósofo Georges Bataille. Em **O erotismo**, Bataille (1987) se opõe a qualquer proposta de compreender (ou produzir) o sexo a partir de números, classificações e medidas, por defender como erotismo justamente o que indefine, o que suscita desproporções, o que desestabiliza. A linguagem utilitarista de cálculos, contratos e limites, ainda que prometa a maximização de prazeres e a minimização de desprazeres, não dá conta do que, nos prazeres, escapa ao que é valorizado enquanto produtividade mensurável.

Como esclarece Vladimir Safatle (2014, p. 17), sobre a relação entre erotismo e excessos para Bataille:

¹⁵⁹ Como discute Jane Russo (2013), no artigo **A terceira onda sexológica: medicina sexual e farmacologização da sexualidade**: “O surgimento e a comercialização do Viagra (e depois, de medicamentos semelhantes) (...) enfatiza a performance ligada unicamente ao funcionamento do órgão sexual. Refere-se a uma sexualidade, orgânica, bioquímica, desprovida de qualquer espectro relacional”.

(...) o erotismo é excessivo. Mas, com isto, não significa dizer que o erotismo é mais intenso que o trabalho. Seu excesso não é da ordem da grandeza, mas da alteridade. Nem sempre, “excessivo” significa o que é muito grande, pois isto corresponderia a dizer que há uma medida comum entre os dois fenômenos, sendo que um é apenas maior do que o outro. Na verdade, “excessivo” significa aqui o que excede minha capacidade de medir, simplesmente porque é o que não se mede, o que colapsa toda medida, porque sua lógica não é a lógica dos objetos mensuráveis. Neste sentido, mesmo quando for leve, etéreo e silencioso, mesmo quando se reduzir a um simples olhar ou a um toque, o erotismo será excessivo. Porque seu excesso é a recusa do que não aceita ser sentido e vivido da mesma forma que sentimos as coisas que podemos calcular, mensurar e quantificar.

Considerando o excessivo como o que não tem medida, como o que não pode ser restrito a mensurações, torna-se possível identificarmos como os esforços atuais pelo distanciamento do que há de excessivo correspondem a esforços pelo distanciamento de uma experiência de si que não seja regida por controles, que não caiba em definições e explicações sobre como controlar-se propriamente.

A compreensão do erotismo como desmesura traz, assim, a possibilidade de afastamento entre as experiências sexuais e as exigências de produtividade, eficácia e domínio, de afastamento de uma noção em que há um corpo “próprio”, um desejo “próprio”, uma sexualidade “própria”, para uma noção em que corpos, desejos e sexualidade são campos potencialmente “impróprios”, campos que potencialmente nos desapropriam daquilo que nos esforçamos para manter sob nosso controle, como se fossem propriedades a protegermos.

Depor toda vontade de domínio significa não querer mais controlar as coisas através da sua submissão à utilidade delas *para mim*, que normalmente sou seu proprietário, nem controlar o tempo através da submissão do presente ao futuro *que eu projeto*. Futuro que se define como causa das limitações que aceito no presente, que aprisiona o presente em uma rede causal profunda o que só faz sentido o que se submete à necessidade definida na idealidade do futuro. Futuro para o qual o esquecimento de si no presente aparece como um dispêndio improdutivo (SAFATLE, 2014, p. 19).

Algo que nos perturba, algo que nos arrebata, algo que nos tira dos limites que estabelecemos para nos defendermos da submissão, algo que nos submete. No erotismo a desorganização, permanente, é vital, é o que permite a reorganização transformadora: “(...) através do erotismo a experiência humana dá forma àquilo que coloca em cheque as estruturas da forma” (SAFATLE, 2014, p. 32).

Abrem-se assim novas possibilidades para pensarmos sobre as dinâmicas entre liberdades e repressões, que abordaremos nos tópicos seguintes.

3.5 Entre liberdades e repressões

“O prazer sexual nos torna mais felizes e saudáveis!”, “o prazer sexual nos faz viver de forma mais livre e estimulante!”, “o prazer sexual potencializa as relações e propicia realização pessoal!”: quando nos deparamos com a valorização do prazer, proclamada como uma convocação à fruição, não é difícil nos convenceremos de que estamos diante de uma bem-vinda abertura a ser celebrada. Afinal, não é difícil lembrarmos como vergonha, culpa, inibições, proibições e censuras foram associados de formas tão contínuas e intensas em relação ao sexo, erguendo barreiras que talvez finalmente agora possam ser derrubadas. Que sentido haveria em colocar a valorização do prazer sexual em questão?

Ser atraente sexualmente, ser experiente sexualmente, caprichar no desempenho sexual, ter desenvoltura, criatividade e disposição para experimentar e para aproveitar os prazeres que o sexo tem a oferecer: uma primeira questão a ser colocada refere-se a quais são os modelos de uma vida sexual prazerosa que acompanham o que chamamos hoje de valorização do prazer sexual.

Ao nos depararmos com alguns modelos que predominam, cabe também questionarmos: se os prazeres sexuais têm sido exaltados como desejáveis, como as experiências e relações têm se transformado para que os prazeres não sejam apenas exaltados, almejados, mas também vividos? Prazeres vividos, aqui, não significaria avaliar se os tão difundidos padrões são ou não correspondidos. Ao nos voltarmos para os prazeres vividos nos voltamos para as possibilidades de que diferentes prazeres possam ser imaginados, diferentes prazeres possam ser criados, para que múltiplas formas de desejar e experienciar prazer possam ser expressas e para que as múltiplas formas de buscar prazer possam ser ampliadas.

Uma armadilha é a ideia de que haveria muitas pessoas fazendo muito sexo de formas muito satisfatórias, o que tornaria aquelas que não fazem, ou que fazem pouco, ou que fazem mas que não se satisfazem tanto ou que não se satisfazem pessoas menos felizes, provavelmente por serem inibidas, por serem travadas, ou então por serem inseguras e frustradas, uma armadilha que alimenta a noção de que seria uma questão de competência individual a inserção no vasto universo de prazeres que o sexo tem a oferecer.

Entre os casais, a armadilha ganha novas versões: o sexo seria como um termômetro, que mediria como quanto maior o tesão, melhor a relação. Quanto melhor a performance (disposta, incansável, acrobática), mais sincero o desejo. Quanto mais

orgasmos (múltiplos, simultâneos), mais felicidade amorosa. Para quem não está em um relacionamento, o termômetro seria o da diversão: o que vale é experimentar, nada mais divertido que sexo, quanto mais sexo mais disposição, mais entusiasmo, mais liberdade.

A que liberdade tais concepções do sexo competência, do sexo termômetro e do sexo diversão estão se referindo? Para refletirmos sobre o que está sendo evocado como liberdade, é interessante considerarmos o que afirma Maria Rita Kehl (2008, p. 14-15) no capítulo **Corpos estreitamente vigiados**:

Tão longe, tão perto. Temos a liberdade, ou melhor, temos a obrigação de nos permitir todos os prazeres sexuais. Seria ótimo, se não fosse obrigatório (...). Seríamos livres se não nos sentíssemos obrigados a dar provas permanentes de nossa capacidade de gozar. Seríamos mestres do hedonismo se não estivéssemos tão vigilantes em relação às performances sexuais (...).

Se ser sexualmente livre, sexualmente aberto(a), sexualmente realizado(a) é uma expectativa tão continuamente transmitida que chega a ser sentida como uma obrigação, nos vemos diante de uma significativa contradição: a expectativa de que as pessoas *livres* sintam-se sempre seguras e confiantes sexualmente não contribuiu para gerar liberdade, segurança, nem confiança, mas sim, para alimentar cobranças, ansiedades, sensações de inferioridade e de insuficiência.

A palavra repressão é no geral associada a proibições e reprovações, de modo que seria repressivo negar o prazer, condená-lo, cercá-lo por interdições e tabus. Entretanto, diante da exaltação do prazer com que nos deparamos atualmente, é importante reconhecermos o quanto a imposição de ideais inalcançáveis e a transmissão de modelos sobre como o prazer deve ser buscado e sentido também podem ser repressivas. Trata-se de uma espécie de repressão às avessas: ao invés de sentirem culpa, ansiedade e insegurança diante do desejo por prazeres proibidos, cada vez mais há pessoas que sentem culpa, ansiedade e insegurança por não conseguirem sentir todo o prazer que acreditam que deveriam sentir. Para compreendermos a dimensão repressiva do prazer como dever, é importante considerarmos a análise desenvolvida por Marilena Chauí (1984, p. 13), no livro **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**:

(...) a repressão não é uma imposição exterior que despenca sobre nós, mas também um fenômeno sutil de interiorização das proibições e interdições externas (e, conseqüentemente, também das permissões) (...). Nossos sentimentos poderão ser disfarçados, ocultados ou dissimulados desde que percebidos ou sentidos como incompatíveis com as normas, os valores e as regras de nossa sociedade. Costuma-se dizer que a repressão perfeita é aquela que já não é sentida como tal, isto é, aquela que se realiza como auto-repressão, graças à interiorização dos códigos de permissão, proibição e punição de nossa sociedade.

Partindo da definição proposta por Chauí (1984, p. 9) sobre a repressão sexual como “um conjunto de interdições, permissões, normas, valores, regras estabelecidos histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade”, é possível identificarmos como, apesar de ser menos constante a interdição “não faça!”, muitas normas, regras e valores são transmitidos por meio do imperativo “faça!”. O principal aspecto desta forma de repressão é a dificuldade de ser reconhecida enquanto tal, já que, apesar de gerarem culpa e sofrimento, os padrões são transmitidos como valorizados e desejáveis pelas próprias pessoas que buscam alcançá-los.

Se voltarmos aos jogos mencionados como exemplos no início do capítulo, podemos pensar sobre algumas perguntas possíveis em um “Verdade ou desafio”: “Qual foi o lugar mais inusitado que você já fez sexo?”, “Qual é a sua posição sexual favorita?”, “Qual orgasmo foi mais inesquecível?”, “Gosta de mordidas? Leves ou fortes?”, “Prefere beijos e lambidas em quais partes do corpo?”, “Que fantasias ainda não realizou?”.

Diante das questões podemos ter a impressão de que é comum, atualmente, que as pessoas tenham muita facilidade para falar sobre sexo, para fazer confidências, declarar preferências, compartilhar recordações e contar sobre o que têm vontade.

Entre tantas narrativas sobre ousadias, o inadequado passa a ser não ter histórias para contar. É preciso ter sacanagem, é preciso ser picante, e, além de excitante, parecer bem espontâneo e desprezioso, já que prazeres e preocupações não combinam. Se os receios de julgamentos negativos pelo que se deseja e se faz sexualmente parecem ter diminuído, os receios de avaliações depreciativas pelo que não se faz, pelas experiências que não se vive, parecem estar tomando o lugar sobre o que precisa ser disfarçado, silenciado.

Estará entre as armadilhas, então, a tendência a acreditarmos que o falar cada vez mais corresponderia ao calar cada vez menos. Como afirma Cassandra França (2011, p. 12-13):

Cada um que conte o seu conto, e nesse campo só vale contar um conto aumentando um ponto. Afinal, estamos na era do prazer, e fica subentendido ser obrigatório, independentemente de quaisquer contingências, ter orgasmos múltiplos e ereções por horas a fio. (...) os grilhões sexuais logo foram substituídos pelos grilhões da escravidão estética, que também virou uma moeda fálica, garantindo que ninguém tire a roupa impunemente.

Fala-se mais sobre desejos sexuais, cala-se mais sobre fragilidades e inseguranças. Fala-se mais sobre experiências sexuais variadas, cala-se mais sobre que ansiedades e inibições foram experimentadas. Fala-se mais sobre detalhes de posições e estimulações,

cala-se mais sobre as cobranças e frustrações relacionadas às expectativas inalcançáveis de atratividade e desempenho, expectativas tão influentes nas possibilidades de fruição.

É como se demonstrar vulnerabilidade fosse correr o risco de inferiorização. Como se os corpos que se encontram se encontrassem apenas pela finalidade de potencializar excitações, saindo desses encontros intactos, sem as inconvenientes perturbações das dúvidas, sentimentos e emoções.

O senso de si não vem das experiências como elas diretamente se dão, mas de como articulamos essas experiências ao narrarmos sobre nós mesmos(as). A construção dessas narrativas é atravessada pela busca de consistência na identidade que desejamos formar, na imagem de nós que desejamos transmitir. O que falamos e o que calamos sobre os desejos, emoções e experiências sexuais também são elementos dessa transmissão de uma imagem, desse narrar-se em busca de uma consistência na identidade que desejamos construir. Nas palavras de Rachel Hills (2010, p. 17), essa busca por consistência se dá: “com a omissão de detalhes de nossas histórias que não se encaixam com nossa autoimagem desejado, ou pela invenção de eventos que nunca aconteceram para projetar uma imagem que se encaixe melhor no ideal” (5).

No capítulo **This is not what liberation looks like**¹⁶⁰, Hills (2015) discute uma dificuldade para que os controles possam ser reconhecidos está na própria expectativa de espontaneidade: a expectativa de que o sexo seja sempre espontaneamente bom, que a atração e o interesse, livres, surjam espontaneamente, que o desejo e o prazer sejam sempre espontaneamente intensos. Quando tais expectativas de atrações, desejos e prazeres tão espontâneos não se cumprem, é como se houvesse uma falha, algo a ser corrigido, uma insuficiência em quem não os experimenta. Como a autora problematiza:

A crença nos poderes “especiais” da sexualidade significa que tudo o que fazemos no que se refere a sexo é imerso em significado, com um profundo impacto em nossa compreensão de quem somos e em como nos avaliamos. Com tanto direcionamento em como conduzimos nossas vidas sexuais, o sexo não precisa ser regulado externamente: ao invés disso, nós internalizamos os padrões e os implementamos a nós mesmos(as) (HILLS, 2015, p. 20) (6).

Os aprendizados sobre os desejos abrangem a ideia de que, para se permitir desejar, é necessário se adequar aos modelos sobre o que é ser alguém desejável. Assim, a relação entre desejos e controles revela-se como mais imbricada do que pode parecer em um primeiro momento. Diante da hierarquização, em que despertar desejo é visto

¹⁶⁰ Tradução nossa: “Não é assim que a liberação parece ser”.

como fonte de status, mas demonstrar desejo é representado como risco de vulnerabilização, a dinâmica entre o que as pessoas sentem e o que elas permitem expressar tornar-se atravessada por cerceamentos que não são facilmente perceptíveis:

Desejo e desejabilidade são mais do que apenas selos de aprovação social. São uma forma de armadura emocional, uma promessa ilusória de que se moldarmos nossa aparência e desempenhos das formas certas, nós estaremos seguros(as) e protegidos(as) da dor e da rejeição (HILLS, 2010, p. 56) (7).

As expectativas de que os desejos sejam sempre experimentados como impulsivos e espontâneos destoam de como os desejos oscilam, variam tanto em intensidade quanto em frequência, não são tão nitidamente identificáveis nem tão imperativamente diretivos. Com uma pretensa abertura à espontaneidade, o que se constrói, assim, é um artificial (e potencialmente inibidor) esforço por uma aparência de desinibição de espontaneidade.

A pressão para ganhar status pela manipulação da aparência, a busca por parceiros(as) sexuais socialmente desejáveis, a performance exagerada do que passa por diversão e liberdade – não são geralmente comportamentos de pessoas que estão confortáveis consigo mesmas e com seus relacionamentos com outras pessoas. Nem são comportamentos de pessoas que estão esbanjando o prazer físico do sexo por si mesmo. São posturas, uma tentativa de tornar as pessoas complexas e vulneráveis que somos nas pessoas descomplicadas e emocionalmente impenetráveis que desejamos ser (HILLS, 2015, p. 65) (8).

Entre as pessoas complexas e vulneráveis que somos e as pessoas descomplicadas e emocionalmente impenetráveis que desejamos ser estão, assim, expectativas de liberdade que requerem a reflexão sobre o que chamamos de liberdade.

3.6 Que liberdades?

A liberdade sexual como um valor é fruto de um processo histórico marcado por reivindicações políticas, por mobilizações em busca da igualdade de direitos e por transformações nas relações, como discutimos no início do capítulo. No entanto, não há apenas um sentido para a palavra *liberdade*, sendo importante reconhecermos como além de ser um termo denso politicamente, é também um termo denso e que recebe centralidade nos apelos mercadológicos. A *liberdade* enquanto *liberdade para consumir* recebe muita ênfase na constante incitação publicitária à busca de prazeres, à construção de estilos de vida e na construção de modelos idealizados de identidades e experiências que incluem as relações afetivas e as relações sexuais.

Sobre os diferentes sentidos da palavra *liberdade* e a importância da contextualização para a compreensão sobre ao que o termo se refere, Eva Illouz (2012, p. 59-60) afirma:

A liberdade tem sido a marca registrada fundamental da modernidade, o grito de guerra de movimentos oprimidos, a glória das democracias, o orgulho dos mercados econômicos capitalistas e a reprovação de regimes autoritários. Tem sido e continua a ser a grande conquista das instituições políticas modernas. (...) No entanto, “liberdade” pode ser um conceito muito amplo por como carrega significados diferentes e por como tem diferentes efeitos em diferentes contextos institucionais. A liberdade do mercado capitalista contém significados tais como “interesse próprio” e “competição justa”; a liberdade no campo das relações interpessoais se baseia no individualismo expressivo; na esfera do consumo reside no direito de escolher; e a liberdade postulada pelos direitos civis se baseia em um conceito de dignidade que é ignorado pelas outras esferas (9).

Em termos mercadológicos, o foco recai principalmente na ideia de *liberdade* enquanto um mérito individual. Ser *livre* é ser capaz de ir além de restrições, ser capaz de fruir sem limites. É forte também o apelo à competitividade: ser *livre* é algo a ser ostentado, algo que pode fazer com que a pessoa se destaque, se sobressaia, como mais feliz, mais saudável e mais realizada na contínua concorrência que atravessa o modo como as relações com outras pessoas são representadas. Um exemplo é como a atratividade sexual é situada como fonte de status: a possibilidade de despertar desejo é uma medida do quanto a pessoa poderá ser reconhecida, valorizada e também invejada. Segundo a análise de Illouz (2012, p. 58):

O triunfo da liberdade amorosa e sexual marcou a penetração da economia na máquina do desejo. Uma das principais transformações dos relacionamentos sexuais na modernidade consiste no apertado entrelaçamento do desejo com a economia e com a questão do valor, da importância de cada pessoa. Em sua própria rasura, é a economia que agora vem assombrar o desejo. Dessa forma, eu quero dizer que a competição sexual generalizada transforma a própria estrutura da vontade e do desejo, e que o desejo toma propriedades da troca econômica (...) (10).

Em meio a relações sociais marcadas pela competitividade, uma armadilha, portanto, é a valorização da liberdade sexual como forma de ostentação. Não se sentir livre ou, ao menos, não aparentar sentir-se livre é algo associado ao risco de ser julgado(a) como frágil, como inferior. Segundo a mesma armadilha, para poder ser visto(a) como alguém livre sexualmente, é necessário corresponder a determinados modelos de atratividade, de beleza, de desempenho.

Assim como na ideia de “livre escolha” para o mercado, a ideia de “livre escolha” nos relacionamentos é pautada por ideias como escassez e abundância. Diante da noção de liberdade como liberdade de escolher entre inúmeras possibilidades, torna-se importante a problematização sobre as condições de escolha e também sobre o que é tido como possibilidade.

“(...) o conceito de liberdade tal como ele nos chega hoje é um conceito mutilado (...)”, afirma Vladimir Safatle (2018, s/p). Por que mutilado? Partiremos das reflexões apresentadas por Safatle nas conferências **Falar de si mesmo ali onde não há si mesmo** (2014), **Por um colapso do indivíduo e de seus afetos** (2016), **Afeto, psicanálise e política** (2016) e **Repensar a liberdade depois do inconsciente** (2018) para discutirmos sobre como são diferentes (e opostas) as concepções de liberdade que podemos ter em mente quando afirmamos a importância da busca por liberdade.

Atualmente, o conceito hegemônico de liberdade é diretamente vinculado à noção de autonomia, sendo a autonomia definida como o que é exercido por alguém que é capaz de dar para si mesmo(a) sua própria lei, de agir conforme a própria lei que é determinada para si mesmo(a).

Ser livre e ser autônomo(a), corresponderia, portanto, a ser capaz de escolher, ser capaz de exercer a própria vontade nas próprias escolhas, ser capaz de planejar a partir das próprias intenções e organizar as próprias ações de acordo com as próprias deliberações¹⁶¹.

Ser livre corresponderia, assim, a uma propriedade de alguém que se apropria das próprias vontades e age de forma apropriada conforme as próprias intenções.

A repetição do termo “próprio” e suas derivações nos últimos parágrafos foi proposital, em referência a como a ideia de liberdade no pensamento liberal é diretamente vinculada à ideia de propriedade, de algo que é próprio a ser exercido, de algo que é próprio a ser gerido e protegido.

Se ser livre é ser livre para exercer uma vontade que me é própria, se a liberdade é uma espécie de propriedade a ser gerida e protegida, as práticas de liberdade são, fundamentalmente, práticas de controle. Controlo, em mim, minhas vontades, considerando que há vontades que quero ter, mas que há também vontades que não quero ter. Podermos separar então as vontades entre vontades de primeiro nível (as que experimento) e de segundo nível (as que escolho).

¹⁶¹ No livro **Grande hotel abismo: por uma reconstrução da teoria do reconhecimento**, Safatle (2012) parte das relações entre a filosofia hegeliana, a teoria crítica e a psicanálise para propor que a liberdade não seja confundida como sinônimo de livre-arbítrio, já que a restrição da compreensão sobre a liberdade ao livre-arbítrio negligencia como a vontade subjetiva não é apenas vontade direta, consciente e racional, mas sim, motivação para agir. A motivação para agir abrange como cada ação empreendida implica necessariamente em alterações no que era experimentado anteriormente, mas enquanto há alterações que podem ser previstas, esperadas, nem tudo pode ser planejado, há muito no campo do imprevisível.

Há desejos, impulsos e inclinações que, por não corresponderem às minhas intenções e determinações, devo inibir, devo submeter, devo conter. Há uma hierarquia não só entre o que eu quero e o que eu não quero, mas entre o que eu quero querer e o que eu não quero querer, o que eu quero não querer. Como canta Caetano Veloso na música **O querereres**¹⁶²:

Onde queres revólver, sou coqueiro/ E onde queres dinheiro, sou paixão/
Onde querer descanso, sou desejo/ E onde sou só desejo, queres não/
E onde não queres nada, nada falta/ E onde voas bem alto, eu sou o chão/
E onde pisas o chão, minha alma salta/ E ganha liberdade na amplidão (...)/
Ah! Bruta flor do querer/ Ah! Bruta flor, bruta flor.

Diante da “bruta flor do querer”, quando há querereres inibidos como impróprios e querereres escolhidos como próprios, tal exercício de hierarquização entre o que não queremos querer e o que queremos querer corresponde ao exercício de autocontrole.

Compensa retomarmos: se ser livre é ser livre para exercer uma vontade que me é própria, se a liberdade é uma espécie de propriedade a ser gerida e protegida, as práticas de liberdade são, fundamentalmente, práticas de controle. Práticas de controle exercidas, fundamentalmente, como práticas de autocontrole.

É aqui que está, para Safatle (2018, s/p) o eixo que leva à compreensão de como o conceito de liberdade que temos hoje é um conceito invertido, como o autor descreveu, um conceito “mutilado”. Afinal, chegamos a uma concepção em que o que define ser livre é a capacidade de exercer autocontrole, o que define a liberdade é o controle.

O autor afirma: “Por que eu insisto nisso? Porque talvez nós estejamos muito presos a uma certa concepção de autonomia que, ao invés de ser na verdade a expressão de um sinal de liberdade, é na verdade a expressão mais acabada de uma experiência de servidão”.

A experiência de servidão está relacionada a como, ao enunciarmos nossas vontades como próprias, como se houvesse uma causalidade decorrente de uma vontade pura, de uma vontade autônoma capaz de determinar nossas intenções e ações, silenciarmos o nível de tudo o que nos influencia e nos impulsiona mas que não cabe na definição de uma vontade própria. Silenciarmos tudo o que ao invés de nos determinar e nos definir, nos indefine, nos indetermina, que é justamente o nível dos afetos que circulam em nossas relações.

¹⁶² A letra completa está disponível em: <https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44758/>. Acesso em: 30 de junho de 2018.

Somos seres que se relacionam, somos seres que afetam e são afetados(as) nessas relações, afetam e são afetados(as) nessas relações de formas que escapam do que somos capazes de controlar, ou mesmo do que somos capazes de conhecer e compreender, somos afetados(as) pelo que, nas nossas experiências e relações, nos desapropriam.

No livro **Dispossession: the performative in the political**¹⁶³, Judith Butler (2013) e Athena Athanasiou discorrem sobre a importância política de ambos os sentidos do termo *dispossession*, que aqui será traduzido como desapropriação. Ao mesmo tempo que alguém está desapropriado(a) quando é privado(a) de seus direitos, por exemplo quando terras são retiradas, em relações de escravidão, de precarização das condições de sobrevivência e de situações de violência, desapropriação é também um termo que remete à vulnerabilidade, à dependência constitutiva, a como a formação subjetiva é indissociável das relações em que os processos de formação se dão, por como os encontros e os afetos que circulam nesses encontros necessariamente nos desapropriam. Como define Judith Butler (2013, p. 3):

(...) desapropriação pode ser um termo que marca os limites da autossuficiência e que nos estabelece como seres relacionais e interdependentes. E ainda desapropriação é precisamente o que acontece quando populações perdem suas terras, suas cidadanias, seus meios de sobrevivência e se tornam sujeitas à violência militar e legal. (...) No primeiro sentido, nós somos desapropriados(as) de nós mesmos(as) em virtude de alguma forma de contato com o(a) outro(a), em virtude de sermos movidos(as) e mesmo surpreendidos(as) ou desconcertados(as) por esse encontro com a alteridade. A experiência em si não é simplesmente episódica, mas pode e revela uma base da relacionalidade – nós não nos movemos simplesmente por nós mesmos(as), mas somos movidos(as) pelo que está fora de nós, pelos(as) outros(as), mas também pelo que há de “fora” que reside em nós. Nós somos movidos(as) por outros(as) de formas que nos desconcertam, nos deslocam e nos desapropriam (...) (11).

Por mais que sejam bem diferentes, ambos os sentidos de “desapropriação” têm em comum a noção de que as pessoas são fundamentalmente dependentes uma das outras, tanto em termos de abrigo, de proteção, de alimentação, de segurança, de sobrevivência (relacionados ao primeiro sentido, que remete à privação de direitos), quanto em termos de que só nos tornamos quem somos e vivemos como vivemos por meio de nossas relações (como expressa o segundo sentido, que remete à vulnerabilidade, à relacionalidade).

Para Butler e Athanasiou (2013) é necessário pensarmos a política não a partir da busca por direitos individuais, associados a identidades demarcadas, mas a partir de uma

¹⁶³ Tradução nossa: “Desapropriação: o performativo no político”.

compreensão de política e de direitos que leve em conta as relações de interdependência que são intrínsecas às nossas existências.

Essas formas de experiência colocam em questão se somos mesmo, como indivíduos determinados e circunscritos, auto-propulsores e auto-dirigidos. Na verdade, elas sugerem que nós somos movidos(as) por várias forças que precedem e excedem nossas individualidades determinadas e circunscritas. Assim, não conseguimos entender a nós mesmos(as) sem abrirmos mão da noção de que a individualidade, o si mesmo, é a base e a causa de sua própria experiência (BUTLER; ATHANASIOU, 2013, p. 4).

Com base nas discussões sobre desapropriação apresentadas por Butler e Athanasiou (2013), Safatle (2016) propõe que, assim como a política, a liberdade possa também ser pensada não como um direito individual, a ser exercido individualmente, não como algo que é possível apesar das outras pessoas ou mesmo contra as outras pessoas, mas sim, com as outras pessoas, nas nossas relações.

Safatle (2016) interroga portanto sobre a possibilidade de construirmos uma concepção de liberdade que não tivesse como base noções como propriedade, controle, subordinação e domínio, mas sim, uma concepção de liberdade que abrangesse o que nos desapropria, o que nos despossui, uma liberdade ligada à abertura ao que, em nós e além de nós, não controlamos, não dominamos.

Safatle (2018, s/p) sugere pensarmos sobre a liberdade em um sentido bem diferente, considerando a possibilidade de ser “(...) exatamente essa capacidade que eu tenho de me reconhecer no que é involuntário que é na verdade a figura maior da minha liberdade”.

A centralidade dada à vontade própria, à vontade autônoma, consolida um medo a tudo o que é indeterminado, a tudo o que é involuntário, como se o que não fosse uma determinação nossa nos ameaçasse. Se tudo o que não podemos controlar e determinar é ameaçador, se relacionar se torna algo perigoso. O que sentimos em nossas relações se torna perigoso, como se fosse prejudicial, fragilizador.

No artigo **Somos livres quando somos capazes de nos abrir ao que não controlamos?**, Safatle (2017, p. 2-3) propõe:

Não haveria entre nós uma outra concepção de liberdade, mais difícil de enxergar, para a qual sou livre quando sou capaz de me abrir àquilo que não controlo completamente, àquilo que não se submete à lei que tomei por minha? (...) Essa outra concepção não dirá que liberdade é autonomia. Ela dirá que liberdade é saber que há sempre um outro que me causa uma alteridade profunda que me afeta, que por isso minhas ações nunca são completamente minhas.

Uma compreensão relacional sobre liberdade pode contribuir também para uma compreensão relacional sobre a sexualidade, sobre a liberdade sexual. É o que discutiremos no próximo tópico.

3.7 A sexualidade entre definições e indefinições

As definições sobre sexualidade são múltiplas, e entre elas está, como vimos no início do capítulo, a noção da sexualidade como lugar de verdade, da sexualidade como algo que define quem somos. Trata-se de uma noção que abrange uma determinada relação entre cada pessoa e seu próprio corpo, seus próprios desejos, suas próprias fantasias, seus próprios prazeres na construção da própria identidade.

Tornam-se necessárias as questões: que corpo é esse, que é próprio? Que desejos são esses, que são próprios? As fantasias e prazeres que nos referimos quando os chamamos de próprios, como são experienciados? Como corpos, desejos, fantasias e prazeres, nomeados como propriedades, se articulam na construção de uma identidade, também considerada como própria?

A centralidade dada ao que é próprio, que discutimos no tópico anterior ao falarmos de uma perspectiva liberal sobre a liberdade individual, se reflete também nas concepções sobre sexualidade.

Muitos dos vocabulários que utilizamos hoje para nos referirmos à sexualidade (como escolha, preferência, orientação, identidade), guardam em maior ou menor grau uma proximidade com a associação entre sexualidade e verdade. No livro **The political imaginary of sexual freedom**¹⁶⁴, Leticia Sabsay (2016) articula a teoria foucaultiana com a teoria psicanalítica e a teoria *queer* para questionar como “(...) as normas que supostamente nos ‘libertariam’ acabam operando como restrições da liberdade que se destinam a proteger” (12).

Quando uma determinada identidade é assumida em termos de sexualidade (“*eu sou uma pessoa assim que deseja pessoas assim*”), seja em combinações que correspondem às expectativas normativas, seja em combinações que destoam dos padrões vigentes, há uma determinada noção de identidade sendo reiterada. Uma noção de identidade acompanhada por expectativas de continuidade, de consistência e de previsibilidade, como na própria definição de identidade como algo que persiste *idêntico* a si mesmo.

¹⁶⁴ Tradução nossa: O imaginário político da liberdade sexual.

Os modos como tais identidades são formadas não são apenas uma forma de conhecimento, de reconhecimento de si, mas também de desconhecimento – desconhecimento sobre nós mesmos(as), desconhecimento sobre como desejamos, desconhecimento sobre como nos relacionamos.

Um exemplo dado por Sabsay (2016) sobre os desconhecimentos refere-se ao hiato entre como a sexualidade, o desejo e o corpo são imaginados como propriedades (*meu corpo, meu desejo, minha sexualidade*) e as formas como a sexualidade, o desejo e o corpo são vividos. As experiências são inevitavelmente mais abertas, conflituosas, instáveis e fragmentadas do que uma definição em torno do que é *próprio* permite expressar.

Como seres relacionais e desejantes, não temos controle dos afetos que circulam em nossas relações, não temos controle do que move nossos desejos, do que nos move. Nossos desejos, além disso, não são exatamente nossos, já que ganham vida e nos dão vida justamente por como circulam em nossas relações.

(...) esse caráter liminal de nosso corpo vivido é um lembrete de que nós somos desde o primeiro momento e para sempre atravessados pela alteridade. A realidade psíquica de nosso corpo evoca a realidade de um sujeito que é despossuído por suas experiências imaginárias (psiquicamente mediadas). Nosso corpo é marcado por experiências relacionais; nós vivemos e experienciamos nosso corpo por meio dos traços que são deixados nele pelas outras pessoas. O corpo é habitado por outros corpos: corpos presentes, passados, futuros e imaginários com os quais nós estamos em contato de uma forma ou de outra, corpos que deixam seus traços em nós (...) (SABSAY, 2016, p. 34) (13).

Desde o início de nossas vidas, não podemos escolher o que nos impressionará, nem como essas impressões serão registradas, traduzidas. Começamos a existir e existimos a partir de uma radical impressionabilidade, uma radical receptividade, anteriores a qualquer possibilidade de escolha, de deliberação. Ainda que alguns controles sejam desenvolvidos, nossas sensibilidades nunca são completamente articuladas ao que podemos controlar. Também nunca são completamente nossas: a sensibilidade é sempre em direção ao(à) outro(a), é sempre receptividade ao(à) outro(a).

A sensibilidade não é uma posse, o corpo vivido, o corpo sensível, não é uma posse.

Por nos compreendermos enquanto individualidades distintas entre si capazes do exercício de uma liberdade também individual, há um intenso investimento em concepções normativas sobre quem somos e sobre quem podemos ser, sobre como desejamos e sobre como devemos desejar. Embora tais noções de individualidade sejam

tão cristalizadas, as expectativas de unicidade e coerência são com frequência contrariadas. Por como somos desejantes, há muito que nos surpreende, há muito que nos escapa. Como afirma Sabsay (2016, p. 18):

(...) Eu não quero evocar a ideia ingênua de um circuito totalmente fluido para o desejo, livre de quaisquer restrições, um desejo produzido fora ou além das normas sociais. Ainda, é também verdade que as práticas sexuais (e desejos) estão sempre excedendo a lógica da identidade, como se torna claro quando levamos em consideração que a sexualidade emerge e vive no campo das formações de fantasias (SABSAY, 2016, p. 18) (14).

Uma questão necessária, portanto, consiste em imaginarmos como seria se conseguíssemos deixar a noção de sexualidade como um lugar de verdade fixo e estável e voltássemos nossa atenção para como os sentimentos, desejos e expressões sexuais nos movem em direções inesperadas, nos desestabilizam. Ao invés de persistirmos na ideia da sexualidade como um centro, pensarmos sobre o quanto a sexualidade é o que nos descentra.

“Se eu afirmo ‘ter’ uma sexualidade, então pareceria que a sexualidade está lá para que chame de minha, para que eu a possua como um atributo. Mas e se a sexualidade é o meio pelo qual eu sou desapropriada? (15), questiona Judith Butler (2004, p. 16), no capítulo **Beside oneself: on the limits of sexual autonomy**¹⁶⁵. Assim como Sabsay (2016), ao discorrer sobre os processos de constituição subjetiva, Butler (2004) argumenta sobre a importância do desejo e da fantasia, como matérias-primas de como as pessoas se relacionam entre si e consigo mesmas. Ao indicar como a teoria psicanalítica instiga outras formas de pensar a sexualidade como articulada não às identidades, mas às identificações, desejos e fantasias, Butler (2004, p. 11) afirma:

(...) O fato de que o desejo não é completamente determinado corresponde à compreensão psicanalítica de que a sexualidade nunca é completamente capturada por nenhuma regulação. (...) Isso não é o mesmo que dizer que a sexualidade é, por natureza, livre e selvagem. Ao contrário, ela emerge precisamente como uma possibilidade de improviso em um campo de restrições (...) (16).

Os desejos não se originam individualmente. É necessário reconhecermos como, desde o princípio, somos constituídos(as) pelo que está fora de nós, pelo que nos antecede e nos ultrapassa: “Há sempre uma dimensão de nós mesmos(as) e de nossa relação com outras pessoas que não podemos conhecer, e esse não-conhecer persiste conosco como uma condição de nossas existência, e, assim, de sobrevivência” (BUTLER, 2004, p. 11).

¹⁶⁵ Tradução nossa: “Para além de si mesmo(a) sobre os limites da autonomia sexual”.

Os desafios nas lutas por direitos no campo da sexualidade têm trazido importantes avanços no que diz respeito à ampliação de possibilidades de escolha, ao maior conhecimento sobre os corpos e à valorização da igualdade nas relações. A busca por liberdade, nas reivindicações feministas, é um exemplo de reivindicação que teve significativos impactos, como na problematização da associação entre feminilidade, passividade e submissão, assim como para o fortalecimento da compreensão de que as mulheres são também sujeitos que desejam, são também sujeitos que procuram e experienciam prazer.

No livro **Rethinking the politics of sexual freedom**¹⁶⁶, Lynne Segal (1994) discute como uma compreensão relacional sobre a liberdade pode levar também a uma compreensão relacional sobre a sexualidade e sobre o prazer, sem que a valorização do prazer seja vista como sinônimo de uma valorização do controle individual.

É possível valorizarmos a ampliação de escolhas e de possibilidades sem submetermos os desejos a uma perspectiva de autoconsciência e autodomínio, considerando como os desejos nos inclinam em direção às experiências e às relações de formas que não temos – e nem precisamos ter – controle.

Seja nos nossos sonhos (em devaneios ou durante o sonho) ou ao dividirmos nossas vidas com outra pessoa (ainda que brevemente), é sempre por outra pessoa ou pessoas significativas que somos excitados(as), confortados(as) ou atormentados(as). São essas outras pessoas especiais, reais ou imaginárias, que nos despertam, nos atizam com suas promessas, rejeições ou ameaças de intimidade física, prazer, relacionamentos (...). É sempre outra pessoa que tentamos alcançar quando experienciamos desejo (...) e por quem nós ansiamos nos sentirmos desejadas(os) (SEGAL, 1994, p. 247) (17).

Negar inseguranças, ansiedades e vulnerabilidades em nome de um modelo de liberdade em que o prazer é exaltado como sempre pleno, sempre intenso, sem faltas nem falhas, não alimenta relações e experiências mais livres, mas sim, outra forma de repressão, mais difícil de ser reconhecida enquanto tal.

Uma compreensão relacional sobre a sexualidade contribui, em síntese, para pensarmos sobre sermos seres sexuais reconhecendo-nos como desejantes e admitindo que, por sermos desejantes, definições precisas e estáticas não dão conta das muitas experiências que podemos ansiar, criar e viver.

¹⁶⁶ Tradução nossa: “Repensando as políticas do prazer sexual”.

Diante da expectativa da sexualidade como um lugar de verdade, que define quem somos, nos deparamos assim, com outra forma de pensarmos: a sexualidade como múltipla e variável, como o que indefine quem somos.

3.8 Sexualidade e educação

Considerando as discussões realizadas ao longo deste capítulo e retomando como esta tese se propõe a identificar possibilidades de atuação em educação sexual, torna-se importante perguntarmos: entre verdades e desafios, como é a relação entre sexualidade e educação?

No decorrer das trajetórias de socialização, os aprendizados sobre a sexualidade se dão por meio de processos de construção de concepções, valores e atitudes sobre os muitos afetos, emoções, desejos, fantasias, prazeres, práticas e vínculos que vivemos. Os processos de construção acontecem no decorrer de toda a vida, com a assimilação de expectativas, regras e padrões culturais, transmitidos a partir das relações com diferentes instâncias, como as relações familiares, as relações que se estabelecem nos contextos escolares, as relações que se estabelecem nos contatos com práticas e crenças religiosas, as relações com os meios de comunicação e as demais relações sociais. Nessas diversas relações, os aprendizados sobre a sexualidade ocorrem tanto de formas intencionais, diretas, como de formas implícitas, sutis.

A intensidade e a continuidade das experiências de aprendizado sobre a sexualidade são abordadas por Ana Cláudia Bortolozzi Maia (2005, p. 47), no capítulo

Processos de educação e repressão sexual:

A sexualidade é um tema presente em nossa vida desde o nascimento. Nossa formação, isto é, nossos sentimentos e ações em relação à nossa vida sexual, advém de um aprendizado constante, que inclui valores e concepções sociais e históricas. Cada sociedade e cultura pauta-se em valores, modos de vida e conjunto de regras que culminam numa concepção de “normalidade”. O mesmo vale com relação às questões da sexualidade.

Diante da marcante influência do contexto social e histórico, torna-se relevante considerarmos: como os processos de aprendizado predominantemente se dão nas relações que vivemos hoje?

São muitos os silenciamentos, muitas as censuras, muitos os tabus. Ao nos depararmos com como os assuntos relacionados à sexualidade são evitados, poderíamos ter a impressão de que a ausência de diálogo significaria que não há aprendizados acontecendo. No entanto, trata-se do contrário: esquivas e silêncios também ensinam,

com uma maior propensão para que as concepções e valores formados sejam atravessados por elementos como culpa e vergonha. Quando corpos, prazeres e desejos são escondidos como assuntos proibidos, muito é aprendido, em uma insidiosa construção de constrangimentos e inibições.

Não há apenas silêncio, mas, contraditoriamente, muita exposição. Enquanto é comum que escolas, famílias e outros contextos de socialização se calem, é gritante a visibilidade dada aos corpos e ao sexo em materiais com bastante facilidade de acesso, como imagens, vídeos, programas televisivos, anúncios publicitários, músicas, coreografias, filmes, materiais de jornais, revistas e sites e materiais pornográficos dos mais diversos estilos.

Poderíamos ter a impressão, com tanta proliferação de conteúdos sexuais, de que são muitas as informações disponíveis, de que a sexualidade é muito valorizada e inclusive de que há uma liberdade excessiva. Diante dessa impressão, é necessário considerarmos como poder ver não é o mesmo que poder entender, ter acesso fácil não é o mesmo que poder se expressar, que a exposição a imagens e mensagens ininterruptas está distante de propiciar condições para que as pessoas possam construir, ativamente e criativamente, relações de diálogo, reflexão e elaboração sobre os desejos, valores e concepções.

Enquanto há uma contraditória combinação entre o intenso silenciamento e a abundante exposição, é pouco possível que as diferentes formas de repressão presentes tanto nas censuras quanto nas incitações, tanto nas proibições quanto nas imposições de modelos restritivos, sejam pensadas com cuidado, sensibilidade e atenção para que as formas de repressão possam ser transformadas, ou mesmo reconhecidas.

Para que o reconhecimento e as transformações possam acontecer, é fundamental a construção de espaço por meio de processos educativos intencionais, processos que podemos chamar de educação sexual. Como defende Ana Cláudia Bortolozzi Maia (2005, p. 60):

Para discutir uma liberdade, devemos considerar que, quando se fala em seres humanos não há nada que seja imediatamente natural. O fato de sermos também seres sociais implica em podermos modificar as condições que damos sobre a sexualidade (...).

Como educadores sexuais devemos lutar por uma educação sexual que incentive, em nossos educandos, (...) que nossas ações e atitudes, em relação à sexualidade, sejam de fato escolhas e não mera reprodução de regras aprendidas ou incorporadas. Certamente isso não é uma tarefa fácil. Romper com os padrões vigente é remar “contra a maré” (...).

Diante dos muitos sofrimentos e repressões que derivam dos padrões vigentes, Maia (2005) defende também como é necessário que os(as) profissionais que atuam com educação sexual tenham espaços para o diálogo e a reflexão sobre como esses padrões foram construídos e sobre a força que exerceram em suas experiências, em suas trajetórias de socialização. Refletirmos e dialogarmos com sensibilidade e compreensão sobre as repressões vividas favorece que padrões repressivos não sejam reproduzidos acriticamente, abrindo possibilidades para movimentos de transformação. Entre os muitos desafios, está o do reconhecimento do quão repressivos são os modelos que nos foram transmitidos como valorizados, como desejáveis. Nas palavras da autora:

Para compreender a educação sexual que recebemos, é fundamental considerar as formas sociais de repressão sexual. (...) se formos mais conscientes sobre como a repressão atua, teremos condições de não repetir, na educação que oferecemos, os conflitos que fizeram parte de nossa educação sexual (...).

Várias são as regras que nos oprimem diariamente. Embora não estejam consolidadas na forma de leis, há pressões sociais reais, que se traduzem em obrigações para os indivíduos: ter que ser heterossexual, casar-se com tal idade (especialmente as mulheres), ter filhos após o casamento (para a construção de uma família feliz), ser bela (incluindo aí um corpo escultural), ter que sentir orgasmos, ter ereção e um bom desempenho sexual etc. (...).

(...) ser feliz tem diferentes sentidos para diferentes pessoas e, quase sempre, o esquecimento dessa verdade é uma das faces da educação sexual na atualidade (MAIA, 2005, p. 50-52).

Ser feliz tem diferentes sentidos para diferentes pessoas e a atenção para as singularidades é um movimento necessário para que os padrões normativos e repressivos possam ser questionados e transformados assim como os preconceitos e violências que deles decorrem. As expressões e relações entre as pessoas são múltiplas e, além de reconhecida e respeitada, a multiplicidade pode ser valorizada, celebrada.

O desenvolvimento de grupos de educação sexual consiste, assim, na construção de espaços de diálogo, reflexão, transmissão de informações e esclarecimentos, que podem contribuir para uma compreensão mais abrangente, sensível e crítica sobre a sexualidade, em que as múltiplas expressões e relações são reconhecidas, respeitadas, valorizadas e celebradas. Como defende Rogério Junqueira (2009, p. 405; 426):

A diversidade, se tensiona, instiga e inquieta; se percebida no âmbito de um processo dialógico, pode se revelar pedagógica. Neste caso, ela ensina à medida que nos propicia novas possibilidades de encontros, formas de (re)conhecimento e sensibilidades, oferecendo-nos oportunidades para desmitificar o que imaginamos acerca de nós mesmos, dos “outros” e do mundo (...).

Se as identidades sexuais e de gênero, os corpos, a sexualidade, os sujeitos, as representações, os padrões culturais, as normas, os valores, as relações humanas, as configurações políticas e as pedagógicas não constituem realidades imutáveis, mas construções dinâmicas, em contínua transformação, há espaço (ou brechas)

para a crítica, a reflexividade e a reconsideração permanente do trabalho dos indivíduos e da sociedade sobre si mesmos. Reside aí uma das responsabilidades de quem povoa e anima o universo da educação, produz informações, conhecimentos e influencia mentes e corações.

A promoção de uma compreensão mais abrangente sobre a sexualidade está entre os desafios de profissionais da educação. É a partir deste desafio que abordaremos, nos próximos capítulos, as possibilidades de articulação entre os temas sexualidade, bebidas alcoólicas e prazer em grupos de educação sexual.

3.9 Entre verdades e desafios: considerações sobre o capítulo

Foi com o exemplo de um jogo que iniciamos este capítulo destinado à discussão sobre o conceito de sexualidade, sobre os desafios que as questões sobre a sexualidade suscitam e, entre os desafios, sobre o que buscam as abordagens em educação sexual. Temos escolhido um jogo em que a sexualidade é tema de curiosidades, provocações, desinibições e experiências de compartilhar histórias, fantasias e desejos é também uma forma de indicarmos como o lúdico é algo que move, que move a conhecer, que move a investigar, que move a transformar.

Algo que me moveu para escrever esta tese foi atuar profissionalmente com educação sexual, em experiências que muito me fazem pensar sobre como falarmos sobre sexualidade é sermos como peixes que conversam sobre as águas em que nadamos. Este capítulo, portanto, foi especialmente imersivo, escrevê-lo foi uma forma de mergulhar em questões que há algum tempo me acompanham e me instigam.

Reconheço como é preciso muito fôlego para, parafraseando Ana Cláudia Bortolozzi Maia (2005, p. 60) em uma das citações que apresentamos, “nadar contra a maré”. Por isso é tão fundamental compreendermos a sexualidade como política, afirmarmos quantas vezes for necessária a defesa feminista de que o pessoal é político, conhecermos sobre as lutas que tornaram possível estar hoje, aqui, construindo uma tese em que a relação entre sexualidade e prazer é defendida como um tema educativo imprescindível para a garantia e a promoção de direitos.

Gosto muito de como chamamos, nos grupos que desenvolvemos, cada momento em que nos reunimos de “encontro”, já que é mesmo o encontro entre as pessoas que torna a proposta de dialogar e refletir tão inspiradora, e é o encontro entre a sexualidade, o diálogo e o lúdico que torna a educação sexual um campo tão estimulante, tão encantador.

É um desafio compreendermos a sexualidade como histórica, em meio a tão contínuas estratégias de naturalização, de essencialização.

É um desafio reconhecermos como são urgentes as transformações e elaborarmos que transformações buscaremos.

É um desafio conhecermos os percursos históricos dos movimentos feministas, dos movimentos LGBT, dos movimentos *queer* e de outros movimentos que nos levam a perceber como não há avanço nos campos das relações sem mobilização, sem luta.

É um desafio reagirmos à insistência com que associações entre sexo e imoralidade, sexo e vergonha, sexo e ameaça, prazer e destruição têm sido afirmadas, construindo coletivamente estratégias de enfrentamento ao que Gayle Rubin (2003, p. 11) define como “a barbárie da perseguição sexual”.

É um desafio resistirmos aos esforços pelo esvaziamento do caráter político e transformador da educação, do caráter político e transformador da sexualidade e do caráter político e transformador que nossas ações em educação sexual podem ter.

É um desafio ampliarmos nossas noções de educação, nossas noções de saúde e nossas ideias sobre como articulamos sexualidade, educação e saúde em nossas propostas.

Entre as noções que requerem ampliação, está a noção de liberdade. É um desafio contestarmos a armadilha de como a liberdade sexual é atrelada a determinados modelos de performance, de desempenho, de atratividade, de competência.

É um desafio problematizarmos como a possibilidade de experimentar prazeres, que são múltiplos, tem se convertido em algo tão distante das multiplicidades prazerosas, que é a exigência de experimentar prazeres segundo modelos restritivos e inalcançáveis de como devem ser esses prazeres e de como as pessoas devem ser para merecê-los.

É um desafio reconhecermos o quanto há de repressão no que tem sido chamado de liberdade.

Para ampliarmos a noção de liberdade, é um desafio nos reconhecermos como vulneráveis, desfazendo a associação que tem sido alimentada entre indiferença e superioridade, entre vulnerabilidade aos afetos e inferiorização.

É um desafio que não nos deixemos convencer por concepções em que sentir e demonstrar que sente são vistos como fonte de vergonha, como se a sensibilidade fosse algo a ser dissimulado, escondido.

É um desafio nos reconhecermos enquanto seres que se relacionam, que se encontram, que se formam nessas relações, que se transformam nessas relações, que se

transtornam nessas relações porque o fato de outras pessoas mexerem conosco de formas imprevistas e que não podem ser contidas significa que estamos vivos(as).

É um desafio que a liberdade possa ganhar novos significados, que afirmem ao invés de negligenciar o que nos faz nos sentir, o que nos dá vida, o que nos faz nos sentir vivos(as).

É um desafio que a sexualidade possa ser muito mais que um conjunto de classificações e definições. É desafiante desafiar uma noção tão arraigada quanto a de *normalidade*.

É desafiante desafiar concepções normativas que tanto se repetem, como se houvesse um modelo a ser seguido, como se fossem possíveis classificações e mensurações capazes de descrever o que a sexualidade é e delimitar o que a sexualidade pode ser.

É desafiante desafiarmos como tais classificações e mensurações culminam em restritivas exigências de performance e de adequação em relação aos corpos e seus prazeres.

E, para esses desafiantes desafios, contamos com uma força que é central em como compreendemos a sexualidade: o desejo. Como afirma Néstor Perlongher (1987, p.81-92) ao problematizar as resistências à associação entre sexo, prazer e desejo:

O desejo escapa às prescrições segundo um impulso que não é racional nem formalizável. (...)

Envolvidos numa rede de encontros sociais, *os corpos produzem intensidades*. Por sinal, os afetos e repulsões entre os corpos, suas sensações, são eles próprios intensivos, isto é, modulam-se segundo limiares de intensidade, cuja produção transforma e atravessa os próprios corpos, extremando ou subvertendo até a organização fisiológica do organismo. (...)

Há perspectivas que não levam em conta esses labirintos do desejo; baseiam-se, pelo contrário, num esquema mais linear. (...) A afirmação do desejo não deveria ser vivida (como quer a histeria higienista) com culpa e peso de consciência, mas com alegria. Seria paradoxal que o medo da morte nos fizesse perder o gosto da vida. (...)

Compreendendo a sexualidade como o que não tem medida nem nunca terá, o que não tem receita nem nunca terá, o que não tem limite nem nunca terá, concluímos, assim, com o convite feito por Deborah Britzman (2010, p. 64) no capítulo **Sexualidade, curiosidade e currículo**:

Na verdade, tudo que temos que fazer é imaginar. Com esta idéia, podemos começar a ver que a sexualidade permite desenvolver nossa capacidade para a curiosidade (...).

O modelo de educação sexual que tenham em mente está mais próximo da leitura de livros de ficção e poesia, de ver filmes e do envolvimento em discussões

surpreendentes e interessantes, pois quando nos envolvemos em atividades que desafiam nossa imaginação, (...) nós sempre temos algo mais a fazer, algo mais a pensar.

Com a intenção de imaginarmos como poderiam ser as abordagens educativas sobre a associação entre sexualidade, gênero, bebidas alcoólicas e prazer que construímos o capítulo seguinte, que apresentará pesquisas sobre como as experiências sexuais se articulam com as experiências de consumo de álcool.

Capítulo 4

Entre enigmas e roteiros

O que faz com que as pessoas se sintam atraídas entre si? Como uma pessoa que se sente atraída por outra pessoa demonstra essa atração? Como uma pessoa que sente atração pode imaginar se a atração é ou não correspondida? Como as pessoas se expressam sobre seus interesses e intenções? O que demonstram de forma direta? O que demonstram de forma indireta? Como lidam com o que sentem e desejam? O que falam? O que calam?

Muitas perguntas poderiam ser acrescentadas à lista acima, que está extensa, mas distante de contemplar as questões que emergem quando os temas são os relacionamentos afetivos e sexuais. Não há respostas precisas para as tantas questões possíveis, ou mesmo respostas satisfatórias...

É possível imaginarmos como seria se, antes de sentir interesse por alguém pela primeira vez, cada pessoa pudesse participar de uma cerimônia de iniciação, como um ritual de transição que propiciasse confiança e preparo. Nessa cerimônia, alguns recursos seriam entregues: um dicionário com os significados de palavras como amor, paixão, tesão, desejo, prazer; um manual de instruções sobre como beijar, como acariciar, como transar; um mapa sobre as diferentes regiões do corpo com marcações em lugares que podem despertar maior excitação; um detector de atrações e intenções capaz de identificar se há compatibilidade entre pessoas que se aproximam; um controle remoto que agiria sobre as relações como se elas fossem diferentes canais que podem ser trocados de acordo com a vontade de cada momento, um controle que também teria funções como ligar, desligar e adicionar legendas nas cenas em que fosse necessário compreender com maior clareza o que está se passando.

Tal cerimônia de iniciação não acontece, nem seria possível. A dimensão enigmática das relações pode ser fonte de aflições e de tentativas diversas para lidar com essas aflições, mas sem que as interrogações, as surpresas e as imprevisibilidades possam ser apagadas. Entre encontros e desencontros, não há equipamentos disponíveis nem para garantirem maior segurança, nem para amenizarem as ansiedades e frustrações.

Os enigmas – com o que há de mais angustiante e com o que há de mais estimulante na busca por decifrá-los – persistem para além do frio na barriga inicial. Como afirma Pascal Bruckner (2011, p. 47) no capítulo **A embriaguez do diverso**:

Começamos nossa carreira amorosa sem chaves nem regras do jogo, com migalhas de informação, catadas aqui ou ali. Não dominamos os códigos desse universo fabuloso, e, se por acaso um dia os dominamos, eles mudam na mesma hora. (...) No aprendizado mais cotidiano do mundo, dou-me conta de que nem sempre sou desejado por quem eu desejo, amado por quem em amo (...) Agradar é tão inexplicável quanto desagradar: por que certos seres se apegam em nós enquanto outros mal se dignam a nos considerar?

Não há chaves, não há regras do jogo, não há fórmulas... A ausência de indicações claras pode tornar as primeiras experiências (e não só as primeiras), atravessadas por inseguranças e tensões.

O fato de não haver coordenadas exatas, no entanto, não corresponde a uma ausência de referências. Longe de serem reações puramente espontâneas, impulsivas e improvisadas, os modos como as pessoas agem (ou não agem) quando desejam e quando sentem algo novo estão relacionados aos aprendizados nas trajetórias de socialização.

Com a proposta de investigarem sobre como os processos de aprendizado acerca da sexualidade acontecem ao longo da vida, John Gagnon e William Simon elaboraram, em 1974, o conceito de “*sexual scripts*”, que pode ser traduzido para “roteiros sexuais”. Nas palavras dos autores:

A experiência efetiva do sexual e o que é feito sexualmente pelos indivíduos resultam das circunstâncias particulares de aprendizado de uma cultura específica. O campo do que é aprendido inclui todos os aspectos do sexual, inclusive a interpretação dos acontecimentos pertinentes à excitação sexual, ao prazer sexual e ao clímax sexual. As pessoas aprendem a ser sexuais em culturas específicas e em grupos sociais específicos dentro de qualquer cultura (GAGNON; SIMON, 1974, p. 217).

O conceito de roteiros sexuais é frutífero para a investigação sobre como as concepções, valores e expectativas acerca da sexualidade são aprendidos e sobre como são construídas as formas como as experiências sexuais são imaginadas (quem desejar, o que desejar, como realizar os desejos, que experiências são valorizadas, que experiências são reprováveis). Como argumenta Michel Bozon, no capítulo **As construções do desejo e do prazer**: “Se não existissem rituais e representações da sexualidade, nem histórias que a encenassem, não haveria atividade sexual humana nem relações sexuais”.

Os roteiros participam em como as experiências são imaginadas e em como são recordadas, em como é esperado que aconteçam e em como são relatadas. Mais do que uma imposição de regras, o que ocorre é a incorporação de uma linguagem, um modo de articular significados, expectativas, sequências e cenários. Entre enigmas e roteiros, nos deparamos, assim, com como pode ser complexo e instigante pensar sobre como as pessoas desejam e se relacionam.

4.1 Os desejos entre enigmas

Se houvesse de fato um dicionário para a consulta de vocabulários referentes às experiências afetivas e sexuais, a definição da palavra desejo estaria entre as mais desafiantes. Afinal, a indefinição é bem frequente tanto na dinâmica dos desejos entre as pessoas (“Quem desejo me deseja? O que deseja quem desejo?”), quanto na dinâmica das relações de cada pessoa desejante com os próprios desejos.

Desejos são instáveis, desejos são múltiplos, como afirma Contardo Calligaris (2013, p. 162):

(...) o “nosso desejo” nunca é UM desejo, definido por UM objeto ou por UM projeto. Não existe, nem escrito lá no fundo de nossa mente, UM querer definido, que poderíamos descobrir e, em seguida, praticar com afinco e satisfação por estarmos fazendo aquela coisa, ou caçando aquele objeto aos quais éramos, por dizer assim, destinados. Nada disso: (...) desejamos sempre segundo as circunstâncias, os encontros, as oportunidades – segundo as tentações, se você preferir. Somos volúveis? Nem tanto. O que acontece é que desejar é uma atividade inventiva.

Entre encontros e desencontros, entre carências e (in)satisfações, entre controles e descontroles, os desejos estão entre o que tantas vezes não podemos escolher, não podemos voluntariamente definir, nem intencionalmente estabelecer se o desejo irá ou não continuar.

Não está ao nosso alcance controlarmos o que desejamos, e ainda menos controlarmos (ou mesmo conhecermos) o que quem desejamos deseja. A escassez de evidências acessíveis sobre o próprio desejo e sobre o desejo de outras pessoas faz com que o reconhecimento de si como desejante implique no reconhecimento de uma dimensão de ambivalências, de imprecisões e indefinições.

Diante da impossibilidade de sabermos (e de controlarmos) o que quem desejamos deseja, as relações entre as pessoas tornam-se indissociáveis do movimento investigativo. Como afirma Maria Rita Kehl (1990) ao abordar sobre a compreensão da sexualidade para a psicanálise no artigo **O desejo de realidade**:

A atividade sexual propriamente dita não é simplesmente uma ocupação *do corpo*. É também linguagem, investigação, criação de significados, troca simbólica (...). Investigação, no próprio corpo e no corpo do outro, sobre a falta, o desejo alheio, os mistérios do prazer, os limites do ego e da consciência – limites entre a fantasia e a realidade. Investigação jamais satisfeita, que pede retorno e repetição (...). A vantagem: a aceitação sexual pelo outro, o investimento erótico do outro sobre o sujeito, a experiência erótica compartilhada proporcionam as experiências mais prazerosas da vida (...). O preço: o sexo é também lugar de nossa maior fragilidade. Lugar onde a recusa do outro, a frustração, a incapacidade de conquista, nos ferem mais profundamente (KEHL, 1990, p. 379, *italico do original*).

Troca, investigação, criação, fragilidade, prazer... Nos reconhecemos como desejantes corresponde a nos depararmos com como as relações nos movem de formas que não cabem em explicações nem definições precisas. São muitas as perguntas sem muitas pistas de respostas.

“O que desejamos, no desejo?”: diante dessa questão Marilena Chauí (1984, p. 159-160) parte da filosofia hegeliana para discutir como:

Desejar é desejar alguma coisa ou alguém. É sentir carência, falta. É buscar preenchimento, satisfação. Desejar não é a necessidade, ainda que possamos senti-lo com igual ou maior força do que a necessidade. Necessidade é relação dual: fome-comida, sede-bebida, cansaço-sono. O desejo não é dual, mas ternário: o desejante, o desejado e a coisa imaginada como realização da relação entre desejante e desejado. (...) a marca funda e indelével do desejo é a de jamais oferecer-nos a garantia de haver sido realizado.

Desejar não é apenas desejar algo, como um objeto que, ao satisfazer o desejo, o faz cessar. Desejar é também desejar o que não é passível de ser alcançado, como quando o desejo de alguém é o desejo de alguém.

Ao pensarmos no desejo de desejo, torna-se ainda mais marcante a dimensão do enigma. Ao comentar sobre a influência de Hegel na formulação do conceito de desejo por Jacques Lacan, Slavov Zizek (2011, p. 56), afirma:

(...) o sujeito só deseja na medida que experimenta o próprio Outro como desejante, como sítio de um desejo insondável, como se um desejo opaco estivesse emanando dele. O outro não só se dirige a mim como um desejo enigmático: ele também me confronta com o fato de que eu mesmo não sei o que realmente desejo, do enigma de meu próprio desejo.

Muito ainda poderia ser dito sobre a perspectiva hegeliana de desejo, que influenciou outras perspectivas sobre o desejo, como a psicanálise lacaniana e o existencialismo de Jean-Paul Sartre. No momento, diante da questão “o que desejamos no desejo?”, colocamos como ponto de possível reflexão a ideia de que o desejo é desejo de desejo, considerando, nas palavras de Luiz Garcia-Rosa (2008, p. 192) ao também esclarecer sobre o desejo em Hegel:

Sendo o desejo um vazio, ausência de ser, ao se voltar para um outro desejo ele se volta para um outro vazio, e apenas desta forma supera sua realidade natural: o desejo de desejo. (...) O que o desejo humano deseja é possuir o desejo do outro, é ser desejado ou amado pelo outro, é ser reconhecido em seu valor humano. (...). Ao desejo humano, não falta um objeto (seja este real ou fantasístico), mas enquanto desejo de desejo ele se move sempre no registro do vazio. O que o desejo humano deseja é permanecer desejando.

O que o desejo humano deseja é permanecer desejando... Ainda que desejar coloque tantos desafios inclusive para a tentativa de explicar o que seria desejar (ao

desejar explicar o desejo), partirmos dos desejos e seus enigmas é importante para compreendermos como as experiências sexuais são vividas e representadas. Como aborda Jeffrey Weeks (2011, p. 86; 89) no livro **Languages of sexuality**¹⁶⁷:

Desejo é um termo que se situa no centro da sexualidade. Ele sugere uma ânsia pela outra pessoa que demanda satisfação, e talvez não possa nunca ser completamente satisfeito. Ele perturba, desestabiliza, devasta, domina, é teimoso, brincalhão, prazeroso, doloroso e sempre fica aquém da realização completa. (...) O desejo se lança contra a razão e a ordem, e sabotagem relações estáveis e a felicidade ao mesmo tempo que parece essencial para torná-las possíveis. (...) (1).

Os desejos variam em intensidade, variam em frequência, variam em relação ao que ou a quem se inclinam, variam em como convergem ou divergem de outras intenções e desejos. Embora sejam tão variáveis, os desejos não são alheios aos padrões sociais acerca de quão valorizadas ou quão reprováveis são consideradas essas variações. Não é possível, assim, separarmos os desejos dos aprendizados sobre os desejos, nem das tentativas de controlá-los ou das buscas por escapar aos controles, das censuras ou incitações, dos silenciamentos ou estimulações.

4.2 Os desejos entre controles e descontroles

“Um instinto natural (...) com uma força e energia absolutamente avassaladoras, exige satisfação”: a definição dada ao sexo por Richard von Kraft-Ebing (1931, p. 1)¹⁶⁸, que foi um dos pioneiros da sexologia no século XIX, foi citada por Jeffrey Weeks (2010, p. 26) no capítulo **O corpo e a sexualidade**, para exemplificar como a noção do sexo como um impulso natural, espontâneo e exigente foi um aspecto marcante na construção de uma compreensão essencialista sobre a sexualidade que ainda hoje nos acompanha. A esse respeito, Weeks (2010, p. 27) levanta também um outro aspecto: a noção do sexo como uma “energia vulcânica, engolfando o corpo, pressionando de forma urgente e incessante nossos eus conscientes” não se refere a como a sexualidade se expressa em todas as pessoas, de uma forma geral, mas sim:

A linguagem da sexualidade parece ser avassaladoramente masculina. A metáfora usada para descrever a sexualidade como uma força incansável parece ser derivada de suposições sobre a experiência sexual masculina. (...) Os homens são

¹⁶⁷ Tradução nossa: “Linguagens da sexualidade”.

¹⁶⁸ Richard von Kraft-Ebing foi um médico alemão com significativa importância no início da sexologia, marcada pela construção do conceito de sexualidade e pela busca por estabelecer que expressões da sexualidade seriam patológicas (consideradas, na época, aquelas que desviavam da finalidade reprodutiva). A influência de Kraft-Ebing pode ser exemplificada pela publicação do livro **Pyshopatia Sexualis**, em 1896, no qual descreveu inúmeros desejos e práticas classificados por ele como “aberrações sexuais”.

os agentes sexuais ativos; as mulheres, por causa de seus corpos altamente sexualizados, ou apesar disso, eram vistas como meramente reativas (...) (WEEKS, 2010, p. 28).

A divisão entre homens dotados de um desejo sexual intenso que escapa ao controle e mulheres para quem a experiência do desejo é algo vago, difuso ou mesmo ausente não é exclusiva dos discursos da emergente sexologia do século XIX. Vigora, ainda hoje, como sintetizam Maria Luiza Heilborn, Cristiane Cabral e Michel Bozon (2006, p. 227) distintas representações: “mulher/vontade/moral e homem/instinto/descontrole”.

No capítulo **Iniciação à sexualidade: modos de socialização, interações de gênero e trajetórias individuais**, Bozon e Heilborn (2006) discutiram sobre as respostas de 4.364 jovens brasileiros(as) sobre as primeiras experiências sexuais. A dinâmica entre controles e descontroles foi um aspecto marcante de como são expressas as assimetrias entre os gêneros:

A maioria dos homens (55%) considera que o desejo sexual é “pouco controlável”, ao contrário das mulheres, que pensam que o desejo pode ser controlado por “muito tempo”. Mais homens que mulheres (17% vs. 7%) declaram não haver qualquer possibilidade de controles (BOZON; HEILBORN, 2006, p. 220).

No livro **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**, o historiador Thomas Lacqueur (2001) argumenta como os processos de produção de conhecimentos sobre os corpos são marcados pelas relações de poder que atravessam os contextos históricos em que os conhecimentos são produzidos, especialmente as relações de poder entre os gêneros. Longe de serem puras descrições, os modos como os corpos são compreendidos expressam quais são as posições ocupadas por homens e mulheres, como essas posições são justificadas e legitimadas, assim como transformações e resistências às transformações que acontecem em relação a essas posições.

Sobre como os conhecimentos científicos produzidos sobre o sexo e sobre os corpos são influenciados pelas relações de poder entre os gêneros, Laqueur (2011) menciona como exemplo as variações nas explicações sobre o orgasmo das mulheres: no século XVIII, quando o prazer sexual feminino era considerado como imprescindível para a concepção, a ausência de orgasmo nas mulheres era vista como desviante. No século XIX, com o reconhecimento de que a reprodução independe do orgasmo feminino, a imagem de que a mulher virtuosa seria aquela desprovida de desejo e interesse pelo sexo passou a ganhar força. Nas palavras do autor:

O lugar-comum da psicologia contemporânea – de que o homem deseja o sexo e a mulher deseja relacionamentos – é a exata inversão das noções do pré-iluminismo que, desde a Antiguidade, ligava a amizade aos homens e a sensualidade às mulheres. As mulheres cujos desejos não conheciam fronteiras no antigo esquema e cuja razão oferecia pouca resistência à paixão, tornaram-se, em alguns relatos, criaturas com uma vida reprodutiva anestesiada de prazeres carnavais (LAQUEUR, 2001, p. 15).

Ainda no século XIX circulavam ideias de que as mulheres seriam *naturalmente* dotadas de uma avassaladora luxúria, ideia usada como justificativa para a suposta necessidade de vigiá-las, controlá-las e afastá-las de qualquer situação que representasse uma tentação diante da qual não seriam capazes de conterem-se. Por não possuírem as mesmas capacidades racionais que os homens, eram necessárias inúmeras medidas de controle externo. A exigência de contenção chegava ao ponto de, na época vitoriana, cintos de castidade e cirurgias de extirpação do clitóris serem procedimentos defendidos quando se buscava evitar que as mulheres fossem adúlteras ou que se masturbassem. Como afirma Naomi Wolf (2012, p. 145), sobre o período vitoriano:

Essa época viu a disseminação da teoria de que o clitóris era uma causa de corrupção moral, que ler romances poderia deixar jovens garotas enlouquecidas com um desejo incontrolável e que as “boas” mulheres não tinham qualquer sentimento sexual, mas que as mulheres “más” poderiam ser arruinadas por seu apetite sexual.

Os perigosos prazeres da masturbação e os perigosos prazeres da leitura, ambos ameaças a necessária inocência das mulheres, eram agrupados entre os prazeres solitários que precisavam ser combatidos e prevenidos, por exemplo, evitando que as garotas fossem alfabetizadas. As resistências de médicos, pedagogos, filósofos e outros homens no século XIX à alfabetização feminina na Europa foram abordadas por Maria Rita Kehl (2009) no livro **Deslocamentos do feminino**, no qual a autora discute como, diante de inúmeras transformações políticas que situavam a autonomia como um valor fundamental, a afirmação da subordinação das mulheres como própria a uma *natureza* que as destinaria, necessariamente, ao casamento e a maternidade, foi um argumento recorrente para justificar e defender as desigualdades de acesso a direitos.

Kehl (2009) problematiza como até hoje vivemos ressonâncias deste modelo de feminilidade, que foi base para as mais variadas formulações científicas, médicas, pedagógicas e psicológicas nos processos de produção de saberes sobre as mulheres, seus corpos, seus prazeres e seus desejos.

4.3 Os desejos entre roteiros

Ao longo de nossas vidas, é provável que tenhamos escutado algumas vezes afirmações como: “É *natural* que as relações aconteçam entre homens e mulheres. É *natural* que homens experimentem desejos fortes e impulsivos, difíceis de serem contidos. É *natural* que o principal desejo para as mulheres seja o desejo de ser desejada, o desejo de ser amada, o sonho de ser especial para quem lhe faz sonhar. É *natural* que os homens sejam frios e dominadores, é *natural* que as mulheres sejam românticas e busquem sempre agradar. É *natural* que os homens sejam insistentes na busca pela satisfação de seus desejos sexuais, é *natural* que as mulheres hesitem, resistam e tentem contê-los por imaginarem que assim serão mais valorizadas”.

A palavra *natural* foi destacada no parágrafo anterior justamente por não se tratar de algo *natural*, de fato, mas de concepções que, de tão continuamente transmitidas, passam a ser assimiladas como verdadeiras. Como recomenda Guacira Louro (1997):

(...) nosso olhar deve se voltar para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos. São pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvo de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de *desconfiança*. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente esta: desconfiar do que é tomado como “natural” (LOURO, 1997, p. 63, grifo da autora).

A compreensão sobre a heterossexualidade como única forma *natural* de desejos e relacionamentos corresponde à heteronormatividade, como se houvesse um modelo único esperado, saudável e legítimo. Louro (2009, p. 209) define:

(...) Para garantir o privilégio da heterossexualidade – seu status de normalidade e, o que ainda é mais forte, seu caráter de naturalidade, são engendradas múltiplas estratégias nas mais distintas instâncias (...). Supõe-se, segundo essa lógica, que todas as pessoas sejam (ou devam ser) heterossexuais. O processo de reiteração da heterossexualidade adquire consistência (e também invisibilidade) exatamente porque é empreendido de forma continuada e constante (muitas vezes sutil) pelas mais diversas instâncias sociais.

A reiteração da heterossexualidade como *natural* é diretamente associada aos padrões de gênero, à ideia de que a divisão entre feminilidade e masculinidade culmina em formas diferenciadas de experienciar e compreender os desejos sexuais, os sentimentos, as expectativas e as relações. Como afirma Michael Kimmel (2005), no capítulo **Gendering desire**¹⁶⁹: “O maior princípio organizador do desejo sexual, o eixo em torno do qual ele gira, é o gênero. É através de nossa experiência da nossa

¹⁶⁹ Tradução nossa: “Generificando o desejo”.

masculinidade ou da nossa feminilidade que nós chegamos a conhecer a nós mesmos(as) como seres sexuais”¹⁷⁰.

A partir do conceito de gênero é possível analisarmos como passividade ou dominação, submissão ou imposição de desejos não se tratam de características intrínsecas, derivadas de uma natureza, de uma essência, mas que são decorrentes de significados e expectativas que circulam culturalmente. Como discute Berenice Bento (2006, p. 94):

As idealizações são as bases para a reprodução das normas de gênero. Quando se pergunta: “O que é ser mulher/homem?” ou “O que o/a leva a sentir-se mulher/homem?”, são articulados enunciados que funcionam como idealizações. Ao se vincular o gênero a um conjunto de atributos relacionados ao homem e à mulher, está se falando das suposições baseadas numa natureza que falaria por intermédio dos atos. Os sujeitos, buscando realizar essas idealizações, passam a agir por pressuposições.

Pensar os padrões de gênero enquanto idealizações envolve, assim, enfatizar o caráter ficcional dos modelos de masculinidade e feminilidade. Desta forma, identificar e descrever os padrões vigentes não significa, necessariamente, identificar aspectos que estão objetivamente presentes na experiência de ser homem ou de ser mulher, mas sim, reconhecer elementos presentes nessa experiência enquanto expectativas, modelos, exigências. Problematizar sobre o quanto tais padrões são inalcançáveis se torna importante justamente pela grande influência e pelo grande impacto que exercem no modo como homens e mulheres veem e compreendem a si mesmos(as).

Enquanto o descontrole em relação aos desejos sexuais é naturalizado como tipicamente masculino, o controle em relação às iniciativas de aproximação e demonstração de interesses é também uma expectativa marcante. São frequentes nos relatos das mulheres aprendizados sobre a necessidade de conterem os próprios desejos, de disfarçarem, sem demonstrar interesses e intenções, como se agir de forma sincera e direta em relação ao que têm vontade fosse algo que a desqualificasse.

No capítulo **Atividade na passividade: apagando a consciência**, Naomi Wolf (1996, p. 56-57) discorre sobre as mensagens recebidas por garotas e mulheres de que são os desejos e a iniciativa de garotos e homens que devem ter centralidade:

Ser sexy significava esperar e não fazer; ser observada sem observar. (...) Ele me salvaria e ficaria encantado. Não por nada que eu fizesse. Não por nada que eu dissesse. Eu sabia como era importante, nesse roteiro, não dizer nada. Nós

¹⁷⁰ Tradução nossa para o original: “The major organizing principle of sexual desire, the axis around which it revolves, is gender. It is through our experience of our masculinity or our femininity that we come to know ourselves as sexual beings” (KIMMEL, 2005, p. 70-71).

hávamos aprendido que, para ter sucesso no sentido sexual, não deveríamos procurar nem tomar iniciativa, mas sim, esperar e ceder. (...) Com esse desconhecimento intencional ao qual se pede que as meninas se entreguem nos momentos de experiência sexual, a mensagem era que precisávamos ser desejadas para ter permissão para desejar.

Ser desejada para então poder desejar, não se expressar de forma ativa porque demonstrar interesse pode gerar desinteresse, não ter desejos, ou ao menos agir como se não tivesse desejos: tratam-se de aprendizados impactantes em como as garotas constroem a imagem sobre quem são, sobre quem podem ser, sobre o que podem sentir, sobre os relacionamentos que podem ter.

No capítulo **What's a young woman (not) to think?**¹⁷¹, Lynn Phillips (2000)¹⁷² discute como muitos relatos de mulheres sobre as próprias experiências sexuais começam com “*não tive a intenção...*”, “*não percebi o que estava acontecendo até que...*”, “*uma coisa levou a outra...*”, “*antes que eu me desse conta*”... No entanto, a definição das experiências sexuais como algo inesperado, que não havia sido planejado intencionalmente, não correspondia à ausência de desejos ou expectativas por parte das garotas e mulheres de que o envolvimento acontecesse, mas sim, que acreditavam que agir como se não soubessem, que agir como se não quisessem, seria uma parte necessária do roteiro: “Deixar simplesmente acontecer tornou-se uma estratégia para fazer acontecer sem encaram as consequências psicológicas e sociais de parecer ‘muito disponível’” (PHILLIPS, 2000, p. 116)¹⁷³. As bebidas alcoólicas foram representadas como um recurso nessa busca para que algo aconteça com a aparência de que “simplesmente aconteceu”, como discutiremos mais adiante.

Enquanto a passividade sexual é representada como um indicativo de feminilidade, a iniciativa sexual é transmitida como uma evidência de masculinidade. Há também o contraste entre o desejo sexual como algo a ser silenciado, disfarçado; e o desejo sexual como algo a ser afirmado e exposto. Experiências sexuais como motivo de julgamentos e reprovações; experiências sexuais como motivo de orgulho e status. Prazeres sexuais como inesperados, imprevistos; prazeres sexuais como centrais.

¹⁷¹ Tradução nossa: “O que há para uma jovem mulher (não) pensar?”.

¹⁷² Phillips (2000) realizou a análise de narrativas de jovens garotas heterossexuais dos Estados Unidos, discutindo como se referem às próprias experiências com destaque para as intenções, os desejos e os prazeres dos parceiros. Mesmo quando estavam interessadas desde o princípio, caberia a elas agirem como se estivessem apenas correspondendo ou não aos interesses masculinos.

¹⁷³ Tradução nossa para o original: ““Letting it just happen became a strategy for making it happen without facing the psychological and social consequences of appearing ‘too willing’” (Phillips, 2000, p. 116).

Ao abordar sobre os aprendizados sobre a sexualidade por meninos e homens no livro **O machismo invisível**, Marina Castañeda (2006) discute como é transmitido o modelo ideal de um desejo sexual ininterrupto, uma potência sexual permanente, uma performance sexual sem falhas e uma capacidade erétil incansável, como se as experiências sexuais não tivessem influência alguma de fatores emocionais ou outros fatores contextuais. Como afirma a autora:

Uma premissa central da visão machista é que o desejo sexual é o que faz o homem. Os verdadeiros homens são sempre “ardentes”, prontos para o ato sexual a qualquer momento: aquele que recusa uma oportunidade tem uma masculinidade ambígua; aquele que não a aproveita, tem uma virilidade duvidosa. Muitos homens, para demonstrar sua masculinidade, acham importante exibir desejo continuamente e aludir constantemente à sua vida sexual (CASTAÑEDA, 2006, p. 208-209).

A representação da masculinidade como sinônimo de um desejo sexual incontrolável e da feminilidade como sinônimo de fragilidade e passividade é prejudicial por restringir as múltiplas possibilidades de expressão que são imprescindíveis para que as experiências e relações sexuais possam ser prazerosas.

Problematizar e transformar tais concepções restritivas e prejudiciais sobre os desejos é assim, algo muito necessário. Como afirma Deborah Tolman (2005, p. 20):

O retrato distorcido do desejo que temos formado para nós mesmos e que tem se fortalecido tão efetivamente é um desserviço para garotas e mulheres, assim como para garotos e homens. Esse conjunto de crenças deixa de fora muitas possibilidades e experiências que poderiam tornar o desejo mais desejável. O desejo sexual, em si e por si mesmo, não é perigoso, essencialmente masculino nem monstruoso. Desejo é uma parte de nosso mundo relacional, um sinal e manifestação de nossa conexão com nossos corpos e com outras pessoas (TOLMAN, 2005, p. 20) (2).

É muitas vezes nessa dinâmica em que as expectativas de iniciativa sexual relacionadas aos padrões de masculinidade e as expectativas de silenciamento acerca dos próprios desejos relacionadas aos padrões de masculinidade constroem uma espécie de roteiro que, muitas vezes, as bebidas alcoólicas são representadas como um recurso facilitador, como discutiremos nos tópicos seguintes.

4.4 As bebidas alcoólicas como parte do roteiro

Uma mulher e um homem se encontraram em uma festa e se deram bem. No final da noite, ela o levou para sua casa e eles tiveram uma noite de sexo intenso, que ambos gostaram. No final de semana seguinte, o homem convidou a mulher para sair e eles foram jantar juntos. O encontro terminou apenas com um beijo, nada a mais (REID; ELLIOT; WEBBER, 2005, p. 550) (3).

A cena transcrita acima foi apresentada por Julia Reidd, Sikikka Elliot e Gretchen Webber (2005) em uma pesquisa realizada com 273 estudantes de uma universidade dos Estados Unidos¹⁷⁴. Foi solicitado que os(as) participantes escrevessem uma redação sobre o que teria acontecido em ambos os encontros.

O desejo sexual foi a motivação mencionada com maior frequência quando os(as) participantes escreveram sobre os(as) personagens terem transado na primeira noite que se encontraram. O segundo motivo mais mencionado foi o consumo de álcool que, apesar de não ter sido incluído na cena apresentada, foi muitas vezes pressuposto, representado como um esperado facilitador. Por pressupostos similares, nas narrativas sobre a noite do jantar, uma explicação recorrente para que os(as) personagens não tenham transado novamente ao se reencontrarem foi a ideia de que não teriam consumido álcool.

A combinação entre bebidas alcoólicas e desejos sexuais está relacionada às expectativas de desinibição, de maior desprendimento das regras sociais que vigoram nas interações cotidianas, com uma maior propensão de que as pessoas demonstrem desejos, se aproximem de quem se sentem atraídas e se envolvam sexualmente¹⁷⁵.

Nas redações analisadas, o encontro foi predominantemente descrito como prazeroso tanto para o personagem homem quanto para a personagem mulher, com a representação do interesse mútuo em envolverem-se. No entanto, os modos como os desejos experimentados foram definidos, assim como a relação entre esses desejos e as decisões tomadas não foram representados da mesma forma:

¹⁷⁴ A análise das redações foi apresentada no artigo **Casual hookups to formal dates: refining the boundaries of the sexual double standard**.

¹⁷⁵ No artigo **Understanding acute alcohol effects on sexual behavior**, William George e Susan Stoner (2000) realizaram a revisão de estudos sobre a relação entre bebidas alcoólicas e sexualidade, com a discussão sobre como em pesquisas que incluem o uso de situações projetivas, há a tendência de que os(as) personagens que consomem álcool sejam descritos(as) a partir de uma maior disposição para envolverem-se sexualmente, especialmente as personagens mulheres. Por exemplo, se há uma cena em que uma mulher está em uma festa com um copo de refrigerante na mão e uma cena em que o copo em questão é de uma bebida alcoólica, a personagem que consome álcool tende a ser interpretada como mais interessada em sexo, mais aberta a aproximações.

(...) os(as) estudantes consideraram o desejo da mulher mais transitório, espontâneo, impulsivo ou emergente na situação em comparação ao desejo do homem, que os(as) estudantes viram como uma característica mais estável. Os(as) estudantes descreveram consistentemente o desejo da mulher em termos como “estar no clima”, “estar excitada”, experienciando uma “tensão” sexual e agindo “no calor do momento”. (...) Em contraste, os(as) estudantes descreveram com mais frequência o comportamento sexual do homem como natural, permanente, coerente com seu caráter básico (REID; ELLIOT; WEBBER, 2005, p. 555) (4).

Enquanto a personagem mulher foi descrita como interessada naquele parceiro, especificamente, ao personagem homem foi atribuído o desejo mais geral de fazer sexo, uma intenção anterior à festa, sem que precisasse sentir-se interessado especificamente por alguém.

A frequência dos motivos atribuídos também teve a influência dos padrões de gênero. Enquanto o desejo sexual foi o motivo mais indicado para o personagem homem, o consumo de álcool como fator que levou ao envolvimento sexual foi mais mencionado em relação à personagem mulher:

(...) embora os(as) estudantes tenham descrito a decisão da mulher em engajar-se no sexo casual em termos de desejo, o desejo dela não foi sempre representado como fruto das próprias ações e escolhas – seria espontâneo, não completamente refletido e frequentemente movido a álcool – sugerindo que os(as) estudantes não viram a mulher como uma autora completa de seu desejo sexual (...) Isso implica que as mulheres são seres sexuais, mas também sugere que mulheres precisam mais de uma desculpa para agirem de acordo com seus desejos sexuais, como o consumo de álcool e a expectativa de anonimato. Esse novo roteiro instrui as mulheres a serem “desejáveis mas não *muito* desejantes” (um deslocamento do ‘desejáveis mas não desejantes’) (REID; ELLIOT; WEBBER, 2005, p. 557, grifo do original) (5).

O deslocamento do roteiro referente à expectativa de que ao invés de “desejáveis mas não desejantes”, as mulheres ajam como “desejáveis mas não *muito* desejantes” foi também identificado por Lynn Phillips (2000) ao analisar o relato de participantes sobre considerarem que, ao mesmo tempo que é transmitido como mais adequado não expressarem diretamente que estão interessadas, é também valorizado que demonstrem sentirem-se confortáveis, confiantes e seguras nas interações em que há a possibilidade de um envolvimento sexual.

No livro **Flirting with danger: young women’s reflections on sexuality and domination**¹⁷⁶, Phillips (2000) problematiza como a preocupação em evitarem ser vistas como promíscuas e vulgares pode ser experimentada de forma contraditória com a

¹⁷⁶ Tradução nossa: “Flertando com o perigo: reflexões de jovens mulheres sobre sexualidade e dominação”.

tentativa de construir uma imagem de valorização da sexualidade e de abertura a prazeres sexuais.

Como é expressar-se enquanto desejável, mas não muito desejante? Phillips (2000) discute como mesmo quando têm a intenção de fazerem sexo com o parceiro com quem estão interagindo, as mulheres tendem a disfarçar essa intenção em busca de passar a impressão de que são os homens que estão interessados, que são eles que as convencerão e as conduzirão a envolverem-se sexualmente.

O álcool foi representado como um recurso para essas estratégias de disfarce: caso agissem de forma mais desinibida, mais receptiva, não seria por uma intenção direta e voluntária de se envolverem, mas sim, pelos efeitos das bebidas. Algumas, inclusive, relataram a estratégia de fingirem estar embriagadas quando escolhiam agir de forma mais provocante.

Ao invés de demonstrar desejos, aparentar ser convencida por ter sido desejada. Mesmo que haja a intenção de envolver-se, evitar que essa intenção seja notada para que o envolvimento ocorra como se não fosse algo esperado. Phillips (2000, p. 120) problematiza, assim, como algumas mulheres consideram necessária uma imagem de passividade para sentirem-se autorizadas a desejar sexualmente: “(...) algumas mulheres pensam que ação requer passividade, consentimento requer uma aparência de coerção e agência requer que pareça que ela abriu mão do controle”¹⁷⁷.

Os usos de bebidas alcoólicas se inserem numa dinâmica em que, embora ajam de forma menos passiva, as expressões mais ativas e mais desinibidas dos próprios desejos não são vistas como escolhas das garotas e mulheres, mas como efeitos do álcool.

A presença do álcool em situações relacionadas a envolvimento sexual, com a associação entre bebidas alcoólicas e maior desinibição, foi um tema discutido em diferentes pesquisas, como a realizada por Jakob Demant (2007) por meio de grupos focais com adolescentes da Dinamarca, apresentada no artigo **Partying as everyday life: investigations of teenager's leisure life**¹⁷⁸; a desenvolvida por Maria Abrahamson (2004) por meio de grupos focais com jovens entre 20 e 29 anos da Suécia, apresentada no artigo **Alcohol in courtship contexts: focus-groups interviews with young Swedish**

¹⁷⁷ Tradução nossa para o original: “As such, some women find that action requires passivity, consent requires an appearance of coercion, and agency requires seeming to give up control” (Phillips, 2000, p. 120).

¹⁷⁸ Tradução nossa: “Festejar como parte da vida cotidiana: Investigações sobre a vida de lazer de adolescentes”.

women and men¹⁷⁹; a realizada com estudantes de uma universidade da Inglaterra, por Maria Piacentini e Emma Banister (2006, p. 148), apresentada no artigo **Getting hammered? . . . students coping with alcohol**¹⁸⁰; a que foi feita por meio de entrevistas com estudantes de uma universidade dos Estados Unidos por Thomas Vander Ven (2011), apresentada no livro **Getting wasted: why college students drink too much and party so hard**¹⁸¹ e a realizada por Robert Peralta (2008), também com entrevistas com estudantes de uma universidade dos Estados Unidos, apresentada no artigo **Alcohol allows you to not be yourself: Toward a structured understanding of alcohol use and gender difference among gay, lesbian, and heterosexual youth**¹⁸². Alguns exemplos de falas de participantes serão apresentados no quadro a seguir:

Quadro 4 – Bebidas alcoólicas e expectativas de desinibição: exemplos de falas

Exemplo de fala	Caracterização do(a) participante	Fonte
<i>“Eu só penso que é porque você ousa fazer mais coisas quando está bêbada. Você ousa flertar e fazer coisas assim. Simplesmente, não há limites quando você está bêbada. Mas há limites quando você está sóbria. Aí você sabe o que você está fazendo. Bem, o que eu quero dizer não é que você não deva saber o que está fazendo, mas você ousa muito mais” (6)</i>	Garota adolescente da Dinamarca.	Jakob Demant (2007, p. 38).
<i>“(…) não toda a timidez mas a maior parte desaparece, você fica com menos medo das consequências, como de estar muito tímido para conversar com uma garota, você sabe, sob a influência do álcool você pode só andar na direção dela e começar a dar em cima dela” (7).</i>	Garoto jovem universitário dos Estados Unidos, 18 anos.	Thomas Vander Ven (2011, p. 82).
<i>“É mais fácil flertar com alguém depois que você bebeu, isso é definitivamente verdade, mas principalmente essa coisa sobre contato, ir a um clube e flertar em um estado sóbrio, as pessoas vão reagir, um, então elas podem pensar: nossa, ela está desesperada!” (8).</i>	Garota jovem da Suécia.	Maria Abrahamson, (2004, p. 12).

¹⁷⁹ Tradução nossa: “Álcool em contextos de paquera: entrevistas em grupos focais com jovens homens e mulheres da Suécia”.

¹⁸⁰ Tradução nossa: “Ficando chapado(a)? . . . estudantes lidando com o álcool”.

¹⁸¹ Tradução nossa: Ficando chapado(a): por que estudantes de faculdade bebem tanto e festejam tão intensamente.

¹⁸² Tradução nossa: “O álcool te permite não ser você mesmo(a)’: Por uma compreensão estruturada do uso de álcool e diferenças de gênero entre jovens gays, lésbicas e heterossexuais”.

“Quando eu estou sóbrio eu sou uma pessoa mais tímida e estou sempre me preocupando sobre o que as pessoas pensam sobre mim. Quando estou bêbado eu me solto muito mais. Eu não tenho medo de dizer algo estúpido. Eu sinto que posso ser eu mesmo e não me preocupar com o que as outras pessoas pensam sobre mim” (9).	Garoto jovem universitário dos Estados Unidos.	Thomas Vander Ven (2011, p. 31).
“Eu não ousaria falar com ninguém se eu não estivesse bêbada” (10).	Garota adolescente da Dinamarca.	Jakob Demant (2009, p. 34)
“O álcool é fantástico para reduzir o nervosismo... é essencial para conseguir conversar com pessoas que são estranhas” (11).	Garoto jovem universitário da Inglaterra.	Maria Piacentini e Emma Banister (2006, p. 148).
“A cerveja é bonita. Como uma pessoa tímida por natureza, eu esqueço totalmente sobre isso. Eu posso conversar com mulheres bonitas com maior facilidade” (12).	Garoto jovem universitário dos Estados Unidos, 19 anos.	Thomas Vander Ven (2011, p. 31).
“Usar álcool significa perder suas inibições” (13).	Garoto jovem universitário do Estados Unidos.	Robert Peralta (2008, p. 383).

Fonte: Própria autora.

Desinibir-se para conversar com pessoas novas; desinibir-se para ousar; desinibir-se para flertar; desinibir-se para preocupar-se menos com as consequências; desinibir-se para preocupar-se menos com a imagem de si que é transmitida; desinibir-se para aproximar-se e demonstrar interesse por pessoas que despertam atração: beber para perder as inibições é uma motivação relatada de forma recorrente, o que indica como as censuras e controles das relações do dia-a-dia exercem influência em como as pessoas vivem e representam as experiências relacionadas à sexualidade, com associações como ansiedades, inseguranças e timidez¹⁸³.

¹⁸³ No artigo **Social anxiety disorder and alcohol use**, Sarah Book e Carrie Randall (2002) abordam como o consumo de álcool tende a ser representado como um recurso facilitador por pessoas que se sentem tensas e desconfortáveis em contextos de lazer e sociabilidade. Tais desconfortos e tensões podem se expressar de formas variadas, desde um incômodo inicial em situações e lugares novos, chegando a situações mais crônicas, em que a pessoa sofre ao imaginar-se interagindo, por pensar que poderá ser observada, julgada, constrangida ou mesmo humilhada. As expectativas exercem uma importante influência nas práticas de consumo: pessoas que acreditam que o álcool tende a reduzir a ansiedade costumam consumir com mais frequência e em maiores quantidades, enquanto entre pessoas que acreditam que beber pode aumentar as possibilidades de situações embaraçosas, o consumo de bebidas tende a ser evitado.

4.5 Associações entre álcool, sexo e diversão: a importância de não se importar

“*Viver livremente, festejar intensamente e muito sexo*”¹⁸⁴: o relato de um dos participantes da pesquisa realizada por Lisa Wade e Caroline Heldmann (2012) ilustra como a combinação entre álcool e sexualidade se insere na construção de um imaginário de prazer e diversão. A pesquisa foi realizada com estudantes ingressantes em uma universidade americana, com a discussão sobre como as expectativas relacionadas à vida universitária situam as experiências sexuais e as experiências com bebidas alcoólicas como elementos centrais. Tais expectativas são alimentadas por filmes, músicas, videoclipes, redes sociais, anúncios publicitários e outros materiais midiáticos, em que aproveitar intensamente e sem limites é anunciado como uma promessa: “*inúmeras noites nas quais eu ficaria totalmente chapado e faria sexo com garotas extremamente atraentes*”¹⁸⁵ (WADE; HELDMAN, 2012, p. 134), foi o que relatou ter imaginado outro participante, sobre como seria o início das aulas na faculdade¹⁸⁶.

“*Você não sai de casa sem seus sapatos e você não entra em uma festa sem algumas doses de vodka*” (WADE, 2014, p. 22)¹⁸⁷, disse outra participante, indicando como beber é visto como um preparativo, como um dos passos indispensáveis do roteiro para festejar e divertir-se. Representado como um potencializador e intensificador de experiências, o álcool é situado também como potencializador e intensificador das experiências sexuais.

A valorização das experiências sexuais poderia ser interpretada, em um primeiro momento, como evidência de uma maior liberdade. No entanto, por meio da análise das redações as autoras ponderaram como a pressão para que todos(as) vivam experiências sexuais diversas e prazerosas foi descrita como uma espécie de critério segundo o qual as pessoas são julgadas como bem-adaptadas ou como desajustadas, como uma espécie de

¹⁸⁴ Tradução nossa para o original: “Live free, party hard, and sexually overloaded” (WADE; HELDMAN, 2012, p. 134).

¹⁸⁵ Tradução nossa para o original: “countless night in which I would be totally hammered and have sex with extremely attractive girls” (WADE; HELDMAN, 2012, p. 134).

¹⁸⁶ No capítulo **Hooking up and opting out: negotiating sex in the first year of college**, Wade e Heldmann (2012) apresentam como a pesquisa foi desenvolvida por meio da construção de narrativas sobre concepções, valores e atitudes relacionados à sexualidade. Participaram 33 mulheres e 11 homens do 1º ano, que foram convidados(as) a contar sobre como as experiências desde o ingresso influenciaram a forma como vêem e vivenciam as experiências sexuais. Diversão foi a palavra usada com mais frequência nas redações, em referência tanto ao álcool, considerado como um facilitador para que as pessoas se divirtam; quanto em relação ao sexo, com a expectativa de que transar também seja algo divertido.

¹⁸⁷ Tradução nossa para o original: “You don’t walk of the house without your shoes on and you don’t walk into a party without a couple of shots of vodka” (WADE, 2014, p. 22).

medida em referência a quanto conseguem ou não corresponder aos modelos idealizados. Como exemplo é possível mencionarmos o relato de uma das participantes, sobre o receio de ser discriminada como inexperiente caso entrasse na faculdade antes de ter vivido a primeira relação sexual: “*O que eu mais temia sobre ir para a faculdade? Ser uma virgem... Eu pensava que apenas nerds, pessoas religiosas fanáticas e filhinhos da mamãe não teriam sido tocados quando começassem a faculdade*” (WADE; HELDMAN, 2012, p. 134)¹⁸⁸.

Outra ponderação de Wade e Heldman (2012) em relação à associação direta entre bebidas alcoólicas, sexualidade e liberdade refere-se a como ao invés de um campo flexível para experimentações de acordo com desejos e interesses diversos, as experiências sexuais tendem a acontecer de uma forma bastante padronizada, com pouco espaço para que possibilidades que não correspondam às práticas e relações esperadas aconteçam. Entre as expectativas que foram identificadas com maior frequência, as autoras destacam:

- a expectativa de que as relações sejam, necessariamente, entre homens e mulheres;
- a expectativa de que as aproximações e envolvimento aconteçam sob o efeito de bebidas alcoólicas;
- a expectativa de que cabe aos homens demonstrar interesse e tomar a iniciativa;
- a expectativa de que as mulheres não demonstrem desejo diretamente e, mesmo quando correspondem o interesse demonstrado por possíveis parceiros, busquem, inicialmente, hesitar e disfarçar esse interesse;
- a expectativa de que, quando o envolvimento sexual acontece, o prazer do parceiro tenha centralidade enquanto a prioridade da parceira seja agradá-lo;
- a expectativa de distanciamento afetivo, de forma que o álcool, e não o interesse recíproco, é situado como principal motivação para que os envolvimento aconteçam, como uma espécie de substituto para a atração.

O que significa afirmar que o álcool substitui a atração? Diferentes participantes mencionaram como pessoas que não se sentiriam interessadas umas pelas outras se envolveram sexualmente sob o efeito do álcool, não pela desinibição de um interesse anterior ou imediato, mas pela naturalização de um roteiro que pressupõe que, quando as

¹⁸⁸ Tradução nossa para o original: “The thing I feared the most about going off to college? Being a virgin... I thought that only nerds, religious nuts and mamma’s boys were untouched when they started college” (WADE; HELDMAN, 2012, p. 134).

peças bebem, o sexo é esperado como o passo seguinte. O sexo é priorizado, mas a pessoa com quem o sexo acontece é tratada com um certo distanciamento, ou mesmo com indiferença.

Enquanto envolver-se sexualmente é valorizado, envolver-se emocionalmente é transmitido como algo a ser evitado:

Mais do que simplesmente desinibir estudantes ou servir como desculpa para seus comportamentos, o álcool substitui a atração mútua como o suposto combustível para a interação sexual. (...) O álcool é usado para preservar uma aparência de espontaneidade que nega a sustentação de um interesse em alguma determinada pessoa (WADE; HELDMAN, 2011, p. 139) (13).

Há a demanda por controle emocional: nada de sentimentos, nada de insegurança, nada de ansiedades, nada de expectativas, nada de arrependimentos, nada de confusões, nada de tristeza, nada de ilusões, nada de planos. É preciso demonstrar desinteresse, despreocupação e, principalmente, não indicar sinal algum de vulnerabilidade. As pessoas temem ser julgadas como carentes, pelo receio de serem estigmatizadas. Nas palavras de Wade (2017, p. 17):

Pegajoso(a), desesperado(a) e carente são insultos extremamente efetivos, que evocam todas as coisas que os(as) estudantes não querem ser: fracos(as), inseguros(as), incapazes de controlar as próprias emoções e impotentes em separar o sexo dos sentimentos. Para os homens, é a antítese da masculinidade. Para as mulheres, é o fracasso em serem liberadas, modernas, fortes e independentes (14).

Mais do que não se importar, é necessário se importar menos do que a outra pessoa. Aqui os padrões de gênero têm influência, é constantemente pressuposto que as mulheres se importam mais, que estão interessadas em um relacionamento amoroso ainda que afirmem que não, que tentem agir como se não se importassem. Mulheres seriam *naturalmente* seres emocionais, estereótipo que as deixa em uma posição de desvantagem nessa competição por quem se importa menos.

O sexo entre as pessoas sóbrias é visto como algo mais sério, mais intencional: “quando estudantes falam sobre sexo sem maiores significados nos campi universitários, estão quase sempre se referindo ao sexo entre pessoas bêbadas” (WADE, 2017, p. 49)¹⁸⁹.

O álcool é representado como uma evidência de que a experiência sexual não terá maiores implicações entre as pessoas envolvidas. Além de ser visto como um recurso para

¹⁸⁹ Tradução nossa para o original: “When students talk about meaningless sex on college campuses, they are almost always referring to drunk sex” (WADE, 2017, p. 49).

que as pessoas se preocupem menos sobre o que fazem, o álcool está relacionado também à menor preocupação sobre com quem fazem, com quem se envolvem.

Estar bêbado(a), assim, é útil para os(as) estudantes, e não apenas porque o álcool é coragem líquida; também dá forma à atividade sexual, encaixando-a no campo do sem sentido. É assim que estudantes mostram que não se importam em ambos os sentidos: que não estão se importando, se preocupando em serem cuidadosos(as) e que também não estão se importando no sentido de considerarem algo significativo (WADE, 2017, p. 55) (15).

O chamado “*hookup*” (termo usado para as experiências de sexo casual) corresponde, assim, ao sexo entre pessoas bêbadas do qual espera-se que não seja significativo e que aconteça apenas uma vez. É um roteiro em que é esperado que as pessoas pareçam espontâneas, ou seja, um roteiro seguido com a expectativa de que não seja possível perceber que um roteiro está sendo seguido. Tal aparência de algo livre, desinibido e espontâneo ganha centralidade para que o sexo possa ser representado como *divertido*.

A cultura do sexo casual foi tema do livro de Lisa Wade (2017) no livro **American hookup: the new culture of sex on campus**¹⁹⁰, no qual a autora apresenta a análise de 101 redações sobre experiências sexuais escritas por estudantes de diferentes universidades por Estados Unidos. Os roteiros seguidos nas práticas de sexo casual entre universitários(as) foram também investigados por Kristen Lindgren, David Pantalone, Melissa Lewis e William George (2009) no artigo **College students’ perceptions about alcohol and consensual sexual behavior: alcohol leads to sex**, em que foi apresentada a análise de entrevistas realizadas em grupos focais, também nos Estados Unidos. Concepções de mulheres universitárias do Canadá sobre o sexo casual foram discutidas por Shanlea Gordon (2013), a partir da análise das entrevistas realizadas para a tese **Fear and loathing in the hookup culture: a study of female engagement in non-relational sex on a university campus**¹⁹¹, enquanto concepções de homens universitários dos Estados Unidos sobre sexo casual foram discutidos por Michel Kimmel (2005), no capítulo **Hooking up: sex in guyland**¹⁹². Com base nessas pesquisas foi organizado o quadro a seguir, com exemplos de falas sobre a associação entre bebidas alcoólicas e sexo casual:

¹⁹⁰ Tradução nossa: “Sexo casual americano: a nova cultura do sexo no campus”.

¹⁹¹ Tradução nossa: “Medo e relutância na cultura do sexo casual: um estudo sobre o envolvimento de mulheres em sexo não-relacionado em um campus universitário”.

¹⁹² Tradução nossa: “Fazendo sexo casual: sexo na terra dos garotos”.

Quadro 5 – Associação entre bebidas alcoólicas e sexo casual: exemplos de falas

Exemplo de fala	Caracterização do(a) participante	Fonte
<p><i>“Penso que [o álcool] torna 100% mais fácil que, pelo menos – não apenas se fale sobre [sexo], mas de fazer, de agir em relação a isso. É simplesmente muito mais fácil. (...) Você nem mesmo pensa sobre seus valores morais, sua família e tudo isso... .. você apenas faz o que o seu corpo quer no momento” (15).</i></p>	<p>Garota jovem universitária dos Estados Unidos.</p>	<p>Kristen Lindgren, David Pantalone, Melissa Lewis e William George (2009, p. 6).</p>
<p><i>“Eu não acho que a maior parte das pessoas iria sóbria para um bar e iriam para casa com uma pessoa estranha fazer sexo, sem nenhuma razão. Você faz isso se está intoxicada(o) de alguma forma” (16).</i></p>	<p>Garota jovem universitária do Canadá.</p>	<p>Shanlea Gordon (2013, p. 98).</p>
<p><i>“Como “oh, sim, eu fiz sexo com esse garoto, mas eu estava bêbada, tanto faz”. Então, sim. As pessoas colocam a culpa na embriaguez. E eu penso que o sexo casual acontece muito mais quando você está bêbada(o), porque quando você está sóbria(o) é outro processo de pensamento” (17).</i></p>	<p>Garota jovem universitária do Canadá.</p>	<p>Shanlea Gordon (2013, p. 129).</p>
<p><i>“Eu sempre tenho que estar muito bêbada ou chapada para sentir que estou desinibida o suficiente para dizer sim. Não como quem está caindo de tão bêbada, mas alterada, pelo menos. Desse modo eu posso estar menos consciente sobre a decisão. Pode agir como uma desculpa, “Oh, eu fiquei tão bêbada e eu estava toda em cima dele”. Como coisas que eu gostaria de fazer quando eu estou sóbria, mas que eu não poderia dar a mim mesma permissão sem ter me soltado antes. Se eu sei que quero ir para casa com alguém, então eu preciso ficar alterada, não só para ficar no clima, mas mais para que eu possa ter uma desculpa ou algo assim” (18).</i></p>	<p>Garota jovem universitária dos Estados Unidos, 21 anos.</p>	<p>Lyn Phillips (2000, p. 118).</p>
<p><i>“Assim, beber álcool é um elemento principal quando as pessoas fazem sexo casual. Muitas vezes as pessoas não vão ter sexo por uma noite a não ser que estejam bêbadas. Eu não consigo contar para você nenhuma pessoa que eu conheço que tenha tido um caso de uma noite sem ter bebido ou estar bêbada, e estando, tipo: “oh, minha cabeça dói. Eu não acredito que fiz isso” (19).</i></p>	<p>Garota jovem universitária dos Estados Unidos.</p>	<p>Michel Kimmel (2008, p. 20-21).</p>

<p><i>“Eu realmente nunca ouvi falar de ninguém indo para um bar sóbrio(a) e aleatoriamente dando uns amassos em alguém. (. . .) Se alguém for alguma vez para o bar sóbrio(a), as coisas não aconteceriam da mesma forma [risos]” (20).</i></p>	<p>Garota jovem universitária do Canadá</p>	<p>Shanlea Gordon (2013, p. 98).</p>
--	---	--------------------------------------

Fonte: Própria autora.

Beber facilita falar sobre sexo; beber facilita demonstrar o que excita sexualmente; beber facilita agir de acordo com os próprios desejos sem se preocupar com julgamentos de outras pessoas ou mesmo com os próprios valores morais; beber facilita agir de forma imediatista; beber facilita envolver-se com pessoas que, sem ter bebido, seria estranho envolver-se; beber facilita a desinibição para fazer escolhas que seriam mais difíceis sem o consumo de bebidas; beber facilita não considerar-se, no dia seguinte, responsável pelas escolhas que foram feitas; beber facilita que o que acontece seja visto como algo que aconteceu por acontecer, sem maiores motivos ou significados. A partir dos exemplos de falas apresentadas é possível reconhecermos como na associação entre álcool, sexo e diversão são muitos os fatores que se condensam.

4.6 Quando práticas preventivas escapam ao roteiro

“Imaginem uma cena na qual vocês consideram difícil que as pessoas envolvidas usem camisinha” foi a solicitação feita para adolescentes presentes em uma oficina relatada por Vera Paiva (2000) no capítulo A **“cena sexual” e os scripts femininos e masculinos**. O recurso da criação de cenas foi apresentado pela autora como frutífero para que participantes se envolvam ativamente, expressando elementos das expectativas em relação às práticas sexuais, das experiências e dos contextos vividos que não são tão facilmente identificáveis em relatos diretos. Na análise da oficina realizada, Paiva (2000, p. 219) descreve:

A maioria das cenas descritas [pelas garotas] incluem situações em que “perdem a cabeça” e “nem lembram de camisinha”: uma transa casual que combina uma situação de festa, cinema escuro, bebida e um cara imperdível (11% das cenas femininas). Ou então cenas de paixão irresistível em que até se lembram da camisinha, mas estão numa praia ou num motel, no elevador onde o preservativo não está disponível e o “tesão não deu para aguentar”(…) [Sobre as descrições dos garotos] Freqüente também são as cenas em que estão “cheios de bebida”, acompanhados de garotas de programa ou prostitutas, ou apaixonados de perder a cabeça e esquecer da camisinha (PAIVA, 2000, p. 219).

É possível notarmos como tanto nas cenas descritas pelas garotas quanto nas cenas descritas pelos garotos, deixar de usar a camisinha é algo associado à impulsividade, à

intensidade do momento, à suspensão de determinadas contenções e inibições. Os contrastes entre expectativas prazerosas e práticas preventivas se sobressaem quando o preservativo é imaginado como se fosse um sinônimo direto de racionalidade, previsibilidade e controle enquanto o prazer e a diversão seriam expressos nos excessos, no imediatismo, nos descontroles. Torna-se importante, assim, que a elaboração e a realização de abordagens preventivas considere a oposição entre controles e descontroles como um tema a ser refletido e ressignificado para que os cuidados com a saúde não sejam vistos como algo destoante das experiências nas quais podem se inserir.

“Sinto mais desejo sexual”; “Aproveito mais o sexo”; “Sinto mais proximidade com um parceiro ou parceira sexual”; “Sinto menos nervosismo em relação ao sexo”; “Meu desempenho sexual melhora”; “Considero mais difícil dizer não quando alguém se aproxima sexualmente”; “São maiores as chances de transar com alguém que eu não transaria caso estivesse sóbrio(a)”; “São maiores as chances de me envolver em práticas sexuais que não me envolveria caso estivesse sóbrio(a)”; “São menores as chances de tomar precauções como usar o preservativo”: no artigo **Sex-related alcohol expectancies among adolescents**¹⁹³, Kurt Dermen e Lynne Cooper (2005) relatam sobre a elaboração de um instrumento para identificar expectativas sexuais sobre o álcool, a partir de entrevistas com adolescentes nos Estados Unidos. As principais expectativas foram divididas em três grupos: (a) excitação sexual; (b) desinibição sexual e (c) exposição a riscos.

A associação entre consumo de bebidas alcoólicas, perda de inibições e aumento da coragem se combina com a predisposição a envolver-se em experiências novas, com a valorização da intensidade dessas experiências. Os envoltimentos sexuais estão entre as experiências valorizadas, sendo importante considerarmos a combinação entre as expectativas de potencialização da excitação, de desinibição e de maior exposição a riscos para compreendermos como o uso do preservativo tende a se inserir ou não em como esses envoltimentos predominantemente acontecem.

Susan Stoner, William George, Laura Peter e Jeanette Norris (2007) realizaram uma pesquisa em laboratório com a apresentação de situações projetivas para os(as) participantes, na qual identificaram que há a tendência a atribuir para personagens que consumiram álcool uma maior propensão a desejarem fazer sexo, a tomarem a iniciativa para uma relação sexual, a serem mais receptivos(as) diante das aproximações do(a)

¹⁹³ Tradução nossa: “Expectativas sobre o álcool relacionadas a sexo entre adolescentes”.

parceiro(a), mas também uma menor propensão para falarem sobre os cuidados com a prevenção e para tomarem as medidas necessárias para o uso da camisinha. Nas respostas sobre as motivações dos(as) personagens estavam presentes elementos como:

- (a) não desejar usar o preservativo;
- (b) desejar usar o preservativo, mas não ter coragem de pedir para o parceiro ou parceira;
- (c) prosseguir em práticas sexuais mesmo sem preservativo disponível e abdicar passivamente das decisões, preferindo deixar que o parceiro ou parceira escolha se haverá ou não sexo e se o preservativo será ou não usado.

Ao mesmo tempo que o álcool pode ser representado como um facilitador das interações, pela expectativa de maior desinibição, pode ser situado também como um dificultador da comunicação, por exemplo quando o que está em questão é o diálogo para a tomada de medidas preventivas. Diante das sensações de ansiedade e insegurança que podem acompanhar algumas pessoas quando se envolvem em práticas sexuais, a preocupação com a contração de doenças sexualmente transmissíveis e com a ocorrência de uma gravidez não planejada pode parecer distante em comparação com as preocupações suscitadas pelas interações mais imediatas.

A compreensão sobre o poder atribuído ao álcool como redutor de tensões envolve, assim, a importância do reconhecimento de quais são as tensões associadas a contextos como interações sociais e envolvimento sexuais, considerando como podem ser intensas as ansiedades experimentadas, por temores como não saber como agir; o medo de tentar e falhar; o receio de ser ignorado(a) ou ridicularizado(a), entre outras.

Em um contexto cultural em que situações relacionadas à sociabilidade e à sexualidade são frequentemente transmitidas como campos privilegiados de prazer, diversão e outras representações positivas, é necessário nos atentarmos a como essas representações não correspondem, necessariamente, às experiências vividas e aos múltiplos fatores presentes nessas experiências, assim como a possibilidade de que as pessoas sintam-se pressionadas e inseguras pela expectativa de que aproveitem, divirtam-se e sintam prazeres intensos e variados. Ao pensarmos sobre bebidas alcoólicas e desinibições é necessário, portanto, reconhecermos as influências das inibições nas motivações e experiências vividas.

4.7 Quando os excessos fazem parte do roteiro

“É muito importante ficar bêbado porque estou gastando dinheiro e quero ficar bêbado, porque se eu não ficasse seria apenas um desperdício de dinheiro” e “É muito importante ficar bêbada ou não há razão para comprar a bebida” foram falas de participantes nas entrevistas realizadas por Kevin Brain (2000, p. 7)¹⁹⁴, a partir do estudo etnográfico realizado em ruas e outros locais frequentados por adolescentes e jovens no Reino Unido. Um aspecto marcante em diferentes falas foi a relação entre consumo, excessos e prazer: “Eles(as) estavam deliberadamente se envolvendo em um beber hedonista” (BRAIN, 2000, p. 8)¹⁹⁵.

O hedonismo associado aos excessos, no entanto, não correspondia a ações impulsivas como se os jovens deixassem-se levar inconsequentemente pela intensidade dos prazeres experimentados no momento. Brain (2000, p. 9) comenta como para que o que é chamado de hedonismo possa ser melhor compreendido, é importante o reconhecimento de como muitas vezes se trata, mesmo que paradoxalmente, de um “hedonismo calculado e planejado, racional”¹⁹⁶.

No artigo **Re-framing ‘binge drinking’ as a calculated hedonism**¹⁹⁷, Isabelle Szmigin (2008) aborda como muitas vezes ocorre uma organização prévia para quando, como, onde e com quem o beber em excesso acontecerá. No geral os roteiros referem-se aos finais de semana e aos feriados, quando as preocupações com o dia seguinte serão menores; são avaliados com antecedência fatores como o horário de fechamento do estabelecimento ou do fim da festa para a previsão sobre em que lugares é possível continuar bebendo depois; há o cálculo sobre quanto dinheiro em média será gasto, já com a ideia de que muitas bebidas serão. O descontrole não é necessariamente indesejável nem inconveniente, mas o contrário: a escolha por beber moderadamente que é desvalorizada como um desperdício. Afinal, por que gastar tempo e dinheiro se não for para aproveitar para valer?

¹⁹⁴ Tradução nossa para as falas originais, publicadas no artigo **Youth, alcohol and the emergence of the post-modern alcohol order**: “It’s very important to get drunk cos I’m spending money and I want to get drunk, so if I don’t it’s just a waste of money” e “It’s very important to get drunk otherwise there’s no point in buying it” (BRAIN, 2000, p. 7).

¹⁹⁵ Tradução nossa para o original: “They were deliberately engaging in hedonistic drinking” (BRAIN, 2000, p. 8).

¹⁹⁶ Tradução nossa para o original: “a calculated and planned, rational hedonism” (BRAIN, 2000, p.9).

¹⁹⁷ Tradução nossa: “Re-enquadrando o beber em binge como hedonismo calculado”.

Assim como nas pesquisas desenvolvidas por Brain (2000) e Szmigin (2008), a valorização dos excessos no consumo de bebidas alcoólicas como associados à diversão também foi estudada por Thomas Vander Ven (2011), em entrevistas e narrativas de universitários(as) dos Estados Unidos, analisadas no livro **Getting wasted: why college students drink too much and party so hard**¹⁹⁸ e na pesquisa Renuka Engineer (2003), com adolescentes e jovens da Inglaterra, apresentada no livro **Drunk and disorderly: a qualitative study of binge drinking among 18- to 24-years-olds**¹⁹⁹. Nas quatro pesquisas, houve a valorização do consumo em grandes quantidades como relacionado à intensificação das experiências e à potencialização da diversão.

Quadro 6 – Valorização dos excessos: exemplos de falas

Exemplo de fala	Caracterização do(a) participante	Fonte
<i>“Eu não sei como explicar como é ficar bêbado... mas me faz ficar ainda mais estranho e louco, e você realmente não sente medo de fazer coisas como pular das casas em piscinas ou coisas assim” (21).</i>	Garoto jovem universitário dos Estados Unidos.	Thomas Vander Ven (2011, p. 2).
<i>“Beber com amigos(as) é libertador. A embriaguez abre as pessoas para conversas íntimas e destranca a porta para relacionamentos. Amigos(as) bêbados(as) cantam e dançam juntos(as) e dão risada até não conseguirem mais respirar” (22)</i>	Garota jovem universitária dos Estados Unidos.	Thomas Vander Ven (2011, p. 161).
<i>“É sábado à noite, é hora de festejar. Há uma necessidade de beber e beber muito faz com que você sinta que não há regras” (23).</i>	Garoto jovem universitário do Estados Unidos	Thomas Vander Ven (2011, p. 35).
<i>“Quando você sai para beber apenas um pouco e acaba ficando fora a noite toda e ficando chapado, essas são as melhores noites” (24).</i>	Garoto jovem da Inglaterra.	Renuka Engineer (2003, p. 10).
<i>“Quando estou bêbada e passando mal então eu sei que aproveitei” (25).</i>	Garota jovem da Inglaterra.	Renuka Engineer (2003, p. 10).
<i>“(...) as pessoas só querem ficar chapadas. As pessoas não saem apenas para aproveitar um momento legal ou qualquer coisa assim. Elas saem para ficar absolutamente chapadas” (26).</i>	Garoto jovem da Inglaterra	Isabelle Szmigin (2008, p. 15)

Fonte: Própria autora.

¹⁹⁸ Tradução nossa: “Ficando chapado(a): por que estudantes universitários(as) bebem tanto e festejam tão intensamente?”.

¹⁹⁹ Tradução nossa: “Bêbado(a) e desordeiramente: um estudo qualitativo do beber em *binge* entre pessoas de 18 a 24 anos”.

Beber bastante como via para aventurar-se; beber bastante para abrir-se a experiências inéditas e inesperadas; beber bastante como expressão de que a noite é melhor aproveitada; beber bastante para não desperdiçar tempo nem dinheiro; beber bastante como forma de sair de si e esquecer das preocupações, escapar da própria consciência; sair sem a intenção de beber muito mas acabar bebendo até amanhecer pela fruição do momento: a valorização dos excessos é parte de um roteiro em que o consumo de álcool em grandes quantidades é vinculado à intensificação, à potencialização de experiências, como expressão de uma cultura em que aproveitar é transmitido como sinônimo de aproveitar sem freios, sem inibições, sem limites.

Considerando os padrões de gênero, há uma intersecção importante a ser reconhecida: a intersecção entre os excessos como parte de roteiros de experiências de consumo de bebidas alcoólicas e os excessos como parte dos roteiros de masculinidade.

Beber e beber muito são elementos na construção de um modelo de masculinidade que envolve também a valorização da impulsividade, da exposição a riscos e da agressividade, o que culmina em como envolver-se em situações perigosas ou agir de forma violenta ao beber não é visto como uma consequência inesperada, mas é inclusive algo naturalizado sobre o que é esperado entre homens que bebem. No livro **Guyland: the perilous world where boys become men**²⁰⁰, Michel Kimmel (2008) discute como o consumo de bebidas alcoólicas e o consumo em grandes quantidades entre garotos adolescentes e jovens tende a ser representado como uma espécie de rito de iniciação, um marco de transição na construção das masculinidades:

Em um esforço por provarem suas masculinidades, com pouca orientação e nenhuma compreensão real sobre o que é ser homem, eles se envolvem em comportamentos e atividades que são irresponsavelmente empreendidas. Há garotos que estão tão desesperados em serem aceitos por seus pares que fazem todos os tipos de coisa que secretamente sabem que não são certas. Eles mentem sobre suas experiências sexuais para parecerem mais masculinos; eles bebem mais do que sabem que podem aguentar porque não querem parecer fracos ou imaturos (KIMMEL, 2008, p. 21) (27).

As relações entre os padrões de consumo de álcool e os padrões de masculinidade foram também abordadas por Kenneth Mullen, Jonathan Watson, Jan Swift e David Black (2007) no artigo **Young men, masculinity and alcohol**²⁰¹. Nas entrevistas realizadas com participantes homens da Inglaterra, o receio em serem julgados como insuficientemente

²⁰⁰ Tradução nossa: "Terra dos garotos: o arriscado mundo onde os meninos se tornam homens".

²⁰¹ Tradução nossa: "Homens jovens, masculinidade e álcool".

viris foi relatado tanto diante de ocasiões em que não consomem álcool, quanto em ocasiões em que não se engajam em práticas agressivas. Beber e se comportar de forma violenta são práticas associadas às possibilidades de aprovação e pertencimento diante do grupo. Os(as) autores(as) problematizam:

É esperado que os homens sejam poderosos, mas quando eles não se sentem poderosos eles podem utilizar o álcool como compensação. Beber estimula pensamentos sobre poder e beber em grandes quantidades pode fazer com que homens se sintam mais poderosos, mais fortes e assertivos (MULLEN; WATSON; SWIFT; BLACK, 2007, p. 153) (28).

Na tese **Freedom in a bottle: young swedens on rationales and norms from drunken behaviour**²⁰², Kalle Tryggvesson (2005) apresenta a análise de entrevistas realizadas em grupos focais com jovens em Estocolmo. O aspecto encontrado com maior frequência, tanto entre mulheres quanto entre homens, foi a associação entre álcool e a busca por prazer, uma associação atravessada pela ideia de que o álcool facilita as desinibições. A autora buscou investigar, assim, quais seriam os comportamentos que os(as) participantes esperavam que fossem desinibidos.

Paquerar, dizer coisas de forma mais honesta e agir de forma mais extrovertida foram os principais comportamentos desinibidos indicados como esperados entre as mulheres. Já entre os homens, uma expectativa foi mais recorrente: a de comportamentos agressivos, como o envolvimento em brigas. Ao serem perguntados(as) sobre os motivos para que as mulheres não associem desinibir-se a tornarem-se mais agressivas, como foi tão frequente entre os homens, a maior parte dos(as) participantes respondeu que haveria uma associação *natural* entre masculinidade e a agressividade. Tryggvesson (2005, p. 49) discute:

(...) parece que o álcool pode ser usado como uma forma de construir a masculinidade. Os(as) participantes também fizeram essa conexão quando discutiram por que o álcool é tão conectado com a violência. Homens bebem álcool para tornarem-se mais masculinos (...) com tanta masculinidade no mesmo lugar, só poderia acabar em violência (30).

Ser recorrente que homens bebam mais, sofram e causem mais danos ao beber, como quando agem de forma violenta, não corresponde a haver uma relação direta entre excessos, impulsividade, agressividade e masculinidade, como se fossem elementos intrínsecos a uma *natureza masculina*. A compreensão sobre a construção cultural do beber em grandes quantidades como um marcador simbólico de virilidade permite o

²⁰² Tradução nossa: “Liberdade em uma garrafa: jovens suecos(as) sobre razões e normas para o comportamento embriagado”.

reconhecimento sobre como os padrões de consumo e o prejuízo deles decorrentes não são inevitáveis, podem tornar-se alvo de atenção e reflexão com medidas para buscar transformá-los. Como argumentam Richard Wilsnack, Sharon Wilsnack e Isidore Obot (2005, p. 2-3) no capítulo **Why study gender, alcohol and culture?**²⁰³:

Uma importante razão para o estudo sobre como gênero afeta o uso de álcool é como concepções falsas sobre o beber entre homens e entre mulheres podem afetar adversamente como as sociedades identificam e tentam controlar problemas relacionados ao álcool. Se o beber em grandes quantidades é associado a expressões da masculinidade e de camaradagem entre homens, isso podem encorajar homens que bebem a negarem ou minimizarem problemas decorrentes do beber, ou a considerarem comportamentos embriagados como normais e permitidos, mesmo quando levam à violência (WILSNACK; WILSNACK; OBOT, 2005, p. 2-3) (31).

A associação entre consumo de bebidas alcoólicas e violência, que abrange também a violência sexual e as expectativas de maior agressividade entre homens, é uma questão que envolve discussões necessárias no sentido de problematizar e transformar padrões que têm sido muito naturalizados. É a importância de problematização das naturalizações que teremos como foco nos tópicos seguintes.

4.8 Quando a coerção faz parte do roteiro

Imagine que você está em uma festa. Algumas pessoas estão conversando, outras dançando, outras reunidas em volta do balcão pedindo bebidas. A maior parte delas está com copos na mão. A música está animada, as pessoas estão ficando mais soltas, a impressão geral é de que estão se divertindo.

Imagine que uma cena entre duas pessoas te chama a atenção: enquanto uma delas estava dançando, a outra ficou por perto, observando, até que se aproximou e passou a mão em seus cabelos, tentando beijá-la. A que estava dançando se esquivou, dando alguns passos para o outro lado. Foi quando a outra pessoa começou a insistir, tocando seu corpo, ignorando as demonstrações de resistência, pressionando para que o beijo acontecesse. Diante de mais reações explícitas de desinteresse, a pessoa insistente se irrita, joga com força o copo no chão e sai gritando algumas ofensas. Você percebe algumas reações de constrangimento, mas a festa continua.

Ao ler sobre a sequência de aproximação-paquera-recusa-assédio-resistência-insistência-agressividade, como você imaginou as duas pessoas descritas? Eram dois homens? Duas mulheres? Uma mulher que ficou irritada e agressiva diante da reação de

²⁰³ Tradução nossa: “Por que estudar gênero, álcool e cultura?”.

um homem que se esquivou? Um homem que se aproximou de uma mulher e tentou beijá-la, mas que, quando ela demonstrou não ter interesse em beijá-lo passou a agir de modo coercivo, intimidador? A última alternativa tende a ser imaginada com maior frequência. Não apenas imaginada com maior frequência, mas também tende a acontecer com maior frequência.

A cena ilustra como há uma distância fundamental entre a demonstração de interesse (com a possibilidade de que o interesse seja ou não correspondido), e situações de constrangimento, desrespeito e intimidação quando, diante da expressão de que o interesse não é correspondido, ocorrem posturas de insistência e coerção.

As bebidas alcoólicas são muitas vezes usadas como supostos argumentos para explicações sobre atitudes constrangedoras e desrespeitosas, como a afirmação distorcida de que a mulher, por estar bebendo, estaria de alguma forma evidenciando disponibilidade para ser abordada e para envolver-se sexualmente.

Assim como consumir álcool, o que as mulheres vestem (como roupas curtas e decotes), como se comportam (como estar em uma festa, dançando) e até mesmo o fato de estarem em um lugar público sem a companhia de um homem são fatores utilizados nessa construção de que ao dizerem “*não*” a intenção não é dizerem “*não*”, já que supostamente haveria na recusa um movimento de sedução, de provocação.

As imagens apresentadas na página seguinte, publicadas na matéria **Como silenciamos o estupro** da revista **Super interessante** de julho de 2015²⁰⁴, foram construídas com exemplos de julgamentos direcionados às mulheres relacionados às roupas que vestem e ao consumo de álcool.

As expressões da primeira imagem que acompanham o comprimento da saia são: “*sem graça*”, “*recatada*”, “*moça de família*”, “*assanhada*” e “*tava pedindo*”. Já em relação à abertura dos botões da camisa, as palavras são: “*difícil*”, “*fácil*”, “*safada*” e “*não pode mais mudar de ideia*”. Sobre a taça com bebida alcoólica, os primeiros goles são associados à expressão “*bebeu pouco*”, os próximos a “*ficou divertida*” e os seguintes a “*não se cuidou*”.

²⁰⁴ A matéria pode ser encontrada no endereço: <http://super.abril.com.br/comportamento/como-silenciamos-o-estupro/>. Acesso em: 09 de julho de 2017.

Figura 5 – Exemplos de julgamentos direcionados às mulheres



Fonte: Matéria **Como silenciamos o estupro?**, da revista **Super Interessante**.

O apagamento da importância do consentimento que leva à naturalização da violência tem significativa influência nos aprendizados que ocorrem na socialização de meninas e mulheres, com a transmissão de que não demonstrarem que têm desejos seria uma forma de “*se darem valor*”. “*Valorizar-se*”, nesse sentido, é transmitido como sinônimo de conter-se, de inibir-se, de silenciar-se.

A invisibilização fica ainda mais explícita se considerarmos como, além de todo o preconceito sofrido por mulheres que desejam e se relacionam com mulheres, há uma fetichização das relações lésbicas, mais uma vez com o foco no olhar masculino, como se o único desejo feminino legítimo fosse o desejo de agradar aos homens.

“Um grupo de amigas chega a uma festa, em um clima alegre. Momentos depois, uma delas está no jardim, com um rapaz, que abre o zíper da calça enquanto ela tira a calcinha, deitada na grama. De repente, vê-se o *flash* de uma foto tirada por alguém que estava por perto”: essas cenas foram apresentadas em uma campanha australiana, analisada por Rebecca Brown e Melissa Gregg (2012) no artigo **The Pedagogy of regret: facebook, binge drinking and young women**²⁰⁵, no qual as autoras problematizam como, principalmente em estratégias preventivas voltadas para mulheres jovens, movimentos como suscitar a culpa, a vergonha e o remorso são construídos como uma medida, supostamente eficaz e legítima, de alertar sobre os danos possíveis dos usos excessivos de álcool. Seria como uma “pedagogia do arrependimento”.

Considerando como o álcool é significado culturalmente como um elemento socializador e que as práticas de consumo de bebida entre jovens ocorrem

²⁰⁵ Tradução nossa: “A pedagogia do arrependimento: facebook, beber em grandes quantidades e mulheres jovens”.

predominantemente como forma de integração e descontração com outras pessoas, a possibilidade do olhar alheio de julgamento e condenação é evocada, de modo alarmista, como elemento potencialmente inibidor, em um movimento que confunde, infelizmente, amedrontamento com conscientização. Afinal, ser fotografada após beber não é uma consequência do uso de álcool, mas da forma como as relações estão organizadas hoje em que é naturalizado que conteúdos pessoais sejam divulgados sem o consentimento das pessoas envolvidas, com os fins mais diversos, inclusive os de deboche, depreciação e humilhação. Assim, além do foco não ser o diálogo aberto sobre as consequências de fato decorrentes do uso de álcool, naturaliza-se a violação de direitos, que deveria ser problematizada, como se expor alguém sem que a pessoa autorize não fosse algo grave, já que o grave, no caso, seria beber.

Vergonha, culpa, remorso, são, infelizmente, elementos frequentes quando as campanhas são direcionadas a mulheres. É como se, ao desejarem e expressarem os próprios desejos, as mulheres estivessem automaticamente se expondo a riscos, automaticamente se tornando mais vulneráveis, como se as violências temidas e/ou sofridas fossem provocadas pelo desejo delas, e não por como o desejo delas é sistematicamente silenciado e desrespeitado. A ameaça de humilhação como “preventiva” pode ser exemplificada também pelo cartaz a seguir, publicado pelo Ministério da Justiça no começo de 2015:

Figura 6 – Campanha “Bebeu, perdeu.” do Ministério da Justiça



Fonte: Site Pragmatismo Político²⁰⁶.

Ser exposta em redes sociais, risco ao qual o cartaz faz referência, não é uma consequência de ter bebido, mas de ter sido desrespeitada em seu direito à privacidade.

²⁰⁶ A matéria **Internautas criticam campanha machista do Ministério da Justiça** pode ser acessada no endereço <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/02/internautas-criticam-campanha-machista-ministerio-da-justica.html>. Acesso em: 23 de março de 2018.

“Bebeu, perdeu”, diz a campanha, em um movimento que culpabiliza quem sofre agressões como ofensas, provocações e deboches como se essas práticas, infelizmente tão comuns, tornassem-se legítimas caso a vítima tenha ingerido bebidas alcoólicas. A campanha que seria divulgada no carnaval de 2015 foi retirada de circulação, resultado da pressão das mobilizações feministas.

Outro exemplo da importância das mobilizações feitas por grupos feministas em redes sociais refere-se à retirada de um anúncio da cerveja Skol, que circulou no Carnaval de 2014, no qual era exibida a mensagem: “Esqueci o não em casa”. Apesar de a marca alegar que não se tratava de uma desvalorização do consentimento das mulheres, mas sim de uma referência ao caráter “afirmativo” do Carnaval, com as inúmeras críticas recebidas o anúncio não só foi retirado do ar, mas a marca também produziu novos anúncios em seguida com mensagens referentes à conscientização sobre o consentimento. Embora o recuo esteja inserido em um campo mais amplo de estratégias de marketing, não podendo ser comemorado como um simples avanço no que tange à conscientização, não deixa de ser uma conquista representativa sobre o quanto é possível e necessário questionarmos representações que depreciam as mulheres e naturalizam a violência.

Figura 7 – Anúncios de carnaval da cerveja Skol antes e depois de protestos feministas



Fonte: Site Psibr²⁰⁷.

“Se uma mulher solteira vai pular carnaval, ela não pode reclamar de cantada”; “Bloco de carnaval não é lugar para mulher direita”- essas frases foram consideradas como verdadeiras por, respectivamente, 61% e 49% dos homens entrevistados em

²⁰⁷ A análise **Sobre desejos e desafios** pode ser lida no endereço <https://psibr.com.br/colunas/sexualidade-e-genero/marcela-pastana/sobre-desejos-e-desafios>. Acesso em: 23 de março de 2018.

uma pesquisa realizada pelo Instituto Data Popular²⁰⁸ realizada em janeiro de 2016, demonstrando, mais uma vez, como são necessárias as discussões e mobilizações políticas para que mulheres que desejam se divertir não sejam desqualificadas, constringidas nem sofram violências por isso.

As expectativas de que as mulheres se contenham, de que não se expressem diretamente, que não sejam vistas nem se vejam como interessadas por sexo e que os homens, por outro lado, demonstrem ininterruptamente que desejam sexualmente, que estão dispostos a tudo para realizarem os próprios desejos, que não aceitam um “não” como resposta são, em síntese, expectativas que precisam ser problematizadas e transformadas para que os aprendizados sobre os desejos não corresponda a um aprendizado sobre a naturalização de relações assimétricas, da coerção e da violência.

Na pesquisa realizada por Lisa Wade e Caroline Heldman (2011) com estudantes do primeiro ano de uma universidade dos Estados Unidos, foram constantes os relatos que envolviam a naturalização da expectativa de que, nos encontros entre homens e mulheres, os parceiros pressionem as parceiras, insistindo para que façam sexo. Sentir-se coagida para transar foi uma experiência frequente descrita pelas mulheres. Wade e Heldman (2011, p. 137) problematizam: “O roteiro do sexo casual envolvia, e mesmo normalizada, a pressão sexual por parte dos homens. As mulheres relataram coerção emocional e psicológica, assim como violência sexual”.

Entre os relatos de violência sexual estão relatos de mulheres que ouviram que, por terem bebido, não podiam recusar fazer sexo com o homem com quem beberam. São frequentes os relatos sobre homens que pressionaram a parceira para transar, e, diante da recusa, agrediram-na fisicamente ou verbalmente, forçando para que o sexo acontecesse. Outros relatos referem-se a quando a mulher acorda e percebe que o sexo aconteceu por estar despida, dolorida ou com esperma pelo corpo, o que a leva a inferir que a violência aconteceu enquanto estava desacordada. Há mulheres que consentem em transar com alguém por quem se interessam e, quando percebem, há outras pessoas no quarto ou no lugar em que estão transando, como se concordar em transar com um fosse o mesmo que aceitar transar com outros.

²⁰⁸ A pesquisa está disponível no endereço: <http://www.noticiasaminuto.com.br/brasil/185728/homens-carnaval-nao-e-lugar-de-mulher-solteira-diz-pesquisa>. Acesso em: 23 de março de 2018.

As falas mostradas no quadro são relatos analisados no artigo **Alcohol-related sexual assault: a common problem among college students**²⁰⁹ por Antonia Abbey (2002), no capítulo **Predatory sex and party rape**²¹⁰, por Michel Kimmel (2008) e no capítulo **Flirting with danger**²¹¹, por Lisa Wade (2014).

Quadro 7 – Relatos sobre situações de coerção e violência: exemplos de falas

Exemplo de fala	Caracterização	Fonte
<i>“Os homens nem sempre escutam, mesmo quando é importante. Muitas vezes o sexo é assim. Mesmo quando dizemos sim, temos medo e se nós dissemos não, ou se nós não quisermos a pressão nos nossos pescoços ou do seio que eles nos tocam, isso não importaria. Não contaria, porque nós não contamos” (31).</i>	Garota jovem universitária dos Estados Unidos.	Lisa Wade (2014, p. 12).
<i>“(…) Eu já vi um garoto que mora comigo bloquear a porta quando as garotas querem sair do quarto dele (...). Raramente, se é que aconteceu alguma vez, houve uma noite para o meu colega que tenha terminado sem sexo. Eu sei que não é necessariamente e asseguradamente uma violência sexual, mas com a quantidade de bebida na casa, eu questiono bastante a possibilidade de consentimento” (32).</i>	Garoto jovem universitário dos Estados Unidos.	Michel Kimmel (2008, p. 30).
<i>“(…) Eu fiquei bêbada e passei mal; eu fui levada para o banheiro vomitando. Ele me agarrou e me arrastou até seu quarto e me estuprou. Eu era virgem e senti que era minha falta por ter ido para a casa dele quando ninguém mais estava lá” (33).</i>	Garota jovem universitários dos Estados Unidos.	Antonia Abbey (2002, p. 118).

Fonte: Própria autora.

Sensações como vergonha, culpa e arrependimento são muito frequentes entre mulheres que sofreram violências, o que dificulta bastante para que possam conhecer sobre seus direitos e buscarem ajuda. Concepções como as de que as mulheres deveriam ter evitado, não deveriam ter bebido ou não deveriam estar acompanhadas dos homens que a estupraram são concepções muito nocivas, culpabilizadoras, que precisam ser problematizadas para o enfrentamento a situações de violência. É sobre a culpabilização que discutiremos no tópico a seguir.

²⁰⁹ Tradução nossa: “Violência sexual relacionada ao álcool: um problema comum entre estudantes de faculdades”.

²¹⁰ Tradução nossa: “Sexo predatório e estupro em festas”.

²¹¹ Tradução nossa: “Flertando com o perigo”.

4.9 Bebidas alcoólicas, violência sexual e culpabilização

“Estupro é aquilo que as mulheres alegam que aconteceu quando acordam arrependidas de terem feito sexo na manhã seguinte”²¹²: A frase dita por um dos participantes da pesquisa etnográfica realizada por Ayres Boswell e Joan Spade (1996) em repúblicas masculinas de universidades dos Estados Unidos, exemplifica como mulheres que sofrem violência sexual são muitas vezes desacreditadas ou mesmo culpabilizadas pela violência sofrida.

Diante de alguma forma de violência sexual sofrida por uma mulher alcoolizada, não é incomum que o foco recaia no fato de a mulher ter bebido, ao invés da atenção para a violação do direito cometida por quem a agrediu. A culpabilização das mulheres por terem bebido é algo muito frequente.

No artigo **Alcohol-related sexual assault: a common problem among college students**²¹³, Antonia Abbey (2002) problematiza como o fato de o consumo de bebidas alcoólicas ser um elemento comum em situações de estupro não significa que haja uma relação causal, considerando como há uma forte influência de como o álcool é usado culturalmente para justificar ou mesmo legitimar comportamentos violentos por parte dos homens. É essa representação cultural que culmina, por um lado, na naturalização da violência entre os homens, e, por outro, na culpabilização sofrida pelas mulheres:

Uma vez que um homem usou a intoxicação para justificar sexo forçado, ele fica mais propenso a acreditar que o álcool causa esse tipo de comportamento e a usar essa desculpa no futuro. Em contraste, mulheres tendem a se sentirem mais responsáveis pela violência sexual se antes de serem estupradas elas tinham consumido álcool. Mulheres são com frequência criticadas por perderem o controle da situação, não se comunicarem claramente, não resistirem adequadamente e terem falhado no papel de conterem e impedirem os homens (ABBEY, 2002, p. 124) (35).

Na discussão de relatos sobre estupros que acontecem em festas universitárias, Lisa Wade (2014) abordou como há homens que planejam o estupro antecipadamente, um planejamento que envolve prestar atenção em que mulheres estão sozinhas e consumindo bebidas alcoólicas, insistindo para que bebam mais ou mesmo colocando algo na bebida para induzir que fiquem desacordadas. No geral, são homens que tendem a repetir o padrão, estuprando diferentes mulheres de uma mesma localidade.

²¹² Tradução nossa do original: “(...) date rape is what a woman says that happened when she wakes up the next morning and regrets having sex” (BOSWELL; SPADE, 1996, p. 42).

²¹³ Tradução nossa: “Violência sexual relacionada ao álcool: um problema comum entre estudantes de faculdades”.

Além de homens que planejam o estupro antecipadamente, estupros também são cometidos por homens que não tiveram a intenção prévia, mas que reagiram agressivamente quando, ao envolverem-se com uma mulher, ela não concordou em fazer sexo, com o uso da violência para forçá-la. Wade (2014) problematiza como não se trata de algo meramente incidental, por como é difundida a expectativa de que os homens pressionem, insistam, não aceitem que a parceira não queira sexo, algo que se agrava quando houve o consumo de bebidas. A autora menciona como exemplo algumas mensagens que circularam nas universidades estudadas para discutir como há uma cultura de naturalização do estupro:

“Deixe as vadias no estado certo de intoxicação”, instrui um email de uma fraternidade de uma universidade americana que foi enviada com a intenção de circular apenas entre os colegas homens. Outro email de uma universidade do sudeste da Califórnia descreveu o prazer de “derrubar um alvo fácil” quando a mulher está bêbada. Um membro de uma fraternidade de um Instituto Tecnológico da Geórgia enviou um guia chamado “Fisgando a isca a ser estuprada” que incluiu a dica “Se todas as outras coisas falharem, vá pegar mais álcool” (WADE, 2014, p. 51) (34).

“Quando uma mulher diz não, é porque deseja seduzir”. “Quando uma mulher diz não, é porque não quer ser vista como fácil”. “Quando uma mulher diz não, é porque se sentirá valorizada caso o parceiro insista”: diante de coordenadas tão frequentes nos roteiros de gênero, é necessária a problematização sobre como o “não” das mulheres é desqualificado enquanto um “não”. A desqualificação do “não” enquanto uma expressão direta vem muitas vezes acompanhada de suposições de que o desejo das mulheres em envolverem-se sexualmente estaria implícito nas roupas que vestem, nos lugares que frequentam e na escolha de consumir bebidas alcoólicas, como vimos no tópico anterior.

“Pare de mentir. Eu sei que é isso que você quer”; “É fofo como você resiste assim, fingindo que você não quer”; “Eu sei que você quer isso”; “Você estava pedindo por isso”; “Eu pensei que você estava gritando porque você gostou”; “Você não pode beber com alguém e esperar que isso não aconteça”: as frases são do **Unbreakable Project**²¹⁴, um projeto que teve início nos Estados Unidos em 2011 com o objetivo de conscientizar sobre a alta frequências das ocorrências de violência sexual, assim como sofre os fatores que influenciam para que a violência seja naturalizada, por como as mulheres são tantas vezes silenciadas, desacreditadas e culpabilizadas. Em imagens, mulheres que foram

²¹⁴Tradução nossa: “Projeto Inquebrável”. A página do projeto pode ser encontrada em: <http://project-unbreakable.org/>. Acesso em: 24 de maio de 2016.

estupradas seguram cartazes referentes às frases que ouviram no momento que a violência sexual aconteceu, ou depois, quando contaram a alguém:

Figura 8 – Imagens do Projeto Unbreakable sobre frases ouvidas em situações de violência sexual



Fonte: Unbreakable Project.

O enfrentamento à violência sexual é algo muito necessário, que requer a problematização de como os direitos das mulheres são invisibilizados tanto quando o não das mulheres é transmitido como uma forma de dizer sim, quanto com a grande frequência com que elas são questionadas como se houvessem, de alguma forma, provocado a violência que sofreram, como se houvesse algo que elas dissessem ou fizessem que justificasse ser agredidas.

É necessário também o reconhecimento do quanto o movimento de culpabilização é, por sua vez, um grande fator de influência para que as violências que precisam ser visibilizadas para serem reconhecidas e combatidas sejam muitas vezes escondidas, por como as próprias mulheres são levadas a sentirem culpa, violência e se condenarem por não terem acesso a condições em que seus direitos possam ser respeitados e defendidos.

A possibilidade de dizer não e ser respeitada por isso é imprescindível. Além disso, quando falamos sobre a importância do consentimento, o direito ao “não” é apenas o primeiro passo, o pré-requisito mais básico. Valorizar o consentimento significa mais: significa enfrentar o quadro persistente de apagamento dos desejos das mulheres, de representações das expressões da sexualidade das mulheres como algo a ser negado,

escondido, disfarçado, transmitidas pela incitação ao medo de julgamentos e condenações e pela naturalização de que seriam apenas os homens os sujeitos de desejos, dispostos a impor esses desejos a qualquer custo. A problematização sobre os padrões de gênero e sobre o imbricamento dos padrões de gênero com as representações sobre a sexualidade é algo fundamental para o enfrentamento à violência.

No capítulo **Pleasure and danger: toward a politics of sexuality**²¹⁵, Carole Vance (1984) discute como o aprendizado sobre sexualidade para as mulheres se dá em meio a tensões e contradições: por um lado, a sexualidade como um campo de restrição, repressão e perigo; por outro, as possibilidades de prazer, de experimentação e de expressividade. Tanto o foco exclusivo nos riscos, quanto o foco exclusivo nas gratificações são perspectivas que negligenciam como a sexualidade pode ser vivida e experimentada entre as mulheres:

Para algumas, os perigos da sexualidade – violência, brutalidade e coerção, na forma de estupro, incesto forçado e exploração, assim como a crueldade e a humilhação cotidianas – apagam o prazer por comparação. Para outras, as possibilidades positivas da sexualidade – explorações do corpo, curiosidade, intimidade, sensualidade, aventura, excitação, conexão humana (...) não apenas valem a pena mas fornecem uma energia fortalecedora. Nenhuma dessas perspectivas são fixas (VANCE, 1984, p. 1) (36).

A ideia de que, para a prevenção da violência, as mulheres devem ser protegidas e afastadas da sexualidade, evitando contato com homens que, *naturalmente*, seriam dotados de impulsos sexuais agressivos e irrefreáveis, foi bastante difundida. Em nome dessa suposta proteção, as mulheres também foram ensinadas sobre que roupas devem evitar vestir, que lugares devem evitar frequentar, em quais práticas devem evitar se envolverem (inclusive o consumo de bebidas alcoólicas).

[As mulheres] são levadas a experimentar os próprios impulsos sexuais como perigosos. O abandono sexual e a impulsividade adquirem um preço alto, a partir de como as mulheres devem pensar não apenas sobre as consequências de suas ações sexuais para elas mesmas, mas também sobre as consequências para os homens, cujas “naturezas” sexuais são supostamente luxuriosas, agressivas e imprevisíveis. (...) Autocontrole e vigilância tornaram-se virtudes femininas necessárias e principais. Como resultado, o desejo feminino é suspeito desde o princípio, questionável até que seja provado seguro e frequentemente muito custoso quando avaliado no quadro cultural mais amplo em que é colocada a questão: vale mesmo a pena? (VANCE, 1984, p. 4) (37).

Perder o controle é, assim, aprendido como a antítese do ideal de feminilidade, mesmo quando a perda do controle é experienciada como positiva, como na suspensão de

²¹⁵ Tradução nossa: “Prazer e perigo: por uma política da sexualidade”.

limites que pode acompanhar os prazeres sexuais. A confusão entre a negação de uma dimensão tão potencialmente prazerosa das experiências com proteção pode ter efeitos muito nocivos, alimentando, ao invés de combater, a posição de passividade atribuída às mulheres que é tão necessário enfrentarmos para a desnaturalização de relações assimétricas e violentas. Recomendações de que mulheres contenham-se, controlem-se, evitem situações por como os desejos dos homens seriam impositivos e ameaçadores reforçam o quadro de invisibilização das mulheres enquanto desejantes e perpetuam o silenciamento que precisamos nos dedicar para romper.

Negar o prazer, no entanto, não é um caminho viável. Uma alternativa importante é investigar em que condições o prazer acontece, investigando também essas condições podem ser promovidas com maior frequência, com a participação ativa das mulheres nos processos de construção de outras condições. Para isso, ouvirmos as experiências das mulheres com atenção e sensibilidade é fundamental. Por isso, é tão relevante problematizarmos como o foco exclusivo nos perigos torna a possibilidade de falarmos sobre os prazeres sexuais um tabu.

Quando o prazer ocupa um espaço público menor e um espaço privado mais culpado, as pessoas não se tornam empoderadas; elas são marcadamente apartadas da fonte da própria força e energia. Se as mulheres cada vez mais virem a si mesmas como vítimas pelas lentes do opressor e permitirem serem vista dessa forma pelas outras pessoas, elas se tornarão enfraquecidas e miseráveis. O tabu de investigar o prazer leva a uma teoria sexual abstrata que mantém pouca relação com a vida cotidiana. Se é para que a teoria tenha uma relação válida com a experiência, nós precisamos reconhecer que a sexualidade é algo que vale a pena ser falado seriamente. Nós não podemos criar um corpo de conhecimento que seja verdadeiro sobre as vidas das mulheres, se o prazer sexual não puder ser falado com segurança, honestamente e completamente (VANCE, 1984, p. 7) (38).

Um ponto importante é, assim, como informações sobre a sexualidade são construídas e transmitidas. É preciso cuidado com informações prescritivas, generalizantes e distorcidas, mas isso não significa que informações preventivas sobre riscos e medidas de cuidado devam ser evitadas, mas sim, analisadas e promovidas criticamente.

É preciso combater a coerção e a vitimização, mas também o desconhecimento, a culpa, a vergonha e o silenciamento, com a defesa de possibilidades ativas, criativas: “Não é suficiente que as mulheres sejam tiradas do perigo e da opressão; é necessário que sejam levadas a algo, ao prazer, à agência, à auto-definição” (VANCE, 1984, p. 24) (39).

4.10 Entre enigmas e roteiros: considerações sobre o capítulo

Imagine que uma escola inclui no calendário uma semana de discussões sobre saúde. Entre os temas das palestras propostos, uma manhã é reservada às questões sobre sexualidade e educação sexual, outra à prevenção aos usos de bebidas alcoólicas. No convite aos(as) profissionais que ministrarão as palestras, está uma breve descrição do que se espera que seja abordado: aparelho reprodutor, concepção, uso do preservativo para prevenção à gravidez, ao HIV/aids e a outras infecções sexualmente transmissíveis, no caso da palestra sobre sexualidade; efeitos prováveis no organismo conforme as doses consumidas, possíveis danos para a saúde; riscos como acidentes de trânsito, outros acidentes, envolvimento em brigas, em relações sexuais sem o uso do preservativo e outros comportamentos que podem ser prejudiciais, no caso da palestra sobre álcool.

O que os convites para a palestra sobre sexualidade e para a palestra sobre álcool têm em comum? Além do espaço para a transmissão de informações ser algo pontual, uma manhã em uma semana de um ano, com a presença de um(a) profissional externo(a), que não está no cotidiano da escola, as principais expectativas são de que a ênfase recaia em riscos e danos. Não que riscos e possíveis danos não façam parte das experiências sexuais e das experiências de consumo de bebidas alcoólicas, mas o que acaba ficando em segundo plano, quando apenas riscos e danos são enfatizados, é justamente a dimensão de experiência. Experiências que acontecem entre as pessoas, em relações atravessadas por múltiplos fatores, múltiplas motivações, expectativas e desejos, experiências que acontecem de forma singular para cada pessoa, em que as práticas sexuais e os usos de álcool se inserem em uma história, se vinculam a diversas concepções, valores e atitudes, condensam e suscitam muitos significados que abrangem mas ultrapassam reações fisiológicas e escolhas que podem ter consequências danosas (como o consumo em excesso e o não uso do preservativo).

Neste capítulo, nos deparamos com como abordar as experiências sexuais, as experiências de consumo de álcool e as intersecções entre essas experiências significa nos depararmos com como as pessoas que nelas se envolvem são, necessariamente, desejantes. Silenciarmos sobre os desejos e seus múltiplos enigmas ao falarmos sobre sexualidade ou ao falarmos sobre o álcool, corresponde a pressupormos seres inexistentes, que simplesmente receberiam informações e reagiriam automaticamente a essas informações em suas práticas e escolhas.

Informações sobre a camisinha, sobre os efeitos do álcool no organismo, sobre cuidados importantes para a saúde são, sem dúvidas, fundamentais, esclarecermos sobre

essas questões significa respeitarmos os direitos das pessoas que a recebem, como os direitos a informações claras e cientificamente fundamentadas. No entanto, é possível avançarmos, sobretudo se refletirmos sobre que valores estão em pauta quando as discussões se restringem apenas a informações breves e enfáticas sobre possíveis riscos e danos.

Como afirmam Diana Corso e Mário Corso (2018, p. 367-368), ao discutirem sobre os desafios de abordagens preventivas com adolescentes e defenderem a relevância de espaços de diálogo sobre sexualidade:

(...) Quanto às escolas, quando há alguma educação sexual, raramente envolve algum tipo de debate livre. Qualquer discussão será barrada por um clima de vergonha e tabus, dificilmente orientada pelas verdadeiras curiosidades de cada faixa etária. O tom costuma combinar acima de tudo com as fantasias que os adultos projetam sobre os pequenos e os jovens. Já o esclarecimento, sempre bem-vindo, restringe-se à fisiologia e anatomia do sexo e da reprodução. Não está mal, ao contrário, devemos estar muito informados desde o mais cedo possível sobre nosso corpo, assim como sobre as peculiaridades anatômicas e fisiológicas de cada sexo e sua maturação, sobre como se dá a fecundação, bem como sobre quais são os perigos das doenças sexualmente transmissíveis. Ao par dessas informações imprescindíveis, há muito mais do que falar: estão os temores relativos a ser ou não desejável, quanto a ser capaz de sentir prazer e como isso se faz, sente e expressa. As inseguranças quanto ao desempenho nessa intimidade tão sobrecarregada de expectativas públicas são tantas quanto ignoradas (...). A educação sexual é sempre difícil em função de entendermos pouco o que nos move na intimidade. Podemos até ter uma certa liberdade para viver nosso erotismo, mas faltam-nos palavras para falar a respeito.

Iniciamos este capítulo com a discussão sobre como as primeiras experiências sexuais (e não só as primeiras) são atravessadas por muitos enigmas. Defendemos, assim, a importância de que adolescentes tenham espaço para dialogar sobre as ansiedades, dúvidas, curiosidades, surpresas e desejos relacionados às primeiras experiências e às expectativas em torno das primeiras experiências. Consideramos também como embora não haja fórmulas e receitas, são muitos os referenciais, por exemplo em materiais midiáticos, que oferecem modelos sobre como essas experiências devem ou não devem ser. Discutimos, então, o conceito de roteiros sexuais, defendendo o quanto a forte presença de padrões de gênero e padrões heteronormativos nesses roteiros requer diálogo e reflexão sobre como as influências desses padrões tendem a ser restritivas e gerarem inseguranças e sofrimentos se a noção de que haveria um modelo único a ser seguido não for problematizada, com a valorização de como as expressões e relações são múltiplas e singulares.

Sobre os padrões de gênero, concepções de que a masculinidade seria equivalente a um desejo heterossexual sempre forte e presente, impulsivo, difícil de ser contido; assim

como concepções de que caberia às garotas e mulheres não apenas conter os próprios desejos, mas serem as responsáveis por conter os desejos de garotos e homens são concepções que naturalizam relações desiguais e violentas e influenciam tanto nas experiências sexuais, quanto nas experiências de consumo de álcool, quanto quando essas experiências se combinam.

É de intensa relevância, portanto, que abordagens educativas abranjam o enfrentamento às concepções desiguais e naturalizadas sobre os gêneros e valorizem como todas as pessoas são desejantes, sujeitos dos próprios desejos e têm direito à voz, à escolha, à expressão dos próprios desejos para que possam ser reconhecidas e respeitadas em como se expressam. O respeito ao “não” implica necessariamente o respeito ao “sim”, ou seja, para combater situações violentas em que a importância do consentimento é negligenciada, um movimento que precisa acontecer é o reconhecimento de que garotas e mulheres são também desejantes, com a problematização de noções tão arraigadas como a de que demonstrar desejos seria algo que desqualifica, que desvaloriza.

Os contextos de lazer e sociabilidade em que ocorre o consumo de bebidas alcoólicas são contextos em que aproximações, encontros, paqueras e envolvimentos podem acontecer. As dinâmicas de como as pessoas agem e interagem quando bebem, se aproximam, se encontram, paqueram e se envolvem sexualmente de forma alguma podem ser reduzidas às descrições sobre os efeitos do álcool no organismo. Abordarmos efeitos na atenção, na percepção, na coordenação motora, ao falarmos sobre o álcool, e sobre como usar adequadamente o preservativo, ao falarmos sobre sexualidade, são informações fundamentais, mas claramente insuficientes se nossa proposta é que as abordagens educativas sobre sexualidade e sobre bebidas alcoólicas sejam contextualizadas e relacionadas às experiências vividas pelas pessoas com quem atuamos.

Ao longo do capítulo discutimos sobre como na socialização de garotos e homens, há expectativas como a de iniciativa e de que demonstrem ativamente desejos; enquanto na socialização de garotas e mulheres, há uma tendência ao silenciamento do que sentem e desejam. Abordamos também como as bebidas alcoólicas são muitas vezes significadas como um recurso facilitador na dinâmica de expressão de desejos, inclusive consideradas como um substituto de outras motivações, como se ao beberem as pessoas pudessem se envolver atribuindo ao álcool, e não às próprias escolhas, o motivo do envolvimento. Haveria, assim, menos receios de julgamentos ou de implicações emocionais posteriores, quando as aproximações e relações acontecem sob o efeito de álcool.

As dinâmicas entre inibições e desinibições são muito presentes: é como se as bebidas alcoólicas fossem uma espécie de marcador simbólico para que as pessoas possam agir e interagir de forma menos preocupada, mais despreendida, com menos censuras e controles. Dizer coisas que não diriam sóbrias, fazer coisas que não fariam, se envolver com quem não se envolveriam são algumas das questões presentes nas experiências no geral que alcançam também as experiências de demonstrar interesses sexuais e se relacionar sexualmente.

Discutimos como é marcante a associação entre álcool, sexo e diversão, assim como expectativas de que a diversão seja relacionada à despreocupação, aos descontroles, aos excessos. Abordagens educativas sobre usos de bebidas alcoólicas e sobre sexualidade requerem, assim, uma discussão sobre a valorização dos excessos, para o diálogo sobre temas como o uso do preservativo e também sobre os padrões de masculinidade, em que além de beber muito ser visto como associado à diversão, é também situado como uma forma de demonstrar virilidade. A naturalização da associação entre masculinidade e agressividade é também um tema que precisa ser foco de problematização e desconstrução.

Aproximação entre as pessoas, conversas e interações mais desinibidas, despreocupação, facilitação da demonstração de interesse, paqueras, atrações, envolvimento, expectativas de intensificação das sensações prazerosas e de potencialização do desempenho; uso de preservativo, excessos como relacionados à diversão, prevenção e enfrentamento à violência: esses foram alguns dos aspectos identificados neste capítulo diante da associação entre sexualidade e usos de bebidas alcoólicas.

Com a análise dos materiais educativos, que será apresentada no sétimo capítulo, retomaremos a discussão sobre a importância da prevenção e do enfrentamento às diferentes formas de violência. Antes de abordarmos sobre sexualidade, bebidas alcoólicas e educação, discutiremos, no capítulo seguinte, um tema que reconhecemos como fundamental para a elaboração e o desenvolvimento de abordagens educativas: os prazeres.

Capítulo 5

Entre prazeres

Sensação agradável. Alegria. Contentamento. Satisfação. Divertimento. Deleite. Distração agradável. Fruição... Quando consultamos dicionários, nos deparamos com diferentes definições possíveis para a palavra prazer²¹⁶, que contribuem para reconhecermos como há experiências que são vividas como prazerosas porque satisfazem, outras porque estimulam, outras porque relaxam, outras porque divertem, outras porque apaziguam, outras porque distraem, outras porque envolvem. Como coloca Jurandir Freire Costa (2004, p. 91), ao indicar que o conceito de prazer não se refere a um afeto específico, mas remete a um amplo conjunto de fenômenos afetivos: “Os prazeres são plurais, mutáveis e de diversas ordens”.

Quando mencionamos o prazer como um elemento presente nas experiências e relações humanas e consideramos a busca por prazer como uma motivação, a que prazeres estamos nos referindo? Diante de como são variados os prazeres e como são variados os possíveis significados atribuídos aos prazeres, é interessante considerarmos que expressões como “prazer” e “busca por prazer” podem se tornar vagas e imprecisas.

Uma forma de conhecermos sobre os diferentes sentidos que podem se condensar na palavra prazer é conhecermos sobre a origem da palavra em diferentes línguas. No capítulo **The cultural contexts of pleasure**²¹⁷, Norman Sartorius (1999) discute como nas línguas derivadas do latim, como o português, o espanhol, o italiano e o francês, a palavra latina *placere* é uma raiz etimológica comum, relacionada à *placare*, que condensa sentidos como aplacar e satisfazer, saciar e apaziguar, realizar um impulso desejoso e confortar. Sartorius (1999, p. 49-50) apresenta também derivações em outras línguas:

²¹⁶ Podemos mencionar alguns exemplos:

1. Sensação agradável oriunda da satisfação de desejo, alegria, contentamento; 2. Boa vontade, agrado; 3. Satisfação sexual, gozo (HOUAISS, 2004, p. 588).

1 Alegria, contentamento, júbilo. 2 Deleite, gosto, satisfação, sensação agradável. 3 Boa vontade; agrado. 4 Distração, divertimento. 5 Emoção agradável que resulta da atividade satisfeita (MICHAELIS ONLINE, 2013, s/p).

1. Sentimento agradável que alguma coisa faz nascer em nós; 2. Deleite, gozo, delícia; 3. Gosto, desejo; 4. Alegria, contentamento; 5. Boa vontade, agrado; 6. Distração, divertimento (DICIONÁRIO PRIBERAN DA LÍNGUA PORTUGUESA ONLINE) 2013, s/p).

²¹⁷ Tradução nossa: “Os contextos culturais do prazer”.

(...) Em polonês, a palavra usada para descreve prazer carrega a noção de receber algo de valor. Em grego, prazer é descrito por uma palavra composta de dois termos, “boa” e “alegria” – uma “boa alegria”; as mesmas bases linguísticas são usadas para a palavra grega para “agradeço”, trazendo o conceito de prazer como próximo à noção de ter recebido algo. Em alemão, a palavra indica um impulso desejoso que foi correspondido; em croata, a palavra é próxima do significado de “vida” e então poderia ser interpretado como uma “intensificação do viver”. Em chinês, o pictograma para prazer mostra um tambor similar àqueles tocados para anunciar boas notícias. O prazer aqui então pode ter um significado mais amplo que em outras culturas, expressando a alegria sentida quando são recebidas boas notícias. Em japonês, a palavra deriva dos conceitos de alegria e relaxamento (...).(1)

Aplacar, satisfazer, confortar, saciar, receber algo valioso, uma boa alegria, desejo correspondido, intensificação do viver, notícias bem-vindas, relaxamento: é possível reconhecermos, pelas diversas origens e diversos sentidos do que hoje na língua portuguesa condensamos na palavra “prazer” como a proposta de estudar sobre prazeres envolve múltiplos e convidativos sentidos.

Entre diferentes definições, é possível nos perguntarmos: por que definir o prazer? Se é prazer, é agradável, é gostoso. Se é agradável e gostoso, é algo que motiva, é simples. Mas será que a aparente simplicidade não dificulta percebermos outros elementos que atravessam o que consideramos como prazer e como o que é considerado como prazer é buscado e vivido? Será que faz mesmo sentido falarmos sobre prazer, no singular, considerando como há muitos prazeres e como entre tantos prazeres não há como reduzi-los a uma única definição?

Entre os prazeres que desejamos e os prazeres que vivemos, entre os prazeres que valorizamos e os prazeres que nos são acessíveis, entre os prazeres que celebramos e os prazeres que reprovamos, entre os prazeres que dependem de nossas vontades e ações que os prazeres que nos surpreendem, que não estão ao alcance de nossos planejamentos nem de nossas intenções, é necessário reconhecermos como além de serem muitos os prazeres, são também muitas as formas de nos relacionarmos com os muitos prazeres que experimentamos, evitamos ou buscamos. São muitos os sentidos possíveis entre os muitos prazeres possíveis.

Neste capítulo, buscaremos percorrer alguns desses sentidos possíveis, principalmente a partir de análises feitas por autoras e autores de diferentes perspectivas sobre como os prazeres são buscados e experimentados na atualidade. Entre as diferentes perspectivas estão:

- a teoria crítica²¹⁸ – com as discussões de Christoph Türcke (2012) sobre a importância crescente atribuída atualmente à busca e a experimentação de sensações cada vez mais intensas, em uma dinâmica que pode ser analisada como similar à dinâmica do vício;
- a teoria *queer*²¹⁹ – com as discussões de Beatriz Preciado (2010) sobre o que há em comum entre a incitação aos prazeres promovida pelas lucrativas indústrias da pornografia e da farmacologia e sobre como as relações, as experiências sexuais e as construções subjetivas são hoje atravessadas por essa incitação;
- a sociologia da saúde – com as discussões de Alan Ehenberg²²⁰ (2007) sobre como os sofrimentos subjetivos hoje estão relacionados a um modelo inalcançável de prazer construído com a exaltação de expectativas de performance e realização individuais;
- a filosofia marxista – com as discussões de Leandro Konder²²¹ sobre as relações entre prazer e política;

²¹⁸ Segundo a definição apresentada na página do **Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Educação**, a Teoria Crítica tem como base as discussões de intelectuais marxistas não ortodoxos(as), principalmente as discussões que impulsionaram a fundação da Escola de Frankfurt na década de 1930, na Alemanha, com pesquisas sobre problemas filosóficos, sociais, culturais e estéticos gerados pelo capitalismo. As análises articulam o pensamento marxista com uma visão crítica de outros(as) autores(as) como Sigmund Freud. Mais informações estão disponíveis no endereço: <http://www.unimep.br/teoriacritica/index.php?fid=116&ct=2636>. Acesso em: 22 de março de 2018.

²¹⁹ No dossiê **Sexualidade disparatadas**, organizado por Richard Miskolci e Júlio Simões para a revista **Cadernos Pagu**, os estudos e políticas *queer* são apresentados a partir das possíveis traduções para o termo em inglês, que se refere ao que é visto como esquisito, estranho, excêntrico e anormal, usado muitas vezes como uma forma de xingamento e, com a perspectiva teórica, passam a ser ressignificados para a análise e a crítica às hierarquias e desigualdades sociais. A teoria *queer* teve origem em meados da década de 1980, quando grupos passaram a denunciar os efeitos normativos e excludentes das reações de governantes dos Estados Unidos ao crescimento da epidemia do HIV-Aids. No Brasil, a inserção da teoria *queer* tem se dado em diferentes campos de estudo, especialmente na educação, com a problematização sobre expectativas de assimilação à normatividade vigente e com a defesa da afirmação das diferenças (sexuais, de gênero, étnico-raciais, entre outras) como potentes politicamente.

²²⁰ Com a proposta de uma concepção antropológica da sociologia, Alain Ehenberg tem desenvolvido estudos sobre a articulação entre as classificações psiquiátricas de psicopatologias e mudanças que ocorrem nas individualidades contemporâneas, sobretudo com o estudo histórico do surgimento e da difusão do diagnóstico de depressão. Na entrevista **Depressão, doença da autonomia?** publicada na revista **Ágora** o autor dialoga sobre seu percurso e sobre suas principais ideias.

²²¹ Leandro Konder, filósofo marxista brasileiro, dedicou-se no decorrer de sua obra à difusão do marxismo e à defesa da construção do socialismo. Mais informações podem ser encontradas na entrevista **Não vejo alternativa ao capitalismo que não seja o socialismo**. Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/rodrigovianna/plenos-poderes/leandro-konder-nao-veja-nenhuma-alternativa-efetiva-ao-capitalismo-que-nao-seja-o-socialismo/>. Acesso em: 22 de março de 2018.

- a teoria psicanalítica²²² –com as discussões de autores(as) brasileiros(as) como Maria Rita Kehl (2009), sobre a relação entre os modelos ideais de felicidade e prazer com o aumento nas experiências de sofrimento que são classificadas como depressões; Benilton Bezerra Júnior (2010), sobre as influências da psiquiatria no que compreendemos como prazer e felicidade, como dor e sofrimento; de Jurandir Freire Costa (2004), sobre como a crescente importância moral dada às sensações influencia em como os corpos e as sociabilidades são vividos e significados; de Vladimir Safatle (2017), sobre a importância dos afetos para a investigação sobre as relações sociais e sobre as possibilidades de transformação política e de Luís Cláudio Figueiredo (2010), com a defesa de refletirmos e aprimorarmos nossas práticas de cuidado.

Antes de entrarmos nas discussões de cada autor(a), indicaremos no tópico seguinte algumas questões históricas sobre os deslocamentos dos sentidos atribuídos aos prazeres e à busca por prazeres.

5.1 Muito prazer!?

“Seja feliz!”, *“Divirta-se!”*, *“Aproveite!”*: recebemos, todos os dias, mensagens que ressaltam a importância da satisfação, da realização pessoal, do sucesso, do otimismo, do pensamento positivo, da disposição, da animação, da fruição prazerosa.

Diante de tamanha importância dada ao prazer, à felicidade e à diversão, parece haver uma interessante abertura para que a busca por aproveitar intensamente ganhe prioridade em nossas vidas, em nossos hábitos e nossas escolhas. No entanto, tal abertura não parece ser tão animadora assim se considerarmos como o convite para fruir de cada momento, de cada minuto, acaba por ganhar contornos de uma tarefa a ser cumprida, de uma exigência a ser correspondida, como se não sentir prazer fosse uma falha, um desvio

²²² A psicanálise, segundo seu fundador, Sigmund Freud, no texto **Dois verbetes de enciclopédia**, publicado originalmente em 1932: “é o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica”. Segundo a entrevista concedida pela psicanalista e historiadora da psicanálise Elisabeth Roudinesco ao jornal **Estadão**, o Brasil foi o primeiro país de implantação da psicanálise freudiana na América Latina e o país de destaca por um intenso diálogo entre diferentes vertentes teóricas da própria psicanálise e outros campos do conhecimento científico e também de diferentes propostas de análise social e política. A entrevista está disponível no endereço: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,psicanalise-e-a-medicina-da-alma-do-nosso-seculo,437434>. Acesso em: 22 de março de 2018.

a ser corrigido, como se para além de uma possibilidade, a felicidade se convertesse em um imperativo²²³.

Em nome da idealização de uma vida repleta de prazeres, felicidade e bem-estar, tornam-se escassos os espaços para o reconhecimento e a elaboração de conflitos, angústias e dificuldades. Os esforços para eliminar ou ao menos evitar perturbações e sofrimentos acabam por se tornar contraditórios, por como há uma grande distância entre a plena fruição buscada e a fruição que é de fato possível. Nas palavras de Pascal Bruckner (2002, p. 14)²²⁴:

Seja feliz! é um imperativo que, por trás da aparência de amabilidade se revela uma terrível injunção paradoxal, um comando ao qual é difícil escapar. É como se a felicidade esperada fugisse à medida em que se corre atrás dela, de modo que a promessa de satisfação passa a ser vivida como um débito com uma divindade sem rosto, que nunca é possível saldar.

“Nos tornamos a primeira sociedade da história em que as pessoas sentem-se infelizes por não serem suficientemente felizes”, afirma Bruckner (2002, p. 47). Para compreendermos a crescente valorização do prazer, o autor indica que é interessante considerarmos as mudanças que aconteceram principalmente a partir da segunda metade do século XX. Enquanto ideais de renúncia, sacrifício e adiamento dos prazeres recebiam grande destaque no processo de emergência e de consolidação do modo de produção capitalista, com a ênfase na concentração de esforços no trabalho, nas últimas décadas o consumo passou a receber uma centralidade cada vez maior e a incitação ao consumo foi movida e mesclada pela incitação para que a vida seja vivida intensamente, com muita diversão, muito prazer.

Considerando a contínua incitação ao consumo, a ampla difusão da publicidade foi um movimento potencializado e potencializador da valorização da associação entre consumo e prazer. No capítulo **Uma história da construção do direito à felicidade no Brasil** Denise Sant’Anna (2010) apresenta um histórico dos apelos aos prazeres nos anúncios publicitários brasileiros e indica como, até a década de 1920, eram raros os anúncios que utilizavam palavras positivas, que remetessem a sensações agradáveis e

²²³ A questão das expectativas, ideais e exigências relacionadas à fruição prazerosa foi tema do capítulo **O prazer como imperativo** de minha dissertação de mestrado: **Muito prazer? Discussões sobre sexualidade, gênero e educação sexual a partir da análise de revistas femininas e masculinas** (PASTANA, 2014).

²²⁴ No livro **A euforia perpétua: ensaios sobre o dever da felicidade**, Pascal Bruckner (2002) problematiza como é desconcertante que a busca por um ideal de plena felicidade possa culminar justamente no seu contrário, por como são intensas as inseguranças, culpas, cobranças e insuficiências suscitadas por como é inalcançável esse ideal.

prazerosas. No começo do século, eram predominantes os discursos drásticos ou mesmo amedrontadores, como nas propagandas de remédio que veiculavam “desenhos de feridas horripilantes, semblantes transtornados por dores e padecimentos insuportáveis (...). Caveiras e outras alusões à morte faziam parte do cotidiano” (SANT’ANNA, 2010, p. 193). Em contraposição à ênfase dada para os males, a segunda metade do século XX foi marcada por um alarde em torno da felicidade, representada como um direito:

(...) esse delicioso direito, que também consiste num implacável dever, tornou-se um desejo de massa e de marca mundialmente requerido. (...) Nesse sentido os brasileiros não seriam os únicos a perseguir uma alegria sem contrários, um bem-estar infinito, um prazer físico inesgotável e suscetível de se atualizar em qualquer idade da vida. A busca por sensações prazerosas tornou-se um investimento mundialmente sério (...) (SANT’ANNA, 2010, p. 191).

Houve, assim, um deslocamento da renúncia do prazer enquanto dever para o prazer enquanto direito, que se desloca, por sua vez, muitas vezes para como sentir prazer passa a ser experimentado como uma expectativa, um imperativo, como um dever.

Como discutimos no capítulo **Entre verdades e desafios**, a palavra repressão é, geralmente, associada a significados como proibições, reprovações e interdições, de modo que exemplos de posturas repressivas seriam a negação, a condenação e o cerceamento dos prazeres. Entretanto, diante da exaltação da necessidade de uma vida prazerosa que se tornou tão difundida atualmente, é importante reconhecermos o quanto a imposição de ideais inalcançáveis e a transmissão de modelos padronizados sobre como o prazer, a felicidade, o sucesso e o bem-estar devem ser sentidos e perseguidos podem também ser processos bastante repressivos. Trata-se de uma espécie de repressão às avessas: a culpa, a ansiedade e a insegurança acompanham não tanto a realização de prazeres impróprios, condenáveis, proibidos, mas cada vez mais a sensação de distância diante de todos os prazeres que as pessoas acreditam que deveriam conseguir alcançar, que deveriam conseguir sentir.

O prazer como dever é transmitido por meio de imagens sedutoras de sucesso, diversão, felicidade, realização, satisfação, o que dificulta o reconhecimento sobre como os modelos ideais se convertem em exigências e atuam de forma repressiva. Mas, para buscar corresponder a esses modelos ideais, são mobilizados muitos esforços e investimentos. A repressão pode se dar de modo ainda mais intenso justamente por ser sutil. Maria Rita Kehl (2009) também aponta como com a valorização do prazer que os modelos e padrões carregam, torna-se difícil identificá-los como repressivos:

Os ideais parecem não exigir das pessoas mais do que a disposição de usufruir dos prazeres do presente, de cultivar o corpo e entregar-se às fantasias associadas aos apelos do consumo (...). É difícil, até mesmo para os críticos e descontentes, imaginar as condições de superação de uma ordem social sustentada bem menos por estratégias de interdição do que por estratégias de sedução (KEHL, 2009, p. 95; 101).

Outro deslocamento refere-se a como enquanto em outros momentos históricos foi predominante a noção do prazer como sorte, como algo derivado da combinação aleatória de fatores imprevisíveis e incontroláveis, recentemente passamos para uma noção cada vez mais ressaltada do prazer como mérito, como fruto de esforços e competências. **A felicidade ao seu alcance: que felicidade, e ao alcance de quem, afinal?** é uma questão que dá título ao capítulo de Vera França (2010, p. 217), no qual a autora apresenta um percurso de como diferentes concepções sobre felicidade, antes predominantemente articuladas a significados coletivos, deram lugar a como a felicidade é concebida hoje como uma experiência cada vez mais individualizada:

E qual é a felicidade que se busca hoje, qual é o conteúdo que ela se apresenta? Não se trata mais da vida de boa qualidade no seio da polis, não é a salvação da alma e o alcance da vida eterna, não está na construção de um mundo novo onde todos possam ser felizes: ela está ‘dentro de cada um’, ‘ao alcance de cada um’, e é resultado de um investimento pessoal. Esta é a privatização da felicidade que alcançamos nas últimas décadas, significando um direito, mas também um dever que nos impulsiona e nos atormenta.

Há a transmissão contínua de mensagens sobre como tudo é possível, nada impede que as pessoas vivam como desejam, desde que se concentrem, se motivem, se dediquem. Caso se deparem com situações de fracasso, os desânimos e frustrações devem ser interpretados como falhas, como fraquezas individuais. O que importa é a determinação, a força de vontade, a disposição permanente para a superação.

Da noção do prazer como mérito se desdobra a noção do prazer como condição para o sucesso: pessoas que trabalham com prazer seriam mais produtivas; pessoas que estudam com prazer aprenderiam mais; o prazer nas relações afetivas, principalmente o prazer sexual, seria uma espécie de termômetro para os níveis de intimidade e satisfação dos casais; o prazer nas atividades do dia-a-dia seria condição básica para a realização pessoal e para uma vida saudável.

Administrar a vida de forma competente associa-se, portanto, ao controle: controle para manter-se emocionalmente forte; controle dos próprios pensamentos para estar sempre otimista; controle para minimizar os sofrimentos; controle para potencializar as performances; controle da imagem de si que é transmitida, uma imagem que deve reforçar

a impressão de satisfação, de sucesso. A felicidade torna-se, assim, algo a ser exibido, ostentado. Como analisa Benilton Bezerra Júnior (2010):

À primeira vista, parecemos viver em uma sociedade na qual imposições e obrigações saíram de fato do cenário em que circulamos. Num segundo exame, porém, o cenário é outro: a injunção superegoica não desapareceu, apenas mudou de face na organização do laço social. Se antes aparecia sob a forma de *interdição* que impunha limites claros e rígidos ao excesso de gozo, hoje surge sob o modo invertido de *incitação* ao gozo. O indivíduo torna-se um gestor de si. A felicidade, que era uma aspiração, tornou-se um dever.

O que antes era uma *reivindicação* contra uma ordem social repressora (exercício da autonomia, afirmação da singularidade, realização pessoal, direito à diferença, busca do prazer) transformou-se – paradoxalmente, numa sociedade em que a autonomia do indivíduo tornou-se valor central – um *imperativo*, um padrão em relação ao qual sucesso e fracasso, desvios e déficits são mensurados e ganham significação.

Aparentemente hedonista, esta sociedade acaba impondo aos sujeitos um esforço incessante para se manterem à altura de expectativas – de performance física, mental e social – que não conseguem atender (BEZERRA JÚNIOR, 2010, p. 118-119, grifos do original).

Há na análise de Bezerra Júnior (2010) dois conceitos recorrentes nas análises de diferentes autores(as) sobre os sentidos dados ao prazer atualmente: o conceito de superego ou supereu²²⁵ (presente na ideia de injunção superegoica) e o conceito de gozo²²⁶.

O conceito de supereu é utilizado em psicanálise em referência a uma instância psíquica cujo papel é o de avaliação, de censura, que observa e julga se o eu está ou não à altura das exigências internalizadas no decorrer dos processos de socialização. Enquanto os julgamentos e censuras tendem a ser associados às proibições e restrições

²²⁵ No **Dicionário de Psicanálise**, a definição apresentada por Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (1998, p. 744) é: “Conceito criado por Sigmund Freud para designar uma das três instâncias da segunda tópica, juntamente com o eu e o isso. O supereu mergulha suas raízes no isso e, de uma maneira implacável, exerce as funções de juiz e censor em relação ao eu. No Brasil também se usa ‘superego’”.

²²⁶ Também no **Dicionário de Psicanálise**, a definição para gozo é: “(...) o termo gozo tornou-se um conceito na obra de Jacques Lacan. Inicialmente ligado ao prazer sexual, o conceito de gozo implica a ideia de uma transgressão da lei: desafio, submissão ou escárnio. (...) Lacan estabelece uma distinção essencial entre prazer e gozo, residindo este na tentativa permanente de ultrapassar os limites do princípio de prazer” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 299-300). Para notarmos as diferenças entre o conceito de prazer e o conceito de gozo, é interessante considerarmos como esclarece Juan-David Nasio (2001, p. 40): “No prazer trata-se de uma diminuição da tensão psíquica, no sentido do repouso e da distensão. O gozo, por sua vez, consiste numa manutenção ou num vivo aumento da tensão. (...) Tomemos o exemplo da brincadeira infantil: existe gozo na criança que, cercada de coleguinhas, sobe num telhado íngreme e se deixa embriagar pelo risco de cair. Isso é da ordem do desafio. Ela goza não apenas com o desafio lançado a seus semelhantes, mas com o fato de pôr à prova seus próprios limites. O prazer é exatamente o contrário. Suponhamos essa mesma criança, agora relaxada, deixando-se embalar pelo movimento agradável de um balanço. Tudo nela está em repouso e descontração. Mas se, ao se balançar, ela é subitamente tomada pela vontade de conhecer o ponto limite que é capaz de atingir, mesmo com o risco de virar no vazio, o que ressurgir é o gozo”.

internalizadas, cabe também ao supereu a tarefa de avaliar o quanto há correspondência ou não em relação aos ideais, aos modelos internalizados. Como afirma Kehl (2009, p. 31): “(...) É pela via das exigências superegoicas que o *eu (moi)* tenta realizar seus ideais, que, por sua vez, não provêm de outro lugar senão das formas da cultura que o indivíduo habita”.

Os conceitos de gozo e de imperativo de gozo²²⁷, tal como proposto pelo psicanalista francês Jacques Lacan, tem sido privilegiado em análises sobre a centralidade ocupada pela incitação aos prazeres (e não quaisquer prazeres) na atualidade. Como discute Nina Saroldi (2015) no livro **O mal-estar na civilização: as obrigações do desejo na era da globalização**:

Lacan foi, no campo da psicanálise, o primeiro a investigar e analisar a mudança sofrida pelo imperativo do supereu, que de interditor do gozo passou a ser o seu mandante: “Goza!”. *Grosso modo*, o gozo para Lacan não significa o usufruto dos bens de que alguém dispõe, nem a satisfação sexual cumprida; ele é, antes, um tipo estranho de satisfação que não leva em conta os interesses de preservação do eu, que incita o sujeito a ir além do seu bem-estar. Em relação ao prazer, o gozo sempre se manifesta como excessivo, um parente muito próximo da dor (SAROLDI, 2015, p. 136).

Em contraposição a explicações sobre o prazer de um ponto de vista utilitarista (exemplo: os prazeres são úteis à sobrevivência, como os prazeres da saciação da fome, da sede, do sono e do sexo), funcionalista e produtivista (como nos cálculos sobre que escolhas funcionam melhor para potencializarem prazeres e minimizarem desprazeres), Lacan teve como inspirações as formulações de Georges Bataille acerca do erotismo e a importância dada por Sigmund Freud aos conceitos de compulsão à repetição e a pulsão de morte para propor o conceito de gozo como aquilo que não cabe em definições de cálculo e utilidade: os excessos, as transgressões, as desmesuras. Ao invés do prazer

²²⁷ Como se dá o imperativo de gozo? Em **Como ler Lacan**, Slavoj Žižek (2010, p. 100) conta uma história ilustrativa sobre como atuam as injunções superegoicas predominantes atualmente: “Pense na situação que a maioria de nós conhece de nossa infância: a pobre criança que, numa tarde de domingo, tem de visitar a avó em vez de ter a permissão para brincar com os amigos. A mensagem do pai antiquado e autoritário para a criança relutante teria sido: ‘Não me importa o que você sente. Simplesmente cumpra o seu dever, vá à casa da sua avó e comporte-se lá’. Nesse caso, a situação da criança não é nada má: embora obrigada a fazer algo que claramente não quer, conservará sua liberdade interna e a capacidade de (mais tarde) se rebelar contra a autoridade paterna. Muito mais difícil teria sido a mensagem de um pai ‘não autoritário’ pós-moderno: ‘Você sabe como sua avó o ama! Mesmo assim, não quero obrigá-lo a nada – vá apenas se realmente quiser!’. Todas as crianças que não sejam tolas (isto é, a maioria delas) reconhecerão imediatamente a armadilha dessa atitude permissiva: sob a aparência da livre escolha há uma exigência ainda mais opressiva que aquela formulada pelo pai autoritário tradicional, a saber, uma injunção implícita não só de visitar a vovó, mas de fazê-lo voluntariamente, pela livre vontade da criança. Uma falsa livre escolha como essa é a injunção obscena do supereu: ela priva a criança até de sua liberdade interior, prescrevendo não só o que deve fazer, mas o que deve querer fazer”.

sensato, saudável, útil e produtivo, o gozo como prazer excessivo²²⁸, incontido, desmedido.

As formulações sobre qual o lugar do prazer na vida psíquica são um eixo que atravessa diferentes momentos da construção da teoria psicanalítica. Nesse sentido, é interessante conhecermos sobre algumas discussões sobre o prazer realizadas pelo fundador da psicanálise, Sigmund Freud. Em um momento que ficou conhecido como uma “virada”²²⁹ nas concepções da psicanálise sobre a dinâmica do psiquismo, a publicação do livro **Além do princípio do prazer**, Freud (1920, 2010) afirma, nas frases iniciais:

Na teoria da psicanálise não hesitamos em supor que o curso tomado pelos eventos mentais está automaticamente regulado pelo princípio do prazer, ou seja, acreditamos que o curso desses eventos é invariavelmente colocado em movimento por uma tensão desagradável e que toma uma direção tal, que seu resultado final coincide com uma redução dessa tensão, isto é, com uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer (FREUD, 1920/2010, p. 4).

As primeiras frases do livro já explicitam elementos importantes sobre a compreensão psicanalítica acerca do prazer: (1) a concepção do prazer como uma redução do desprazer, ou seja, uma redução do que é experimentado como tensão desagradável e (2) a concepção de que há uma tendência à redução da tensão, chamada de princípio do prazer, como uma tendência que regula a vida psíquica.

Em seguida, Freud (1920/2010, p. 4) afirma que as evidências para essas formulações derivam da experiência da clínica psicanalítica, dizendo: “Chegamos a essas suposições especulativas numa tentativa de descrever e explicar os fatos da observação diária em nosso campo de estudo”. O argumento sobre a marcante frequência das evidências clínicas sobre a importância do prazer e do desprazer na dinâmica da vida psíquica é também acompanhado por uma lamentação:

(...) prontamente expressaríamos nossa gratidão a qualquer teoria filosófica ou psicológica que pudesse informar-nos sobre o significado dos sentimentos de prazer e desprazer que atuam tão imperativamente sobre nós. Contudo, quanto a

²²⁸ Excessos, aqui, não correspondem ao que é quantitativamente muito, mas o que resiste a quantificações. Como na “improdutividade” da festa, do jogo, que embora possam ser considerados desperdícios em uma perspectiva utilitarista, são importantes experiências humanas. O gozo refere-se, assim, à dimensão dos prazeres que “não servem pra nada”. Como exemplifica Vladimir Safatle (2017, p. 71): “A atividade sexual seria um exemplo privilegiado de atividade improdutivo, de excesso e de dispêndio sem finalidade”.

²²⁹ Na tese **Representação e afeto no segundo modelo tópico e pulsional freudiano**, Érico Bruno Viana Campos (2009) analisa as reformulações que ocorreram na metapsicologia freudiana a partir da década de 1920, como a reformulação do dualismo pulsional (de pulsões sexuais e pulsões de autoconservação para pulsões de vida e pulsões de morte) e outras influências da introdução de conceitos como narcisismo e compulsão à repetição.

esse ponto, infelizmente nada nos é oferecido para nossos fins (FREUD, 1920/2010, p. 4).

As indagações de Freud acerca de quão imperativos são os sentimentos de prazer e desprazer na vida psíquica o acompanham em outros momentos importantes das formulações psicanalíticas, como no livro **O mal-estar na civilização**, publicado dez anos depois:

A questão do propósito da vida humana já foi levantada várias vezes; nunca, porém, recebeu resposta satisfatória e talvez não a admita (...). Como vemos, o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que o seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto o macrocosmo quanto com o microcosmo (...) (FREUD, 1930/2010, p. 9).

Por que estaria o programa do princípio do prazer em desacordo com o “mundo inteiro”? Porque por mais importante e persistente que seja a busca por prazer nas experiências humanas, afirma Freud, “Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas” (FREUD, 1930/2010, p. 9). Se o princípio do prazer refere-se à busca pela eliminação do desprazer, e a eliminação do desprazer corresponde ao alívio total das tensões, tal busca revela-se impossível, por como as tensões nunca cessam, ao menos enquanto houver vida. É o que comenta Juan-David Nasio (1997, p. 34-35), ao argumentar por que não considera tal concepção sobre a impossibilidade de obtenção do prazer buscado uma visão pessimista:

(...) Sabemos que esse sistema é regido pelo princípio de prazer/desprazer, que apresenta a premissa segundo a qual o psiquismo está constantemente submetido a uma tensão que ele procura descarregar, sem nunca conseguir completamente. Enquanto que o estado permanente de tensão se chama “desprazer”, a descarga incompleta e parcial de tensão se chama “prazer”, prazer parcial. (...) Entretanto, afirmar que a tensão psíquica continua sempre viva, e até penosa, que o desprazer domina ou que nossos desejos ficam insatisfeitos não exprime, de modo algum, uma visão pessimista do humano. Pelo contrário, esse enunciado equivale a declarar que ao longo de nossa existência estaremos, felizmente, em estado de carência. Digo felizmente porque essa carência, vazio sempre futuro que atija o desejo, é sinônimo de vida.

A noção de que a busca por prazer, ou seja, pelo alívio de tensões desprazerosas, seria como um motor para a vida psíquica estava presente no pensamento de Freud já em obras consideradas como anteriores ao surgimento da psicanálise, como no **Projeto para uma psicologia científica**, publicado em 1895. Enquanto é possível reagir ou fugir de estimulações provindas do exterior com respostas reflexas, diante de excitações internas

não é possível escapar, de forma que a tensão nunca se esgota, e é “essa tensão penosa que o aparelho psíquico tenta em vão escoar, sem nunca chegar verdadeiramente a fazê-lo, que Freud denomina *desprazer*” (NASIO, 1999, p. 19, grifo do original).

Como o aparelho psíquico tenta em vão escoar a tensão penosa? É em busca dessa resposta que são formulados os conceitos de processos primários e processos secundários.

Os processos primários correspondem aos caminhos mais fáceis, rápidos e imediatos de busca pela obtenção do prazer: por exemplo, diante da tensão desagradável suscitada pela fome, é possível alucinar o momento de satisfação, alucinar que há leite.

Já os processos secundários requerem o adiamento do prazer imediato, mas são processos que tornarão possíveis a modificação das circunstâncias: o pensamento, a atenção, o juízo, a concentração, a memória. Enquanto os processos primários obedecem diretamente ao princípio do prazer, os processos secundários estão relacionados ao chamado princípio de realidade. Como explica Bezerra Júnior (2015, p. 47-48):

Entre as noções propostas no *Projeto*, as de processo primário e processo secundário estão entre as que mais tiveram importância para a teoria psicanalítica. A oposição entre eles reverbera a distinção entre princípio do prazer e princípio de realidade (...). Os processos primários são aqueles não inibidos pelo Eu, e que acabam levando à experiência de alucinação do objeto ou à defesa primária. (...) (...). Os processos secundários, regidos pelo princípio da realidade, surgem a partir do momento em que se torna possível lidar de maneira não automática com o aumento das excitações, possibilitando que a inibição da descarga imediata abra espaço para que seu escoamento se dê na direção mais adequada, evitando assim a frustração inevitavelmente provocada na experiência alucinatoria do objeto de desejo. São, assim, essenciais à sobrevivência do indivíduo diante das exigências da vida. Entre os processos secundários viabilizados pela atividade do Eu se encontra o pensamento.

O princípio da realidade, que se contrapõe ao princípio do prazer, é o princípio que se refere às satisfações possíveis, como afirma Kehl²³⁰ (2002, p. 99):

O que chamamos normalmente de prazer, no sentido dos pequenos prazeres que nos concedemos no dia a dia, é justamente o que alimenta a tensão vital, o que se ergue contra a tendência ao repouso do princípio do prazer, ainda que sua qualidade também seja a de promover pequenas descargas psíquicas; são descargas parciais, no entanto.

O princípio de realidade, é, assim, chamado por Kehl (2002, p. 91) de “princípio do prazer possível” por ser relacionado à possibilidade de modificações concretas nas relações e nas circunstâncias. Enquanto a demanda por satisfação total do princípio do

²³⁰ No livro **Sobre ética e psicanálise**, Maria Rita Kehl (2002) discute como o conceito de prazer, articulado ao princípio da realidade, indica para um valor ético no pensamento freudiano, por como “O princípio da realidade, princípio do prazer possível, nasce da articulação do desejo com o pensamento e com as marcas do real” (KEHL, 2002, p. 92).

prazer suscita antes angústia do que prazer, o princípio da realidade permite o trabalho psíquico que viabilizará caminhos substitutos para o prazer total que, embora persistentemente visado, é irrealizável.

Por que o princípio da realidade pode também ser chamado de princípio do prazer possível? Porque são processos como o pensamento, a atenção, a concentração, o raciocínio, o juízo e a memória que contribuem para que possa haver de fato ações que gerem mudanças que permitam o alcance dos prazeres. A busca por prazeres imediatos é assim adiada para a construção de caminhos para que prazeres possam ser alcançados, não o prazer da descarga total, mas os prazeres das descargas parciais, parciais e possíveis.

Entre prazeres e desprazeres, entre impulsos e renúncias, entre as exigências impulsivas e as exigências da realidade, entre o imediato e o adiado, entre o desejo e as resistências, entre o alívio total impossível e os alívios parciais possíveis, entre *eros* e *thanatos*, a teoria psicanalítica tem assim nos conflitos e ambivalências elementos centrais para a compreensão sobre o humano, o que se reflete na formulação de dualismos (como princípio do prazer/princípio de realidade; consciência/ inconsciente; pulsões sexuais/ pulsões de autoconservação; pulsões de vida/pulsões de morte) como base para as diferentes proposições ao longo da obra de Sigmund Freud sobre a dinâmica da vida psíquica.

Tais formulações indicam como para a psicanálise não faz sentido equivaler a compreensão sobre uma vida prazerosa como aquela em que não há faltas. Não há uma individualidade fechada e autossuficiente que funciona bem desde que nada externo a perturbe: ao contrário, são as trocas com outras pessoas e com o mundo e a constante tensão proveniente dessas trocas que tornam a vida, vida. Admitirmos a importância que os prazeres e desprazeres ocupam na dinâmica da vida psíquica implica também admitirmos o quanto essa dinâmica é, necessariamente, permeada por divisões, por contradições, por ambivalências e por conflitos.

Retomaremos a associação entre vida psíquica, busca por prazer e conflitos em alguns momentos ao longo deste capítulo, sobretudo quando apresentarmos as discussões de autores(as) da psicanálise que buscam pensar sobre como se dão nossas experiências e relações atualmente, como Maria Rita Kehl, Jurandir Freire Costa, Vladimir Safatle, Benilton Bezerra Júnior e Luís Cláudio Figueiredo.

5.2 Os prazeres e a delicadeza psíquica

Diante da idealização do prazer, do bem-estar, da felicidade e da diversão, pode parecer contraditório que essa valorização não se reflita nas experiências vividas, em como as pessoas relatam sobre as próprias vidas e sobre como predominantemente se sentem. Ao discutir sobre o significativo aumento dos diagnósticos psiquiátricos de depressão²³¹, Maria Rita Kehl (2009) chama a atenção para como lado a lado com a centralidade dada para modelos de uma vida feliz e prazerosa há a expectativa de que tristezas, dores e conflitos sejam eliminados ou ao menos evitados, com um esvaziamento das possibilidades de reconhecimento e elaboração dos sofrimentos com que as pessoas inevitavelmente se deparam ao viverem. Nas palavras da autora: “Não há, entre os discursos hegemônicos da vida contemporânea, nenhuma referência valorativa dos estados de tristeza e da dor de viver, assim como do possível saber a que eles podem conduzir” (KEHL, 2009, p. 16).

As exigências de aceleração e produtividade que marcam as relações sociais contemporâneas fazem com que fantasias, devaneios, emoções e desejos conflituosos ou imprecisos sejam vistos como um desperdício, como inconvenientes distrações.

Com a pressa e a pressão para que o bem-estar seja garantido e as perturbações sejam eliminadas, são os sentidos que se esvaziam, é o movimento de elaborar e apropriar-se do vivido que se esgota, já que as possibilidades de criação de significados tornam-se desprovidas de sua principal matéria-prima: a imaginação desejan-te.

A escassez de espaços para o reconhecimento e a elaboração do que é sentido consiste, assim, em uma condição propícia para o esgotamento subjetivo, solo fértil para o desenvolvimento de quadros psíquicos denominados hoje como depressivos.

Quando a dimensão subjetiva é cerceada por tantas exigências de resultados bem-sucedidos imediatos, há um estreitamento, um achatamento, que leva a uma generalizada descrença em possibilidades de transformação.

Ao abordar como o esvaziamento de sentidos caracteriza muitas das experiências psíquicas atualmente, Kehl (2009) menciona como são frequentes os relatos de pacientes

²³¹ No capítulo **Depressão, temporalidade, sintoma social** do livro **O tempo e o cão: a atualidade das depressões** Maria Rita Kehl (2009) discute como enquanto as pacientes históricas representavam um grupo numeroso e ruidoso no contexto do início da psicanálise no século XIX, as depressões seriam hoje expressões do sintoma social contemporâneo, em um século em que a velocidade, a euforia, o exibicionismo, a competitividade e as expectativas de adaptação, saúde e bem-estar são tão acirrados. A autora cita dados da Organização Mundial da Saúde sobre 121 milhões de pessoas no mundo terem o diagnóstico de depressão e sobre os transtornos depressivos serem situados hoje entre as principais causas de morbidade e incapacitação.

que chegam à clínica e apresentam sentimentos de vazio, lentidão, abatimento e falta de perspectivas. Frequentes são também as ofertas de tratamento exclusivamente medicamentosos, como se as experiências de sofrimento fossem uma espécie de déficit a ser reparado quimicamente, sem que questões subjetivas recebam atenção²³².

Quando o sofrimento psíquico é concebido como uma espécie de falha a ser compensada ou corrigida, não como um elemento que inevitavelmente faz parte das experiências humanas, perde-se de vista, nas palavras de Kehl (2009, 7), como há na vida psíquica uma “delicadeza inesgotável” que acaba por ser negligenciada por um vocabulário de funcionamento, regulação e manutenção tão marcante no que é idealizado hoje nos modelos de saúde, prazer e sucesso:

(...) A aliança entre os ideais de precisão científica e de eficiência econômica produz uma versão fantasiosa da vida humana como um investimento no mercado de futuros, cujo sentido depende de se conseguir garantir, de antemão, os ganhos que tal investimento deverá render. É evidente que, de acordo com a lógica adjacente a esse projeto, o campo incerto da subjetividade, tributário do movimento errante do desejo inconsciente, deve ser reduzido à sua dimensão mais *insignificante* a fim de que nenhum rodeio inútil se interponha entre cada projeto de vida e sua meta final. Tal desvalorização dos meios (e dos rodeios, dos descaminhos, da errância e de todas as formas de digressão que permitem certo desfrute desinteressado do tempo) em prol de uma finalidade urgente e inquestionável favorece o sentimento genuinamente depressivo de desvalorização da vida (...) (KEHL, 2009, p. 56).

Não há sentido inerente à vida, para que o vivido possa ser dotado de sentido, é necessário trabalho psíquico, é necessária a criatividade.

(...) O projeto pseudocientífico de subtrair o sujeito – sujeito de desejo, de conflito, de dor, de falta – a fim de proporcionar (...) uma vida sem perturbações acaba por produzir exatamente o contrário: vidas vazias de sentido, de criatividade e de valor. Vidas em que a exclusão medicamentosa das expressões da dor de viver acaba por inibir, por tornar supérflua, a riqueza do trabalho psíquico – o único capaz de tornar suportável e conferir algum sentido à dor inevitável diante da finitude, do desamparo e da solidão humana (KEHL, 2009, p. 53).

Kehl (2009) propõe que as depressões sejam compreendidas como um sinal de alarde, considerando como as tristezas, desânimos e dores têm sido silenciados, vistos como intoleráveis em uma sociedade que de forma maníaca exalta a euforia como única forma desejável de viver.

²³² Kehl (2009) realiza a discussão sobre como grande parte dos investimentos dos laboratórios farmacêuticos em publicidade não é direcionado para a divulgação de informações sobre os remédios disponíveis, mas para a divulgação de critérios diagnósticos cada vez mais amplos acompanhados de prescrições de psicofármacos de acordo com os variados quadros diagnosticados. As estratégias publicitárias incluem não só panfletos e outros materiais com informações sobre esses critérios, mas a promoção de eventos e o financiamento de publicações na área.

5.3 Os prazeres e o culto da performance

A reflexão sobre o aumento nos quadros de sofrimento psíquico diagnosticados como depressão é também realizada pelo sociólogo Alain Ehenberg (2010)²³³, que analisa como as palavras-chave para compreendermos os mecanismos de controle subjetivo deixam de ser renúncia, sacrifício e adequação e passam a ser motivação, empreendimentos e realização.

Aprimorar-se, transformar-se, reinventar-se: quando a abertura a múltiplas possibilidades de fruição, de conquista e de sucesso tomam o lugar da norma a ser alcançada, os sofrimentos predominantes deixam de ser a culpa ou a vergonha pelos julgamentos negativos diante do que se fez e passam a ser a insegurança e a insuficiência pelos julgamentos negativos diante do que não se fez, do que não foi possível ser feito ainda que os ideais transmitam continuamente a mensagem de que querer é poder, de que tudo é possível.

No lugar de cobranças por contenções e inibições, exigentes expectativas de iniciativa e ação. O controle de si passa a ser acionado não como meio de restringir-se, mas de expandir-se, de recriar-se, como se a mais importante tarefa a ser cumprida fosse conquistar para si a vida feliz, realizada e bem-sucedida que se sonha ter. Mas como nem tudo está ao nosso alcance, é justamente na distância entre o que se idealiza e o que pode ser concretizado que as ansiedades, frustrações e sensações de inadequação proliferam. Ehenberg (2010) analisa tanto os diagnósticos de depressão quanto os de adicção a partir dessa discussão sobre a centralidade dada à iniciativa e à realização pessoal:

Depressão e adicção são nomes dados ao incontrolável, ao que encontramos quando paramos de falar sobre ganharmos nossa liberdade e começamos a nos dedicar em nos tornarmos nós mesmos(as) e termos iniciativa para a ação. Elas nos lembram que o desconhecido é parte de toda pessoa – e que sempre foi. Pode mudar, mas não desaparecer: isso é porque nós nunca deixamos o campo humano (EHENBERG, 2010, p. 17) (2).

A expansão da comercialização de psicofármacos levou a debates sobre como estaria sendo alimentada uma procura pela “pílula da felicidade”. Ehenberg (2007) argumenta que não é bem a felicidade que está em questão, mas a iniciativa: os

²³³ No livro **The weariness of the self: diagnosing the history of depression in the contemporary age**, Alain Ehenberg (2010) apresenta o percurso histórico de surgimento e consolidação do diagnóstico de depressão relacionando-o com o deslocamento entre uma sociedade regida por modelos disciplinares para uma sociedade em que vigora a incitação à iniciativa individual e à fruição prazerosa.

tratamentos medicamentosos são buscados como potencializadores da disposição para agir, como uma espécie de tonificantes do humor, da concentração, do desempenho.

São sintomas como inibição, lentidão e imobilidade que costumam ser situados como passíveis de tratamento. Enquanto quando vigoravam culturalmente proibições e censuras as inibições não geravam grande estranhamento, em uma cultura em que o desempenho é colocado como principal critério de realização as inibições passam a ser vistas como expressões de sofrimento psíquico passíveis de intervenções.

Não se trataria, portanto, apenas de uma busca por prazer via substâncias, mas sim, da busca pelo alívio da responsabilidade por como a disposição, o desempenho e os resultados são medidos por parâmetros cada vez mais inalcançáveis²³⁴.

(...) Na verdade, os medicamentos psicotrópicos exprimem a busca alucinada pelo controle quando a relação com o outro, compreendendo nisso as formas da solidariedade, é cada vez mais considerada sob o ângulo da concorrência: eles permitem estimular-se ou acalmar-se para ser competitivo e de mostrar-se independente das obrigações sociais *mantendo-se totalmente socializado* (EHENBERG, 2007, p. 143).

Socializar-se, desinibir-se e tornar-se mais disposto(a) para agir não são finalidades buscadas apenas nos medicamentos psicoativos, mas também em outras substâncias psicoativas lícitas e ilícitas de usos recreativos (como o álcool), já que as alterações no humor, da sensibilidade e na consciência são valorizadas como um recurso diante de experiências em que há, nas palavras de Ehenberg (2010, p. 151): “(...) um *self* que nunca conseguimos considerar suficiente (insegurança identitária), uma demanda por ação que nunca conseguimos suficientemente responder (a indecisão da inibição, a ação descontrolada da impulsividade)”²³⁵.

Mais do que se divertir, ter sucesso e aproveitar prazeres, é necessário construir uma imagem de diversão, de sucesso e fruição. Não é o prazer, em si, que é priorizado, mas a aprovação, o reconhecimento e a legitimação que só parecem possíveis quando é ostentada uma imagem de prazer, quando a performance que foi tão cuidadosamente construída e investida transmite a aparência de competência e realização que visa transmitir.

²³⁴ No livro **O culto da performance**, Ehenberg (2007) compara como enquanto os usos de substâncias são com frequência descritos como recursos para *fugir da realidade*, a análise sobre como os usos de psicofármacos crescem atualmente indicam, em contraste, como tendem a ser buscados como recursos para *enfrentar a realidade*.

²³⁵ Tradução nossa para o original: “(...) a self that we can never find sufficient (identity insecurity), a demand for action to which we can never sufficiently respond (the indecision of inhibition, the uncontrolled action of impulsiveness)” (EHENBERG, 2010, p. 151).

5.4 Os prazeres, a moral das sensações e o apagamento da alteridade

A busca constante por construir uma imagem de prazer, sucesso e felicidade faz com que a impressão sobre si transmitida ocupe uma centralidade exaustiva nas possibilidades de expressar-se e relacionar-se. Uma grande ameaça, assim, passa a ser a rejeição, seja a rejeição dos julgamentos negativos, seja a rejeição da indiferença. Uma “desconfiança persecutória”, nas palavras de Jurandir Freire Costa (2004, p. 199)²³⁶ torna-se um traço que acompanha as interações entre as pessoas, por como os tantos esforços para corresponder às normas de realização fazem com que cada um(a) com quem nos relacionamos tenda a ser visto(a) como “um observador incômodo e invasivo de nossos possíveis desvios (...)”.

Para compreendermos a força que a ameaça de rejeição exerce nas relações entre as pessoas, é importante reconhecermos como a sociabilidade implica uma intersecção entre dimensões que são íntimas (como a pessoa se vê; como a pessoa deseja ser vista; a distância entre como a pessoa deseja se expressar e como ela se expressa) e as dimensões dos padrões sociais (padrões sobre como é adequado ou inadequado agir; que expressões são consideradas convenientes ou inconvenientes; o que é transmitido como aceitável ou reprovável; parâmetros para a aprovação e o reconhecimento). Entre como uma pessoa deseja ser percebida e como teme ser avaliada está a questão do quanto a vulnerabilidade atravessa as relações, não há um(a) si mesmo(a) avulso(a) e alheio(a) ao olhar de outras pessoas, especialmente as pessoas que lhe importam, que lhes são significativas.

Quando se torna tão forte o imperativo da construção de uma imagem de si sem falhas, sem faltas, de puro bem-estar e fruição, as sensações de insuficiência tendem a fazer com que a vulnerabilidade seja experimentada como indesejável e dilaceradora fragilidade, ou mesmo inferioridade. Ao mesmo tempo que se intensifica o medo da exposição, é intenso também o medo da indiferença, em uma dinâmica que torna a sociabilidade cada vez mais exigente e cansativa. Como afirma Costa (2012, p. 10):

²³⁶ No livro **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**, Jurandir Freire Costa (2004) define como “cultura somática” (p. 214) a cultura em que a imagem do corpo é alvo privilegiado de cuidados e preocupações, partindo de reflexões de Christopher Lasch sobre a sociedade narcísica e Guy Debord sobre a sociedade do espetáculo para discutir sobre que valores morais predominam atualmente: “O espetáculo reordena o mundo como um desfile de imagens que determina o que merece atenção ou admiração. Como viver sexualmente; como amar romanticamente; como educar os filhos; como ter saúde física e mental; como conquistar amigos e fazer amizades; como vencer no mundo dos negócios; como aproveitar melhor o tempo de lazer [...] enfim, como ser feliz e dar sentido à vida; tudo isso é aprendido por intermédio da mídia; nada disto convida o sujeito a pensar por que o significado real se exaure em sua versão virtual” (COSTA, 2004, p. 228).

“O sujeito deseja ser reconhecido como objeto de investimento do outro. Teme, porém, não possuir os predicados que o outro, supostamente, desejaria que ele tivesse. Resultado: nem quer ser visto nem deixar de ser visto”.

Relacionar-se torna-se algo associado a muitas cobranças e inseguranças, entre uma solidão áspera e a busca desgastante por uma intimidade que não parece ser possível:

No individualismo contemporâneo, a impessoalidade converteu-se em indiferença e os elos afetivos da intimidade foram cercados de medo, reserva, reticência e desejo de autoproteção. Pouco a pouco, desaprendemos a gostar de “gente”. Entre quatro paredes ou no anonimato das ruas, o semelhante não é mais o próximo-solidário; é o inimigo que traz intranquilidade, dor ou sofrimento. Conhecer alguém; aproximar-se de alguém; relacionar-se intimamente com alguém passou a ser uma tarefa cansativa. Tudo é motivo de conflito, desconfiança, incerteza e perplexidade. Ninguém satisfaz a ninguém. Na praça ou na casa vivemos – quando vivemos! – uma felicidade de meio expediente, em que reina a impressão de que perdemos a vida em “colherinhas de café” (COSTA, 1996, s/p).

Sermos desejanter é algo que implica não termos controle do que desejamos, não termos controle do que quem desejamos deseja. Se a vulnerabilidade é vista como equivalente à fragilidade e inferioridade, desejar torna-se algo temido, a ser evitado, contido, impedido.

Quando o processo de construção da imagem de si implica a tentativa de apagamento de qualquer insegurança, de qualquer frustração, a carência tende a ser o traço que mais envolve esforços para dissimulá-la, escondê-la, negá-la. É como se fosse algo errado e constrangedor demonstrar que sente, demonstrar que as relações mobilizam afetos, mobilizam desejos.

Não sofrer, não se frustrar, não se iludir só seria possível se fosse possível não desejar. Como não é possível não desejar, o passo mais próximo são os esforços para apagar ou diminuir as expressões dos próprios desejos.

Tais esforços para construir uma imagem de si sem falta e sem falha correspondem aos esforços narcísicos: não no sentido que narcisismo costuma ter no senso comum, de apaixonamento por si mesmo(a), mas no sentido de considerarmos o que de fato acontece do mito de Narciso: uma obsessão tão grande pela própria imagem que culmina em uma absorção por ela.

O narcisismo consiste, assim, na centralidade conferida à imagem de si que é transmitida, na dependência do olhar do(a) outro(a), da aceitação, da aprovação, do interesse e da valorização dessa outra pessoa a quem a imagem construída é transmitida. Relações se tornam, assim, contatos entre pessoas que não chegam a se encontrarem, por

como estão absorvidas pelas próprias imagens. É esvaziada nas relações a dimensão desejante, justamente a dimensão que as caracteriza como relações. Na análise de Costa (1999, p. 123):

De um lado, nossa identidade é basicamente referida ao modelo do prazer e do desprazer que temos, (...) a cultura das sensações é aquela que diz o seguinte: você é tanto mais autêntico e mais realizado como pessoa quanto menos sofrer; você tem de ter uma boa saúde, uma boa forma... (...) Você tira da economia da vida mental e sentimental as frustrações, desilusões e os lutos, que são realidades indiscutíveis – já que o outro é imprevisível e pode sempre me dizer não, não obstante todo cálculo racional que eu faça. (...) (COSTA, 1999, p. 123-124).

“Torna-se maior o cuidado em evitar amores extremados, seja por quem for. (...) E se alguma vez, por algum acaso infeliz, ocorrer de um modo ou de outro qualquer coisa desagradável (...) tomam-se dois ou três comprimidos de meio grama, e pronto”: os trechos referem-se ao soma, substância tomada na distopia **Admirável mundo novo** de Aldous Huxley (1978, p. 135) para conter perturbações e excessos promovendo sensações agradáveis e apaziguadoras. No livro publicado originalmente em 1932, os comprimidos são valorizados como forma de aumentar o contentamento e, assim, a produtividade, como uma solução farmacológica para os conflitos e instabilidades humanas. Passa a ser possível, dessa forma, para cada um(a) “(...) carregar consigo mesmo, num frasco, pelo menos a metade da própria moralidade” (HUXLEY, 1978, p. 136).

No capítulo **Notas sobre a cultura somática**, Costa (2004) parte da noção distópica de soma para a discussão sobre a importância atribuída hoje ao corpo e às sensações de bem-estar para a construção de parâmetros sobre quem somos e sobre quem devemos ser. Como na ideia de moralidade em frascos, o apaziguamento de sensações dolorosas e a potencialização de sensações prazerosas tornam-se hoje um centro de nossas aspirações.

Por como as estimulações intensas e contínuas recebem prioridade no que é valorizado atualmente como prazeroso, Costa (2004, p. 176) propõe pensarmos como está em vigor uma “moral das sensações”, em que “tudo vale a pena se o prazer não é pequeno”. O autor analisa:

A nova educação alterou radicalmente a significação dos objetos para a vida emocional, e a principal causa da mudança reside no tipo de prazer ao qual se aspira. Na *felicidade sentimental*, o prazer com o outro, coisa ou pessoa, é capaz de *durar* na ausência física de ambos, pela *rememoração* ou pela *antecipação*. (...) Na economia dos sentimentos, o bom objeto é o que resiste ao tempo e estabiliza o prazer; na das sensações, é o que excita, *hit et nunc*, os sentidos, despertando o corpo para uma nova prontidão prazerosa: drogas psicoestimulantes, medicamentos, alimentos energéticos, tônicos, hormônios,

próteses orgânicas ou mecânicas, instrumentos que transformam a força mecânica em força ou plasticidade musculares etc. (COSTA, 2004, p. 167-168).

Costa (2004, p. 176) diferencia os “prazeres extáticos” dos “prazeres mitigados”, relacionados a atividades contínuas que proporcionam prazeres que podem se tornar duradouros. Como exemplo de prazeres extáticos, menciona os orgasmos sexuais, as sensações derivadas do consumo de substâncias psicoativas, a prática de atividades físicas que exijam um alto desempenho do corpo e os esportes radicais. Como exemplo de prazeres mitigados, menciona as atividades lúdicas, a fruição e a criação de obras artísticas e científicas, relações e sentimentos ternos como o conforto, a serenidade, o carinho e a ternura.

Na moral das sensações, prazeres que requerem atenção, continuidade e envolvimento passam a serem vistos como desgastantes e exaustivos, já que a dedicação e o compromisso deixam de ser compatíveis com o que é valorizado como prazeroso. O que traz prazer é o que distrai, o que entretém, o que estimula no momento imediato, levando ao esquecimento de momentos passados ou futuros.

A combinação entre a moral das sensações e a moral do espetáculo, tal como definida por Guy Debord²³⁷, faz com que entretenimento e diversão tornem-se motivações priorizadas mesmo em relacionamentos e situações em que seria necessário um engajamento mais comprometido e menos dispersivo, como em questões éticas e políticas, com um esvaziamento das possibilidades de articulação narrativa e de criação de sentidos.

(...) a diversão é um momento de repouso em meio às ações e decisões que exigem empenhos éticos. (...) A diversão põe aspas na vida cotidiana e, legitimamente, nos desonera das consequências éticas do que pensamos ou fazemos. A atitude lúdica diversória é indispensável à vida da cultura por permitir esse tipo de catarse afetiva inadmissível na interação moral corrente. Na moral do entretenimento, a relação é invertida. O modelo da diversão monopoliza a participação social e habitua o indivíduo a se eximir de pensar eticamente sobre o que acontece (COSTA, 2004, p. 232).

A combinação entre a moral das sensações e a moral do entretenimento faz, assim, com que os envolvimento sejam vistos como envolvimento custosos, por requererem dedicação, tempo, compromisso. Se o que traz prazer é o que distrai, o que excita imediatamente, muitas são as experiências e relações que passam a ser vistas como exigentes demais para serem buscadas.

²³⁷ No livro **Sociedade do espetáculo**, Guy Debord (1967/2003) define como moral do espetáculo a moral característica de uma sociedade em que além de as imagens ganharem centralidade, a própria relação entre as pessoas passa a ser mediada por imagens.

5.5 Os prazeres e a sociedade excitada

Imagine uma torrente forte e ininterrupta de água, caindo sobre a pele: se as reações iniciais são agudas, com o tempo e a intensidade da pressão, a tendência é que os sentidos fiquem dormentes. Christoph Türcke (2012) parte dessa imagem para discutir a torrente forte e ininterrupta de estimulações que recebemos todos os dias, com imagens, sons, apelos, em um bombardeio que torna nosso estado de sensações próximo do anestesiamento.

Com a proposta de analisar as condições de sensibilidade que vigoram atualmente, Türcke (2012)²³⁸ define haver uma espécie de “injeção multissensorial” por como as estimulações estão cada vez mais chamativas, gritantes, explosivas, como em uma disputa sobre que estímulos entre tantos se sobressairá: “As sensações estão a ponto de se tornar as marcas de orientação e as batidas do pulso da vida social como um todo” (TÜRCKE, 2012, p. 14).

Entre tantas e tantas excitações, é preciso que o que excita seja cada vez mais impactante para que possa de fato excitar ou, ao menos, ser percebido. Entre tantas telas, tantas imagens e tantas mensagens, chamar a atenção é um processo cada vez mais exigente.

Precisarmos de doses cada vez mais fortes para experimentarmos sensações cada vez menos intensas: o movimento que marca a sensibilidade contemporânea obedece, assim, à mesma lógica que o processo chamado hoje de adicção, ou de vício. Türcke (2012) discute como tal lógica não é nada mais, nada menor, que o fundamento das relações de mercado, já que a persistência para perseguir uma satisfação que não se cumpre, própria da dinâmica do vício, é a mesma persistência que a publicidade visa alimentar em nome da circulação de mercadorias: “O simples desejar mais do que se tem se transformou numa obstinação penetrante, tenaz e sistemática, e a dinâmica sistematicamente viciadora se tornou um pano de fundo social (...)”, diz Türcke (2012, p. 241).

Os usos de bebidas alcoólicas são discutidos por Türcke (2012) como exemplo no capítulo **Substituto da sensação**. Ao longo da história, o álcool foi predominantemente usado para fins ritualísticos, religiosos, medicinais, alimentares e/ou recreativos. Por mais que os usos fossem, muitas vezes, frequentes e em grandes quantidades, as preocupações

²³⁸ No livro **A sociedade excitada: filosofia da sensação**, Christoph Türcke (2012) tem como referencial a teoria crítica para a discussão sobre como em meio a tantas estimulações, os modos como as pessoas se sentem e se relacionam se transformam.

com a possibilidade de que as pessoas se viciem é uma questão muito recente. Como abordamos no primeiro capítulo, há registros de culturas em que os excessos e os transbordamentos são ingredientes considerados necessários nas experiências de consumo de bebida, mas sem informações que correspondam ao que chamamos hoje de dependência, como no exemplo de não serem encontradas descrições sobre reações que se aproximem dos sintomas da abstinência.

Quais são as principais diferenças entre as experiências de consumo de álcool predominantes historicamente e as experiências atuais? Türcke (2012) analisa como um eixo central para a compreensão das mudanças é o processo de desritualização. Enquanto antes os usos de bebidas eram integrados ao curso da vida, como marcadores de ocasiões festivas e associados a significados compartilhados coletivamente, hoje beber já não tem a mesma força simbólica. As bebidas são mais baratas, mais acessíveis, produzidas com maior facilidade, inclusive no que se refere ao potencial de entorpecer. Beber, no entanto, já não se insere em redes de significações mais amplas, como analisa o autor:

[A embriaguez] é como que destilada para fora de todos os contextos sacros e cessa de ser uma experiência que extasiava e alçava todo o coletivo para além do seu cotidiano. Por um lado, ela se torna infinitamente banal, é mera substância que provoca frenesi, sem qualquer significado mais elevado. Por outro, ela não tem nada mais sobre si própria. Então, subitamente, ela mesma começa a representar o vago papel do mais elevado, pois deixa de ser acessório para se tornar algo fundamental, deixa de ser acidente para se transformar em substância, filosoficamente falando (TÜRCKE, 2012, p. 237).

O enfraquecimento do teor ritual e coletivo não diz respeito apenas às experiências de consumo de bebidas, mas às experiências cotidianas e não cotidianas de uma forma geral. Beber, muitas vezes, é ainda uma prática que guarda resquícios da valorização entre as pessoas por estarem juntas, mas sem outras associações que potencializem os significados positivos que revestem os encontros. Desde que a disponibilidade de bebidas aumentou ao mesmo tempo como um tonificante e um consolo apaziguador para os exaustivos dias de trabalho, os sentidos dados às bebidas também mudaram, como afirma Türcke (2012, p. 237): “Em duplo sentido ela se transforma num concentrado. E isso ocorre não só porque a destilação aumenta sua dosagem alcoólica dez ou até 20 vezes, mas sim porque seu alto percentual concentra também as mais elevadas expectativas”.

Os quadros caracterizados como vício em relação às bebidas alcoólicas aumentam, assim como vícios em diferentes substâncias, objetos e atividades de uma forma geral, o que ilustra como as condições de sensibilidade das experiências e relações que vivemos hoje requerem especial atenção.

5.6 Os prazeres e a farmacopornografia

Como os modos de controle do corpo e das subjetividades que vigoram hoje ganharam forma? Na busca por responder essa questão, Beatriz Preciado (2008) discute sobre transformações históricas que aconteceram desde o final do século XV, quando a economia medieval começou a ruir e as economias industriais começaram a ganhar contornos.

Entre as mudanças analisadas, Preciado (2008) destaca como a Inquisição foi um processo de grande influência, principalmente por como houve a perseguição a saberes e práticas populares que tinham como eixo as alterações do próprio corpo, dos próprios sentidos. Pessoas que colhiam, cultivavam e tinham conhecimentos sobre como preparar receitas a partir de plantas, principalmente as mulheres, foram condenadas porque tais saberes e práticas populares eram considerados maléficos, satânicos. O castigo foi, muitas vezes, a fogueira.

Se antes a dor, o prazer, a excitação e a transcendência eram vinculados a saberes e práticas exercidos pelas pessoas que tinham conhecimento de plantas, a Inquisição representou uma impactante instância de controle e repressão tanto dos saberes farmacológicos das pessoas das classes populares (principalmente as mulheres, queimadas como bruxas), quanto da potência de prazer que residia nos efeitos da ingestão ou da aplicação de pomadas preparadas a partir de determinadas plantas. A condenação dos prazeres referia-se também (e especialmente) aos prazeres sexuais, que assim como as outras experiências que eram buscadas como extáticas foram condenados como satânicos, mais uma vez com a perseguição e a condenação mais incisiva em relação às mulheres.

Na época medieval, as mulheres se ocupam o cuidado e da cura do corpo graças a um saber tradicional baseado na utilização de ervas e na prática de ritos. Essas mulheres que curam, mulheres sábias e parteiras, conhecidas também como bruxas, vão representar uma ameaça para as novas sociedades profissionais em torno das quais se registram os novos saberes especializados que logo serão validados como científicos, como a medicina, que começa a organizar-se como categoria no século XVI (...) (PRECIADO, 2008, p. 116) (3).

A utilização dos recursos naturais para a modificação voluntária do corpo e dos sentidos (com finalidades diversas, por exemplo usos alucinógenos, analgésicos, afrodisíacos, terapêutico, recreativos e/ou sagrados) foi criminalizada, em um movimento de fundamental importância para as futuras patentes farmacológicas e para a atribuição de poder aos médicos sobre que substâncias poderiam ou não ser ingeridas.

Em estudos sobre os diferentes momentos do capitalismo, é comum a divisão entre o capitalismo baseado no regime escravagista e o capitalismo industrial, assim como discussões sobre as mudanças econômicas e políticas que aconteceram a partir das consequências (e das ruínas) da Segunda Guerra Mundial. É frequente que essas mudanças sejam descritas com base na ênfase crescente na circulação de informações, com a expansão das tecnologias dos veículos de comunicação que permitem um intercâmbio mais intenso de saberes e de afetos. Beatriz Preciado (2008)²³⁹ propõe um olhar mais atento para fatores que costumam ser deixados de lado nas discussões sobre essas mudanças, considerando como “(...) a maioria dessas análises se detêm em sua descrição desta nova forma de produção quando chegam na cintura” (PRECIADO, 2008, p. 35). O comentário irônico da autora refere-se à superficialidade de abordagens sobre a economia política atual que não considerem como a sexualidade converteu-se em uma significativa força econômica e política.

Enquanto tantas análises têm como foco a cooperação entre inteligências, como se essas inteligências fossem simplesmente descorporificadas, Preciado (2008) destaca como os prazeres corporais, as excitações, as sensações, os desejos e a sexualidade são o eixo na criação de valor, em uma espécie de “cooperação masturbatória” (PRECIADO, 2008, p. 35)²⁴⁰. O termo proposto ganha ainda mais sentido se considerarmos como a indústria pornográfica hoje é a que impulsiona a economia informática, com milhões de páginas destinadas a oferecer imagens e estímulos para práticas masturbatórias, com conteúdos diversos que são acessíveis nos mais variados pontos do planeta.

Hoje as indústrias líderes do mercado são a indústria da guerra, a indústria pornografia e a indústria farmacêutica (que abrange a produção e a comercialização de medicamentos mas também de cosméticos, além da vinculação direta ou indireta com a produção e o tráfico das substâncias classificadas como ilícitas). Em comum, é possível identificarmos como tanto a indústria pornográfica quanto a indústria farmacêutica têm como finalidade dos processos de produção (e também como matéria-prima) a promoção de prazeres. Preciado (2008, p. 36-37) analisa:

O verdadeiro motor do capitalismo atual é o controle farmacopornográfico da subjetividade, cujos produtos são a serotonina, a testosterona, o antiácido, a cortisona, os antibióticos, o estradiol, o álcool, o tabaco, a morfina, a insulina, a

²³⁹ No livro **Testo Yonqui**, Beatriz Preciado (2008) discute sobre a importância da indústria farmacêutica e da indústria pornográfica nas definições do que hoje é considerado e experienciado como prazer, relacionando os fatores econômicos e políticos em torno dos corpos, dos prazeres e dos desejos sexuais à construção das subjetividades.

²⁴⁰ Tradução nossa para o original: “cooperación masturbatoria” (PRECIADO, 2008, p. 35).

codafina, o citrato de sildenafil (Viagra) e todo aquele complexo material-virtual que pode ajudar na produção de estados mentais e psicossomáticos de excitação, relaxamento e descarga, de onipotência e de total controle (...) (4).

Em 1946 foi inventada a primeira pílula a base de estrógenos, que alguns anos mais tarde começaria a ser comercializada como método contraceptivo com tanta difusão a ponto de o estrogênio ter se tornado hoje a molécula farmacêutica mais consumida da história da humanidade. Em 1966 foram inventados os primeiros antidepressivos, capazes de interferirem diretamente nos processos de síntese do neurotransmissor serotonina. Em 1988 foi aprovada a utilização farmacológica de sildefanil, substância que dará origem aos medicamentos para a disfunção erétil. No começo dos anos 2000, milhões de crianças no mundo são tratadas com ritalina ao receberem o diagnóstico do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, enquanto outras milhões de crianças consomem medicamentos destinados ao tratamento da depressão infantil. Como afirma Preciado (2008, p. 31): “Estas transformações recentes apontam para a articulação de um conjunto de novos dispositivos micropostéticos de controle da subjetividade com novas técnicas biomoleculares e midiáticas” (5).

Com o agrupamento das transformações biomoleculares no prefixo “fármaco” e as transformações midiáticas, semióticas e técnicas no prefixo “porno”, considerando como ambos os grupos de transformações possuem como eixos os processos de promoção de prazeres (com base na sequência contínua entre excitação-frustração-excitação), Preciado (2008) propõe que a sociedade atual seja analisada enquanto uma sociedade farmacopornográfica.

Durante o século XX, período em que acontece a materialização farmacopornográfica, a psicologia, a sexologia, a endocrinologia têm estabelecido sua autoridade material transformando os conceitos de psiquismo, de libido, de consciência, de feminilidade e masculinidade, de heterossexualidade e homossexualidade em realidades tangíveis, em substâncias químicas, em moléculas comercializáveis, em corpos, em biotipos humanos, em bens de intercâmbio administráveis pelas multinacionais farmacêuticas. (...) O êxito da tecnociência contemporânea é transformar nossa depressão em Prozac, nossa masculinidade em testosterona, nossa ereção em Viagra, nossa fertilidade/esterilidade em pílula, nossa aids em triterapia (...) (PRECIADO, 2008, p. 32-33 (6).

O regime farmacopornográfico corresponde, assim, a novas formas de produção e consumo, de temporalização e especialização, assim como novas formas de produção de subjetividades em que a centralidade dada aos prazeres é um elemento fundamental.

5.7 Os prazeres e os impasses políticos

No decorrer do século XX, a questão da busca por prazer ganhou destaque em ao menos dois campos: a luta por direitos políticos (que abrange a luta pelo direito ao prazer) e o mercado de lazer e do entretenimento, cuja expansão foi acompanhada pela promessa de que os mais diversos produtos e serviços trarão prazer (como a repetição publicitária de que o prazer é algo que “você merece!”). Condições e relações mais igualitárias, por um lado, competitividade na corrida por lucros, de outro, são as finalidades contrastantes desses dois campos que exemplificam como a crescente valorização do prazer tem muitas dimensões, com significados contraditórios e muitas vezes incompatíveis.

Não é uma simples coincidência que lemas de movimentos políticos contra-hegemônicos e slogans publicitários sejam por vezes tão parecidos (como “o prazer sem limites”, das mobilizações estudantis de maio de 1968), já que a apropriação mercadológica de ideais que ganham adesão culturalmente está distante de ser um movimento ingênuo. No entanto, é relevante perguntarmos: a importância dada ao prazer nos processos de incitação ao consumo corresponde a um esvaziamento do teor político da valorização do prazer? Caso não corresponda, que caminhos precisamos percorrer para uma compreensão mais abrangente sobre os tantos significados em disputa?

No capítulo **O novo conteúdo político do direito ao prazer**, Leandro Konder (2009) discute como os prazeres são desassociados das experiências coletivas, dos engajamentos intensos e duradouros, por como os prazeres valorizados são os prazeres fáceis, acessíveis e imediatos, em uma lógica competitiva e hierarquizante em que o que importa é a acumulação de prazeres e a comparação sobre quem têm mais.

A busca do prazer, nas condições do mercado capitalista, é habilmente explorada por poderosos mecanismos comerciais. Na corrida ao lucro, se difunde por toda a sociedade um espírito imediatista e hipercompetitivo: todos são incitados a extrair, no menor tempo possível e com o mínimo de esforço, o máximo proveito de todas as situações. (...) A sensibilidade deseducada, deformada, passa a atribuir uma importância menor aos prazeres plenamente *partilhados* e uma importância maior aos prazeres obtidos na contenda com os outros, eventualmente na negação dos prazeres alheios (KONDER, 2009, p. 139-140).

Ao expor sobre as contradições que atravessam os sentidos dados ao prazer atualmente, Konder (2009) problematiza como a contestação do caráter competitivo e individualista que a busca por prazeres tem assumido com frequência se confunde com uma condenação da busca por prazeres, acusada de se tratar de uma busca fútil que seduz pessoas alienadas.

Há distorções no que é incitado e prometido como prazer, o que não significa, contudo, que a busca por prazer seja em si uma distorção equivocada a ser contestada e confrontada em sua importância. Em seu capítulo sobre as discussões acerca do prazer na obra de Herbert Marcuse²⁴¹, Leandro Konder (2010, p. 76) defende:

O que precisa ser radicalmente denunciado é o fato de que o prazer e a liberdade sofrem uma deformação profunda na medida em que não podem ser efetivamente desfrutados por indivíduos concretos. No capitalismo, as pessoas são envolvidas nas malhas de demandas artificiais, que exploram os desejos manipulados de individualidades cada vez mais abstratas. Impulsos e necessidades potencialmente enriquecedores são substituídos por carências cultivadas pela hipercompetitividade.

Estimuladas a escolherem entre os mais diversos produtos com a promessa de liberdade atrelada à ideia de “livre mercado”, as pessoas tendem a perder de vista outros significados possíveis e mais amplos para a liberdade, o que contribui para uma aceitação passiva de condições que precisam ser transformadas.

Konder (2009) discute como as argumentações sobre o prazer que predominam das críticas à ordem social vigente são muito parecidas com as argumentações de grupos conservadores que têm como interesse justamente que nada mude. É necessário, assim, refletirmos como uma compreensão mais ampla sobre as associações entre busca por prazeres e incitação ao consumo não deve se dar às custas do apagamento da importância que os prazeres têm e podem ter nas experiências e relações das pessoas – inclusive na importância que os prazeres têm e podem ter nas possibilidades de transformação dessas experiências e relações.

Comparando posicionamentos condenatórios do prazer com uma “tentativa de deter a enchente com um dique notoriamente frágil”, Konder (2009, p. 144) argumenta que se não for dada atenção para a dimensão política dos prazeres, os avanços nas análises ficarão comprometidos.

Não há uma simples oposição entre proibições e liberações. A disputa em torno dos prazeres hoje adquire contornos muito mais sutis, embora os efeitos não sejam assim tão sutis, mas intensos. Os prazeres são buscados e experimentados em condições

²⁴¹ Leandro Konder (2010) analisa a influência do pensamento de Herbert Marcuse nos movimentos políticos e culturais da década de 1960, por como introduziu a revalorização do prazer no pensamento socialista. No livro **Eros e civilização**, Marcuse parte da afirmação de Sigmund Freud de que a civilização depende da repressão de impulsos libidinais e agressivos para analisar como, no capitalismo, tal importância da contenção dos impulsos teria sido extrapolada pelas exigências de disciplina e produtividade gerando repressões desnecessárias. Konder apresenta as críticas realizadas pelo autor ao racionalismo liberal e a defesa de que a felicidade só será possível por meio de uma transformação coletiva das condições materiais da existência.

desiguais, competitivas e individualistas, e é necessário problematizarmos criticamente essas condições sem confundirmos tal problematização com a condenação dos prazeres nem das pessoas que os valorizam e os buscam.

5.8 Os prazeres e o circuito dos afetos

De um lado, uma organização possibilitada por decisões racionais e intenções conscientes, que tornam possível a coesão social. De outro, a irracionalidade dos desejos, das paixões e da dimensão involuntária das motivações e ações: para Vladimir Safatle (2016)²⁴², tal separação entre o que é conscientemente determinado e o que escapa aos controles e planejamentos racionais tem culminado em significativos empecilhos para as análises sobre as relações sociais e políticas, por como a expectativa de fixidez de tal divisão restringe o campo do que é visto, sentido e percebido nessas relações.

Como se fosse possível pensar os vínculos entre as pessoas como purificados das dimensões desejanças, passionais, corporais, há uma centralidade de uma concepção voluntarista sobre a política que negligencia, nas palavras do autor, como “(...) a política é, em sua determinação essencial, um modo de produção de circuitos de afetos” (SAFATLE, 2016, p. 35).

Como afetamos e somos afetados(as), o que sentimos e o que não sentimos, o que percebemos e não percebemos é o que amplia ou restringe a imaginação política, o campo que possibilita a abertura para novos possíveis. Safatle (2016) indica a importância do pensamento de Freud para a análise sobre a relação entre afetos e política:

Normalmente, acreditamos que uma teoria dos afetos não contribui para o esclarecimento da natureza dos impasses dos vínculos sociopolíticos. Pois aceitamos que a dimensão dos afetos diz respeito à vida individual dos sujeitos, enquanto a compreensão dos problemas ligados aos vínculos sociais exigiria uma perspectiva diferente, capaz de descrever o funcionamento estrutural da sociedade e de suas esferas de valores (...). No entanto, um dos pontos mais ricos da experiência intelectual de Sigmund Freud é a insistência na possibilidade de ultrapassar tal dicotomia. Freud não cansa de nos mostrar quão fundamental é uma reflexão sobre os afetos, no sentido de uma consideração sistemática sobre a maneira como a vida social e a experiência política produzem e mobilizam afetos que funcionarão como base de sustentação geral para a adesão social (...) (SAFATLE, 2016, p. 34).

²⁴² No livro **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**, Safatle (2015) defende a importância da atenção para a vinculação entre afetos e política para que novas formas de pensar transformações nas relações sociais possam ser imaginadas e possam se tornar possíveis.

A sujeição a determinadas normas sociais, argumenta Safatle (2016), é afetivamente constituída, afetivamente perpetuada e, para ser rompida e superada, precisa ser afetivamente transformada.

Personalidades e corpos marcados pela rigidez foram necessárias para um mundo do trabalho organizado por princípios mecanicistas, princípios que vigoraram na primeira metade do século XX e tiveram como ápice os modelos fordista e taylorista. Controle, disciplina e obediência eram valores compatíveis com esse momento.

Flexibilidade, maleabilidade e adaptação passam a ser valores centrais a partir da segunda metade do século XX, o que torna importante o reconhecimento do neoliberalismo não apenas como um sistema de trocas econômicas, mas como um regime de gestão social que, ao produzir afetos específicos, produz corporeidades específicas.

O ideal empresarial de si condensa muitos elementos do regime neoliberal de gestão social. O ideal empresarial de si implica a racionalização empresarial do desejo, com a exigência de autoavaliação constante baseada na demanda pela potencialização das performances e pela maximização dos resultados. Tais processos de potencialização e maximização têm como objetivo “a intensificação dos prazeres que se dispõem a mim no interior de um projeto conscientemente medido e enunciado” (SAFATLE, 2016, p. 167). A consciência empreendedora é aquela que vê no corpo uma propriedade a ser administrada, com cálculos precisos sobre quais prazeres são ganhos, quais prazeres são desperdício.

(...) é importante salientar que um ideal empresarial de si baseado na dinâmica de maximização de performances exige a flexibilização contínua de normas tendo em vista o crescimento de quem vence em relações de concorrência. O sujeito liberal é muito mais um agente calculador de custos e benefícios do que um sujeito de quem se espera a conformação às normas sociais (SAFATLE, 2016, p. 161).

A noção de cálculo como base para ações intencionais, racionais e conscientes abrange também o que é valorizado e incentivado como prazer. Nas palavras de Safatle (2016, p. 184), os prazeres compatíveis com o modelo da individualidade e do corpo enquanto propriedades são aquelas “formas de prazer que não nos coloquem fora de nosso próprio domínio”, relacionados a como os sujeitos são incitados a “sempre submeterem sua afetividade à reflexão sobre utilidade e medida”.

No capítulo **Por uma crítica da economia libidinal**, o autor afirma:

(...) devemos compreender a contemporaneidade e seus traços a partir da *sociedade do consumo*, no sentido em que problemas vinculados ao consumo acabam por direcionar a racionalidade dos processos de interação social e de

desenvolvimento subjetivo, assim como é o incentivo ao consumo que aparece como problema econômico central. (...) De maneira esquemática, podemos afirmar que o mundo capitalista da produção estava vinculado à ética do ascetismo, da acumulação (“o prazer que submete todos os prazeres”) e pela fixidez identitária (...). O mundo do consumo pede, por sua vez, uma ética do direito ao gozo. Pois o que o discurso do capitalismo contemporâneo precisa é da *procura do gozo* que impulsiona a plasticidade infinita da produção das possibilidades de escolha no universo do consumo (...) (SAFATLE, 2008, p. 124; 126).

Para compreendermos como somos afetados(as), como são os regimes sensíveis em que vivemos, é necessário considerarmos como “um corpo não é apenas o espaço no qual afecções são produzidas, ele também é produto das afecções (...)” (SAFATLE, 2016, p. 13). Os afetos exercem uma influência fundamental na definição do campo dos possíveis. Os vínculos sociais são sedimentados pelas mobilizações afetivas. A dimensão afetiva não pode ser separada das demais dimensões humanas, considerando que:

(...) a vida psíquica que conhecemos, com suas modalidades de conflitos, sofrimentos e desejos, é uma produção de modos de circuito de afetos. Por outro lado, a própria noção de “afeto” é indissociável de uma dinâmica de imbricação que descreve a alteração produzida por algo que parece vir do exterior e que nem sempre é constituído como objeto da consciência representacional. Por isso, ela é a base para a compreensão tanto das formas de instauração sensível da vida psíquica quanto da natureza social de tal instauração (SAFATLE, 2016, p. 88).

Enquanto a política é pensada a partir da relação entre indivíduos, o medo ocupa o lugar do afeto político central, por como cada pessoa pensada como propriedade de si mesma é levada a compreender as relações como uma ameaça à própria integridade, gerando uma demanda de que, ao se relacionarem, as pessoas possam se sentir protegidas umas das outras, vistas como invasoras em potencial.

Safatle (2016) questiona, então, que processos foram necessários para que as experiências sejam pensadas como experiências de individualidades que se encerram em si mesmas, em que o encontro e as transformações afetivas suscitadas pelos encontros são vistos como desestabilizadores perigos a serem evitados. O autor parte do conceito psicanalítico de desamparo para discutir a importância de que a vulnerabilidade seja vista como abertura, não como perigo:

Creio, na verdade, que a perspectiva freudiana pode nos auxiliar na crítica desse modelo de confusão entre racionalidade política e purificação dos afetos. Faz-se necessário adotar outra estratégia e se perguntar qual corporeidade social pode ser produzida por um circuito de afetos baseado no desamparo. Pois o desamparo cria vínculos não apenas através da transformação de toda abertura ao outro em demandas de amparo. Ele também cria vínculos por despossessão e por absorção de contingências. Estar desamparo é deixar-se abrir a um afeto que me despossui dos predicados que me identificam (...) (SAFATLE, 2016, p. 15).

Admitir a vulnerabilidade não corresponde a resignar-se diante da vulnerabilidade. A compreensão de que, ao nos relacionarmos, há dimensões que escapam de nosso controle, de nossas capacidades de reação e domínio, leva ao reconhecimento do desamparo como um afeto que nos constitui desde os primeiros momentos de vida. A ideia de que devemos ser sempre plenamente racionais, plenamente conscientes, apaga justamente a dimensão das relações intersubjetivas, em que as exigências de controle de si contrastam com a irredutível vulnerabilidade.

Não é incomum atribuímos a origem dos sofrimentos àquilo que não podemos controlar. No entanto, em toda relação há algo que nos escapa. Não há encontro que não transforme. Não somos apenas formados(as) pelos nossos vínculos significativos, mas transformados(as), descentrados em qualquer ilusão de fixidez. O reconhecimento de que somos seres relacionais, implica, assim, o questionamento da noção de eu que se autodefine, que se autodetermina, que se autcontrola enquanto propriedade de si mesmo. Não sermos propriedades de nós mesmos(as), nas palavras de Safatle (2016, p. 43), implica a exposição à “vulnerabilidade estrutural aos encontros, assim como a opacidade a mim mesmo daquilo que me leva a vincular-se a outros que me descontrolam”.

5.9 Os prazeres e o cuidado

“*Pathos*” é a palavra grega para significados como excessos e passividade. Na língua portuguesa, tanto a palavra “patologia” quanto a palavra “paixão” derivam de “*pathos*”. O que há em comum entre patologia e paixão? Trata-se do campo referente ao que sofremos, não necessariamente com a carga predominantemente negativa que a palavra “sofrer” tem na língua portuguesa, mas como nas construções da voz passiva, em que o que sofremos é aquilo que acontece conosco, que nos afeta.

Em nossas relações e experiências, não somos impermeáveis, não vivemos de forma avulsa, isolada e autossuficiente, mas somos passíveis de nos surpreendermos com os afetos que tais relações e experiências nos despertam e que escapam de nossa vontade de controle.

A compreensão de que paixões, excessos e descontroles fazem parte das experiências humanas e dos processos em que essas experiências tornam-se dotadas de sentidos é um primeiro passo para que, ao invés de desvios indesejáveis que precisam ser corrigidos, tais elementos possam ser abordados a partir de uma perspectiva do cuidado,

no sentido que Luís Cláudio Figueiredo (2007)²⁴³ propõe para as práticas do cuidar: como práticas e relações que permitem que o que é vivido como fragmentado e desestabilizante possa ser reconhecido e integrado a partir de uma posição expressiva, ativa e criativa. Sobre as inevitáveis turbulências das instabilidades que vivemos, o autor afirma:

A existência humana transcorre longe da perfeição, da estabilidade e da permanência. Nem há garantias nem correspondências pré-estabelecidas entre nossos impulsos e desejos, de um lado, e seus objetos e condições de satisfação; nem entre aquelas formas poderosas e insistentes e nossas capacidades de domínio e autodomínio. (...) as *desproporções* fazem parte essencial de nossa condição e de nossa história (FIGUEIREDO, 2007, p. 15-17).

Quando admitimos as desproporções como algo que atravessa nossos encontros e nossos desencontros, torna-se mais frutífero pensarmos nossas relações não como algo que precisamos ter sob controle, mas como uma postura de possível abertura ao que pode nos levar a novas aberturas possíveis. Ao abrirmos mão da exaustiva pressão por termos o que vivermos em nossas mãos, pressão que deriva da ideia de que as desproporções deveriam ser corrigidas, impedidas, abrimos também vias para outras formas de experimentarmos as circunstâncias, as relações, as sensibilidades.

O cuidado é uma dimensão intrínseca às práticas de educação e saúde, mas não se restringe a elas. Figueiredo (2007) argumenta como os prazeres do cuidar estão relacionados aos prazeres do fazer sentido, do estabelecer ligações, um processo que requer presença implicada, comprometida, atuante: “Diante dos percalços da vida – das necessidades e desejos das relações com os outros -, a continuidade não está assegurada e precisa ir sendo construída e reconstruída a cada passo” (FIGUEIREDO, 2007, p. 17). No entanto, as condições de cuidado e de aprendizado sobre o cuidar estão prejudicadas, como analisa o autor:

(...) A capacidade de indivíduos, famílias, grupos e instituições de oferecerem formas de cuidado parece estar em crise. Elas mesmas passam por graves descontinuidades e arcam com certo descrédito: nem podem oferecer continuidade aos sujeitos, nem fazê-los sonhar. (...) Estamos pouco preparados para cuidar (...). Nossa capacidade de prestar atenção uns aos outros, por exemplo, parece drasticamente reduzida. Recuperar esta capacidade me parece uma tarefa urgente e preciosa (...) (FIGUEIREDO, 2007, p. 27-28).

Diante da tarefa urgente e preciosa de cuidarmos de nossas práticas de cuidado, compreendendo-as como práticas de reconhecimento, de elaboração e de integração,

²⁴³ No artigo **A metapsicologia do cuidado**, Luís Cláudio Figueiredo (2007) argumenta como o acolhimento, o reconhecimento e a interpelação são aspectos fundamentais nas práticas de cuidado que propiciam, nas experiências e relações humanas, a construção de sentidos.

torna-se importante nos atentarmos também para as diferentes formas de compreensão sobre a saúde.

Benilton Bezerra Júnior (2013) analisa as transformações nas concepções de saúde nos últimos 30 anos, considerando principalmente as mudanças nas perspectivas sobre as diferenças entre saúde e adoecimento psíquico nos campos da psiquiatria e da psicopatologia. O autor indica as mudanças no paradigma da organização dos diagnósticos, considerando como as questões subjetivas singulares foram perdendo espaço, por como o sofrimento psíquico deixou de ser visto como alvo de investigação e interrogação para ser concebido como passível de correção, como uma falha de funcionamento a ser compensada.

(...) Até o final da segunda guerra mundial, a psicopatologia era fundada numa certa concepção do sofrimento psíquico como uma espécie de dilaceração, vivido como um conflito, um enigma a ser decifrado, de tal maneira resumida todo sintoma era considerado signo de alguma coisa, tinha alguma significação, remetia a alguma coisa especial na trajetória singular daquele indivíduo na sua relação com o meio. (...) Em 1952 com o surgimento da psicofarmacologia, uma coisa mudou radicalmente de lá pra cá, o impacto dos psicofármacos só tem feito aumentar. A indústria farmacêutica teve um sucesso extraordinário, é uma das esferas da economia mais lucrativas. Isso teve um impacto poderoso na mudança do paradigma da psicopatologia, da psiquiatria (BEZERRA JÚNIOR, 2013, p. 6).

O surgimento dos psicofármacos contribuiu para a ampliação das possibilidades de tratamento para quadros de sofrimento crônico. Contudo, os efeitos da expansão da psicofarmacologia foram mais abrangentes que a busca por amenizar determinados sintomas: a compreensão de saúde foi progressivamente alargada de modo a incluir cada vez mais comportamentos e emoções humanas como falhas a serem corrigidas, como fraquezas a serem modificadas pelo aperfeiçoamento via intervenções medicamentosas. Bezerra Júnior (2010, p. 120)²⁴⁴ analisa como esse processo está relacionado a como:

(...) surge uma noção de boa vida que se mede pela fruição de um bem-estar superlativo, um sentir-se “mais do que bem”, fruto da competência na gestão da vida e no uso dos dispositivos de controle e eliminação do sofrimento e otimização das potencialidades vitais.

Ao invés de um aspecto que integra a experiência humana, o “mal-estar” passou a ser representado como algo que, com as intervenções apropriadas, pode ser eliminado,

²⁴⁴ No capítulo **A psiquiatria e a gestão tecnológica do bem-estar**, Benilton Bezerra Júnior (2010) discute sobre mudanças que ocorreram em como o sofrimento e o mal-estar são compreendidos pela psiquiatria e pela psicopatologia, como transformações no que passou a ser considerado como saúde e como adoecimento psíquico. A década de 1950 pode ser apontada como um marco nesse processo, com o início da comercialização dos primeiros antidepressivos.

como discutimos ao longo do capítulo também com as discussões de Maria Rita Kehl (2009), Alain Ehenberg (2000) e Beatriz Preciado (2008).

Memória, humor, cognição, sono, apetite, sexo: mais do que tratamentos para disfunções, expandiram-se as técnicas de maximização das potencialidades humanas. Seria, nas palavras de Bezerra Júnior (2010, p. 128) como o desenvolvimento de uma “psiquiatria cosmética”, em que os usos de substâncias psicoativas passam a ser direcionados não apenas para o alívio de dores, mas para promessa de garantir o contentamento, a tranquilidade e a fruição prazerosa.

“Um estado de completo bem-estar físico, mental e social”²⁴⁵ é a definição estabelecida para o conceito de saúde pela Organização Mundial da Saúde a partir de 1945. É possível notarmos, assim, como a saúde passa a ser definida a partir de um modelo ideal, o que embaralha as fronteiras entre o que seria o manejo do adoecimento psíquico e a busca por uma potencialização de um bem-estar que pode se tornar cada vez maior, cada vez mais completo.

Ao invés da compreensão sobre conflitos e sofrimentos como falhas e fraquezas, é importante resgatar como frustrações, dores e faltas são expressões das singularidades humanas, que demandam formas também singulares de manejo e elaboração. A partir da discussão sobre o reconhecimento das experiências subjetivas para além de concepções generalizantes, Bezerra Júnior²⁴⁶ (2006, p. 28) define:

(...) Saúde não é a negação da doença. Ao contrário, a saúde engloba a doença, pois ter saúde é poder adoecer e se recuperar. Saúde significa capacidade de poder suportar embates, sofrimentos, quedas, limitações e ir adiante, construindo novas formas de existência. Na verdade, uma experiência na qual a incerteza, a imprevisibilidade, o fracasso e o sofrimento estivessem sistematicamente afastados estaria paradoxalmente mais perto da patologia do que da saúde.

Compreendermos a saúde a partir de uma perspectiva do cuidado, nos leva, assim, à valorização das expressões singulares e dos espaços para o reconhecimento e a

²⁴⁵ O documento da Constituição da Organização Mundial da Saúde, publicado em 1946, está disponível no endereço:

<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>. Acesso em: 24 de agosto de 2016.

²⁴⁶ No capítulo **Um apelo à clínica: nem o respaldo da norma, nem o extravio da dor**, Bezerra Júnior (2006) tem como referências as discussões de George Canguilhem (1966/2009) no livro **O normal e o patológico** para a problematização de uma concepção de saúde que exclui sofrimentos e conflitos, considerando como tal exclusão leva à rigidificação e à perda de plasticidade, próprias dos quadros de adoecimento, em contraposição às possibilidades de posicionamentos subjetivos ativos e criativos diante das dificuldades e dores, posicionamentos necessários para experiências saudáveis.

elaboração dessas expressões, considerando como promover saúde se dá “(...) Não apenas pela obtenção do alívio de dores e aflições, mas pela transformação do mundo vivido, que pode vir a se tornar mais aberto, mais estimulante, mais rico” (BEZERRA JÚNIOR, 2006, p. 29).

5.10 Entre prazeres: considerações sobre o capítulo

Diferentes autores(as) nos instigaram para as reflexões sobre os prazeres ao longo do capítulo. Gostaríamos então de, para nosso movimento de síntese, retomarmos trechos de cada autor(a) discutido.

Começamos com Bruckner (2002, p. 14), que discute como ter uma vida feliz, repleta de prazeres, converteu-se em “uma terrível injunção paradoxal, um comando ao qual é difícil escapar”. Sant’Anna (2010, p. 193) também comenta como é contraditório que algo que tanto buscamos, “esse delicioso direito, (...) também consiste em um implacável dever”. Ainda em relação às perturbações suscitadas por como felicidades e prazeres convertem-se em imperativos, Kehl (2009, p. 95) questiona como conseguiremos identificar formas de superação de uma ordem social em que “Os ideais parecem não exigir das pessoas mais do que a disposição de usufruir dos prazeres do presente”.

A redução das experiências de prazer a experiências individuais, com o esvaziamento das dimensões coletivas do que era compreendido como fruição é um movimento lamentado por França (2010, p. 217), ao analisar como o que é transmitido hoje como felicidade deveria supostamente estar “(...) ‘dentro de cada um’, ‘ao alcance de cada um’”. Méritos, investimentos, competências, realização individual passam a ser centrais no vocabulário dos prazeres, o que leva Bezerra Júnior (2010, p. 119) a problematizar: “Aparentemente hedonista, esta sociedade acaba impondo aos sujeitos um esforço incessante para se manterem à altura de expectativas – de performance física, mental e social – que não conseguem atender”.

Para a concepção psicanalítica sobre a vida psíquica, os conflitos não são manifestações de falhas a serem corrigidas, de déficits a serem compensados, mas são os conflitos que caracterizam e movem as experiências e as relações humanas. Não corresponder aos ideais de felicidade plena e prazeres ininterruptos não seria, assim, uma incapacidade de pessoas que não se dedicaram o suficiente para a própria realização, mas um movimento próprio da dinâmica entre busca por satisfações prazerosas e insatisfações que levam a novas buscas que, para a psicanálise, nunca se cessa enquanto houver vida.

Nas palavras de Freud (1930/2010, p. 9): “Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas”.

Não há como escapar de frustrações, estar vivo(a) é estar sujeito a tensões, perturbações e perdas. Como defende Nasio (1997, p. 95), não se trata de algo a ser lamentado, mas sim: “(...) ao longo de nossa existência estaremos, felizmente, em estado de carência. Digo felizmente porque essa carência, vazio sempre futuro que atíça o desejo, é sinônimo de vida”. Se o prazer total, absoluto e irrestrito não está ao nosso alcance, são muitos e variados os prazeres que, ao longo da vida, experimentamos, buscamos repetir, criamos e recriamos. Reconhecermos como conflitos e sofrimentos estarão sempre presentes não significa negarmos ou diminuirmos a importância do prazer, mas sim, admitirmos quão complexas – e interessantes – as experiências e relações humanas atravessadas por prazeres – e também por dores – podem ser.

A tão almejada exclusão de frustrações e sofrimentos exigira um amortecimento das sensibilidades e das vulnerabilidades nas relações, o que não seria uma forma de construir vidas mais felizes, mais plenas, mas “(...) vidas vazias de sentido, de criatividade e de valor” (KEHL, 2009, p. 53). Os esforços por não sentir falta, não sentir tristeza, não sentir dor, não sentir decepção, culminam, diretamente ou indiretamente, em esforços por não sentir.

“Socorro, não estou sentindo nada!”, canta Arnaldo Antunes²⁴⁷, em um apelo que remete à análise realizada por TÜRCKE (2012), sobre como em meio a um bombardeio constante e crescente de estimulações cada vez mais excitantes, mais intensas, mais gritantes, a tendência não é a de sentirmos cada vez mais, mas tal incitação ininterrupta “(...) faz os sentidos ficarem dormentes” (TÜRCKE, 2012, p. 68). É preciso que as estimulações sejam cada vez mais fortes para que alguma impressão possa ser experimentada, em uma dinâmica discutida pelo autor como correspondente à dinâmica do vício, em que a busca frenética e sempre insatisfeita para suscitar novas buscas sensações é justamente o que impulsiona o quadro atual de circulação de mercadorias. Os excessos nas experiências de consumo de álcool e outras substâncias, assim como os excessos no consumo de uma forma geral, tão cobertos de seduções pelas propagandas, são como que encarregados da promessa de oferecer, mais uma vez como ilustra a música de Arnaldo Antunes: “qualquer coisa que se sinta”.

²⁴⁷ A letra da música **Socorro** pode ser encontrada no endereço: <https://www.lettras.mus.br/arnaldo-antunes/44207/>. Acesso em: 27 de março de 2018.

Se sentimos cada vez menos e menos, como estamos vivendo? Como podemos considerar o contexto em que vivemos como um contexto que exalta prazeres?

Há a exaltação de prazeres, sim, mas que não é acompanhada por condições de experiências e de relações que de fato potencializem ou mesmo viabilizem que os prazeres em sua multiplicidade possam ser buscados, possam ser vividos. Entre as condições com que nos deparamos com uma significativa precariedade estão as condições de sociabilidade, como analisa Costa (2004, p. 199), em que ao invés do reconhecimento da importância da alteridade para a construção de sentidos em como somos e como vivemos, cada um(a) com quem nos relacionamos tende a ser visto(a) em uma perspectiva individualizante, culpabilizadora e competitiva como “um observador incômodo e invasivo de nossos possíveis desvios”. Sentir torna-se uma ameaça a ser evitada por como nossas sensibilidades e vulnerabilidades são transmitidas como indícios de fraqueza, de inferioridade.

“Conhecer alguém; aproximar-se de alguém; relacionar-se intimamente com alguém passou a ser uma tarefa cansativa”, diz Costa (1996, s/p), quando os prazeres que ganham centralidade são prazeres que devemos experimentar em comparação com outras pessoas que sentem menos prazeres, em busca pela aprovação – e pela inveja – do olhar das outras pessoas que interpretamos como concorrentes, prazeres que devemos experimentar não com pessoas com quem nos importamos e que tornam nossas vidas mais vivas, mas apesar delas, ou mesmo em detrimento delas, já que relacionar-se envolve dedicação, abertura, atenção e sensibilidade, elementos considerados dispendiosos e arriscados demais para serem valorizados como prazerosos.

Compensa repetirmos: há a exaltação de prazeres, sim, mas que não é acompanhada por condições de experiências e de relações que de fato potencializem ou mesmo viabilizem que os prazeres em sua multiplicidade possam ser buscados, possam ser vividos. A exaltação de prazeres é acompanhada, ao contrário, por uma incitação à insuficiência: em uma perspectiva individualizante, culpabilizadora e competitiva, pessoas que não vivem vidas felizes e prazerosas seriam aquelas que não conseguem ser competentes o suficiente, que não se esforçam o suficiente, que não investem o suficiente em si, no próprio corpo, na própria performance, na próprio sucesso, na própria realização individual. Seriam pessoas inibidas, lentas, indispostas, sem iniciativa, para quem proliferam diagnósticos supostamente descritivos de tais quadros que demandam intervenções medicamentosas que promoveriam o que é necessário para adaptação, para “(...) estimular-se ou acalmar-se para ser competitivo e de mostrar-se independente (...)”,

como analisa Ehenberg (2007, p. 143). Não são os prazeres, assim, que recebem prioridade, mas as performances, a construção de imagens de prazer, de uma aparência de competição e de realização que responda à “(...) demanda por ação que nunca conseguimos suficientemente responder” (EHENBERG, 2010, p. 151).

Trata-se, nas palavras de Safatle (2016, p. 161), da construção de um “ideal empresarial de si”, em que maximizar performances e calcular possíveis fracassos para evitá-los são imperativos que acompanham a conversão do prazer e do gozo em imperativos.

As crescentes estimulações e demanda por ação são discutidas também por Preciado (2008), que denomina como farmacopornográfico o regime em que os lucrativos mercados de fármacos e de pornografia incitam continuamente a sequência excitação-frustração-excitação: “(...) O êxito da tecnociência contemporânea é transformar nossa depressão em Prozac, nossa masculinidade em testosterona, nossa ereção em Viagra (...)” (PRECIADO, 2008, p. 33).

Analisarmos criticamente as condições atuais em que tantos prazeres são incitados, tantos prazeres são prometidos em anúncios como “*você merece o prazer*” que atrelam tal merecimento ao consumo, tantos prazeres são exigidos em uma perspectiva individualizante, competitiva e culpabilizante sobre que prazeres devem ser sentidos e como não corresponde, no entanto, a diminuirmos a importância que os prazeres e a busca por prazeres podem ter nas experiências e nas relações entre as pessoas. Como defende Konder (2010, p. 76): “O que precisa ser radicalmente denunciado é o fato de que o prazer e a liberdade sofrem uma deformação profunda na medida em que não podem ser efetivamente desfrutados por indivíduos concretos”. Mais do que importante para as experiências e para as relações, reconhecermos a dimensão política dos prazeres pode ser importante para as transformações que visamos nessas experiências e relações.

Torna-se fundamental, portanto, considerarmos como circulam os afetos. Segundo a análise de Safatle (2015, p. 88): “Nossa sujeição é afetivamente construída, ela é afetivamente perpetuada e só poderá ser superada afetivamente”. A política não acontece entre indivíduos isolados que se autodeterminam e podem construir ou não acordos conforme suas vontades individuais, mas por seres que se encontram, seres relacionais, sensíveis e vulneráveis, seres que se encontram e que se afetam, que nunca saem os mesmos quando se encontram, nos vínculos que se formam e que se transformam. Os afetos têm grande importância política por como exercem uma influência significativa no campo dos possíveis.

Chegamos, então, ao ponto de articulação entre nossas reflexões sobre os prazeres, sobre a importância política e vital dos prazeres em nossas experiências e relações e as possibilidades de atuação em educação: a proposta de inserção de uma perspectiva do cuidado. Apresentamos no capítulo a compreensão sobre as práticas de cuidado como as ações e relações que permitem que o que é vivido como fragmentado, como desestabilizante, possa ser reconhecido e integrado a partir de uma posição expressiva, ativa e criativa.

Segundo uma perspectiva de cuidado, sensibilidades, vulnerabilidades, faltas e sofrimentos não são algo a ser evitado ou eliminado, como indesejáveis perturbações, mas algo que demanda atenção, reconhecimento, elaboração. Há a valorização, portanto, de prazeres compartilhados, de espaços para os múltiplos desejos, sentimentos e formas de expressão. Como defende Figueiredo (2007, p. 28): “(...) Nossa capacidade de prestar atenção uns aos outros (...) parece drasticamente reduzida. Recuperar esta capacidade me parece uma tarefa urgente e preciosa (...)”.

É por ser preciosa a possibilidade de estar com as outras pessoas, em oportunidades de escuta, de reconhecimento, de elaboração, com abertura aos encontros, que consideramos importante para as relações educativas e para a elaboração e a realização de grupos de educação sexual a inserção da perspectiva do cuidado. Acreditamos que é a partir da transformação das relações que outras formas de práticas de educação e de saúde podem ser construídas, com o cuidado para pensarmos e participarmos juntos(as) nesses processos de construção. É com a transformação das relações e dos sentidos que damos para o que sentimos e para a saúde que, nas palavras de Bezerra Júnior (2006, p. 29), pode ser promovida também “(...) a transformação do mundo vivido, que pode vir a se tornar mais aberto, mais estimulante, mais rico”.

Gostaria de concluir expressando como foi um prazer ter construído um capítulo sobre prazeres, por como a presente tese e também minha dissertação de mestrado foram movidas pela aposta em ser possível articular prazer e educação. O capítulo final será sobre encontros e possibilidades de atuação em educação sexual. Retornaremos a este capítulo sobre prazeres para identificarmos formas de inserção de discussões sobre como as relações e experiências são predominantemente vividas atualmente, assim como para pensarmos sobre de que formas a perspectiva do cuidado pode contribuir para construirmos espaços de diálogo e reflexão sobre possibilidades de transformação.

Sobre a importância da inserção de questões sobre os prazeres na educação sexual, cito Tom Rodrigues (2017, p. 75-76), que ao investigar sobre as articulações entre teoria *queer* e psicanálise, defende, para a educação sexual, que as situações educativas sejam:

(...) situações em que não se desconsidera o que há de contraditório em nós quanto ao terreno do sexual nem quanto às desarmonias e ambivalências da identidade e do desejo. (...) situações em que as vicissitudes da vida não representam apenas problemas a serem controlados, outrossim representam também desafios para a reflexão, sendo como o combustível de uma viagem que envolve prazeres, angústias, fantasias, paixões, medos, frustrações, ilusões, (des)amores, epifanias, conquistas e perdas. Uma viagem que produz e transforma o corpo e a identidade.

Sobre a importância de transformações na educação, necessariamente ligadas a transformações nas relações educativas, cito Afonso Mancuso de Mesquita (2018) que, ao investigar a formação psicológica de valores morais a partir da perspectiva marxista e vigotskiana no campo de estudos da Psicologia Histórico-Cultural e analisar como tal formação se dá em um contexto de sociabilidade competitivo e individualista, defende, entre os apontamentos para a atividade pedagógica:

(...) Observar a escola é perceber que o isolamento é muito presente. A ajuda mútua é confundida com intromissão ou estorvo à aprendizagem. (...) Na valoração positiva e negativa do sucesso e do fracasso do “eu”, fecha-se um círculo vicioso, que permite a emergência do medo como emoção dominante no contexto escolar (...) (p. 134).

(...) não há outra forma de organizar uma educação moral que não repensando e transformando, na medida do possível, as vivências e a sociabilidade escolares. Não basta que as pessoas compreendam intelectualmente o que significam a liberdade, a justiça, a restituição história, etc, é preciso ir além disso e criar *vínculos pessoais* com elas. E a criação desses vínculos só pode acontecer dentro de um sistema real de vida e educação (...) (p. 147).

(...) O apontamento pedagógico que extraímos desse trabalho é que a educação escolar deve pensar como um só problema: a forma de sociabilidade escolar, a relação com o conhecimento e as formas de educação emocional e valorativa. O predomínio de uma sociabilidade individualista e competitiva determina a valoração do outro como ameaça. O desafio da escola é criar uma coletividade viva, cuja ausência levará toda tentativa de educação moral emancipatória ao fracasso, à incoerência e à hipocrisia (p. 01).

É a partir do reconhecimento da importância da educação escolar para a busca pela promoção de formas diferentes de sociabilidade, de encontros e de ressignificação das relações e das experiências que realizaremos nos próximos capítulos a análise de materiais educativos voltados à prevenção aos usos de bebidas alcoólicas entre adolescentes e a discussão sobre as possibilidades de atuação em educação sexual.

No capítulo seguinte, situaremos o álcool no conjunto mais amplo das substâncias psicoativas, considerando também como as questões relacionadas aos prazeres se inserem nas experiências de consumo.

Capítulo 6

Entre proibições e incitações

Imagine que, ao ligar a televisão, você se depara com a cena de jovens com belos sorrisos e corpos bronzeados, apreciando o pôr-do-sol e acendendo um cigarro de maconha. A partir de um trocadilho com a palavra “brisa”, utilizada em referência aos efeitos, é apresentado o slogan: “*A brisa que refresca até pensamentos*”.

Imagine que, algumas horas depois, é anunciada uma substância ainda pouco conhecida no Brasil, um estimulante à base de metanfetamina. Várias pessoas sacodem um pacotinho com o novo produto, em meio a uma multidão, enquanto todas dizem, em coro: “*Experimenta! Experimenta! Experimenta!*”. Provavelmente a sua reação será de certo estranhamento e desaprovação... Nada que se compare à surpresa ao ver um siri que, após ingerir algumas pílulas de LSD em uma praia paradisíaca, foge do dono das pílulas em direção ao mar, abaixa a sunga, rebola e debocha: “*nãñãñãñã*”.

No dia seguinte, você começa a reparar nos anúncios dos *outdoors* e cartazes nos pontos de ônibus, e percebe que a imagem de uma mulher branca em pose sensual é utilizada para anunciar cocaína, com o slogan: “*Essa branca é da boa*”. Minutos depois, vê a imagem também de uma mulher em pose sensual, fechada em uma cápsula de ecstasy, acompanhada pela frase: “*Sempre vai bem*”. Mais à frente, depara-se com a imagem de um cartão postal do Rio de Janeiro, na qual o Cristo Redentor é substituído por um cachimbo utilizado para o consumo de crack.

É difícil imaginar que a transmissão de cenas, imagens e mensagens como essas seria permitida? Podemos inferir como seriam as reações de indignação caso os anúncios descritos fossem verdadeiros: “*Como assim? São anúncios de drogas! Drogas são perigosas! Drogas fazem mal para a saúde! Drogas matam!*”.

Para prosseguirmos com a reflexão sobre os exemplos apresentados, torna-se importante nos atentarmos à questão: O álcool é uma *droga*?

As imagens a seguir, na qual nos inspiramos para criarmos os exemplos mencionados, podem ilustrar como são naturalizados os posicionamentos diferentes diante das bebidas alcoólicas em comparação às outras substâncias psicoativas:

Figura 9- Anúncio da cerveja Brahma da campanha “Refresca até pensamento”



Fonte: Blog Memória da cerveja²⁴⁸

**Figura 10: Cenas do comercial da campanha da cerveja Nova Schin
“Experimenta”**



Fonte: Blog Memória da cerveja²⁴⁹

²⁴⁸ Anúncio divulgado em 1999. Disponível em: <http://memoriadacerveja.blogspot.com.br>. Acesso em 11 de janeiro de 2016.

²⁴⁹ Anúncio divulgado em 2003. Disponível em: <http://memoriadacerveja.blogspot.com.br>. Acesso em 11 de janeiro de 2016.

Figura 11: Cena da campanha “Nã nã nã nã” da cerveja Brahma



Fonte: Matéria As dez propagandas mais famosas de cerveja do site Etílicos²⁵⁰

Figura 12: Anúncio da campanha “Bar da Boa” da cerveja Antartica



Fonte: Matéria As dez propagandas mais famosas de cerveja do site Etílicos²⁵¹

²⁵⁰ Anúncio divulgado em 2000. Disponível em: <http://etilicos.com/as-dez-propagandas-mais-famosas-de-cerveja/>. Acesso em 11 de janeiro de 2016.

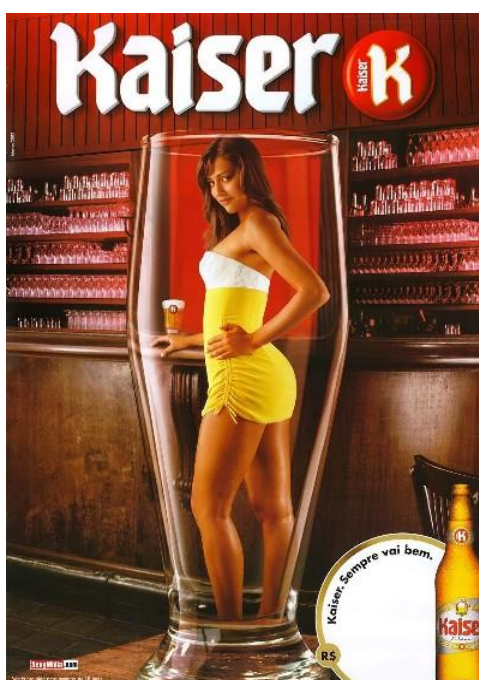
²⁵¹ Anúncio divulgado em 2009. Disponível em: <http://etilicos.com/as-dez-propagandas-mais-famosas-de-cerveja/>. Acesso em 11 de janeiro de 2016.

Figura 13: Anúncio da campanha “É pelo corpo que se reconhece a verdadeira negra”, da cerveja Devassa



Fonte: Matéria Ministério da Justiça abre processo contra cervejaria por suposta prática de publicidade abusiva do site O Globo²⁵²

Figura 14- Anúncio da campanha “Sempre vai bem” da cerveja Kaiser



Fonte: Blog Cerveja brasileira²⁵³

²⁵² Anúncio divulgado em 2009. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/defesa-do-consumidor/ministerio-da-justica-abre-processo-contracervejaria-por-suposta-pratica-de-publicidade-abusiva-10249068>. Acesso em 11 de janeiro de 2016.

²⁵³ Anúncio divulgado em 2003. Disponível em: <http://cervejabrasileira.zip.net/>. Acesso em: 11 de janeiro de 2016.

Figura 15: Anúncio da campanha “For a fresher world” da cerveja Heineken



Fonte: Site Adbrach- Evolution of the Advertising Industry²⁵⁴

Os anúncios de diferentes marcas de cerveja apresentados contribuem para reconhecemos a ampla difusão da associação entre bebidas alcoólicas e prazer, relaxamento, humor, diversão, lazer e excitação sexual²⁵⁵. Se voltarmos ao exercício de imaginarmos como seria se o mesmo tratamento fosse dado a substâncias como a maconha, a metanfetamina, o LSD, a cocaína, o ecstasy e o crack, admitiríamos sem hesitarmos que há uma grande distância entre como esses psicoativos são representados culturalmente e a naturalidade com que o álcool é propagado como um produto valorizado e desejável.

Por que a distância entre as bebidas alcoólicas e as substâncias ilícitas é tão grande? Seria pela preocupação com os riscos para a saúde? Seria pelos danos que precisam ser evitados, como acidentes, atos violentos e outras situações que ferem e podem levar à morte? Seria uma forma de prevenção contra os malefícios da dependência física e psicológica? Discutiremos sobre essas questões no próximo tópico.

²⁵⁴ Anúncio divulgado em 2008. Disponível em:

<http://theinspirationroom.com/daily/2008/heineken-for-a-fresher-world/>. Acesso em: 11 de janeiro de 2016.

²⁵⁵ Excitação sexual, no caso, de consumidores homens heterossexuais, considerando como as mulheres não são representadas como sujeitos, mas como objetos do desejo. É relevante também destacarmos a importância de problematização sobre o forte componente racista no anúncio da Devassa com o slogan “*É pelo corpo que se reconhece a verdadeira negra*” e o apelo ao público infantil no comercial da Brahma protagonizado por um siri que rebola e diz “*nã nã nã*”.

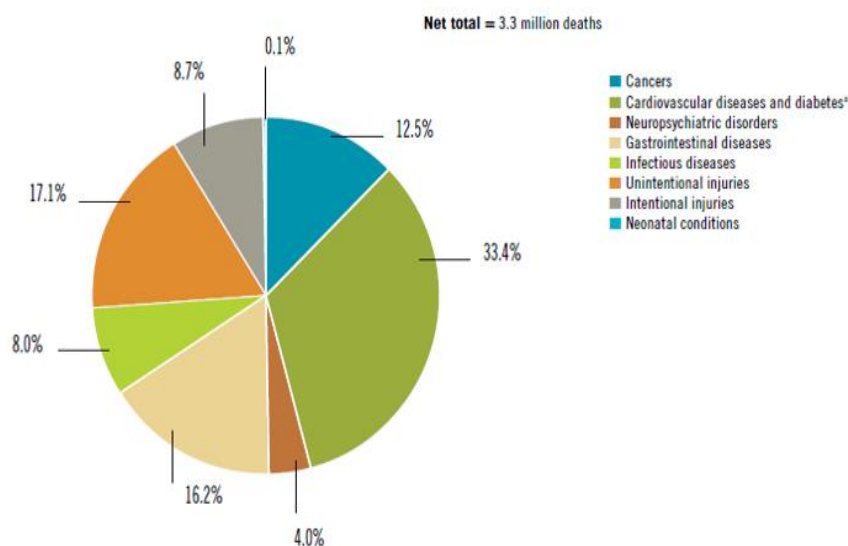
6.1 O álcool é uma *droga*?

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde publicados em 2014 no relatório **Global status report on alcohol and health**²⁵⁶, o consumo de bebidas alcoólicas está relacionado com, em média, 3.3 milhões de mortes a cada ano no mundo. Doenças gastrointestinais; doenças cardiovasculares; câncer na boca, na laringe, na faringe, no fígado, no pâncreas, nas mamas; diabetes e quadros de sofrimento psíquico, como a depressão, a ansiedade e a adicção são alguns dos quadros de saúde que podem ser desencadeados ou terem grande influência do consumo de álcool.

O consumo de bebidas alcoólicas influencia também no maior número de ocorrências de acidentes de trânsito que culminam em mortes e/ou ferimentos de diferentes graus de severidade e também é um dado constante nos registros sobre suicídios, homicídios e sobre as diferentes formas de violência física e sexual como espancamentos e estupros.

No gráfico a seguir, apresentado no relatório da Organização Mundial da Saúde, são indicadas as mortes atribuídas ao álcool com base em dados reunidos em 2012:

Figura 16: Distribuição de mortes atribuídas ao álcool segundo a Organização Mundial da Saúde



Fonte: Global status report on alcohol and health 2014 publicado pela World Health Organization (2014, p. 48).

²⁵⁶ Tradução nossa: "Relatório do status global sobre álcool e saúde".

A tradução dos motivos das mortes segundo a ordem de frequência apresentada no gráfico refere-se a: Doenças cardiovasculares e diabetes; ferimentos e danos não intencionais; doenças gastrointestinais; cânceres; ferimentos e danos intencionais; doenças infecciosas; transtornos neuropsiquiátricos e condições neonatais.

Embora haja a busca por ressaltá-los nas informações transmitidas no campo das políticas públicas em educação e saúde, os malefícios relacionados aos usos de bebidas alcoólicas não recebem tanta visibilidade quanto os decorrentes das substâncias psicoativas ilícitas. Como exemplo podemos mencionar a difusão da ideia de que o Brasil enfrenta uma *epidemia de crack*, repetida continuamente nos meios de comunicação, enquanto o último levantamento do Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas – CEBRID aponta que o número de substâncias lícitas consumidas pela população, como o álcool e os medicamentos benzodiazepínicos, supera significativamente o uso de crack²⁵⁷.

Ao observarmos os anúncios apresentados, reconhecemos como o consumo de bebidas alcoólicas não é representado como *legal* apenas no sentido de permitido por lei, como oposto de criminalizado, mas também é transmitido como *legal* enquanto associado à alegria, à diversão, ao prazer, à sociabilidade.

Ao comentar sobre a recomendação da Organização Mundial da Saúde para que a expressão “álcool e drogas” seja substituída em documentos oficiais e políticas públicas por “álcool e outras drogas”, diante da importância em termos de prevenção e tratamento de que as substâncias sejam compreendidas como inseridas em uma mesma categoria, Tiago Ribeiro (2010, p. 17) problematiza:

É sintomático que não utilizemos corriqueiramente o termo “droga” para se referir às bebidas alcoólicas, pois estas possuem uma história de uso na cultura ocidental muito mais integrada, robusta e naturalizada. (...) Penso que esses elementos permitem compreender o termo “droga” não mais apenas como um composto químico, mas também como uma construção social que se opera sobre uma base moral cultural, a qual produz um significado público a esse termo.

O álcool é uma *droga*? Para respondermos essa questão, é necessário, antes, discutirmos sobre os aspectos históricos, sociais, culturais e morais condensados no termo *drogas*, que serão abordados no tópico a seguir.

²⁵⁷ Os dados do CEBRID foram apresentados e analisados por Rodrigo Alencar (2011, p. 63) no artigo **Crack e mídia: Comunicação e propaganda na Idade da Pedra**: “na última pesquisa publicada pelo Centro Brasileiro de Informações Sobre Drogas (CEBRID), o uso de crack atingia 0,7% dos 7.939 entrevistados, enquanto o uso de álcool atingiu 74,6%, até mesmo os benzodiazepínicos superaram largamente a pedra maldita, apontando para 5,6%. Já quanto à dependência entre os entrevistados, há 12,3% de dependentes de álcool e 0,5% de benzodiazepínicos, e quanto ao crack o número não foi representado por não chegar a 0,2%”.

6.2 Por que não usar *drogas*?

“Diga não às drogas!”, “Drogas ameaçam a juventude e o futuro do país!”, “Por um mundo sem drogas!”, “Novos investimentos para a guerra às drogas!”: quando ouvimos frases assim, em que substâncias pensamos? Que substâncias são classificadas – e combatidas – como *drogas*?

Cerveja. Café. Maconha. Fluoxetina. Chocolate. Viagra. Guaraná. Ritalina. Crack. Açúcar. Vinho. LSD. Aspirina. Coca-cola. Champanhe. Anabolizante. Energético. Pinga. Rivotril. Ecstasy. Lança-perfume. Nicotina.

Quais das substâncias acima seriam agrupadas como *drogas*?

Nas definições predominantes em políticas públicas, o critério principal para a categorização são as propriedades bioquímicas: *drogas* são as substâncias capazes de suscitar modificações nos sistemas e funções do corpo e, mais especificamente, modificações no sistema nervoso central. No mesmo sentido, a definição apresentada pela Organização Mundial da Saúde (2008, p. 1): “droga é qualquer substância não produzida pelo organismo que tem a propriedade de atuar sobre um ou mais de seus sistemas, produzindo alterações em seu funcionamento”.

Se partirmos do critério das propriedades bioquímicas, todas as substâncias listadas acima podem ser classificadas como *drogas*. Se o conceito for usado em referência a preocupações com a saúde pública, por serem substâncias com efeitos potencialmente nocivos a curto ou longo prazo, *idem*.

Entretanto, tais critérios não são suficientes para explicar por que substâncias como a nicotina, a cerveja, a ritalina e o rivotril não são evocados com tanta frequência enquanto *drogas*. Também não são suficientes para explicar a divisão entre as *drogas* que podem ser prescritas medicamente, as que podem ser divulgadas como positivas e promovidas como desejáveis em anúncios publicitários e aquelas que, proibidas, são alvo de repressão policial e associadas à marginalidade e à criminalidade. Ou seja, embora muito frequente, os usos do conceito de *drogas* constantemente carregam alguns equívocos e muitas imprecisões.

“A droga como um objeto claro e definido nunca existiu. Sob a sombra desse conceito polimorfo esconde-se, na verdade, uma diversidade de substâncias e de usos distintos”, afirma Henrique Carneiro (1994, p. 157)²⁵⁸.

²⁵⁸ No artigo **Transformações do significado da palavra “droga”: das especiarias coloniais ao proibicionismo contemporâneo**, Henrique Carneiro (2005) apresenta como a palavra “droga” na língua portuguesa é provavelmente derivada da palavra holandesa *droog*, utilizada em referência a

Diante da imprecisão do que o conceito *drogas* condensa, entre os elementos associados à sua utilização o mais marcante é o teor negativo: falar sobre *drogas* é, na maior parte das vezes, falar sobre uma preocupação, uma ameaça, um problema. O modo como algumas pessoas são adjetivadas como *drogadas* ilustra a carga de estigmatização, da representação das *drogas* como algo necessariamente ruim e destrutivo.

Os sentidos negativos atribuídos às *drogas*, como associações com a marginalidade, a imoralidade, a clandestinidade e a criminalidade, são constantemente evocados e alimentados por diversos discursos, como os discursos midiáticos, políticos, jurídicos, médicos, psicológicos, religiosos e também em alguns discursos educativos preventivos, por exemplo quando estratégias de amedrontamento são priorizadas em detrimento de esclarecimentos e informações. Romper com o teor estigmatizante e problematizar a intensa carga moral são, assim, movimentos necessários, como afirma Júlio Simões (2008, p.14):

Na sociedade contemporânea, o uso de “drogas” assumiu as proporções de uma preocupação central no debate público, principalmente por sua representação unilateral como perigo para a saúde pessoal e coletiva e por sua associação imediata com a criminalidade e a violência urbana. Esse viés da ameaça à saúde, à juventude, à família e à ordem pública, que ainda organiza grande parte da discussão do tema, promove uma distorção decisiva, já que tende a atribuir à existência de “drogas” o sentido universal da encarnação do mal e a tratá-la como um problema conjuntural que poderia ser definitivamente eliminado por meio da proibição e da repressão.

Diante da multiplicidade de substâncias, usos, efeitos, significados e expectativas é preciso questionar a compreensão exclusiva dos usos de psicoativos como sempre problemáticos. A postura crítica diante da associação entre *drogas* e *mal a ser combatido* não corresponde, no entanto, a um modo de atenuar ou negligenciar os possíveis efeitos danosos e consequências prejudiciais, mas à busca por uma compreensão mais abrangente em que os riscos e danos sejam considerados de forma contextualizada, que leve em consideração os fatores sociais, culturais, históricos e políticos envolvidos em como os usos de substâncias são significados e experienciados, visando superar, assim, concepções reducionistas e discriminatórias.

produtos secos. Entre os séculos XVI e XVII, especiarias como gengibre, pimenta, canela e noz-moscada eram chamadas de “drogas” e valorizadas no contexto mercantilista, impulsionadoras dos ciclos de navegações. Apenas recentemente, mais especificamente a partir do final do século XIX e começo do século XX, que as *drogas* adquiriam a conotação vigente de um *mal* a ser combatido, como na expressão proibicionista sobre o combate às substâncias ilícitas “*guerra às drogas*”, utilizada pela primeira vez em 1969 pelo então presidente dos Estados Unidos Richard Nixon em defesa de medidas repressivas.

É por haver um forte teor de desqualificação moral e estigmatização nos modos como o termo *drogas* frequentemente é empregado que, nesta tese, optamos por não usá-lo em referência ao álcool e às outras substâncias psicoativas, grafando-o em itálico quando for o caso de mencioná-lo para remeter ao movimento de problematização.

6.3 A divisão das substâncias entre lícitas e ilícitas

“Eles perdem todos os traços de humanidade. Defecam na frente de todo mundo; fazem sexo em qualquer lugar. E, se você reclama, atacam de forma repulsiva. Escarram em você, abrem suas feridas, vomitam em você”: o trecho extraído de uma matéria da Folha de São Paulo publicada em 2012²⁵⁹ foi analisado por Taniele Rui (2002, p. 1) na tese **Corpos abjetos: Etnografia em cenários de uso e comércio de crack**, na qual a autora problematiza sobre o intenso teor de desqualificação moral que acompanha as abordagens midiáticas sobre o crack predominantes nos veículos de grande circulação: “Por causa do crack, dizem as notícias, perde-se o controle, o caráter, a vergonha e a dignidade; até a alma se perde um pouco” (RUI, 2012, p. 3).

O crack, que é hoje uma substância ilícita no Brasil, é produzido a partir de uma mistura de cocaína com bicarbonato de sódio, água e outros componentes que não são facilmente identificáveis devido à clandestinidade da fabricação. Enquanto a cocaína é uma substância geralmente cheirada ou injetada, a pedra do crack costuma ser fumada, o que acelera sua absorção. Por ser vendido a preços mais baratos, o crack tem uma maior difusão entre usuários e usuárias mais pobres, como as pessoas que frequentam ou residem nas chamadas *cracolândias*, regiões com condições sociais precárias em que o acesso a direitos mínimos como alimentação, moradia, saúde, educação e segurança estão comprometidos, o que se soma ao fato de serem frequentes ações violentas de repressão policial. Atribuir ao crack um irrefutável poder devastador contribui para o apagamento dessas condições: não seriam a desigualdade, a exclusão e a violência que tornariam a vida de tantas pessoas privadas das condições necessárias para o exercício da cidadania e da dignidade, mas, supostamente, elas que seriam culpadas por serem usuárias da substância.

²⁵⁹ A matéria **Nas ruas do centro de São Paulo, tragada custa R\$1**, produzida pela jornalista Laura Caplione a partir da entrevista com uma usuária de crack que antes trabalhava como modelo, está disponível no site: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2606200915.htm>. Acesso em: 21 de janeiro de 2016.

Argumentos relacionados à proteção da saúde e da segurança são evocados com frequência quando estão em questão são as justificativas para a divisão entre as substâncias lícitas e ilícitas. No entanto, o exemplo de como usuários e usuárias de crack sofrem processos de estigmatização, exclusão e violência atualmente no Brasil evidencia como a associação de determinadas substâncias com a clandestinidade em decorrência das proibições não é um movimento que protege, mas que intensifica as condições de vulnerabilidade.

Atribuir imensos poderes destrutivos a uma substância e posicioná-la como causa de inúmeros sofrimentos e misérias: o processo que hoje tem se condensado principalmente no crack pode ser melhor compreendido se considerarmos os deslizamentos históricos que o marcam. Como exemplo, podemos mencionar uma substância que, no contexto da abolição da escravidão no Brasil, foi usada como símbolo de uma suposta indolência e incapacidade para o trabalho que seria intrínseca à *natureza* das pessoas negras, com o argumento de que elas não deveriam ser contratadas em empregos assalariados por fazerem uso dessa substância, uso que evidenciaria a inferioridade que era transmitida às crianças desde que nasciam. Que substância era esta, capaz de ser transmitida pelo sangue de geração para geração, tão poderosa a ponto de tornar violentas, promíscuas e degradadas moralmente não apenas as pessoas que a consumiam, mas também seus filhos e filhas, netos e netas e assim por diante? O álcool.

Tratava-se, como discutimos no primeiro capítulo, do contexto do fortalecimento da chamada “medicina social”, norteada pelos ideais eugênicos de combate à miscigenação racial por meio de estratégias higienistas. O consumo de bebidas alcoólicas e de outras substâncias, como a maconha, também comum entre as pessoas negras recém libertas da escravidão, tornaram-se alvos privilegiados dos movimentos pelo embranquecimento do país. A estratégia de situar substâncias como veículos de estigmatização de populações marginalizadas é abordada no capítulo **Contextualização sobre o uso de drogas no Brasil**, publicado pelo Conselho Federal de Psicologia (2013):

O “crackeiro” seria apenas o sucessor, na linha evolutiva das substâncias vitimadoras, do “cachaceiro” e do “maconheiro” que lhe antecederam nesta história de violência e dominação, na qual a miséria econômica associada à marca de raça e de classe, antecipa o risco do desenvolvimento da miséria moral, condição de uma desqualificação plena (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013, p. 24).

Diante dos deslocamentos históricos em torno do álcool e de outros psicoativos, é importante nos atentarmos para como: (1) as proibições são um fenômeno histórico relativamente recente, com pouco mais de cem anos, assim como o argumento de que proibir estaria à serviço da saúde e da segurança; (2) proibições e restrições dos usos de determinadas substâncias expandiram-se concomitantemente com a consolidação da Medicina enquanto profissão, e da atribuição exclusiva aos(às) profissionais da Medicina do poder de prescrever que substâncias poderiam ser consumidas.

O recente crescimento do proibicionismo em escala mundial é discutido por Henrique Carneiro (2002) no capítulo **As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX**, no qual o autor define e contextualiza as políticas proibicionistas como intervenções estatais reguladoras que visam impedir a produção, a comercialização e o consumo das substâncias classificadas e criminalizadas como *drogas*, por meio de tratados internacionais, legislações específicas e ações repressivas do aparato policial:

A ilicitude em torno de certas mercadorias tradicionalmente importantes no comércio constitui-se num fenômeno singular do ponto de vista jurídico, econômico e moral, e tem sido característica do século XX, sob a denominação de “proibicionismo”. Em 1912, em Haia, uma convenção internacional estabeleceu restrições ao cultivo e comércio dos derivados da papoula. De 1919 a 1933, o proibicionismo atingiu o álcool, nos estados Unidos. Logo após o fim da “Lei Seca”, foi proibido o consumo de maconha nos Estados Unidos. No segundo pós-guerra expandiu-se na forma de listas de substâncias controladas e proibidas estabelecidas sob a égide da ONU como legislação internacional impositiva. (...) A regulamentação proibicionista no século XX aumentou o fluxo de capitais no ramo clandestino, expandiu a demanda e gerou instituições e aparatos dependentes da existência da proibição e que sustentam a sua continuidade. O resultado do proibicionismo foi provocar a hiperlucratividade, danos à saúde pública, devido à falta de fiscalização, a militarização da produção e do comércio de certas drogas e a intromissão do aparato de segurança em esferas da vida cotidiana (CARNEIRO, 2002, p. 17-20).

Júlio Simões (2013) argumenta na mesma direção, problematizando como embora o aumento da violência urbana, dos conflitos entre polícia e tráfico e do número de pessoas encarceradas sejam elementos apresentados com frequência como decorrentes dos usos ilegais de substâncias, trata-se de uma inversão da causalidade: ao invés de decorrentes dos usos de determinadas substâncias, são consequência do fato de que esses usos são proibidos.

Não fosse desastrosa em suas diversas consequências, a “guerra às drogas” poderia ser considerada apenas uma idéia fútil. A fracassada tentativa de proibir a fabricação, o comércio e o transporte de bebidas alcoólicas nos EUA nos anos 1920 (conhecida popularmente como “lei seca”) deveria ser suficiente para mostrar a íntima conexão que se estabelece entre a proibição oficial e a violência social crescente: o negócio clandestino tornou-se fonte fabulosa de lucro,

corrupção e crime, além de aumentar grandemente os riscos para os consumidores com a oferta de produtos adulterados e de má qualidade (SIMÕES, 2013, p. 14-15).

Ao nos depararmos, assim, com a associação entre determinadas substâncias e a perda da dignidade, a corrosão do caráter, a incorporação do mal, é importante não obedecermos aos apelos sobre “*nem pensar*” e considerarmos como são muitos os fatores históricos, sociais, culturais, morais e políticos condensados na divisão entre substâncias lícitas e ilícitas.

“*Crack, nem pensar!*” é o nome da campanha analisada por Dênis Petuco (2012), em que o amedrontamento é a estratégia principal. Embora seja descrita como uma campanha de *prevenção*, prevenção é algo que requer informações, esclarecimentos e cuidados com as experiências e com os direitos do público a quem o objetivo de prevenir se dirige, elementos bem distantes de como a campanha foi elaborada. Sujeira, deterioração, olheiras fundas, roupas rasgadas e pele coberta por feridas são traços recorrentes nas imagens, como é possível identificar no cartaz a seguir:

Figura 17: Cartaz da campanha “Crack nem pensar”



Fonte: Site da agência RBS

Na dissertação **Entre imagens e palavras: o discurso de uma campanha de prevenção ao crack**, o autor descreve: “usuários e usuárias de crack são apresentados como zumbis, mortos-vivos, monstros urbanos” (PETUCO, 2012, p. 22). Diante de tais estratégias de monstrificação e desumanização, torna-se importante questionarmos qual é a concepção de prevenção que está em jogo, considerando a contradição presente no fato de que tal *prevenção* prejudica, ao invés de contribuir para a promoção de direitos humanos. Nas palavras de Pedro Paulo Bicalho (2013, p. 18):

(...) quando discutimos direitos humanos, nossa discussão está muito mais para o campo de quem são esses humanos (...). É preciso pensar que algumas questões viabilizam processos de “não humanização” que fazem que alguns humanos sejam entendidos como menos humanos.

6.4 Entre infernos e paraísos artificiais

Neste capítulo sobre incitações e proibições discutimos até o momento acerca da grande distância que existe entre o álcool, uma substância psicoativa lícita, para a qual são permitidas variadas estratégias de divulgação como anúncios publicitários com imagens festivas, pessoas belas e sorridentes, cenários paradisíacos e siris, e as substâncias psicoativas ilícitas, como o exemplo do crack, tema de campanhas que embora se nomeiem como *preventivas*, têm como eixo o amedrontamento com a utilização de imagens e mensagens que remetem ao sofrimento, à destruição e à desumanização, com representações de personagens que se assemelham a monstros e zumbis vivendo em cenários infernais.

Abordamos também sobre as contradições presentes na argumentação de que as proibições de determinadas substâncias são uma forma de garantir saúde e segurança enquanto quando observamos as situações concretas o que identificamos são muitos usuários e usuárias estigmatizados(as), sem acesso a direitos básicos, culpabilizados(as) pelas dificuldades que enfrentam por haver uma acentuada individualização das dificuldades enfrentadas, como se uma substância, em si, pudesse condensar todas as causas das condições de marginalização, violência e exclusão.

Além das substâncias psicoativas lícitas associadas ao lazer, como as bebidas alcoólicas, e as substâncias psicoativas ilícitas, como o crack, é relevante abordarmos sobre um grupo de substâncias psicoativas cujo consumo tem se expandido significativamente, embora as preocupações com as possíveis consequências não tenham se expandido na mesma proporção, já que muitas vezes tais substâncias são representadas exclusivamente como meios de promoção de saúde (o que também podem ser, mas não somente). Tratam-se dos psicofármacos.

No artigo **Drogas, performance e psiquiatrização na contemporaneidade**, Joel Birman (2014, p. 27) discute:

(...) se nas últimas décadas o tráfico das drogas ilícitas cresceu enormemente no mundo, não existindo qualquer dúvida em relação a isso, a comercialização e a utilização de psicofármacos atingiram igualmente um crescimento exponencial, de forma que este se transformou em uma das novas mercadorias mais valorizadas do mundo contemporâneo. (...) se a primeira expansão de drogas é foco insistente da crítica da mídia em escala internacional e está no centro da política de Estado dos países hegemônicos, em contrapartida, não se fala quase

nada desta segunda expansão, de forma significativa. Assim, este *silêncio* eloquente sobre esta segunda expansão maciça de drogas se justificaria então pelas finalidades terapêuticas que regulariam o seu uso, pois estas se voltariam para a promoção do *bem* e não do *mal* nas populações, contrariamente às drogas ilícitas. Tudo se passa como se isso não colocasse um problema e não fosse em si mesmo um problema (...) (BIRMAN, 2014, p. 27, grifo do autor).

Enquanto a partir da segunda metade do século XX os usos de psicofármacos passaram por expressiva difusão e aceitação, os usos de substâncias ilícitas sofreram intervenções também expressivas de controles e proibições.

Os mesmos saberes e poderes médicos que são tomados como base para a legitimação dos usos de determinadas substâncias psicoativas são tomados como base para justificativas da criminalização de outras substâncias, igualmente psicoativas, com o estabelecimento e a consolidação da divisão entre substâncias lícitas e ilícitas.

Em 2013, 53.819 milhões de caixas de medicamentos antidepressivos foram vendidas no Brasil²⁶⁰. Em 2015, foram vendidas 23 milhões de caixas do benzodiazepínico Rivotril, com um aumento significativo em relação às 29 mil caixas vendidas em 2007²⁶¹. Além do grande crescimento no uso de calmantes e antidepressivos, outro número que tem aumentado vertiginosamente é o da prescrição de medicamentos para crianças, especialmente para aquelas diagnosticadas com o chamado “Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade”²⁶². Em 2011, o Brasil ocupava o lugar de segundo maior consumidor mundial de metilfenidatos (princípio ativo da Ritalina), atrás apenas dos Estados Unidos. Segundo dados do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro divulgados em 2014, o país registrou um aumento de 775% no consumo da substância em dez anos. De acordo com dados da Agência Nacional de Vigilância Sanitária- ANVISA, foram 2,6 milhões de caixas vendidas em 2013²⁶³.

²⁶⁰ Dados apresentados na matéria **Venda de calmantes e antidepressivos cresce quase 10% em 4 anos no Brasil**, publicada pelo portal R7 no dia 27 de abril de 2014. Disponível em: <http://noticias.r7.com/saude/venda-de-calmantes-e-antidepressivos-cresce-quase-10-em-4-anos-no-brasil-27042014>. Acesso em: 13 de janeiro de 2016.

²⁶¹ A matéria **Rivotril, a droga da paz química**, de Ingrid Matuoka, foi publicada no dia 04 de novembro de 2015 pelo site da revista Carta Capital. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/saude/rivotril-a-droga-da-paz-quimica-3659.html>. Acesso em: 13 de janeiro de 2016.

²⁶² Mais informações sobre o transtorno e sobre a prescrição de metilfenidatos podem ser encontradas na dissertação **A Ritalina no Brasil: Uma década de produção, divulgação e consumo**, de Cláudia Itaborahy (2009).

²⁶³ A matéria **Brasil registra aumento de 775% no consumo de Ritalina em dez anos**, publicada no dia 11 de agosto de 2014, está disponível no site do **Estadão**: <http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-registra-aumento-de-775-no-consumo-de-ritalina-em-dez-anos,1541952>. Acesso em 13 de janeiro de 2016.

Agitação, preocupação, nervosismo, insônia e inquietação, por um lado, e apatia, desânimo, tristeza, desmotivação e prostração, por outro, são os estados psíquicos que tornaram-se hoje os alvos mais frequentes de intervenções medicamentosas. Os ansiolíticos, principalmente os benzodiazepínicos (Rivotril, Diazepan, Lexotan, Librium, Valium), também chamados de sedativos ou calmantes, são receitados continuamente não apenas por psiquiatras, mas também por médicos(as) de diversas especialidades e clínicos gerais diante das mais variadas queixas. Os antidepressivos não ficam atrás: são cada vez mais prescritos e consumidos, principalmente desde o surgimento dos serotoninérgicos (Prozac, Zoloft, Deroxat, Floxyfral, Seropram), no fim da década de 1980, que, pela inibição seletiva da recaptação da serotonina, possibilitam o aumento da concentração nas sinapses desse neurotransmissor associado às sensações de prazer e bem-estar.

No livro **Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas**, Henrique Carneiro (2005) traz informações sobre a criação, as propriedades e as formas de uso dessas substâncias e desenvolve também uma análise sobre a centralidade crescente que recebem atualmente:

[A depressão e a ansiedade] como pólos do humor representam estados contrapostos e alternantes, numa oscilação pendular que alterna uma atividade nervosa com uma tristeza letárgica ou a ciclotimia dos humores, acentuada pela velocidade da vida cotidiana da época contemporânea (...). Ambas condições- depressão e ansiedade- elevadas à definição nosográfica de doenças mentais, tiveram terapias químicas indicadas pela medicina que se tornaram alguns dos medicamentos mais vendidos do mercado (CARNEIRO, 2005, p. 151).

Enquanto as substâncias psicoativas ilícitas são associadas ao sofrimento, ao adoecimento e ao “mal”, como colocou Birman (2014, p. 27), as substâncias lícitas prescritas medicamente são associadas ao “bem” e aos cuidados com a saúde. Torna-se relevante, assim, nos perguntarmos acerca do que é compreendido como saúde. A definição proposta pela Organização Mundial de Saúde²⁶⁴, em 1945, pode nos dar pistas sobre o que é necessário considerarmos: “Um estado de completo bem-estar físico, mental e social”. Diante da definição, poderíamos colocar outra questão: o que seria um estado de completo bem-estar?

Se nos permitirmos uma digressão, podemos mencionar como a busca humana por sensações e estados de espírito plenos de bem-estar, felicidade, beleza, vigor e

²⁶⁴ O documento da Constituição da Organização Mundial da Saúde, publicado em 1946, está disponível no endereço: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>. Acesso em: 24 de agosto de 2016.

encantamento são temas dos ensaios de Charles Baudelaire publicados em 1860 no livro **Paraísos artificiais**. O poeta francês aborda como embora tais sensações e estados sejam tão intensamente desejados, são também incertos, tênues e transitórios:

Mas o que há de mais extraordinário nesse estado emocional de espírito e dos sentidos, que posso sem exageros chamar de paradisíaco, se o comparo às pesadas trevas da existência comum e cotidiana, é que ele não foi criado por nenhuma causa visível e fácil de ser definida (BAUDELAIRE, 1860/1998, p. 11-12).

Nomear como “artificiais” os paraísos criados não corresponde a uma postura condenatória dos usos de substâncias, que, na época em que os ensaios foram escritos²⁶⁵ não eram fonte de desqualificação moral, como nos dias de hoje, mas valorizados como ingredientes importantes da efervescência cultural e artística. Também não se trata de uma defesa ou celebração da fabricação, via substâncias, dos desejados “efeitos paradisíacos”. Sem a polarização entre bem e mal, entre certo e errado, os ensaios podem ser vistos como um convite que inspira pensarmos sobre “O gosto pelo infinito” (BAUDELAIRE, 1860/1998, p. 7), título escolhido para o capítulo inicial.

As promessas de bem-estar, de potencialização dos prazeres e de alívio das dores estão entre os temas analisados por Joel Birman (1997) no livro **Mal-estar na atualidade**, consideradas como elementos centrais para a compreensão sobre o atual quadro político e econômico de circulação de mercadorias. Entre as mercadorias, encontram-se as substâncias psicoativas, tanto as lícitas quanto as ilícitas. Além do fato de moverem lucrativos mercados, Birman (1997) discute como tanto as substâncias aceitas e prescritas medicamente quanto as substâncias proibidas e comercializadas clandestinamente têm em comum os modos como condensam a crença moderna na possibilidade de eliminação do sofrimento psíquico. O ápice dessa crença revela-se na “busca desesperada de uma poção mágica que impossibilite o reconhecimento do sofrimento (...), impedindo então a constatação das desilusões que a vida inevitavelmente provoca em qualquer ser humano” (BIRMAN, 1997, p. 202).

Ao afirmar que as desilusões são algo inevitável, Birman (1997) tem como base as análises que Sigmund Freud desenvolveu em 1930 no livro **O mal-estar na civilização**, com as discussões sobre as dores, conflitos e frustrações que marcam a experiência humana.

²⁶⁵ Nos ensaios são abordados efeitos físicos e morais do uso de substâncias, com base nas experiências próprias de Baudelaire com o haxixe e o vinho e na tradução das **Confissões de um comedor de ópio**, de Thomas de Quincey (1821). No artigo **Baudelaire e os paraísos artificiais: A busca pelo “jardim de beleza verdadeira”**, Alexandro Neudorf (2013) apresenta uma contextualização histórica sobre o momento em que os ensaios foram publicados.

“A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis”, diz Freud (1930/1974, p. 47). Tornam-se valiosos, assim, recursos que possibilitem a obtenção de prazeres e alívio de desprazeres e dores. Nas palavras de Freud (1930/1974, p. 48): “não podemos dispensar as medidas paliativas”. Dentre as medidas paliativas mencionadas por Freud estão as crenças religiosas, as criações culturais e artísticas e as substâncias psicoativas, chamadas por ele de “veículos intoxicantes” que são usados na busca pelo “afastamento da desgraça” (Freud, 1930/1974, p. 35). O trecho a seguir refere-se à continuação da mesma argumentação:

(...) os métodos mais interessantes para evitar o sofrimento são aqueles que procuram influenciar o próprio organismo. (...) o fato é que existem substâncias estranhas ao corpo cuja presença no sangue e nos tecidos nos proporciona sensações imediatas de prazer, além de modificar de tal modo as condições de nossa vida perceptiva a ponto de nos tornarem incapazes de perceber sensações de desprazer. Ambos os efeitos não apenas ocorrem ao mesmo tempo, mas também parecem intimamente ligados (FREUD, 1930/1974, p. 35).

Ao partir da análise freudiana de 1930 sobre o mal-estar, Birman (1997) discute sobre as mudanças que ocorreram desde então em como o sofrimento psíquico é compreendido e experienciado. O início da comercialização dos primeiros antidepressivos, na década de 1950, pode ser apontado como um marco para essas transformações. Ao ampliarem as possibilidades de tratamento para o sofrimento crônico, os usos de psicofármacos tornaram-se vias privilegiadas de manejo dos sintomas, tornando-se, gradativamente, valorizados não apenas pelas dores que podem amenizar, mas também pelas sensações de prazer e bem-estar que podem proporcionar.

A expansão da psicofarmacologia foi acompanhada, como vimos no capítulo anterior, por efeitos mais abrangentes que o alívio de determinados sintomas, entre eles, as transformações em como o sofrimento psíquico passou a ser representado. Enquanto antes a interpretação da experiência do sofrimento era relacionada às singularidades de cada trajetória subjetiva, e conflitos, dores e sintomas eram considerados expressões de diferentes formas de ser e estar no mundo, com o tempo essas manifestações passam a ser compreendidas como indesejáveis, como falhas passíveis de serem corrigidas. Principalmente desde a década de 1970, os medicamentos passaram a receber centralidade entre as medidas de intervenção.

A expansão da psicofarmacologia corresponde, assim, a um processo em que o mal-estar, que antes tendia a ser visto como intrínseco à experiência humana, passa a ser

tomado como um erro que pode ser consertado, uma fraqueza que pode ser compensada, um desvio prejudicial que não só pode, mas deve ser eliminado.

Anestesiando dores, amenizando tristezas, sedando angústias, eliminando excitações excessivas, aplacando ansiedades, aliviando tensões, estabilizando humores: a significativa expansão dos psicofármacos corresponde, segundo Birman (1997) à busca por um aperfeiçoamento crescente na gestão dos afetos. Trata-se de um movimento que ultrapassa os limites da prática psiquiátrica, influenciando mudanças em como a saúde e o adoecimento, a felicidade e o sofrimento, o bem-estar e a dor passam a ser culturalmente significados.

A finalidade dessa medicina mental é regular as variações dos humores e das paixões, para normalizar os excessos das intensidades psíquicas. (...) Deve-se indagar o que está em questão neste discurso psicopatológico. Pode-se surpreender neste, em filigrana e nas entrelinhas, um modelo evidente do que deve ser o sujeito, isto é, um *imperativo* moral do que devemos ser, uma *norma* de sanidade a que devemos nos submeter e adequar (BIRMAN, 1997, p. 244-245, *itálicos do autor*).

Como discutimos no capítulo anterior, dimensões que eram antes consideradas como intrínsecas à experiência humana, como os sofrimentos e as oscilações de ânimo, passam a ser vistas como algo a ser regulado, alvo de intervenções para se adequarem aos parâmetros da saúde como bem-estar. Foram especialmente os tratamentos medicamentosos para quadros diagnosticados como de angústia e depressão que, segundo Birman (1997, p. 242), promoveram “uma mudança significativa na relação dos indivíduos com estas paixões, até então incontroláveis pela intervenção médica”.

É na centralidade dada à tentativa de controle, de regulação de afetos e paixões que está, para Birman (1997), o ponto de intersecção entre a significativa expansão do consumo de psicofármacos e a também significativa expansão do consumo de outras substâncias lícitas e ilícitas. Apesar de serem constantemente representados como campos destoantes ou mesmo opostos, o campo do saber médico e o campo da circulação de outras substâncias permitidas ou proibidas possuem como base comum a crença moderna de que seria possível – e desejável – controlar e mesmo eliminar as perturbações psíquicas. Os quadrinhos a seguir, do cartunista André Dahmer, são interessantes para pensarmos sobre esse ponto de intersecção nos usos de diferentes substâncias:

Figura 18 - Quadrinhos dos anos 10, do cartunista André Dahmer



Figura 19 – Sabe o que tem lá fora?, do cartunista André Dahmer



Figura 20– A ditadura da alegria, do cartunista André Dahmer



Fonte: Acervo de quadrinhos dos Malvados²⁶⁶

²⁶⁶ Disponível em: <http://www.malvados.com.br/>. Acesso em: 19 de janeiro de 2016.

“Ninguém tem o direito de ficar triste”: a frase da tirinha remete ao que discutimos no capítulo anterior, sobre como ao invés de uma possibilidade, sentir prazer torna-se um dever, um imperativo. O campo dos usos das substâncias psicoativas é um campo privilegiado para pensarmos os impactos da conversão de sensações e experiências prazerosas em exigências, uma questão que atravessa tanto os usos de substâncias lícitas, quanto os usos de substâncias ilícitas. Como analisa Eduardo Vargas (2001, p. 24):

(...) à crescente e em muitos sentidos inédita repressão ao consumo de “drogas” de uso “ilícito” acrescenta-se a insidiosa incitação ao consumo de “drogas” de uso “lícito”, sob a forma quer dos remédios prescritos pela ordem médica tendo em vista a produção de corpos saudáveis, quer de “drogas” auto-prescritas em função de ideais de beleza (os anorexígenos produzindo corpos esbeltos), de habilidade (os estereóides e anabolizantes produzindo corpos de super-atletas) ou de “estado de espírito” (os ansiolíticos e antidepressivos produzindo corpos serenos, mansos) (...) as sociedades ocidentais fizeram das “drogas” um problema médico-criminal e um problema que não diz respeito apenas à sua repressão, mas também à incitação ao seu consumo. É assim que, ao mesmo tempo, condenamos e punimos o uso de algumas substâncias sob os estigmas do vício ou da doença e prescrevemos e incitamos o uso de outras (senão das mesmas) em nome da conservação biológica da vida (VARGAS, 2001, p. 34).

Entre proibições e incitações, torna-se, assim, importante considerarmos que a discussão sobre os prazeres é uma discussão necessária quando abordamos sobre os usos de diferentes substâncias. No tópico a seguir, nosso foco serão as proibições e incitações que atravessam as experiências de consumo por adolescentes.

6.5 Entre pertencimentos e transgressões

O consumo e a comercialização de bebidas alcoólicas para pessoas com menos de 18 anos são proibidos por lei no Brasil²⁶⁷. A proibição em vigor, no entanto, contrasta com o fato de serem comuns as práticas consumo de álcool na adolescência, representadas inclusive como algo valorizado, vinculado à diversão, ao prazer e à sociabilidade. Há assim uma dimensão ambivalente nas primeiras experiências entre adolescentes: ao mesmo tempo que se trata de algo transgressor, por ser legalmente proibido, há também

²⁶⁷ O Estatuto da Criança e do Adolescente apresenta na seção II “Dos Crimes em Espécie”, o artigo 243: “Vender, fornecer ainda que gratuitamente, ministrar ou entregar, de qualquer forma, a criança ou adolescente, sem justa causa, produtos cujos componentes possam causar dependência física ou psíquica, ainda que por utilização indevida. Pena – detenção de dois a quatro anos, e multa, se o fato não constitui crime mais grave” (BRASIL, 2012, p. 185). O Estatuto da Criança e do Adolescente pode ser acessado no site: <http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara>. A lei que versa especificamente sobre a proibição da comercialização das bebidas alcoólicas pode ser lida na íntegra no endereço: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1355093.pdf>. Acesso em: 05 de maio de 2017.

uma valorização, por ser algo aceito e difundido culturalmente, associado à busca por adaptação, integração, pertencimento e reconhecimento.

A ambivalência das primeiras experiências também pode se refletir nas relações vividas pelos(as) adolescentes, por exemplo, em contextos de interação entre familiares, em que o consumo pode ser ora reprimido, ora permitido, ou até mesmo incentivado: “*Até meu pai insiste para eu beber, ‘não pai, não quero’, ‘vai só um pouquinho’*”, relata um dos participantes dos grupos focais desenvolvidos por Mirian Abramovay e Mary Castro (2005, p. 37).

Uma experiência relatada com frequência entre adolescentes é a da experimentação entre amigos e amigas, como afirma outra participante da mesma pesquisa: “*tem muita gente que começa assim, turminha, daí vai um golinho, depois uma latinha*” (ABRAMOVAY; CASTRO, 2005, p. 39).

O objetivo da pesquisa desenvolvida por Abramovay e Castro (2005) foi identificar concepções acerca do consumo de bebidas alcoólicas e outras substâncias psicoativas por adolescentes, por meio da realização de grupos focais com os(as) próprios(as) adolescentes, com familiares e com profissionais que atuam nas escolas, como forma de complementar e aprofundar os dados levantados na pesquisa da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO com 4.426.174 estudantes do Ensino Fundamental e Médio de 14 capitais brasileiras²⁶⁸, que envolveu a aplicação de questionários sobre padrões de consumo.

Os dados obtidos na pesquisa da UNESCO indicam que a idade em que a experimentação do álcool é mais frequente é entre 13 e 17 anos, embora não sejam poucos os garotos e garotas entre 10 e 12 anos que consomem bebidas alcoólicas²⁶⁹.

Beber em festas e outros eventos sociais foi uma prática identificada com elevada frequência nas respostas²⁷⁰, com índices significativamente maiores²⁷¹ que os relatos de experimentação e consumo das demais substâncias psicoativas pesquisadas (tanto as lícitas, como a nicotina e os tranquilizantes, quanto as ilícitas, como a maconha, a cocaína,

²⁶⁸ A pesquisa foi realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) nas cidades de Belém, Cuiabá, Distrito Federal, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, Maceió, Manaus, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Vitória.

²⁶⁹ 30% das(os) participantes entre 10 e 12 anos consomem álcool; 52,6% das(os) participantes entre 13 e 17; 66,4% entre 16 e 18 e 70,7% a partir de 19 anos.

²⁷⁰ 45,9% das(os) participantes responderam beber em festas e outras ocasiões sociais. 9,9% responderam que bebem regularmente e 42,2% que nunca bebem.

²⁷¹ 57,8% das(os) participantes adolescentes consumiram e/ou consomem álcool.

o ecstasy, o LSD e o crack)²⁷². O fato de as bebidas alcoólicas serem amplamente aceitas culturalmente e a facilidade de acesso foram os dois fatores considerados mais influentes para o início do consumo.

As primeiras experiências no Brasil foram tema de análise do estudo desenvolvido por Maurício Fiore (2013), a partir da pesquisa etnográfica com a participação de dez jovens da cidade de Campinas. Entre as substâncias investigadas (bebidas alcoólicas, maconha, cocaína, crack, LSD e cogumelos), o álcool foi a única substância presente nas experiências de consumo de todos(as) os(as) participantes e também a única em que a experimentação, sem exceções, aconteceu na adolescência.

(...) a proibição da venda ou cessão de bebidas alcoólicas aos menores de 18 anos é sistematicamente desobedecida no Brasil. Esse fato é uma boa entrada para a análise dos agenciamentos do álcool nas trajetórias pesquisadas, visto que todos começaram a consumir habitualmente álcool antes dos 18 anos. (...) Diferentemente de conseguir entrar em danceterias ou shows noturnos proibidos para menores de idade, ação que normalmente exigia planejamento, não há nenhuma lembrança desafiadora para a obtenção do álcool. (...) As primeiras bebedeiras dificilmente são lembradas numa chave de iniciação às substâncias psicoativas ou alteração da consciência. O álcool parece estar de tal forma imbricado num processo social coletivo que os efeitos e as sensações subjetivas são menos marcantes do que os próprios contextos em que seu consumo era habitual (FIORE, 2013, p. 49).

Fiore (2013) ressalta o prestígio social atribuído aos usos de bebidas, que faz com que sejam compreendidos como praticamente inevitáveis nos contextos de lazer e socialização. Tanto em grandes festas com pessoas conhecidas e desconhecidas, quanto em eventos menores com amigos e amigas próximas e/ou familiares e também em momentos mais íntimos entre casais, as bebidas são consideradas bem-vindas.

Como vimos no Capítulo 4, é frequente a combinação entre as primeiras experiências de consumo de bebidas alcoólicas e outras primeiras experiências, como as primeiras festas e outros primeiros eventos com amigos e amigas, as primeiras idas a shows, bares e outros estabelecimentos e lazer, as primeiras paqueras, as primeiras ficadas, as primeiras relações sexuais. É como se o álcool pudesse ser como um marcador de experiências de transição, algo importante a ser considerado para a compreensão sobre as práticas de consumo na adolescência.

²⁷² 97,9% dos participantes garotos e 99% das participantes garotas não consomem substâncias lícitas de uso ilícito. 3% das(os) participantes responderam terem experimentado maconha, 1,1% substâncias inalantes, 1% cocaína e 0,5% crack ou merla.

6.6 Entre sonhos de ousadia e pesadelos de desordem

O que significa ser adolescente? Quanto tempo dura a adolescência? Quando a transição da infância para a adolescência acontece? E a transição da adolescência para a vida adulta? Como são definidas essas transições?

No livro **A adolescência**, Contardo Calligaris (2000) discute como enquanto em outras culturas há ritos de iniciação, momentos que marcam a passagem para a vida adulta por meio de práticas culturalmente estabelecidas como provas a serem cumpridas e celebrações coletivas para demarcar a transição, no contexto que vivemos não há ritualizações, comemorações nem definições precisas sobre quando a maturidade será reconhecida e legitimada.

Calligaris (2000) nos convida a imaginarmos como seria se, ao sofrermos um acidente de avião, caíssemos em uma tribo desconhecida. A tribo tem uma língua própria e se organiza principalmente em torno de duas atividades: a pesca com arpão e as serenatas com berimbau. Após cerca de 12 anos vivendo na tribo, aprendemos a pescar, a tocar e a falar a língua corretamente. Entretanto, ao tentarmos exercer nossas habilidades, recebemos um aviso: apesar de termos domínio do que nos ensinaram, 12 anos não é suficiente, precisaremos nos preparar mais, esperar para podermos ser parte do grupo. Essa espera seria uma espécie de proteção, de cuidado conosco, e não teria uma duração certa, por volta de 10 anos, talvez. Como nos sentiríamos?

A suspensão de tempo colocada pela tribo que impede que os(as) habitantes participem exercendo as habilidades que aprenderam é utilizada por Calligaris (2000) como comparação ao que vivem os(as) adolescentes em nossa cultura: após passarem a infância aprendendo sobre as condições consideradas próprias da vida adulta, como a inserção profissional e a possibilidade de relacionar-se afetivamente e sexualmente, ao alcançarem, com a puberdade, a maturidade física tanto para trabalharem quanto para se relacionarem e mesmo reproduzirem-se, recebem o aviso de que é ainda muito cedo para isso. Não há um tempo certo para o período de espera, ao contrário, a duração é cada vez mais indefinida.

Em outras palavras, há um sujeito capaz, instruído e treinado por mil caminhos – pela escola, pelos pais, pela mídia – para adotar os ideais da comunidade. (...) Uma vez transmitidos os valores sociais mais básicos, há um tempo de suspensão entre a chegada à maturação dos corpos e a autorização de realizar ditos valores. Essa autorização é postergada. E o tempo de suspensão é a adolescência (CALLIGARIS, 2000, p. 16).

A definição da adolescência como uma faixa etária que tem início com as transformações corporais da puberdade não é suficiente para a compreensão sobre como a experiência de ser adolescente se expressa em nossa cultura. A concepção da adolescência enquanto um tempo intermediário específico entre a infância e a vida adulta não corresponde a um fato biológico, mas a uma construção que teve início no século XX, com a urbanização, a industrialização e outras mudanças nas relações sociais, e se fortaleceu principalmente após a 2ª Guerra Mundial com a expansão da centralidade atribuída ao consumo. A representação da adolescência como associada à rebeldia, à experimentação, à descoberta da própria identidade, não é, assim, um fato natural, mas uma ideia que é historicamente recente. Trata-se, nas palavras de Calligaris (2000, p. 9), de “uma das formações culturais mais poderosas de nossa época”.

A construção de um ideal de adolescência e juventude se dá com a representação romantizada de que seria um momento do desenvolvimento voltado exclusivamente para a fruição, para o prazer e para a liberdade. Experimentar, curtir, divertir-se, ousar, viver cada instante intensamente tornam-se praticamente convocações, como se, com a suposta isenção de responsabilidades e preocupações, a única responsabilidade e preocupação fosse a de desfrutar sem limites.

Assim, além da proliferação dos ideais de prazer proliferam, há também representações alarmistas, da adolescência como um momento de explosão hormonal que culmina em rebeldia, irresponsabilidade, inconsequência, como se houvesse uma desordem potencialmente destrutiva que precisasse ser contida.

“A adolescência não é só conjunto das vidas dos adolescentes. É também uma imagem ou uma série de imagens que muito pesa sobre a vida dos adolescentes”, afirma Calligaris (2000). Entre imagens tão diversas e com frequência tão destoantes, cada adolescente pode enfrentar também o desafio de perceber que suas experiências – como estudar, trabalhar, se relacionar com a família, fazer amizades, apaixonar-se, envolver-se afetivamente, envolver-se sexualmente, escolher atividades de lazer, divertir-se, criar, construir projetos, planejar o futuro – são muitas vezes deslegitimizadas como se não fossem “sérias”, como se fossem apenas algo passageiro, um “ensaio”, uma “fase”. É como se tais experiências não estivessem acontecendo de verdade, como se a adolescência fosse uma espécie de “limbo preparatório” (CALLIGARIS, 2000, p. 49).

Trata-se, assim, de um processo em que a construção da identidade é marcada por muitas contradições: como ao mesmo tempo que as escolhas do(a) adolescente não

recebem reconhecimento e legitimidade, pode ser tão forte a expectativa de que adolescentes “proveitem intensamente”?

Como ninguém sabe direito o que é um homem ou uma mulher, ninguém sabe também o que é preciso para que um adolescente se torne adulto. O critério simples da maturação física é descartado. Falta uma lista estabelecida de provas rituais. Só sobram então a espera, a procrastinação e o enigma, que confrontam o adolescente (...) Tal contradição torna-se ainda mais enigmática para o adolescente na medida em que essa cultura parece idealizar a adolescência como se fosse um tempo particularmente feliz. Como é possível? Se o adolescente é privado de autonomia, se é afastado da realização plena dos valores cruciais de nossa cultura, como pode essa mesma cultura imaginar que ele seja feliz? (CALLIGARIS, 2000, p. 18; 21).

A construção da adolescência entre imagens de prazer, liberdade e fruição e imagens de rebeldia, irresponsabilidade e destrutividade, que mobilizam ao mesmo tempo tantas idealizações e tantas desconfianças, é também abordada por Diana Corso e Mario Corso (2011, p. 774-776) no capítulo **Ficções sobre a adolescência**:

A adolescência é um sonho para os que estão de fora, já para os que estão dentro, sabe ser também um pesadelo. É época de longos tédios, nas quais se passa mais sonhando do que fazendo qualquer coisa, porém os adultos imaginam os adolescentes sempre envolvidos em práticas sexuais e transgressivas. (...) Como viver feito gente grande é muito trabalhoso, depositamos um tanto de nossas fantasias em um passado idealizado, constituído por uma infância de brincadeiras seguida de uma adolescência de aventuras (...). Enquanto isso, na adolescência real, vive-se um turbilhão de emoções das quais os adultos não querem saber, preferem relacionar-se com seu protótipo imaginário de adolescência. (...) A carga de expectativas e fantasias sobre a adolescência pesa sobre os ombros dos protagonistas, faz deles personagens do sonho alheio quando, mais do que nunca, precisam ser autores de sua biografia.

As oscilações entre sonhos de diversão e ousadia e pesadelos de desordem e inconsequência estão também presentes em como os usos de bebidas alcoólicas por adolescentes são representados. O consumo de álcool pode ser compreendido como uma adesão ao que é valorizado culturalmente, como a sociabilidade, a descontração e a integração a experiências de lazer, mas, também, pode ser também fonte de preocupações, diante da ideia de que os(as) adolescentes não teriam responsabilidade e maturidade suficientes para consumirem álcool, colocando a si mesmos(as) e a outras pessoas em risco.

É necessário também considerarmos como, diante da indefinição sobre o que significa ser adolescente, da ausência de referências que confirmam significados ao processo de transição, a experimentação de bebidas alcoólicas é por vezes representada como uma forma de estabelecer um marco, já que, ao beberem, adolescentes estariam se

diferenciando de crianças e demonstrando que são capazes de agirem e de se divertirem de um modo que só é permitido legalmente às pessoas adultas.

Nos momentos de sociabilidade e diversão acompanhados por álcool, os(as) adolescentes podem se reconhecer como pertencentes a um mesmo grupo com desejos similares, assim como podem se diferenciar dos(as) adultos(as) por escaparem de seus controles e desobedecerem suas regras e interdições. Ainda que haja riscos e consequências prejudiciais, mesmo os elementos negativos podem ser significados como desejáveis, já que expor-se a eles pode significar o distanciamento da proteção que caracteriza a infância para a demonstração de que são capazes de fazer as próprias escolhas. Por isso, prescrições e explicações sobre os riscos e danos parecem soar tão inexpressivas, como aborda Calligaris (2000, p. 45-46): “O argumento que insiste sobre o perigo de álcool (...) para a saúde pode produzir o efeito inverso ao esperado, pois nada prova que o adolescente queira ser objeto de uma proteção ou de um cuidado especial que, de novo, o infantilizaria”.

Contrariamente à visão da adolescência como uma espécie de ensaio, como um “limbo preparatório” (CALLIGARIS, 2000, p. 40), transgredir interdições e compartilhar momentos de diversão são modos pelos quais adolescentes podem buscar demonstrar que as experiências que estão acontecendo, aqui e agora, não são apenas um treino, um preparo, são legítimas, são para valer. Trata-se de algo importante para ser considerado em abordagens educativas: a possibilidade de que a discussão sobre as experiências de consumo de bebidas alcoólicas entre adolescentes e jovens parte da voz de adolescentes e jovens, ou seja, tenha como base como os(as) participantes vivenciam e significam essas experiências. Quando os múltiplos fatores envolvidos são reconhecidos e considerados legítimos, o diálogo sobre os cuidados necessários para a prevenção acontece de forma mais aberta e contextualizada.

Ainda sobre a construção social da noção de adolescência, é importante considerarmos como as experiências da adolescência são múltiplas e intensamente atravessadas por fatores como gênero, raça e etnia, classe social, orientação sexual e outros marcadores sociais de diferenças. A própria nomenclatura “adolescentes” guarda marcas de processos de exclusão. Como analisa Rosa Fischer (1996, p. 26-27) na tese

Adolescência em discurso – mídia e produção de subjetividade:

O que nos interessa aqui não é nos perdermos na discussão de faixas etárias, e sim registrar o fenômeno atual de adiamento da entrada na vida adulta, decorrente de um estreitamento do mercado, que impele o ingresso tardio das populações jovens no mercado de trabalho. Essa ampliação do tempo de dependência em

relação à vida familiar e escolar, com todo o conjunto de conflitos daí decorrentes – fenômeno que deve ser considerado em seus recortes sobretudo de classe e gênero – explica o fato de que o mercado e, portanto, a publicidade e os meios de comunicação, descobrem a adolescência como um novo *target*. O cruzamento desses fatores está, certamente, na raiz do uso indiscriminado de termos e imagens que denominam e representam a ampla faixa daqueles que a mídia passou a chamar de *teens*.

(...) Em oposição aos *teens*, aos adolescentes de 14 ou 20 anos, há os que a mídia e a sociedade chamam apenas de menores (...) e que não ocupam as páginas das revistas femininas ou masculinas, nem os seriados de televisão, muito menos os comerciais: eles estão nas estatísticas oficiais, nas páginas policiais, nas notas de pessoas desaparecidas, nas reportagens sobre problemas sociais da infância e da adolescência.

O grupo que hoje é chamado de *teens* no Brasil ganhou seus contornos na década de 1990, enquanto a adolescência passou a ser recoberta de ideais de curiosidade, experimentação, diversão e fruição prazerosa, lado a lado com a correspondente centralidade que passou a ser dada às garotas e garotos enquanto consumidores(as), com a propagação de novos e glamourosos estilos de vida.

Enquanto no pós-guerra, com a efervescência dos movimentos de contracultura na década de 1960 e com as mobilizações políticas em que as pessoas jovens ganharam destaque nas décadas seguintes (como nos protestos entre os(as) caras pintadas pelo impeachment do presidente Fernando Collor, em 1992), a associação que predominava era entre juventude, rebeldia e contestação, as ruas perderam espaço e os shopping centers ganharam destaque enquanto ícone para simbolizar a geração que vivia a transição da infância para a cada vez mais distante vida adulta.

Com uma ênfase mercadológica tão incisiva no que é transmitido como adolescência, torna-se importante nos atentarmos mais uma vez para como:

(...) os produtos feitos especialmente para os jovens e adolescentes, nos meios de comunicação, distinguem-se por falarem ao público preferencialmente das camadas médias da população; ao mesmo tempo, um outro grupo, também na faixa dos 12 aos 20 anos, ocupa as páginas dos jornais e revistas e os espaços da televisão, na condição de “menores” ou “delinquentes juvenis” – eles são os Outros, excluídos da imagem ideal de uma adolescência média (FISCHER, 1996, p. 200).

Um exemplo mais recente sobre como o recorte de raça e classe social influencia em como o que é inserido ou não na idealização da adolescência como momento de diversão e de prazer refere-se às reações aos chamados “rolezinhos”, momentos em que adolescentes das periferias se organizaram para ir, em grupos, para shopping e outros espaços de lazer. No texto **Os novos “vândalos” do Brasil**, Eliane Brum (2013) aborda como foram as reações:

O Natal de 2013 ficará marcado como aquele em que o Brasil tratou garotos pobres, a maioria deles negros, como bandidos, por terem ousado se divertir nos shoppings onde a classe média faz as compras de fim de ano. Pelas redes sociais, centenas, às vezes milhares de jovens, combinavam o que chamam de “rolezinho”, em shopping próximos de suas comunidades, para “zoar, dar uns beijos, rolar umas paqueras” (...). A polícia reprimiu, os lojistas fecharam as lojas, a clientela correu.

Na cidade de Bauru, foram organizadas comissões diante da preocupação “(...) com os rumos do movimento, que ganha cada vez mais força em frente aos shoppings da cidade (...)”, segundo matéria publicada no **Jornal da Cidade**²⁷³. A tentativa de criar aqueles que foram chamados de “rolezinhos do bem”, justificada inicialmente pela intenção de que os(as) adolescentes tivessem espaços seguros e saudáveis para seus momentos de lazer, facilmente deixa revelar o propósito de que não haja adolescentes e jovens mais pobres nos arredores dos shopping e outras lucrativas zonas comerciais, como no título da matéria publicada no **G1: ‘Rolezinho do Bem’ tenta levar jovens para longe de shopping em Bauru**²⁷⁴.

Os modos como as questões raciais e as questões de classe social atravessam as concepções sobre as adolescências tornam-se especialmente relevantes quando discutimos sobre os usos de bebidas alcoólicas e outras substâncias, sobretudo as substâncias ilícitas. A violência policial e outras formas de violência contra pessoas jovens, principalmente pessoas jovens pobres e negras, têm na suposta *guerra às drogas* um argumento central, como se a participação de jovens na comercialização de substâncias ilícitas fosse mesmo uma justificativa para as muitas violações de direitos que ocorrem.

Entre os(as) jovens com menos de 18 anos internados(as) nas Fundações do Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente – Fundações CASA, o número que mais tem crescido refere-se às medidas de restrição de liberdade pelo envolvimento com o tráfico²⁷⁵. Torna-se importante considerarmos como é forte a seletividade penal na atual Lei de Drogas, como abordaremos no tópico seguinte.

²⁷³ O trecho foi extraído da matéria **‘Rolezinho’ tem mutirão contra álcool**, publicada em 15 de janeiro de 2014. Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/Bairros/2014/01/rolezinho-tem-mutirao-contra-alcool.html>. Acesso em: 26 de março de 2018.

²⁷⁴ A matéria está disponível na página: <http://g1.globo.com/sp/bauru/marilia/noticia/2014/01/rolezinho-do-bem-tenta-levar-jovens-para-longo-de-shoppings-em-bauru.html>. Acesso em: 26 de março de 2018.

²⁷⁵ Na matéria **Fundação casa tem 90% dos internos envolvidos com o tráfico de drogas** é abordado o exemplo da unidade de Botucatu, em que são internados(as) jovens de várias cidades de Botucatu e região, como São Manuel, Itatinga, Lençóis Paulista, Barra Bonita etc. A matéria está

6.7 Proibicionismo e seletividade penal: questões raciais, de classe social e de gênero

A partir de 2006²⁷⁶, a pena mínima para o tráfico de substâncias ilícitas aumentou de três para cinco anos, sem especificações claras sobre o que diferencia o uso do tráfico. A apreensão de pequenas quantidades tem sido um traço marcante no perfil das pessoas encarceradas, assim como é também marcante e evidente o recorte racial e de classe social. A maior parte das pessoas presas são jovens, negras e/ou pobres. Entre as mulheres, uma característica adicional é que em sua maioria são mães e as principais responsáveis pelo sustento dos(as) filhos(as).

Entre as mulheres presas no Brasil, a condenação por tráfico está em primeiro lugar, entre os homens, em segundo.

A questão de gênero merece atenção ao considerarmos como o mercado das substâncias ilícitas reproduz desigualdades presentes em outros mercados. Uma vez que a maior parte das mulheres está em posições de menor remuneração e maior vulnerabilidade, como no grande número de mulheres contratadas como “mulas”, nome dado àquelas que carregam substâncias ilícitas em seus corpos, por exemplo no interior da vagina. Inclusive pelo limite do quanto é possível carregar no corpo, geralmente tais mulheres quando são condenadas a cumprir pena privativa de liberdade, a acusação refere-se ao tráfico de baixas quantidades.

No artigo **Encarceramento feminino e seletividade penal**, Luciana Boiteux (2016, p. 5) apresenta os seguintes dados:

O perfil das mulheres presas no Brasil é de pessoa muito vulnerável, e ainda sobrecarregada pelo sustento de seus filhos. Elas são, em sua maioria, jovens (50% tem até 29 anos), solteiras (57%), negras (68%), com baixa escolaridade (50% tem o ensino fundamental incompleto, sendo que apenas 10% delas completaram essa primeira fase de estudo), (...) 80% delas são mães (...).

A expressão *guerra às drogas* oculta como, ao invés de uma guerra à comercialização e ao consumo de substâncias psicoativas, que não têm diminuído, ao contrário, as principais pessoas prejudicadas pelos combates empreendidos são os homens e mulheres que, por estarem em condições mais precárias de subsistência, ocupam em maior número as posições no tráfico mais expostas ao controle policial. É o que afirma Boiteux (2016, p. 10): “(...) a política de guerra às drogas pode ser vista como

disponível em: <http://diariobotucatu.com.br/seguranca/fundacao-casa-tem-90-dos-internos-envolvidos-com-o-trafico-de-drogas/>. Acesso em 30 de março de 2018.

²⁷⁶ O documento da lei referente às substâncias ilícitas no Brasil, publicado em 2006, pode ser encontrado no endereço: www.camara.gov.br/sileg/integras/790351.pdf. Acesso em: 15 de maio de 2018.

uma política de controle social, que, desde suas origens, combina moralismo e repressão seletiva através da intervenção sobre a vida de determinadas populações”.

Na tese **Controle penal sobre as drogas ilícitas: o impacto do proibicionismo no sistema penal**, Boiteux (2006) argumenta como, além do encarceramento, há também os preocupantes índices de assassinatos associados às medidas proibicionistas, como as mortes decorrentes da violência nas disputas entre grupos de traficantes e da violência policial. A autora cita dados do **Mapa da Violência** publicado em 2014 sobre como entre os trinta mil homens jovens assassinados no Brasil, 77% são negros, com cerca de 63 jovens assassinados por dia.

É importante, assim, ressaltarmos como a divisão entre substâncias lícitas e ilícitas é muitas vezes tomada como base para ações que são bastante excludentes e violentas.

Como analisa Eliane Brum (2017, s/p) no texto **A lei não é para todos**:

A lei de drogas de 2006 aumentou as penas para o tráfico de drogas, mas manteve a ambiguidade entre “usuário” e “traficante”. Ao mantê-la, entre outros problemas, multiplicou as prisões por “tráfico”, um dos principais fatores do aumento do encarceramento e da superlotação das prisões. Na prática, o que se vê e as pesquisas comprovam é que o “usuário” é o branco de classe média e alta, escolarizado – e o “traficante” é o negro e pobre com pouca escolaridade. Os grandes traficantes de drogas raramente são alcançados, como o noticiário recente já demonstrou (...).

A política de “guerra às drogas”, como já está mais do que comprovado, é um desastre para o Brasil, causando o extermínio da juventude pobre e negra e eliminando potencialidades. Entre as várias razões para seguir com uma política que já se mostrou genocida, cara para os cofres públicos e totalmente ineficiente estão as de manter os interesses e os lucros do mercado de drogas e armas intactos, assim como os da poderosa indústria de segurança.

Na elaboração de propostas preventivas voltadas para adolescentes e jovens é necessário, assim, uma compreensão mais ampla sobre como entre os efeitos do proibicionismo está um quadro de frequentes e graves violações de direitos, com precárias condições de proteção e promoção de saúde enquanto crescem medidas como internação, no caso de menores de 18 anos e encarceramento, entre pessoas adultas. Reconhecendo a importância de mudanças em relação às medidas punitivas, apresentaremos, no próximo tópico, informações sobre as medidas preventivas e as medidas de redução de danos.

6.8 A prevenção nas políticas públicas e em programas de educação e saúde atuais

A **Política Nacional Sobre o Alcool** que entrou em vigor no Brasil em 2007 apresenta como objetivo a implementação de estratégias para o enfrentamento coletivo aos problemas relacionados ao consumo de bebidas alcoólicas, como danos sociais e à

saúde, situações de violência e de criminalidade, principalmente por meio de medidas educativas, como a difusão de informações por meio de campanhas, programas com a participação de diferentes públicos e cursos de formação para profissionais de diferentes áreas, especialmente da saúde e da educação. No documento é afirmado como um direito: “O acesso e recebimento de informações sobre os efeitos do uso prejudicial de álcool e sobre a possibilidade de modificação dos padrões de consumo, e de orientações voltadas para o seu uso responsável” (BRASIL, 2007, p. 70). Nas diretrizes elencadas, as ações de prevenção em instituições de ensino, especialmente nos níveis fundamentais e médio, são uma das medidas incluídas entre as que devem ser estimuladas.

A **Política Nacional Sobre o Alcool** foi construída de modo articulado com a **Política Nacional Sobre Drogas**, publicada em 2006. A **Política Nacional Sobre Drogas** é organizada em torno de cinco eixos. O primeiro deles é a prevenção, e os seguintes são: (2) Tratamento, recuperação e reinserção social; (3) Redução de danos sociais e à saúde; (4) Redução de oferta – repressão e (5) Estudos, pesquisas e avaliações.

Nos pressupostos apresentados no documento da **Política Nacional Sobre Drogas**, a prevenção é incluída entre os programas, ações e atividades que têm como objetivo a redução da demanda. É recomendado que os projetos planejados e desenvolvidos na área sejam fundamentados em informações científicas e isentos de preconceitos. As recomendações têm como base a compreensão de que a prevenção efetiva deriva da construção de redes entre diferentes segmentos da sociedade, com a adequação às particularidades e às vulnerabilidades predominantes em cada local.

No capítulo **Redução de danos sociais e à saúde**, as orientações gerais definem a redução de danos como relacionada à promoção de estratégias e ações articuladas com o campo da saúde pública e dos direitos humanos, que visam a diminuição dos riscos, das consequências adversas e dos danos associados aos usos de álcool e outras substâncias para as pessoas usuárias, para as famílias e para a sociedade. Estratégias de divulgação, elaboração de materiais educativos e trabalho com diferentes mídias são algumas das estratégias recomendadas. No que se refere à educação escolar, o 8º tópico recomenda: “Incluir a redução de danos na abordagem da promoção de saúde e prevenção, no ensino formal (fundamental, médio e superior)” (BRASIL, 2005, p. 17).

A abordagem de Redução de Danos tem como ponto de partida a compreensão de que, diante das possíveis consequências prejudiciais associadas aos usos de substâncias (e também às práticas sexuais), é preciso uma postura mais sensível e cuidadosa, que não

seja pautada na abstinência como modelo único a ser buscado. Segundo a definição do Ministério da Saúde (2003, p. 7):

A lógica da redução de danos contempla um conjunto de medidas de saúde que buscam minimizar as consequências do uso e da dependência de substâncias psicoativas, bem como diminuir o risco de infecção por hepatites e HIV. O uso destas medidas permite que sejam elaborados projetos terapêuticos mais flexíveis e de menor exigência, conseqüentemente adequados às necessidades de cada usuário dos serviços.

A abordagem da Redução de Danos emerge com a busca por romper com práticas reducionistas, generalizantes, moralistas e normatizadoras no campo dos cuidados com a saúde. A inserção da abordagem no país²⁷⁷ teve como marca as práticas de distribuição de seringas para pessoas usuárias de substâncias injetáveis, com a diminuição, assim, dos fatores de exposição ao HIV e outras doenças que poderiam ser contraídas com o compartilhamento de agulhas. Principalmente no início, mas ainda hoje, essas práticas são alvos de ataque por serem compreendidas por alguns grupos como uma espécie de *apologia* aos usos de substâncias ilícitas.

A I Conferência sobre Aids dos Ministérios da Saúde dos Países Ibero-Americanos ocorreu em 1993, no Brasil, com a criação de um documento oficial de apoio à redução de danos. Nos anos seguintes foram desenvolvidos projetos, programas e associações de reduções de danos em várias cidades brasileiras, como a **Associação Brasileira dos Redutores de Danos – ABORDA** e a **Rede Brasileira de Redução de Danos – REDUC**. Em 1994, o Ministério da Saúde reconheceu a redução de danos como importante estratégia de saúde pública, principalmente diante do crescimento da epidemia da aids. Desde 2005, com a publicação da nova **Política Nacional Sobre Drogas**, a perspectiva de redução de danos foi incorporada como estratégia oficial de atenção à saúde de usuários(as) no país.

O trecho a seguir, publicado em 2003 no documento **A Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas**, é ilustrativo dos motivos que levaram à incorporação da abordagem de redução de danos como estratégia oficial:

²⁷⁷ Em relação ao histórico da perspectiva de Redução de Danos, a publicação do **Relatório Rolleston**, em 1920 na Inglaterra, é considerado um ponto de partida, por como foi apresentada a argumentação de que a abstinência imposta de forma abrupta poderia prejudicar a recuperação de pessoas dependentes de morfina e heroína que buscavam tratamento. Na década de 1980, com o maior número de ocorrências de contração de doenças por meio intravenosos, como a hepatite B e o HIV, movimentos sociais começaram a se organizar politicamente em países como a Holanda, a Suíça, a Alemanha, a França, os Estados Unidos e também o Brasil, onde a cidade de Santos teve iniciativa pioneiras, como a criação do primeiro programa pela Secretaria de Saúde em 1989.

A abstinência não pode ser (...) o único objetivo a ser alcançado. Aliás, quando se trata de cuidar de vidas humanas, temos que, necessariamente, lidar com as singularidades, com as diferentes possibilidades e escolhas que são feitas. As práticas de saúde, em qualquer nível de ocorrência, devem levar em conta esta diversidade. Devem acolher, sem julgamento, o que em cada situação, com cada usuário, é possível, o que é necessário, o que está sendo demandado, o que pode ser ofertado, o que deve ser feito, sempre estimulando a sua participação e o seu engajamento (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2003, p. 10).

Embora a abordagem de redução de danos seja a estratégia adotada pela política vigente no país, são ainda muitos os desafios enfrentados. Desde as campanhas preventivas e projetos educativos que persistem pautados em uma abordagem amedrontadora que defende o “*diga não*” como única postura a ser alcançada; passando pelo pânico moral criado em torno de determinadas substâncias, chegando a instituições de tratamento que, mesmo recebendo financiamento público, contrariam os princípios da Política Nacional e exigem não só a abstinência mas a adesão a determinadas crenças religiosas para que as pessoas possam ser atendidas, com práticas que violam direitos como a internação compulsória e o isolamento. Ainda é longo o caminho que precisa ser percorrido para que a postura seja de fato de cuidado, sensibilidade, respeito aos direitos e reconhecimento da singularidade.

Os princípios e diretrizes da **Política Nacional Sobre Drogas** e da **Política Nacional Sobre o Álcool** foram elaborados de forma relacionada com a **Política Nacional de Saúde Mental**, aprovada em 2001 e construída ao longo da década de 1990. No decorrer do processo de redemocratização do país, as atenções foram dirigidas principalmente para a substituição do modelo hospitalocêntrico, que predominava até então, e a formação de uma rede de atenção psicossocial. Com a participação de profissionais, da população no geral e da ação de movimentos sociais, foram criadas as propostas para os primeiros serviços comunitários, chamados de Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e Núcleos de Atenção Psicossocial (NAPS). Esse processo foi impulsionado principalmente pelo movimento da Reforma Psiquiátrica que, desde a década de 1970, vinha denunciando as ocorrências contínuas de violência e negligência que aconteciam nas internações em hospitais psiquiátricos e questionando o modelo pautado no confinamento e isolamento como prejudicial às possibilidades de tratamento em saúde e promoção da autonomia, com a problematização sobre como tal modelo se sustentava em uma compreensão restritiva e estigmatizante do sofrimento psíquico.

Aldo Benvindo (2014) apresenta o histórico de como a proposta de políticas específicas para o tratamento a usuários e usuárias com problemas decorrentes dos usos

de bebidas alcoólicas e outras substâncias foram inseridas no campo da saúde mental, culminando, entre outras medidas, na criação de serviços específicos, como os Centros de Atenção Psicossocial Álcool/Drogas (CAPS-AD).

As transformações políticas e culturais promovidas pela Reforma Psiquiátrica e demais movimentos participantes do processo de consolidação democrática brasileira pós-período ditatorial (1964-1985) se encontram razoavelmente refletidos em nossa legislação atual. A Lei n. 10.216/2001 dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas com transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental, antes centrado nos manicômios. A Lei da Reforma Psiquiátrica tem como objetivo fundamental garantir aos usuários um lugar social de máxima autonomia e reconhecimento como cidadãos (BENVINDO, 2014, p. 46-47).

O primeiro documento que reflete este movimento foi publicado em 1988, denominado **Política Nacional na Questão das Drogas**, com a proposta de criação e consolidação de centros de referência em que a prevenção e o tratamento acontecessem de forma articulada com os direitos humanos, não estigmatizante e recorrendo à internação apenas quando necessário, sem que fosse a medida principal ou a única. Com a publicação do documento **A política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas**, em 2004, as ideias que se fortaleceram desde o processo de redemocratização foram a principal base. Como afirmam Ana Regina Machado e Paulo Sérgio Miranda (2007, p. 818):

No documento sobre a política nacional, foram definidos o marco teórico-político e as diretrizes para a área, em consonância com os princípios e orientações do Sistema Único de Saúde, da reforma psiquiátrica, e segundo uma lógica ampliada de redução de danos. Propuseram-se como diretrizes: a alocação do uso de álcool e outras drogas entre os problemas da saúde pública; a indicação do paradigma da redução de danos nas ações de prevenção e de tratamento; a desconstrução da concepção do senso comum de que todo usuário de drogas é doente e requer internação ou prisão; e a mobilização da sociedade civil para práticas preventivas, terapêuticas e reabilitadoras. (...) Trata-se de um marco teórico-político que rompe com abordagens reducionistas e considera a presença das drogas nas sociedades contemporâneas como um fenômeno complexo, com implicações sociais, psicológicas, econômicas e políticas; e que, portanto, não pode ser objeto apenas das intervenções psiquiátricas e jurídicas – como ocorreu historicamente no Brasil – nem tampouco de ações exclusivas de saúde pública.

A compreensão dos usos de álcool e outras substâncias como uma questão de saúde, vinculada à promoção da autonomia e dos direitos humanos, é um significativo avanço que ainda encontra muitos desafios, como no exemplo dos embates relacionados a posições proibicionistas que defendem que seja uma questão circunscrita ao âmbito da segurança pública, com a criminalização e a repressão. A própria Secretaria Nacional de

Políticas Sobre Drogas (SENAD), que foi criada em 1998²⁷⁸ com o nome de Secretaria Nacional Antidrogas, teve a mudança de nomenclatura motivada pelo questionamento dos movimentos sociais e por profissionais, mas permanece vinculada atualmente não ao Ministério da Saúde, mas ao Ministério da Justiça, no gabinete chamado atualmente de Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, o mesmo que na época em que a Secretaria foi criada era chamado de Gabinete Militar.

Estão entre as atribuições da SENAD a elaboração de campanhas preventivas, o financiamento de estudos e pesquisas, assim como o treinamento e a capacitação de profissionais.

Nos dois primeiros anos, a SENAD teve como principal foco o combate ao uso abusivo de álcool e sua relação com as altas taxas de acidentes fatais no trânsito. Outra estratégia adotada foram campanhas preventivas oficiais, transmitidas principalmente pelos canais de televisão, com a vinculação entre o uso de drogas e a violência. Nos últimos anos, a ênfase na questão da saúde passou a ser mais marcante, principalmente com a adoção, pela secretaria, da afirmação da perspectiva de redução de danos.

O primeiro curso oferecido pela SENAD, entre 1999 e 2000, foi um curso à distância denominado **Prevenção ao uso indevido de drogas: diga sim à vida**, com o objetivo de formar uma rede preventiva e de enfrentamento ao uso de álcool e outras substâncias.

O Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas é promovido desde 2004 pela SENAD e pela Secretaria de Educação Básica – SEB do Ministério da Educação – MEC. Formulado a partir de uma parceria com a Universidade de Brasília – UNB, teve como prioridade ações preventivas no contexto escolar, como foco na formação de educadores(as). Com este curso foi inaugurado o vínculo entre SENAD e MEC. Segundo Dalbosco (2011, p. 24)²⁷⁹: “A ambição da SENAD é tornar o

²⁷⁸ A criação da Senad aconteceu nos mesmos moldes do *Drugs Enforcement Administration- DEA*, órgão norte-americano responsável pelas políticas de repressão. Sua criação foi influenciada pelo compromisso do presidente na época, Fernando Henrique Cardoso, com o movimento internacional de combate às drogas, que, principalmente por meio da pressão do governo dos Estados Unidos, demandaram uma postura mais atuante do Brasil em relação às medidas propostas nos Tratados Internacionais. Embora os tratados não possuam força de lei, os países signatários estão sujeitos a sanções econômicas caso não cumpram o que foi acordado. Naquela época, e ainda hoje, o Brasil é considerado uma das principais rotas internacionais do tráfico, por escoar a produção de cocaína do Peru, da Bolívia e da Colômbia para os Estados Unidos e para a Europa.

²⁷⁹ Na tese **Representações sociais de educadores de escolas públicas sobre situações-problema relacionadas ao uso de álcool e outras drogas**, Carla Dalbosco (2011) apresenta o percurso histórico de políticas públicas e programas educacionais sobre a prevenção aos usos de bebidas alcoólicas e outras substâncias.

curso uma política pública permanente, que garanta a continuidade de ações e a formação dos educadores brasileiros para a abordagem do tema nas escolas”.

O material do **Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas** será um dos materiais analisados nesta tese, assim como o material do curso **Sistema para detecção do Uso abusivo e dependências de substâncias Psicoativas: Encaminhamento, intervenção breve, Reinserção social e Acompanhamento – SUPERA**, também produzido pela SENAD, realizado desde 2006. O curso **SUPERA** é voltado para profissionais da rede básica de saúde e unidades de referência voltadas ao cuidado de pessoas com problemas decorrentes dos usos de álcool e outras substâncias psicoativas. Oferecido na modalidade à distância, o curso tem carga horária de 150 horas aula.

O **Programa Saúde na Escola** – PSE foi instituído em 2007, pelo decreto nº 6286, pelo Ministério da Educação e o Ministério da Saúde. Antes disso, desde 2003, o **Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas** – SPE buscou articular saúde e educação com propostas que abrangiam temas como saúde sexual e reprodutiva e prevenção ao uso de álcool e outras substâncias. No PSE são previstos objetivos mais amplos, como a articulação da escola com o Sistema Único de Saúde – SUS, mas considerando os objetivos em comum, o SPE foi incluso entre seus componentes destinado a tratar da promoção de saúde e da prevenção.

Os objetivos do **Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas** são:

- Contribuir para a prevenção da infecção pelo HIV, outras doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez não planejada entre jovens.
- Contribuir para a redução de preconceitos e estigmas relacionados à raça, etnia e orientação sexual, bem como a promoção da igualdade de gênero.
- Desenvolver ações de prevenção do uso do álcool, tabaco e outras drogas.
- Fortalecer a inclusão das ações de prevenção às vulnerabilidades estudantis e as ações de promoção da saúde nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas.
- Desenvolver ações articuladas nas escolas e nas unidades básicas de saúde.
- Envolver toda a comunidade escolar na promoção de ações em saúde sexual e reprodutiva.

A coleção **Adolescentes e jovens para a educação entre pares** e o guia de formação **Saúde e Prevenção nas escolas: atitudes para curtir a vida**, que integram o

Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas também estão entre os materiais que serão analisados no próximo capítulo, assim como o material do **Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência – PROERD**, desenvolvido pela Polícia Militar, que, embora não seja integrado às políticas públicas, é o programa de prevenção aos usos de bebidas alcoólicas e outras substâncias psicoativas de maior alcance no país.

Desenvolvido desde 1992 por meio da inserção de policiais militares nas escolas, o **Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (Proerd)** é atualmente o programa voltado à prevenção (o termo mais adequado seria combate) aos usos de álcool e outras substâncias psicoativas de maior alcance no Brasil, por ser realizado em diferentes municípios de todos os estados. Apesar de não ser uma política governamental, recebe destaque por ser amplamente conhecido e difundido no país.

A base para o Proerd é o programa **Drug Abuse Resistance Education – D.A.R.E.**, que teve início nos Estados Unidos em 1983 e é hoje reproduzido em mais de 43 países de todos os continentes.

Direcionado principalmente para crianças e adolescentes do Ensino Fundamental, o modelo do **Proerd** tem como eixo a ideia de que a abstinência é a única postura correta a ser adotada em relação às substâncias psicoativas, sendo o amedrontamento uma estratégia recorrentemente utilizada pelo programa para a transmissão da compreensão de que o contato com qualquer substância é algo nocivo e destrutivo que precisa ser combatido. É preocupante como tal abordagem, tão presente nas escolas do país, é contrária aos princípios que embasam a **Política Nacional Sobre Drogas**, como a importância da transmissão de informações cientificamente fundamentadas, do combate a preconceitos, da valorização da autonomia e da inserção da perspectiva de redução de danos. A própria naturalização da atribuição do papel de abordar sobre os usos de substâncias a policiais militares expressa como o viés repressivo ainda tende a ser predominante (e muitas vezes exclusivo) na compreensão sobre qual é o papel da educação em relação à prevenção. Nesse sentido, é importante destacarmos orientações trazidas pela Política Nacional:

1.1.3 As ações preventivas devem ser pautadas em princípios éticos e pluralidade cultural, orientando-se para a promoção de valores voltados à saúde física e mental, individual e coletiva, ao bem-estar, à integração socioeconômica e a valorização das relações familiares, considerando seus diferentes modelos.

1.1.4 As ações preventivas devem ser planejadas e direcionadas ao desenvolvimento humano, o incentivo à educação para a vida saudável, acesso aos bens culturais, incluindo a prática de esportes, cultura, lazer, a socialização do conhecimento sobre drogas, com embasamento científico, o fomento do

protagonismo juvenil, da participação da família, da escola e da sociedade na multiplicação dessas ações.

1.1.5 As mensagens utilizadas em campanhas e programas educacionais e preventivos devem ser claras, atualizadas e fundamentadas cientificamente, considerando as especificidades do público-alvo, as diversidades culturais, a vulnerabilidade, respeitando as diferenças de gênero, raça e etnia (BRASIL, 2005, p. 13).

Considerando as orientações acima, torna-se importante identificarmos, nos materiais educativos utilizados em abordagens preventivas, se alguns aspectos estão de fato em consonância com a **Política Nacional sobre o Álcool** e a **Polícia Nacional sobre Drogas**, tais como: (a) transmissão de conteúdos fundamentados cientificamente; (b) incentivo para o protagonismo juvenil; (c) incentivo para a participação da família, da escola e da comunidade; (d) valorização das diversidades culturais, com respeito às diferenças de gênero, de raça e etnia e (e) a presença da perspectiva de redução de danos. A apresentação dos materiais educativos selecionados e a análise sobre as abordagens preventivas, que discutiremos no próximo capítulo.

6.9 Entre proibições e incitações: considerações sobre o capítulo

Perigo, ameaça, problema, clandestinidade: associações que são tão comuns em relação aos usos de substâncias ilícitas raramente têm um peso similar quando a substância psicoativa em questão é o álcool. Beber não é apenas permitido, como amplamente visibilizado, o que pode ser evidenciado pelos anúncios publicitários que transmitem continuamente imagens de prazer, alegria, sociabilidade, sexualidade, diversão. O que torna as bebidas mais aceitas do que outras substâncias classificadas como *drogas*, não é, no entanto, o fato de serem menos prejudiciais: há muitas consequências nocivas decorrentes do consumo de álcool, tanto para a saúde, quanto para a segurança, como nas muitas ocorrências de acidentes e episódios de violência com danos, ferimentos e mortes.

Diante da aceitação e mesmo incitação das bebidas alcoólicas e da proibição que cerca tantas outras substâncias nomeadas como *drogas*, nos debruçamos sobre a questão: o que motiva a divisão das substâncias entre lícitas e ilícitas? Abordamos, no decorrer do capítulo, como nem as propriedades bioquímicas nem a avaliação sobre as possíveis consequências nocivas são suficientes para explicar a divisão. A proibição de determinadas substâncias (inclusive o álcool, como ocorreu com a Lei Seca) é atravessada por uma série de fatores sociais, culturais, históricos, morais, econômicos e políticos.

Torna-se importante, dessa forma, resgatamos a reflexão do historiador Henrique Carneiro (2002, p. 6; 14):

As campanhas contra as drogas, sob o slogan “Vida sim, drogas não”, supõem que possa existir vida sem drogas, o que é uma completa contradição com a história da humanidade. (...) As drogas são um dos arquétipos culturais mais fortemente presentes no espírito da nossa época. (...) as drogas impregnam o imaginário do século XX com a marca ambivalente de uma passagem para o paraíso através da felicidade em pílulas e, ao mesmo tempo, de um paradigma do vício, da escravidão extrema a uma mercadoria. (...) Alçada à condição de principal mercadoria do mundo, os meios químicos de prazer sofreram um crescimento análogo em seu valor mercantil e em sua influência econômica, social e cultural.

Os movimentos de estigmatização e exclusão em relação a usuários e usuárias ilustra como não são as chamadas *drogas* que possuem um irrestrito poder destrutivo, mas que atribuir a elas a posição de causa de violências, sofrimentos e misérias é posto a serviço do apagamento de muitas condições sociais desiguais. Resgatar as dimensões do cuidado e a valorização dos direitos torna-se, assim, fundamental para lidarmos com a questão dos usos de substâncias.

A expressiva expansão dos psicofármacos, substâncias que com frequência são prescritas medicamente, demonstra também como a divisão entre substâncias lícitas e ilícitas é marcada por contradições e ambivalências. Antidepressivos, ansiolíticos e metilfenidatos passam por crescimentos exponenciais em suas vendas, muitas vezes recobertos de promessas, como poções mágicas que seriam capazes de eliminar as perturbações, equilibrar os humores e regular os afetos. A intensificação da busca pelo estado de completo bem-estar (estado que, por sinal, é utilizado para a definição de saúde) faz com que sofrimentos, dores e conflitos passem a ser vistos como desvios, como falhas passíveis de serem corrigidas, sendo os psicofármacos situados como meios privilegiados para os esforços por essa administração das manifestações psíquicas, em que tantas vezes solucionar é confundido com silenciar. Torna-se importante, mais uma vez, resgatar a dimensão do cuidado, com a valorização das singularidades, para uma compreensão de saúde que possa abranger a posição ativa e criativa diante das dificuldades vividas, ao invés de um engessamento e de um esvaziamento das expressões subjetivas.

Na análise sobre medidas em educação e saúde, é necessário problematizarmos sobre os fatores que naturalizam o silenciamento e o evitamento da reflexão como se apagar dimensões fundamentais do tema discutido fosse uma estratégia preventiva. Como afirma Edson Olivari de Castro (2013), ao abordar sobre os desafios da discussão sobre substâncias psicoativas no campo da saúde mental:

Nenhuma discussão, que ao menos explore a ética, sobre substâncias psicoativas acontece sem geralmente despertar *paixões de poder*. Desde o início, discussões como essas ultrapassam o ostentado lema oficial: *Drogas, nem pensar!*, que pode ser encontrado em outdoors por todos os lugares e tem representado, com efeito, a atitude hegemônica sobre o fenômeno das drogas. Esse é um exemplo do passado recente sobre o obscurantismo atual que os(as) defensores(as) de uma posição derivada principalmente dos pressupostos de políticas de higiene social, de assepsia social e de controle social pelo Estado, querem impor (...) (CASTRO, 2013, p. 36, grifos do original)²⁸⁰.

Compreender, assim, a carga moral contida nos usos do conceito *drogas* torna-se um movimento necessário para que ao invés de reducionismos bem e mal, certo e errado, paraíso e inferno, possamos pensar as experiências humanas a partir do que elas têm de mais característico e de mais interessante: a complexidade.

No capítulo seguinte apresentaremos e analisaremos os materiais educativos selecionados, direcionados à prevenção aos usos de álcool e/ou de outras substâncias psicoativas

²⁸⁰ Tradução nossa para o original: “No discussion, which at least explores ethics, about psychoactive substances happens without usually arousing *power passions*. From the outset, such discussions exceed the flaunted official motto: *Drugs, don't even think about it!*, which could be found on billboards everywhere and represented, in effect, the hegemonic attitude to the phenomenon of drugs. This is an example from the recent past of the current obscurantism which the defenders of a position mainly derived from the presuppositions of the politics of social hygiene, of social asepsis, of social control by the State, want to impose” (CASTRO, 2013, p. 36, grifos do original).

Capítulo 7

Entre possibilidades:

Análise de materiais educativos brasileiros voltados para a prevenção aos usos de bebidas alcoólicas

Como o tema usos de bebidas alcoólicas é abordado em materiais educativos direcionados para a prevenção e a promoção de saúde entre adolescentes e jovens?

Que finalidades são propostas, que informações são trazidas, que procedimentos educativos são recomendados?

Diante das questões acima, foi realizada uma pesquisa qualitativa-descritiva documental, que teve como objetivo a análise sobre como o tema usos de bebidas alcoólicas é abordado em materiais educativos que têm como público-alvo adolescentes e jovens, assim como profissionais da educação e da saúde que desenvolvem ações preventivas com adolescentes e jovens.

Os objetivos específicos foram:

- (a) Identificar que assuntos são abordados nos materiais sobre bebidas alcoólicas, como a abordagem se dá e quais são as finalidades apresentadas;
- (b) Identificar se a associação entre sexualidade e bebidas alcoólicas ocorre e de que maneira nos materiais;
- (c) Identificar se há a associação entre padrões de gênero e bebidas alcoólicas;
- (d) Identificar e analisar se os aspectos prazerosos das experiências relacionadas ao consumo de bebidas alcoólicas são abordados pelos materiais.

Para a seleção dos documentos para a análise, foi realizado um levantamento dos materiais disponibilizados ou recomendados entre os anos de 2015 e 2017 nas páginas eletrônicas do Ministério da Educação²⁸¹, do Ministério da Saúde²⁸², da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas- SENAD²⁸³ (vinculada ao Ministério da Justiça), do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas- CEBRID²⁸⁴ (vinculado à

²⁸¹ Disponível em: <http://www.mec.gov.br/>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

²⁸² Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

²⁸³ Disponível em: <http://www.justica.gov.br/sua-protecao/politicas-sobre-drogas>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

²⁸⁴ Disponível em: www.cebrid.epm.br/. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

SENAD) e do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência-PROERD²⁸⁵, promovido pela Polícia Militar.

As páginas para o levantamento foram definidas a partir da revisão de literatura sobre quais são as principais políticas públicas brasileiras e programas desenvolvidos em educação e saúde relacionados à prevenção aos usos de bebidas alcoólicas.

Os termos utilizados para a busca foram: “álcool”, “bebidas alcoólicas”, “prevenção ao uso de álcool”, “prevenção ao uso de bebidas alcoólicas”, “prevenção ao consumo de álcool” e “prevenção ao consumo de bebidas alcoólicas”.

O primeiro levantamento foi realizado entre os meses de agosto a outubro de 2015. Após a identificação de que outros materiais tinham sido publicados depois de 2015, foi feito um novo levantamento no mês de agosto de 2017.

Diante dos materiais encontrados em ambos os levantamentos, os critérios estabelecidos para a seleção foram:

- 1) Ter entre os objetivos promover abordagens preventivas sobre o consumo de bebidas alcoólicas;
- 2) Ser direcionado a adolescentes e/ou profissionais que atuam com adolescentes;
- 3) Apresentar o contexto escolar como um contexto de realização de ações preventivas;
- 4) Haver vínculo entre a produção do material e políticas públicas ou programas em educação e saúde de âmbito nacional;
- 5) Ter sido publicado entre 2000 e 2017.

Foram encontrados nas páginas pesquisadas dez materiais que atenderam aos critérios estabelecidos, cinco voltados para adolescentes e jovens e cinco voltado para profissionais que desenvolvem ações preventivas com adolescentes e jovens: dois para educadores(as), dois para profissionais da saúde e um voltado tanto para profissionais da educação quanto da saúde.



No quadro a seguir serão apresentadas as características dos documentos: o título, o ano de publicação, as entidades responsáveis pela organização, o público-alvo e a imagem de capa de cada material selecionado.

²⁸⁵ Disponível em: <http://www.proerdbrasil.com.br/>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2017.

Quadro 9 – Dados principais sobre os materiais educativos selecionados²⁸⁶

Imagem da capa	Título do material	Ano de publicação	Organizado por	Público-alvo
	Drogas: Cartilha álcool e jovens	2011	Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), do Ministério da Justiça	Adolescentes e jovens
	Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares	2010	Ministério da Saúde e Ministério da Educação	Adolescentes e jovens
	Trabalhando com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde	2008	Instituto Promundo, Salud y Género, ECOS, Instituto Papai e World Education	Adolescentes e jovens mulheres
	Razões e emoções: trabalhando com homens jovens	2001	Instituto Promundo, Salud y Género, ECOS, Instituto Papai e World Education	Adolescentes e jovens homens
	Proerd: Caindo na Real	2013	Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (Proerd), da Polícia Militar	Estudantes do Ensino Fundamental

²⁸⁶ Os objetivos de cada material selecionado e outros dados referentes à abordagem sobre a prevenção aos usos de bebidas alcoólicas são apresentados em [apêndice](#).

	<p>Drogas: cartilha para educadores</p>	<p>2011</p>	<p>Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas (SENAD), do Ministério da Justiça</p>	<p>Educadores (as) do Ensino Fundamental</p>
	<p>Saúde e prevenção nas escolas: atitude para curtir a vida</p>	<p>2007</p>	<p>Ministério da Saúde e Ministério da Educação</p>	<p>Profissionais da educação e da saúde</p>
	<p>Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas</p>	<p>2014</p>	<p>Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), do Ministério da Justiça e Secretaria de Educação Básica (SEB) do Ministério da Educação</p>	<p>Educadores (as) de escolas públicas</p>
	<p>Sistema para detecção do Uso abusivo e dependências de substâncias Psicoativas: Encaminhamento, intervenção breve, Reinserção social e Acompanhamento - SUPERA</p>	<p>2017</p>	<p>Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD), do Ministério da Justiça</p>	<p>Profissionais da saúde e da assistência social</p>
	<p>Álcool e outras drogas: da coerção à coesão</p>	<p>2014</p>	<p>Ministério da Saúde e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)</p>	<p>Profissionais que atuam na Rede de Atenção Psicossocial - RAPS</p>

Fonte: Própria autora

A análise dos documentos foi realizada a partir da análise de conteúdo, proposta por Laurence Bardin (2009), com o estabelecimento de categorias temáticas a partir da leitura, da transcrição e da análise dos materiais educativos. Para o estabelecimento das categorias e a realização da análise e da discussão dos dados, três etapas foram seguidas: (1) Leitura e pré análise; (2) Agrupamento e exploração do material e (3) Tratamento dos resultados.

A análise dos documentos foi realizada a partir da análise de conteúdo, proposta por Laurence Bardin (2009), com o estabelecimento de categorias temáticas a partir da leitura, da transcrição e da análise dos materiais educativos. Para o estabelecimento das categorias e a realização da análise e da discussão dos dados, três etapas foram seguidas: (1) Leitura e pré análise; (2) Agrupamento e exploração do material e (3) Tratamento dos resultados. As diferentes etapas serão descritas a seguir:

Momento 1: Leitura e pré-análise.

Corresponde à fase de organização do material a ser analisado, que tem início com a leitura flutuante, importante para um primeiro contato com os documentos e para a demarcação de quais serão incluídos na coleta de dados.

Após a leitura inicial, novas leituras foram feitas para a seleção dos documentos de acordo como os objetivos propostos pela pesquisa.

Feita a seleção, um novo momento de leitura foi realizado com a finalidade de familiarização, de apropriação do conteúdo e de elaboração de indicadores com o estabelecimento de pré-categorias.

Como descreve Laura Franco (2005, p. 46):

A pré-análise é a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um movimento de buscas iniciais, de intuições, de primeiros contatos com os materiais, mas tem por objetivo sistematizar os 'preâmbulos' a serem incorporados quando da constituição de um esquema preciso para o desenvolvimento das operações sucessivas e com vistas à elaboração de um plano de análise.

Para a organização dos dados que foram transcritos na íntegra, foram elaboradas fichas, que estão em [apêndice](#). As fichas foram preenchidas com dados de identificação dos materiais (título, ano de publicação, entidades que organizaram, público-alvo, objetivos apresentados e número de páginas). Em seguida, foram elaboradas questões, para que os conteúdos transcritos fossem pré-agrupados e descritos em seus aspectos

principais considerando o objetivo da pesquisa. Para cada questão, foi construído um novo arquivo com as transcrições correspondentes.

A relação entre as questões elaboradas e os objetivos específicos propostos será apresentada no quadro a seguir:

Quadro 10 – Objetivos específicos e questões para a organização dos materiais

Objetivos específicos	Questões para a organização dos dados transcritos
(a) Identificar que assuntos são abordados nos materiais sobre bebidas alcoólicas, como a abordagem se dá e quais são as finalidades apresentadas.	1) Como os temas abordados no material são apresentados e organizados? 2) Como as finalidades relacionadas às abordagens educativas são apresentadas? 3) São dadas recomendações sobre a abordagem do tema? Se sim, quais? 4) São apresentadas informações sobre aspectos biológicos relacionados aos usos de bebidas alcoólicas? Se sim, quais? 5) São apresentadas informações sobre aspectos sociais, culturais e históricos relacionados aos usos de bebidas alcoólicas? Se sim, quais? 6) São apresentadas informações sobre os usos de bebidas alcoólicas na adolescência? Se sim, quais?
(b) Identificar se a associação entre sexualidade e bebidas alcoólicas ocorre e de que maneira nos materiais.	7) A associação entre sexualidade e bebidas alcoólicas é abordada? Se sim, como?
(c) Identificar se há a associação entre padrões de gênero e bebidas alcoólicas;	8) A influência dos padrões de gênero nas concepções e experiências de uso de bebidas alcoólicas é abordada pelo material? Se sim, como? 9) Há a influência dos padrões de gênero nos modos como os usos de bebidas alcoólicas são representados pelo material (conteúdos e imagens)? Se sim, como?
(d) Identificar e analisar se os aspectos prazerosos das experiências relacionadas ao consumo de bebidas alcoólicas são abordados pelos materiais.	10) São abordadas motivações para os usos de bebidas alcoólicas? Se sim, quais? O prazer está entre as motivações? Se sim, como?

Momento 2: Agrupamento e exploração do material.

Corresponde ao momento em que os temas identificados nos materiais são unidos de acordo com a similaridade entre eles.

Foram estabelecidas nesse momento as categorias de análise, criadas segundo os critérios de pertinência, de objetividade e de exclusividade. Nas palavras de Franco (2005, p. 57): “A categorização é um operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos”.

Momento 3: Tratamento dos resultados.

Corresponde ao momento em que a organização dos conteúdos em categorias temáticas permite que os dados possam ser relacionados, interpretados e discutidos.

As categorias estabelecidas foram continuamente revistas de acordo com o objetivo da pesquisa, com a decisão por separar a análise em dois momentos (correspondentes a este capítulo e ao capítulo seis): o da descrição e discussão dos temas relacionados às abordagens sobre bebidas alcoólicas e o da descrição e discussão dos temas sobre a associação entre bebidas alcoólicas, sexualidade e gênero.

Esse longo processo [...] implica constantes idas e vindas da teoria ao material de análise, do material de análise à teoria, e pressupõe a elaboração de várias versões do sistema categórico. As primeiras, quase sempre aproximativas, acabam sendo lapidadas e enriquecidas para dar origem à versão final, mais completa e mais satisfatória (FRANCO, 2005, p. 58).

O eixo de análise foi o conteúdo sobre usos de bebidas alcoólicas. A descrição das categorias será apresentada no quadro a seguir:

Quadro 11 – Agrupamento em categorias temáticas

Categorias temáticas	Subcategorias	Descrição
(1) Informações sobre os fatores sociais e históricos relacionados aos usos de álcool e outras substâncias	(a) Álcool como substância psicoativa mais consumida; (b) Definição do álcool como <i>droga</i> lícita; (c) Informações históricas sobre o álcool e sobre outras substâncias psicoativas; (d) Álcool nos meios de comunicação.	Informações transmitidas pelos materiais sobre os fatores sociais e históricos relacionados aos usos de bebidas alcoólicas e outras substâncias, como dados sobre o consumo entre adolescentes e na população em geral; exemplos de usos em outras culturas e outros períodos; discussões sobre a divisão das substâncias

		psicoativas entre lícitas e ilícitas e as influências dos meios de comunicação.
(2) Motivações para os usos de álcool	(a) Motivação, fatores de risco e fatores de proteção para os usos de álcool e outras substâncias; (b) Usos de álcool, adolescência e sociabilidade	Como os materiais abordam os fatores que participam nas motivações para o consumo de bebidas alcoólicas para as pessoas de uma forma geral e entre adolescentes, assim como os fatores que influenciam para que os usos prejudiciais sejam evitados ou tornem-se mais prováveis.
(3) Consequências do consumo de álcool	(a) Álcool como substância psicoativa mais associada a consequências negativas; (b) Efeitos do álcool; (c) Sobre a dependência.	Informações sobre os efeitos no organismo e sobre as possíveis consequências a curto prazo e a longo prazo, com as discussões sobre os prejuízos que podem acontecer em decorrência do consumo do álcool.
(4) Usos de álcool e sexualidade	(a) Influências do consumo de bebidas alcoólicas na diminuição do uso do preservativo; (b) Associação entre o consumo de bebidas alcoólicas e possibilidades de ocorrência de gravidez não planejada; contração de HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis; (c) Associação entre bebidas alcoólicas e paquera; (d) Bebidas alcoólicas e crenças de facilitação da desinibição e do desempenho sexual	Nesta categoria serão apresentadas as discussões presentes nos materiais sobre como os usos de álcool se associam às experiências sexuais como a paquera, a aproximação entre parceiros(as), a excitação e o desempenho sexual, assim como as informações sobre as influências para a diminuição do uso do preservativo e possíveis consequências.
(5) Usos de álcool e padrões de gênero	(a) Bebidas alcoólicas e padrões de masculinidade; (b) Associação entre consumo de bebidas alcoólicas, violência sexual e violência de gênero	Como as questões de gênero foram discutidas por alguns materiais a partir da associação entre usos de álcool e padrões de masculinidade, assim como da presença do álcool em situações de violência sexual de gênero.

Fonte: Própria autora.

7.1 Informações sobre os fatores sociais e históricos relacionados aos usos de álcool e de outras substâncias

(A) Álcool como substância psicoativa mais consumida

O álcool é com frequência apresentado pelos materiais educativos como a substância psicoativa mais consumida²⁸⁷ tanto pela população mundial em geral, quanto no Brasil, quanto entre adolescentes e jovens. A informação sobre a difusão do consumo geralmente é afirmada como argumento para a importância de discussões preventivas.

“O álcool contido nas bebidas alcoólicas é a droga psicoativa mais consumida no mundo (...)” (Drogas: cartilha álcool e jovens, SENAD, 2011, p. 16).

“Os dados existentes mostram que o álcool aparece com destaque, sendo, sem sombra de dúvidas, a droga mais consumida no Brasil (...)” (Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas, SENAD, SEB, 2014, , p. 122);

“De acordo com pesquisas, a droga mais consumida por adolescentes e jovens é o álcool (...)” (Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 27).

(B) Definição do álcool como droga lícita

Os materiais explicam sobre a classificação do álcool como *droga*²⁸⁸, principalmente a partir da problematização sobre como, em comparação com outras substâncias psicoativas, as bebidas alcoólicas tendem a receber maior legitimidade e difusão cultural, o que pode ser um dificultador para o reconhecimento dos elementos nocivos (e também para que a nomenclatura *droga* muitas vezes não seja usada em relação ao álcool).

Entre as definições atribuídas às *drogas*, no geral é apresentada a classificação sobre serem substâncias que provocam alterações no organismo, especialmente no sistema nervoso central, com a divisão entre as substâncias psicoativas com efeitos predominantemente depressores, estimulantes e alucinógenos.

“(...) Normalmente quando pensamos em drogas associamos ao uso de maconha, cocaína, crack etc., ou seja, ao uso de substâncias proibidas. Mas algumas substâncias fazem parte do nosso cotidiano, não são ilegais e também podem nos prejudicar se ingeridas ou usadas inadequadamente (...): álcool, tabaco (...)”

²⁸⁷ Para a análise na íntegra ver o apêndice: [Álcool como substância psicoativa mais consumida](#).

²⁸⁸ Para a análise na íntegra ver o apêndice: [Definição do álcool como droga lícita](#)

(Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 17);

“(...) Quando pensamos em drogas, lembramos na maior parte das vezes da maconha, cocaína, crack, isto é, das substâncias proibidas. Mas algumas drogas podem ser encontradas em nossas farmácias, armários, geladeiras, bares, supermercados, festas, como no caso das bebidas (álcool, café, cola...), cigarros e medicamentos. Essas substâncias, que são legais e fazem parte do nosso cotidiano, também podem nos prejudicar se ingeridas em grande quantidade ou usadas inadequadamente (...)” (**Trabalhando com mulheres jovens,** INSTITUTO PROMUNDO, 2008, p. 106).

(C) Informações históricas sobre o álcool e sobre outras substâncias psicoativas

A difusão das bebidas alcoólicas em diferentes culturas e diferentes momentos históricos²⁸⁹, com ênfase para quão antigas são as práticas de consumo de álcool e de outras substâncias psicoativas, é uma informação comum a muitos materiais. Exemplos de usos rituais, festivos, religiosos, medicinais, terapêuticos, alimentares e recreativos foram trazidos de diferentes formas.

“As bebidas fermentadas foram algumas das drogas mais antigas descobertas pela humanidade. (...) Os usos terapêuticos, devocionais, festivos, estimulantes, celebratórios ou recreacionais de bebidas (...) se encaixaram nas culturas (...)” (**Álcool e outras drogas: da coerção à coesão,** MINISTÉRIO DA SAÚDE; UFSC, 2014, p. 14-15);

“(...) O hábito de beber tem se perpetuado ao longo dos tempos e os primeiros registros arqueológicos datam de aproximadamente 6.000 a.C.” (**Trabalhando com mulheres jovens,** INSTITUTO PROMUNDO, 2008, p. 106);

“(...) em nossa cultura, o brinde feito com bebidas alcoólicas é celebrado com desejos de ‘saúde!’ Além do uso como fonte de prazer, sempre existiu o uso sagrado, mágico ou medicinal” (**Saúde e prevenção nas escolas,** MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006, p. 109).

Com frequência, são informações gerais, menções breves a exemplos históricos, mas em alguns materiais como os dos cursos **Supera** e **Álcool e outras drogas: da coerção à coesão**, há mais especificidades sobre as variações culturais e históricas, inclusive sobre a história dos usos de álcool no Brasil, como exemplificam os trechos a seguir:

²⁸⁹ Para a análise na íntegra ver o apêndice: [Informações históricas sobre o álcool e sobre outras substâncias psicoativas](#)

“(...) Quando os portugueses chegaram ao Brasil, no início da colonização, descobriram o costume indígena de produzir e beber uma bebida forte, fermentada a partir da mandioca, denominada ‘cauim’. Ela era utilizada em rituais e em festas, dentro, portanto, de uma pauta cultural bem definida. (...) os portugueses conheciam o vinho e a cerveja e, logo mais, aprenderiam a fazer a cachaça (...)” (Supera, SENAD, 2017, p. 14).

“(...) O processo de fermentação, pela ação de microfungos chamados leveduras, permitiu a fabricação não só das bebidas alcoólicas, como do pão e dos produtos lácteos fermentados, como iogurte e queijos. (...) assim desenvolveram-se as culturas indígenas com o cauim de mandioca no Brasil, a chicha de milho nos Andes e o pulque de Agave no México, o qual, destilado, se torna a tequila” (Álcool e outras drogas: da coerção à coesão, MINISTÉRIO DA SAÚDE; UFSC, 2014, p. 14).

O módulo **O uso de substâncias psicoativas no Brasil**, do material **Supera**, tem início com informações sobre o álcool no contexto da colonização do Brasil, quanto colonizadores portugueses se surpreenderam com os costumes indígenas de consumo. É também abordado o importante papel da cachaça no período da escravidão.

No material **Álcool e outras drogas: da coerção à coesão**, o tema do primeiro módulo é **Drogas e sociedade**. Inicialmente é afirmado que os usos construtivos e integrados, nas interações sociais, são mais comuns que as formas de consumo problemáticas e abusivas. No decorrer do módulo, são trazidas informações sobre o consumo e sobre a importância social e econômica de diferentes substâncias na pré-história, no período das navegações, nos processos de colonização das Américas, no período da escravidão, no período da revolução industrial e também sobre períodos mais recentes, como o momento da Lei Seca dos Estados Unidos e medidas proibicionistas que vieram depois. Um tópico é destinado, especificamente, a informações históricas sobre o Brasil. Em meio às informações trazidas sobre os usos de diferentes substâncias em diferentes períodos, são dados exemplos de usos religiosos, para a produção de estados de êxtase e devoção, assim como usos alimentares e usos medicinais. É discutida a importância da moderação na ética clássica e também a importância da produção de moléculas sintéticas psicoativas para a medicina moderna.

Embora muitos materiais tenham mencionado que os usos de substâncias existem desde tempos muito antigos (“*desde que o mundo é mundo*” (p. 109), nas palavras do material **Saúde e Prevenção nas Escolas**), o material **Da Coerção à Coesão** foi o que trouxe discussões mais específicas e intensas e também o único a dedicar-se para aspectos

da história recente, muito influentes em como as substâncias psicoativas são compreendidas hoje, como por exemplo no tópico **O início do proibicionismo**. No trecho abaixo está a definição de proibicionismo apresentada:

“O proibicionismo foi a adoção de medidas de interdição e repressão do consumo de certas substâncias psicoativas que passou a ocorrer desde o final do século XIX no mundo ocidental, especialmente nos Estados Unidos e que, a partir do século XX, se tornou uma política mundial por meio de acordos e tratados internacionais (...)” (**Álcool e outras drogas: da coerção à coesão**, MINISTÉRIO DA SAÚDE; UFSC, 2014, p. 23).

O início do proibicionismo é relacionado pelo material pela busca por controlar a disciplina do trabalho nas fábricas e também nos momentos de lazer. O exemplo da Lei Seca dos Estados Unidos é mencionado para a discussão sobre como, ao invés de atenuar as consequências negativas dos usos de substâncias, as proibições têm influências no aumento da violência e da criminalidade, na diminuição da qualidade das substâncias consumidas por ausência de regulamentação, com prejuízos para a saúde, além dos impactos financeiros por não haver arrecadação de impostos, com o comércio acontecendo clandestinamente. O nome dado pelo presidente estadunidense Richard Nixon de “guerra às drogas” é também discutido, com a problematização sobre a relação entre o proibicionismo e os altos números de encarceramento, principalmente entre pessoas mais pobres e pessoas negras. A questão das reivindicações por mudanças nas leis também é abordada: *“A situação insustentável da proibição e suas consequências sociais vêm levando inúmeros setores da sociedade internacional a defenderem a legalização das drogas”* (p. 24).

Embora o proibicionismo só tenha sido discutido com abrangência pelo material **Da coerção à coesão**, a divisão das substâncias entre lícitas e ilícitas, com a compreensão de que se trata de uma divisão historicamente construída, foi mencionada por outros materiais:

“O resgate da memória vai nos mostrar que todas as drogas proibidas já circularam livremente nas feiras ou mercados um dia. Da mesma forma, drogas que hoje têm seu consumo liberado, já sofreram restrições em outras épocas, ou ainda sofrem, de acordo com cada cultura ou país. (...) A proibição ou não destas substâncias nos diferentes momentos históricos deve mais a questões políticoeconômicas do que às questões de saúde. Neste sentido, outro mito é de que apenas as drogas proibidas fazem mal à saúde (...)” (**Trabalhando com mulheres jovens**, INSTITUTO PROMUNDO, 2008, p. 106);

“(...) Sabemos que não existe um consenso quando a temática é o ‘uso de drogas’. Por ser uma questão atravessada pelos valores e subjetividades das pessoas e das sociedades, essa temática é uma das mais polêmicas a depender de quem promove o debate, em quais condições e contextos e com quais públicos. Aliás, até mesmo a definição do que seja ‘droga’, ‘droga lícita’ e ‘droga ilícita’ varia de sociedade para a sociedade, e ao longo da história da humanidade (...)” (Supera, SENAD, 2017, p. 63).

A compreensão de que a divisão entre substâncias lícitas e ilícitas foi construída por fatores históricos vem em alguns materiais acompanhada de uma perspectiva crítica sobre como as diferentes substâncias são abordadas pelos meios de comunicação, como nos exemplos a seguir:

“(...) Sob o discurso de ‘guerra às drogas’, o que temos acompanhado no espetáculo midiático é a transformação de segmentos da população, já vulneráveis pelo não acesso ao conjunto de direitos básicos, em criminosos por possuírem um comportamento ‘desviado’, fora dos ‘padrões hegemônicos’, ‘socialmente definidos como adequados’ (Supera, SENAD, 2017, p. 63).

“(...) No que diz respeito ao tipo de informação divulgada nos meios de comunicação de massa, como o rádio, os jornais e a televisão (...) domina a visão alarmista sobre as drogas ilícitas, como a maconha, a cocaína/crack, entre outras, gerando uma situação de pânico que torna o problema ainda mais difícil de ser enfrentado” (Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas, SENAD; SEB, 2014, p. 128-129).

Há também em outros materiais uma perspectiva crítica em relação às diferenças entre como são retratadas as substâncias psicoativas ilícitas e a maior aceitação e mesmo valorização recebida pelas bebidas alcoólicas. É sobre como as bebidas alcoólicas são retratadas nos meios de comunicação que abordaremos a seguir.

(D) Álcool nos meios de comunicação

A discussão sobre as influências dos anúncios publicitários e dos meios de comunicação²⁹⁰ de uma forma geral na construção de associações positivas em relação às bebidas alcoólicas é realizada por alguns dos materiais, principalmente com a problematização sobre a invisibilização das possíveis consequências prejudiciais.

“(...) desde muito cedo, somos expostos a propagandas sobre álcool (...) que encobrem os efeitos negativos de seu uso. (...) Nas propagandas de bebidas (...)”

²⁹⁰ Para a análise na íntegra ver o apêndice: [Álcool nos meios de comunicação](#)

peças aparecem esbanjando saúde (...)” (**Trabalhando com mulheres jovens**, INSTITUO PROMUNDO, 2008, p. 107);

“Todos os anos, somos inundados por propagandas diretas ou indiretas (cenas de novela, filmes, marcas usadas por esportistas) para que o nosso gesto de abrir uma latinha de cerveja seja repetido o mais frequentemente possível (...)” (**Drogas: cartilha álcool e jovens**, SENAD, 2011, p. 7).

“(...) A todo momento, pela via das propagandas comerciais, somos convidados a beber e as propagandas nos dizem que seremos melhores, teremos mais sorte e ficaremos mais fortes e alegres, e, sobretudo ficaremos mais esperto, chegaremos na frente se bebermos esta ou aquela marca (...)” (**Supera**, SENAD, 2017, p. 19).

A discussão sobre o predomínio de associações positivas em relação ao álcool é um elemento presente em como os materiais abordam sobre as possíveis motivações para o consumo, como discutiremos no próximo tópico.

7.2 Motivações para os usos de álcool

(A) Motivações, fatores de risco e fatores de proteção para os usos de álcool e de outras substâncias

Quando abordam sobre os possíveis motivos, um traço comum entre diferentes materiais é a afirmação de que não há como fazer generalizações, já que os motivos são diversos e singulares. A diversidade é afirmada como um traço marcante tanto nas descrições sobre motivações para a experimentação, quanto para as experiências de consumo de uma forma geral.

“(...) o que faz uma pessoa usar álcool e outras drogas? Essa parece uma pergunta simples de responder, mas é justamente o contrário. (...) não é possível determinar um único porquê. Os motivos (...) variam muito” (**Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares**, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 14);

“É difícil generalizar os motivos (...). Na maioria dos casos, não há apenas um, mas diversos fatores (...)” (**Trabalhando com mulheres jovens**, INSTITUO PROMUNDO, 2008 p. 114);

A questão de serem diversas as motivações e diversos os fatores que influenciam nas motivações pode ser acompanhada por discussões sobre como não é possível compreender as experiências de consumo de álcool e de outras substâncias psicoativas sem levar em consideração aspectos subjetivos:

“Cada pessoa tem necessidades, impulsos ou objetivos que as fazem agir de uma forma ou de outra e a fazer escolhas diferentes (...) a pessoa, com sua história de vida, suas experiências, condições de vida, seus relacionamentos e aprendizados (...).”(**Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares**, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO p. 14);

“Cada um de nós tem nossas próprias razões e algumas delas não são claras nem para nós mesmos (...).”(**Trabalhando com mulheres jovens**, INSTITUTO PROMUNDO, 2008, p. 114).

Com a apresentação de que não é possível formular explicações precisas sobre os motivos, por serem muitas as motivações possíveis, muitos os fatores, inclusive muitos os fatores subjetivos, alguns materiais apresentam exemplos sobre o que leva pessoas a consumirem álcool e/ou outras substâncias:

“(...) curiosidade, desejo de esquecer problemas, tentativa de superar a timidez ou a insegurança, insatisfação com a própria aparência física (...).” (**Trabalhando com mulheres jovens**, INSTITUTO PROMUNDO, 2008, p. 114);

“(...) vencer a timidez, aprender a se comunicar, agir diante de agressões, tomar decisões na vida pessoal e escolar (...) descontração, relaxamento, sentir-se parte da “turma”, ter coragem para paquerar” (**Drogas: cartilha para educadores**, SENAD, 2011 p. 33; p. 36);

“(...) ter as sensações intensificadas, tais como as de prazer, aceleração, turvamento da consciência, relaxamento, potência, importância, fuga, desligamento, desprendimento, continência (...).” (**Álcool e outras drogas: da coerção à coesão**, MINISTÉRIO DA SAÚDE; UFSC, p. 17 – 3º módulo);

“(...) curiosidade; para esquecer problemas, frustrações ou insatisfações; para fugir do tédio; para escapar da timidez e da insegurança; por acreditar que certas drogas aumentam a criatividade, a sensibilidade e a potência sexual; busca do prazer; enfrentar a morte, correr riscos; necessidade de experimentar emoções novas e diferentes “(...) ter coragem em variadas situações, ficar desinibido(a) etc.” (**Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares**, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO p. 14-15; 20).

No quadro a seguir é possível a visualização de quais foram as motivações apresentadas pelos diferentes materiais e também de quais foram identificadas com maior frequência:

Quadro 12: Motivações para o consumo de bebidas alcoólicas

Motivações para o consumo de bebidas alcoólicas	Álcool e jovens	Álcool e outras drogas	Manual M	Manual H	Proerd	Cartilha para educadores	Curso para educadores	Guia de formação	Supera	Da coerção à coesão
Busca por sensações e emoções prazerosas (alegria, coragem, descontração, desinibição)	x	x	x	x		x	x	x	x	x
Busca por relaxar e esquecer tensões e preocupações	x	x	x			x				
Busca pela diminuição da timidez e da insegurança		x	x			x	x			
Busca por integração ao grupo/ influência da pressão do grupo		x			x	x	x			
Curiosidade		x	x							
Demonstrar corresponder aos padrões de masculinidade				x		x				
Busca por experimentar emoções novas, fortes e diferentes		x								
Disponibilidade das bebidas							x			
Automedicação									x	
Busca por correr riscos		x								
Comemorações	x									
Idealização do álcool							x			
Influências de familiares							x			
Paquera						x				
Sede	x									

Fonte: Própria autora

Os motivos²⁹¹ descritos com maior frequência são, portanto, aqueles relacionados à busca por sensações (tanto por experimentar sensações prazerosas quanto por reduzir sensações prazerosas) e relacionadas à sociabilidade, à facilidade de interações com outras pessoas (pela diminuição de inibições e da timidez, pelo desejo de aceitação e pertencimento ao grupo).

²⁹¹ Para a análise na íntegra ver o apêndice: [Motivações, fatores de risco e fatores de proteção para os usos de álcool e de outras substâncias.](#)

Nas discussões sobre as motivações, alguns materiais abordam também sobre aspectos que definem como fatores de risco e fatores de proteção, considerados como influências significativas para a experimentação do álcool e de outras substâncias psicoativas, assim como para o desenvolvimento de padrões prejudiciais de consumo, principalmente entre adolescentes. Algumas das definições dadas sobre os fatores de risco e de proteção podem ser observadas nos exemplos a seguir:

“(...) a rede de relações dos adolescentes apresenta uma enorme quantidade de variáveis e seu conjunto torna o adolescente mais ou menos propenso ao uso de drogas ou a outras formas de envolvimento com a droga. Isso significa que não há como compreender a questão das drogas sem conhecer o adolescente e suas relações e a forma como os diferentes fatores se conjugam em sua rede social. Por isso, o primeiro passo de uma ação de prevenção é conhecer a rede do adolescente e os fatores de risco e de proteção presentes. Assim, pode-se pensar estratégias para diminuir os fatores de risco e fortalecer os fatores de proteção identificados (...)” (**Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas**, SENAD; SEB, 2014, p. 145);

“Os fatores de proteção são aqueles que protegem as pessoas se situações que podem agredi-las física, psíquica e socialmente, garantindo um desenvolvimento saudável (...) Os fatores de risco são condições ou variáveis associadas à possibilidade de ocorrência de resultados negativos para a saúde, o bem-estar e o desempenho social. Alguns desses fatores se referem a características das pessoas; outros ao meio em que vive ou, ainda a condições estruturais e socioculturais mais amplas. Geralmente, quando ocorre uma situação arriscada, todos esses fatores estão trabalhando de forma simultânea” (**Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares**, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010. p. 20).

São apresentados como fatores de proteção pelos materiais ter com quem conversar sobre álcool e outras substâncias, o acesso a serviços de saúde, a participação em atividades físicas, culturais e de lazer, boas relações familiares e com os(as) amigos(as), sentimentos de pertencimento e integração, religiosidade e espiritualidade.

O trecho a seguir, do material **Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares**, é um exemplo sobre como os fatores de proteção podem ser apresentados:

“(...) ter com quem conversar sobre o uso de álcool e outras drogas, ter acesso aos serviços e ações de saúde, frequentar espaços de lazer e cultura, participar de atividades educativas dentro e fora da escola, praticar atividades físicas. (...) Ações continuadas e permanentes que incentivem atividades solidárias, fortalecendo a comunicação e o respeito às diferenças, minimizam os mais

diversos fatores de risco e incrementam potenciais fatores de proteção” (MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 20).

Ausência de participação em atividades sociais, como esportes, atividades de cultura e lazer e atividades religiosas; conflitos nas relações familiares; dificuldades no desempenho escolar; dificuldades em encontrar e manter amizades e falta de informações sobre as substâncias são exemplos de fatores de risco apresentados por alguns materiais.

Alguns dos fatores discutidos têm aspectos em comum, mas cada material tem uma forma de abordar sobre os fatores, com diferentes ênfases. Para uma melhor visualização das semelhanças e diferenças, apresentaremos alguns exemplos.

Nos trechos a seguir, do material **Supera**, os fatores de risco discutidos são divididos em ambientais, familiares e individuais:

“Ambientais: grande disponibilidade de drogas, normas da sociedade favoráveis ao uso de determinadas substâncias (...).

Familiares: Uso de álcool e outras drogas pelos pais, conflitos familiares, estrutura familiar precária, pouca supervisão dos pais, dificuldade dos pais em colocar limites aos filhos e situações estressantes (mudança de cidade, perda de um dos pais) (...).

Individuais

** Filosofia de vida: encarar o consumo de álcool e outras drogas como algo “normal” e que não acarreta prejuízos pode facilitar seu uso abusivo;*

** Características de personalidade: baixa autoestima, baixa autoconfiança, agressividade, busca de novidades, impulsividade, rebeldia, dificuldade de aceitar ser contrariado são facilitadores do uso abusivo;*

** Transtornos psiquiátricos: transtorno de conduta, transtorno de hiperatividade e déficit de atenção (principalmente se associado a transtorno de conduta), depressão, ansiedade e outros transtornos de personalidade são também fatores de risco (...);*

** Outros: sexualidade precoce, início precoce de consumo de álcool e tabaco, amigos com alto consumo de outras drogas, baixo desempenho na escola, sentir-se rejeitado pelos amigos, ter sofrido abuso físico ou sexual (**Supera**, SENAD, 2017, p. 74).*

Enquanto em alguns momentos é indicado que os fatores discutidos referem-se ao risco de padrões de consumo nocivos (como quando o material menciona “uso abusivo”), há momentos em que não é possível identificar se os fatores descritos tratam-se de influências para os usos prejudiciais ou para os usos de uma forma geral.

A significativa quantidade de fatores mencionados não é acompanhada por uma clareza na discussão sobre como elencar tais fatores como associados aos riscos contribui

para uma compreensão sobre os contextos e experiências vividas e sobre como os usos de álcool e outras substâncias se inserem nessas experiências. Diante da possibilidade de que tais listagem culminem em generalizações e também culpabilizações, torna-se importante que os fatores indicados sejam pensados com maior cuidado, não como simples descrições, mas como simplificações que podem ser nocivas para uma abordagem mais ampla e sensível. O mesmo pode ser dito sobre o trecho a seguir, do material do **Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas**, em que a questão da preocupação com os fatores de risco recebe forte ênfase:

(...) propomos que em vez de lutarmos contra as drogas, lutemos contra os tantos fatores que estão permitindo sua oferta quase sem controle e sua demanda quase sem alternativas, como: o consumismo, a miséria, o abandono afetivo, a desumanização do ser humano, o individualismo e o perfeccionismo.

(...) espera-se uma postura política, pois urge na sociedade brasileira que se desenvolvam uma consciência e uma posição crítica em face dos fatores de risco do contexto em que se inserem a família e a escola, entre os quais destacamos:

- *a miséria, que pode incentivar nossos jovens e crianças a se tornarem pequenos traficantes;*
- *o abandono afetivo, que deixa espaço para o apego às drogas;*
- *o consumismo, que reconhece como sujeito apenas aquele que compra o último produto do mercado;*
- *a luta contra a desumanização do ser humano, que pode encontrar nas drogas refúgio para sentir alguma emoção;*
- *a luta contra o individualismo, que pode remeter o jovem ao grupo de consumo de drogas na ilusão de viver uma coletividade;*
- *a luta contra a performance da perfeição, que exige cada vez mais do homem e pode remetê-lo ao estímulo químico para ampliar suas energias e sua competência, que paradoxalmente o esgota e o submete (SENAD; SEB, 2014, p. 75; 149).*

Consumismo, miséria, abandono afetivo, desumanização do ser humano, individualismo, perfeccionismo: é possível notarmos quão amplos são os fatores de risco mencionados e como os usos de substâncias psicoativas são descritos negativamente como uma espécie de reação desesperada a esses fatores, como uma compensação, uma fuga ilusória: “apego às drogas”, “refúgio para sentir alguma emoção”, “ilusão de viver uma coletividade”, “paradoxalmente o esgota e o submete”. Há a proposta de uma luta contra esses fatores, com a ênfase no quão destrutivos podem ser e a associação das substâncias psicoativas a essa destrutividade. É necessária a atenção para como os fatores listados não favorecem uma compreensão mais ampla e cuidadosa, por como podem ser

direcionados para conclusões generalizantes, culpabilizadoras e alarmistas. Entre concepções alarmistas, está a de que a busca por amizades e pertencer a um grupo na adolescência seria também um fator de risco, como discutiremos na subcategoria a seguir.

(B) Usos de álcool, adolescência e sociabilidade

A associação entre curiosidade, busca por novas experiências e vulnerabilidade é trazida por alguns materiais como relacionada aos usos de bebidas alcoólicas na adolescência²⁹². Embora haja o vínculo entre sociabilidade e experiências de consumo de álcool, o vínculo é pouco discutido, geralmente apontado como fator que aumenta as ocorrências de experimentação e consumo, como quando o beber é indicado como uma expressão da busca por aceitação e por pertencimento ao grupo. A expectativa de socializar-se e divertir-se é problematizada por alguns materiais como distorcida.

“A adolescência é um período de grande risco para o envolvimento com substâncias psicoativas. Ao menos em parte, esse risco pode ser atribuído às características da adolescência, tais como: necessidade de aceitação pelo grupo de amigos, desejo de experimentar (...) aumento da impulsividade e busca de sensações novas” (Supera, SENAD, 2017, p. 72).

“Embora o consumo de drogas psicotrópicas não seja exclusivo de adolescentes e jovens, é nessa fase do ciclo da vida que as pessoas realizam um maior número de experiências, já que estão descobrindo conhecimentos, emoções e valores, construindo padrões de vida e estão, por isso, mais vulneráveis” (Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 14).

A associação entre curiosidade, busca por novas experiências e vulnerabilidade é muitas vezes afirmada como um argumento sobre a relevância de que abordagens preventivas sobre o consumo de bebidas alcoólicas e outras substâncias sejam desenvolvidas com adolescentes e jovens, já que muitas vezes não conhecem sobre as possíveis consequências negativas dos usos de substâncias ou, caso conheçam, têm dificuldade de reconhecerem que pode acontecer com eles(as).

A concepção de que adolescentes têm fantasias e sensações de onipotência está presente no material do **Supera**, com a afirmação de que são frequentes pensamentos como *“comigo isso não acontece”* (SENAD, 2017, p. 72) e também nas recomendações sobre prevenção do material **Curso para educadores de escolas públicas: “São próprias**

²⁹² Para a análise na íntegra ver o apêndice: [Usos de álcool, adolescência e sociabilidade](#).

dessa faixa etária, as fantasias de onipotência ou pensamentos como “isso não vai acontecer comigo” e “eu paro quando quiser” (SENAD; SEB, 2014, p. 139).

A relação entre experiências de sociabilidade e experiências de bebidas alcoólicas na adolescência é mencionada pelo **Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas**, com a afirmação de que as bebidas “fazem parte da vida social, das festividades, da inserção no grupo”(SENAD; SEB, 2014, p. 53). No guia de formação do **Saúde e prevenção nas escolas**, está presente a ideia do consumo de substâncias como atitude de resistência: “*Símbolos de resistência, como atitudes, hábitos e roupas, podem fortalecer a identidade do grupo e a solidariedade entre seus membros*” (MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2007, p. 34).

As influências do grupo de amigos também é discutida pelo material **Drogas: cartilha para educadores**, com a indicação de que não seja abordada diretamente em intervenções preventivas.

“Adolescentes têm muito orgulho de ter autonomia e idéias próprias. Assim, embora os dados sejam unânimes em apontar a pressão do grupo como um fator importante para o início do uso de drogas, não é aconselhável que este tema seja abordado diretamente” (**Drogas: cartilha para educadores**, SENAD, 2011, p. 113).

Já no material **Trabalhando com homens jovens**, a recomendação é que a pressão do grupo como motivação seja problematizada:

“Reforce as seguintes idéias:

- Uma vez que, a pressão de seus pares e a imitação do grupo é um dos fatores mais importantes para que os adolescentes bebam, é necessário questionar esta tendência.

- Ressalte que beber ou não fazê-lo é uma decisão que se assume por razões pessoais, religiosas, de saúde, por respeito a certas normas familiares ou sociais e, sobretudo, porque podem criar-se alternativas para divertir-se e conviver” (**Trabalhando com homens jovens**, INSTITUTO PROMUNDO, 2001, p. 47).

Na oficina “*Decidindo*”, também do material **Trabalhando com homens jovens**, é apresentada uma lista de questões para a discussão sobre as relações entre as experiências de consumo de bebidas alcoólicas e a sociabilidade:

“1. Você se sentiria fora de lugar em uma festa ou reunião com seus amigos se eles te oferecessem uma bebida alcoólica e você decidisse não tomá-la? Por quê?”

2. *Imagine que está em uma festa ou reunião onde estão servindo álcool e você está bebendo, mas um de seus amigos não deseja tomar. Veria seu amigo como “bicho raro, chato, fresco ou nerd”? Por quê?*
3. *Defenderia a decisão de seu amigo de não beber perante os outros amigos? Supondo que você decidiu defendê-lo, como acha que os demais amigos o julgariam? Por quê?*
4. *Você acredita que para ser aceito em um grupo é necessário fazer o que as outras pessoas do grupo querem? Por quê?*
5. *Acha possível que uma pessoa pode levar uma vida social agradável sem consumir bebidas alcoólicas? Por quê?*
6. *Uma pessoa pode sentir-se bem consigo mesmo sem beber? Por quê?*
7. *Um adolescente pode sentir-se aceito sem beber? Por quê?”* (**Trabalhando com homens jovens**, INSTITUTO PROMUNDO, 2001, p. 49).

O objetivo da oficina em que as questões são propostas é o de “*Refletir sobre a escolha de beber ou não beber, como direito individual altamente responsável*” (INSTITUTO PROMUNDO, 2001, p. 47).

Ainda no material **Trabalhando com homens jovens** é possível notarmos como as recomendações dadas sobre como discutir a associação entre bebidas alcoólicas, sociabilidade e diversão são acompanhadas por um tom de preocupação, como quando, em uma atividade sobre crenças, para a discussão sobre as frases “*O álcool serve para fazer amizades*” e “*Sem álcool, não existem festas...*” (p. 46) é ressaltado que:

“Na realidade, o que se criam são cumplicidades em torno das bebidas, a amizade tem outros elementos a serem considerados (...) Devem ser levantadas outras formas para divertir-se e conviver sem que o álcool seja o centro de toda reunião social (...).

É muito importante refletirmos sobre as idéias que, em algum momento da vida, fizemos como nossas e que, sem questioná-las nem revisá-las, as integramos e as vivemos como parte natural de ver e viver a vida. Se não revisarmos essas idéias equivocadas, e as vivermos como verdades, elas podem ter custos irreversíveis para nós mesmos e para as pessoas que nos rodeiam” (**Trabalhando com homens jovens**, INSTITUTO PROMUNDO, 2001, p. 45).

A associação entre bebidas alcoólicas, sociabilidade e diversão é, assim, problematizada como relacionada a crenças distorcidas que foram naturalizadas e precisam ser revisadas, porque “*podem ter custos irreversíveis*”.

A contestação de crenças relacionadas às bebidas alcoólicas, à sociabilidade e à diversão também está presente no material **Drogas: cartilha álcool e jovens**. É

defendido que tais crenças equivocadas precisam ser combatidas com informações sobre os reais efeitos das bebidas e sobre as possíveis consequências prejudiciais:

“A maioria das pessoas acredita que os efeitos do álcool são resultado exclusivo de suas propriedades químicas. De fato, não há nenhuma dúvida de que o álcool age diretamente sobre nossa coordenação motora e rapidez de reação a estímulos, prejudicando ambas. Tudo fica bem mais polêmico, no entanto, quando o assunto é o efeito do álcool no nosso comportamento social e no nosso estado de humor.

(...) nem toda mágica está na garrafa. Muito está na nossa cabeça, na nossa capacidade de relaxar só porque estamos numa situação propícia. Considere isso quando achar que a única maneira de se divertir é com bebida na cabeça” (Drogas: cartilha álcool e jovens, SENAD, 2011, p. 16-18).

O alerta sobre como entre os efeitos esperados do consumo de álcool “*muito está na nossa cabeça*” é feito após terem sido apresentados exemplos de pesquisas sobre expectativas, com o uso de placebos e antiplacebos, em que as pessoas que acreditaram ter consumido álcool apresentaram comportamentos sociáveis e desinibidos assim como as que consumiram, de forma que a motivação para as expressões de sociabilidade e desinibição foram atribuídas à crença, não ao álcool.

No entanto, é importante considerarmos como os estudos sobre expectativas não feitos com o objetivo de invalidarem as motivações, mas para uma compreensão mais ampla sobre as influências sociais e culturais nos efeitos, que não se reduzem apenas à ação do álcool no organismo. Se “*nem toda mágica está na garrafa*”, isso não quer dizer que os efeitos esperados não aconteçam, que as expectativas sejam apenas distorções, mas que é necessária a atenção para como são as relações nos contextos festivos e de lazer.

Quando a valorização da associação entre bebidas alcoólicas e sociabilidade é apresentada como um equívoco, por não ser decorrente das propriedades farmacológicas do álcool, perde-se de vista como as experiências de consumo não podem ser reduzidas apenas às reações no organismo.

Em diferentes materiais, a abordagem da associação entre bebidas alcoólicas e sociabilidade se deu em tom de preocupação, com a indicação de que a associação deve ser problematizada como alimentada por crenças distorcidas e equivocadas. Embora seja interessante a proposta de ampliação do que pode ser significado como diversão, consideramos que diminuir a importância motivadora da busca por socializar-se, divertir-se e aproveitar com amigos e amigas como se fossem motivações arriscadas e danosas é

um movimento que distancia os cuidados preventivos dos contextos e experiências em que as práticas preventivas podem se inserir.

Como vimos ao longo dos demais capítulos da tese, a valorização de possibilidades de aproximar-se, construir e fortalecer vínculos com outras pessoas é um elemento bastante presente nas experiências de consumo de álcool, de modo que consideramos que abordá-la como algo a ser contestado como ilusório é um movimento que requer problematização. Para a promoção de atitudes preventivas é necessário esclarecer sobre possíveis consequências prejudiciais dos usos de bebidas, mas consideramos que a transmissão de uma visão alarmista e condenatória sobre as experiências de sociabilidade restringe ao invés de contribuir para que as práticas preventivas sejam aprendidas como desejáveis e como contextualizadas com as experiências vividas.

Os três trechos apresentados abaixo correspondem a propostas de atividades que envolvem a discussão sobre a associação entre sociabilidade e álcool como negativa, com o incentivo para que os(as) participantes dialoguem sobre as motivações das escolhas dos(as) personagens e imaginem como aquela situação poderia ser possível sem que o consumo de álcool acontecesse. Os dois primeiros trechos são de situações projetivas, o terceiro corresponde ao comentário que segue a exibição de um vídeo:

“Paula é uma menina retraída e quieta, gosta de estar com as colegas para papear, ler livros românticos e jogar voleibol. Num sábado, foi convidada para sair com um grupo de colegas, ir a um barzinho para bater papo e bebericar. Lá chegando, como se sentia muito tímida, insegura e como as amigas incentivaram o uso de bebida alcoólica através de brincadeiras e gozações, acabou tomando quatro latinhas de cerveja, num curto espaço de tempo. Então...” (**Trabalhando com mulheres jovens**, INSTITUTO PROMUNDO, 2008, p. 115)

“Suas amigas estão querendo trazer vinho de casa para o jogo que ocorrerá à tarde. Elas perguntam se você quer que tragam para você também” (**Proerd**, Polícia Militar, 2015, p. 40).

“Vimos, nesse episódio, que o personagem Marcílio, devido à necessidade de ser aceito por seus novos colegas e sentindo falta de amigos na nova cidade, ficou exposto e vulnerável ao consumo de drogas. Vimos também que, apesar de não gostar de beber, ficou mobilizado pelo convite de curtir uma cerveja (...)” (**Curso de prevenção do uso de drogas para educadores das escolas públicas**, SENAD; SEB, 2014, p. 134).

Nas situações e questões propostas pelos diferentes materiais, as orientações dadas para os(as) educadores(as) sobre os objetivos das discussões é que busquem ressaltar a

possibilidade de divertir, fazer amigos e aproveitar companhias sem que haja o consumo de álcool. No material do **Proerd** essa orientação é mais incisiva, já que cabe aos policiais militares que conduzem o programa ensinar o “*Modelo de Tomada de Decisões*” que tem como propósito a recusa, o “*dizer não*” aos usos de bebidas alcoólicas e de outras substâncias. No entanto, a afirmação de que o almejado é que o consumo não aconteça está presente também nas orientações dos outros materiais, como é possível notar na argumentação da atividade do **Curso para educadores de escolas públicas** que situa a “*inocente busca por uma turma*” (p. 134) como um fator de risco.

“(...) *a inocente busca por uma turma pode trazer risco de envolvimento com drogas, tanto lícitas como ilícitas, e (...) este envolvimento, frequentemente, funciona como fator facilitador para pertencer a um grupo*” (**Curso de prevenção do uso de drogas para educadores das escolas públicas**, SENAD; SEB, 2014, p. 134).

Como mencionamos anteriormente, enquanto nas discussões sobre as experiências da adolescência a importância da sociabilidade, de buscar fazer amigos(as) e pertencer a um grupo é algo valorizado, quando o tema são as experiências de consumo de bebidas alcoólicas, a associação com a sociabilidade é problematizada, como uma distorção e/ou um risco.

Torna-se importante, assim, ao considerarmos a elaboração e o desenvolvimento de futuras abordagens educativas, investigarmos se haveria formas mais abrangentes de abordar com adolescentes a relação entre álcool e contextos de lazer e socialização, sem um teor necessariamente condenatório.

7.3 Consequências do consumo de álcool

(A) Efeitos do álcool

As informações sobre os efeitos²⁹³ das bebidas alcoólicas nos materiais são predominantemente descritas a partir da descrição de possíveis alterações no sistema nervoso central. É comum que seja apresentada a divisão entre duas fases: a fase estimulante, correspondente às primeiras doses, e a fase depressora, que tende a acontecer conforme as doses aumentam.

Medidas de quanto de cada bebida corresponde a uma dose com a relação entre o número de doses e os possíveis efeitos são também informações recorrentes. Outra

²⁹³ Para a análise na íntegra ver o apêndice: [Efeitos do álcool](#)

discussão que recebe atenção é sobre as influências do contexto em que o consumo ocorre nos efeitos experimentados.

Há efeitos considerados como agradáveis, como prazer, bem-estar, alegria e relaxamento, atribuídos principalmente à fase estimulante, e efeitos descritos como nocivos, como prejuízos na coordenação motora, nos reflexos, no raciocínio, na atenção e na memória, assim como a sonolência, náuseas e vômitos.

São trazidas também informações sobre os fatores individuais e contextuais que influenciam os efeitos experimentados, como a frequência do consumo, as quantidades ingeridas, a velocidade do consumo, ter se alimentado ou não e características como a altura e o peso.

“Inicialmente (doses baixas ou na fase inicial do efeito de doses altas), o álcool age como um estimulante do Sistema Nervoso Central, levando a sensações de euforia, desinibição, sociabilidade, prazer e alegria. (...) EM UM SEGUNDO MOMENTO, o álcool age como um ‘depressor’ do Sistema Nervoso Central, reduzindo a ansiedade, contudo prejudicando a coordenação motora. (...) Pode haver lentificação psicomotora, deixando a fala ‘pastosa’ ou ‘arrastada’, redução dos reflexos, sonolência e prejuízos na capacidade de raciocínio e concentração. Em doses altas, a visão pode ficar ‘dupla’ ou borrada, ocorrendo também prejuízo de memória e da concentração, diminuição da resposta a estímulos, sonolência, vômitos e insuficiência respiratória, podendo chegar à anestesia, coma e morte” (Supera, SENAD, 2017, p. 52).

“(...) Os efeitos não se apresentam iguais para todas as pessoas e em todas as situações. Isto varia de acordo com a quantidade de álcool ingerido, velocidade ou tempo em que bebeu, a altura e o peso da pessoa etc.” (Trabalhando com homens jovens, INSTITUO PROMUNDO, 2001, p. 69).

Há materiais que diferenciam entre os efeitos agudos, experimentados no momento do consumo, e os efeitos crônicos, que decorrem do consumo de bebidas alcoólicas a longo prazo, especialmente o uso frequente e/ou prolongado. Entre os possíveis efeitos crônicos que costumam receber maior atenção está a possibilidade do desenvolvimento de quadros de dependência, como abordaremos no próximo tópico.

No quadro a seguir são apresentadas as informações sobre os efeitos dos usos de bebidas alcoólicas transmitidas pelos materiais de acordo com a frequência com que foram identificadas:

Quadro 13 – Informações sobre os efeitos do consumo de bebidas alcoólicas apresentadas pelos materiais

Informações sobre os efeitos do consumo de bebidas alcoólicas	Álcool e jovens	Álcool e outras drogas	Manual M	Manual H	Proerd	Curso para educadores	Saúde e prevenção	Supera	Da coerção à coesão
Definição do álcool como substância psicoativa depressora do sistema nervoso central	x	x	x	x		x		x	
Divisão dos efeitos em estimulantes e depressores	x	x	x	x		x		x	
Relação entre o número de doses consumidas e os efeitos	x					x		x	
Discussão sobre as influências do contexto	x	x	x	x		x	x	x	x
Sensações prazerosas: alegria, bem-estar, relaxamento	x	x	x	x		x	x	x	x
Prejuízos nos reflexos	x	x	x	x	x	x		x	
Prejuízos na coordenação motora	x	x		x	x		x	x	
Sonolência	x	x	x	x		x		x	
Desinibição	x	x	x	x		x		x	
Náuseas e vômitos			x	x		x		x	
Prejuízos para o raciocínio, a atenção e a memória				x	x	x		x	
Acentuação da tristeza		x		x					

Fonte: Própria autora.

(B) Álcool como substância psicoativa mais associada a consequências negativas

Acidentes de trânsito, possibilidade de morte, possíveis prejuízos para a saúde, desenvolvimento de quadros da dependência, consequências da não utilização do preservativo como contração do vírus HIV, de outras infecções sexualmente não transmissíveis e ocorrência de gravidez não planejada são algumas das consequências nocivas²⁹⁴ mencionadas pelos materiais, que ressaltam como o álcool é uma substância psicoativa com muitas decorrências danosas.

²⁹⁴ Para a análise na íntegra ver o apêndice: [Álcool como substância psicoativa mais associada a consequências negativas](#).

“(…) o álcool é a droga com maiores índices de problemas decorrentes de seu uso (…), a que mais danos sociais tem causado” (**Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas**, SENAD; SEB, 2014, p. 120-121).

“(…) Acidentes de carro, atropelamentos, quedas, violência familiar e nas ruas, além de uma série de problemas de saúde (…)” (**Drogas: cartilha álcool e jovens**, SENAD, 2011, p. 7).

No quadro a seguir, será possível a visualização de quais possíveis consequências negativas são mencionadas por cada material educativo analisado.

Quadro 14 – Consequências negativas do consumo de bebidas alcoólicas apresentadas pelos materiais

Consequências negativas	Álcool e jovens	Álcool e outras drogas	Manual M	Manual H	Proerd	Curso para educadores	Saúde e prevenção	Supera	Da coerção à coesão
Acidentes de trânsito	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Mortes	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Dependência	x	x	x	x		x	x	x	x
Gravidez não planejada	x	x	x	x		x	x		
Infecção ao HIV/aids	x	x	x	x		x	x		
Coma		x		x	x	x		x	
Problemas de saúde	x		x				x	x	
Violência	x		x	x					
Afogamentos	x			x					
Homicídios	x			x					
Parada respiratória						x		x	
Síndrome alcoólica fetal			x					x	
Suicídios	x			x					
Perda da consciência		x							
Prejuízos no desempenho escolar						x			
Prejuízos para a família						x			
Ressaca								x	
Traumatismos				x					
Quedas	x								

Fonte: Própria autora

(D) Sobre a dependência

Tolerância, compulsão, síndrome de abstinência, tempo gasto e uso apesar de prejuízos são elementos geralmente presentes nas definições sobre dependência²⁹⁵ apresentadas pelos materiais.

Nos materiais **Drogas: cartilha álcool e jovens** e **Trabalhando com homens jovens** a dependência do álcool é definida como alcoolismo, com as seguintes descrições e explicações:

“(...) Com algumas variações, o alcoolismo é caracterizado por:

- *Compulsão (necessidade forte ou desejo incontrolável de beber)*
- *Perda de controle (incapacidade freqüente de parar de beber uma vez que já começou)*
- *Tolerância (necessidade de aumentar a quantidade de álcool para sentir os mesmos efeitos)*
- *Persistência do uso mesmo sabendo que ele está causando problemas*
- *Sintomas de abstinência (ocorrência de náusea, suor, tremores, ansiedade, quando interrompe a bebida)” (Drogas: cartilha álcool e jovens, SENAD, 2011, p. 29)*

“(...) existem fatores de suscetibilidade pessoais e psico-sociais. Há autores que mencionam que há fatores genéticos que fazem algumas pessoas que, em contato com o álcool, rapidamente modifiquem sua forma de pensar ou de atuar ou que tenham a tendência a beber compulsivamente ou ainda que, mesmo bebendo abundantemente, não se intoxicam seriamente. Tanto a tolerância elevada ao álcool, como a perda de controle sobre a bebida e a conduta devem ser consideradas como sinais de pré-alcoolismo ou alcoolismo” (Trabalhando com homens jovens, INSTITUTO PROMUNDO, 2001, p. 51).

No material **Trabalhando com homens jovens** há uma atividade sobre os critérios de detecção da dependência de álcool, com a observação de que a presença de mais de dois critérios requer atenção para os padrões de uso. Os critérios apresentados são:

- 1- *Pensar, falar ou planejar quando será a próxima ocasião para beber.*
- 2 – *Suportar maior quantidade que a média das pessoas.*
- 3 – *Beber com rapidez.*
- 4 – *Beber para obter algum efeito, como tranqüilizante ou para ter coragem de fazer algo.*
- 5 – *Esquecer algum detalhe ou evento do que aconteceu enquanto bebia.*

²⁹⁵ Para a análise na íntegra ver o apêndice: [Dependência do álcool e de outras substâncias psicoativas](#)

- 6 – *Proteger, guardar ou assegurar o abastecimento de álcool.*
- 7 – *Beber mais que o planejado ou sem haver planejado.*
- 8 – *Um critério adicional altamente sensível é: ferir algum ser querido pelo fato de beber ou por algo que fez ou deixou de fazer enquanto bebia”* (**Trabalhando com homens jovens**, INSTITUTO PROMUNDO, 2001, p. 48).

No material **Supera**, voltado a profissionais que atuam nos serviços de saúde, há um módulo sobre “*Detecção do uso e diagnóstico da dependência de substâncias psicoativas*”. No decorrer dos capítulos são discutidos com especificidade os critérios diagnósticos do CID-10 (Classificação Internacional de Doenças) e do DSM (*Diagnostic and Statistical Manual*), assim como instrumentos padronizados utilizados para a identificação do uso ou da dependência, tanto para pessoas adultas, quanto para adolescentes.

É comum que as informações sobre a possibilidade do desenvolvimento de quadros de dependência sejam trazidas como argumento para que o consumo não ocorra ou para que, caso ocorra, seja feito de forma moderada e com outros cuidados.

“(...) *a dependência é quando uma pessoa sente grande necessidade de usar uma ou mais drogas, de forma periódica ou contínua, para obter prazer, aliviar tensões, ansiedades, medos, sensações físicas desagradáveis, criando um vínculo extremo no qual a droga é priorizada em detrimento de outras relações (...) A dependência envolve aspectos psíquicos, físicos ou ambos”* (**Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares**, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 28);

“*Dependência é o impulso que leva a pessoa a usar uma droga de forma contínua (sempre) ou periódica (freqüentemente). O dependente é a pessoa que não consegue controlar o consumo, agindo de forma impulsiva e repetitiva. As duas formas principais em que ela se apresenta são a dependência física e a dependência psicológica”* (**Saúde e prevenção nas escolas**, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 53).

“*Caracteriza-se a dependência pela dificuldade de a pessoa parar ou diminuir o consumo pela simples decisão própria, sem o recurso de ajuda externa, seja de um especialista, de medicamento ou de outras pessoas. (...) Uma das características centrais da dependência é a “fissura” ou o desejo irresistível de consumir a substância”* (**Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas**, SENAD, 2014, p. 114);

“(...) *O Dependente ou Usuário “Disfuncional” – Vive através e para o uso das substâncias, quase que exclusivamente. Como consequência, todos os laços sociais são quebrados, o que causa isolamento e marginalização”* (**Trabalhando com mulheres jovens**, INSTITUTO PROMUNDO, 2008, p. 117).

É possível notar no primeiro e no último exemplo uma generalização dos possíveis prejuízos: “*criando um vínculo extremo em que a droga é priorizada em detrimento de outras relações*” e “*todos os laços sociais são quebrados, o que causa isolamento e marginalização*”, generalização que pode comprometer a compreensão de que os quadros de dependência se desenvolvem de formas diversas. Outro aspecto presente em diferentes definições é o da ênfase na perda de controle, que em alguns momentos chega a ser descrita como “*perda da liberdade*”, como nos exemplos a seguir:

“(…) *É considerada dependente a pessoa que perde sua autonomia e liberdade em razão do uso de algumas substâncias, seja ela qual for*” (**Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares**, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 28).

“*A dependência pode ser definida poeticamente como a “perda da liberdade de escolha”, isto é, a pessoa não escolhe mais se vai beber e o quanto vai ingerir. Ela perdeu o controle sobre essa decisão (…)*” (**Supera**, SENAD, 2017, p. 64).

No material do curso **Supera**, a perda de controle é também associada à embriaguez, em uma definição em que embriagar-se e o alcoolismo se confundem:

“*Quando uma pessoa perde o controle sobre a ação de beber, a bebida pode perturbar a sua consciência para além do domínio que a pessoa tem de si mesma. Eis a embriaguez em sua forma mais simples, uma leitura sem preconceitos, mas ao mesmo tempo carregada com tintas muito fortes, porque nem todos que bebem são dominados pela bebida. Entretanto, quando o álcool não é utilizado para aumentar a espíritosidade, mas para incentivar, encorajar ou consolar armadura, ele se torna um poderoso fator de desorganização do sujeito como ser social, isto é, para além de si como indivíduo e de suas relações com os outros, com os íntimos e com os de cerimônia. Quando advém a embriaguez e, com a frequência do uso, o alcoolismo, toda a magia da bebida é substituída pela perversidade da forma como ela é consumida (…)*” (**Supera**, SENAD, 2017, p. 64).

A questão de como a perda de controle é situada como um eixo nas definições predominantes sobre a dependência, assim como explicações que se referem a uma perda da liberdade, são problematizada pelo material **Álcool e outras drogas: da coerção à coesão**, que apresenta entre as propostas:

“(…) *Buscaremos também analisar aqui as consequências do entendimento de que pessoas com problemas relacionados ao consumo de álcool e outras drogas perdem invariavelmente a capacidade de conduzir suas próprias vidas de forma*

adequada, que se tornam impreterivelmente “escravos”, “dominados pela droga”, em um movimento de inversão onde a coisa (droga) torna-se o sujeito e o sujeito (pessoa que usa droga) é coisificado (...)” (**Álcool e outras drogas: da coerção à coesão**, MINISTÉRIO DA SAÚDE; UFSC, 2010, p. 12).

Em diferentes materiais, a possibilidade do desenvolvimento de quadros de dependência do álcool e de outras substâncias psicoativas recebe ênfase como uma motivação para que o consumo não ocorra ou que, caso ocorra, seja feito de forma moderada e com outros cuidados. Considerando a importância da compreensão de como as experiências de consumo de substância e as relações que cada pessoa estabelece com as substâncias são singulares, assim como da valorização da autonomia nas práticas de saúde, a tendência à generalização de algumas descrições, assim como definições que têm como eixo a perda do controle de si e da própria vida, ou a perda da própria liberdade requerem problematização, como no questionamento apresentado acima do material **Álcool e outras drogas: da coerção à coesão**.

O trecho a seguir também se refere ao mesmo movimento de problematização, ressaltado diante de como têm aumentado, atualmente, a defesa de medidas de internação compulsória de pessoas que fazem uso de substâncias psicoativas:

(...) O que parece existir é uma indução à desumanização das pessoas que usam drogas. Os argumentos de que “eles não conseguem distinguir o certo do errado” ou “eles não têm mais vontade própria” os aproximam de animais desprovidos de direitos, de intenções e de sofrimento. Ou seja, suspende-se, de um grupo humano específico, características universais de todos os seres humanos, para torná-los, por assim concluir, “menos humanos” (...) (**Álcool e outras drogas: da coerção à coesão**, MINISTÉRIO DA SAÚDE; UFSC, 2010, p. 12).

Outra discussão trazida pelo material refere-se a como a dinâmica do vício atualmente não é uma característica apenas dos usos de substâncias, mas de diferentes práticas culturais:

(...) A noção, hoje comum, de “vício” ligado às drogas é característica de uma época mercantil e industrial capitalista, na qual a compulsividade se tornou a regra, como uma incitação ao consumo excessivo, de drogas, de alimentos e de outras condutas passíveis de excesso, como o jogo, o uso de TV e computadores e até mesmo o uso obsessivo de celulares, por meio da promoção sistemática do consumismo pela propaganda. (...) O “vício”, como comportamento de consumo compulsivo, não é uma exclusividade das drogas, mas afeta quase todas as mercadorias e hábitos que podem se tornar obsessivos, compulsivos e problemáticos (...)” (**Álcool e outras drogas: da coerção à coesão**, MINISTÉRIO DA SAÚDE; UFSC, 2010, p. 26).

Uma compreensão mais ampla sobre as experiências denominadas hoje como vício ou como dependência requer atenção para como fatores sociais, culturais e históricos influenciam nas práticas de consumo de substâncias e nas concepções que predominam sobre as substâncias entre as pessoas de uma forma geral e também entre profissionais de saúde, considerando como a contextualização é importante para que sejam evitadas visões generalizadas, reducionistas e culpabilizantes.

7.4 Usos de álcool e sexualidade

(A) Influência do consumo de bebidas alcoólicas na diminuição do uso do preservativo²⁹⁶

Entre os efeitos das bebidas alcoólicas mencionados pelos materiais, está o comprometimento da atenção e do discernimento, que é relacionado à diminuição da probabilidade do uso de preservativo.

“(...) Quando ingerimos altas doses de álcool, nosso discernimento fica comprometido e isso pode influenciar no “esquecimento” do uso do preservativo” **(Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 32).**

“(...) sob os efeitos do álcool é difícil tomar precauções como o uso do preservativo, mesmo que se tenha conhecimento e informação de sua importância” **(Trabalhando com homens jovens, INSTITUTO PROMUNDO, 2001, p. 70).**

(B) Associação entre o consumo de bebidas alcoólicas e possibilidades de ocorrência de gravidez não planejada, contração de HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis²⁹⁷

Em diferentes materiais, a possibilidade de contração do HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis é afirmada como justificativa para a combinação entre abordagens educativas sobre prevenção aos usos de bebidas alcoólicas e abordagens educativas sobre saúde sexual e saúde reprodutiva. As possibilidades de ocorrência de

²⁹⁶ Para a análise na íntegra ver o apêndice: [Influência do consumo de bebidas alcoólicas na diminuição do uso do preservativo.](#)

²⁹⁷ Para a análise na íntegra ver o apêndice: [Associação entre o consumo de bebidas alcoólicas e possibilidades de ocorrência de gravidez não planejada, contração de HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis.](#)

uma gravidez não planejada também são incluídas por alguns materiais ao indicarem os riscos do não uso do preservativo entre pessoas que beberam.

“Sob o efeito de bebidas, a realidade imediata da atração física predomina e as consequências futuras de uma gravidez indesejada ou contaminação de doenças não são processadas mentalmente como algo significativo” (**Drogas: cartilha álcool e jovens**, SENAD, 2011, p. 15).

“Em termos da promoção da saúde, sabe-se que a relação entre o uso de álcool e outras drogas, sexualidade e aids é bastante estreita (...) pelo sexo desprotegido, que pode levar à gestação não planejada e à infecção por doenças sexualmente transmissíveis (DST) incluindo o HIV, vírus da aids” (**Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares**, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 11).

(C) Associação entre bebidas alcoólicas e paquera ²⁹⁸

A associação entre bebidas alcoólicas e paquera não foi discutida com abrangência pelos materiais, mas foi brevemente mencionada em alguns momentos, por exemplo quando são elencadas expectativas sobre as experiências de consumo de álcool ou em atividades que envolvem situações projetivas.

“(...) A festa começa. Depois de cerca de duas horas regadas a muita cerveja, muitos já estão falando bem mais alto do que costumam falar, rindo à toa, um mais ‘saidinho’ está dançando em cima da mesa, muita paquera rolando” (**Drogas: cartilha álcool e jovens**, SENAD, 2011, p. 18).

“Paulo tem 27 anos (...). De vez em quando ele se reúne com os amigos, junto eles tomam umas cervejas e depois saem de carro para paquerar (...)” (**Saúde e prevenção nas escolas**, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2007, p. 112).

(D) Bebidas alcoólicas e crenças na facilitação e na desinibição do desempenho sexual ²⁹⁹

A associação entre os usos de bebidas alcoólicas e a facilitação da desinibição e/ou do desempenho sexual é abordada por alguns materiais como uma crença, como algo que motiva algumas pessoas a beberem mas que sem necessariamente corresponda aos efeitos experimentados.

²⁹⁸ Para a análise na íntegra ver o apêndice: [Associação entre bebidas alcoólicas e paquera](#)

²⁹⁹ Para a análise na íntegra ver o apêndice: [Bebidas alcoólicas e crenças da facilitação da desinibição e do desempenho sexual](#)

Um argumento utilizado sobre ser um mito ou uma crença equivocada a expectativa de que o álcool facilite a desinibição e o desempenho refere-se à possibilidade de que os homens passem por dificuldades para terem ereção.

“Muitas pessoas acreditam que certas substâncias podem aumentar a performance sexual. (...) Geralmente, os efeitos positivos do uso de substâncias durante as relações sexuais, residem mais na crença de felicidade do que em suas propriedades farmacológicas. Por exemplo, ao contrário do que muitas pessoas acreditam, o álcool (...) pode impedir uma ereção” (**Trabalhando com mulheres jovens**, INSTITUTO PROMUNDO, 2008, p. 117).

“(...) como o álcool é um depressor do sistema nervoso, acaba diminuindo estas sensações e dificultando a relação sexual. É uma das causas mais freqüentes de disfunção erétil (impotência)” (**Trabalhando com homens jovens**, INSTITUTO PROMUNDO, 2001, p. 46).

“As bebidas alcoólicas podem levar ao aumento do desejo sexual, porque ajudam a desinibir (...) um drink pode ajudar alguém a relaxar e a se sentir mais desinibido, mas não pode ser considerado um afrodisíaco ou uma poção mágica. (...) ninguém acha uma pessoa bêbada mais sedutora ou interessante” (**Supera**, SENAD, 2017, p. 58).

7.5 Usos de álcool e padrões de gênero

(A) Bebidas alcoólicas e padrões de masculinidade

Associações entre os padrões de masculinidade e exposição a riscos, assim como entre os padrões de masculinidade e dificuldades para lidar e expressar as próprias emoções, são alguns elementos discutidos pelos materiais sobre influências para que os homens consumam mais álcool e passem por mais consequências nocivas decorrentes do consumo de álcool, como nos trechos a seguir:

“(...) Negar as tensões e os diversos problemas da vida cotidiana, assim como a dificuldade para falar sobre eles, fato comum entre os homens, pode associar-se ao consumo de diferentes substâncias, sobretudo o álcool. Assim, o mundo das drogas, onde o álcool e o tabaco se encaixam, apresentam-se como um espaço onde se pode expressar emoções” (**Trabalhando com homens jovens**, INSTITUTO PROMUNDO, p. 22);

“(...) Por mais que as coisas tenham mudado, é comum que muitos adolescentes e jovens tenham dificuldade de pedir apoio ou ajuda por medo de parecer vulneráveis ou femininos. Isso faz com que reprimam suas emoções, o que favorece o consumo de diferentes substâncias, sobretudo o álcool” (**Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares**, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 56);

“O estereótipo masculino dominante no Ocidente exige que o homem negue suas próprias necessidades afetivas, pois a expressão de emoções é considerada sinal de fraqueza. (...) Homem que é homem deve exibir coragem, audácia, agressividade, mostrar-se mais forte que os outros, ainda que para isso faça uso da violência. (...) O medo do fracasso e a necessidade de provar a masculinidade empurram os homens para comportamentos compensatórios potencialmente perigosos e destruidores: os homens tendem a assumir mais riscos que as mulheres (bebem mais, andam em motos e automóveis em alta velocidade, envolvem-se com mais frequência, em brigas e disputas violentas etc.)” (Saúde e prevenção nas escolas, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 44-45).

(B) Associação entre consumo de bebidas alcoólicas, violência sexual e violência de gênero

Nos materiais **Trabalhando com homens jovens** e **Trabalhando com mulheres jovens**, a discussão sobre a prevenção e o enfrentamento às diferentes formas de violência sexual e violência de gênero vem acompanhada da problematização de como é naturalizada a associação entre masculinidade e agressividade, com a afirmação da importância da desnaturalização para que relações desiguais e situações de violência possam ser transformada.

“(...) Não existe uma única razão para a violência, se não muitos fatores de vulnerabilidade. Sabe-se que o álcool em si não causa a violência, já que muitos homens bebem e não são violentos. Um homem violento geralmente ficará mais violento quando beber” (**Trabalhando com mulheres jovens**, INSTITUTO PROMUNDO, 2008, p. 46);

“Uma relação que ocorre sem que o indivíduo seja capaz de dar consentimento, como aconteceria após o uso de álcool e drogas, também constitui violência sexual. (...) Como outras formas de violência contra a mulher, o fator principal de violência sexual é geralmente a expressão do poder e do domínio masculino sobre a mulher” (**Trabalhando com mulheres jovens**, INSTITUTO PROMUNDO, 2008, p. 37);

“Muitos dos casos de homicídios entre homens começaram com brigas ou discussões triviais, geralmente um insulto em bares ou em outros espaços públicos, e que chegam até níveis letais. Manchetes de assassinatos na América Latina frequentemente repetem histórias sobre brigas que começam com troca de palavras ofensivas num bar ou discoteca (muitas vezes acompanhados pelo uso de álcool) e acabam em morte” (**Trabalhando com homens jovens**, INSTITUTO PROMUNDO, 2001, p. 26).

A relação entre álcool e violência de gênero e a importância da desnaturalização são também abordadas pelo material **Álcool e outras drogas** da coleção **Adolescentes e jovens para a educação entre pares**:

“(...) Por violência de gênero entendemos aquele tipo de violência praticada por quem possui maior parcela de poder numa relação. De acordo com as estatísticas, geralmente esse tipo de violência é praticada pelos homens, uma vez que nossa cultura apregoa estereótipos de força, virilidade e potência para o sexo masculino. É um tipo específico de violência que vai além das agressões físicas e que se faz presente em todos os lugares, sob a forma de preconceito e discriminação. De acordo com o Boletim do CEBRID, cerca de metade dos casos de violência de gênero, no Brasil, está associada ao uso de bebidas alcoólicas. Só no Estado de São Paulo, as pesquisas dessa instituição mostram que mais da metade dos casos de violência contra as mulheres está associada ao uso de álcool. Em 52% das situações, o agressor está sob o efeito de bebidas alcoólicas. Apenas 10% envolvem o consumo de outras drogas. (...) Infelizmente, crenças familiares, como a de que o álcool causa ou justifica a violência, e sobre a indissolubilidade do casamento, parecem aumentar a tolerância às agressões, minimizar a responsabilidade do agressor e favorecer a reincidência da violência contra mulheres e crianças por prolongado período de tempo” (Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 56).

É possível notarmos, assim, como nos materiais que buscaram promover a discussão sobre os padrões de masculinidade e de feminilidade e sobre as desigualdades entre os gênero, a associação entre bebidas alcoólicas e violência também foi uma questão problematizada.

Tendo apresentado as categorias temáticas, analisaremos, no tópico a seguir, alguns aspectos notados em materiais específicos sobre questões relacionadas à sexualidade e aos padrões de gênero.

7.6 Sexualidade e gênero nos materiais educativos sobre bebidas alcoólicas

Nos materiais educativos voltados para adolescentes e profissionais que atuam com adolescentes, a associação entre sexualidade e bebidas alcoólicas é abordada? Se sim, como? A influência dos padrões de gênero nas concepções e experiências de consumo de bebidas alcoólicas é abordada? Se sim, como? Há a influência dos padrões de gênero nos modos como os usos de bebidas alcoólicas são representados pelos materiais?

Entre os materiais selecionados para a análise, dois têm como objetivo principal a discussão sobre a saúde sexual e reprodutiva: os materiais do projeto **Saúde e prevenção nas escolas**, que abrangem os fascículos voltados para adolescentes e jovens da coleção **Adolescentes e jovens para a educação entre pares** e o guia de formação para profissionais da educação e da saúde **Saúde e prevenção nas escolas: atitudes para curtir a vida**. Saúde sexual e reprodutiva é também um tema central para os materiais do **Programa M** e do **Programa H**, produzidos pelo Instituto Promundo em parceria com outras organizações não governamentais com a finalidade de promover a discussão sobre os padrões de feminilidade e de masculinidade, assim como de valorizar a busca por igualdade entre os gêneros.

Nos materiais **Drogas: cartilha álcool e jovens** e **Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas**, questões sobre sexualidade e gênero são abordadas brevemente. Já nos materiais **Drogas: cartilha para educadores, Álcool e outras drogas: da coerção à coesão** e **Proerd: caindo na real**, não há discussões específicas.

Anteriormente discutimos como a associação entre experiências de consumo de bebidas alcoólicas e experiências de sociabilidade é situada, por diferentes materiais, como motivo de preocupação. Gostaríamos de apresentar o exemplo de um vídeo do material **Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas** no qual identificamos como as questões relacionadas à sexualidade e ao gênero também permeiam o posicionamento da sociabilidade como uma preocupação.

O vídeo **Qual é a boa?** (p. 132) é apresentado como recurso didático para nortear as discussões iniciais da oitava unidade do material, que tem como tema: “*Redes sociais e prevenção do uso de drogas no contexto da escola*”. Os objetivos apresentados pela unidade são:

“Identificar situações de risco decorrentes do envolvimento com drogas entre os adolescentes por meio da avaliação das redes sociais.

Relacionar a diversidade de fatores contextuais e pessoais que constituem risco ou proteção para o uso de drogas na adolescência.

Compreender os modelos de prevenção na escola.

Identificar posturas preventivas ao consumo de drogas no cotidiano escolar”
(**Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas**, SENAD; SEB, 2014, p. 132).

Ao lermos os objetivos, é possível notarmos como a discussão sobre questões relacionadas à sexualidade e ao gênero não estão entre eles. Nas cenas do vídeo recomendado e nas questões recomendadas para a discussão, no entanto, há conteúdos sobre paquera, sedução e sobre comportamentos considerados esperados, apropriados ou inapropriados para garotas e para garotos. Abaixo está como a atividade de assistir o vídeo é proposta pelo material:

“Assista ao vídeo 8 – Qual é a boa?”

Inicie esta unidade assistindo ao vídeo 8, que ilustra a importância do adolescente se sentir pertencente a um grupo de referência. É esse sentimento que faz o jovem buscar as redes sociais: a família, a escola, os amigos e a comunidade. No entanto, essas redes podem funcionar como fatores de proteção ou como fatores de risco para o uso de drogas, dependendo do contexto, da natureza e da qualidade dessas relações no momento de vida específico do adolescente” (Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas, SENAD; SEB, 2014, p. 134).

O vídeo³⁰⁰ tem início com a chegada do personagem Marcílio a uma nova escola. Nas primeiras cenas na sala de aula, ele é apresentado à aluna Suzane, que está segurando um espelho e passando batom.

Figura 20: “Qual é a boa?”: apresentação da personagem Suzane



Após a apresentação, Marcílio, Nonato e Suzane começam a conversar sobre quais são as possibilidades do que fazer naquela sexta-feira à noite.

³⁰⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eNoT_kvAMx0. Acesso em: 05 de fevereiro de 2018.

Figura 21: “Qual é a boa?”: pergunta sobre a sexta-feira à noite



Fonte: Vídeo “Qual é a boa” do Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas

Na cena seguinte, sentados(as) em um banco na frente da escola, começam a conversar sobre algumas alternativas. Suzane fala sobre um almoço com amigos e conta que se reúnem para beber, não chegam a comer de fato. Pergunta se Marcílio gostaria de ir com ela. Nonato diz ter uma proposta parecida, “*só que menos careta*”, chamando Marcílio para fumarem maconha juntos e comentando sobre o que poderiam comer depois. Nonato e Suzane discutem sobre os convites que fizeram e Nonato afirma que a única diferença entre a proposta dela e a dele é que a dele “*tem uma lei que proíbe*”.

As imagens da figura da próxima página correspondem às cenas em que Suzane convida Marcílio.

Após as cenas do convite, há as cenas de um monólogo de Marcílio, sobre sua indecisão:

“Precisando me enturmar e agora pintam logo dois convites de uma vez. O Nonato é um cara bacana. Popular, conhece todo mundo na escola, que eu vi, e quer me apresentar uma parada para eu experimentar. A Suzane... Ah, a Suzane, a Suzane é a maior gatinha, deve ter umas amigas gatinhas também... Sair, ficar, hum, nada mal. Mas ficar bebendo e batendo papo-furado, será que não é muita falta de opção? Eu nem gosto tanto de cerveja... Só se a galera for muito irada...”

Nas cenas seguintes a mãe de Marcílio chega em um jipe, com uma garota da idade dele, Mainá. Apresenta Mainá a Marcílio como filha de uma amiga e o convida para ir ao shopping. Marcílio se despede de Nonato e Suzane e decide ir com a mãe e com Mainá.

O vídeo se encerra com a fala de uma psicóloga, que comenta:

“Você está vendo como o isolamento e a solidão do adolescente acabam tornando-o vulnerável ao uso de drogas. Como vimos nesse episódio, muitas vezes numa turma de alunos existem usuários de drogas que fazem uso recreativo ou mesmo frequente, sem que isso signifique uma mudança imediata de comportamento ou de rendimento na escola. O que queremos mostrar é o quanto, atualmente, mesmo no ambiente escolar, o envolvimento com as drogas pode ter início por uma necessidade de pertencer a um grupo (...).”

Torna-se importante nos perguntarmos que elementos do vídeo sobre o primeiro dia de aula de um adolescente conhecendo novas pessoas remeteriam às noções de isolamento e solidão que foram trazidas pela psicóloga. Com esse questionamento, é importante problematizarmos como há uma visão negativa de sociabilidade sendo reproduzida.

Figura 22: “Qual é a boa?”: convite de Suzane à Marcílio



Fonte: Vídeo “Qual é a boa” do Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas³⁰¹

³⁰¹ As frases das legendas são: “A gente toma umas cervézinhas, de repente até umas caipirinhas, e a gente fica batendo papo a noite toda”.

Na discussão recomendada sobre o vídeo, é afirmada a importância do acolhimento para um desenvolvimento saudável e a cena assistida é descrita como exemplo da constante presença de fatores de risco:

“Vimos, nesse episódio, que o personagem Marcílio, devido à necessidade de ser aceito por seus novos colegas e sentindo falta de amigos na nova cidade, ficou exposto e vulnerável ao consumo de drogas. (...) a inocente busca por uma turma pode trazer risco de envolvimento com drogas, tanto lícitas como ilícitas, e (...) este envolvimento, frequentemente, funciona como fator facilitador para pertencer a um grupo”

Assim como buscar uma turma é associada ao risco, os comportamentos da personagem Suzane são problematizados e descritos como uma influência negativa para Marcílio, que *“(...) ficou mobilizado pelo convite de curtir uma cerveja em um contexto de sedução exercido por Suzane (...)”*(p. 134).

“Observe, neste vídeo, a banalização do consumo de cerveja e até de caipirinha pelas garotas. Suzane justifica seu hábito de beber, pois esse, infelizmente, também é banalizado em seu contexto familiar e social” (p. 134).

Desde a primeira cena, em que Suzane passa batom, há este movimento de construir a personagem como se estivesse seduzindo. No entanto, por que o convite de Nonato para fumar maconha não foi associado à sedução, se ambos se deram no mesmo contexto? Por que a problematização do consumo de cerveja e de caipirinha *“pelas garotas”* recebe atenção, enquanto o consumo de substâncias por garotos não recebe um comentário específico? O exemplo do vídeo contribui, assim, como é necessário que os padrões de gênero e os padrões heteronormativos sejam considerados em abordagens preventivas sobre os usos de álcool e outras substâncias, para que sejam problematizados ao invés de reproduzidos pelos procedimentos educativos.

A associação direta entre bebidas alcoólicas e perigo é feita por meio de interpretações de teor intenso sobre a chegada em uma nova escola como um momento de *“isolamento e solidão”*, com uma *“necessidade de ser aceito”* que tornaria o adolescente *“exposto e vulnerável”*. As relações sociais convertem-se assim em um possível *“fator de risco”*, ao invés de uma compreensão mais abrangente sobre como os usos de álcool e outras substâncias são inseridos e recebem significados diversos nas relações sociais.

Outro exemplo de como embora não abordadas diretamente, as questões de gênero influenciam em como o tema usos de bebidas alcoólicas é discutido, refere-se às

imagens que ilustram os materiais voltados para adolescentes e para educadores(as) da série **Por Dentro do Assunto**.

Enquanto no material **Drogas: cartilha para educadores** a maior parte das imagens e exemplos refere-se a professora mulheres, no material **Drogas: cartilha álcool e jovens** a maior parte das imagens e exemplos refere-se a adolescentes garotos.

A principal personagem representada no material **Drogas: cartilha para educadores** é a professora Maria, como é possível notar a seguir:

Figura 23: Imagens da professora Maria e do professor fumante no material Drogas: cartilha para educadores



Fonte: SENAD (2011b).

Na única imagem em que há um professor, ele está encolhido, sentado e fumando, acompanhado por um ponto de interrogação. Trata-se da discussão sobre a contradição entre realizar abordagens preventivas com os(as) alunos sobre tabaco e outras substâncias e ser um(a) profissional fumante.

As imagens que acompanham as recomendações de abordagens educativas também têm como protagonista a professora Maria, com alunos garotos e garotas, mas principalmente garotos:

Figura 24: Imagens da professora Maria intervindo com os(as) alunos(as) no material Drogas: cartilha para educadores



Fonte: SENAD (2011).

A professora Maria é representada nas imagens reunindo as crianças para informar sobre os malefícios do cigarro, segurando um cartaz em que está escrito “*Sugestões a convivência na escola*” (SENAD, 2011, p. 18), estimulando a prática de atividades físicas e de esportes e demonstrando estar presente para transmitir informações e oferecer ajuda quando necessário.

No material **Drogas: cartilha álcool e jovens** os temas acompanhados por ilustrações com personagens são: “*Álcool, acidentes e violência*” (p. 9); “*Álcool e expectativas*”(p. 17), informações de que não há cura para a embriaguez a não ser com o tempo para que o álcool seja metabolizado pelo organismo no tópico “*Chuveiro gelado e café amargo*”(p. 21); “*Alcoolismo*”(p. 29) e “*Alcoolemia: o que é isso*”(p. 31). A primeira ilustração da figura a seguir refere-se a capa, enquanto as demais são as ilustrações que acompanham os temas na sequência em que foram apresentados:

**Figura 25: Imagens de adolescentes e jovens dos materiais
“Drogas: cartilha álcool e jovens” e “Drogas: cartilha para educadores”**




Fonte: SENAD (2011).

Todas as ilustrações dos materiais que envolvem personagens referem-se a personagens garotos, com uma exceção, em que uma personagem garota está em uma página cor-de-rosa, cujo título do texto apresentado é: *“Quando o assunto é bebida, mulher é mesmo sexo frágil”* (p. 24). A imagem será apresentada na página seguinte.

Na sequência é apresentado um quadro sobre *“Dieta e álcool”* (p. 25), com informações sobre as calorias de cada bebida. O quadro é explicitamente dirigido às mulheres, como é possível identificar na linguagem utilizada no trecho a seguir:

“um copo de caipirinha representa cerca de 10% da quantidade de calorias que uma mulher jovem precisa para se manter durante um dia. Um copo de caipirinha tem 250 calorias, ou seja, mais do que um pãozinho francês (135 cal) ou dois ovos fritos (110 calorias cada)” (SENAD, 2011, p. 25).

Figura 26: Única página em que há imagem de personagem garota do material “Drogas: cartilha álcool e jovens”



Quando o assunto é bebida, mulher é mesmo o sexo frágil

As mulheres absorvem o álcool contido nas bebidas de forma diferente dos homens e ficam intoxicadas (alcoolizadas) muito mais facilmente. Numa situação de grupo, com homens e mulheres bebendo, é importante que as mulheres prestem atenção, não simplesmente "acompanhem" os homens mas procurem encontrar seu próprio ritmo (que muitas vezes consiste em simplesmente tomar um delicioso suco de fruta ou um refrigerante, intercalado entre a doses de álcool).

Por que isso acontece?

- Os homens, em geral, pesam bem mais que as mulheres. Enquanto um jovem do sexo masculino pesa em média 75 kg, uma jovem pesa em torno de 55 kg.
- Em média, a proporção de água corporal de um homem (55-65%) é maior que a de uma mulher (45-55%). Quanto mais água corporal, maior a diluição do álcool.

Fonte: SENAD (2011), p. 24.

A ilustração refere-se a uma personagem loira vestindo uma blusa curta, uma calça e com um copo de bebida na mão, as pernas cruzadas e a mão na cabeça indicando estar sentindo uma certa tontura. Ao lado e abaixo da imagem, é apresentado o seguinte texto:

As mulheres absorvem o álcool contido nas bebidas de forma diferente dos homens e ficam intoxicada (alcoolizadas) muito mais facilmente. Numa situação de grupo, com homens e mulheres bebendo, é importante que as mulheres prestem atenção, não simplesmente “acompanhem” os homens mas procurem encontrar seu próprio ritmo (que muitas vezes consiste em simplesmente tomar um delicioso suco de fruta ou um refrigerante, intercalando entre as doses de álcool)

A concepção de que mulheres são “*o sexo frágil*” e que não devem “*acompanhar*” os homens quando bebem é seguida por argumentos sobre características fisiológicas dos organismos de homens e mulheres.

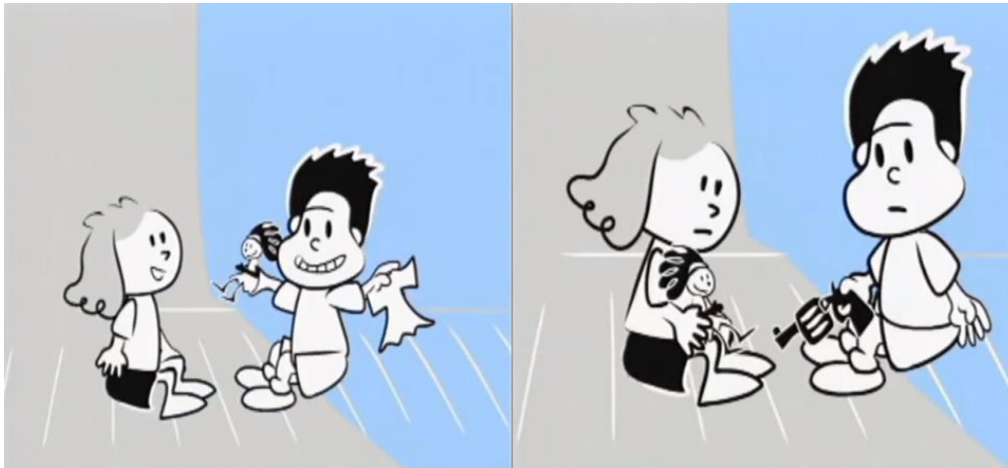
É possível notarmos, assim, como embora os materiais da série **Por Dentro do Assunto** não tragam discussões específicas sobre as influências dos padrões de gênero nas experiências de consumo de bebidas alcoólicas, as influências dos padrões de gênero estão presentes em como as experiências são representadas, desde a predominância de referência a mulheres enquanto educadoras, passando pela predominância de personagens homens nos exemplos de experiências e contextos de consumo, assim como na inferência de que apenas as mulheres estariam interessadas em informações sobre o teor calórico das bebidas.

Já nos materiais produzidos pelo Instituto Promundo em parceria com outras organizações não governamentais, a discussão sobre as questões de gênero está entre os objetivos principais. Tanto no material **Trabalhando com homens jovens** quanto no material **Trabalhando com mulheres jovens** a abordagem sobre os usos de bebidas alcoólicas é acompanhada por problematizações sobre os padrões de masculinidade e os padrões de feminilidade, especialmente problematizações sobre a naturalização de violências. Como exemplos, apresentaremos como essas problematizações se inserem nos dois vídeos elaborados para acompanhar os materiais, **Minha vida de João** e **Era uma vez outra Maria**.

O primeiro vídeo conta a história do personagem João. Nas primeiras cenas, quando João é bebê, as interações familiares mostradas são marcadas pela divisão das tarefas domésticas, como quando a mãe está na cozinha preparando comida enquanto o pai assiste o jogo de futebol.

No decorrer do vídeo, em diferentes momentos, há um lápis e uma borracha: a borracha aparece quando há expressões que destoam das expectativas de masculinidade, apagando essas expressões e o lápis atua substituindo-as por expressões esperadas. Por exemplo, quando João está brincando com uma boneca, a borracha apaga a boneca e o lápis a substitui por uma arma. As imagens de João com ambos os brinquedos serão apresentadas na figura a seguir:

Figura 27 – “Minha vida de João”: gênero e divisão de brincadeiras



Fonte: Vídeo **Minha vida de João**, do programa **Trabalhando com homens jovens**.

O primeiro momento que o vídeo faz referências às bebidas alcoólicas é quando o pai de João chega em casa embriagado e João presencia uma discussão entre ele e a mãe. Há inclusive uma cena em que a imagem do pai é substituída por a de uma garrafa, como forma de evidenciar o estado de embriaguez.

Figura 28 – “Minha vida de João”: cenas em que o pai chega embriagado



Fonte: Vídeo **Minha vida de João**, do programa **Trabalhando com homens jovens**.

A associação entre padrões de masculinidade e expectativas de agressividade e violência; inibição de demonstrações de afeto entre os garotos e valorização de múltiplas conquistas sexuais são também temas abordados pelo vídeo, assim como modelos de identificação, primeiras experiências profissionais, primeiras experiências amorosas e sexuais, masturbação, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez e paternidade na adolescência, paternidade e práticas de cuidado.

O consumo de bebidas alcoólicas é abordado novamente nas cenas do vídeo em que João se reúne com seus amigos para conversarem em um bar. Os principais assuntos são futebol, carros e mulheres consideradas atraentes. Quando João conta sobre sua namorada, a reação dos amigos é de deboche, como se não fosse suficientemente masculino estar envolvido com alguém. Os amigos (e o lápis) incentivam João a se aproximar de outra garota.

Figura 29 – “Minha vida de João”: cenas de João no bar com os amigos



Fonte: Vídeo **Minha vida de João**, do programa **Trabalhando com homens jovens**.

O terceiro momento em que o consumo de bebidas alcoólicas é retratado é quando João está apreensivo com a notícia da gravidez de sua namorada. No bar, consome várias garrafas de bebida.

Figura 30 – “Minha vida de João”: embriaguez de João



Fonte: Vídeo **Minha vida de João**, do programa **Trabalhando com homens jovens**.

Após sair do bar, passa na frente da casa da namorada. Quando ela a vê embriagado, o chama e os dois discutem. João recorda então das brigas entre seu pai e sua mãe e não se sente bem.

Figura 31 – “Minha vida de João”: discussão entre João embriagado e a namorada



Fonte: Vídeo **Minha vida de João**, do programa **Trabalhando com homens jovens**.

No material de apoio para a discussão sobre o vídeo, há sugestões de questões norteadoras. No tópico sobre *Conflitos e busca de resolução*, é apresentada a pergunta: “*O que leva um adolescente a beber demasiadamente? O que ele procura na bebida? Encontra?*” (p. 6). Há também sugestões de questões e de atividades para o diálogo sobre situações de violência, como as perguntas a seguir:

- *Qual é o tipo mais comum de violência que se comete contra nós?*
- *Como cada um se sentem em ser vítima deste tipo de violência?*
- *Que tipo de violência é mais comum cometermos contra os outros?*
- *Como sabemos se de fato cometemos violência contra alguém?*
- *Existe alguma conexão entre a violência que praticamos e a violência de que somos vítimas?*
- *Como nos sentimos quando praticamos violência?*
- *Existe alguma violência que seja pior do que outra?*
- *Geralmente, quando somos violentos ou quando sofremos violência, falamos sobre isso? Denunciamos?*
- *Falamos sobre como nos sentimos? Se não, por quê? (...)* (p. 10).

A exibição do vídeo é, assim, sugerida como um ponto de partida para discussões sobre temas como a associação entre consumo de bebidas alcoólicas e padrões de masculinidade, assim como a associação entre consumo de bebidas alcoólicas, padrões de masculinidade e comportamentos violentos. Tanto nas primeiras cenas, quando o pai de João chega embriagado e discute com a mãe, quando nas cenas em que é o próprio João que está embriagado e discute com a namorada, há o objetivo de que os participantes discutam para identificar que posturas agressivas não são espontâneas, naturais, mas que podem ser evitadas, desnaturalizadas.

O segundo vídeo, **Era uma vez outra Maria**, conta a história da personagem Maria, também tem início com a problematização sobre como os padrões de gênero influenciam na divisão de tarefas domésticas. Nas primeiras cenas, Maria segura os pratos que lavará com sua mãe e irmã enquanto observa o pai e o irmão assistindo um jogo de futebol. Irritada com a situação, Maria entra em seu quarto e começa a observar as fotos no mural. As fotos evocam lembranças sobre quando era criança, como as exigências de que sentasse com as pernas fechadas (enquanto os garotos poderiam se sentar com pernas abertas), mantivesse as roupas e os cabelos sempre arrumados (enquanto os garotos eram deixados mais à vontade para correr e brincar) e não jogasse bola, mesmo que quisesse, já que deveria brincar de boneca com as outras garotas.

Nas cenas seguintes, Maria vai para uma festa com uma amiga. Chegando lá, há várias pessoas, dançando. Tanto Maria quanto a amiga bebem, a amiga parece beber mais e de forma mais contínua. Maria observa que a amiga encontra um garoto e que ambos vão juntos para outra parte da festa.

Figura 32 –“ Era uma vez outra Maria”: cenas de Maria na festa com a amiga



Fonte: Vídeo **Era uma vez outra Maria**, do programa **Trabalhando com mulheres jovens**.

Mais a frente, no vídeo, há a cena em que Maria e outras garotas estão sentadas em uma arquibancada, e percebem que a amiga está diferente, não parece estar bem. Perguntam, então, sobre o que aconteceu. As cenas mostram o relato que a amiga faz sobre a festa que foi junto com Maria, narrando ter entrado no banheiro com o garoto e que lá foi estuprada. As garotas demonstram indignação, buscam consolar a amiga e sugerem que ela deve ir até a polícia fazer a denúncia.

Figura 33 – “Era uma vez outra Maria”: cenas do relato sobre o estupro



Fonte: Vídeo **Era uma vez outra Maria**, do programa **Trabalhando com mulheres jovens**.

Na atividade **“Rompendo o silêncio e procurando ajuda”** do material **Trabalhando com mulheres jovens**, é proposta a discussão sobre o vídeo, com as questões: *“(…) uma das jovens sofre violência sexual. O que ela faz depois que isso acontece? Para quem ela fala sobre o assunto? Que opções e direitos uma mulher jovem tem em uma situação como esta?”*(p. 40). Os objetivos da atividade envolvem a reflexão sobre a cultura do silêncio e o esclarecimento sobre como as pessoas podem procurar ajuda quando elas ou alguém que elas conhecem se encontram em uma situação de violência.

É apresentada também a mesma cena do vídeo **Minha vida de João**, em que João, embriagado, quase agride fisicamente Maria quando os dois estão discutindo após João ter recebido de Maria a notícia sobre a gravidez.

Figura 34 – “Era uma vez outra Maria”: cena em que João, embriagado, quase agride fisicamente Maria



Fonte: Vídeo **Era uma vez outra Maria**, do programa **Trabalhando com mulheres jovens**.

Na atividade “*O que é violência?*” do material **Trabalhando com mulheres jovens**, é apresentado como objetivo “*Identificar diferentes tipos de violência e refletir sobre tipos particulares de violência que acontecem na família e nos relacionamentos íntimos*” (p. 40). Entre as questões sugeridas para a discussão, estão: “*Estas situações podem acontecer na realidade? (...) Quais são os tipos de violência mais comuns que ocorrem em um relacionamento íntimo?*”(p. 41).

Outros temas abordados pelo vídeo são os padrões de beleza; os ideais românticos; as primeiras experiências amorosas e sexuais, a masturbação, o uso de preservativo, a gravidez, o aborto e a maternidade na adolescência.

As problematizações sobre as desigualdades entre os gêneros, que incluem a necessidade de enfrentamento às situações de violência, são, assim, um eixo para as discussões dos materiais **Trabalhando com homens jovens** e **Trabalhando com mulheres jovens**, inclusive as discussões sobre os usos de bebidas alcoólicas.

Considerando as informações analisadas sobre como os temas usos de bebidas alcoólicas, sexualidade e gênero são abordados nos materiais, discutiremos, no próximo tópico, que recomendações são trazidas para abordagens educativas.

7.7 Recomendações para abordagens educativas de prevenção aos usos de álcool e de outras substâncias

Nas recomendações para abordagens educativas trazidas pelos materiais educativos, os propósitos mencionados com maior frequência foram: transmitir informações, promover escolhas responsáveis e saudáveis, conscientizar sobre as possíveis consequências prejudiciais e esclarecer sobre medidas de redução de danos.

As estratégias sugeridas para o alcance desses propósitos foram bem variadas, entre elas: transmitir informações claras e fundamentadas cientificamente; promover discussões em grupo; construir espaços de diálogo e reflexão; permitir que os(as) participantes coloquem dúvidas, compartilhem experiências e que também possam se expressar anonimamente; utilização de métodos interativos e participativos; desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais; apresentação de alternativas para o consumo de bebidas e reforço sobre os benefícios de não usá-las; análise de materiais midiáticos e discussões sobre os direitos humanos.

Entre as recomendações sobre o que deve ser evitado nas abordagens educativas estão: o amedrontamento, o autoritarismo, exageros, generalizações, hipocrisias, julgamentos, preconceitos, punições e sermões.

Em diferentes materiais, há a crítica sobre como a perspectiva de “*guerra às drogas*” não é compatível com propostas preventivas que visem informar, esclarecer e promover escolhas com responsabilidade e autonomia. Um argumento frequente é a problematização de que a eliminação total das substâncias psicoativas e de seus usos não é possível, sendo mais realista e eficaz buscar que, caso os usos ocorram, sejam feitos com maior cuidado para poderem ter menos consequências nocivas. Os trechos a seguir referem-se a exemplos de como são contrapostos nos materiais as perspectivas de “*guerra às drogas*” e redução de danos:

“(…) O primeiro dilema: **Que postura adotar?**

Guerra às drogas? Um combate Às drogas para eliminar seu uso?

Redução de danos? Um trabalho para diminuir os riscos causados pelo consumo?

O enfoque da “redução de danos”, em oposição à “guerra às drogas”, sustenta-se como mais realista (…)” (**Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas**, SENAD; SEB, p. 139, grifos do original);

“Considerando-se que é praticamente inevitável que adolescente e jovens tenham acesso tanto a drogas lícitas quanto ilícitas, o enfoque na “redução de danos”, em oposição à “guerra às drogas”, se sustenta como mais realista, uma vez que

não é possível eliminar substâncias psicoativas da sociedade” (Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 44);

“(…) não faz sentido a promoção de uma “guerra às drogas”, de caça às pessoas que fazem uso de drogas, de processos de internação compulsória. (...) as estratégias de Redução de Danos se caracterizam pela tolerância, pois evitam o julgamento moral sobre os comportamentos relacionados ao uso do crack e às práticas sexuais, assim como intervenções autoritárias e preconceituosas (Supera, SENAD, 2017, p. 63-64).

A perspectiva de redução de danos é definida, assim, como mais realista, mais tolerante e menos associada a preconceitos e julgamentos morais. Todos os materiais analisados, com a exceção do **Proerd: caindo na real**, apresentam a perspectiva da redução de danos e/ou sugerem medidas que possibilitem a redução de danos decorrentes do consumo.

Partindo de uma perspectiva proibicionista, o material **Proerd: caindo na real** apresenta significativas diferenças em relação aos outros materiais, como o fato de que o programa é conduzido por policiais militares, não por profissionais da educação ou da saúde. No manual do programa há a indicação de que os(as) instrutores(as) policiais sejam apresentados(as) como amigos(as) que ensinarão posturas responsáveis e saudáveis.

A “*canção Proerd*” (POLÍCIA MILITAR, 2015, p. 32), apresentada no material educativo do programa, tem em sua letra elementos importantes para conhecermos sobre os objetivos e estratégias utilizados. Nos primeiros versos: “*Existe um programa que vai lhe ajudar, existe um amigo, que vai lhe ensinar (...)*” é possível identificar como o(a) policial militar responsável pela condução das atividades é apresentado(a) como um amigo(a). A imagem a seguir, extraída de um vídeo do Programa de Tocantins³⁰² em que policiais cantam a “*canção Proerd*” acompanhada por uma coreografia, refere-se a essa associação:

³⁰² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AdFy9TIFnXo>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2017.

Figura 35: Apresentação dos(as) policiais militares que atuam como instrutores(as) do Proerd como amigos(as)



Fonte: Vídeo do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência de Tocantins publicado em 2016.

“*Lutar contra as drogas*” e “*aprender a dizer não*” (p. 32) são os objetivos apresentados pelo Programa. No material didático, direcionado para estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental, o eixo central é a defesa da abstinência como única postura correta.

A proposta “*Caindo na real*” (p. 4), que é também subtítulo do material didático, refere-se ao uso de REAL como sigla para as atitudes que o programa visa ensinar para que as crianças e adolescentes resistam às pressões que podem sofrer para usarem álcool e outras substâncias: “*Recusar, Explicar, Abster-se e Livrar-se*” (p. 4). As finalidades do programa podem também ser ilustradas pelo refrão da canção Proerd: “*Proerd é o programa, Proerd é a solução, Lutando contra as drogas, Aprendendo a dizer não!*” (p. 32).

Figura 36 – Refrão da canção Proerd



Fonte: Vídeo do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência de Tocantins publicado em 2016.

Como o programa visa ensinar a dizer não? O principal recurso apresentado é o “*Modelo de Tomada de Decisão*” (p. 7), descrito no trecho abaixo e inserido em diferentes lições do material para que possa ser exercitado pelos(as) alunos(as).

DEFINA: Descreva o problema, o desafio ou a oportunidade.

ANALISE: Quais são suas opções? Quais seriam as consequências de cada opção?

ATUE: Faça uma escolha. Use os fatos e as informações que você observou no análise;

AVALIE: Revise sua decisão: Você fez uma boa escolha? (Proerd: caindo na real, POLÍCIA MILITAR, 2015, p. 7).

Para que o modelo de tomada de decisão seja praticado pelos(as) alunos(as) que participam do programa, diversas situações são apresentadas: o que fazer para decidir entre ir a um jogo do campeonato de futebol ou ir a um aniversário? Como lidar com a dúvida entre jogar videogame e fazer o trabalho de ciências? Se alguém pedir para copiar a sua lição da escola, como recusar de forma adequada? O que fazer ao perceber que alguém pegou 5 reais da mesa da professora?

Todas são situações que envolvem escolhas, e, entre elas, são apresentados alguns exemplos relacionados aos usos de bebidas alcoólicas e de cigarro, como na situação: “*Suas amigas estão querendo trazer vinho de casa para o jogo que ocorrerá à tarde. Elas perguntam se você quer que tragam para você também*” (p. 21).

Diante de situações como essa, é recomendado que os(as) alunos(as) estejam sempre com amigos(as) que não bebam nem consumam outras substância; que se afastem, que mudem de assunto, que argumentem por que a melhor alternativa é dizer não, como na sugestão dada pelo material em um exemplo: “ – *Quer uma cerveja? – Não, obrigado. Meus pais ficariam desapontados comigo*” (p. 20).

“(...) *Acreditamos que se conseguirmos ensinar aos jovens a tomarem decisões seguras e responsáveis, eles serão capazes de fazer escolhas saudáveis não somente sobre drogas, mas em todos os aspectos de suas vidas. À medida que os jovens forem educados para se tornarem cidadãos responsáveis, consequentemente conduzirão suas vidas de forma mais produtiva e livre de drogas*” (**Proerd: caindo na real**, POLÍCIA MILITAR, 2015, p. 1).

Aprender a tomar decisões, a se comunicar, a resistir às pressões de colegas, a lidar com situações de tensão, a ajudar e a pedir ajuda são, segundo o material **Proerd: caindo na real**, as principais habilidades e competências necessárias para que as vidas sejam conduzidas “*de forma mais produtiva e livre de drogas*”.

“*Cultivando o amor próprio, controlando a tensão, pensando nas consequências, resistindo à pressão, como amar a própria vida e às drogas dizer não*”: o trecho, também da “*canção Proerd*”(p. 32) é ilustrativo de como lidar com emoções e sentimentos é associado pelo programa às finalidades de prevenção.

Não é apenas no material **Proerd: caindo na real** que habilidades e competências para lidar com as próprias emoções são apresentadas como importantes para que as pessoas não façam usos de substâncias psicoativas. Em diferentes materiais, há a valorização de que as abordagens educativas promovam atividades para o maior conhecimento e controle das emoções como estratégia para que os usos de substâncias pareçam menos necessários e interessantes.

No material **Drogas, cartilha para educadores**, a “*competência para viver*” (SENAD, 2011b, p. 25) é definida como um fator central a ser ensinado para que os(as) alunos(as) envolvidos(as) nas abordagens educativas não se interessem por usarem substâncias psicoativas:

“Os programas mais efetivos são aqueles nos quais os jovens têm a oportunidade de exercitar maneiras de lidar com os desafios normais de sua faixa etária, como: vencer a timidez, aprender a se comunicar, agir diante de agressões, tomar decisões na vida pessoal e escolar.

(...) Vários trabalhos científicos mostram que ajudar os jovens a lidar com questões de timidez, sensibilidade extrema, frustração, dificuldade de se colocar diante de um grupo, dentro do currículo escolar, resulta numa diminuição do uso de drogas entre estudantes que perdura por, pelo menos, seis anos após o desenvolvimento das atividades” (Drogas: cartilha para educadores, SENAD, 2011, p. 33; p. 35).

É proposto pelo material que os(as) educadores(as) abordem em sala de aula os desafios afetivos e emocionais, buscando criar situações em que os(as) alunos(as) possam exercitar formas de lidar com esses desafios. Para isso, é dado o exemplo de um programa chamado “*Life Skills Training (LST)*” (SENAD, 2011b, p. 35), traduzido como “*Treinamento de Habilidades de Vida*”, com a apresentação da proposta concebida pela Universidade dos Estados Unidos Cornell. Os trechos a seguir referem-se a quais habilidades sociais o material defende que sejam desenvolvidas:

Auto-gerenciamento – ajuda estudantes a analisar sua auto-imagem e os efeitos dela no seu comportamento, determinar objetivos pessoais de vida, monitorar progressos nesse sentido, identificar comportamentos e decisões cotidianas que foram influenciadas por outras pessoas, analisar essas situações e aprender a avaliar as consequências de determinados comportamentos antes de adotá-los;

Habilidades sociais gerais – ajuda os estudantes a superar a timidez e a dificuldade de se comunicar, a obter firmeza na comunicação verbal e não verbal, tanto na recusa como na aceitação de convites, assim como trabalhar com o reconhecimento de alternativas viáveis à passividade ou agressividade diante de situações difíceis;

Habilidade de resistir a drogas – ajuda os jovens a reconhecer os mitos e concepções equivocadas, disseminadas socialmente, em relação ao cigarro, álcool, medicamentos e drogas ilícitas, assim como lidar com a pressão dos meios de comunicação de massas e dos amigos para usá-los (Drogas: cartilha para educadores, SENAD, 2011, p. 36).

Nos materiais **Saúde e prevenção nas escolas, Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares, Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas e Trabalhando com homens jovens**, a

recomendação da inserção da discussão e de exercícios que desenvolvam habilidades sociais e emocionais também está presente, como é possível observar nos próximos trechos:

“(…) Sabe-se hoje que a prevenção depende muito mais de atitudes de cuidado de si e dos demais do que de informações científicas. É possível promover, desde a infância, o desenvolvimento de muitas competências para a proteção e o autocuidado, o respeito mútuo e a solidariedade” (**Saúde e prevenção nas escolas**, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006, p. 96);

“(…) a escola necessita introduzir a questão das drogas dentro de um contexto amplo, visando à responsabilização dos(as) alunos(as) em relação a sua vida, a sua saúde e abordando, também, questões como: solidão, isolamento, modelo de vida competitivo e imediatista, meio ambiente e outros temas que provocarão uma reflexão sobre os valores adotados pela sociedade em que vivemos” (**Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares**, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 47);

“(…) Muitos outros fatores de proteção foram estudados e indicam que ações preventivas devem atentar ao desenvolvimento das crianças e dos adolescentes em relação a comportamentos agressivos, hiperatividade, dificuldades de aprendizado, socialização, autoestima, perspectivas de futuro, pressão do grupo, entre outros. Dessa forma, ações preventivas devem incluir várias outras esferas do desenvolvimento humano, em especial, oferecendo recursos de habilidades para a vida. Nesse contexto o tema drogas em si passa a ser elemento secundário” (**Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas**, SENAD; SEB, 2014, p. 129);

“No trabalho preventivo, considerado como um processo educativo, os profissionais da área da saúde poderão estimular e favorecer as condições que permitam ao jovem eleger conscientemente e com responsabilidade social, o estilo de vida mais adequado para se ter um desenvolvimento saudável. Desenvolvimento este, que lhe permita por um lado, reconhecer e superar seus conflitos emocionais, familiares e sociais e, por outro, desfrutar criativamente da sua vida, sem necessidade do uso de álcool e drogas” (**Trabalhando com homens jovens**, INSTITUTO PROMUNDO, 2001, p. 23).

Diante da frequência com que são apresentadas propostas de articulação entre a prevenção aos usos de bebidas alcoólicas e outras substâncias psicoativas e a promoção do desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, é importante nos atentarmos para quais visões sobre emoções e sobre sociabilidade que estão em questão, sobretudo à ideia de que o manejo das emoções nas interações sociais seria do campo de competências

individuais a serem ensinadas e praticadas. Comunicação, timidez, sensibilidade, frustrações, competitividade, solidão, agressividade, impulsividade e imediatismo são questões importantes a serem abordadas com crianças, adolescentes e jovens, mas é necessário problematizar a ideia de que os desafios emocionais e nas interações seriam solucionados mediante um treino para que sejam controlados e previstos de forma mais racional e competente. Espaços para que sentimentos, emoções, expectativas e desejos sejam dialogados podem ser espaços de reconhecimento, de elaboração, de criatividade, algo que se esvazia quando há um modelo a ser seguido e prescrições sobre como o que se sente e as expressões sobre o que se sente devem ser controladas. A própria afirmação de que os usos de álcool e outras substâncias não aconteceriam caso as crianças, adolescentes e jovens tivessem oportunidades educativas de desenvolverem competências sociais e emocionais ilustra como se trata de uma visão individualizante, racionalista e instrumental sobre como as emoções, os sentimentos, as escolhas e as relações entre as pessoas.

Sobre a compreensão defendida por diferentes materiais de que a promoção de habilidades sociais e emocionais favorece que os usos de bebidas alcoólicas e outras substâncias psicoativas não aconteçam, é possível reunirmos argumentações extraídas dos trechos dos diferentes materiais apresentados acima, observando como é afirmado que, se o(a) adolescente tiver a oportunidade de desenvolver “*competência para viver*”, poderá, assim, “*reconhecer e superar seus conflitos emocionais, familiares e sociais*” aprendendo a tomar “*decisões seguras e responsáveis*”, para viver, então, “*sem necessidade do uso de álcool e drogas*”, “*de forma mais produtiva e livre de drogas*”, já que não terão os “*motivos emocionais mais comuns para experimentar drogas*”. Transmitir informações sobre as substâncias e seus usos seria, inclusive, secundário, devendo ser priorizadas as “*habilidades para a vida*”.

Para que possam ajudar os(as) estudantes a lidarem com conflitos e evitem o consumo de bebidas alcoólicas e outras substâncias, há também a recomendação de que os(as) educadores(as) estejam preparados(as) para lidarem com os próprios conflitos e reflitam sobre as próprias práticas de cuidados com a saúde. Um exemplo é como no material **Drogas: cartilha para educadores**, o primeiro tema discutido é a insegurança e a autocobrança experimentada por profissionais diante da expectativa de que elaborem e desenvolvam ações preventivas. As possíveis sensações de despreparo são discutidas, com a afirmação de que é importante que os(as) educadores(as) não se culpem tanto para que possam realizar ações preventivas mais eficazes.

“*Faça as pazes com você mesmo(a)*” (SENAD, 2011b, p. 8) é um exemplo de conselho dado para que o(a) educador(a) não sinta culpa. Há a recomendação de que a sensação de despreparo seja vista como um desafio da sociedade como um todo: “*o retrato não retocado de uma realidade que todos gostaríamos que fosse diferente*” (p. 8).

A distância entre o que é idealizado e o que é possível, descrita como um “*fosso*” (p. 15), é também discutida no tópico “*O ideal e a realidade*” (p. 13). A partir da afirmação de que professoras e professores são vistos como modelos para seus alunos e alunas, o material coloca que seria desejável que o(a) educador(a) “*não bebesse, não fumasse, tivesse alimentação adequada e se exercitasse regularmente*” (p. 13). Caso o(a) profissional contraria esse modelo transmitido como desejável, é recomendado que aja com honestidade, que fale sobre os próprios esforços e dificuldades para ter uma vida saudável, estimulando as(os) alunas(os) para que aproveitem o fato de serem mais jovens para estabelecerem hábitos considerados adequados. O trecho a seguir refere-se a essa recomendação, assim como as imagens, apresentadas, respectivamente, antes e depois do tópico: “*Como posso abordar a questão das drogas com meus alunos se sou fumante?*” (p. 15):

“*Adolescentes não vão poupar um professor que prega uma vida saudável e não consegue manter sua própria saúde. (...) As pesquisas sugerem que há uma saída: admitir o uso e contar as dificuldades para mudar (...)*” (**Drogas: cartilha para educadores**, SENAD, 2011, p. 15).

No material do **Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas**, é defendida a importância de que os(as) educadores(as) aprendam a planejar estratégias preventivas para se sentirem mais preparados(as) e para que não lidem com as situações enfrentadas em seu cotidiano profissional de forma automática e irrefletida:

“*O que mais aflige o educador no cotidiano da sala de aula são as situações imprevisíveis, que o fazem “perder o controle”. O medo de escolher um caminho não muito adequado, dar uma resposta equivocada, tomar uma decisão injusta e agir impetuosamente geram muita insegurança quanto ao que fazer nessas horas (...). Precisamos criar e exercitar competências para não nos guiarmos apenas por recursos impetuosos ou emergenciais, mas por processos e situações didáticas que sejam intencionalmente planejados, organizados e sistematizados, com a finalidade de promover transformações e avanços no desenvolvimento e na aprendizagem dos alunos*” (**Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas**, SENAD; SEB, 2014, p. 30).

Mais uma vez a ênfase no desenvolvimento de competências, desta vez por parte dos(as) profissionais, corresponde a uma tendência para a individualização de questões que precisam ser compreendidas de forma mais ampla. O despreparo experimentado por muitos(as) educadores(as) não é apenas uma questão de “*fazer as pazes*” consigo mesmo(a), mas algo que precisa ser tematizado para a elaboração e a inserção de temas relacionados à prevenção ao longo da formação.

A organização e a realização de intervenções requer acesso a conhecimentos e a recursos apropriados, com oportunidades de reflexão e elaboração também para os(as) profissionais. Essas oportunidades podem incluir o diálogo sobre as próprias sensações de despreparo e insegurança, mas sem que os aspectos subjetivos sejam situados como os obstáculos centrais. Para que propostas pedagógicas fundamentadas possam ser desenvolvidas, é necessário que sejam promovidas condições para que a elaboração dessas propostas tenha como base o acesso à fundamentação teórica sobre os temas abordados e à fundamentação também no sentido pedagógico, em termos de como as informações serão transmitidas e que procedimentos didáticos serão adotados.

Quando o(a) profissional é posicionado(a) como um modelo de saúde, com a referência à possibilidade de que os(as) alunos questionem a incoerência entre o que transmite em termos de prevenção e suas atitudes, está ausente a discussão sobre como os usos de álcool e outras substâncias psicoativas acontecem de formas diversas na sociedade como um todo, que inclusive podem acontecer entre as pessoas que se propõem a abordar educativamente o tema, de forma que a dicotomia entre usar como inadequado e não usar como adequado é bastante simplista e mesmo culpabilizadora diante dos múltiplos fatores a serem considerados para uma compreensão mais ampla.

Como vimos ao longo da análise, a maior parte dos materiais educativos analisados demonstra a preocupação em transmitir conteúdos cientificamente fundamentados. Há também o reconhecimento sobre os desafios enfrentados com a inserção de propostas preventivas na atuação profissional. Ao questionarmos a ênfase nas competências sociais e emocionais, partimos da perspectiva de que a singularidade das experiências e a complexidade das relações precisa ser considerada também na formação de educadores(as), considerando como os(as) profissionais não são apenas transmissores(as) de informações recomendadas sobre os usos de álcool e outras substâncias, mas que também têm suas concepções e experiências em relação ao tema. Assim como para os(as) adolescentes e jovens, para a formação de educadores(as) é

necessário também que a reflexão e o diálogo prevaleçam, o que não acontece quando as propostas são pautadas em modelos prescritivos.

“A prevenção do uso de álcool e de outras drogas é uma tarefa que integra a função educacional e deve fazer parte do projeto pedagógico”, defende o material do **Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas** (SENAD; SEB, 2014, p. 141).

A importância da inserção da prevenção aos usos de bebidas alcoólicas e outras substâncias no projeto político pedagógico, com ações planejadas com a participação da escola como um todo, ao invés de iniciativas deslocadas e pontuais foi um aspecto discutido também pelos materiais **Drogas, cartilha para educadores; Saúde e prevenção nas escolas e Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares:**

“(...) Há pouca polêmica entre cientistas que fazem pesquisa sobre prevenção: convidar palestrantes, uma ou duas vezes por ano, para falarem na escola não tem o menor efeito na mudança de comportamento, ou mesmo de visão dos estudantes em relação às drogas. O principal efeito dessas iniciativas é apaziguar a consciência dos adultos, que pensam que estão fazendo algo positivo (...)
Para abordar a questão das drogas e desenvolver ações de prevenção na escola, é necessário ter um planejamento que envolva os diferentes segmentos, incluindo coordenadores, professores, pais, funcionários, estudantes e comunidade.
O trabalho deve ser desenvolvido durante todo o processo escolar, por meio de métodos (...) integrados ao currículo, e que promovam a saúde” (**Drogas: cartilha para educadores**, SENAD, 2011, p. 11; 38).

“Para a formação integral dos(as) adolescentes e jovens, as escolas devem inserir o tema sobre o uso de álcool e outras drogas no currículo e no projeto políticopedagógico. (...) Vários aspectos são fundamentais, como criar consensos entre os educadores de cada unidade escolar, ou seja, uma harmonia de opiniões e abordagens sobre a questão, um planejamento de ações permanentes a serem inseridas na rotina da escola que envolvam alunos e alunas, pais e responsáveis, a comunidade escolar (outros funcionários e funcionárias da escola) e do entorno, e a definição de estratégias atraentes que não se resumam a palestras com especialistas convidados. Assim, não se trata de um trabalho pontual a ser feito diante da constatação da existência do uso de álcool e outras drogas naquela escola ou de escolher um modelo a ser aplicado” (**Saúde e prevenção nas escolas**, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006, p. 46).

“Ações continuadas e permanentes que incentivem atividades solidárias, fortalecendo a comunicação e o respeito às diferenças, minimizam os mais

diversos fatores de risco e incrementam potenciais fatores de proteção” (Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 20).

Um aspecto em comum entre diferentes materiais é a valorização da participação ativa dos(as) adolescentes e jovens em discussões e reflexões críticas, como é possível visualizar nos trechos a seguir:

“Neste fascículo, a metodologia sugerida é a de linha participativa, partindo-se do princípio que os(as) adolescentes e jovens participantes das ações são sujeitos ativos e devem ser envolvidos(as) na discussão, na identificação e na busca por soluções tanto individuais quanto coletivas (...)” (Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 11; 20;

“(...) Prepare seus alunos primeiro: envolva-os em discussões de grupo para organizar dúvidas e comentários, fazer depoimentos ou analisar artigos de jornais ou revistas. Estimule o pensamento crítico em relação ao assunto nessas discussões. (...) tente envolver seus alunos ao máximo, usando as opiniões e visões que eles oferecem (Drogas: cartilha para educadores, SENAD, 2011, p. 11; 30);

“O foco principal do trabalho da escola deve ser a reflexão, que contribua para a visão crítica das situações e dos problemas e para o desenvolvimento da autonomia e da capacidade de escolha dos adolescentes” (Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas, SENAD; SEB, 2014, p. 141).

Para a promoção de espaços de diálogo e reflexão em que todos(as) possam participar, uma recomendação recorrente é que sejam evitados julgamentos morais, posturas discriminatórias e preconceituosas:

“(...) é importante que a abordagem se faça em um clima tranquilo, sem acusações ou preconceitos” (Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas, SENAD; SEB, 2015, p. 117);

“(...) é importante evitar julgamentos e deixar as pessoas à vontade para compartilhar suas opiniões e experiências. Neste sentido, deve-se informar corretamente, ouvir e conversar evitando (...) posições discriminatórias (...)” (Trabalhando com mulheres jovens, INSTITUTO PROMUNDO, 2008, p. 108).

“(...) se a escola se mostra aberta para tratar dessas circunstâncias, sem atitudes preconceituosas ou repressoras, estará cumprindo melhor sua missão” (Saúde e

prevenção nas escolas, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006, p. 47).

Posturas amedrontadoras, alarmistas e coercitivas também são tema frequência das recomendações sobre o que é necessário evitar:

“Os adolescentes dificilmente se sensibilizam com abordagens do tipo “diga não às drogas”, “droga mata” ou que mostrem pessoas “no fundo do poço”. São próprias dessa faixa etária, as fantasias de onipotência ou pensamentos como “isso não vai acontecer comigo” e “eu paro quando quiser” (Supera, SENAD, 2017, p. 139);

“Evitar fazer julgamentos, sermões; isso só vai colocar o estudante na defensiva e aumentar a culpa. (...) Apresente informações fundamentadas sobre drogas de maneira isenta e honesta; sem usar exagero ou estratégias de amedrontamento” (Drogas: cartilha para educadores, SENAD, 2011, p. 29-30);

“Posturas “apavoradas” ou punitivas com adolescentes podem provocar reações que dificultam o relacionamento com os adultos e o diálogo educativo. (...) a pior forma de abordagem é o confronto e o sermão. Qualquer pessoa, especialmente um adolescente, precisa estar motivado para mudar seus comportamentos” (Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas, SENAD; SEB, 2014, p. 114).

É possível notarmos como a recomendação de que as abordagens não sejam punitivas e amedrontadoras vem acompanhada de argumentações sobre como sermões com ênfase nos riscos afastam os(as) adolescentes e jovens e diminuem o alcance de persuasão das informações transmitidas. Não utilizar um tom de advertência, seria, assim, uma estratégia para que as informações sobre as possíveis consequências prejudiciais sejam ouvidas com maior credibilidade.

Nos quadros a seguir serão apresentadas as recomendações identificadas em diferentes materiais, o primeiro quadro refere-se à frequência e o segundo aos exemplos:

Quadro 15: Recomendações para abordagens educativas

Recomendações para abordagens educativas	Álcool e jovens	Álcool e outras drogas	Manual M	Manual H	Proerd	Cartilha para educadores	Curso para educadores	Saúde e prevenção	Supera	Da coerção à coesão
Transmitir informações cientificamente fundamentadas	x	x	x	x		X	x	x	X	x
Adotar a perspectiva de redução de danos	x	x	x	x		X	x	x	X	x
Promover reflexões e discussões em grupos, com incentivo à participação de todos(as)	x	x	x	x		X	x	x		
Desenvolver habilidades sociais e emocionais	x	x	x	x	x	X	x			
Evitar posturas punitivas, coercitivas e amedrontadoras		x	x	x		X	x			
Evitar posturas discriminatórias, concepções preconceituosas e estigmatizantes		x	x				x		X	x
Promover escolhas responsáveis	x			x	x		x			
Inserir a prevenção aos usos de bebidas alcoólicas e outras substâncias no projeto pedagógico		x				X	x	x		
Estabelecer parcerias com a comunidade escolar e com a comunidade para além da escola		x				X	x			
Abordar que há prazeres associados ao consumo de substâncias, ponderando como há sempre riscos e consequências adversas		x	x				x			
Apresentar alternativas ao consumo de substâncias			x			X	x			
Identificar alunos(as) que apresentam problemas e oferecer ajuda						X	x			
Inserir a prevenção aos usos de bebidas alcoólicas e outras substâncias em atividades para a promoção de saúde mental				x						
Busca por uma vida saudável pelo(a) educador(a)						X				
Transmitir que a abstinência é a única postura correta e desejável					x					

Fonte: Própria autora

Quadro 16: Recomendações dos materiais analisados para abordagens educativas de prevenção aos usos de bebidas alcoólicas e outras substâncias psicoativas

Recomendação	Exemplo
Transmitir informações cientificamente fundamentadas	“(…) <i>ter informações sobre os tipos de drogas, seus efeitos e padrões de consumo no Brasil. Isso ajuda a enfrentar de forma mais realista as situações relacionadas ao uso</i> ” (Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares , MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 7; p. 47).
Adotar a perspectiva de redução de danos	“ <i>Veja abaixo alguns exemplos de estratégias de redução de danos: Álcool - alimentar-se adequadamente; ingerir água e líquidos não alcoólicos; evitar atividades não compatíveis com a embriaguez como dirigir carro e moto, operar máquinas, etc. (…)</i> ” (Trabalhando com mulheres jovens , INSTITUTO PROMUNDO, 2008, p. 113).
Promover reflexões e discussões em grupo, com incentivo à participação de todos(as)	“(…) <i>a metodologia sugerida é a de linha participativa, partindo-se do princípio de que os(as) adolescentes e jovens participantes das ações são sujeitos ativos e devem ser envolvidos(as) na discussão, na identificação e na busca por soluções tanto individuais quanto coletivas</i> ” (Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares , MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 7; p. 11).
Desenvolver habilidades sociais e emocionais	“ <i>Os programas mais efetivos são aqueles nos quais os jovens têm a oportunidade de exercitar maneiras de lidar com os desafios normais de sua faixa etária, como: vencer a timidez, aprender a se comunicar, agir diante de agressões, tomar decisões na vida pessoal e escolar</i> ” (Drogas: cartilha para educadores , SENAD, 2011, p. 33).
Evitar posturas punitivas, coercitivas e amedrontadoras	“(…) <i>Em geral, os programas educativos adotam abordagens repressivas, com visão alarmista (…)</i> <i>que reforça a noção de punição dos(as) usuários(as). (…)</i> <i>Começar abordando o perigo pode afastar os(as) alunos(as) (…)</i> ” (Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares , MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010, p. 46).

<p>Evitar posturas discriminatórias, concepções preconceituosas e estigmatizantes</p>	<p>“(…) é importante evitar julgamentos e deixar as pessoas à vontade para compartilhar suas opiniões e experiências. Neste sentido, deve-se informar corretamente, ouvir e conversar evitando (...) posições discriminatórias (...)” (Trabalhando com mulheres jovens, INSTITUTO PROMUNDO, 2008, p. 108).</p>
<p>Promover escolhas responsáveis</p>	<p>“(…) Acreditamos que se conseguirmos ensinar aos jovens a tomarem decisões seguras e responsáveis, eles serão capazes de fazer escolhas saudáveis não somente sobre drogas, mas em todos os aspectos de suas vidas. (...)” (Proerd, POLÍCIA MILITAR, 2015, p. 1).</p>
<p>Inserir a prevenção aos usos de bebidas alcoólicas e outras substâncias no projeto pedagógico</p>	<p>“A prevenção do uso de álcool e de outras drogas é uma tarefa que integra a sua função educacional e deve fazer parte do seu projeto pedagógico. Quando compartilhada pelos educadores, pode ser percebida em um contexto de construção da responsabilidade social do grupo de alunos” (Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas, SENAD; SEB, 2014, p. 139;141).</p>
<p>Estabelecer parcerias com a comunidade escolar e com a comunidade para além da escola</p>	<p>“Para abordar a questão das drogas e desenvolver ações de prevenção na escola, é necessário ter um planejamento que envolva os diferentes segmentos, incluindo coordenadores, professores, pais, funcionários, estudantes e comunidade. O trabalho deve ser desenvolvido durante todo o processo escolar, por meio de métodos interativos, integrados ao currículo, e que promovam a saúde” (Drogas: cartilha para educadores, SENAD, 2011, p. 38).</p>
<p>Apresentar alternativas ao consumo de substâncias</p>	<p>“(…) Caso vá explorar os vários motivos pelos quais as pessoas usam drogas, discuta também alternativas, outras atividades que as pessoas poderiam ter escolhido ao invés de usar drogas” (Drogas: cartilha para educadores, SENAD, 2008, p. 31).</p>
<p>Identificar alunos(as) que apresentam problemas e oferecer ajuda</p>	<p>“(…) Coloque claramente sua preocupação com o comportamento dele(a), de modo calmo, dando exemplos bem concretos e específicos de episódios que você observou; (...) Enfatize que a situação em que ele se encontra só pode mudar, se ele assumir a responsabilidade de mudá-la; cabe a ele a decisão final, embora possa haver ajuda dos outros; (...) Enfatize que ele(a) é capaz de mudar, que, embora possa</p>

	<i>parecer difícil, é possível. Começar com pequenos passos pode ser a melhor maneira de conseguir mais” (Drogas: cartilha para educadores, SENAD, 2008, p. 29).</i>
Inserir a prevenção aos usos de bebidas alcoólicas e outras substâncias em atividades para a promoção de saúde mental	<i>“Este caderno enfoca aspectos gerais de saúde mental nos homens jovens e se aprofunda em algumas das questões específicas, principalmente ao uso indevido de drogas e o suicídio. (...) O uso de violência e todas as suas variantes, o consumo excessivo de álcool e de outras drogas podem ser vistos como sintomas emergentes de necessidades afetivas não resolvidas” (Trabalhando com homens jovens, INSITUTO PROMUNDO, 2001, p. 20; 22).</i>
Busca por uma vida saudável pelo(a) educador(a)	<i>“O professor é modelo de referência para o jovem e, como tal, seria desejável que não bebesse, não fumasse, tivesse alimentação adequada, se exercitasse regularmente, fosse ponderado, justo e bem disposto. Mas na prática... bem, na prática todos nós, adultos, batalhamos para ser seres humanos melhores, mas continuamos fumando e comendo muito, comportamentos que em geral são visíveis aos alunos” (Drogas: cartilha para educadores, SENAD, 2011, p. 13).</i>
Transmitir abstinência como única postura correta e desejável	<i>“Existe um programa, que vai lhe ajudar, existe um amigo, que vai lhe ensinar, que problema “drogas”, merece atenção, e para manter-se a salvo, é preciso dizer não” (Proerd: caindo na real, POLÍCIA MILITAR, 2015, p. 32).</i>
Transmitir que as consequências adversas são maiores que os possíveis prazeres	<i>“(...) nem o silêncio, nem a informação sozinha são suficientes para reduzir a vulnerabilidade em relação às drogas. É preciso reconhecer que as drogas são substâncias que oferecem prazer imediato. (...) o prazer emocional ou físico gerado pela droga é momentâneo e artificial, não existe após o término do efeito e causa danos à saúde (...)” (Trabalhando com mulheres jovens, INSTITUTO PROMUNDO, 2008, p. 108).</i>

Fonte: Própria autora.

7.8 Sobre os prazeres

Em relação às expectativas de experimentar sensações prazerosas, é comum nos materiais a recomendação de que sejam transmitidas informações sobre as possíveis consequências negativas mas sem desconsiderar como as experiências de consumo de álcool e outras substâncias também envolvem motivações e sensações positivas, prazerosas. Quando são dadas sugestões sobre como discutir sobre os aspectos prazerosos, é possível reconhecer como um movimento comum a ênfase dada para o caráter adverso desses aspectos prazeroso, com afirmações que geralmente utilizam “mas”, “porém”, “por outro lado”. Os aspectos valorizados são relativizados, descritos como apenas imediatos ou então como desproporcionais aos riscos e danos. Esse movimento pode ser notado nas descrições dos efeitos e também nas indicações sobre estratégias preventivas:

“(...) É melhor mostrar que existe muita coisa interessante para se fazer na vida, que o prazer da droga passa rápido, enquanto o prazer que se tem numa amizade, num namoro, é muito mais duradouro e gostoso (...)” (**Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares**, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010, p. 51);

“(...) É preciso reconhecer que as drogas são substâncias que oferecem prazer imediato. Então, torna-se necessário o desenvolvimento de atividades que façam os indivíduos ultrapassarem conflitos emocionais, familiares e sociais e encontrarem alternativas prazerosas para a vida, que não seja o uso de substâncias. Além disso, o prazer emocional ou físico gerado pela droga é momentâneo e artificial, não existe após o término do efeito e causa danos à saúde” (**Trabalhando com mulheres jovens**, INSTITUTO PROMUNDO, 2008, p. 107).

“(...) mesmo quando correm, os efeitos prazerosos não vêm sozinhos, uma série de efeitos colaterais indesejáveis também são produzidos. Nem sempre o usuário tem noção desses efeitos negativos. Muitos indivíduos que abusam de álcool, por exemplo, não sentem nada de errado com sua saúde, mas descobrem doenças no fígado ou em outros órgãos ao passarem por avaliações médicas de rotina (**Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas**, SENAD; SEB, 2014, p. 100);

“(...) bebidas ajudam a celebrar datas festivas, a selar compromissos, a completar refeições nos fins de semana, alegrar festas, “criar um clima”. São a desculpa para encontrar os amigos num barzinho, depois do cinema, ou mesmo só para conversar. Mas se a bebida traz momentos bons e alegrias, não é novidade para

ninguém que pode trazer muito sofrimento também” (Drogas: cartilha álcool e jovens, SENAD, 2011, p. 7);

“(…) Sugere-se abordar o tema a partir do prazer (...). Começar abordado o perigo pode afastar os(as) alunos(as) que usam e não tiveram problemas, porque não vão se identificar como se estivessem em uma situação de risco (Saúde e prevenção nas escolas, MINISTÉRIO DA SAÚDE; MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, p. 47).

Prazeres experimentados pelos usos de bebidas alcoólicas e outras substâncias são uma forma de prazer “*que passa rápido*”, “*momentâneo e artificial*”, que “*causa danos à saúde*”, que “*pode trazer muito sofrimento também*”, já que os efeitos prazerosos que “*não vêm sozinhos*”, mas com “*uma série de efeitos colaterais indesejáveis*”. As informações sobre os aspectos prazerosos, no geral, são assim informações que indicam o quanto as experiências e sensações prazerosas não compensam diante dos prejuízos que podem ser enfrentados.

A análise realizada demonstra, portanto, a relevância de investigarmos como a inserção da discussão sobre os prazeres em abordagens preventivas pode se dar de uma forma mais ampla, considerando os múltiplos fatores que influenciam nas motivações, sensações e experiências prazerosas.

7.9 Apontamentos para abordagens educativas a partir da análise dos materiais voltados para a prevenção aos usos de bebidas alcoólicas

Os materiais educativos, de uma forma geral, defendem o diálogo sobre bebidas alcoólicas, ao ressaltarem como o álcool é uma substância psicoativa lícita bastante consumida; ao proporem a transmissão de informações embasadas cientificamente sobre seus efeitos e sobre as possíveis consequências prejudiciais; ao esclarecerem como, apesar de não carregar os mesmos estigmas e a mesma carga moral de outras substâncias classificadas como *drogas*, as bebidas alcoólicas são também capazes de provocar alterações nas percepções, nos humores, nas sensibilidades e nos comportamentos e, mesmo que recebam maior aceitação e tenham maior difusão cultural como nas imagens positivas transmitidas pelos anúncios publicitários e outros meios de comunicação, também podem levar a danos decorrentes de seu consumo.

Dados sobre padrões de uso, estatísticas sobre as consequências nocivas, descrições sobre alterações suscitadas no organismo e esclarecimentos sobre critérios para o diagnóstico de dependência são acompanhados, na maior parte dos materiais, por

uma contextualização sobre como não é possível generalizar nem os motivos nem os efeitos dos usos de bebidas, que podem ser muito variados tanto em diferentes culturas e diferentes momentos históricos, quanto entre diferentes pessoas influenciadas por diferentes fatores sociais e subjetivos em uma mesma cultura, um mesmo momento histórico.

Em diferentes materiais, há a crítica sobre como a perspectiva de “*guerra às drogas*” não é compatível com propostas preventivas que visem informar, esclarecer e promover escolhas com responsabilidade e autonomia. Um argumento frequente é a problematização de que a eliminação total das substâncias psicoativas e de seus usos não é possível, sendo mais realista e eficaz buscar que, caso os usos ocorram, sejam feitos com maior cuidado para poderem ter menos consequências nocivas. A perspectiva de redução de danos é definida, assim, como mais realista, mais tolerante e menos associada a preconceitos e julgamentos morais.

O único material que defende a abstinência como única postura correta e desejável é o material do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência – PROERD. Os objetivos apresentados pelo Programa são: “*Lutar contra as drogas*” e “*aprender a dizer não*” (p. 32). A defesa da abstinência contraria o que é proposto pela **Política Nacional sobre Álcool** e pela **Política Nacional sobre Drogas**, que abrange a transmissão de informações cientificamente fundamentadas, o enfrentamento a preconceitos e discriminações, a valorização da autonomia e a inserção da perspectiva de redução de danos.

Outros aspectos defendidos pela **Política Nacional sobre Álcool** e pela **Política Nacional sobre Drogas** foram identificados como presentes nos demais materiais analisados, como: valorização da promoção de saúde; incentivo a práticas de esporte, cultura e lazer; valorização da participação da família e da comunidade; fomento do protagonismo juvenil e socialização de conhecimentos sobre as bebidas alcoólicas e outras substâncias psicoativas. Os esforços para a utilização de linguagem clara, atualizada e direcionada para o público-alvo especificado também foram traços predominantes.

Transmitir informações, promover escolhas responsáveis e saudáveis, promover habilidades sociais e emocionais, conscientizar sobre as possíveis consequências prejudiciais e esclarecer sobre medidas de redução de danos foram os objetivos mais comuns das abordagens educativas propostas, acompanhados por recomendações como promover a participação de todos(as) com a construção de espaços de diálogo e reflexão,

utilização de métodos dinâmicos e interativos, informar de forma cientificamente fundamentada evitando preconceitos, julgamentos morais e posturas alarmistas ou coercitivas.

Em relação à abordagem sobre sexualidade, a diminuição da probabilidade de uso do preservativo e as possibilidades de contração de HIV, outras infecções sexualmente transmissíveis e da ocorrência da gravidez não planejada foram as questões mencionadas com maior frequência pelos materiais. Tal discussão foi apresentada por meio de informações, textos explicativos, recomendações de práticas preventivas e discussões de situações projetivas. Tratam-se de questões importantes, o diálogo sobre prevenção com adolescentes e jovens pode ser um relevante fator para a promoção de práticas de cuidado com a saúde e de relações em que a comunicação e o reconhecimento recíproco sejam valorizadas. No entanto, sentimos falta de abordagens mais amplas sobre outros fatores presentes na intersecção entre experiências de consumo de bebidas e experiências sexuais, como desejos, interesses, atrações, tesão, aproximações, diálogos, escolhas.

Entre os copos bebidos e o momento de colocar ou não há camisinha, há muito que acontece e que pode acontecer, mas esses outros elementos presentes nas experiências tenderam a não ser discutidos com atenção pelos materiais.

As menções à paquera, por exemplo, foram bem breves, sem uma maior contextualização. As expectativas de desinibição e de facilitação do desempenho sexual foram indicadas, mas para serem acompanhadas por problematizações de que seriam crenças equivocadas por não corresponderem aos efeitos fisiológicos da ingestão do álcool no organismo, inclusive com a argumentação sobre a correlação entre consumo de álcool e a possibilidade de disfunção erétil. Ou seja, quando aspectos associados aos desejos e prazeres são colocados, são escassas as possibilidades de atenção para as questões subjetivas, para como as experiências são vividas, para as motivações e significados presentes nessas experiências.

Os movimentos de desnaturalização da associação entre bebidas alcoólicas e masculinidade, assim como da associação entre bebidas alcoólicas, masculinidade e violência foram um ponto significativamente relevante trazido por alguns materiais. Com a inserção de discussões mais amplas sobre o prazer, tal desnaturalização poderia ser potencializada, considerando como o enfrentamento às violências pode ser combinado com a valorização de experiências e relações em que as pessoas possam se expressar, demonstrar desejos e desenvolverem formas mais sensíveis e cuidadosas de dialogarem e se envolverem.

Como discutimos anteriormente, quanto o prazer é mencionado pelos materiais, comumente é acompanhado por ponderações de que motivações, sensações e experiências prazerosas seriam passageiras e desproporcionais aos riscos e danos que podem acontecer. Ao identificarmos como foram ainda mais escassas as discussões sobre o prazer sexual, destacamos, assim, mais uma vez como é um desafio construirmos formas de articulação entre os temas bebidas alcoólicas, sexualidade e prazer em abordagens educativas.

Consideramos, assim, que entre os temas possíveis acerca da associação entre sexualidade, gênero e bebidas alcoólicas estão: paqueras, aproximações e envolvimento sexuais; expectativas de prazer e desempenho sexual; saúde sexual e reprodutiva (que abrange a discussão sobre a importância do uso da camisinha); direitos sexuais e reprodutivos (que abrange a discussão sobre a importância do consentimento); padrões de gênero e prevenção e enfrentamento à violência sexual e de gênero.

A partir da análise desenvolvida, dos temas abordados pelos materiais e dos temas que consideramos importantes a serem abordados, é possível elaborarmos alguns objetivos para a inserção de questões relacionadas aos usos de bebidas alcoólicas com grupos de adolescentes. Os objetivos serão apresentados no próximo capítulo.

7.10 Entre possibilidades: considerações sobre o capítulo

Neste capítulo apresentamos a análise de materiais educativos voltados à prevenção aos usos de bebidas alcoólicas entre adolescentes, com o objetivo de identificarmos como o tema usos de bebidas alcoólicas é abordado e se temas como prazer, padrões gênero e sexualidade estão presentes. Foram dez os materiais educativos selecionados: **Drogas: cartilha álcool e jovens; Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares; Trabalhando com mulheres jovens: empoderamento, cidadania e saúde; Razões e emoções: trabalhando com homens jovens; Proerd: caindo na real; Drogas: cartilha para educadores; Saúde e prevenção nas escolas: atitude para curtir a vida; Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas; Supera e Álcool e outras drogas: da coerção à coesão.**

Discutimos sobre como os usos de bebidas alcoólicas são abordados pelos materiais a partir de cinco categorias temáticas: (1) Informações sobre os fatores sociais e históricos relacionados aos usos de álcool e de outras substâncias; (2) Motivações para

os usos de álcool; (3) Consequências do consumo de álcool; (4) Usos de álcool e sexualidade e (5) Usos de álcool e padrões de gênero.

Identificamos, com a análise, como o diálogo sobre os usos de bebidas alcoólicas é defendido pelos materiais, que afirmam a importância da transmissão de informações embasadas cientificamente, sem generalizações, com a atenção para as experiências singulares e para os múltiplos fatores presentes nas diferentes formas de consumo. Todos os materiais analisados, com a exceção do material do **Proerd**, abordam a perspectiva de redução de danos. Sentimos falta, no entanto, de discussões mais abrangentes sobre as associações entre experiências de consumo de bebidas alcoólicas e experiências de sociabilidade, assim como de uma perspectiva mais ampla sobre a associação entre álcool e prazeres.

Com o objetivo de identificarmos como os temas sexualidade e gênero estão presentes nos materiais, organizamos nossa análise a partir das seguintes subcategorias: (1) Influências do consumo de bebidas alcoólicas na diminuição do uso do preservativo; (2) Associação entre o consumo de bebidas alcoólicas e possibilidades de ocorrência de gravidez não planejada, contração de HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis; (3) Associação entre bebidas alcoólicas e paquera; (4) Bebidas alcoólicas e crenças da facilitação da desinibição e do desempenho sexual; (5) Bebidas alcoólicas e padrões de masculinidade e (6) Associação entre consumo de bebidas alcoólicas, violência sexual e violência de gênero.

Diante da ênfase presente nos materiais na questão da diminuição do uso do preservativo quando as pessoas que se envolvem consumiram álcool, defendemos que a prevenção à ocorrência da gravidez não planejada e da contração de infecções sexualmente transmissíveis é algo importante, mas que precisa se dar de forma mais contextualizada com as relações e experiências vividas pelos(as) participantes.

Com base nos dados analisados e discutidos, elencaremos no próximo capítulo objetivos que podem ser buscados em discussões sobre experiências de consumo de bebidas alcoólicas; em discussões sobre os usos de álcool e de outras substâncias psicoativas; em discussões sobre a associação entre sexualidade e usos de bebidas alcoólicas e em discussões sobre as influências dos padrões de gênero nas experiências sexuais e nas experiências de consumo de álcool. Apresentaremos também exemplos de algumas atividades desenvolvidas para o diálogo sobre os temas bebidas alcoólicas, sexualidade e prazer, considerando a importância de que as abordagens educativas sobre os temas abranjam também a discussão sobre a sociabilidade, sobre as relação

Capítulo 8

Entre encontros

Y, habitante de outro planeta, chegou há algumas semanas no Brasil, em uma visita que faz parte do estudo interplanetário que tem desenvolvido nos últimos anos sobre como são os relacionamentos em diferentes localidades. Na última semana, Y reuniu-se com um grupo de adolescentes para fazer algumas perguntas sobre seu tema de investigação.

Y: Olá. Gostaria de saber como vocês se relacionam.

Adolescente 1: Ué, se relacionando. O que é que você quer saber?

Y: Como é aqui onde vocês vivem quando alguém quer ficar mais pertinho de alguém.

Adolescente 2: Ah, a gente olha, vê se a outra pessoa está olhando também... Começa um assunto... Mas você está dizendo quando é pra beijar alguém?

Y: O que é beijar?

Adolescente 2: Beijar é quando você coloca a boca com a boca da outra pessoa (faz alguns gestos para demonstrar). Pode ter língua também.

Y: Que diferente. Por que vocês encostam as bocas?

Adolescente 2: Que pergunta estranha, porque é gostoso. Como é no seu planeta?

Y explicou então que, no planeta de onde veio, quando dois seres se encontram em seguida aproximam as pontas dos dedos indicadores. Com as duas pontas juntas, falam em voz alta sobre o que têm interesse em fazer. Os interesses podem ser conversar, dançar, namorar, dormir, começar uma amizade. Se os interesses coincidem, são colocados em prática pelos seres que demonstraram. Se as intenções forem diferentes, os seres se despedem gentilmente e se afastam. Procuram em seguida novos seres até encontrarem algum com que tenham vontades compatíveis.

Adolescente 1: Assim fica muito sem graça!

Y: Sem graça? Não, é muito prático!

Adolescente 3: E onde é que vai parar o mistério?

Y: O que é mistério?

Os(as) adolescentes tiveram dificuldades em dar explicações para a pergunta sobre o mistério, e também para outras perguntas de Y. Decidiram, então, convidar Y para uma festa, em que poderia observar mais diretamente como as interações acontecem.

A festa foi no final de semana. Quando Y encontrou os(as) adolescentes do grupo novamente, sua aparência era de cansaço, com um olhar de perplexidade. Y estava com mais dúvidas agora do que antes.

Y: Eu não entendi nada! As pessoas se olham, depois desviam o olhar. Sorriem, olham de novo, às vezes a outra pessoa está olhando, às vezes não. Nossa, como isso demora. Se aproximam, se afastam, se aproximam de novo. Mesmo quando fazem aquilo que vocês contaram, aquilo que chama beijo, não dá para saber se continuarão com beijo ou se logo se afastarão. Como vocês conseguem fazer tantas coisas quase sem usar palavras?

Adolescente 3: Assim é bem mais divertido!

Y: É, isso é verdade, algumas pessoas pareciam estar se divertindo. Falando nisso, tive muita curiosidade em saber do que são feitas aquelas bebidas que vocês tomam. Quem bebe fica tão diferente depois de alguns copos!

Os(as) adolescentes riram. Não era nada simples explicarem o que é o álcool. No dia seguinte se reuniram para uma nova entrevista, em que Y chegou com várias anotações, das letras das músicas que ouviu na festa da noite anterior. As perguntas eram muitas:

Y: O que é “esquenta”?

Adolescente 4: Esquenta é quando as pessoas bebem antes de irem para a festa.

Adolescente 5: Geralmente elas bebem juntas, na casa de alguém, enquanto se arrumam ou depois de se arrumarem. Porque bebida na festa é mais cara, aí você já chega alegre também.

Y: Então as pessoas bebem para ficar alegres?

Adolescente 5: Ah, tem a alegria da bebida, tem a alegria de estar com os amigos e amigas, tem a alegria da festa também...

Adolescente 3: Chama esquenta pra ficar mais “quente” (dá risada).

Y: Quente? Tem a ver com uma outra palavra que anotei aqui. O que é “embrasar”? (risos)

Adolescente 2: A pessoa fala que está embrasando quando ela está ficando a fim da outra.

Y: E “open bar”, o que é?

Adolescente 1: É quando você paga um preço para entrar e pode beber o quanto quiser.

Y: O quanto quiser?

Adolescente 3: É, e nossa, bebem muito. Tem gente que dá PT!

Y: Isso, é outra palavra que quero saber. O que é “PT”?

Adolescente 3: É beber muito até cair, até passar mal, até se estragar. É perda total.

Y: Que horror, por alguém vai beber até dar perda total?

Adolescente 2: Sei lá, tem gente que acha isso divertido. Gente sem noção.

Y: Divertido? Passar mal?

Adolescente 4: Ah, Y, tem coisa que não dá pra explicar. Só na hora mesmo. É muito louco.

Y: Ah, tem também a história de “ficar muito louca”. O que é muito louca?

Adolescente 3: É se divertir muito!

Adolescente 2: Perder a noção. Beber até não saber o que está fazendo.

Adolescente 1: Não precisa beber pra ficar louca!

Adolescente 3: Precisa sim!

Y: Ai, nem vocês sabem o que as palavras significam!

Adolescente 1: Cansamos já. Tem muita palavra ainda?

Y: Ah, vou perguntar só mais uma. O que é saideira?

Adolescente 1: Saideira é quando você pede a última bebida, ou a última rodada de bebida.

Y: Saideira é quando está indo embora?

Adolescente 2: A intenção é ir embora... Mas tem gente que não vai não, que continua bebendo, que pede outra saideira.

Y: Outra saideira?

Y desiste de entender e agradece. Mesmo que as explicações não tenham sido muito claras, se divertiu muito. É mesmo muito confuso e complexo esse mundo de relações dos(as) adolescentes.

...

A visita de Y ao Brasil contada acima foi inspirada em uma dinâmica feita com diferentes grupos sobre sexualidade com adolescentes, com o objetivo de promover o diálogo sobre como os relacionamentos acontecem e sobre como os modos de relacionar

são aprendidos. As falas foram baseadas em relatos dos(as) estudantes de Psicologia que coordenaram os grupos, no Estágio de Ênfase em Sexualidade, Gênero e Educação Sexual, que supervisiono desde 2014 no Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, e no Estágio em Psicologia e Educação: processos de intervenção em educação sexual, que supervisionei nos anos de 2013, 2014 e 2017 na Universidade Estadual Paulista, campus de Bauru.

As perguntas feitas por Y sobre as músicas tiveram como base as músicas mencionadas pelos(as) adolescentes na dinâmica feita com grupos realizados em 2017. Caracterizados(as) como ETs, os(as) estagiários perguntam que músicas os(as) adolescentes ouvem e gostam, aproveitando as perguntas sobre as palavras das músicas para conhecerem mais sobre o “universo” relatado. Os trechos abaixo são exemplos das músicas indicadas que faziam referência ao consumo de álcool:

“(...) Abre a geladeira/ Pega a catuaba (...)/ A noite é uma criança, daqui a pouco vamos aí/ Mas aproveitando que o esquentado é aqui/ Vai embrazando/ Vai embrazando” de Mc Zaac,

“(...) Misturou tequila, whisky, vodka/ E a mina vai embrazar/ Vai dar PT, vai dar/ Ela vai dar PT, vai dar”, de Leo Santana;

“(...) Esse garçom não me ajuda/ Já trouxe a vigésima saideira/ Já viu o meu desespero/ E aumentou o volume da televisão/ Sabe que sou viciada/ E bebo dobrado ouvindo um modão”, de Maiara e Maraisa;

“(...) Em outra vibe eu tô/ Vou sair, vou pro Open Bar/ Olha lá quem chegou/ É o meu DJ vou me acabar/ DJ, toca o som/ Não quero saber de mais ninguém/ DJ, toca o som/ Tô ficando louca e cê também”, de Pablo Vittar³⁰³.

É possível notarmos, assim, como a dinâmica abre espaço para que os(as) adolescentes contem sobre experiências que vivem e que imaginam, sobre significados que circulam nos contextos em que convivem, como uma forma lúdica de demonstrar como importa, em um grupo de educação sexual, partir do reconhecimento e de uma

³⁰³ As letras completas estão disponíveis nos seguintes endereços: **Vai embrazando**: <https://www.letras.mus.br/mc-zaac/vai-embrazando/>; **Vai dar PT**: <https://www.letras.mus.br/leo-santana/vai-dar-pt/>; **10%**: <https://www.letras.mus.br/maiara-maraisa/10/>; **Open bar**: <https://www.letras.mus.br/pablo-vittar/open-bar/>. Acesso em: 03 de abril de 2018.

compreensão mais ampla do que os(as) participantes apresentam enquanto seus “universos”³⁰⁴.

Nos “universos” narrados são múltiplas as experiências, múltiplas as relações, assim como são múltiplas as formas como as experiências sexuais e as experiências de consumo de bebidas alcoólicas podem se inserir ou não no que é apresentado pelos(as) adolescentes sobre as adolescências.

Partirmos do que nos trazem como conteúdos significativos, seja na dinâmica da visita de extraterrestres, seja nas demais atividades desenvolvidas ao longo dos encontros nos grupos que formamos, é sempre algo que priorizamos na busca por promover o diálogo, a reflexão, a transmissão de informações e uma compreensão sobre a sexualidade, sobre o corpo, sobre os gêneros, sobre os relacionamentos e sobre os prazeres mais abrangente e associada aos direitos, aos cuidados.

Neste capítulo teremos como base as discussões realizadas nos demais capítulos para identificarmos possibilidades de inserção do diálogo sobre as associações entre sexualidade e bebidas alcoólicas com adolescentes. Para ilustrarmos algumas das possibilidades identificadas, apresentaremos relatos de experiências que aconteceram em grupos com adolescentes desenvolvidos no contexto escolar e em outras instituições educativas.

8.1 Educação sexual com adolescentes

Como apresentamos ao longo da tese, compreendemos a sexualidade como um conceito amplo que abrange a subjetividade, a afetividade, os desejos, as fantasias, os prazeres e a construção de vínculos. O aprendizado sobre a sexualidade ocorre por toda a vida, com a assimilação de concepções, valores, padrões e regras presentes na cultura, com a participação de instâncias como as famílias, as escolas, os círculos sociais, os meios de comunicação, entre outras. A este processo de aprendizado, que envolve tanto ações diretas, explícitas e intencionais, quanto ações não intencionais, implícitas e sutis damos o nome de educação sexual.

³⁰⁴ Como exemplo apresento um trecho do relato sobre o encontro realizada por Natália Garcia, integrante de 2016 do estágio de Sexualidade, Gênero e Educação Sexual: “Quando eu, caracterizada de extraterrestre, perguntei sobre os relacionamentos, os(as) participantes disseram que uma relação pode ser: amizade, namoro, casamento ou apenas “ficar” com a pessoa. (...) O Whatsapp foi indicado e enfatizado como um instrumento que auxilia a demonstrar interesse pelo(a) parceiro(a). (...) As músicas que mais surgiram foram os funks, principalmente aqueles com letras que falassem sobre sexualidade”.

Chamamos de grupos de educação sexual os grupos desenvolvidos a partir da busca por promover espaços de transmissão de informações, diálogo e reflexões, ou seja, espaços em que a abordagem sobre a sexualidade se dá de forma planejada, intencional. Enquanto no decorrer das trajetórias de socialização os aprendizados sobre a sexualidade acontecem continuamente, muitas vezes sem ser percebidos ou elaborados, as abordagens educativas sobre a sexualidade contribuem para que seja promovido um processo mais consciente e reflexivo em relação a esses aprendizados, às concepções, atitudes e valores que foram assimilados e que, ao tornarem-se alvo de atenção, podem ser ressignificados.

Os grupos são realizados para a construção de uma compreensão mais ampla sobre a sexualidade, como vinculada à saúde, aos direitos, aos prazeres, à valorização das diferenças, à importância do reconhecimento das diversas expressões de si e de outras pessoas nos relacionamentos e ao respeito da multiplicidade de formas de ser, agir, sentir, desejar e construir vínculos. Em síntese, lado a lado com a transmissão de informações, o esclarecimento de dúvidas e o ensino de conteúdos cientificamente fundamentados, estão os compromissos éticos com a promoção de relações mais igualitárias e de uma postura mais sensível e consciente diante de si e das demais pessoas.

Ao elencarem propósitos e fundamentos importantes para a atuação em educação sexual no artigo **Educação sexual: princípios para a ação**, Ana Cláudia Bortolozzi Maia e Paulo Rennes Marçal Riberio (2011, p. 79) afirmam:

Uma educação sexual adequada deveria fornecer informações e organizar um espaço onde se realizariam reflexões e questionamentos sobre a sexualidade. Deveria esclarecer sobre os mecanismos sutis de repressão sexual a que estamos submetidos e sobre a condição histórico-social em que a sexualidade se desenvolve. Deveria também ajudar as pessoas a ter uma visão positiva da sexualidade, a desenvolver uma comunicação mais clara nas relações interpessoais, a elaborar seus próprios valores a partir de um pensamento crítico, a compreender melhor seus comportamentos e o dos outros e a tomar decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual. Acreditamos que essa postura crítica é fundamental para a formação de atitudes preventivas e saudáveis sobre a sexualidade.

Os grupos de educação sexual podem ser realizados com diferentes participantes: educadores(as), crianças, adolescentes, universitários(as) e profissionais de diferentes áreas, casais, famílias, gestantes, idosos(as), pessoas com deficiência, pessoas que sofreram violências sexuais e/ou de gênero, entre outros. Neste capítulo, nos focaremos nos grupos de educação sexual desenvolvidos em escolas e outras instituições educativas, em especial com adolescentes.

A escolha por elaborarmos e desenvolvermos abordagens educativas sobre sexualidade em grupos refere-se à compreensão sobre grupos não apenas como a reunião de um determinado número de pessoas, mas sim, como processos que abrangem a construção de vínculos, o incentivo à participação de todas as pessoas envolvidas, a valorização das diferentes formas de expressão e a possibilidade de trocas de ideias, experiências, sentimentos, dúvidas e perspectivas, considerando como a presença de cada um(a) é fundamental para que os encontros aconteçam.

Ao longo do capítulo, apresentaremos exemplos de experiências que aconteceram em grupos de educação sexual com adolescentes. Os exemplos são baseados nos estágios desenvolvidos por estudantes do curso de Psicologia³⁰⁵. O número e a idade média dos(as) participantes, o número, a frequência e a duração dos encontros são variáveis, mas são predominantemente formados por adolescentes entre 13 e 16 anos, que participam semanalmente de encontros com 1h30 de duração.

No quadro a seguir apresentaremos objetivos da realização de grupos de educação sexual com adolescentes:

Quadro 17: Objetivos dos grupos de educação sexual com adolescentes

- Promover a construção de um espaço de diálogo, reflexão e transmissão de informações sobre a sexualidade, compreendida como um conceito amplo, relacionado a fatores subjetivos, biológicos, culturais, sociais, históricos e políticos, que abrange questões como os corpos, desejos, fantasias, prazeres e diferentes formas de expressão e de formação de vínculos;
- Informar, dialogar e esclarecer dúvidas sobre temas como desenvolvimento humano; corpo; puberdade e adolescência; relacionamentos; afetividade; prazeres; saúde sexual e reprodutiva; direitos sexuais e reprodutivos; questões de gênero; orientações sexuais e diversidade de gênero; influências dos meios de comunicação; prevenção e enfrentamento às diferentes formas de preconceito e violência sexual e de gênero;

³⁰⁵ As experiências mencionadas neste capítulo foram baseadas nos relatos dos(as) estagiários(as) que desenvolveram grupos de Educação Sexual supervisionados por mim entre 2012 e 2018, no Estágio de ênfase em sexualidade, gênero e educação sexual, do curso de Psicologia do Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel – IMES-SM, e no Estágio em Psicologia e educação: processos de intervenção em educação sexual, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP, campus de Bauru.

- Valorizar as múltiplas formas de expressão da sexualidade, com o reconhecimento de como são plurais os modos de ser, agir, sentir, desejar e construir relações, com a problematização e a ênfase na importância de transformações em concepções e práticas discriminatórias;
- Esclarecer sobre formas de violação de direitos e sobre que medidas podem ser buscadas em situações em que os direitos sejam violados (como nas situações de preconceito e as situações de violência sexual e de gênero), com a discussão sobre a importância política de que os direitos conquistados sejam conhecidos e garantidos e de que outros direitos associados à promoção de relações igualitárias possam ser buscados;
- Realizar as abordagens educativas sobre sexualidade de uma forma contínua e articulada com outros conteúdos e objetivos pedagógicos da instituição educativa em que o grupo ocorre.

Fonte: Própria autora.

Entre os temas que podem ser abordados em grupos de educação sexual, de acordo com os objetivos propostos, consideramos que as experiências de consumo de bebidas alcoólicas, de uma forma geral, e a associação cultural entre experiências de consumo de bebidas alcoólicas e experiências sexuais, mais especificamente, podem ser questões dialogadas nos grupos desenvolvidos.

8.2 Como o tema bebidas alcoólicas emerge em grupos de educação sexual com adolescentes

Em nossas experiências com grupos de educação sexual com adolescentes, percebemos que quando o tema das experiências de consumo de bebidas alcoólicas emerge, geralmente é em meio a discussões sobre outras experiências diversas, como experiências de paquera, de diversão, de amizades, em relatos de situações sobre festas, encontros e outras situações de lazer e sociabilidade. O álcool é por vezes situado como um recurso facilitador das desinibições, das aproximações, e por vezes considerado como algo preocupante, pelos usos em excesso, pelas consequências prejudiciais e também por como os usos se dão com frequência de forma escondida, já que a comercialização e o consumo são proibidos para pessoas com menos de 18 anos.

Ao compartilharem experiências e demonstrarem curiosidades e dúvidas, percebemos entre os(as) adolescentes alguns aspectos comuns quando falam sobre experiências sexuais e sobre experiências de consumo de álcool: há uma certa relutância, já que mesmo que as pessoas que conduzem os grupos apresentem que é um espaço seguro e confidencial, em que poderão falar sobre o que desejarem, não é um processo simples ou rápido romper com o predominante teor de silenciamento e censura que recobre a possibilidade de conversar abertamente. Há também a impressão, que às vezes é verbalizada, de que a única finalidade de falar sobre sexualidade e sobre álcool em espaços educativos seria a de estabelecer divisões entre *certo* e *errado*, com orientações e prescrições sobre como devem agir. Outro elemento em comum é a reprodução de estigmas que circulam nos espaços que vivem, como afirmarem que pessoas que bebem e/ou fazem sexo são *sem limites*, *sem vergonha*. Pode haver um tom de segredo, com cochichos, como quando contam de alguém que conhece e costuma beber, ou um casal que conhecem que transou pela primeira vez e falam, mesmo sem citar nomes, como se fossem experiências que embora sejam frequentes, não devem ser ditas em voz alta.

É diferente quando pedimos para que criem histórias, construam exemplos de narrativas fictícias que envolvam personagens. Ficam mais à vontade para contar sobre as expectativas antes de ir a uma festa, sobre momentos como paquerar, dançar, dar risada, sobre entendimentos e desentendimentos. É comum que as histórias inventadas envolvam algum acontecimento inesperado: brigas, acidentes, gravidez não planejada. Percebemos, assim, que a construção de personagens e histórias é um recurso interessante para que expressem com mais facilidade curiosidades e ansiedades.

Falamos sobre sexualidade, assim como falamos sobre bebidas alcoólicas, significa falamos sobre relações. Sobre pessoas que se encontram, pessoas que se aproximam, pessoas que desejam conhecer mais umas sobre as outras, pessoas que têm dúvidas sobre como se aproximar e demonstrar interesse. É geralmente aqui que as bebidas costumam ser mencionadas: lado a lado com as expectativas de desinibição, com as inseguranças sobre como interagir socialmente, com as ansiedades sobre como se aproximar de alguém e/ou tomar a iniciativa de demonstrar interesse.

Embora haja um ideal de adolescência como sinônimo de diversão e fruição, é possível notarmos, quando atuamos com adolescentes, como a sociabilidade é um campo que pode ser cercado por angústias, por preocupações sobre como agir e sobre como não agir, com o desejo de pertencimento acompanhado pelo receio de rejeição, inclusive com a pressão da ideia de que seria importante estar se divertindo, estar aproveitando, mas

com uma sensação de inadequação ou insuficiência sobre como fazer, como aproveitar. Se focarmos em uma imagem de adolescentes como atrelada à impulsividade, à irresponsabilidade, à inconsequência, pouco diálogo é possível sobre algo que costuma ser bastante significativo para eles(as): as inseguranças, as inibições, a timidez, as dificuldades de interação.

Percebemos, assim, como quando os temas sexualidade e bebidas alcoólicas emergem de forma combinada, trata-se de uma oportunidade interessante para conversarmos sobre como as interações sociais costumam acontecer e sobre o que os(as) adolescentes gostariam que fosse diferente. Inibições e desinibições, desejos e temores, curiosidades e ansiedades, diversões e inseguranças tornam-se parte da conversa, como elementos de um rico campo experiencial e relacional que tantas vezes não chega a ser colocado em palavras.

Nas histórias relatadas ou criadas sobre experiências de consumo de bebidas alcoólicas, outra questão que costuma estar presente refere-se às influências dos padrões de gênero. A relevância de discutirmos essas influências se evidencia quando o tema abordado são as situações de violência. Não é raro que quando falam sobre brigas, que acontecem sob o efeito do álcool ou não, a agressividade seja naturalizada como *coisa de homem*. Nas falas discriminatórias notamos também como referem-se a garotas que bebem e/ou se relacionam sexualmente como *vagabundas, vadias*. Abordar os usos de álcool revela-se como especialmente importante no diálogo sobre o consentimento, por como é ainda forte a concepção de que, ao beberem, garotas e mulheres estariam automaticamente demonstrando interesse em envolverem-se em experiências sexuais, em um atravessamento em que os padrões de gênero e os padrões de sexualidade culminam em uma culpabilização das mulheres que sofrem violência e uma isenção dos homens que violam direitos, como se agir de forma violenta e impor os próprios desejos fossem expressões esperadas do *provar-se homem*. Dialogarmos sobre consentimento é fundamental para a compreensão de que as vozes, os desejos e as escolhas das pessoas envolvidas devem sempre ser considerados e reconhecidos, para que possam ser rompidos padrões assimétricos e violentos que dificultam as expressões, a comunicação e o respeito aos direitos de todas as pessoas.

Quando discutimos filmes, vídeos, programas televisivos, anúncios publicitários, revistas, músicas e outros materiais midiáticos, nos deparamos com muitos exemplos de como é necessário dialogarmos sobre o consentimento, sobre o enfrentamento às discriminações e o combate às diferentes formas de violência. O trecho a seguir, da

música “Surubinha de leve”, que foi tirada de circulação³⁰⁶ no início de 2018 por como apresenta de forma explícita a naturalização violência, é ilustrativo da relevância de construirmos espaços de diálogo e problematização:

“(…) *Só uma surubinha de leve, surubinha de leve com essas filhas da puta/ Taca a bebida, depois taca a pica e abandona na rua*”.

Ao reconhecermos como questões relacionadas aos usos de bebidas alcoólicas emergem em grupos de educação sexual com adolescentes, identificamos alguns elementos sobre a importância que a discussão aconteça de forma planejada e intencional. Por que falarmos sobre bebidas alcoólicas em grupos de educação sexual? Para dialogarmos sobre as experiências de sociabilidade, sobre as experiências sexuais, sobre os padrões normativos de gênero e as possibilidades de desnaturalização, sobre as diferentes formas de violência e as possibilidades de enfrentamento, sobre a importância do consentimento, sobre como é necessário rompermos com a culpabilização e promovermos relações mais igualitárias.

Outro momento em que a imbricação entre os padrões de gênero e as experiências de consumo de bebidas alcoólicas se expressa refere-se às concepções em torno dos excessos. A associação entre beber bastante e diversão se potencializa se considerarmos como os ideais de masculinidade são construídos com uma valorização de expor-se a riscos, não demonstrar medos, não demonstrar fragilidades. Essa valorização está presente quando os(as) adolescentes mencionam envolver-se em brigas e ter posturas agressivas como uma via de *provar ser homem*. Transmitirmos informações e promovermos o diálogo sobre como são significativamente maiores os índices de garotos e homens que, ao beberem em grandes quantidades, envolvem-se em acidentes de trânsito, em outros acidentes, cometem formas de violência física, violência sexual, violência doméstica, não tomam cuidados com a própria saúde e a saúde de outras pessoas como o uso do preservativo. Além da atenção para o beber em grandes quantidades, é necessária a atenção para como os padrões de masculinidade transmitem como desejáveis situações como dirigir em alta velocidade, competir de forma agressiva, não tomar medidas de proteção e cuidado, impor as próprias vontades nas relações.

³⁰⁶ Mais informações podem ser encontradas na matéria **Acusado de incitar o estupro, funk é excluído das plataformas digitais**. Disponível em: <https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2018/01/17/acusado-de-incitar-o-estupro-funk-e-excluido-das-plataformas-digitais.htm>. Acesso em: 19 de maio de 2018.

Ainda sobre as masculinidades, as expectativas de que garotos e homens não demonstrem sentimentos, não tenham medos ou fragilidades, silenciem em si qualquer dimensão de sensibilidade faz com que, muitas vezes, as experiências de consumo de álcool ganhem um teor de recurso para o manejo de emoções que, embora muito difíceis, são cotidianamente abafadas. É muitas vezes nos contextos de usos de álcool que os garotos e homens têm a oportunidade de estar com outras pessoas, entre amigos, com uma proximidade que não costuma ser presente em outras ocasiões. Expressar o que sente de forma impulsiva, agressiva, é ainda uma forma de expressar, em experiências que as expressões são tão inibidas, o que torna importante nos atentarmos para como a problematização da associação entre masculinidade e apagamento da sensibilidade é necessária na prevenção às consequências negativas decorrentes dos usos de álcool.

Há, assim, muitas imbricações entre padrões normativos sobre a sexualidade, padrões normativos de gênero e as concepções e expectativas acerca das experiências de consumo de álcool, imbricações que requerem maior atenção. Consideramos importante que essas imbricações sejam dialogadas em grupos de educação sexual.

Diante das possibilidades de que o diálogo sobre sexualidade, gênero, bebidas alcoólicas e prazer aconteça em grupos de educação sexual, apresentaremos no tópico a seguir objetivos que podem ser buscados, elaborados com base nas discussões realizadas ao longo da tese.

8.3 Sexualidade, gênero e usos de bebidas alcoólicas: objetivos para a discussão em grupos de educação sexual

Quadro 17: Objetivos, metas e ações para a discussão sobre experiências de consumo de bebidas alcoólicas em grupos de educação sexual com adolescentes

- Identificar concepções dos(as) participantes sobre as bebidas e sobre os contextos de consumo;
- Promover a reflexão e a discussão sobre como concepções acerca das bebidas alcoólicas foram transmitidas no decorrer da educação, nos contextos familiares, escolares, sociais, religiosos, nos meios de comunicação e em outros contextos;
- Transmitir informações sobre as práticas de consumo de bebidas alcoólicas no Brasil, com a apresentação de dados de Levantamentos Nacionais sobre os padrões de uso na população no geral e entre adolescentes;

- Promover o diálogo sobre quais são os principais padrões de consumo e que influências os(as) participantes atribuem para a predominância desses padrões;
- Esclarecer sobre as possíveis consequências prejudiciais decorrentes dos usos de bebidas alcoólicas e promover a discussão auxiliando os(as) participantes a identificarem formas para que as consequências nocivas possam ser evitadas ou minimizadas;
- Informar como diferentes padrões de uso estão associados a diferentes possibilidades de consequências negativas, assim como explicar que, por serem múltiplos os fatores, não é possível definir efeitos e consequências a partir de generalizações;
- Transmitir informações sobre os efeitos do álcool no organismo;
- Esclarecer como os efeitos do álcool não podem ser separados claramente das influências, das motivações, das expectativas, dos contextos e de outros fatores nas experiências de consumo;
- Promover o diálogo sobre as experiências de consumo, sobre quais são os fatores presentes, que efeitos costumam ser esperados, que efeitos costumam ser valorizados e quais são considerados como indesejáveis;
- Apresentar exemplos sobre práticas de consumo de bebidas em outras culturas e em outros momentos históricos e promover a discussão sobre eles;
- Promover a análise de anúncios publicitários e outros materiais midiáticos para a discussão sobre as influências desses materiais sobre como são construídas associações positivas em torno do álcool;
- Incentivar que os(as) participantes compartilhem suas impressões sobre as concepções acerca dos usos de álcool na adolescência e sobre como as experiências tendem a acontecer;
- Promover a discussão sobre as associações entre bebidas alcoólicas e sociabilidade;
- Promover a discussão sobre que prazeres são associados às experiências de bebidas alcoólicas e sobre como essas associações são construídas;
- Estimular que os(as) participantes coloquem dúvidas sobre o álcool e sobre as experiências de consumo.

Fonte: Própria autora.

Quadro 18: Objetivos para a discussão sobre experiências de consumo de álcool e de outras substâncias psicoativas em grupos de educação sexual com adolescentes

- Explicar a utilização do termo “usos” de substâncias psicoativas, no plural, por como são múltiplas as substâncias, contextos e experiências de consumo;
- Abordar exemplos de diferentes substâncias psicoativas, com esclarecimentos sobre os possíveis efeitos;
- Informar como diferentes padrões de uso estão associados a diferentes possibilidades de consequências negativas, assim como explicar que, por serem múltiplos os fatores, não é possível definir efeitos e consequências a partir de generalizações;
- Esclarecer como os efeitos das diferentes substâncias psicoativas não podem ser separados claramente das influências, das motivações, das expectativas, dos contextos e de outros fatores nas experiências de consumo;
- Esclarecer que *drogas* é uma das expressões utilizadas em referências às substâncias psicoativas, de forma que o álcool também pode ser classificado como *droga*, como uma *droga* lícita;
- Problematizar concepções estigmatizantes que são construídas em torno de algumas substâncias, principalmente as ilícitas, com a discussão sobre como a discriminação é prejudicial para o acesso a direitos e a cuidados com a saúde;
- Apresentar informações históricas sobre a divisão das substâncias entre lícitas e ilícitas, esclarecendo sobre fatores culturais, sociais, econômicos e políticos que influenciam nessa divisão;
- Informar o que são as políticas proibicionistas e esclarecer que são políticas historicamente recentes, com a discussão sobre os fatores que influenciaram para que essas políticas tenham se estabelecido e se difundido;
- Apresentar dados sobre como as políticas proibicionistas não têm sido eficazes na diminuição da oferta e do consumo de substâncias psicoativas ilícitas, com o diálogo sobre a importância de outras perspectivas comprometidas com a promoção de saúde e de direitos humanos;
- Esclarecer como as políticas proibicionistas estão associadas hoje a um quadro mais amplo de exclusão e desigualdades sociais, trazendo informações sobre a seletividade penal, as políticas de encarceramento e as influências dos padrões raciais, de gênero e de classe social nessas políticas;

- Informar o que são as políticas de redução de danos, quais são os princípios e compromissos dessas políticas e apresentar exemplos sobre possíveis medidas para evitar ou reduzir as consequências danosas decorrentes dos usos de bebidas alcoólicas e de outras substâncias;
- Estimular que os(as) participantes coloquem dúvidas sobre as diferentes substâncias psicoativas e seus usos.

Fonte: Própria autora

Quadro 19: Objetivos, metas e ações para a discussão sobre sexualidade e usos de bebidas alcoólicas em grupos de educação sexual com adolescentes

- A partir da compreensão da sexualidade como um conceito amplo, que abrange corpos, desejos, fantasias, afetos, prazeres e vínculos, discutir como as experiências culturais relacionadas à sexualidade se associam com outras experiências culturais, como as práticas de consumo de bebidas alcoólicas, buscando identificar que concepções os(as) participantes têm previamente acerca dessa associação;
- Dialogar sobre exemplos de situações de lazer e sociabilidade, pedindo para que os(as) participantes indiquem como consideram que questões relacionadas aos usos de bebidas alcoólicas, aos padrões de gênero e/ou à sexualidade se inserem nesses contextos;
- Dialogar sobre exemplos de interações de paquera, pedindo para que os(as) participantes indiquem que questões relacionadas aos usos de bebidas alcoólicas e/ou aos padrões de gênero se inserem nesses contextos;
- Promover o diálogo sobre a associação cultural entre bebidas alcoólicas e desinibição, incentivando que os(as) participantes indiquem o que leva a desinibição ser com frequência considerada uma motivação e uma expectativa presente nas experiências de consumo de álcool, assim como na associação entre as experiências de consumo de álcool e as experiências sexuais;
- Esclarecer sobre os efeitos do álcool no organismo e sobre as possíveis influências nas respostas fisiológicas de excitação e de prazer sexual;
- Realizar atividades em que esteja presente o diálogo sobre os desejos, expectativas, ansiedades, inseguranças e receios sobre as experiências sexuais e as expectativas de desempenho;

- Realizar atividades como dinâmicas, discussão de situações projetivas e dramatizações em que a possibilidade de diálogo e de valorização das múltiplas expressões nas experiências de envolvimento sexual possam estar presentes;
- Esclarecer e dialogar sobre as influências dos padrões de gênero nos relacionamentos e experiências sexuais, com a importância de que esses padrões sejam considerados na promoção de práticas preventivas;
- Informar sobre o preservativo como importante recurso para pessoas que desejam evitar a ocorrência de uma gravidez não planejada, da contração do HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis;
- Promover a valorização do uso do preservativo como uma forma de tornar as práticas sexuais mais associadas ao cuidado, à saúde e ao prazer;
- Informar sobre como o que é o preservativo, o direito de obtê-lo gratuitamente, com explicações sobre como colocar, como retirar e sobre a importância do diálogo nas relações sobre as possibilidades de escolha em relação às práticas preventivas e outras práticas de cuidado;
- Incentivar que os(as) participantes discutam sobre que fatores favorecem a escolha entre parceiros(as) de usarem o preservativo e que fatores dificultam, com o estímulo para a identificação de alternativas diante das dificuldades;
- Realizar atividades como dinâmicas, discussão de situações projetivas e dramatizações em que o uso do preservativo entre pessoas que consumiram álcool possa estar presente, com o diálogo sobre os fatores envolvidos;
- Promover o diálogo sobre o que é compreendido hoje como prazer, como prazer sexual, como liberdade e como liberdade sexual, com a problematização sobre como há muitos modelos restritos e inalcançáveis de realização, desempenho e performance, modelos que limitam as muitas possibilidades de expressão e que podem atuar de forma bastante repressiva;
- Incentivar que os(as) participantes identifiquem as influências desses modelos em como a sexualidade e os usos de bebidas alcoólicas tendem a ser significados, com a discussão sobre como as experiências podem acontecer de muitas formas que não correspondem aos modelos normativos e repressivos;
- Estimular que os(as) participantes coloquem dúvidas sobre as experiências sexuais, sobre as experiências de consumo de bebidas alcoólicas e sobre as possíveis associações entre elas.

Quadro 15: Objetivos, metas e ações para a discussão sobre padrões de gênero e usos de bebidas alcoólicas em grupos de educação sexual com adolescentes

- Esclarecer sobre o conceito de gênero como a construção social, cultural e histórica da divisão entre feminilidade e masculinidade, com a discussão sobre como os padrões de masculinidade e de feminilidade são construídos ao longo dos processos de socialização;
- Promover o diálogo sobre como os padrões de masculinidade e de feminilidade construídos ao longo dos processos de socialização influenciam nos aprendizados sobre a sexualidade;
- Promover o diálogo sobre como os padrões de masculinidade e de feminilidade construídos ao longo dos processos de socialização influenciam em como as pessoas interagem, com a discussão de exemplos como situações de lazer, situações de paquera e situações de envolvimento afetivo e/ou sexual;
- Discutir como as expectativas relacionadas às experiências e aos efeitos dos usos de bebidas alcoólicas têm influência dos padrões de gênero;
- Discutir exemplos sobre como os padrões de gênero se transformaram ao longo da história, inclusive padrões de gênero relacionados às experiências de consumo de bebidas alcoólicas e as experiências sexuais e promover o reconhecimento de como são múltiplas as formas de viver a sexualidade e o gênero hoje;
- Incentivar que os(as) participantes reconheçam como padrões que são construídos e reproduzidos podem ser modificados, identificando que fatores podem contribuir para as modificações;
- Introduzir sobre a associação cultural entre padrões de masculinidade e consumo de bebidas alcoólicas, incentivando a reflexão crítica sobre como esses padrões são construídos e reproduzidos;
- Introduzir sobre a associação cultural entre padrões de masculinidade e exposição a riscos, incentivando a reflexão crítica sobre como esses padrões são construídos e reproduzidos;
- Introduzir sobre a associação cultural entre padrões de masculinidade e agressividade, incentivando a reflexão crítica sobre como esses padrões são construídos e reproduzidos;

- Abordar a importância do diálogo e da reflexão crítica sobre os padrões de gênero para a prevenção e o enfrentamento de situações de violência.
- Esclarecer sobre a importância da desnaturalização: nem os padrões de masculinidade, nem os padrões de feminilidade, nem os efeitos de álcool são decorrentes diretos de uma natureza, mas estão associados a múltiplos fatores culturais;
- A partir da importância da desnaturalização, promover a discussão sobre como tendem a ser naturalizadas as associações entre masculinidade e agressividade; entre feminilidade e submissão;
- Promover a discussão de exemplos sobre como os usos de álcool podem estar presentes em contextos de agressividade, violência e violação de direitos;
- Esclarecer sobre os direitos relacionados à prevenção e a proteção em situações de violência, indicando a importância de que as pessoas conheçam sobre esses direitos e sobre como buscá-los e garanti-los;
- Informar sobre o que são as diferentes formas de violência, como violência física, violência doméstica, violência conjugal, violência psicológica, violência sexual, violência por discriminação em relação à orientação sexual ou identidade de gênero, machismo e misoginia, entre outras, com destaque para a importância de que as situações de violência sejam reconhecidas para que sejam prevenidas e enfrentadas;
- Promover o diálogo e a reflexão sobre a importância da ruptura do silenciamento em relação à violência;
- Esclarecer sobre o que é consentimento e ressaltar a importância do consentimento nas relações sexuais;
- Discutir exemplos em que não há consentimento, pedindo para que os(as) participantes identifiquem que direitos são violados e esclarecendo sobre a importância do enfrentamento às violações de direitos, incluindo exemplos de situações em que uma ou mais pessoas consumiram bebidas alcoólicas;
- Discutir exemplos em que há consentimento, em que as pessoas envolvidas, tanto homens quanto mulheres, têm espaço para expressarem como se sentem, expressarem o que desejam e se relacionarem de forma que os sentimentos e desejos são levados em consideração, valorizado, destacando com as possibilidades de expressão são fundamentais para que as pessoas possam sentir confiança, segurança e possam sentir prazeres;

- Discutir sobre a importância da comunicação, da valorização das diferenças e do reconhecimento recíproco entre pessoas que se relacionam para que as experiências sexuais e também outras experiências possam acontecer de formas positivas e prazerosas.

Fonte: Própria autora.

8.4 Bebidas alcoólicas, sexualidade e prazer: possíveis atividades

.....

Imagine uma festa onde estarão pessoas que você gostaria de encontrar. Imagine que, antes de ir para essa festa, você pode tomar uma poção mágica. A poção mágica terá um poder, o poder que você escolher. O que você gostaria de sentir tomando essa poção mágica?

.....

Quando realizamos o exercício acima com um grupo de adolescentes³⁰⁷, alguns exemplo de poderes escolhidos foram: sentir-se mais confiante; sentir-se mais atraente; diminuição da timidez; diminuição da ansiedade; facilidade para conversar com as pessoas; facilidade para se divertir.

Em seguida, pedimos para que o grupo entrasse em um consenso: todos que fossem para a festa deveriam tomar a mesma poção mágica. Dos poderes criados, qual seria mais interessante para que todas as pessoas experimentassem? No encontro em que realizamos a atividade, o poder escolhido foi o da confiança. Os argumentos seriam de que as pessoas poderiam aproveitar melhor a festa se estivessem mais confiantes para conversar, para conhecer novas pessoas, para dançar, para paquerar, para beijar. Diminuindo as inseguranças, as interações seriam mais prazerosas.

A atividade cumpre alguns objetivos: o primeiro é o de conhecer sobre as expectativas dos(as) participantes sobre ocasiões festivas, sobre momentos de lazer, diversão e sociabilidade. O segundo é promover espaço para que as pessoas expressem e conversem sobre essas expectativas, assim como os desejos, receios e inseguranças que elas condensam. O terceiro, que consideramos muito interessante, é propiciar que os(as) participantes reconheçam que os anseios e temores em relação às situações imaginadas não são algo individual, são experimentados por diferentes pessoas a ponto de as pessoas

³⁰⁷ O relato de experiência foi baseado nos encontros realizados por Laís Fernanda Grangeiro e Renata Zucarrri Campagna em 2017, com adolescentes de uma instituição educativa da cidade de Botucatu, em um grupo desenvolvido no estágio de Sexualidade, Gênero e Educação Sexual.

poderem combinar entre si que poderes gostariam de adquirir para lidar com os desejos, ansiedades e inseguranças que compartilham. No caso da confiança, por exemplo, ao invés de desejar sentir mais confiança ser visto como uma fragilidade, como uma insegurança individual, foi considerado como uma motivação para as pessoas elegerem uma modificação que todas se sentiriam melhor se pudessem experimentar ao irem para a festa.

Após a atividade da poção mágica, é possível perguntarmos sobre que efeitos são geralmente esperados dos usos de bebidas alcoólicas. Podemos esclarecer como os efeitos esperados não necessariamente correspondem aos efeitos que a ingestão do álcool pode ocasionar, informando sobre quais são esses efeitos. Não se trata de dizer que são distorcidas as expectativas de que as bebidas atuem como facilitadoras, mas de demonstrar como os efeitos das bebidas são apenas um componente em uma dinâmica mais ampla em que o que as pessoas esperam, como gostariam de se sentir e as modificações em como as pessoas se relacionam em contextos de lazer e sociabilidade também participam. Com exemplos de experimentos com placebo, é possível contarmos como há pessoas que experimentam alterações nas formas de se sentir e de interagir ainda que não tenham consumido álcool.

Algo que é recorrente nos relatos sobre experiências de consumo de álcool é a possibilidade de agir com menos controles e censuras, por como as pessoas tendem a se sentir menos vulneráveis ao julgamento de outras pessoas. Um tema possível, assim, consiste em discutirmos como se dá a susceptibilidade aos julgamentos nas interações cotidianas, como as pessoas lidam com as impressões que imaginam provocar umas nas outras, como as formas com que outras pessoas nos avaliam e podem nos avaliar influenciam as formas como agimos.

Uma atividade que realizamos em um grupo de educação sexual³⁰⁸ foi a de pedir para que os(as) participantes criassem um(a) personagem e, após a criação do(a) personagem, produzissem em grupo como seria a página desse personagem(a) em uma rede social. Como o(a) personagem se descrevia, que interesses demonstraria, que fotos publicaria, que mensagens escreveria e com que pessoas interagiria nessa rede social. Com desenhos e recortes de revistas, os(as) participantes criaram perfis para os(as) personagens repletos de imagens e mensagens de diversão, de conquistas, de elogios e de

³⁰⁸ A atividade foi realizada pela primeira vez por Carolina Vital, em 2017, com adolescentes de uma escola da cidade de Itatinga, em um grupo desenvolvido no estágio de Sexualidade, Gênero e Educação Sexual.

amizades. Para a construção dessa página fictícia, cada grupo utilizou uma cartolina. Na imagem abaixo, estão as possíveis reações que foram utilizadas para que os(as) participantes dessem exemplos sobre o que o(a) personagem construído(a) curte, ama, ri, se surpreende, se entristece e sente raiva:

Figura 37: Botões de reações para a construção de um perfil para um(a) personagem em uma rede social



Fonte: Página da rede social **Facebook**³⁰⁹.

Em seguida, com as páginas da rede social prontas, um novo momento da atividade teve início: foi solicitado aos(às) participantes que escrevessem, no verso da cartolina, o que o(a) personagem não publicava nas redes sociais. O que havia acontecido em sua vida mas não tinha sido publicado, que sentimentos não eram demonstrados, sobre o que tinha vergonha de contar, que dificuldades enfrentou ou enfrenta mas não sabe como pedir ajuda. Assim como a parte da frente da cartolina, referente ao que é publicado e visibilizado, a parte de trás também mobilizou o engajamento dos grupos para expressarem sobre o que geralmente não é dito, não é compartilhado.

Assim como na atividade sobre a poção mágica, o diálogo aberto sobre o que o(a) personagem demonstra e o que o(a) personagem sente-se inseguro(a), tem dificuldades de compartilhar, promoveu a oportunidade de que as ansiedades, receios e frustrações não fossem vistos como uma questão de falha, de fragilidade individual, com atenção para como são poucos os espaços atualmente para que as pessoas possam expressar de forma sincera sobre o que sentem, inclusive entre pessoas com quem se importam e que se importam com elas.

A pressão para a construção de uma imagem de felicidade, prazer e diversão foi problematizada, não como uma desvalorização da felicidade, do prazer e da diversão, mas de como se estabelecem relações em que a prioridade dada para a visibilidade, para a

³⁰⁹ Disponível em: www.facebook.com.br. Acesso em: 18 de maio de 2018.

exposição, prejudica para que as pessoas possam refletir de forma mais sensível ao que lhes acontece.

Uma terceira atividade que realizamos foi a de convidar os(as) participantes a construir narrativas sobre um final de semana que considerassem divertido. Poderia ser um final de semana que eles(as) mesmos(as) viveram ou gostariam de viver, ou poderia ser também uma história vivida por personagens³¹⁰. Os encontros seguintes do grupo foram planejados de acordo com os elementos identificados nas redações.

No trabalho de conclusão de curso em Psicologia, **Concepções de adolescentes sobre adolescência, lazer e sociabilidade** realizado por Tatiana Maria Nege (2017) e orientado por mim, foi realizada a análise de redações de 16 adolescentes do 3º ano do Ensino Médio de uma escola estadual em Lençóis Paulista, com objetivo de investigar que concepções estavam presentes nas redações sobre sociabilidade e diversão em situações de lazer. O tema identificado com maior frequência foi o dos usos de bebidas alcoólicas, como pode ser notado nos trechos a seguir:

- [...] a diversão deles são as festas e festas... postar fotos sobre suas saidinhas mostrando seus copos de bebidas... essa é a diversão deles (R1)
- [...] e depois ir dar uma volta na Avenida, foi assim que experimentei bebidas alcoólicas [...] (R2)
- Amigos se encontram com os demais para ir a uma festa. [...]. É de praxe sempre um ficar bêbado (R6).
- [...] tinha muitas pessoas, muitas já embriagadas (R7).
- [...] Lucas e Guilherme foram ao Guarujá, eles levaram 1 litro de vodka, 1 garrafa de Sprite e 3 pacotinhos de suco tang, fizeram uma mistura dos três ingredientes que forma uma bebida chamada alegria [...] (R10).
- [...] Então compramos cerveja, vodcas e energéticos [...] porque se não bebemos não tem graça (R12) (...) (NEGE, 2017, p. 33).

Assim como a recorrência com que foram mencionadas as bebidas, foram também recorrentes nas narrativas as contextualizações de como as experiências de consumo de bebidas aconteceram entre outras pessoas, amigos(as), namorados(as) ou pessoas novas que tinham sido apresentadas na ocasião. Redações construídas pelos(as) participantes podem ser, assim, um importante ponto de partida para discussões sobre as associações entre experiências de consumo de bebidas alcoólicas e sociabilidade.

³¹⁰ A atividade foi realizada pela primeira vez em 2017, por Aparecida Edineia de Paula com adolescentes de uma escola de Santa Maria da Serra e por Nadir Alves, com adolescentes de uma instituição educativa de São Manuel, em grupos desenvolvidos no estágio de Sexualidade, Gênero e Educação Sexual.

Assim como a construção de narrativas, é possível solicitarmos que os(as) participantes desenhem uma situação em que o consumo de álcool esteja presente, organizando a discussão a partir dos elementos apresentados nos desenhos.

Provavelmente serão trazidas nos desenhos tanto associações positivas sobre o consumo de álcool, como associações com sociabilidade e comemorações, quanto associações com consequências nocivas, danos para a saúde e prejuízos para as relações. Partir do que os(as) participantes trouxerem para introduzir como são muitos os elementos pode ser um movimento que incentive o diálogo, com a expressão de impressões, experiências, curiosidades e dúvidas.

Há outras atividades relacionadas à construção de histórias, como a de colocar em uma caixa palavras relacionadas aos temas discutidos (por exemplo: amizade, final de semana, festa, paquera, beijo, bebidas alcoólicas, desejo, experiências sexuais) e propor uma frase como um início para uma narrativa. Por exemplo: “Ontem foi ótimo!”. Apresentada a frase inicial, cada participante sugere uma continuação da história após sortear uma das palavras, em uma sequência em que cada palavra sorteada é inspiração para um novo desdobramento³¹¹.

O jogo do tabuleiro é também uma forma interessante de incentivar a criação de histórias. Após a construção de personagens pelos(as) participantes, cada grupo correspondente a cada personagem joga um dado e o número que cair no dado, levará ao tema a ser discutido pelo grupo, que pode inventar uma situação, dramatizar, fazer uma pergunta ou fazer um desenho³¹². Os temas de cada casa do tabuleiro podem ser planejados de acordo com as questões propostas para o encontro.

Na matéria **Projeto incentiva discussões sobre educação sexual nas escolas**, transmitida pelo **Unesp Notícias**, adolescentes de um dos projetos que desenvolvemos foram convidados(as) para contar sobre como os encontros acontecem e que temas são discutidos. Os(as) participantes escolheram como exemplo o jogo do tabuleiro, realizando algumas rodadas para a construção da matéria. Ao jogarem o dado e serem solicitados(as) a encenar sobre um momento que expressasse a adolescência, escolheram encenar o

³¹¹ A atividade foi realizada pela primeira vez em 2017, por Ana Elisa Oliveria e Natália Almeida, em um grupo de adolescentes desenvolvido em uma escola como parte do estágio de Psicologia e educação: processos de intervenção em educação sexual, da UNESP de Bauru.

³¹² As estagiárias responsáveis pelo projeto, desenvolvido no estágio em Psicologia e educação: processos de intervenção em educação sexual, da UNESP de Bauru, foram Camilla Ferreira e Natália Vieira. A matéria está disponível na página: <https://www.youtube.com/watch?v=t19zM-L85Zg>. Acesso em: 16 de abril de 2018.

chamado “rolezinho”, contando como nesses contextos de passeios e de encontro entre adolescentes na cidade são comuns a paquera, os usos de bebidas alcoólicas e de outras substâncias.

Na figura abaixo, há a imagem de um tabuleiro como exemplo.

Figura 38 – Exemplo de tabuleiro³¹³



Fonte: Própria autora

Em relação à discussão sobre os padrões de gênero, uma sugestão de atividade refere-se à apresentação das situações abaixo:

.....

Imagine que você está em uma festa. A música está animada e B. começa a dançar. C. se aproxima de B e começa a fazer elogios, mas B. muda de assunto, se afasta, não corresponde ao interesse de C.

No sofá, J. beija L., que retribui. L. convida J. para irem para um lugar com menos pessoas.

D. está muito triste, começa a contar como está se sentindo para F e chora.

G. esbarra em H, que se incomoda, G. e H. começam a discutir, H. agride G.

J. não está se sentindo bem e vai até o banheiro. L. espera na porta e, percebendo que J. passou mal, se oferece para acompanhar J. até em casa.

³¹³ As diferentes casas são: O que é ser adolescente?; Adolescência; Puberdade; Corpo; Menstruação; Ejaculação; Masturbação; Sexo; Prevenção; Relacionamentos; Amizades; Família; Escola; Mídia; Festas; Timidez; Desejo; Diversão; Prazer e Futuro.

M. e N. fazem uma aposta sobre quem consegue beber mais. P., ao perceber que estão bebendo muito, demonstra preocupação e recomenda que parem.

Q. e R., que não beberam durante a festa, conversam sobre as situações que aconteceram.

.....

As situações apresentadas acima foram lidas em um encontro com adolescentes³¹⁴, pedindo para que ao ouvirem pensassem sobre as pessoas e as situações da festa. Em seguida, cada situação foi lida novamente, acompanhada das seguintes questões, sobre cada uma das letras: você imaginou ____ como mulher ou como homem? Se ____, consumiu álcool, o álcool influenciou em como ____ agiu? Se sim, como? O que aconteceu depois?

No relatório sobre o encontro realizado por Natália Garcia (2016, p. 104-105), algumas reações foram narradas:

“esse aí não bebeu, mas vai beber”, “se fosse eu, não ia ficar escutando choro do outro não”, “eu acho que é mulher, mulher que chora”, “esse aí que brigou é homem, certeza”, “se tá vomitando e outra tá ajudando é mulher” (...). Todas as situações foram atravessadas de muita conversa, cada um queria expressar, imaginar e contar aos amigos o que aconteceria depois. As risadas também permeavam o diálogo.

As situações narradas e as questões realizadas correspondiam a alguns objetivos: conhecer sobre concepções dos(as) participantes acerca de experiências de consumo de bebidas alcoólicas em festas; investigar como os padrões de gênero influenciam nessas concepções; investigar sobre associações entre bebidas alcoólicas, gênero e questões como sociabilidade, sexualidade e agressividade e promover a reflexão entre os(as) participantes sobre como essas concepções são construídas e sobre outras possibilidades de expressão e interação.

Diante das concepções levantadas, algumas questões podem ser feitas, como: Por que tendemos a imaginar que as pessoas que brigaram eram homens? Por que tendemos a imaginar que a pessoa que chorou era uma mulher? Por que nas situações de paquera e de envolvimento, tendemos a pensar que as duas pessoas eram um homem e uma mulher, não dois homens e duas mulheres? Por que tendemos a imaginar que a pessoa que demonstrou interesse e a pessoa que sugeriu que fossem para um lugar com menos pessoa

³¹⁴ A atividade foi realizada pela primeira vez em 2016 por Natália Vanzo Garcia, em um grupo com adolescentes de uma instituição educativa de Botucatu, como parte do estágio de Sexualidade, Gênero e Educação Sexual.

fosse um homem, por que consideramos que as iniciativas tendem a ser de homens? O que nos leva a imaginar que algumas pessoas na festa beberam? Que comportamentos e expressões consideramos que são mais esperados quando as pessoas bebem? Há diferenças entre o que esperamos se quem bebeu foi um homem ou uma mulher?

A atividade pode ser interessante para discutirmos que reações são consideradas *naturais* com os usos de bebidas, que formas de agir e se expressar são consideradas *naturalmente* masculinas ou *naturalmente* femininas, incentivando o reconhecimento dos processos de construção que ocorrem nas experiências de socialização e levam a essas impressões de naturalidade. Promover espaços em que os(as) participantes possam falar sobre expectativas que são comuns favorece que tenham uma postura mais reflexiva e crítica em relação a essas expectativas, inclusive pensando sobre como essas expectativas fizeram parte das próprias experiências de aprendizado e influenciam suas escolhas.

Apresentamos, assim, alguns exemplos de atividades: a primeira correspondeu à criação de uma poção mágica, a segunda tem na construção de páginas para uma rede social o principal elemento para iniciar a discussão, a terceira e a quarta envolvem a criação de narrativas e a quinta refere-se à apresentação de situações projetivas para o diálogo sobre como os padrões de gênero influenciam as experiências de consumo de bebidas alcoólicas. Em comum, nas diferentes atividades há a busca de que a discussão sobre a sexualidade e sobre álcool seja acompanhada de um diálogo mais amplo sobre as relações, sobre a sociabilidade, com o incentivo para que os(as) participantes conversem sobre o que há entre copos, o que há entre corpos, o que há entre encontros. Consideramos tal atenção para os encontros um importante elemento para o planejamento e a realização de grupos de educação sexual.

8.5 Entre encontros: considerações sobre o capítulo

*Imagine que um habitante da lua ou de algum planeta distante,
viajando em nosso mundo e cansado de suas longas etapas,
pense em refrescar o paladar e aquecer o estômago.
Procura inteirar-se dos prazeres e costumes da nossa terra.
Já ouviu falar vagamente de licores deliciosos com os quais
os cidadãos desta esfera adquirem coragem e alegria à vontade*
Paraísos artificiais – Charles Baudelaire (1998, p. 183-184).

“Inteirar-se dos prazeres e costumes de nossa terra”: a busca do habitante da lua ou de algum planeta distante narrada por Charles Baudelaire é muito parecida com a busca

que me moveu nas leituras iniciais para a construção desta tese. Também já havia ouvido falar vagamente sobre a coragem, sobre a alegria, mas não sabia muito bem como explicar o desejo de estudá-las, considerando como o tema que me despertava interesse – os usos de bebidas alcoólicas – não pode ser separado das muitas consequências nocivas cotidianamente registradas, nem de como a preocupação por preveni-las é sem dúvidas uma questão importante para as abordagens em educação. Me intrigava a possibilidade de que a busca por alegria e coragem não precisasse ser silenciada no processo de esclarecer e conscientizar sobre riscos e danos. Me intrigava a possibilidade de abordarmos, ao discutirmos sobre as experiências de consumo de bebidas alcoólicas, a complexidade de fatores que atravessam essas experiências, fatores que combinam tanto possíveis prejuízos como possíveis prazeres, tanto a importância de cuidados quanto a importância do reconhecimento da valorização que os prazeres do consumo de álcool recebem nos contextos de lazer e sociabilidade.

“Os prazeres e costumes de nossa terra” fazem parte do que muito me interessa em minha atuação profissional, ao ensinar, supervisionar e pesquisar sobre sexualidade, gênero e educação sexual. Em minhas experiências, é contínua a busca por abrir espaços de diálogo sobre sexualidade com o reconhecimento de como são muitos os prazeres e as buscas por prazeres que atravessam nossas experiências, nossas relações.

Ao ouvir exemplos de experiências como paqueras, aproximações, encontros e relações sexuais, inclusive as primeiras, notei relatos em que havia uma ênfase maior nas oportunidades de desinibições. Me chamou a atenção, nesses relatos, a combinação entre a valorização das bebidas alcoólicas e a valorização das desinibições. Às vezes os usos de bebida eram narrados apenas como um detalhe, em outras, recebiam grande destaque, como na famosa desculpa: “*Não fui eu, foi o álcool*”. Quantas vezes um beijo, uma paquera, uma indireta, uma declaração de amor, carícias, amassos, sexo e/ou ousadias para experimentar algo novo sexualmente foram relatados em um tom de surpresa, acompanhados por um “*foi o álcool*”. Me deparei, então, com um desejo: conhecer mais sobre essa associação ao mesmo tempo tão falada e tão calada entre experiências de consumo de bebidas alcoólicas e experiências sexuais.

Há uma frase que gosto muito de ouvir, seja dando aula, seja orientando ou supervisionando, seja nos relatos de estagiários(as) sobre como os(as) adolescentes reagiram diante das discussões propostas: “*Nunca havia pensado sobre isso!*”. Como uma visitante curiosa e um tanto confusa, que chega a um novo planeta se perguntando sobre prazeres e costumes, muitas vezes nas leituras que encontrei sobre álcool, nas leituras que

encontrei sobre a associação entre experiências sexuais e experiências de consumo de bebidas alcoólicas, pude exclamar para mim mesma, ainda mais curiosa e um tanto deslumbrada: “*Nunca havia pensado sobre isso!*”.

Nunca havia pensado como para conhecer mais sobre as desinibições, tão associadas à ideia dos usos de álcool, me depararia com a importância crescente dadas às inibições nas interações sociais, como se precisássemos sempre nos conter, controlar o que sentimos e o que expressamos, o que torna os momentos de lazer e sociabilidade valorizados como brechas para tantas exigências de inibição, contenção e controles. Quando li sobre a criança que salta e a pessoa adulta que enrijece seus movimentos, a noção de desinibição ganhou novos contornos.

Nunca havia pensado como embora seja considerada tão espontânea, tão natural, a desinibição associada ao álcool não é uma decorrência direta, já que há exemplos de culturas em que não é esperada, sendo então uma expressão das flexibilizações das censuras e padrões cotidianos e não apenas dos efeitos de relaxamento no organismo.

Nunca havia pensado como uma cena que não nos gera estranhamento, como a de homens e mulheres bebendo juntos(as) em uma festa ou um bar, não seria imaginável há pouco mais de 100 anos atrás, quando o consumo de bebidas alcoólicas em espaços públicos era considerado algo aceito exclusivamente para os homens.

Não conhecia também como, no Brasil, o álcool já foi alardeado como inerentemente perigoso e destrutivo, como hoje são algumas substâncias psicoativas ilícitas, nem como tal alarde teve fortes componentes eugênicos, em um momento após a abolição da escravidão em que a suposta degeneração física e moral desencadeada pelo consumo de bebidas era utilizada como argumento para que as pessoas negras recém-libertas não tivessem acesso a empregos remunerados.

Nunca havia pensado sobre como as diferenças de teor alcoólico entre os fermentados e os destilados também estão ligadas a diferenças no teor simbólico, considerando como a expansão das bebidas destiladas ocorreu no processo de expansão da industrialização, quando o consumo passou a acontecer de forma cada vez mais individualizada, desritualizada. Quando li sobre os bares e botequins serem um dos primeiros estabelecimentos a serem abertos nas portas da fábrica, como as bebidas eram consideradas tanto como estimulantes quanto como consolos para um ritmo de trabalho extenuante, havendo inclusive a prática de que parte do pagamento fosse dado em destilados, a importância da historicização do diagnóstico de alcoolismo e dos problemas decorrentes do consumo de álcool em grandes quantidades tornou-se mais evidente.

Já havia pensado, mas não com atenção, sobre a importância econômica da indústria de bebidas, a indústria que mais investe em publicidade no Brasil. Algo que me surpreendeu foi como Jorge Paulo Lemann, sócio proprietário da Companhia de Bebidas das Américas (Ambev), que hoje integra a multinacional Anheuser-Busch Inbev, líder do mercado mundial, além de ter sido eleito por vários anos consecutivos como a pessoa mais rica do Brasil, afirma ser também quem mais investe em educação, por meio da Fundação Estudar.

Quando elaborei o projeto de pesquisa para analisar materiais educativos, não imaginava que embora haja diferentes políticas públicas de prevenção, sendo a redução de danos uma perspectiva adotada pela Política Nacional Sobre Álcool e a pela Política Nacional sobre Drogas, o programa de maior alcance no Brasil, que acontece em municípios de todos os estados, é um programa que defende a abstinência e é conduzido, nas escolas, por policiais militares.

Foi a possibilidade de inserção da discussão sobre os usos de bebidas alcoólicas em grupos de educação sexual que me motivou para a escolha do tema desta tese, imaginando a construção de um espaço de diálogo em que as experiências de consumo de bebidas alcoólicas e as experiências sexuais possam ser abordadas de forma abrangente, sensível e contextualizada com as questões vividas pelos(as) participantes.

Por isso a importância do prazer: por não concordar que silenciar sobre os prazeres associados ao álcool e à sexualidade seria uma estratégia necessária para informar sobre os possíveis riscos e danos.

A ênfase exclusiva nas consequências negativas, tanto das práticas de consumo de álcool, tanto das práticas sexuais, afasta as discussões realizadas das concepções e significados trazidos pelos(as) adolescentes e também outros(as) possíveis participantes, além de esvaziar, nos conteúdos discutidos, uma dimensão fundamental de como as experiências sexuais e as experiências de consumo de bebidas alcoólicas são vividas: a dimensão das relações.

Por isso foi uma grande alegria construir este capítulo final, sobre as possibilidades de discussão sobre bebidas alcoólicas, sexualidade, gênero e prazer em grupos de educação sexual. Com este capítulo pude ter o prazer de concluir uma pesquisa que tanto desejei realizar com o que tanto me motivou a desenvolvê-la: os encontros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais uma dose?

É claro que eu estou a fim

A noite nunca tem fim

Por que é que a gente é assim?

Cazuza – Por que é que a gente é assim?³¹⁵

“Por que é que a gente é assim?” – a perplexidade evocada pela pergunta que dá nome à música de Cazuza é bastante ilustrativa da perplexidade de quem se propõe a escrever uma tese. Combinar temas como bebidas alcoólicas, sexualidade e prazer leva a um processo em que a questão “por que é que a gente é assim?” emerge tantas e tantas vezes. Nestas considerações finais, gostaríamos de retomar os temas que percorremos nos capítulos sobre experiências de consumo de bebidas alcoólicas, sobre experiências sexuais, sobre prazeres, sobre educação e, principalmente, sobre as associações entre eles.

Em nossa introdução abordamos a distância que vigora entre o que sentimos e o que nos permitimos expressar, entre o que desejamos e que desejamos aprendermos que podemos demonstrar, o caminho entre o que nos impulsiona e como agimos, com os anseios e censuras, as fantasias e contenções, a imaginação desejante e as inibições, entre nossas intenções e escolhas, com os muitos zigue-zagues possíveis nas dinâmicas de nossas ações e interações.

Entre o que “brota à flor da pele” e nos faz corar, consideramos como as experiências sexuais estão, muitas vezes, atravessadas pela impressão do desejo como algo que “dá dentro da gente e que não devia, que desacata a gente, que é revelia”. Há momentos em que aquilo que sentimos e desejamos à nossa revelia recebe mais espaço para expressar-se, ainda que de formas confusas, ainda que de formas estranhas. Os encontros entre as pessoas acompanhados por usos de bebidas alcoólicas são um exemplo desses momentos.

Partimos então da compreensão proposta por Norbert Elias e Eric Dunning (1992) sobre os momentos de lazer e sociabilidade e, mais especificamente, sobre os momentos de lazer e sociabilidade em que há o consumo de álcool, como contextos em que determinadas censuras são flexibilizadas, em que determinadas contenções são suspensas

³¹⁵ A letra completa da música pode ser encontrada no endereço: <https://www.lettras.mus.br/cazuza/1196174/>. Acesso em: 25 de junho de 2018.

e que novas formas de expressão passam não apenas a ser permitidas, mas também esperadas. Como no termo utilizado pelos autores, são momentos de “descontroles controlados” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 146).

Entre controles e descontroles foi o tema de nosso primeiro capítulo, em que começamos com a discussão sobre as experiências de embriaguez para pensarmos sobre os diferentes sentidos atribuídos à busca pela alteração dos sentidos. Nas dinâmicas entre o domínio de si e o sair de si, entre a contenção e o transbordamento, entre o estabelecimento de limites e o descentramento, identificamos como tanto as experiências de consumo de álcool quanto as experiências sexuais envolvem modificações em como as ações e as interações corriqueiramente se dão. Outro ponto em comum refere-se a como os prazeres étlicos e os prazeres sexuais foram historicamente focos privilegiados de medidas de controle, de restrições e proibições. Nas últimas décadas, tais prazeres passaram a ganhar espaço em novas configurações, com uma maior valorização da diversão, da busca por realização, por fruição. Mudanças nos padrões de gênero foram um influente fator: tanto em relação ao álcool, quanto em relação à sexualidade, a desestabilização de fronteiras rígidas entre masculinidades e feminilidades, tão associadas às fronteiras entre o público e o privado, deu lugar a novas experiências e expectativas, em que a compreensão das mulheres como ativas, como sujeitos de desejo e de prazer, têm se expandido, ainda que em meio a muitas contradições e desafios.

Em nosso segundo capítulo, **Entre o copo e os lábios**, iniciamos com o brinde como um exemplo da associação entre bebidas alcoólicas, sociabilidade e prazer. Definimos as substâncias psicoativas como as substâncias consumidas pela possibilidade de suscitarem modificações nas sensibilidades, nas percepções, nos humores e nas experiências psíquicas. Discutimos como para a compreensão sobre as experiências de consumo de substâncias, como o álcool, é reducionista nos focarmos apenas nas propriedades de determinada substância (como os conteúdos que preenchem os copos) ou nas características do organismo de quem consome (como os efeitos da ingestão do álcool nos corpos), sendo importante nos atentarmos para o espaço entre, para a dimensão dos encontros, das relações. Apresentamos exemplos, assim, sobre formas diversas de uso em culturas diversas, e também sobre os múltiplos fatores que exercem influência nas experiências de consumo em nossa cultura. Mesmo a desinibição, considerada com frequência como um efeito direto e espontâneo, está menos relacionada aos processos bioquímicos do que às expectativas e padrões culturais que atravessam o beber e a

embriaguez. Falarmos sobre consumo de álcool implica, necessariamente, falarmos sobre os encontros entre as pessoas.

Os encontros entre as pessoas são também uma questão central para pensarmos sobre a sexualidade, conceito que foi eixo de nosso terceiro capítulo, **Entre verdades e desafios**. Começamos com as discussões realizadas por Michel Foucault (1988) sobre “a vontade de saber”, sobre como a proliferação discursiva em torno do sexo não corresponde apenas à busca por descrever, explicar e libertar, mas a uma complexa rede de saberes, poderes e prazeres em que mais do que revelada, a sexualidade é produzida, inventada. Considerando as construções e transformações que atravessamos como compreendemos e experienciamos a sexualidade, apresentamos como foram influentes as conquistas dos movimentos políticos como os movimentos feministas, os movimentos de pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros (LGBT) e os movimentos *queer*. Em termos de perspectivas teóricas, percorremos as influências da psicanálise, da sexologia e dos estudos de gênero. Partimos do questionamento de uma compreensão liberal e individualizante sobre a sexualidade, os corpos e a liberdade sexual para pensarmos sobre a sexualidade não como algo que é próprio, que nos determina e nos define, mas como marcada pela relacionalidade tornando-se, assim, fértil no potencial de desapropriações, de indeterminações e de indefinições.

Em oposição a uma concepção de prazer e liberdade que hierarquiza e suscita insuficiências, defendemos a importância de análises sobre como há muitos processos repressivos no que aprendemos a chamar de prazer e de liberdade. Foi um desafio marcante, ao longo da tese, a busca por compreensões sobre o prazer e sobre a liberdade em que as relações entre as pessoas não sejam vistas como algo que restringe ou impede, mas sim, como o que estimula, que fermenta.

Entre enigmas e roteiros, nosso quarto capítulo, foi destinado à discussão sobre a associação entre experiências de consumo de bebidas alcoólicas e experiências sexuais. Entre a dimensão enigmática dos desejos que nos movem e nos surpreendem e a força normativa das influências culturais sobre o que devemos ou não devemos desejar e sentir, o álcool é muitas vezes situado como um recurso facilitador, valorizado na busca por facilitar as expressões e aproximações e atenuar as ansiedades e inseguranças geradas por como escapam às possibilidades de controle as múltiplas formas de encontro e de desencontro entre as pessoas.

No quinto capítulo, **Entre prazeres**, discutimos como a busca por prazeres tem sido crescentemente valorizada, chegando inclusive a ser vivida como uma imperiosa

expectativa, uma exaustiva exigência. Entre as muitas possibilidades de prazeres, há também muitos modelos idealizados sobre que prazeres devem ser sentidos e sobre como as pessoas devem ser para alcançá-los. A transmissão dos prazeres como uma forma de mérito, de competência, em uma incitação contínua à competitividade e à hierarquização acaba por esvaziar o que há nos prazeres de mais interessante: a dimensão imaginativa, inventiva, o fértil campo de criação de sentidos a partir do que é sentido e do que é vivido entre as pessoas. Defendemos, assim, como ao invés da anulação de dores, faltas e falhas, é possível a construção de concepções sobre os prazeres que envolvam o reconhecimento e a valorização de nossas sensibilidades, de nossa abertura às outras pessoas e ao que as outras pessoas suscitam em nós. No lugar da perseguição de prazer que tem a(s) outra(s) pessoa como objeto ou como obstáculo, o resgate da dimensão relacional dos prazeres que vivemos e que podemos viver.

A idealização de prazeres sem faltas nem falhas foi também discutida em nosso sexto capítulo, **Entre proibições e incitações**, em que apresentamos como ponto em comum às experiências de consumo de diferentes substâncias, lícitas e ilícitas, a crescente importância atribuída à possibilidade de gestão dos afetos, de controle das paixões. Para pensarmos como questões relacionadas aos prazeres podem ser inseridas em abordagens educativas, é necessário considerarmos as contradições de uma cultura em que ao mesmo tempo que exalta a diversão, a fruição, a intensidade, traz modelos de cuidados com a saúde que priorizam a contenção e o controle. Em relação à adolescência, um exemplo de contradição pode ser identificado nas experiências de consumo de bebidas alcoólicas: por um lado transgressoras, condenadas, por como há a proibição por lei do uso por pessoas com menos de 18 anos; por outro lado vistas como uma forma de socialização, de pertencimento, de inserção em um universo de novas possibilidades prazerosas. Defendemos, assim, como são necessárias abordagens mais abrangentes que aquelas que repetem “*diga não!*” ou “*nem pensar!*”, promovendo, no sentido contrário, reflexões sobre os usos de bebidas alcoólicas e de outras substâncias em que as dimensões dos prazeres e dos cuidados estejam presentes sem serem vistas como excludentes, mas como integrantes de experiências que precisam ser pensadas em seus múltiplos e complexos aspectos.

Entre possibilidades, nosso sétimo capítulo, foi o momento de realizarmos a análise de materiais educativos, com o objetivo de identificar como os temas usos de bebidas alcoólicas, sexualidade e prazer são abordados com finalidades preventivas. Com base na análise realizada e nas demais discussões da tese, chegamos ao nosso capítulo

final, **Entre encontros**, com a discussão sobre possibilidades de atuação em educação sexual.

No processo de construção da tese percebi, pouco a pouco, como pesquisar sobre bebidas alcoólicas, pesquisar sobre sexualidade e pesquisar sobre prazeres significa pesquisar sobre relações. As relações são um elemento em comum aos temas escolhidos, elemento também muito presente nos grupos de educação sexual, que motivaram o desenvolvimento do estudo. Não é à toa que chamamos, ao realizarmos os grupos, os espaços e contextos em que nos reunimos para dialogar sobre as tantas questões ligadas à sexualidade de encontros. Os grupos de educação sexual têm entre seus objetivos a construção de vínculos, a valorização da participação ativa e das diferentes formas de expressão de todas as pessoas envolvidas, a oportunidade de formação de relações nas quais é possibilitada e incentivada a reflexão coletiva sobre as relações.

A perplexidade diante da questão “por que é que a gente é assim?” me acompanha há mais tempo do que consigo recordar. A intensificação dessa curiosidade em momentos de consumo de bebidas alcoólicas também.

Em 2006, quando eu estava em meu primeiro semestre do curso de Psicologia, realizei uma atividade na qual foi solicitado que eu listasse que questões me despertavam curiosidade. Quando encontrei a atividade, alguns anos depois, vi que a primeira questão que eu havia formulado era: “Por que as relações entre as pessoas mudam quando elas bebem?”. Quando li não lembrava como priorizava essa curiosidade, quando escrevi não imaginava o quanto ela persistiria e me motivaria por tanto tempo.

Quais eram minhas perguntas, naquela época? Havia mudado de cidade, para cursar Psicologia. Lembro de estar nas festas, olhando as pessoas, estar entre as pessoas era algo que me levava a me sentir ao mesmo tempo interessada e perplexa.

Curiosa quando observava o portão de entrada, as pessoas chegando tímidas e/ou sorridentes, passando discretamente ou cumprimentando com animação, minha impressão é que cada uma ao seu modo demonstrava desejar que algo diferente acontecesse na noite que estava começando.

Curiosa ao ver as horas passando, as bandas mudando, os aglomerados em torno do balcão do bar de pessoas que chegavam com os copos vazios, aguardavam os copos serem preenchidos e pouco depois estavam lá de novo, para terem os copos preenchidos novamente. Entre copos e entre corpos, muitas pessoas dançavam, se tocavam, se abraçavam, se agarravam, conversavam, riam, choravam, brigavam e/ou diziam o quanto se amavam. Quantas curiosidades...

Curiosa com relatos de quem ontem havia beijado alguém ardentemente, mas que hoje de manhã sentiu embaraço sobre como cumprimentar no corredor.

Curiosa com como confissões íntimas eram trocadas entre pessoas desconhecidas na fila do banheiro, as mesmas pessoas que, algumas horas antes, sem terem bebido, pareciam não ter assunto algum em comum a não ser um comentário breve sobre a possibilidade de chover ou sobre a música que estava tocando.

Curiosa ao ouvir de alguém, demonstrando disposição, que a noite havia sido animada por como as bebidas traziam coragem. Minha curiosidade não era exatamente pela coragem trazida, mas por como essa coragem não costuma estar presente em nossas escolhas cotidianas.

Curiosa a ponto de perguntar, o que esperavam ao chegar na festa? Esperavam conhecer pessoas novas, esperavam aproveitar a companhia de pessoas conhecidas e queridas, esperavam se divertir, esperavam esquecer das preocupações do dia-a-dia, esperavam conhecer alguém para beijar e quem sabe algo mais.

Algumas pessoas gostavam de minhas perguntas, a ponto de me procurarem ao longo da noite para complementar alguma resposta que tinham dado anteriormente, quando estavam sóbrias. Outras me davam conselhos: “não fica pensando muito sobre isso não, não é pra pensar, é pra viver” – como uma espécie de oposição entre querer conhecer e querer aproveitar.

Sei que faz tempo que não faço perguntas em festas, mas enquanto escrevo as considerações finais vejo que ao menos quatro anos essas perguntas me acompanham, leitura a leitura, página a página, como eu não imaginaria que me acompanhariam e me levariam a tantos novos assuntos.

Quando era adolescente, as bebidas também estavam presentes, com um ingrediente a mais: o proibido. Sair do supermercado com uma garrafa de refrigerante e outro de destilado barato sem que ninguém pedisse o documento de identidade, entrar no parque ou no vão livre do museu com vinho na mochila sem que seguranças notassem, não esquecer as balas para que ao voltar para casa o hálito não denunciasse, conseguir andar de metrô sem errar a estação, mas, caso errasse, era mais uma história engraçada das aventuras que não cansávamos de contar. Mas foi só na faculdade, quando a maior parte de nós morava longe das famílias, sem preocupações sobre como disfarçar ao chegar em casa, que me chamou a atenção uma palavra usada em comum tanto em referências às bebedeiras quanto em referência ao sexo: a palavra era “liberdade”. “*Sinto-me mais*

livre”, ouvia. Estava aí a curiosidade que mais me inquietaria: quando falamos sobre “liberdade”, sobre o que é que estamos falando?

Foram as inquietações com a liberdade que me levaram a um encontro muito especial em minha vida acadêmica, um divisor em antes e depois sobre que questões me interessariam a partir dali. Em uma das primeiras aulas da matéria sobre sexualidade, a professora Ana Cláudia Bortolozzi Maia explicava, de forma cativante e questionadora, como embora a palavra “repressão” seja associada de forma mais direta a proibições e punições, pode haver também muita repressão nos modelos que incorporamos como desejáveis. Seria como uma “repressão às avessas”: acreditando que devemos ser sexualmente livres, acreditando que devemos ter experiências sexuais múltiplas e prazerosas, acreditando que os prazeres sexuais devem ser evidências de uma vida feliz e realizada, acabamos muitas vezes nos cobrando, nos culpando, sentindo insegurança e insuficiência por não correspondermos aos ideais que perseguimos sobre como a sexualidade deve ser, sobre que prazeres devemos ter. Deve, devem, devemos, dever: a repetição é proposital, por como a repressão às avessas converte os prazeres não em possibilidades a serem criadas, mas em imperativos, em exigências e obrigações a serem cumpridas. **Muito prazer?** foi a questão que deu título à minha dissertação de mestrado, voltada à investigação sobre o teor repressivo desses imperativos de prazer e liberdade.

A investigação sobre o teor repressivo dos imperativos de prazer e liberdade, como prejudiciais ou mesmo impeditivos para as condições necessárias da busca por prazeres e por liberdade, foi também um eixo que norteou as discussões realizadas agora, na pesquisa de doutorado, quando escolhi como tema as associações entre bebidas alcoólicas, sexualidade e prazer.

Um exemplo que considero marcante refere-se aos relatos de pessoas que, ao contarem sobre experiências sexuais que aconteceram sob o efeito de álcool, demonstraram como é intensa a dedicação para a importância de não se importar. O que significa a importância de não se importar? Significa que, quando alguém expressa que sente, que deseja, que tem interesse por alguém, vê-se diante do risco de desvalorização, de ser visto(a) como frágil, vulnerável, carente ou mesmo inferior. O álcool ocupa um papel importante nessa dinâmica: favorece que as pessoas se envolvam sexualmente sem precisarem expressar o desejo por quem se envolvem sexualmente, afinal, o motivo para o sexo seria o sexo, o impulsionador para que o sexo acontecesse não seria o desejo, mas o álcool, de forma que as pessoas podem se conhecer, se beijar, transar e saírem intactas,

sem que qualquer elemento vinculado à sensibilidade precise emergir. Álcool, sexo e diversão: combinação perfeita para experiências prazerosas entre pessoas livres.

A liberdade, aqui, corresponderia a um modelo de liberdade como invulnerabilidade, como autossuficiência, uma liberdade que não é construída nem aproveitada com outras pessoas, mas sim, apesar delas (ou, infelizmente, em situações mais extremas, em detrimento delas). O aspecto repressivo dessa compreensão de liberdade não é um elemento exclusivo, nem necessário, da associação entre experiências de consumo de bebidas alcoólicas e experiências sexuais, que podem acontecer de formas bem diferentes, tão múltiplas, mas é um aspecto que requer atenção para pensarmos sobre dinâmicas que estão presentes atualmente em nossas relações.

Inicialmente, o título escolhido para a tese foi **Entre copos, corpos e encontros**. Em uma sessão de análise, me deparei com como eram muitos os sentidos condensados na palavra *encontros*, tanto nas questões que investiguei durante os anos da tese, quanto na atuação profissional em sexualidade e educação sexual, quanto em elementos que valorizo em minhas experiências pessoais e afetivas, quanto, fundamentalmente, nas expressões do que defendo e desejo.

Por que a palavra encontros, tão fértil em sentidos, não permaneceu no título? Porque entre copos, entre corpos e também entre copos e corpos, pode haver encontros, mas pode também não haver. Entre copos e corpos, inclusive, há momentos em que os encontros são evitados, seja de forma não intencional, entre inibições, hesitações, contenções, seja de forma explícita, intencional, como indesejáveis, entre aspirações por autossuficiência e invulnerabilidade, como indicamos acima. Quando os prazeres são transmitidos como algo individual, como motivos de competições, de exclusões, de hierarquias, os encontros, com a presença, o envolvimento, a sensibilidade, o cuidado e a dedicação que os encontros requerem, podem ser considerados como excessivamente desgastantes e exaustivos, ou mesmo como empecilhos aos prazeres pela inescapável dimensão da vulnerabilidade. Mais uma vez, nos deparamos com como, assim como a liberdade, muitos dos prazeres valorizados não são aqueles construídos e compartilhados com outras pessoas, mas apesar delas (ou, infelizmente, em situações mais extremas, em detrimento delas).

Foi sobre a dimensão relacional dos prazeres, da liberdade e do cuidado que a tese tantas vezes me levou a refletir. Sobre os encontros, sobre o desejo dos encontros.

Sobre o questionarmos o teor de esvaziamento e apagamento da alteridade que a busca por prazeres tem assumido hoje não corresponde a um esvaziamento da importância

da busca por prazeres, pelo contrário: corresponde à importância de resgatarmos – ou de reinventarmos – seus sentidos, à importância do que é sentido, à importância de nossos encontros e das transformações que buscamos em como nos encontramos, em como nos relacionamos, para que os novos e potentes sentidos para os prazeres possam ser criados. Nossos novos e potentes sentidos para os espaços entre.

Em **O aprendizado ou O livro dos prazeres**, Clarice Lispector (1969/1998, p. 18; 25) expressa, nos encontros entre Lori e Ulisses:

(...) Por mais intransmissíveis que fossem os humanos, eles sempre tentavam se comunicar através de gestos, de gaguejos, de palavras mal ditas e malditas (...). E então você não quis mais nada disso. E parou com a possibilidade de dor, o que nunca se faz impunemente. Apenas parou e nada encontrou além disso (...). Temos chamado de fraqueza a nossa candura. Temo-nos temido um ao outro, acima de tudo. E a tudo isso consideramos a vitória nossa de cada dia (...). Temos disfarçado com falso amor a nossa indiferença, sabendo que nossa indiferença é angústia disfarçada. Temos disfarçado com o pequeno medo o grande medo maior e por isso nunca falamos no que realmente importa. Falar no que realmente importa é considerado uma gafe. (...)
Eu não digo que eu tenha muito, mas tenho ainda a procura intensa.

O desejo dos encontros, a potência dos encontros, a procura intensa, o desejo de nos comunicarmos, a procura e a potência de falarmos no que realmente importa. Entre encontros, há entendimentos e desentendimentos, há envolvimento e desenvolvimento, há palavras ditas, não ditas e malditas. Há equívocos, há enigmas, há falhas, há fragilidades, há faltas. Encontro não é sinônimo de complementariedade, encontro não é sinônimo de encaixe. Encontro é como pessoas, sempre tão incompletas e de formas tão desencaixadas, vivem alguma forma de contato que transforma, vivem alguma forma de contato em que há a potência do que realmente importa.

Começamos a tese perguntando como seria se pudéssemos escolher o que sentimos e desejamos. Concluímos a tese com a questão sobre como é escolher sentir, sobre como é escolher desejar.

Escolher sentir, escolher desejar, como será? Começamos a tese falando sobre o que há à flor da pele... Entre encontros perguntamos, agora, o que será que será, concluindo, portanto, com o que não tem receita, nem nunca terá.

REFERÊNCIAS

ABBEY, Antonia. Alcohol-related sexual assault: a common problem among college students. **Journal of Studies on Alcohol**, n. 14, v.1, p. 118-128, 2002. Disponível em: <https://goo.gl/HwAJ5X>. Acesso em: 20 de março de 2018.

ABRAHAMSON, Maria. Alcohol in courtship contexts: focus group interviews with young Swedish women and men. **Contemporary Drug Problems**, v. 31, p. 3-29, 2004a. Disponível em: <https://goo.gl/VgVqYv>. Acesso em: 20 de março de 2018.

_____. When I drank too much: Young people in their 20s tell their stories. **Nordisk Alkohol & Narkotikatidskrift**, n. 1, v. 1, p. 63-78, 2004b. Disponível em: <https://goo.gl/oMsbCV>. Acesso em: 24 de março de 2018.

ABRAMOVAY, Mirian; CASTRO, Mary Garcia. **Drogas nas escolas**. Brasília: UNESCO, Rede Pitágoras, 2005. 143 p.

ALENCAR, Rodrigo. Crack e mídia: comunicação e propaganda na idade da pedra. Conselho Regional de Psicologia da 6ª região (org.). **Álcool e outras drogas**. São Paulo: CRPSP, 2001, p. 61-65.

ALLEN, Louisa; RASMUSSEN, Mary Lou; QUINLIVAN, Kathleen. Putting pleasure under pressure. Em: ALLEN, Louisa; RASMUSSEN, Mary Lou; QUINLIVAN, Kathleen (eds.). **The politics of pleasure in sexuality education: pleasure bound**. Nova York: Taylor & Francis, 2014, p. 1-11.

ALMEIDA, Maria Isabel; EUGENIO, Fernanda. As cápsulas mágicas da balada perfeita: jovens e consumo de ecstasy no Rio de Janeiro. **Insight – Revista Inteligência**, n. 29, p. 52-62, 2005. Disponível em: <http://migre.me/wpdyN>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

ALZUGUIR, Fernanda de Carvalho Vecchi. **Moralidade, vergonha e doença: a carreira moral de homens e mulheres alcoólatras**. 2010. 280 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, 2010.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**: palavras e ação. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. 136 p.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009. 229 p.

BARRAL, Gilberto Luiz Lima. **Espaços de lazer e culturas jovens em Brasília**: o caso dos bares. 2006. 144 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Urbana)- Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília- UNB, Brasília, 2006.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987. 260 p.

BAUDELAIRE, Charles. **Paraísos artificiais**. Tradução de Alexandre Ribondi, Vera Nobrega e Lúcia Nagib. Porto Alegre: L&PM, 1998. 224p.

BECCARIA, Franca; SANDE, Allan. Drinking games and rite of life projects: a social comparison of the meaning and functions of young people's use of alcohol during the rite of passage to adulthood in Italy and Norway. **Young: Nordic Journal of Youth Research**, v.11, n.2, p. 11-99, 2003. Disponível em: <http://migre.me/wpdAh>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2017.

BECKER, Howard. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 224 p.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006. 251 p.

BENVINDO, Aldo Zaiden. Direitos humanos – saúde mental e drogas na contemporaneidade brasileira: os direitos humanos como caminho inevitável de abordagem. Em: GRIGOLO, Tânia Maria; PIRES, Rodrigo Otávio (orgs.). **Políticas de saúde mental e direitos humanos**. Florianópolis: Departamento de Saúde Pública, 2014, p. 31-57.

BERRIDGE, Virginia; HERRING, Rachel; THOM, Betsy. Binge drinking: a confused concept and its contemporary history. **Social History of Medicine**, v. 22, n. 3, p. 597-607, 2009. Disponível em: <http://migre.me/wpdAw>. Acesso em: 03 de outubro de 2016.

BEZERRA JÚNIOR, Benilton. **A história da psiquiatria no Brasil**. Transcrição da palestra apresentada no programa Café Filosófico, da TV Cultura, realizada pelo grupo Laboratório de Sensibilidades, Rio de Janeiro, 2013a. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2013/07/04/2687/>. Acesso em: 23 de março de 2018.

_____. **Projeto para uma psicologia científica: Freud e as neurociências**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013b. 320 p.

_____. A psiquiatria e a gestão tecnológica do bem-estar. Em: FREIRE FILHO, João (org.). **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo de felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 117-134.

_____. Um apelo à clínica: Nem o respaldo da norma, nem o extravio na dor. Em: LOBOSQUE, Ana Maria (org). **Caderno de saúde mental- A reforma psiquiátrica que queremos por uma clínica antimanicomial**. Belo Horizonte: ESP-MG, 2007a, p. 21-32.

_____; ORTEGA, Francisco (orgs.). **Winnicott e seus interlocutores**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007. 389 p.

BIRMAN, Joel. Drogas, performance e psiquiatrização na contemporaneidade. **Ágora**, v. XVII, n. 1, Rio de Janeiro, 2014, p. 23-47. Disponível em: <http://migre.me/wpdB9>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2017.

_____. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 304 p.

_____. **Cartografias do feminino**. São Paulo: Editora 34, 1999. 224 p.

BOOK, Sarah; RANDALL, Carrie. Social anxiety disorder and alcohol use. **National Institute on Alcohol Abuse and Alcoholism**, v. 1, 2002. Disponível em: <http://migre.me/wpdC9>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2017.

BOOLE, Ella. **Give prohibition its chance**. Fleming H. Revell Company, 1929. 190 p.

BOSWELL, Ayres; SPADE, Joan. Fraternities and collegiate rape culture: Why are some fraternities more dangerous places for women? **Gender and society**, v. 10, n. 2, pp. 133-147, 1996. Disponível em: <http://migre.me/wpdCt>. Acesso em: 23 de maio de 2016.

BOTBOL, Michel; EHENBERG, Alain. Depressão, doença da autonomia? Entrevista de Alain Ehenberg a Michel Botbol. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 7, n. 1, Rio de Janeiro, 2004, p. 143-153. Disponível em: <https://goo.gl/eTnmru>. Acesso em: 23 de março de 2018.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004. 170 p.

_____.; HEILBORN, Maria Luísa. A carícia e as palavras: Iniciação sexual no Rio de Janeiro e em Paris. **Novos Estudos CEBRAP**, v. 59, p. 111-135, 2001. Disponível em: <http://migre.me/wpdCW>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2017.

BRAIN, Kevin. **Youth, alcohol and the emergence of the post-modern alcohol order**. Londres: Institute of Alcohol Studies, 2000. 16 p. Disponível em: <http://migre.me/wpdE6>. Acesso em: 16 de maio de 2016.

BRASIL. Presidência da República. **Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas**. Brasília: DF, Ministério da Saúde, 2013.

_____. **Política Nacional Sobre o Álcool**. Brasília: DF, Conselho Nacional Antidrogas, Gabinete de Segurança Institucional, 2005a.

_____. **Política Nacional Sobre Drogas**. Brasília: DF, Conselho Nacional Antidrogas, Gabinete de Segurança Institucional, 2005b.

_____. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: orientação sexual. Brasília: SEF/MEC, 1997.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. Em: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3 ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p.83-112.

BROWN, Rebecca; GREGG, Melissa. The pedagogy of regret: Facebook, binge drinking and young women. **Continuum: Journal of Media and Cultural Studies**, v. 23, n.3, 2012, pp. 1-31. Disponível em: <https://goo.gl/hyVsTj>. Acesso em: 11 de dezembro de 2015.

BROWN, Sandra; GOLDMAN, Mark; INN, Andres; LYNN, Anderson. Expectations of reinforcement from alcohol: their domain and relation to drinking patterns. **Journal of Consulting and Clinical Psychology**, n. 48, p. 419-426, 1980. Disponível em: <http://migre.me/wpdEs>. Acesso em: 21 de outubro de 2016.

BRUCKNER, Pascal. **O paradoxo amoroso: ensaio sobre as metamorfoses da experiência amorosa**. Tradução de Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Difel, 2011. 256 p.

_____. **A euforia perpétua: ensaios sobre o dever de felicidade**. Tradução de Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Difel, 2002. 169 p.

BRUM, Eliane. A lei não é para todos. **El País**, setembro de 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/04/opinion/1504537298_383906.html. Acesso em: 02 de abril de 2018.

_____. É política sim, Geraldo. **El País**, dezembro de 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/07/opinion/1449493768_665059.html. Acesso em: 02 de abril de 2018.

_____. Os novos “vândalos” do Brasil. **El país**, dezembro de 2013. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2013/12/23/opinion/1387799473_348730.html. Acesso em: 02 de abril de 2018.

BUTLER, Judith. ; ATHANASIOU, Athena. **Dispossession: the performative in the political**. Cambridge: Polity Press, 2013. 225 p.

_____. **Undoing gender**. Nova Iorque; Londres: Routledge, 2004. 284 p.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 232 p.

CALLIGARIS, Contardo. **Todos os reis estão nus.** São Paulo: Três Estrelas, 2013. 279 p.

_____. “Cazuza”. **Folha de São Paulo**, 24 de junho de 2004. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2406200417.htm>. Acesso em: 10 de janeiro de 2016.

_____. **A adolescência.** São Paulo: Publifolha, 2000. 83 p.

_____. “Inocência” e as mesas de bar. **Folha de São Paulo**, 14 de dezembro de 2006. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1412200633>. Acesso em: 26 de março de 2018.

CAMPOS, Érico Bruno Viana. **Representação e afeto no segundo modelo tópico e pulsionar freudiano.** 2009. 284 f. Tese (Doutorado em Psicologia)- Universidade de São Paulo- USP: São Paulo, 2009.

CARNEIRO, Henrique. **Bebida, abstinência e temperança na história antiga e moderna.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010. 287 p.

_____. Autonomia ou heteronomia nos estados alterados de consciência. Em: LABATE, Beatriz; FIORE, Maurício; GOULART, Sandra (orgs.). **Drogas e cultura: novas perspectivas.** Salvador: EDUFBA, 2008, p. 65-90.

_____. Economia e embriaguez do século XVI ao XVIII. **Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos- NEIP**, 2006. Disponível em: <http://migre.me/wpdeq>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

_____. **Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas:** Histórias e curiosidades sobre as mais variadas drogas e bebidas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005. 200 p.

_____. Transformações do significado da palavra “droga”: das especiarias coloniais ao proibicionismo contemporâneo. Em: VENÂNCIO, Renato Pinto;

CARNEIRO, Henrique. **Álcool e drogas na história do Brasil**. Editora PUC Minas: São Paulo, 2005, p. 11-28.

_____. **As necessidades humanas e o proibicionismo das drogas no século XX**. São Paulo: IES, 2002, p. 115-128. Disponível em: <http://migre.me/wpdGB>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2016.

_____. A fabricação do vício. **Revista de História da Universidade Federal de Ouro Preto- UFOP**, n. 12, v. 1, p. 9-24, 2001. Disponível em: <http://migre.me/wpdIe>. Acesso em 26 de fevereiro de 2017.

_____. **Filtros, mezinhas e triacas**: as drogas no mundo moderno. São Paulo: Xamã Editora, 1994. 210 p.

CASTAÑEDA, Marina. **O machismo invisível**. Tradução de Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: A Girafa, 2006. 367 p.

CASTIEL, Luis David; SANZ-VALERO, Javier; VASCONCELLOS-SILVA, Paulo Roberto. **Das loucuras da razão ao sexo dos anjos**: biopolítica, hiperprevenção, produtividade científica. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011. 189 p.

_____; GUILAM, Maria Cristina Rodrigues; FERREIRA, Marcos Santos. **Correndo o risco**: uma introdução aos riscos em saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010. 137 p.

_____; DIAZ, Carlos Álvarez-Dardet. **A saúde persecutória**: os limites da responsabilidade. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007. 140 p.

_____. **A medida do possível...** saúde, risco e tecnobiociências. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999. 204 p.

_____. Força e vontade: aspectos teórico-metodológicos do risco em epidemiologia e prevenção do HIV/AIDS. **Revista Saúde Pública**, v. 30, n. 1, p. 91-100, 1996.

CASTRO, Edson Olivari de. The challenges of psychology at work in mental health: issues about drugs. **International Journal of Applied Science and Technology**, v. 3, n.

8, p. 36-43, 2013. Disponível em: <http://migre.me/wGF56>. Acesso em: 10 de março de 2017.

CERVIERI JÚNIOR, Omar; TEIXEIRA JUNIOR, Job Rodrigues; GALINARI, Rangel; RAWER, Eduardo Lederman; SILVEIRA, Carlos Takashi Jardim. O setor de bebidas no Brasil. **Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social Setorial**, v. 40, p. 93-130, 2014.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual: essa nossa (des) conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1984. 234 p.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para a atuação de psicólogas/os em políticas públicas de álcool e outras drogas**. Brasília: CFP, 2013. 88 p.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Adolescência em cartaz: filmes e psicanálise para entendê-la**. Porto Alegre: Artmed, 2018. 403 p.

_____; _____. **A psicanálise na Terra do Nunca: Ensaios sobre a fantasia**. Porto Alegre: Penso, 2011. 382 p.

COSTA, Jurandir Freire. **História da psiquiatria no Brasil: um corte ideológico**. 5 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. 136 p.

_____. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. 242 p.

_____. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1999a. 282 p.

_____. **Razões públicas, emoções privadas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999b. 145 p.

_____. A devoração da esperança no próximo. **Folha de São Paulo**, 22 de setembro de 1996. Disponível em: <https://goo.gl/Gdb4WW>. Acesso em: 23 de março de 2018.

COURTRIGHT, David. A short history of drug policy or Why we make war on some drugs but not on others. **History Commons**, v. 1, n. 1, p. 17-24, 2008. Disponível em: <http://migre.me/wpdNk>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2017.

CROWE, Leif; GEORGE, William Henry. Alcohol and human sexuality: review and integration. **Psychological Bulletin**, v. 105, n. 3, pp. 374-386, 1989. Disponível em: <http://migre.me/wpdPh>. Acesso em: 05 de março de 2016.

DALBOSCO, Carla. **Representações sociais de educadores de escolas públicas sobre situações-problema relacionadas ao uso de álcool e outras drogas**. 2011. 228 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura)- Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília- UNB, Brasília, 2011.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 6ª edição. 351 p.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Railton Sousa Guedes. São Paulo: Coletivo Periferia, 2003. 169 p.

DEMANT, Jakob. When alcohol acts: An actor-network approach to teenagers, alcohol and parties. **Body & Society**, n. 15, v. 1, p. 25-46, 2009. Disponível em: <https://goo.gl/MsN3YK>. Acesso em: 24 de março de 2018.

_____. **Liquid socialities: approaches to youth's alcohol experiences**. 2007. 212 f. Tese (Doutorado em Sociologia)- Departamento de Sociologia da University of Copenhagen, 2007.

_____; OSTERGAARD, Jeanette. Partying as everyday life: Investigations of teenagers' leisure life. **Journal of Youth Studies**, v. 10, n. 5, p. 517-537, 2007. Disponível em: <http://migre.me/wpdQM>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2017.

_____; JÄRVINEN, Margareth. Constructing maturity through alcohol experience: Focus groups with teenagers, **Addiction Research and Theory**, 2006, v. 14, n. 6, p. 589–602. Disponível em: <http://migre.me/wpdRk>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2017.

DENZIN, Norman. **The alcoholic society**: addiction and recovery of the self. Londres, Nova Iorque: Routledge, 2017. 570 p.

DERMEN, Kurt; COOPER, Lynne. Sex-related expectancies among adolescents: Prediction of drinking in social and sexual situations. **Psychology of Addictive Behaviors**, v. 8, n. 3, p. 152-160, 1994. Disponível em: <http://migre.me/wpdRY>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2017.

DOUGLAS, Mary. **Constructive drinking**: perspectives on drink from Anthropology. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. 297 f.

EHENBERG, Alain. **The weariness of the self**: diagnosing the history of depression in the contemporary age. Québec: McGill-Queen's University Press, 2010. 335 p.

_____. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida: Ideias e Letras, 2007. 240 p.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. 277 p.

_____; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Diefel, 1992. 431 p.

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

ENGINEER, Renuka; PHILLIPS, Julian Thompson; NICHOLLS, Jonathan. Drunk and disorderly: a qualitative study of binge drinking among 18- to 24-year-olds. **Home office study 262**, Londres, 2003.

ERIKSEN, Sidsel. Alcohol as a gender symbol. **Scandinavian Journal of History**, n. 24, v. 1, p. 45-73, 1999. Disponível em: <http://migre.me/wpdSS>. Acesso em: 13 de julho de 2016.

ESCOHOTADO, Antonio. **Historia general de las drogas**. Minicaja: Epublibre, 2013. 3115p.

_____. **The general history of drugs**: volume 1. Traduzido do espanhol para o inglês por G. W. Robinette. Valparaiso: Graffiti Militante Press, 2010. 457 p.

FACHINI, Alexandre. **Influência de expectativas e do grupo de pares sobre o comportamento do uso de álcool entre estudantes da área da saúde**: uma perspectiva das diferenças de gênero. 2009. 82 f. Dissertação (Mestrado em Ciências)- Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo- USP, Ribeirão Preto, 2009.

FEDERICI, Silva. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Coletivo Sycorax, 2004. 515 p.

FERNANDES, João Azevedo. **Selvagens bebedeiras**: álcool, embriaguez e contatos culturais no Brasil colonial. 2004. 392 f. Tese (doutorado em História)- Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense- UFF, Niterói, 2004.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. **A invenção do psicológico**: quatro séculos de subjetivação 1500-1900. São Paulo: Editora Escuta, 2007. 184 p.

_____. A metapsicologia do cuidado. **Psyche**, v. 11, n. 21, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://migre.me/wpdU9>. Acesso em: 21 de dezembro de 2015.

_____; SANTI, Pedro Luiz Ribeiro. **Psicologia**: uma (nova) introdução. São Paulo: Educ, 1997. 44 p.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 153 p.

_____. **História da loucura na Idade Clássica**. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978. 608 p.

FIGURE, Maurício. **Uso de drogas: substâncias, sujeitos e eventos**. 2013. 224 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP, Campinas, 2013.

FRANÇA, Cassandra Pereira. **Disfunções sexuais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. 145 p.

FRANÇA, Isadora Lins. **Cercas e pontes: O movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)- Universidade de São Paulo- USP, São Paulo, 2006.

FRANÇA, Vera. “A felicidade ao seu alcance”: que felicidade, e ao alcance de quem, afinal? Em: FREIRE FILHO, João (org.). **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, pp. 213-226.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barnosa. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005. 79 p.

FRANCO, Marielle. **UPP – A redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro**. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Turismo da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu (1921)**. Em: FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 13-113.

_____. **Além do princípio do prazer (1920)**. Em: FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 161-139.

_____. **Projeto para uma psicologia científica**. Em: **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 333-343.

_____. **Escritores criativos e devaneios**. Imago: Rio de Janeiro, vol. IX, p. 149-170, 1987.

_____. Dois verbetes de enciclopédia. Em: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974, vol. XVIII.

_____. O mal-estar na civilização. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. XXI, 1974.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. VII, 129-250, 1972.

FRY, Marie-Louise. Seeking the pleasure zone: understanding young adult's intoxication culture. **Australasian Marketing Journal**, n. 19, p. 65-70, 2011. Disponível em: <https://goo.gl/LaLqmU>. Acesso em: 20 de dezembro de 2015.

FRY, Peter e MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 1983. Coleção Primeiros Passos. 127 p.

GAGNON, Jonh; SIMON, William. Os roteiros e a coordenação da conduta sexual. Em: GAGNON, John. **Uma interpretação do desejo**: ensaio sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 1973, p. 111-149.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à metapsicologia freudiana**, v. 2, A interpretação do sonho, 1900. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. 235 p.

GEORGE, William Henry; GILMORE, Amanda; SAPPENBECK, Cynthia. Balanced Placebo Design: revolutionary impact on addictions research and theory. **Addiction Research and Theory**, v. 20, n. 3, p. 186-203, 2012. Disponível em: <http://migre.me/wpdVZ>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

_____; STONER, Susan. Understanding Acute Alcohol Effects on Sexual Behavior. *Annual Review of Sex Research*, v. 11, p. 92-123, 2000. Disponível em: <http://migre.me/wpdWX>. Acesso em 19 de fevereiro de 2017.

GORDON, Shanlea. **Fear and loathing in the hookup culture**: a study of female engagement in non-relational sex on a university campus. 2013. 170 f. Dissertação (Mestrado em Arte)- Queen's University, Ontario: 2013.

GRIFFIN, Christine; BENGRY-HOWELL, Andrew; HACKLEY, Chris; MISTRAL, Willm; GRIFFIN, Isabelle. "Every time I do it I absolutely annihilate myself": Loss of (self)-consciousness and loss of memory in young people's drinking narratives. **Sociology**, n. 43, v. 3, p. 457-476, 2009. Disponível em: <https://goo.gl/oN9Um2>. Acesso em: 24 de março de 2018.

GUARINELLO, Norberto Luiz. O vinho: uma droga mediterrânea. Em: LABATE, Beatriz; FIORE, Maurício; GOULART, Sandra (orgs.). **Drogas e cultura**: novas perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 189-198.

GUILLEBAUD, Jean-Claude. **A tirania do prazer**. Tradução Maria Helena Kükner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 434 p.

GUIMARÃES, Carlos Magno. Os quilombos, a noite e a aguardente nas Minas coloniais. Em: VENÂNCIO, Renato Pinto; CARNEIRO, Henrique. **Álcool e drogas na história do Brasil**. Editora PUC Minas: São Paulo, 2005, p. 93-122.

GURFINKEL, Decio. **Adições**: paixão e vício. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. Coleção Clínica Psicanalítica. 470 p.

HARISSON, Lyn; KELLY, Peter. 'I don't know anyone that has two drinks a day': young people, alcohol and the government of pleasure. **Health, Risk & Society**, v. 13, n. 5, p. 469-486, 2011. Disponível em: <http://migre.me/wpdZE>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

HEATH, Dwight. **Drinking occasions**: a comparative perspective across cultures. Londres: Brunner-Routledge, 2000. 258 p.

HEILBORN, Maria Luiza; AQUINO, Estela; BOZON, Michel; KNAUTH, Daniela (orgs.). **O aprendizado da sexualidade**: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006. 536 p.

HILLS, Rachel. **The sex myth**: the gap between our fantasies and reality. Nova York: Simon & Schuster Paperbacks, 2015. 245 p.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Tradução de Lino Vallandro e Vidal Serrano. São Paulo: Globo, 2001. 314 p.

ILLOUZ, Eva. **Why love hurts**: a sociological explanation. Cambridge: Polity Press, 2012. 305 p.

_____. **El consumo de la utopía romántica**: el amor y las contradicciones culturales del capitalismo. Tradução de María Victoria Rodil. Buenos Aires: Katz Editores, 2009. 413 p.

JONES, Barry; CORBIN, Will; FROMME, Kim. A review of expectancy theory and alcohol consumption. **Addiction**, n. 96, p. 57-72, 2001. Disponível em: <http://migre.me/wpe0d>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2017.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Educação e homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal. Em: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). **Diversidade sexual e educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2009b. v. 32, p. 367-444 (Coleção Educação para todos).

KEHL, Maria Rita. O espetáculo como meio de subjetivação. **Concinnitas**, v. 1, n. 26, julho de 2015, p. 71-85. Disponível em: <https://goo.gl/Df4afw>. Acesso em: 19 de março de 2018.

_____. **Deslocamentos do feminino**: A mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago, 2009a. 273 p.

_____. **O tempo e o cão**: A atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009b. 290 p.

_____. **A fratria órfã**: Conversas sobre a juventude. São Paulo: Olho d'Água, 2008, 214 p.

_____. Sexualidade recontextualizada. Em: FERREIRA, Sílvia Lúcia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do. (orgs.). **Imagens da mulher na cultura contemporânea**. Salvador: NEIM/UFBA, 2002a, p. 70-87.

_____. O desejo de realidade. Em: Novaes, Adauto (org.) **O desejo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002b, p. 360- 378.

_____. **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002c. 203 p.

KIMMEL, Michael. **Guyland**: the perilous world where boys become men. Understanding the critical years between 16 and 26. Nova Iorque; Londres; Toronto; Sidney: Harper, 2008. 291 p.

_____. **The gender of desire**: essays on male sexuality. Nova Iorque: State University of New York Press, 2005. 289 p.

KINSEY, Alfred; POMEROY, Wardell; MARTIN, Clyde. **Sexual behavior in the human male**. Bloomington: Indiana University Press, 1998. 804 p.

_____; _____; GEBHARD, Paul **Sexual behavior in the human female**. Philadelphia: Saunders, 1953. 842 p.

KONDER, Leandro. Herbert Marcuse. Em: KONDER, Leandro. **Em torno de Marx**, São Paulo: Boitempo, 2010, p. 72-85.

_____. O novo conteúdo político do direito ao prazer. Em: KONDER, Leandro. **O marxismo na batalha das ideias**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 137-145.

KRAFT-EBING, Richard von. **Psycopathia sexualis**. Paris: Georges Carré Editeur, 1985.

LACOMBE, Andrea. **“Pra homem já tô eu”**: Masculinidade e socialização lésbica em um bar no centro do Rio de Janeiro. 2005. 106 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)- Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.

LACQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. 158 p.

LAMB, Sharon. The hard work of pleasure. Em: ALLEN, Louisa; RASMUSSEN, Mary Lou; QUINLIVAN, Kathleen (eds.). **The politics of pleasure in sexuality education**: pleasure bound. Nova Yorque: Taylor & Francis, 2014, p. 136-152.

LANG; Alan; GOECKNER, Daniel; ADESSO, Vincent; MARLATT, Alan. Effects of alcohol aggression in male social drinkers. **Journal of Abnormal Psychology**, v. 84, n. 1, p. 294-299. Disponível em: <http://migre.me/wpe0Y>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

LARANJEIRA, Ronaldo (org.). **II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas** - consumo de álcool no Brasil: tendências entre 2006/2012. São Paulo: INPAD, 2013. 85 p.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo**: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Tradução de Ernani Pavanelli. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1983. 320 p.

LINDGREN, Kristen; PANTALONE, David; LEWIS, Melissa; GEORGE, William. College students' perceptions about alcohol and consensual sexual behavior: Alcohol leads to sex. **Journal of Drugs and Education**, v. 39, n. 1, p. 1-21, 2009. Disponível em: <http://migre.me/wpe1s>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2017.

LINS, Letícia Alves. **Cerveja, mulher, diversão**: representações e diálogos nas propagandas de cerveja brasileiras. 2004. 164 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

LIOTO, Mariana. **Felicidade engarrafada**: bebidas alcoólicas em músicas sertanejas. 2012. 118 f. Dissertação (Mestrado em Letras)- Universidade Estadual do Oeste do Paraná- UEOP, Cascavel, 2012.

LOECK, Jardel Fischer. **A dependência química e seus cuidados**: antropologia de políticas públicas e de experiências de indivíduos em situação terapêutica na cidade de Porto Alegre, RS. 2014. 285 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. Em: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas (Coleção Educação para Todos). Brasília: MEC; SECAD; UNESCO, 2009, p. 85-94.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997. 184 p.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Digital Source, 1998.

MACANDREW, Craig; EDGERTON, Robert B. **Drunken comportment**: a social explanation. Nova Iorque: Percheron Press, 2003. 197 p.

MACDONALD, Marion. **Gender, drink and drugs**: cross-cultural perspectives on women. Oxford: Berg, 1994. 267 p.

MACHADO, Ana Regina; MIRANDA, Paulo Sérgio Carneiro. Fragmentos da história de atenção à saúde para usuários de álcool e outras drogas no Brasil: da Justiça à Saúde Pública. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 801-821, 2007.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. Educação sexual: princípios para a ação. **Doxa**, v. 15, n. 1, p. 75-84, 2011. Disponível em: <http://migre.me/wpe3f>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

_____; Processos de educação e repressão sexual. Em: MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; MAIA, Ari Fernando (orgs.). **Sexualidade e infância**. Bauru: Faculdade de Ciências. Brasília: MEC/SEF, 2005, n.1. (Cadernos Cecemca).

MANDELBAUM, David. Alcohol and culture. **Current Anthropology**, n. 6, v. 3, p. 281-293, 1965. Disponível em: <http://migre.me/wpe4b>. Acesso em 20 de dezembro de 2015.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. 332 p.

MARLATT, Alan; DEMMING, Barbara; REID, John. Loss of control drinking in alcoholics: na experimental analogue. **Journal of Abnormal Psychology**, n. 81, v. 1, p. 233-341. Disponível em: <http://migre.me/wpe58>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

MASTERS; William; JOHNSON, Virginia. **A resposta sexual humana**. São Paulo: Roca, 1984.

_____; _____. **A conduta sexual humana**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1981.

MATÉ, Gabor. **In the realm of hungry ghosts**: close encounters with addiction. Toronto: Vintage Canada, 2013, 180 p.

MATTER, Michelle. Beer comerciais: A contradiction in communication. **Midwest Journal of Undergraduate Research**, v. 1, n. 1., p. 41-64, 2013. Disponível em: <http://migre.me/wpe5x>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2017.

MCGIRR, Lisa. **The war on alcohol**: prohibition and the rise of the american state. Nova Iorque; Londres: W.W. Norton & Company, 2016. 197 p.

MEASHAM, Fiona. A history of intoxication: changing attitudes to drunkenness and excess in the United Kingdom. Em: MARTINIC, Marjana; MEASHAM, Fiona (eds.). **Swimming with crocodiles**: extreme drinking and young people. New York, London: Routledge, 2005, p. 13-36.

_____. The decline of ecstasy, the rise of 'binge' drinking and the persitence of pleasure. **The Journal of Community and Criminal Justice**, v. 51, n. 4. p. 309-226, 2004. Disponível em: <http://migre.me/wpe5X>. Acesso em: 16 de janeiro de 2016.

MELLO, Pedro Paulo Thiago de Mello. **Pendura essa**: a complexa etiqueta na relação de reciprocidade em um botequim do Rio de Janeiro. 2003. 117 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)- Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política, Universidade Federal Fluminense- UFF, Niterói, 2003.

MESQUITA, Afonso Mancuso de. **A formação psicológica de valores morais no contexto da socialidade competitiva e individualista na educação**: apontamentos para a atividade pedagógica. 2018. 177 f. Tese (Doutorado em Educação)- Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Marília: 2018.

_____. A atualidade da educação dos valores na escola: educação para a liberdade. Em: MESQUITA, Afonso Mancuso de; FANTIN, Fernanda Carneiro Bechara; ASBHAR, Flávia Ferreira da Silva (orgs.). **Currículo Comum para o Ensino Fundamental Municipal**. Bauru: Prefeitura Municipal de Bauru, 2016, p. 361-384.

MENTAL HEALTH FOUNDATION. **Cheers? Understanding the relationship between alcohol and mental health**. Mental Health Foundation: London, 2006. 42 p.

MEYER, Dagmar E. Estermann; MELLO, Débora; VALADÃO, Mariana; AYRES, José Ricardo. “Você aprende. A gente ensina?”: interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 2011, n.6.

_____. KLEIN, Carin; ANDRADE, Sandra dos Santos. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 219-239, 2007. Disponível em: <http://migre.me/wpe74>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2017.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 80 p.

_____; PELÚCIO, Larissa. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro: CLAM-UERJ, n. 1, p. 25-157, 2009. Disponível em: <https://goo.gl/a3cvuz>. Acesso em: 20 de março de 2018.

_____. O corte da sexualidade – a emergência do dispositivo de sexualidade no Brasil, São Carlos: 2008. Disponível em: <https://goo.gl/oJdc1r>. Acesso em: 20 de março de 2018.

_____; ASSIS, Júlio Simões de. Apresentação ao Dossiê: Sexualidades Disparatadas. **Cadernos Pagu**, n. 28, Campinas, 2007, p. 9-16. Disponível em: <https://goo.gl/zQHARI>. Acesso em: 23 de março de 2018.

MONTARDO, Jorge Luiz Vargas. **Do pecado ao perigo: discursos sobre educação sexual para adolescentes brasileiros no século XX**. 2008. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências)- Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul- UNIJUÍ, Ijuí, 2008.

MULLEN, Keneth; WATSON, Jonathan; SWIFT, Jan; BLACK, David. Young men, masculinity and alcohol. **Drugs: Education, Prevention and Policy**, n. 14, v. 2, pp. 151-165, abril de 2007. Disponível em: <http://migre.me/wpe7K>. Acesso em: 12 de dezembro de 2015.

MURDOCK, Catherine Gilbert. **Domesticating drink: women, men, and alcohol in America, 1870 – 1940**. Baltimore, Londres: The John Hopkins University Press, 1998. 171 p.

NASIO, Juan-David. **Meu corpo e suas imagens**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 183 p.

_____. **A fantasia: o prazer de ler Lacan**. Tradução de André Telles e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. 103 p.

_____. **O livro da dor e do amor**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. 220 p.

NILAND, Patricia; LYONS, Antonia; GOODWIN, Ian; HUTTON, Fiona. “Everyone can loosen up and get a bit of buzz on”: Young adults, alcohol and friendship practices. **International Journal of Drug Policy**, v. 24, n. 1, p. 530-537, 2013.

OBOT, Isidore; ROOM, Robin. **Alcohol, gender and drinking problems**: perspectives from low and middle income countries. World Health Organization: Department of Mental Health and Substance Abuse, Geneva, 2005. 241 p.

O'MALLEY, Pat; VALVERDE, Mariana. Pleasure, freedom and drugs: the uses of "pleasure" in liberal governance of drug and alcohol consumption. **Sociology**, v. 38, n. 1, p. 25-42, 2004. Disponível em: <http://migre.me/wpe8T>. Acesso em: 14 de dezembro de 2015.

PAIVA, Vera. **Fazendo arte com camisinha**: sexualidades jovens em tempos de aids. São Paulo: Summus, 2000. 310 p.

PASTANA, Marcela. Por que precisamos do debate sobre gênero nas escolas? Em: PELÚCIO, Larissa; CARDOSO, Clodoaldo Meneguello (orgs.). **Diversidade, acessibilidade e direitos**: diálogos com a comunicação. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017, p. 77-92.

_____. Sexualidade e gênero: 13 razões para falar sobre. **Psibr**, março de 2017. Disponível em: <https://psibr.com.br/colunas/sexualidade-e-genero/marcela-pastana/sexualidade-e-genero-13-razoes-para-falar-sobre>. Acesso em: 02 de abril de 2018.

_____. Sexualidade, gênero e materiais educativos: sugestões para projetos com adolescentes. **Psibr**, fevereiro de 2017. Disponível em: <https://psibr.com.br/colunas/sexualidade-e-genero/marcela-pastana/sexualidade-genero-e-materiais-educativos-sugestoes-para-projetos-com-adolescentes>. Acesso em: 02 de abril de 2018.

_____. É só uma fase? **Psibr**, setembro de 2016. Disponível em: <https://psibr.com.br/colunas/sexualidade-e-genero/marcela-pastana/e-so-uma-fase>. Acesso em: 02 de abril de 2018.

_____. "As pessoas duvidam muito que adolescentes são capazes de ter ideias próprias": inquietações sobre as gritantes diferenças entre educação e cativo. **Psibr**, agosto de 2016. Disponível em: <https://psibr.com.br/colunas/sexualidade-e-genero/marcela-pastana/escola-sem-partido>. Acesso em: 02 de abril de 2018.

_____. “Ninguém pode ouvir você!” – Sobre a importância da escuta em situações de violência. **Psibr**, maio de 2016. Disponível em: <https://psibr.com.br/colunas/sexualidade-e-genero/marcela-pastana/sobre-a-importancia-da-escuta-em-situacoes-de-violencia>. Acesso em: 02 de abril de 2018.

_____. Sobre desejos e desafios. **Psibr**, fevereiro de 2016. Disponível em: <https://psibr.com.br/colunas/sexualidade-e-genero/marcela-pastana/sobre-desejos-e-desafios>. Acesso em: 02 de abril de 2018.

_____; SPOSITO, Sandra Elena. Sexualidade e questões de gênero. Em: MESQUITA, Afonso Mancuso de; FANTIN, Fernanda Carneiro Bechara; ASBHAR, Flávia Ferreira da Silva (orgs.). **Currículo Comum para o Ensino Fundamental Municipal**. Bauru: Prefeitura Municipal de Bauru, 2016, p. 295- 313.

_____. **Muito prazer?** Discussões sobre sexualidade, gênero e educação sexual a partir da análise de revistas femininas e masculinas. 2014. 552 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar)- Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- UNESP, Araraquara, 2014.

PIACENTINI, Maria; BANISTER, Emma. Getting hammered? . . . students coping with alcohol. **Journal of Consumer Behaviour**, n. 5, p. 145-156, 2006. Disponível em: <https://goo.gl/57y6DB>. Acesso em: 24 de março de 2018.

PERALTA, Robert. “Alcohol allows you to not be yourself”: toward a structured understanding of alcohol use and gender difference among gay, lesbian, and heterosexual youth. **Journal of Drug Issues**, v. 38, n. 2, pp. 373-399, 2008. Disponível em: <http://migre.me/wpe9m>. Acesso em: 21 de dezembro de 2015.

PEREIRA, Patrícia Cristine; PASTANA, Marcela; MEIRA, Marisa Eugênia Mellilo; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Educação sexual para adolescentes: problematizando preconceitos e estereótipos através da pedagogia histórico-crítica. Em: **Livro de resumos do Congresso Internacional de Sexualidade e Educação Sexual**, Coimbra: Edições ESEC. Escola Superior de Educação- Instituto Politécnico de Coimbra, 2010. v. 1. p. 182-184.

PERLONGHER, Néstor. **Droga e êxtase**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1991. 20 p.

_____. **O que é aids**. São Paulo: Brasiliense, 1987. Coleção Primeiros Passos. 96 p.

PETUCO, Dênis Roberto da Silva. A produção social do usuário de crack: Desconstruindo o monstro. Em: Conselho Federal de Psicologia. **Drogas e cidadania: Em debate**. Brasília: CFP, 2012, p. 19-28.

_____. **Entre imagens e palavras: o discurso de uma campanha de prevenção ao crack**. 2011. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba- UFPA, João Pessoa, 2011.

PHILLIPS, Lynn. **Flirting with danger**: young women's reflections on sexuality and domination. Nova Iorque; Londres: New York University Press, 2000. 255 p.

PINSKY, Ilana. **Publicidade de bebidas alcoólicas e os jovens**. São Paulo: 2009. 64 p.

PRECIADO, Beatriz. **Testo yonqui**, Madrid: Espasa Calpe, 2009. 328 p.

PYÖRÄLÄ, Eeva. Comparing drinking cultures: Finnish and Spanish drinking stories in interviews with young adults. **Acta Sociologica**, v. 38, p. 217-229, 1995. Disponível em: <http://migre.me/wpe9W>. Acesso em: 20 de abril de 2016.

RAGO, Margareth. Os feminismos no Brasil: dos anos de chumbo à era global. **Labrys**, n. 3, janeiro/ julho 2003. Disponível em: <https://goo.gl/e2ZNez>. Acesso em: 23 de setembro de 2015.

RAMINELLI, Ronaldo. Da etiqueta canibal: beber antes de comer. Em: Venâncio, Renato Pinto; Carneiro, Henrique. **Álcool e drogas na história do Brasil**. Editora PUC Minas: São Paulo, 2005, p. 29-46.

REICH, Wilhem. **A função do orgasmo**: problemas econômico-sexuais da energia biológica. Tradução de Maria da Glória Novak. São Paulo: Editora Brasiliense, 1975. 199 p.

REID, Julia; ELLIOT, Sinikka; WEBBER, Gretchen. Casual hookups do formal dates: Refining the boundaries of the sexual double standard. **Gender & Society**, v. 25, n. 25,

p. 545-568, 2011. Disponível em: <http://migre.me/wpeaF>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2017.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da educação sexual no Brasil. Em: FIGUEIRÓ, Mary Neyde Damico (org.). **Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns**. Londrina: UEL, 2009, p. 129-140.

RIBEIRO, Tiago Magalhães. **Do “você não pode” ao “você não quer”**: a emergência da prevenção às drogas na Educação. 2010. 194 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade do Vale do Rio dos Sinos- UNISINOS, São Leopoldo, 2010.

RODRIGUES, Gelberton Vieira. **Investigando resistências à educação sexual**: considerações psicanalíticas e queer a partir de escritos de Deborah Britzman. 2017. 195 f. Mestrado (Educação Sexual)- Universidade Estadual Paulista – UNESP, Araraquara: 2017.

ROLANDO, Sara; BECCARIA, Franca; TIGERSTEDT, Christoffer; TÖRRÖNEN, Jukka. First drink: What does it mean? The alcohol socialization process in different drinking cultures. **Drugs: education, prevention and policy**, v. 19, n. 3, pp. 201-212, junho de 2012. Disponível em: <http://migre.me/wpebp>. Acesso em: 14 de dezembro de 2015.

ROOM, Robin. Dependence and society. **British Journal of Addiction**, n. 80, v. 2, p.133-139, 1985. Disponível em: <http://migre.me/wpecq>. Acesso em: 26 de setembro de 2016.

_____. Alcohol as an instrument of intimate domination. **Society for the study of social problems**, Nova York, 1980. Disponível em: <https://www.robinroom.net/Intimate.pdf>. Acesso em: 19 de março de 2018.

ROSE, Kenneth. **American women and the repeal of prohibition**. Nova York: New York University Press, 1996. 149 p.

ROTTERDAN, Erasmo. **Elogio da loucura**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 219 p.

ROTSKOFF, Lori. **Love on the rocks: men, women and alcohol in post-world war II America**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2002. 247p.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 888 p.

RUBIN, Gayle. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. Em: VANCE, Carol (org.), **Pleasure and danger: exploring female sexuality**. Boston: Routledge & Kegan Paul, 1984, p. 267-319.

RÚDÓLFSDÓTTIR, Annadís; MORGAN, Philippa. “Alcohol is my friend”: Young middle class women discuss their relationship with alcohol. **Journal of Community & Applied Social Psychology**, v. 19, n. 6, p. 492-505, 2009. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/casp.999>. Acesso em: 12 de dezembro de 2015.

RUI, Taniele Cristina; LABATE, Beatriz Caiuby. Psicoativos, culturas e controles: contribuições da antropologia ao debate público no Brasil. Em: LABATE, Beatriz Caiuby; POLICARPO, Frederico; GOULART, Sandra Lucia e Rosa, Plabo (orgs.). **Drogas, políticas públicas e consumidores**. Campinas: Mercado das Letras, São Paulo: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP), 2016, p. 37-64.

_____. **Corpos abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack**. 2012. 355 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Campinas- UNICAMP, Campinas, 2012.

_____. **Uso de “drogas”, marcadores sociais e corporalidades: uma perspectiva comparada**. 2007. 161 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

RUSSO, Jane. A terceira onda sexológica: medicina sexual e farmacologização da sexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 14, v.2, p. 172-194, 2013. Disponível em: <https://goo.gl/BLpeBk>. Acesso em: 24 de março de 2017.

_____ ; ROHDEN, Fabíola. **Sexualidade, ciência e profissão no Brasil**. Rio de Janeiro: CEPESC, 2011. 160 p.

SABSAY, Leticia. **The political imaginary of sexual freedom: subjectivity and power in the new sexual democratic turn**. Londres: The Palgrave Macmillan, 2016. 281 p.

SAFATLE, Vladimir. **Repensar a liberdade depois do inconsciente**. Conferência ministrada ao programa Café Filosófico. Campinas, CPFL Cultura, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=103DjF1pDMg>. Acesso em: 30 de junho de 2018.

_____. Somos livres quando somos capazes de nos abrir ao que não controlamos? **Folha de São Paulo**, 27 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://goo.gl/tRb31n>. Acesso em: 20 de março de 2018.

_____. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. 403p.

_____ ; KEHL, Maria Rita. **Afeto, psicanálise e política**. Conferência ministrada no programa Café Filosófico. Campinas, CPFL Cultura, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gn4A-6pps5k>. Acesso em: 30 de junho de 2018.

_____. **Por um colapso do indivíduo e de seus afetos**. Conferência ministrada no programa Café Filosófico. Campinas: CPFL Cultura, 2015. Disponível em: <http://www.institutocpfl.org.br/play/por-um-colapso-do-individuo-e-de-seus-afetos-com-vladimir-safatle-versao-na-integra/>. Acesso em: 30 de maio de 2018.

_____. **Erotismo, sexualidade e gênero**. Curso ministrado no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. USP: São Paulo, 2014. 108 p. Disponível em: <https://goo.gl/ySL3za>. Acesso em: 20 de março de 2018.

_____. **Falar de si mesmo ali onde não há si mesmo**. Conferência ministrada no programa Café Filosófico. Campinas: CPFL Cultura, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UXAFOeuRMWI>. Acesso em: 30 de junho de 2018.

_____. **Grande hotel abismo: por uma reconstrução da teoria do reconhecimento**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012. 338 p.

_____. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008. 204 p.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Uma história da construção do direito à felicidade no Brasil. Em: FREIRE FILHO, João (org.). **Ser feliz hoje**: reflexões sobre o imperativo de felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 181-194.

SANTOS, Fernando Sergio Dumas Dos. **Alcoolismo**: a invenção de uma doença. 1995. 179 f. Dissertação (Mestrado em História)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP, Campinas, 1995.

SAROLDI, Nina. **Mal-estar na civilização**: as obrigações do desejo na era da globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. 304 p.

SARTORIOUS, Norman. The cultural contexts of pleasure. Em: PELE, Stanton; GRANT, Marcus (eds.). **Alcohol and pleasure**: A health perspective. Ann Arbor: Taylor & Francis, 1999, pp. 49-53.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Cristina Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. **Educação & Realidade**, v. 20, n.2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <http://migre.me/wpee5>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

SPARGO, Tansin. **Foucault e a teoria queer**. Tradução de Vladimir Freire. Rio de Janeiro: Pazulin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006. 67 p.

SEGAL, Lynne. **Rethinking the politics of pleasure**. Los Angeles: University of California Press, 1994. 365 p.

SENA, Tito. **Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite**: as sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas. 2007. 311 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas)- Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC, Florianópolis: 2007.

SILVA, Márcio Magalhães da. **A sexualidade como tema pedagógico**: análise das propostas do MEC e da UNESCO para a inserção do tema nas escolas. 2013. 203 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista – UNESP: Araraquara, 2013.

SIMÕES, Júlio de Assis. Prefácio do livro Drogas e cultura: novas perspectivas. Em: LABATE, Beatriz; FIORE, Maurício; GOULART, Sandra (orgs.). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 13-22.

SOUSA FILHO, Alípio de. Sexualidade e política: maio de 68 e depois. **Anais do Evento 40 anos de Maio de 68: rupturas e continuidades**, Trabalho Completo, 2011.

SPOSITO, Sandra Elena. **Homossexualidades nas pesquisas em pós-graduação em psicologia: da despatologização à luta por direitos**. 2015. 209 f. Tese (Doutorado em Psicologia)- Universidade Estadual Paulista- UNESP, Assis: 2015.

SZMIGIN, Isabelle. Re-framing “binge-drinking” as calculated hedonism: empirical evidence from the UK. **International Journal of Drugs Policy**, n. 19, v.5, p. 359-366, 2008. Disponível em: <http://migre.me/wpefY>. Acesso em: 17 de dezembro de 2015.

SZTUTMAN, Renato. Cauim, substância e efeito: sobre o consumo de bebidas fermentadas entre os ameríndios. Em: LABATE, Beatriz; FIORE, Maurício; GOULART, Sandra (orgs.). **Drogas e cultura: novas perspectivas**. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 219-250.

_____. **De outros caxiris: festa, embriaguez e comunicação na Amazônia indígena**. 2000. 267 f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social)- Programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo- USP, São Paulo, 2006.

THE SOCIAL ISSUES RESEARCH CENTRE. **Social and cultural aspects of drinking: a report to the European Commission**. The Social Issues Research Centre: Oxford, 1998. 105 p. Disponível em: <http://migre.me/wpeh2>. Acesso em: 20 de dezembro de 2015.

TINSLEY, Matthew; HENDRICKX, Sarah. **Asperger syndrome & alcohol: drinking to cope?** Temple Grandin: London, 2008. 144 p.

TOLMAN, Deborah. **Dilemmas of desire: Teenage girls talk about sexuality**. Cambridge; Londres: Harvard University Press, 2005. 251 p.

TRYGGVESSON, Kalle. The Role of Alcohol in the Construction of a ‘Good’ Victim — The Attribution of Blame to Male Victims of Violence. **International Review of**

Victimology, v. 15, n. 1, 2008. Disponível em: <http://migre.me/wpehL>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2017.

_____. **Freedom in a bottle: Young Sweden on rationales and norms for drunken behaviour**. 2005. 75f. Tese (Doutorado em Criminologia)- Department of Criminology, Centre for Social Research on Alcohol and Drugs, University of Stockholm: Estocolmo, 2005. Disponível em: <http://migre.me/wpeig>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2016.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2010. 323 p.

TUTENGES, Sébastien; ROD, Morten Hulvej. “We got incredibly drunk . . . it was damned fun”: Drinking stories among Danish youth. **Journal of Youth Studies**, n. 12, p. 355-370, 2009. Disponível em: <http://migre.me/wpeiD>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2016.

VALVERDE, Mariana. **Diseases of the will**: alcohol and the dilemmas of freedom. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. 251 p.

VANCE, Carol. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. **Physys – Revista de Saúde Coletiva**, v. 5, n. 1, p. 7-31, 1995. Disponível em: <http://migre.me/wpekK>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

_____. Social construction theory: problems in the history of sexuality. Em: NIEKERK, A. van Kooten; MEER, Van Der (eds.). **Homosexuality, which homosexuality?** Amsterdam: An Dekker, 1989, p. 13-34.

_____. Pleasure and danger: towards a politics of sexuality. Em: VANCE, Carol (org.) **Pleasure and danger**: exploring female sexuality. Boston: Routledge & Kegan Paul, 1984, pp. 1-27.

VANDER VEN, Thomas. **Getting wasted**: why college students drink too much and party so hard. Nova Iorque: New York University Press, 2011. 215 p.

VARGAS, Eduardo Viana. **Entre a extensão e a intensidade**: corporalidade, subjetivação e uso de “drogas”. 2001. 623 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia e Política)- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG, Belo Horizonte, 2001.

VELHO, Gilberto. **Nobres e anjos**: um estudo de tóxicos e hierarquias. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. 214 p.

VERZTMAN, Julio. Embaraço, humilhação e transparência psíquica: o tímido e sua dependência do olhar. **Ágora**, v. XVIII, número especial, Rio de Janeiro:2014. Disponível em: <http://migre.me/wpeja>. Acesso em: 04 de junho de 2018.

VIVEIRO DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2002. 264 p.

WADE, Lisa. **American hookup**: the new culture of sex on campus. Nova Iorque: W.W. Norton & Company, Inc, 2014, 248 p.

_____ ; HELDMAN, Caroline. Hooking up and opting out: negotiating sex in the first year of college. Em: CARPENTER, Laura; DELAMATER, John. **Sex for life**: from virginity to Viagra, how sexuality changes throughout our lives. New York University Press: New York, 2012, pp. 128-145.

WEEKS, Jeffrey. **Invented moralities**: sexual values in an age of uncertainty. Cambridge: Polity Press, 2013. 209 p.

_____. **The languages of sexuality**. Nova Iorque: Routledge, 2011. 362 p.

_____. O corpo e a sexualidade. Em: LOURO, Guacira (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3 ed. Belo Horizonte; Autêntica, 2010. p. 35-82.

WILSNACK, Richard; WILSNACK, Sharon; OBOT, Isidore. Why study gender, alcohol and culture? Em: OBOT, Isidore; ROOM, Robin (eds.). **Alcohol, gender and drinking problems: perspectives from low and middle income countries**. World Health Organization, Department of Mental Health and Substance Abuse, WHO press: Geneva, 2005, p. 1-24.

WILSON, Terence; ABRAM, David. Effects of alcohol on social anxiety and physiological arousal: cognitive versus pharmacological processes. **Cognitive Therapy and Research**, v. 1, n.1, p.195-2010. Disponível em: <http://migre.me/wpeja>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

_____ ; LAWSON, David. Expectancies, alcohol and sexual arousal in male social drinkers. **Journal of Abnormal Psychology**, v. 85, n. 1, p. 587-594, 1973. Disponível em: <http://migre.me/wpeks>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2017.

WINNICOTT, Donald. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. 244 p.

WOLF, Naomi. **Vagina: uma biografia**. Rio de Janeiro: Geração, 2012. 334 p.

_____. **Promiscuidades: a luta secreta para ser mulher**. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 348 p.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global status report on alcohol and health**. Geneva: WHO, 2014. 392 p.

_____. **Gender, culture and alcohol problems: a multi-national study**. Berlim: Institute for Medical Informatics, Biometrics & Epidemiology, 2005. 341 p.

ZANELLA, Eduardo. **Proibido pra chato: etnografia sobre o consumo de bebidas alcoólicas em um “bar de bairro”**. 2010. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais)- Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS, Porto Alegre, 2010.

ZINBERG, Norman. **Drug, set and setting: the basis for controlled intoxicant use**. New Haven: Yale University Press. 176 p.

ZIRBEL, Ilze. **Uma teoria político-feminista do cuidado**. 2016. 260 f. Tese (Doutorado em Filosofia)- Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis: 2016.

ZIZEK, Slavoj. **Como ler Lacan**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 157 p.

Materiais educativos analisados

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE – SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE. DEPARTAMENTO DE DST, AIDS E HEPATITES VIRAIS. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Álcool e outras drogas: adolescentes e jovens para a educação entre pares – Saúde e Prevenção nas Escolas.** Brasília: Presidência da República, Ministério da Saúde, 2010a. 59 p.

_____. **Adolescências, juventudes e participação:** adolescentes e jovens para a educação entre pares – Saúde e Prevenção nas Escolas. Brasília: Presidência da República, Ministério da Saúde, 2010b. 64 p.

_____. **Diversidades sexuais:** adolescentes e jovens para a educação entre pares – Saúde e Prevenção nas Escolas. Brasília: Presidência da República, Ministério da Saúde, 2010c. 57 p.

_____. **Gêneros:** adolescentes e jovens para a educação entre pares – Saúde e Prevenção nas Escolas. Brasília: Presidência da República, Ministério da Saúde, 2010d. 81 p.

_____. **Prevenção das DST, HIV e Aids:** adolescentes e jovens para a educação entre pares – Saúde e Prevenção nas Escolas. Brasília: Presidência da República, Ministério da Saúde, 2010e. 82 p.

_____. **Raças e etnias:** adolescentes e jovens para a educação entre pares – Saúde e Prevenção nas Escolas. Brasília: Presidência da República, Ministério da Saúde, 2010f. 84 p.

_____. **Sexualidades e Saúde Reprodutiva:** adolescentes e jovens para a educação entre pares – Saúde e Prevenção nas Escolas. Brasília: Presidência da República, Ministério da Saúde, 2010g. 67 p.

_____. **Saúde e prevenção nas escolas:** guia para a formação de profissionais de saúde e de educação – Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. 149 p.

BRASIL. MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E DA CIDADANIA. SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICAS SOBRE DROGAS (SENAD). O uso de substâncias psicoativas no Brasil: módulo 1. **SUPERA**: Sistema para detecção do Uso abusivo e dependência de substâncias Psicoativas: encaminhamento, intervenção breve, reinserção social e acompanhamento. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2017a. 146 p.

_____. Efeitos de substâncias psicoativas: módulo 2. **SUPERA**: Sistema para detecção do Uso abusivo e dependência de substâncias Psicoativas: encaminhamento, intervenção breve, reinserção social e acompanhamento. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2017b. 146 p.

_____. Detecção do uso e diagnóstico da dependência de substâncias psicoativas: módulo 3. **SUPERA**: Sistema para detecção do Uso abusivo e dependência de substâncias Psicoativas: encaminhamento, intervenção breve, reinserção social e acompanhamento. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2017c. 70 p.

_____. Intervenção breve: módulo 4. **SUPERA**: Sistema para detecção do Uso abusivo e dependência de substâncias Psicoativas: encaminhamento, intervenção breve, reinserção social e acompanhamento. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2017d. 118 p.

_____. Atenção integral na rede de saúde: módulo 5. **SUPERA**: Sistema para detecção do Uso abusivo e dependência de substâncias Psicoativas: encaminhamento, intervenção breve, reinserção social e acompanhamento. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2017e. 110 p.

_____. Modalidades de tratamento e encaminhamento: módulo 6. **SUPERA**: Sistema para detecção do Uso abusivo e dependência de substâncias Psicoativas: encaminhamento, intervenção breve, reinserção social e acompanhamento. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2017f. 144 p.

_____. O Sistema Único de Assistência Social e as Redes Comunitárias: módulo 7. **SUPERA**: Sistema para detecção do Uso abusivo e dependência de substâncias Psicoativas: encaminhamento, intervenção breve, reinserção social e acompanhamento. Brasília: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, 2017g. 148 p.

_____. Ministério da Educação. **Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas**. 6 ed. Brasília: Ministério da Justiça, 2014. 272 p.

_____. **Drogas: cartilha álcool e jovens** – (Série Por Dentro do Assunto). Brasília: Presidência da República, Secretaria Nacional Antidrogas, 2011a. 40 p.

_____. **Drogas: cartilha para educadores** – (Série por Dentro do Assunto). Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas, 2011b. 48 p.

POLÍCIA MILITAR. Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência. **Programa Educacional de Resistência às Drogas – Proerd: caindo na real**. Título original: D.A.R.E keeping it REAL Elementary Curriculum. Minas Gerais: Centro de Treinamento DARE/Proerd, 2015. 56 p.

PROMUNDO; SALUD & GÉNERO, ECOS, INSTITUTO PAPAI, WORLD EDUCATION.

_____. **Trabalhando com mulheres jovens**: empoderamento, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: Promundo, 2008. 146 p.

_____. **Razões e emoções**: trabalhando com homens jovens. Rio de Janeiro: Promundo, 2001a. 82 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Centro de Ciências da Saúde. Curso de atualização em álcool e outras drogas, da coerção à coesão.

_____. **Álcool e sociedade**: módulo 1. Florianópolis: Departamento de Saúde Pública, UFSC: 2014 a, 63 p.

_____. **Políticas de saúde mental e direitos humanos**: módulo 2. Florianópolis: Departamento de Saúde Pública, UFSC: 2014b, 95 p.

_____. **Atenção psicossocial e cuidado**: módulo 3. Florianópolis: Departamento de Saúde Pública, UFSC: 2014c, 97 p.

Capítulo 1 – Entre controles e descontroles

Trechos originais dos trechos citados.

(1) “Just as muscles that have degenerated through inactivity can only be built up by their own action, not by medicine, so too the cure for the diseases of the will has always been thought to lie in exercising the will itself (...)” (VALVERDE, 1998, p. 33).

(2) “(...) it can be argued that both the idea of addiction and the existential experience of loss of control to which the idea refers are historical creations of a particular epoch, reflecting a particular organization of the society. (...) the idea of a disease entity marked by a loss of control over behavior and thus over one’s life, first worked out for alcohol, has been applied in many contexts, at both lay and professional levels” (ROOM, 1985, p. 5).

(3) “The most popular, effective and well-known dry organization of Victorian American was neither the Prohibition Party nor the Anti-Saloon League but rather a women’s group founded in November 1874. (...) the Woman’s Christian Temperance Union dominated the temperance movement, bringing fresh ideas, new adherents, and a compelling sense of purpose to the cause.

As an issue, alcohol, more than (...) any other single cause, effected American women’s politicization. In campaigns for personal abstinence and restricted alcohol sales, dry activists confronted the restrictions placed upon women in politics, in public activities, and in the law” (MURDOCK, 1998, p. 20).

(4) “This idea, that woman was endowed with unique moral qualities and the application of her moral goodness could produce a decisive influence from within the domestic realm, put a premium on womanly responsibilities that included the maintenance of a temperate home environment. The temperate home quickly became the cornerstone of home protection” (ROSE, 1996, p. 18).

(5) “(...) the role of sober and controlling woman was desirable enough as long as it was exercised in a domestic context, but it was viewed with other eyes if it was practiced in public. (...) It was tempting to interpret the resistance as showing that it was considered nice to have the women in the movement, so long as they practised their temperance in

the home, assumed the blame when the men failed, and did not draw the political – or marital – consequences of male weaknesses. (...) However, a logical consequence of making temperance into a female concern was that the female temperance movement became a critique of male culture. (...) The female temperance movement actually bore the seeds of a militant feminism” (ERIKSEN, 2010, p. 55-56).

(6) “A partir de la década de 1920, cuando la industria publicitaria deja de dedicarse a ofrecer información sobre los productos y comienza a preocuparse por vincularlos con bienes intangibles como la felicidad (...) Su potencial no yace en el control rígido y sistematizado de la consciencia, sino en la articulación de significados que enlazan los deseos de los consumidores con las fuerzas del mercado. (...) El producto no sólo señala la existencia de un momento íntimo, sino que constituye dicho momento, ya sea uno festejo (por ejemplo, con champaña), un encuentro de placer sensual (por ejemplo, con coñac) (...)”. (ILLOUZ, 2009, p. 126-127).

(7) “Ads for intoxicating drinks thus appealed to people’s social insecurities and their desire to impress others (...) as a mood-altering substance alcohol was more than a material commodity; it promised to facilitate the emotion work of managing the impression one made (...). By relaxing people’s inhibitions and smoothing off the rough edges of tense social interactions, drinking would finesse and solidify relationships (...) (ROTSKOFF, 2013, p. 156-157).

Capítulo 2 – Entre o copo e os lábios

Trechos originais dos trechos citados

(1) “Pero si las drogas psicoactivas pretenden clasificarse por bases químicas estaremos haciendo algo comparable a clasificar los estilos arquitectónicos por el tipo de piedra, o los estilos pictóricos por el tipo de colorantes empleados por cada pintor, cuando rocas y tintes son tan sólo elementos para obras que jamás se habrían iniciado se no mediar una aspiración previa” (ESCOHOTADO, 2013, p. 684).

(2) “Let’s have a drink!” is a statement made in a large number of diverse situations. When we want to celebrate and when we need to commiserate; when we are pursuing a sexual interest and when we are getting over a romantic failure; when visiting with friends we like and when socializing with relatives we don’t like; when the workday is over and when the boss is making us miserable; when a baby is born and when someone dies: all of these situations seem to most of us to lead naturally to drinking (...) for no liquid other than alcohol is freighted with such diverse expectations, comforts, fears and hopes (VALVERDE, 1998, p. 1)

(3) “There is no such thing as random drinking. Drinking, in every culture, is a rule-governed activity, hedged about with prescriptions and norms (...). Even more than sex and food, however, the specific unwritten rules and norms governing the use of alcohol in individual cultures invariably reflect the characteristic values, beliefs and attitudes of those cultures” (THE SOCIAL ISSUES RESEARCH CENTRE, 1998, p. 10).

(4) “(...) The present effort is addressed to a reconsideration of the conventional understanding of one aspect of people’s relationship to alcohol – the proposition that alcohol, by virtue of its toxic assault upon the central nervous system, causes the drinker to lose control of himself and to do things he would not otherwise do. It will be our contention the dysjunction between this, the conventionally accepted formulation of alcohol’s effects upon comportment and presently available fact concerning what people actually do when they are drunk (...)” (MACANDREW; EDGERTON, 1969/2003, p. xii).

(5) “Rather than viewing drunken comportment as a function of toxically disinhibited brains operating in impulsive-driven bodies, we have recommended that what is

fundamentally at issue are the learned relations that exist among people living together in a society. More specifically, we have contended that the way people comport themselves when they drunk is determined (...) by what their society makes of and imports to them concerning the state of drunkenness” (MACANDREW; EDGERTON, 1969/2003, p. 165).

(6) “The drinks are in the world. (...) They are as real as bricks and mortar. They are examples of things that constitute the world, they enter into bundles of other real things. (...) Our aim is to show that what is being categorized at any tavern meeting or home reunion is a part of a social ordering” (DOUGLAS, 1987/2003, p. 9).

(7) “(...) the publication challenged the conventional wisdom that alcohol’s effects on humans behavior are solely and strictly a product of its pharmacological and physiological properties, demonstrating the heretofore unrecognized powers that learned expectancies about alcohol could have over a range of outcomes (e.g. aggression, sexuality, and social anxiety)” (GEORGE; GILMORE; SAPPENBECK, 2012, p. 179).

(8) “That there is a relationship between alcohol and sexuality is a matter of consensus. The two are paired throughout poetry, prose, history, and belief. Alcohol is considered to be a tool of seduction, a giver of sexual courage, and a trumpet against the walls of sexual restraint. (...) Various researchers have investigated cognitive, physiological, affective, and psychosocial aspects of alcohol’s effect on sexuality, but the resulting information exists as scattered pieces of a puzzle” (CROWE; GEORGE, 1989, p. 374).

(9) “Alcohol appears to allow college drinkers to be more talkative, more adventurous, more bold when approaching a desired love interest, and more likely to openly express themselves and give affection to friends, rommates, or partners. Thus alcohol is used strategically by university drinkers to overcome shyness, to combat social anxiety, to become more intimate with friends, and, as we will see, to facilitate romantic and sexual relations” (VANDER VEN, 2011, p. 73-74).

(10) “(...) Often, intoxicated mishaps are respun as humorous events for all to enjoy. College drinkers sometimes openly document their experiences on social networking sites (e.g., Facebook) and create their own websites where they post photographs of their

intoxicated exploits. (...) When codrinkers wake up next to one another in similar states of disrepair, the hangover becomes a pleasant, collective experience that involves commiserating over their mutual sickness, telling war stories from the night before, and laughing at the sorry shape they are in” (VANDER VEN, 2011, p. 20).

(11) “We propose that the term extreme drinking satisfies the need for a new definition of a drinking pattern that has many dimensions. (...) The consumption pattern addressed here is clearly driven by intent and a directed quest of some degree of loss of control. There may be an element of risk-taking or sensation-seeking, or a desire to push the boundaries of consumption beyond usual or acceptable social levels. (...) Extreme drinking is also defined by the process involved in reaching the desired state. At least from the perspective of the drinker, this process is itself a positive experience, in which the pursuit of pleasure and enjoyment goes beyond the boundaries of the usual social drinking levels. Extreme drinking is, by and large, a social activity, enabled and encouraged by others, usually friends and peers, who share the experience and the broadly positive attitudes to his pattern of consumption” (MEASHAM, 2008, p. 1-2).

(12) “Societies have long used alcohol consumption and its effects as important ways to differentiate, symbolize, and regulate gender roles. Differences in normative drinking patterns help reveal to what extent societies differentiate gender roles, for example, by making drinking behavior a demonstration of masculinity or by forbidding women to drink as a symbol of subservience or to prevent sexual autonomy. Better understanding of how men’s and women’s drinking patterns differ is thus an important key to answering broader questions of how and why societies try to get women and men to behave differently” (WILSNACK; WILSNACK; OBOT, 2005, p. 2).

(13) “In all countries in our sample alcohol consumption indicators are higher for men than for women: current drinker rates, the proportion of drinkers who drink weekly and the proportion drinking heavily are all higher for men than for women in each country. (...) The gender ratios between men’s and women’s drinking vary considerably among countries. (...) the gender ratio between men’s and women’s rates of drinking is negatively correlated with women’s position within society: the higher the women’s position, or the more emancipated women are, the smaller the difference between men and women drinking rates” (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2005, p. 186).

(14) “The strong cultural belief that alcohol causes ‘disinhibition’ and thus that drinking or drunkenness explains violent behavior has held a powerful sway in our cultural milieu for many years, even attaining a formal status in the criminal law in some circumstances (...). In a number of disparate fields, evidence has begun to build up that the connection between alcohol and disinhibition is a matter of cultural belief rather than pharmacological (...), it the belief one is drinking alcohol and not the actual fact of consumption of alcohol which is related to aggression (...)” (ROOM, 1980, p. 3).

(15) “When a man lifts a cup, it is not only the kind of drink that is in it, the amount he is like to take and the circumstances under which he will do the drinking that are specified in advance for him, but also whether the contents of the cup will cheer or stupefy; whether they will induce affection or aggression, quiet or unalloyed pleasure. These and many other cultural definitions attach to the drink even before it reaches his lips” (MANDELBAUM, 1965, s/p) .

Capítulo 3 – Entre verdades e desafios

Trechos originais dos trechos citados

(1)

“encouraging celebration and fun;
cementing friendships and developing a community spirit;
providing more relaxation;
making it easier for people who do not know each other to become acquainted;
flirting and establishing relationships with partners;
enhancing group conformity;
reducing shyness and inhibition” (BECCARIA; SANDE, 2003, p. 104).

(2) “Discussing personal life in consciousness-raising groups provided a way for women who participated to see commonalities in their lives, to realize that they were not crazy or alone in their dissatisfaction, and to begin to trace the economic, political, and social forces that articulated with domains previously thought of as private: the family, relationships, the self (...) Not only did personal life have social and political dimensions, but personal pain and unhappiness often suggested possible targets for political action and organizing” (VANCE, 1984, p. 20-21).

(3) “For the erotic sphere is a fertile source of cultural anxiety, touching as it does on sensitive and highly personal intimate issues about the body and its pleasures, but also on critical issues of culture (...)” (WEEKS, 2010, p. 226-227).

(4) “Sexuality is particularly freighted because it is so intimately connected with our sense of who we are, where we came from and where we are positioned, by identities, gender and social recognition, as well as our deepest feelings and current ways of being in the world. It is also profoundly contested: Sexuality and intimacy are the focus for critical value debates: about conflicts between the traditional and the new, faith and the secular, the majority and minorities; about relations between men and women, men and men, women and women, the family and personal desires, adults and children” (WEEKS, 2010, p. 111).

(5) “By omitting details of our histories that don’t fit with our desired self-image, or by hinting at events that never happened in order to better project an image that fits the ideal” (HILLS, 2010, p. 17).

(6) “This belief in the ‘special’ powers of sexuality means that everything we do when it comes to sex is infused with significance, with a profound impact on our understanding of who we are and how we measure up. With so much riding on how we conduct our sex lives, sex doesn’t need to be regulated externally: rather, we internalize the standards and implement them ourselves” (HILLS, 2015, p. 20).

(7) “Desire and desirability are more than just stamps of social approval. They are a form of emotional armor, an illusory promise that if we shape our appearance and demeanor in all the right ways, we will be safe from pain and rejection” (HILLS, 2010, p. 56).

(8) “(...) the jostling to gain status through the manipulation of appearance, the pursuit of socially desirable sexual partners, the exaggerated performance of what passes for fun and freedom – are not usually those of people who are comfortable with themselves of their relationships with other people. Nor are they the behavior of people who are reveling in the physical pleasure of sex for its own sake. They are postures, an attempt to turn the complex, vulnerable people that we are into the uncomplicated, emotionally impenetrable people we would like to be” (HILLS, 2015, p. 65).

(9) “Freedom has been the quintessential trademark of modernity, the rallying cry of oppressed groups, the glory of democracies, the pride of capitalist economic markets, and the reproof to authoritative regimes. It has been and remains the great accomplishment of modern political institutions (...). However, “freedom” might be too capacious a concept since it carries different institutional contexts. The freedom of the capitalist market contains such meanings as “self interest” and “fair competition”; freedom in the realm of interpersonal relations rests on expressive individualism; in the consumer sphere it resides in the right to choose; and the freedom postulated by civil rights rests on a concept of dignity that is ignored by the other spheres” (ILLOUZ, 2011, p. 59-60).

(10) “The triumph of love and sexual freedom marked the penetration of economics into the machine of desire. One of the main transformations of sexual relationships in

modernity consists in the tight intertwinement of desire with economics and with the question of value and one's worth. In its very erasure, it is economics that now comes to haunt desire. By this, I mean that generalized sexual competition transforms the very structure of the will and desire, and that desire takes on the properties of economic exchange (...)" (ILLOUZ, 2011, p. 58).

(11) "(...) dispossession can be a term that marks the limits of self-sufficiency and that establishes us as relational and interdependent beings. Yet dispossession is precisely what happens when populations lose their land, their citizenship, their means of livelihood, and become subject to military and legal violence. (...) In the first sense, we are dispossessed of ourselves by virtue of some kind of contact with another, by virtue of being moved and even surprised or disconcerted by that encounter with alterity. The experience itself is not simply episodic, but can and does reveal one basis of relationality – we do not simply move ourselves, but are ourselves moved by what is outside us, by others, but also by whatever "outside" resides in us. We are moved by others in ways that disconcert, displace, and dispossess us (...)" (BUTLER; ATHANSIOU, 2013, p. 3).

(12) "(...) the norms that are supposed to 'set us free' end up operating as constraints on the very freedom they are meant to protect" (SABSAY, 2016, p. 48).

(13) "(...) this liminal character of the lived body is a reminder that we are from the first moment and forever traversed by otherness. The psychic reality of our body evokes the reality of a subject that is dispossessed by its (psychically mediated) imaginary experiences. Our body is marked by relational experiences; we live and experience our body through the traces left upon it by others. The body is populated by other bodies: present, past, future, and imaginary bodies with which we are in contact in one way or another, bodies that leave their trace in ours (...)" (SABSAY, 2016, p. 34).

(14) "I do not want to evoke the naive idea of a totally fluid circuit for desire free from any kind of constraints, a desire made outside or beyond social norms. And yet, it is also true that sexual practices (and desires) are always exceeding the logic of identity, as become clear once we take into account that sexuality emerges and lives in the field of fantasy formations" (SABSAY, 2016, p. 18).

(15) “If I claim to ‘have’ a sexuality, then it would seem that a sexuality is there for me to call my own, to possess as an attribute. But what if sexuality is the means by which I am dispossessed? (BUTLER, 2004, p. 16).

(16) “The fact that desire is not fully determined corresponds with the psychoanalytic understanding that sexuality is never fully captured by any regulation. (...) This is not the same as saying that sexuality is, by nature, free and wild. On the contrary, it emerges precisely as an improvisational possibility within a field of constraints” (BUTLER, 2004, p. 11).

(17) “Whether in our dreams (in conscious reverie or in sleep) or in sharing our lives with another (however briefly), it is always some other significant person or persons by whom we are excited, comforted or tormented. It is those special others, real or imaginary, who arouse us with their promise, denial or threat of physical intimacy, pleasure, relationships (...). It is always another whom we try to reach when we experience desire, it is their physical contact we want (...) and by whom we yearn to feel ourselves desired (SEGAL, 1994, p. 247).

Capítulo 4 – Entre enigmas e roteiros

Trechos originais para os trechos traduzidos

(1) “Desire is a term that lies at the heart of sexuality. It suggests a longing for the other that demands satisfaction, and perhaps can never fully be satisfied. It unsettles, destabilizes, overwhelms, is willful, playful, pleasurable, painful and always fall short of fulfillment. (...) Desires sets itself against reason and order, and undermines stable relationships and happiness at the same time as it seems essential to making them possible” (WEEKS, 2008, p. 86).

(2) “The major organizing principle of sexual desire, the axis around which it revolves, is gender. It is through our experience of our masculinity or our femininity that we come to know ourselves as sexual beings” (KIMMEL, 2005, p. 70-71).

(3) “Letting it just happen became a strategy for making it happen without facing the psychological and social consequences of appearing ‘too willing’” (PHILLIPS, 2000, p. 116).

(4) “The skewed portrait of desire that he have drawn for ourselves and propped up so effectively is a disservice to girls and women, as well as to boy and men. This set of beliefs leaves out many possibilities and experiences that could make desire more desirable. Sexual desire, in and of itself, is not dangerous, essentially masculine, or monstrous. Desire is a part of our relational world, a sign and manifestation of our connection with our own bodies and connection with other people” (TOLMAN, 2005, p. 13).

(5) “A woman and a man meet at a party and hit it off. At the end of the evening, she takes him to her house and they have a night of wild sex, which they both enjoy. The following weekend, the man asks the woman out and they go to dinner on a date. The date ends with just a kiss, nothing else”(REID; ELLIOT; WEBBER, 2005, p. 550).

(6) “(...) students considered women’s desire to be more transitory, spontaneous, impulsive, or emergent in the situation compared to men’s desire, which students viewed as a more stable character trait. Students consistently described the woman’s desire in

terms of being ‘in the mood’, ‘turned on’, experiencing a sexual ‘tension’, and acting ‘in the heat of the moment’ (...) In contrast, students more often described the man’s sexual behavior as natural, permanent, and in line with his basic character” (REID; ELLIOT; WEBBER, 2005, p. 555).

(7) “(...) although the students described the woman’s decision to hook up in terms of desire, her desire was not always of her own making – it was spontaneous, not fully thought out, and often fueled by alcohol – suggesting students did not view the woman as a complete author of her own sexual desire. (...) It implies that women are sexual beings, but also suggests women need more of an excuse to act on their sexual desires, such as the consumption of alcohol and the expectation of anonymity. This new script instructs women to ‘be desirable but not *too* desiring’ (a shift from ‘be desirable but not desiring’)” (REID; ELLIOT; WEBBER, 2005, p. 557; 564, grifo do original).

(8) “As such, some women find that action requires passivity, consent requires an appearance of coercion, and agency requires seeming to give up control” (Phillips, 2000, p. 120).

(9) “Live free, party hard, and sexually overloaded” (WADE; HELDMAN, 2012, p. 134).

(10) “(...) countless night in which I would be totally hammered and have sex with extremely attractive girls” (WADE; HELDMAN, 2012, p. 134).

(11) “You don’t walk of the house without your shoes on and you don’t walk into a party without a couple of shots of vodka” (WADE, 2014, p. 22).

(12) “The thing I feared the most about going off to college? Being a virgin... I thought that only nerds, religious nuts and a mamma’s boys were untouched when they started college” (WADE; HELDMAN, 2012, p. 134).

(13) “More than simply dishibitting students or excusing their behavior, alcohol replaced mutual attraction as the supposed fuel for sexual interacion. (...) alcohol is used to preserve an appearance of spontaneity that denies a sustained interest in any give person” (WADE; HELDMANN, 2012, p. 139)

(14) “Clingy, desperate, and needy are extremely effective insult, invoking all the things that students don’t want to be: weak, insecure, unable to control one’s emotion, and powerless to separate sex from feelings. For men, it the antithesis of masculinity. for women, it’s a failure to be liberated, modern, strong, and independent” (WADE, 2017, p. 17).

(15) “When students talk about meaningless sex on college campuses, they are almost always referring to drunk sex” (WADE, 2017, p. 49).

(16) “Being drunk, then, is useful to students, and not only because alcohol is liquid courage; it also frames the sexual activity, boxing it into the realm of meaninglessness. It’s how students show that they are being careless in both senses of the word: they aren’t being careful and they don’t care” (WADE, 2017, p. 55).

(17) “It’s very important to get drunk cos I’m spending money and I want to get drunk, so if I don’t it’s just a waste of money” e “It’s very important to get drunk otherwise there’s no point in buying it ” (BRAIN, 2000, p. 7).

(18) “They were deliberately engaging in hedonistic drinking” (BRAIN, 2000, p. 8).

(19) “(...) a calculated and planned, rational hedonism” (BRAIN, 2000, p.9).

(20) “In an effort to prove their masculinity, with little guidance and no real understanding of what manhood is, they engage in behaviors and activities that are irresponsibly carried out. These are the guys who are so desperate to be accepted by their peers that they do all sorts of things they secretly know to be not quite right. They lie about their sexual experiences to seem more manly; they drink more that they know they can handle because they don’t want to seem weak or immature (...) Getting drunk beyond consciousness may be a way of proving yourself (...) You drink, you puke, you sleep it off. In fact, it may be so popular because it’s so easy” (KIMMEL, 2005, p. 21; p. 25).

(21) “Men are supposed to be powerful but when they do not feel powerful they may use alcohol to compensate. Drinking stimulates power thoughts, heavy drinking makes men

feel more powerful, stronger and assertive. Drinking may help them negotiate the emotional hazards of being a man” (MULLEN; WATSON; SWIFT; BLACK, 2007, p. 153).

(22) “(...) it seems that alcohol can be used as a mean of doing masculinity. The participants also made this connection when they discussed why alcohol is so connected to violence. Men drink alcohol to become manlier (...) with all that manliness in the same place it can only end in violence” (TRYGGVESSON, 2005, p. 49).

(23) “An important reason to study how gender affects alcohol use is the false assumption about male or female drinking may adversely affect how societies identify and try to control alcohol-related problems. If heavy drinking is associated with displays of masculinity or male camaraderie, this may encourage male drinkers to deny or minimize problems resulting from their drinking, or to regard drunken behavior as normal or permissible, even when it leads to violence” (WILSNACK; WILSNACK; OBOT, 2005, p. 2-3).

(24) “(...) date rape is what a woman says that happened when she wakes up the next morning and regrets having sex” (BOSWELL; SPADE, 1996, p. 42).

(25) “Once a man has used intoxication to justify forced sex, he is more likely to believe that alcohol causes this type of behavior and to use this as an excuse in the future. In contrast, women tend to feel more responsible for sexual assault if they had been drinking alcohol. Women are often criticized for losing control of the situation, not communicating clearly, not resisting adequately and failing in their gatekeeper role” (ABBEY, 2002, p. 124).

(26) “‘Get the bitches in the right state of intoxication,’ instructs an email from American University’s Epsilon Iota that was meant to stay between brothers. Another from the University of Southern California describes the joy of “taking down” an “easy target” who is drunk. A member of the Phi Kappa Tau fraternity at Georgia Tech sent out a guide called “Luring your Rapebait” that included the tip “If anything ever fails, go get more alcohol” (WADE, 2015, p. 51).

(27) “For some, the dangers of sexuality – violence, brutality, and coercion, in the form of rape, forcible incest, and exploitation, as well as everyday cruelty and humiliation – make the pleasures pale by comparison. For others, the positive possibilities of sexuality – explorations of the body, curiosity, intimacy, sensuality, adventure, excitement, human connection (...) are not only worthwhile but provide sustaining energy. None of these positions are fixed” (VANCE, 1984, p. 1).

(28) “[Women] come to experience their own sexual impulses as dangerous. Sexual abandon and impulsiveness acquire a high price, since women must think not only about the consequences of their sexual actions for themselves, but also about the consequences for men, whose sexual “natures” are supposedly lustful, aggressive, and unpredictable. (...) Self-control and watchfulness become major and necessary female virtues. As a result, female desire is suspect from its first tingle, questionable until proven safe, and frequently too expensive when evaluated within the larger cultural framework which poses the question: is it really worth it?” (VANCE, 1984, p. 4).

(29) “When pleasure occupies a smaller and smaller public space and a more guilty private space, individuals do not become empowered; they are merely cut off from the source of their own strength and energy. If women increasingly view themselves entirely as victims through the lens of the oppressor and allow themselves to be viewed that way by others, they become enfeebled and miserable. The taboo on investigating pleasure led to an abstract sexual theory which bears little relationship to daily life. If theory is to have any valid relationship to experience, we need to acknowledge that sexuality is worth talking about seriously. We cannot create a body of knowledge that is true to women’s lives, if sexual pleasure cannot be spoken about safely, honestly, and completely” (VANCE, 1984, p. 4)

(30) “It is not enough to move women away from danger and oppression; it is necessary to move toward something: toward pleasure, agency, self-definition” (VANCE, 1984, p. 24).

Capítulo 5 – Entre prazeres

Trechos originais para os trechos citados

(1) “In Polish, the word used to describe pleasure conveys the notion of receiving something of value. In Greek, pleasure is described by a word composed of two terms, “good” and “joy” – a “good joy”; the same linguistic bases are used for Greek word for “thank you”, bringing the concept of pleasure close to the notion of having received something. In German, the word indicates that urges have been responded to; in Croatian, the word is close to that meaning “life” and thus could be interpreted as an “enhancement of living”. In Chinese, the pictogram for pleasure shows a drum similar to those beaten to announce good news. Pleasure here thus might have a broader meaning than in other cultures, expressing the joy felt when learning good news. In Japanese, the word derives from the concepts of joy and relaxation (...)” (SARTORIOUS, 1999, p. 49-50).

(2) “Depression and addiction are names given to the uncontrollable, which we encounter when we stop talking about winning our freedom and start working on becoming ourselves and taking the initiative for action. They remind us that the unknown is part of every person – and that is always has been. It can change but never disappear: that is why we never leave the human realm” (EHENBERG, 2010, p. 17).

(3) “En la época medieval, las mujeres se ocupan del cuidado y la sanación del cuerpo, gracias a un saber tradicional basado en la utilización de hierbas y en la práctica de ritos. Estas mujeres que curam, mujeres sabias y parteras, conocidas también como brujas, van a representar una amenaza para las nuevas sociedades profesionales en torno a las que se federan los nuevos saberes expertos que pronto serán validados como científicos, como la medicina, que comienza a organizarse como gremio en el siglo XVI” (PRECIADO, 2008, p.116).

(4) “El verdadero motor del capitalismo actual es el control farmacopornográfico de la subjetividad, cuyos productos son la seratonina, la testosterona, los antiácidos, la cortisona, los antibióticos, el estradiol, el alcohol y el tabaco, la morfina, la insulina, la coaína, el citrato de sildenafil (Viagra) y todo aquel complejo material-virtual que puede ayudar a la producción de estados mentales y psicossomáticos de excitación, relajación y descarga, de omnipotencia y de total control (...)” (PRECIADO, 2008, p. 36-37).

(5) “(...) Estas transformaciones recientes apuntan hacia la articulación de un conjunto de nuevos dispositivos micropostéticos de control de la subjetividad con nuevas plataformas técnicas biomoleculares y mediáticas” (PRECIADO, 2008, p. 31).

(6) “Durante el siglo XX, período en el que se lleva a cabo la materialización farmacopornográfica, la psicología, la sexología, la endocrinología han establecido su autoridad material transformando los conceptos de psiquismo, de libido, de conciencia, de feminilidad y masculinidad, de heterosexualidad y homosexualidad en realidades tangibles, en sustancias químicas, en moléculas comercializables, en cuerpos, en biotipos humanos, en bienes de intercambio gestionables por las multinacionales farmacéuticas. (...) El éxito de la tecnociencia contemporánea es transformar nuestra depresión en Prozac, nuestra masculinidad en testosterona, nuestra erección en Viagra, nuestra fertilidad/esterilidad en píldora, nuestro sida en triterapia (...)” (PRECIADO, 2008, p. 32).